Alexandre Chini
Marcelo Moraes Caetano

Gramática Normativa
da Língua Portuguesa

---

um guia completo do idioma

GRAMÁTICA NORMATIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA

um guia completo do idioma

Alexandre Chini
Marcelo Moraes Caetano

GRAMÁTICA NORMATIVA DA LÍNGUA PORTUGUESA

um guia completo do idioma

Brasília/DF, 2020

Aos meus queridos filhos: Vitória, Renato e Antônio.
À minha sempre amada esposa, Ana Paula.
Alexandre Chini

Dedico esta obra à minha mãe, Myriam Moraes Caetano, e ao meu segundo pai, Celso de Almeida Felício (*in memorian*).
Marcelo Moraes Caetano

SOBRE OS AUTORES

ALEXANDRE CHINI

Graduado e pós-graduado em Direito pela Universidade Gama Filho – UGF. Professor da Graduação e da Pós-Graduação da Universidade Salgado de Oliveira – UNIVERSO. Membro Titular da Academia Fluminense de Letras (cadeira 50). Membro do Fórum Permanente de História do Direito da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Assessor da Escola Nacional da Magistratura (ENM). Juiz Auxiliar da Corregedoria Nacional de Justiça do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).

MARCELO MORAES CAETANO

Bacharel em português-grego pela UERJ, Especialista em Educação pela UFF, Especialista em Educação do Ensino Superior pela Université de Glion, Montreux, Suíça, Mestre em Estudos da Linguagem pela PUC-Rio e PhD em Estudos da Língua pela UERJ. Professor Adjunto da UERJ, membro efetivo da Academia Brasileira de Filologia (Cadeira 38) e do International PEN Rio-Londres, membro do Conselho Editorial da Escola da Magistratura do Estado do Rio de Janeiro (EMERJ). Em 2020, teve aprovado o projeto de Pós-Doutorado em cultura e política brasileira na Universidade de Copenhague, Dinamarca. É autor de mais de 50 livros publicados e premiados em todo o mundo.

APRESENTAÇÃO

Marcus Vinicius Furtado Coêlho*

É por meio da linguagem que nos conectamos, que expressamos nossas ideias, pensamentos e sentimentos. A linguagem é, sem dúvida, parte fundamental daquilo que nos conforma como seres humanos. É cultura. E como tal, não é um dado, um construto, mas um devir dinâmico, sempre em movimento e em constante transformação. Uma boa comunicação é capaz de solver conflitos, unir povos, engendrar projetos ou, ao revés, não dominá-la pode resultar em caos, guerras, segregação e desinformação.

O domínio da linguagem, ao tempo em que nos permite criar e nos expressar, é também o que nos proporciona ler e interpretar o mundo à nossa volta, reconhecer nuances de discursos e nos posicionar criticamente sobre eles. É, portanto, tema absolutamente essencial e atual, de modo que a "Gramática Normativa da Língua Portuguesa" que ora apresento ao leitor é ferramenta deveras relevante para a consecução de finalidades tão caras aos indivíduos e à sociedade.

Trata-se de obra que perfila de maneira completa a língua portuguesa em toda a sua complexidade formal e estilística. Traz inegável contribuição ao Direito e às outras áreas do saber que necessitem expressar a língua de modo claro e coerente.

Esta obra evidencia que, possuidores de uma sólida formação acadêmica e profissional, Alexandre Chini e Marcelo Moraes Caetano se destacam por serem escritores de excelência, construindo de maneira hábil e didática a presente Gramática que contribui categoricamente com o aprimoramento da capacidade de uso e compreensão da língua portuguesa.

Assim, dispõem-se elementos fundamentais à redação e interpretação assentados sobre a norma padrão de nosso idioma: a ortografia; as concordâncias; o verbo e suas características linguísticas; todas as outras classes gramaticais, expostas uma a uma detalhadamente; a crase; a colocação pronominal; isso para mencionar apenas alguns dos temas trazidos ao estudioso.

De forma expositiva e didática, os autores percorrem as sutilezas do idioma português em sua completude. Não poupam exemplos retirados dos melhores autores das literaturas brasileira, portuguesa e africana para abonarem as normas que são descritas. Ademais, comentam questões de bancas renomadas em nível nacional para auxiliar na compreensão do conteúdo e fixação do conhecimento, como também indicam enunciados em distintos cenários de interlocução.

Destaco os dois pequenos dicionários inseridos nesta Gramática: o de regência verbal e o de conjugação verbal. Trata-se de dois capítulos que exaurem a aplicação do verbo, uma das

* Advogado e professor, Doutor em Direito pela Universidade de Salamanca, Presidente Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil nos anos de 2013 a 2016, Presidente da Comissão Nacional de Estudos Constitucionais do Conselho Federal da OAB na Gestão 2016/2019 e 2019/2022, Procurador Constitucional do Conselho Federal da OAB na Gestão 2019/2022, Membro da Academia Brasiliense de Letras.

classes cujo uso correto requer a maior atenção de quem deseja redigir e falar em conformidade com a norma padrão.

Sobressaindo-se diante das gramáticas cotidianas, a "Gramática Normativa da Língua Portuguesa", de Alexandre Chini e Marcelo Moraes Caetano, dedica um capítulo inteiro para bem explanar as funções morfossintáticas das partículas "se" e "que". A relevância deste exemplar em particular está no cuidado dos autores ao tratar de todo o conteúdo gramatical com maestria, precisão; e isso abrangendo as mais diversas complexidades da língua portuguesa.

Esta obra é notável, pois, além de estudar as diversas regras do idioma, reflexiona sobre os variados sentidos e efeitos que podem ser alcançados nos processos gramaticais. Ao teorizar preliminarmente sobre a linguagem, os autores alertam seus leitores que para aprender gramática é necessário compreender os diferentes processos gramaticais, os diversos gêneros textuais, bem como as situações de interlocução, para bem aplicar a regra padrão.

Apresenta-se, em resumo, obra de imensas qualidades, que certamente granjeará o reconhecimento entre aqueles que usam e apreciam as possibilidades da tão antiga e rica língua portuguesa.

PREFÁCIO

Felipe Santa Cruz*

Esta "Gramática Normativa da Língua Portuguesa" é uma obra de referência ao público que necessita manejar a norma culta de nosso idioma em toda a sua extensão.

Os Autores, Dr. Alexandre Chini e Dr. Marcelo Moraes Caetano, dois profundos investigadores do Direito, da Linguagem e de suas interseções, demonstram apuro e rigor técnicos na escrita dessa obra de fôlego.

Enumerando organizadamente todos os fatos atinentes à Língua Portuguesa em sua modalidade formal, descrevem-nos com visão científica e crítica, o que torna o livro indispensável àqueles que têm no idioma padrão um veículo de comunicação e expressão oral e escrita.

A obra é recomendada, assim, aos operadores de direito e a quantos mais desejem um compêndio confiável com que possam sanar as dúvidas na língua de Camões e de Machado de Assis.

Por fim, percebo que o compêndio em mão complementa outra obra recém-lançada pelos Autores também pela OAB: "Argumentação Jurídica: indo além das palavras".

Estimo o êxito meritório a mais este vasto trabalho de pesquisa dos dois prolíficos Autores.

---

* Presidente Nacional da OAB.

Sumário

Capítulo 1 – A linguagem, o texto e a gramática do texto

1 Teoria da Comunicação e Funções da Linguagem

1.1 Algumas definições para linguagem

1. Herculano de Carvalho (*Teoria da Linguagem*): Uma atividade simultaneamente cognoscitiva e manifestativa, realizada pela manifestação de um sistema de duplos sinais, que apresentam fisicamente como objetos sonoros produzidos pelo aparelho fonador do homem.
2. Sapir (*Lenguaje*): Um método exclusivamente humano e não instintivo de comunicar ideias, emoções e desejos por meio de um sistema de símbolos produzidos de maneira deliberada. Estes símbolos são antes de tudo auditivos, e são produzidos pelos chamados "órgãos da fala".
3. Marouzeau (*Lexique de la terminologie linguistique*): Tout système de signes apte à servir de moyen de communication entre les individus. (...) Le langage auditif, fondé essentiellement sur l'usage de la voix (...).
4. L. Carreter (*Diccionario de términos filológicos*): 1. Facultad que el hombre posee de poder comunicar sus pensamientos. 2. Cualquier sistema que sirve al hombre para el ejercicio de dicha facultad. (...) El *lenguaje auditivo*, correlativo de la facultad de hablar (por lo que se llama también *lenguaje hablado* o *articulado*) (...)
5. Mattoso Câmara (*Dicionário de Filologia e Gramática*): Faculdade que tem o homem de exprimir seus estados mentais por meio de um sistema de sons vocais chamado *língua*.
6. José Oiticica (*Manual de análise léxica e sintática*):
   I. *Linguagem* é a manifestação do pensamento ou do sentimento.
   II. *Fala* é a linguagem por sinais auditivos fisiológicos (*voz e consonâncias*).
   III. *Mímica* é a linguagem por sinais visuais gesticulados.
   IV. *Semafórica* é a linguagem por sinais auditivos ou visuais, mecânicos (apito, corneta, poste semafórico, etc.).
   V. *Língua* é um sistema de linguagem.
   VI. *Linguística* é o estudo dos fatos da linguagem.
   VII. *Gramática* é a exposição dos fatos de uma língua.

1.1.1 Teoria da Comunicação: elementos do discurso ou da comunicação

Quando nos comunicamos por qualquer meio verbal ou não verbal (escrita, fala, gestos, expressões etc.), há alguns elementos no discurso ali produzido que podem facilmente ser identificados. São eles:

1. *Primeira pessoa do discurso*: ou emissor, ou locutor, ou narrador (para textos ficcionais ou não ficcionais), ou eu lírico/sujeito poético (para textos poéticos, em prosa ou poesia): *quem emite a mensagem*.
2. *Segunda pessoa do discurso*: ou receptor, ou interlocutor: *quem recebe ou deveria receber a mensagem.*
3. *Terceira pessoa do discurso*: ou referente: *aquilo ou aquele de que se fala.*
4. *Mensagem*: o que se transmite, conteúdo das informações, geralmente acompanhado de valores expressivos múltiplos (afetivos, irônicos, depreciativos etc.).
5. Canal: por onde e como a mensagem circula e é recebida (papel, voz, ouvidos, olhos, mãos, tato etc.).
6. *Código*: conjunto de signos com determinadas regras que permitem a um grupo a intercomunicação (Língua Portuguesa, Linguagem de Sinais, para pessoas surdas-mudas, gírias, jargões, gestos etc.).

A noção de DISCURSO é exposta com clareza nas obras dos Analistas do Discurso, da Pragmática, da Linguística Aplicada, da Linguística Textual, da Linguística da Enunciação.

Discurso

"Tomado em sua acepção mais ampla, aquela que ele tem precisamente na *análise do discurso*, esse termo designa menos um campo de investigação do que um certo modo de apreensão da linguagem: este último não é considerado aqui como uma estrutura arbitrária, mas como a atividade de sujeitos inscritos em contextos determinados. Nesse emprego, *discurso* não é suscetível de plural: dizemos "o discurso", "o domínio do discurso" etc. Por supor a articulação da linguagem sobre parâmetros de ordem não linguística, o discurso não pode ser o objeto de uma abordagem puramente linguística.

Mas o termo discurso entra igualmente em uma série de oposições em que ele toma valores mais precisos. Em particular.

- Discurso / frase: o discurso constitui uma unidade linguística constituída, por sua vez, de uma sucessão de frases. É nessa acepção que Harris (1952) fala de "análise do discurso". Preferimos, hoje, falar de texto e de linguística textual.
- Discurso / enunciado: além de seu caráter de unidade linguística (= de enunciado), oi discurso forma uma unidade de comunicação associada a condições de produção determinadas, ou seja, depende de um gênero de discurso determinado: debate televisionado, artigo de jornal, romance etc. Nessa perspectiva, *enunciado e discurso* remetem a dois pontos de vista diferentes: "Um olhar lançado sobre o texto, do ponto de vista de sua estruturação "na língua", faz dele um enunciado; um estudo linguístico das condições de produção desse texto fará dele um discurso" (Guespin, 1971:10).
- Discurso / língua:

a) A língua, definida como sistema de valores virtuais, opõe-se ao discurso, ao uso da língua num contexto particular, que, ao mesmo tempo que restringe os já existentes, pode suscitar o aparecimento de novos valores. Essa distinção é muito utilizada para o léxico; a neologia lexical, em particular, depende do discurso.
b) A língua, definida como sistema compartilhado pelos membros de uma comunidade linguística, opõe-se ao discurso, considerado como um uso restrito desse sistema. Pode tratar-se: 1 – De um posicionamento num campo discursivo (o "discurso comunista", o "discurso surrealista"...); 2 – De um tipo de discurso ("discurso jornalístico", "discurso administrativo", "discurso romanesco", "discurso do professor na sala de aula"...); 3 – De produções de uma categoria de locutores ("o discurso das enfermeiras", "o discurso das mães de família"...); 4 – De uma função da linguagem ("o discurso polêmico", "o discurso prescritivo". Produz-se frequentemente o deslizamento do sistema de regras ao corpus: o "discurso socialista" designa tanto as regras que especificam uma posição enunciativa como socialista quanto o conjunto de enunciados efetivamente mantidos a partir dessa posição. Foucault: "Chamaremos discurso um conjunto de enunciados que dependem da mesma formação discursiva" (1996:153).

- Discurso / texto: o discurso é concebido como a associação de um texto a seu contexto.
- Discurso / narrativa (ou história): [v. EMBREADO (PLANO –)." (Charaudeau & Maingueneau, 2002, pp. 43-45)

Análise do Discurso

[....] ""A análise do uso da língua" (Brown e Yule, 1983:1); o estudo do uso real da língua, pelos locutores reais em situações reais" (Van Dijk, 1985: t. IV, cap. 2)"

[....]

Julgamos preferível especificar a análise do discurso como a disciplina que, em vez de proceder a uma análise linguística do texto em si ou a uma análise sociológica ou psicológica de seu "contexto", visa a articular sua enunciação sobre um certo lugar social. Ela está, portanto, em relação com os gêneros de discurso trabalhados nos setores do espaço social (um café, uma escola, uma loja...) ou nos campos discursivos (científico, político...) [v. CONTRATO, GÊNERO DE DISCURSO, TIPOLOGIA DOS DISCURSOS]

[....]

[....] nos Estados Unidos, a análise do discurso é bem marcada pela antropologia, ao passo que, na França, desenvolveu-se, nos anos de 1960, uma análise do discurso de orientação mais linguística e marcada pelo marxismo e pela psicanálise". (idem, ibidem, pp. 13-14)

1.1.2 Funções da linguagem

1.1.2.1 Abordagem histórica

Em conformidade com os estudos de Hjelmslev sobre as funções da linguagem, podemos entender que haja uma "dependência" intrínseca entre duas unidades linguísticas, de tal sorte que, se se estabelecer, em uma delas, determinada "mudança" (cf. Mattoso), provocar-se-á mudança de similar envergadura na outra. Assim, se variamos o centro de ênfase de uma certa mensagem, há de variar, consequentemente, o *significado* (daí podermos chamar as funções de "covariações significativas", cf. Dinneen) daquela mensagem.

Karl Bühler – em sua obra *Teoria da Linguagem* –, antes baseado na *parole* do que na *langue*, supõe a existência de um "*Organon*", depreendido, assim digamos, do circuito emissor–receptor, concluindo pelas três funções básicas, expressas pela substância fônica, de que se serviria o falante: 1) expressão (al. *Kundgabe*); 2) apelo ou atuação social (al. *Appel*); e 3) representação mental (al. *Darstellundg*).

A função de apelo é decorrência natural do fato de o emissor estar-se dirigindo obrigatoriamente a outra(s) pessoa(s) – como demonstramos, não nos parece ser esta a função primordial da linguagem. O autor ressalta a importância, para isso, dos demonstrativos (al. *Zeigend*, "gestos verbais", cf. Kainz, ou também denominados *index*, elementos de espacialização), cuja função é "mostrativa" (cf. Mattoso), em cotejo com os signos de nomeação (al. *Nennend* ou também *ícones*, elementos de definição; os conectivos seriam, em tal nomenclatura, elementos *índice-icônicos* – menção ao memorável artigo de Mônica Rector Toledo Silva, de onde retiramos a nomenclatura, e seus conceitos, acima exposta, "Classes de palavras e categorias semânticas", Estudo de Linguística e língua portuguesa, Série Letras e Artes, 05/74, Cadernos da PUC/RJ), além dos imperativos, e mesmo das orações optativas etc.

Seria uma forma exclusiva de manifestação humana a função *representativa* (na medida em que o apelo e a expressividade cabem igualmente às demais espécies), que, portanto, exerce inequívocas influências sobre as demais funções. É o que Coseriu chamou de "saber extralinguístico", isto é, uma "competência" que abarcaria, além dos mecanismos próprios para a formulação de uma língua, também a capacidade de um recorte necessário, – e mais ou menos amplo, – do ambiente biossocial, ou, de acordo com Cassirer, do "mundo dos objetos" (seria interessante comparar-se, aqui, este trabalho às *Investigações Filosóficas* de Wittgenstein, onde o objeto e seu nome ganham, ao comparar-se este com aquele, matizes de todo novos). Linguistas como Lyons veem na *reflexividade* da língua, isto é, na faculdade de poder falar sobre si mesma – i.é., a função metalinguística – o fator de supremacia da linguagem (humana). Por fim, tanto para Mattoso Câmara quanto para Cassirer e Bühler, estaria ali, na função representativa, a diferença capital entre a linguagem dos homens e as formas de comunicação dos animais: há, naquela, por meio de duas articulações (cf. Martinet), um signo linguístico (cf. Saussure) que

apresenta caracteres de permanência em relação ao significado e à divisibilidade (q.v. também nosso capítulo II).

O campo da *normatividade* gramatical estudaria a língua enquanto veículo representativo, ao passo que à *estilística* caberia a perquirição dos "valores" (na acepção de Guiraud e Bréal, não na de Saussure e Bally) psíquicos (expressivos e emotivos) e apelativos do signo. Em nosso capítulo V, mostramos como se unem, para a consecução de um ideal artístico, essas duas vertentes, por assim dizer, complementares.

O próprio Bühler alteraria, mais tarde, conforme leciona Antônio Gomes Penna ("Comunicação e Linguagem", Rio de janeiro/Lisboa, Fundo de Cultura, 1970), assim: funções simbólica, de sintoma e de sinal.

Roman Jakobson parte dos enfoques de Bühler, adotanto, todavia, denominações diferentes; quais sejam: 1) função referencial, denotativa ou cognitiva (a representativa); 2) função emotiva ou expressiva (a de manifestação); e 3) função conativa (ou apelativa). Acrescenta: 4) função fática; 5) função metalinguística; e 6) função poética.

Halliday contribui com a seguinte nomenclatura:

a) ideacional: relação com experiências que o indivíduo tem do mundo;
b) interpessoal: manutenção das relações pessoais;
c) textual: estabelecimento de vínculos da linguagem com ela própria.

Convém ressaltar outros esquemas apresentados, como o de Ogden e Richards – *O significado de significado* –, assim disposto quanto às funções:

a) simbolização da referência;
b) expressão de atitude em face do ouvinte;
c) expressão de atitude em face do referente;
d) promoção dos efeitos pretendidos;
e) apoio de referência.

Martinet propõe a função comunicativa como o topo das demais de que se municia a língua. Quanto aos grupos que, de propósito ou não, restringem seus campos comunicativos a seus membros, utilizando, para tanto, jargões ou calões, Martinet aponta a função críptica, com este fito, além de mencionar outras como a mágica (de ritos secretos ou envolvendo tabus) e a lúdica etc.

1.1.2.2 Abordagem contemporânea

A ênfase, intencional ou não intencional, sempre recairá em algum ou em alguns dos elementos da comunicação acima vistos. Isso ocorre porque a comunicação humana pode ir muito além da mera transmissão de uma informação.

Dessa maneira, quando um discurso é produzido, não só uma mensagem é transmitida, como também podemos identificar, naquele caso concreto, uma ou várias *funções*, isto é, a qual elemento, naquele instante, se deu maior ênfase, ainda que o próprio emissor da mensagem não tivesse tido propriamente tal intenção.

Em muitos casos, o discurso é "opaco", e tenta "mascarar" ideologias e intenções. Cabe a nós, receptores críticos, identificar o que há por trás do que se emite. Isso ocorre, por exemplo, em textos jornalísticos, que, muitas vezes, apesar de se dizerem "isentos", revelam tendências, simpatias, antipatias de quem escreve, e vão conduzindo o leitor sem senso crítico ou senso de reflexão a convergir com a opinião de quem escreve ou produz o discurso.

1.1.2.2.1 Função emotiva

Privilegia a primeira pessoa do discurso (*eu/nós*). Lança mão de expedientes de que dispomos a fim de veicularmos nossos estados emocionais ou psíquicos. Caracteriza-se, portanto, por pronomes de primeira pessoa (eu, nós, me, nosso, minha, a nós etc.), por verbos conjugados em primeira pessoa (quero, fiz, olharei, tenho etc.), além de ser abundante a quantidade de palavras com forte valor emotivo, expressando subjetividade.

Exemplo:

Acho tão natural que não se pense

Alberto Caeiro (Fernando Pessoa)

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer cousa
Que tem que ver com haver gente que pensa.
Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me cousas. . .
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente. . .
Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.

Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha...
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas cousas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos...
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.

1.1.2.2.2 Função apelativa ou conativa

Privilegia a segunda pessoa do discurso (tu/vós/você; o senhor/a senhora; vossa senhoria etc.). Diz respeito a como atuamos sobre o próximo na vida que compartilhamos linguisticamente.

Suas características são os pronomes de segunda pessoa discursiva (te, teu, vosso, vos, seu, sua, o, a, lhe), além de vocativos (quando o locutor explicita a que ou a quem se dirige, isto é, seu interlocutor), imperativos etc. Esta função é a de maior caráter retórico, persuasivo, sendo, pois, muito encontrada em propagandas publicitárias.

Exemplo:

A***

(Casimiro de Abreu)

Falo a ti – doce virgem dos meus sonhos,
Visão dourada dum cismar tão puro,
Que sorrias por noites de vigília
Entre as rosas gentis do meu futuro.
Tu m'inspiraste, oh musa do silêncio,
Mimosa flor da lânguida saudade!
Por ti correu meu estro ardente e louco
Nos verdores febris da mocidade
Tu vinhas pelas horas das tristezas
Sobre o meu ombro debruçar-te a medo,
A dizer-me baixinho mil cantigas,
Como vozes sutis dalgum segredo!
Por ti eu me embarquei, cantando e rindo,

— Marinheiro de amor — no batel curvo,
Rasgando afouto em hinos d'esperança
As ondas verde-azuis dum mar que é turvo.
Por ti corri sedento atrás da glória;
Por ti queimei-me cedo em seus fulgores;
Queria de harmonia encher-te a vida,
Palmas na fronte - no regaço flores!
Tu, que foste a vestal dos sonhos d'ouro,
O anjo-tutelar dos meus anelos,
Estende sobre mim as asas brancas.
Desenrola os anéis dos teus cabelos!
Muito gelo, meu Deus, crestou-me as galas!
Muito vento do sul varreu-me as flores!
Ai de mim - se o relento de teus risos
Não molhasse o jardim dos meus amores!
Não t'esqueças de mim! Eu tenho o peito
De santas ilusões, de crenças cheio!
– Guarda os cantos do louco sertanejo
No leito virginal que tens no seio.
Podes ler o meu livro: – adoro a infância,
Deixo a esmola na enxerga do mendigo,
Creio em Deus, amo a pátria, e em noites lindas
Minh'alma - aberta em flor - sonha contigo.
Se entre as rosas das minhas – Primaveras –
Houver rosas gentis, de espinhos nuas;
Se o futuro atirar-me algumas palmas
As palmas do cantor - são todas tuas!
(Agosto, 20 – 1859.)

1.1.2.2.3 Função referencial

Privilegia a terceira pessoa do discurso, o referente. Engloba a forma como transmitiremos a outrem a nossa compreensão (nosso recorte particular) do mundo.

É geralmente de cunho denotativo ou informativo, mas pode ser encontrada até mesmo em poesias (João Cabral de Melo Neto é um exemplo de poeta com forte tendência à função referencial, por exemplo).

Exemplo:

Alma Cabocla
(Paulo Setúbal)

(fragmento)
[...]
Ninhos... flores... que tesouro!
Que alegria vegetal!
À luz do sol, quente e louro,
Com seus penachos cor de ouro,
— Como é lindo o milharal!
Abelhas, asas espertas,
Num revoejo zumbidor,
poisam trêfegas, incertas,
Pelas corolas abertas
Das parasitas em flor...
Na mata, de quando em quando,
Soa o trilar dos nambus.
Os pintassilgos, em bando,
As frontes sonorizando,
Gorjeiam em plena luz!
[...]

1.1.2.2.4 Função fática

Esta função tem como objetivo o estabelecimento de contatos entre interlocutores. O termo foi proposto por Malinowski. Faz, *grosso modo*, que permaneçam abertas as possibilidades de manutenção do intercâmbio comunicativo, quer seja abrindo-o, quer seja encerrando-o. O estudo da função fática surgiu com a observação da linguagem dos deficientes, sendo também de proveniência da investigação da linguagem infantil. É muito encontrada na literatura, sobretudo na dramaturgia, em que, por necessidade, não raro, de se porem à frente do texto situações plausíveis de contatos do dia a dia, põem-se, pois, aquelas fórmulas – às vezes fossilizadas – de manejo hábil do estabelecimento do contato de que há pouco falamos.
Exemplo:

A carne
(Júlio Ribeiro)

Ao sr. Émile Zola:

Não sou temerário, não tenho a pretensão de seguir vossas pegadas; mas não é pretender seguir vossas pegadas escrever um simples estudo naturalista.

Ninguém vos imita, todos vos admiram.

"Nós nos inflamamos, diz Ovídio, quando se agita o deus que vive em nós": pois bem o pequenino deus que vive em mim, agitou-se e eu escrevi A carne.

Não é L'assomoir, não é La curée, não é La terre; mas... uma candeia não é o sol, e todavia uma candeia ilumina.

Seja o que for, aqui está a minha obra.

Aceitareis a dedicatória que dela vos faço? Por que não? Os reis, embora cheios de riquezas, nem sempre desprezam os presentes mesquinhos dos pobres camponeses.

Permiti que vos preste minha homenagem completa, vassala, de servidor fiel, tomando de empréstimo as palavras do poeta florentino: Tu duca, tu signore, tu maestro.

(São Paulo, 25 de janeiro de 1888.)

1.1.2.2.5 Função metalinguística

Centra-se no *código*, buscando decifrá-lo. Sua ocorrência maior é quando se faz menção a uma palavra, seja para saber-lhe o significado, seja para utilizá-la no discurso direto (ou indireto livre) etc. Tudo o que serve para dar explicações a respeito de um código proferido é função metalinguística.

Exemplos: Leis (civis ou penais), o dicionário, bulas de remédio, manuais de instrução, receitas culinárias etc.

Exemplo:

Ao Conde de Ericeira D. Luiz de Menezes, pedindo louvores ao poeta não lhe achando ele préstimo algum

(Gregório de Matos)

Um soneto começo em vosso gabo;
Contemos esta regra por primeira,
Já lá vão duas, e esta é a terceira,
Já este quartetinho está no cabo.
Na quinta torce agora a porca o rabo:
A sexta vá também desta maneira,
Na sétima entro já com grã canseira,
E saio dos quartetos muito brabo.
Agora nos tercetos que direi?
Direi que vós, Senhor, a mim me honrais,
Gabando-vos a vós, e eu fico um Rei.
Nesta vida um soneto já ditei,
Se desta agora escapo, nunca mais;
Louvado seja Deus que o acabei.

1.1.2.2.6 Função poética

Situa-se na mensagem, fazendo com que esta como que se volte para si mesma. Passa-se a ter em vista cada signo daí retirado, lidando-se, portanto, não apenas com a transmissão pura e simples daquela mensagem, senão que, também, com a arrumação daqueles signos, com uma escolha mais cuidada, mesmo em termos fônicos: visa à integralidade da dicotomia significante–significado.
Exemplo:

Bálsamo
(Casimiro de Abreu)
(fragmento)

Eu vi-a lacrimosa sobre as pedras
Rojar-se essa mulher que a dor ferira!
A morte lhe roubara dum só golpe
Marido e filho, encaneceu-lhe a fronte,
E deixou-a sozinha e desgrenhada
– Estátua da aflição aos pés dum túmulo! –
O esquálido coveiro p'ra dois corpos
Ergueu a mesma enxada, e nessa noite
A mesma cova os teve!
E a mãe chorava,
E mais alto que o choro erguia as vozes!

Observação:

As funções da linguagem frequentemente vêm unidas umas às outras numa mesma mensagem ou mesmo num mesmo trecho.

Minha vida, meus amores
(Gonçalves Dias)
(fragmento)

Quando, no albor da vida, fascinado
Com tanta luz e brilho e pompa e galas,
Vi o mundo sorrir-me esperançoso:
– Meu Deus, disse entre mim, oh! quanto é doce,

Quanto é bela esta vida assim vivida! –
Agora, logo, aqui, além, notando
Uma pedra, uma flor, uma lindeza,
Um seixo da corrente, uma conchinha
À beira-mar colhida!

Claramente se percebe, no texto acima, confluência de várias funções da linguagem: a emotiva (“Minha vida, meus amores”, “Vi o mundo sorrir-me esperançoso”), a apelativa (“– Meu Deus, disse entre mim, oh! quanto é doce,/ Quanto é bela esta vida assim vivida! –”), a referencial (“Uma pedra, uma flor, uma lindeza,/Um seixo da corrente, uma conchinha/À beira-mar colhida!”), a poética (a disposição do texto em versos, o ritmo e a escolha vocabular, a rima “vivida”/ “colhida” etc.).

Capítulo 2 – Gramática do texto, filologia portuguesa e linguística textual: o texto e suas formas de funcionamento

1 Introdução: discurso e texto – o texto como objeto da gramática

Como sabemos, o famoso binômio que Saussure sublinhou entre *langue* e *parole* (respectivamente língua e discurso) criou ou expandiu uma série de estudos concernentes à linguagem humana, como a Linguística, a Disciplina Gramatical, a Estilística, as Sociolinguísticas, a Pragmática, a Análise do Discurso etc.

Saussure nunca negou a heterogeneidade do discurso. No entanto, não quis, no *Curso de Linguística Geral*, ocupar-se prioritariamente dessa heterogeneidade. A formação de uma metodologia muito rigorosa (predeterminar quais não eram seus objetos de estudo), com efeito, foi justamente um dos fatores que deram ao *Cours* seu caráter científico inegável, não apenas como piloto da nova Linguística que surgia, como, também, como ciência-piloto, epistemologia (o Estruturalismo)[1], das demais ciências a partir de então, que, em geral, estavam sobremaneira atreladas ao Psicologismo e, naquela época (fins do século XIX), ao "Irracionalismo" de filósofos como Wundt, Humboldt, Nietzsche, Schopenhauer, Freud, Trubetzkoy, Sapir (esses dois, em seguida, aderiram ao Estruturalismo, fugindo do Psicologismo) etc.

Desse modo, um dos principais méritos do *Curso de Linguística Geral*, de Saussure, foi exatamente estabelecer, com precisão, quais os elementos dos pares dicotômico-estruturalistas com que ele NÃO se preocuparia, sem que, com isso, tivesse ele negado que outros cientistas pudessem (e devessem) vir a estudá-los mais tarde, como de fato ocorreu. Não foi à toa que Benveniste chamava Saussure de "o homem dos postulados", pois que, mesmo daquilo cuja sistematização científica ele negou, erigiram-se pujantes pensamentos, como a Sociolinguística (ocupando-se da *parole*), para dar apenas um exemplo.

Do mesmo modo, uma Gramática precisa vir conscientemente com o seu *objeto* de estudo e a sua *metodologia* traçados previamente, para não se tornar um gênero científico híbrido e confuso, que intente aprofundar-se em caracteres de Linguística e Semiótica, por exemplo. Ora, se vamos, em alguns momentos, a essas ciências (e a outras, inclusive a própria Psicologia

---

[1] O estruturalismo, para se fazer um breve histórico, iniciou-se, no ocidente, com Aristóteles (em suas categorias da **Ética**), desdobrou-se na Escolástica de Santo Agostinho e de São Tomás de Aquino, e foi posteriormente aprofundado por Husserl, Hegel, Humboldt, Saussure (o responsável pela sistematização mais rigorosa do estruturalismo) e por todos os pós-estruturalistas ou desconstrucionistas, como Lacan, Derrida, Foucault, Lévi-Strauss, Barthes, Russel, Wittgenstein. Ainda neste capítulo, no subtítulo "Adendo Metodológico: resposta a Patrick Charaudeau e Dominique Maingueneau", volto a falar da importância e atualidade do método, e, sobretudo, de como ele se torna praticamente o único de fato eficaz para certos parâmetros de pesquisa e escrita, como a gramaticográfica, por exemplo.

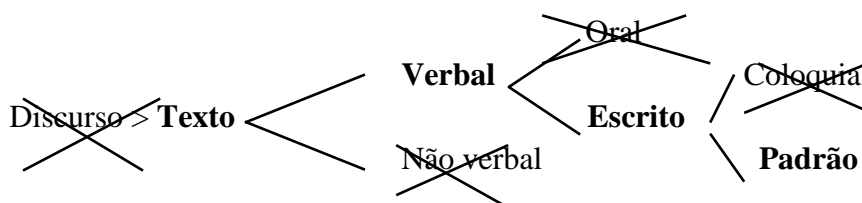
e a Antropologia), que digam respeito, de alguma forma, à análise do signo linguístico verbal, trataremos dessas ciências até o limite em que a Gramática, em si mesma, não seja colocada como coadjuvante, mas sim como protagonista da descrição pretendida.

Sabemos que o desafio de se escrever uma *Gramática cujo escopo propugne por ser reflexiva* reside, entre outros fatores, precisamente no fato de que a "reflexão" a que alude o sintagma dizer respeito a levar o usuário da gramática *lato sensu* de uma língua – *entendida basicamente como o conjunto de fatores internos que levam ao funcionamento sistêmico daquela língua* (cf. Halliday)[2] – a compreender profundamente a relação entre *norma, sistema e fala,* para usar a célebre tricotomia de Coseriu[3].

Assim sendo, dizemos, de antemão, que o *discurso*, ou a *parole* saussuriana, não corresponde ao alvo *central* de uma Gramática, mesmo reflexiva. Questões atinentes à Pragmática, à Estilística, à Semântica, à Análise do Discurso, às Sociolinguísticas, à Linguística Textual etc. somente serão evocadas quando pertinentes à reflexão *gramatical* a que queremos conduzir nosso usuário, tornando-o o mais possível *competente* (cf. Chomsky) dentro da Língua Portuguesa.

Portanto, já num esboço de conclusão, o *objeto central* da Gramática, como salientam todos os grandes gramaticógrafos, é a parte *homogênea*, *padrão*, *normativa*, *nuclear*, *centrípeta*, *unificadora* da língua, oral ou escrita: o que Saussure chamaria *langue*.

Assim como todas as ciências têm de selecionar seus objetos de estudo, e isso significa excluir partes que devem ser entregues a outros cientistas, a Gramaticologia elege ou privilegia, portanto, o *texto verbal escrito padrão,* sabedora de que há outras modalidades comunicativas que não este.

Criaríamos o seguinte esquema, em que o elemento marcado com um X representa elemento que existe, mas que, na atitude investigativa do gramático (normativista), não é ponto central, mas aparato investigativo crítico levado em conta para reflexões e conclusões mediante teoria e empiria unidas.

Ainda que o idioma, alvo central do interesse da Gramática, seja (podemos afirmá-lo sem medo de errar) o traço central de uma cultura, e ainda que as culturas sejam, por natureza,

[2] Um pouco adiante, trataremos de nos aprofundar nos conceitos possíveis de "gramática", explicitando a paráfrase esboçada, ora, de Halliday.
[3] Aprofundamo-nos nisso no capítulo 6, que trata de Morfologia, na parte III.

heterogêneas, diversificadas e plurais, cheias de relativismos, portanto, concluímos, com José Luiz dos Santos:

> Se insistirmos em relativizar as culturas e só vê-las de dentro para fora[4], teremos de nos recusar a admitir os aspectos objetivos que o desenvolvimento histórico e da relação entre povos e nações impõe. *Não há superioridade ou inferioridade de culturas ou traços culturais de modo absoluto*, não há nenhuma lei natural que diga que as características de uma cultura a façam superior a outras. *Existem no entanto processos históricos que as relacionam e estabelecem marcas verdadeiras e concretas entre elas*[5]. (José Luiz dos Santos[6]) (grifo nosso)
> Enfatizar a relatividade de critérios culturais é uma questão estéril quando se depara com a história concreta, que faz com que essas realidades culturais se relacionem e se hierarquizem. (J. L. dos Santos[7])
> Assim, tanto no estudo de culturas de sociedades diferentes quanto das formas culturais no interior de uma sociedade, mostrar que a diversidade existe não implica concluir que tudo é relativo, apenas entender as realidades culturais no contexto da história de cada sociedade, das relações sociais dentro de cada qual e das relações entre elas. Nem tudo o que é diverso o é da mesma forma. Não há razão para querer imortalizar as facetas culturais que resultam da miséria e da opressão. Afinal, as culturas movem-se não apenas pelo que existe, mas também pelas possibilidades e projetos do que pode vir a existir[8] . (J. L. dos Santos[9]).

Dando um passo além, embasada a nossa conclusão por um traço de homogeneidade que se sobreponha, culturalmente, aos traços de relatividade dessas mesmas culturas (de que o idioma, insistimos, é ponto central), afirmamos que essa parte homogênea, no que se refere ao estudo gramaticológico, tem como *objeto estrito a frase*; e, como *objeto lato, o texto*. Não é seu objeto de investigação, repito, o discurso (heterogêneo, "relativístico") que lhe é (à Gramática), como também ficou registrado, entretanto, importante elemento de permanente diálogo.

Sobre a questão de ser a *frase* o centro primordial ou primeiro ou estrito da *gramática*, como há pouco dissemos, valem as palavras de Azeredo:

> Como conceito técnico da moderna ciência da linguagem, *gramática* refere-se ao sistema de regras que permite aos falantes de uma língua construir e compreender suas *frases*. Ninguém aprende a falar uma língua sem adquirir sua gramática. [...] Uma língua só é forma de comunicação porque seus falantes conhecem e empregam – mesmo sem estar conscientes disso – as mesmas regras para construir *frases* e atribuir-lhes significado. Este sistema de regras é a gramática. (Azeredo, 2008[10], p. 33) (grifo nosso).

---

[4] O autor dialoga com a possível univocidade da perspectiva êmica, etnocêntrica, ou de *ethos* ôntico (cf. Husserl, Hegel e Heidegger), sem nenhuma contemplação do contraste permitido pela perspectiva ética ou de *ethos* ontológico (cf. Husserl, Hegel e Heidegger).
[5] Observe-se, aqui, a adoção do método estruturalista de análise.
[6] *O que é cultura.* ["Coleção primeiros passos"] São Paulo: Brasiliense, 2006, pp. 16-17.
[7] Idem, ib.
[8] Observa-se, aqui, a contribuição da sociologia de Marx e Engels, sobretudo no ponto em que trata da inversão da infraestrutura para a superestrutura por meio da práxis econômico-política.
[9] Idem, p. 20.
[10] AZEREDO. J. C. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2008.

Surge a Gramática, antes do mais, pois, na qualidade de compêndio do idioma, compreendendo-se este como o patrimônio imaterial de maior envergadura de uma cultura, em seu caráter de relativa (porém fluida e modificável, de acordo com espaço e tempo) uniformidade comunicativa. Entender-se-á Gramática, em sentido amplo, pois, como o conjunto de regras do sistema idiomático, seus mecanismos de funcionamento interno, interativo, psíquico e social (vemos aqui a tricotomia imprescindível de Bühler: a representação, o apelo e a manifestação psíquica), que ocorrem em função de propósitos ideacionais e comunicativos diversos.

Uma Gramática estrutura e sistematiza regras, práticas, normas, procedimentos, articulações que permitem que um conjunto de sons (fones e fonemas), formativos (morfes e morfemas) e palavras se organizem, numa dada língua, de forma tal a que constituam entidades comunicáveis desenroladas linearmente em relações sintagmáticas de subordinação (sintagma *stricto sensu*) ou coordenação (sequência). Aqui, poder-se-ia dizer que se estabeleceu uma conceituação de Gramática em seu sentido amplo ou lato: o de descrição das *regras* internas que permitem a um grupo social comunicar-se verbalmente por meio de um idioma específico.

No sentido estrito, o de Gramática *escolar ou normativa*, as regras a que se alude (o sistema) são retiradas, por diversas fontes, do que se convenciona estabelecer como língua *padrão*.

A Gramática, dessa forma, deve dispor de um conjunto de aparatos metalinguísticos com que possa, na técnica gramaticográfica, organizar e esclarecer as regras ou os procedimentos mencionados há pouco. Por seu turno, a Gramática que contenha o viés *reflexivo* (isto é, que leve seu usuário a achar soluções sobre seu idioma) deve não apenas perfilar as *categorias*[11] de um idioma de acordo com a metalinguagem mencionada, como, também, problematizar, com visão crítica, portanto, esses mecanismos arrolados, a fim de que, como dissemos mais de uma vez, o utente do idioma alcance a competência e a habilidade amplamente.

2 Do latim ao português: um passeio histórico, filológico e antropológico de quase 3000 anos

2.1 Proto-história do Latim: uma língua quase mítica

Há cerca de 4500 anos, havia um povo cujos membros se chamavam "árias", povo que falava um idioma, hoje extinto (por não haver nenhum registro escrito direto do idioma aludido), que recebe os nomes de indo-europeu, indo-germânico ou mesmo, simplesmente, árico. Tal língua ostenta essa nomenclatura pelo fato de ser usada, então, em praticamente toda a Europa e

[11] A ideia de "categoria" foi primeiramente estabelecida por Aristóteles, como entidades discretas, necessárias e suficientes ao conhecimento. Trataremos disso em outros momentos, inclusive com a expansão que a Linguística Cognitiva apresentou a esse conceito aristotélico, vendo categorias antes como fenômenos fluidos, na chamada "teoria dos protótipos". Sobre a noção de categoria gramatical, no sentido aristotélico, encontramo-la em Mattoso Câmara Jr., Saussure, Sapir, Lyons, Jakobson, Jespersen, Hjelmslev, Bröndal, Vendryès e outros.

na atual região da Índia (CAETANO, 2009[12]). Como não há evidência escrita de nenhuma espécie dessa protolíngua e desse protopovo, dá-se-lhes, com frequência, um tratamento quase mitológico, não faltando, nem mesmo nos relatos escritos e orais sobre a origem, por exemplo, do império romano, supostas explicações que tangenciam ou cruzam em cheio as lendas e as narrativas divinas, heroicas e míticas.

A língua latina, seguindo a tradição de evocação sígnica da Grécia, pautada em verdadeira deificação, era, frequentemente, tratada como porta-voz de um império cujo início e fim, numa atitude mítica, não teria fim, o que era reiterado pelo seu próprio idioma:

> Alme sol, curru nitido diem qui / Promis et celas aliusque et idem / Nasceris, possis nihil urbe Roma / Uisere maius. (Carmen Saeculare) (Giordani, 1997)[13]

Esse protopovo (os árias), devido à sua necessidade de nomadismo, espalhou uberemente sua cultura, dentro da qual se insere o idioma, que, assim, espalhou-se pelas regiões que foram sendo, pouco a pouco, habitadas. Tais migrações foram responsáveis, pois, pela disseminação antropológica do povo em questão, criando, com o tempo, os ramos e sub-ramos que foram a gênese de grande parte dos idiomas falados hodiernamente no ocidente e no oriente, como

> o hitita, o tocário (ou, cf. Meillet, koutchiano), o indo-iraniano, o grego, o ítalo-celta, o germânico, o báltico, o eslavo, o albanês e o armênio (em pesquisas mais recentes, são apontados, ainda, o lúvi, o pala e o hitita hieroglífico). (Caetano, 2009).

Podemos ainda mencionar que o mesmo povo de que se fala apresentava tenaz vocação beligerante e conquistadora, o que fazia com que, apesar do caráter de nomadismo mencionado, houvesse, em seguida, grandes ocupações de terras muitas vezes adquiridas mediante guerra e saques. Ademais, uma vez estabelecidos nas terras conquistadas, igualmente notável era a capacidade de esse povo implementar e desenvolver técnicas agrárias já bastante complexas, o que legou certa segurança à permanência nas áreas assimiladas. Naturalmente, com todos esses passos, o idioma se deflagrava e, devido às assimilações aludidas, que não eram raras, muitas vezes se amalgamava a dialetos locais, formando ramos linguísticos que, em alguns casos, sobrevivem até hoje em seus principais idiomas representantes, muitas vezes com poucas evoluções desde então.

Na deflagração, portanto, daquele protoidioma, subjaz a formação do ramo índico, do ramo iraniano, do grego e dos sub-ramos celta, setentrional (nórdico), germânico ocidental, eslavo meridional, eslavo ocidental, eslavo oriental e itálico, sendo este último aquele em que se

---

[12] CAETANO, Marcelo Moraes. *Gramática reflexiva da língua portuguesa*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Editora Ferreira, 2009.
[13] Tradução: Ó sol fecundo, que produzes / O dia com teu carro brilhante / E o encobres, e nasces sempre diverso e sempre o mesmo, / Oxalá nada possa contemplar nos séculos maior / Que a cidade de Roma. (Canto do Século, composto a pedido de Augusto).

poderá observar a alvorada da língua portuguesa. Ora, o subramo itálico é representado pelo osco, pelo umbro e pelo latim.

2.2 O advento do latim e os idiomas provenientes dessa língua inicial: como o português se formou e evoluiu a partir de sua raiz

O latim é o ancestral mediato do português. O ancestral imediato da língua portuguesa é o galego-português. Não se deve, no entanto, cair na falácia de afirmar-se que o português é oriundo do galego, nem que este o é daquele, já que são línguas que caminharam em comunhão, sim, tendo gênese comum no latim, mas completaram seu processo de separação total no fim do século XIII (Vasconcelos, 1970, p. 12)[14], ou mesmo, para alguns autores, no século XII (início do chamado português histórico), sendo galego e português, portanto, línguas completamente autônomas e diferentes desde então.

O latim era o idioma usado na região do Lácio (daí o poema de Bilac aludir à "última flor do Lácio", embora o português não tenha sido o último idioma a se originar da região romana aludida ou mesmo do latim imperial, deflagrado por grande parte do mundo conhecido de então), região aquela que constitui a atual Itália.

> Última flor do Lácio, inculta e bela, / És, a um tempo, esplendor e sepultura: / Ouro nativo, que na ganga impura / A bruta mina entre os cascalhos vela... (Bilac, s.d.).[15]

Há registros de sua ocorrência desde o século VII a.C. até o século III d.C. Se fizermos, pois, uma conta ligeira, veremos que, de sua remotíssima raiz até hoje, o português possui o cômputo de quase 3000 anos de existência filológico-etimológica, sendo bastante aceita a divisão abaixo proposta:

1. Latim vulgar imperial – até séc. IV
2. Romanço-Lusitânico – séc. IV a séc. IX
3. Protoportuguês – séc. X a séc. XI
4. Português arcaico – séc. XII a séc. XV
5. Português moderno – séc. XVI em diante (Caetano, 2009, 20).

Há outras subdivisões notáveis em relação estritamente à língua portuguesa, devendo-se citar a proposta por Said Ali (que é bastante simples, mas não simplista) e, mais recentemente, a cuidadosa proposta de Evanildo Bechara (Bechara, 1985)[16] Já no século IV d.C., o latim era um conglomerado de dialetos espalhados pelas regiões outrora conquistadas (em que muitas vezes havia

[14] VASCONCELOS, José Leite de. *Textos arcaicos*. 5ª ed., Lisboa: Livraria Clássica, 1970.
[15] BILAC, Olavo. Língua Portuguesa. In: <http://intervox.nce.ufrj.br/~edpaes/flor.htm> Acessado em 14 de novembro de 2009.
[16] BECHARA, Evanildo. *As fases históricas da língua portuguesa* (tentativa de proposta de nova periodização). Niterói, UFF: 1985.

aculturação ou enculturação dos conquistadores em relação aos povos conquistados, que, não raro, como ocorreu na Grécia, deu aos romanos significativa parte de sua cultura e de suas instituições em geral, como religião, direito, família, política, artes etc., sendo conhecidos aforismos como "a Grécia rude conquistou o nobre conquistador"), e essa desagregação contínua e irrefreável do idioma latim (sem mencionarmos os costumes igualmente assimilados) costuma ser chamada de "Latim imperial tardio" (cf. Mattoso Câmara, 1978, 153[17]), idioma fortemente influenciado pela língua falada nas regiões do império denominada, a título filológico, de România.

Na Idade Média, convém ressaltar, esse idioma, fragmentário e sujeito a um sem-número de analogias dialetais locais, chamava-se "Baixo Latim", e não passava, amiúde, de corruptelas e falsas percepções e adaptações dos já formados idiomas a supostas palavras de origem (quase sempre equivocada, como se disse) latina. Esse vezo permaneceu ativo até o período chamado pseudoetimológico da língua portuguesa, quando se aventavam hipóteses, quase sempre infundadas, de etimologias prováveis a inúmeros vocábulos do léxico português. Deve-se salientar, ademais, que o baixo latim era a língua eclesial, paralela aos idiomas locais, usada na Idade Média.

Aqueles idiomas locais, formados, como se viu, com a convergência de várias culturas diferentes, recebem o título filológico de românicos, romances, romanços, neolatinos, novilatinos e alguns outros. Quando da formação de tais dialetos ou idiomas, o latim foi passando paulatinamente à categoria de língua morta. Não foi extinto, como o foi seu grupo de origem, o indo-europeu, que só pode ser conhecido e reconhecido mediante suposições arqueológicas e antropológicas em paronomásia com suas línguas oriundas, uma vez que o latim, desde seu início até seu fim, deixou documentos escritos de literatura e mesmo registros de manifestações orais, em inscrições achadas em muros, lápides, igrejas, estradas, paredes caseiras etc. Os romances, no entanto, não provêm do latim literário, que era artificial e excessivamente pejado de figuras retóricas e poéticas, mas da língua falada, ou latim vulgar (falado pelos plebeus, não pelos patrícios), e foram disseminados na região que, anteriormente, fora parte integrante do outrora florescente império romano. Essa região abrangeu

> [a] Romênia, como região isolada, a Itália (compreendendo a borda do Adriático com o Trieste e toda a Dalmácia), parte da Suíça, a França com parte da Bélgica e finalmente a Península Ibérica. Para o linguista, todo esse domínio constitui a România (SAID ALI, 1964, 17).[18]

Devemos lembrar, também, que os idiomas neolatinos, por várias razões, foram levados à África, à Ásia e, posteriormente, com o advento das grandes conquistas ultramarinas, a partir do século XVI, às Américas, aportando em países como o Brasil (português), Peru, Equador, Venezuela, Argentina, México etc. (espanhol). Em resumo, de acordo com Meyer-Lübke, as

---

[17] MATTOSO CÂMARA, Joaquim. *Dicionário de Linguística e Gramática*. 8. edição, Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

[18] SAID ALI, Manuel. *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

línguas românicas se dividem em "romeno, dalmático, rético, italiano, sardo, provençal, francês, espanhol e português" (*apud* SAID ALI, idem, ibidem). Não se deve dizer, *a priori*, que alguma dessas línguas é proveniente de outra delas, senão, sim, em vez disso, deve-se afirmar que todas tiveram uma origem comum, como foi mostrado, que é o latim.

Além dos idiomas neolatinos mencionados, há uma série de dialetos que, esses sim, advêm das línguas citadas. Tais dialetos, hoje, são preferentemente chamados igualmente, em muitos casos, de idiomas, colocando-se em parelha com aqueles de que se originaram, pois já apresentavam, frequentemente, morfologia, sintaxe e léxico bastante diferentes dos achados em sua gênese, o que torna impróprio serem considerados, hodiernamente, meros entroncamentos de suas línguas matrizes.

É preciso mencionar, também, que, outrora, dava-se a tais idiomas a denominação, hoje completamente obsoleta, de "línguas crioulas", como é o caso de alguns idiomas falados em Cabo Verde, em Moçambique, na Índia etc. Também se chamava "dialetos" às línguas que não pertenciam à urbanidade de determinado país, a chamada língua oficial, de chancelaria, a presente na Gramática Normativa; por isso, era frequente que se denominasse de "dialetos" várias línguas aborígines, como o tupi-guarani, no Brasil. Reiteramos que esses critérios classificatórios são desusados atualmente, e dá-se a denominação de "dialeto", hoje, seguindo as orientações da Sociolinguística Variacionista, simplesmente às variantes diatópicas (encontradas em regiões geográficas diferentes), ou mesmo diafásicas (de estilo), diastráticas (de nível sociocultural), diacrônicas (cronológicas), etárias, profissionais (jargões), de gênero etc. de determinada língua.

Portanto, é lícito falar-se, por exemplo, em dialetos tupi-guaranis espalhados no tempo ou na disposição geográfica americana, ou no dialeto do Rio de Janeiro do século XIX e assim por diante. Há bastantes comprovações empíricas para essa nova diretriz ao tratar-se do critério dialetal de classificação, sendo a dialetologia, hoje, parte importante da citada Sociolinguística (mas não exclusivamente dela). Nessa esteira, frequentemente a noção de dialeto, hoje, confunde-se à de registro.

Sobre a questão literária do latim, deve-se observar que, na própria literatura, a partir, aproximadamente, do fim do século I d.C., houve gradativo predomínio do idioma vulgar (falado) sobre o outrora escrito (clássico ou então literário), ou do idioma de base oral mas então também escrito, ainda que não necessariamente literário. Como se disse, essa afluência se deu em dizeres grafados em muros, estradas etc., além de em obras de cunho proeminentemente populares, sobretudo as comédias, que agradavam mais à índole do povo, como é o caso de Satiricon, de Petrônio (século I d. C.), das Comédias de Plauto, O asno de Ouro, de Apuleio (século II d.C) (cf. Mattoso Câmara, 1978, 154).[19] Também se observam generosamente essas assimilações em escritos de pessoas incultas ou não eruditas que faziam espécies de "diários de bordo" ou "crônicas de viagem", como foi o caso da freira espanhola Silvia ou Etéria (Aetheria),

[19] MATTOSO CÂMARA, Joaquim. Dicionário de Linguística e Gramática. 8ª ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1978.

que escreveu a Peregrinatio ad Loca Sancta, também conhecida como Peregrinatio Aetheriae (q.v. Do Valle, s.d), além das correções que os gramáticos faziam aos "erros" cometidos pelo vulgo, como é o caso do Appendix Probi (século III ou IV d.C), de autoria provável de um gramático de origem africana. (Mattoso Câmara, id., ib.).

Com todas essas fontes, e muitas outras, que ultrapassam, portanto, o estatuto de mera suposição ou insinuação, pode-se perceber a raiz da língua portuguesa fincada no latim falado, que, não obstante, como se mostrou, foi fartamente apreendido em várias matrizes escritas por toda parte e em vários registros.

2.3 Algumas acomodações e adaptações linguísticas do latim que ajudaram na formação do idioma português

Como teve de se adaptar ou acomodar às pronúncias diferentes das regiões aonde ia, muitas pronúncias foram sendo geradas, e, aos poucos, vários idiomas iam nascendo. Por muito tempo, a preocupação primordial (senão única) dos filólogos era exatamente as mudanças fonéticas do latim aos idiomas modernos. A esse tipo de fazer filológico se dava o nome de "estudos neogramáticos", e foi essa a diretriz unânime até o início do século XX. Deve-se dizer, sobre esse período, ainda, que

> esse modo de fazer Linguística, comparando as línguas na busca de semelhanças e verificando a história de cada uma delas à procura de origens comuns, foi o método dominante da Linguística do século XIX, o chamado método histórico-comparativo. (Pietroforte, 2002, 77)[20]

No início do século XX (o marco é a data da publicação do Cours de Linguistique générale, em 1916), Ferdinand de Saussure ajudou a revogar essa preocupação idiomática, substituindo-a por um conhecimento baseado nas noções de sistema e estrutura linguística, que prescindiam completamente das exegeses baseadas em pesquisas de cunho etimológico, já que, para o mestre de Genebra, a recém-criada Linguística tinha como objeto a língua sincrônica (falada e usada naquele momento histórico específico), uma vez que, para ele, querer abarcar a diacronia (estudo histórico, etimológico), em Linguística, seria como "querer abraçar um fantasma" (Saussure, s.d., 107).

No entanto, embora não seja mais, absolutamente, a forma atual de se fazer ciência no campo da filologia, muito das pesquisas dos neogramáticos permanece como legado comprobatório das afiliações e origens dos idiomas românicos. Há vários romanistas que seguiram aquela orientação (Frederico Diez, Carolina Michaëllis de Vasconcelos, Meyer-Lübke, Ismael de Lima Coutinho etc.), deixando-nos importantes compilações sobre o assunto.

---

[20] PIETROFORTE, Antonio Vicente. "A língua como objeto da Linguística". In. FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística*: I. Objetos teóricos. São Paulo: Contexto, 2002.

Podemos citar como principais inovações ou acomodações do latim, evidentemente entre muitas outras ora não catalogadas, a tendência a criações analógicas e a pronúncias relaxadas, que muitas vezes encurtavam os vocábulos ou lhes substituíam consoantes surdas por sonoras (mais suaves do ponto de vista da fonética articulatória). Mattoso Câmara (1978, 153) resume essa transição a pontos capitais, ora por mim parafraseados, como: 1) Desordens e simplificações nas flexões nominais e verbais; 2) termos populares e analógicos, evitados por homens cultos; 3) na sintaxe, predomínio da ordem direta e desrespeito à tradição gramatical normativa de então (daí Bilac ter chamado a língua portuguesa de “inculta”); 4) na fonética, como se mencionou, pronúncia relaxada e repleta de contaminações e assimilações.

Voltando ao caso específico das origens da língua portuguesa, aponta-se, com grande convicção, entre os filólogos, que os então dialetos falados no norte do atual Portugal forjaram, pouco a pouco, o idioma português. Citam-se, amiúde, os falares de Entre-Douro e Minho e, para alguns incerto, o já citado galécio ou galego-português, idioma falado às margens do Minho, que, para outras correntes filológicas, é o ponto pacífico, como foi dito acima, da origem imediata da língua portuguesa, conforme a maioria dos documentos escritos comprova, tese por mim, portanto, agasalhada sem maiores percalços.

Deve-se observar, também, que o idioma português não é fruto exclusivo da língua latina vulgar, uma vez que várias ocupações posteriores à romana na Península Ibérica legaram traços culturais, entre os quais o idioma desponta com grande importância, à língua portuguesa nascitura (grande foi a influência, por exemplo, dos árabes na região), língua que, uma vez migrada para a América, ainda pôde ver-se enriquecida por giros de origem africana, indígena e aborígine em geral. Há, inclusive, consenso em apontar-se, não obstante a constituição de uma única língua, a língua portuguesa da Europa, a da África, a da América (português brasileiro) e a da Ásia.

Desse aglomerado de falares, pois, foi sendo criada a língua portuguesa, que encontra sua manifestação denominada de “moderna” no século XVI, notadamente (ou canonicamente) com João de Barros, o “Tito Lívio português” (com suas Décadas), Camões, para alguns o criador da norma portuguesa moderna (com seus Lusíadas), entre outros. Observe-se que se trata exclusivamente de autores de origem europeia, o que, como foi mostrado acima, não constitui, hoje, a realidade da língua portuguesa.

Não entrarei, por ora, nas divisões apontadas para o português já formado como idioma, porque tal apontamento fugiria do escopo do presente artigo, que visa à transição do latim ao português, e não ao caminhar do português propriamente dito, caminho que deixarei para outro artigo. Indico, apenas, que muitos textos nos chegaram do português arcaico e antigo, sendo obras de maior fôlego, já completamente em língua portuguesa, só para citar algumas, a Demanda do Santo Graal (que se acreditava ter sido escrita apenas em espanhol, o que, hoje, não é mais considerado fidedigno), o Cancioneiro Geral de Espanha, os Cancioneiros em geral, a História de Santo Amaro, e mais

> a lenda de S. Barlão e S. Josafate, o Livro de Esopo, o Livro da Corte Imperial, o da Virtuosa Benfeitoria, o Livro da Montaria de D. João I, o Leal Conselheiro e Arte de Cavalgar de D. Duarte, a Crônica dos Frades Menores, as Crônicas de Fernão Lopes, Zurara e Rui de Pina e várias outras obras. (Said Ali, 1964, 18).

2.4 Língua portuguesa: do passado ao futuro, sempre presente

Enfim, recebendo o legado primevo da tradição escrita (não literária), mas predominantemente oral, do latim, a língua portuguesa foi seguindo por outros vergéis e deixou-se afluir de inúmeras outras influências idiomáticas, enriquecendo-se até os dias de hoje, quando sói assimilar palavras estrangeiras de cunho tecnológico, sobretudo dos idiomas francês e, mais recentemente, inglês. Ainda assim, como língua histórica de fortíssima personalidade e índole, o português não se deteriora, nem sequer apresenta supostos sinais de degradação por causa dos citados empréstimos ou estrangeirismos, como alardeiam alguns, baseados em poucas ou nenhumas provas e em parcimoniosos dados que em nada fundamentam a hipótese apocalíptica.

Em vez disso, o que temos é a visão sincrônica de um idioma que, como todos os demais que compõem a Babel contemporânea, não param no espaço e no tempo, mas evoluem em direção ao suprimento e à provisão das necessidades emergentes, como ocorreu, aliás, conforme se demonstrou acima, já na mais remota origem da língua portuguesa, que tem seu ponto seminal há quase 3000 anos.

Por isso, podemos dizer que a língua continua viva e, exatamente por essa razão, mantém seu fluxo de mudanças, evoluções, empréstimos, assimilações, analogias, importações, exportações, trocas. Toda língua pertence ao presente do povo que dela lança mão a fim de comunicar-se e expressar-se, e pertence, também, ao futuro, às gerações incumbidas de, ao receber uma língua já formada, adaptá-la às premências de seus tempos e de seus coetâneos.

Questões comentadas

01. (Oficial Temporário/CIAAR/2012)

(Disponível em: http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/tira27.htm)

A tira – assim como histórias em quadrinhos, cartuns, charges etc. – mescla linguagem verbal e imagem para atingir os seus objetivos comunicativos. Em relação à tipologia textual, a tira caracteriza-se por ser uma

a) narração.
b) instrução.
c) exposição.
d) argumentação.

Narração, pois percebe-se a passagem do tempo como protagonista da trama. Gabarito: **A**.

A ansiedade não é doença. Faz parte do sistema de defesa do ser humano e está projetada em quase todos os animais vertebrados. O significado mais aceito hoje em dia vem do psiquiatra australiano Aubrey Lewis, que, em 1967, caracterizou-a como "um estado emocional com a qualidade do medo, desagradável, dirigido para o futuro, desproporcional e com desconforto subjetivo".

A ansiedade não é doença. É problema de ordem do comportamento que afeta o convívio social. A ansiedade pode se apresentar como sintoma em muitas doenças ditas emocionais e mentais, e interfere sobremaneira nos níveis de satisfação do indivíduo.

Quem não se sentiu ansioso até hoje? Com o mundo do jeito que está, natural é se sentir ansioso; é permitido ficar ansioso. Prejudicial é não saber lidar com a ansiedade.

A proposta é abordar meios eficazes de lidar com esse comportamento que gera tantos distúrbios.

Diz Patch Adams que indivíduo saudável é aquele que tem uma vida vibrante e feliz, porque utiliza ao máximo o que possui e só o que possui, com muito prazer. Este é o indivíduo satisfeito que não anseia quimeras e que sabe viver alegre e feliz.

Internet: www.irc-espiritismo.org.br (com adaptações)

A partir da leitura interpretativa e da tipologia do texto acima, julgue os itens a seguir.

02. (Técnico-Segurança do Trabalho/Serpro/Cespe/2008) O segundo parágrafo do texto é do tipo expositivo, pois caracteriza a ansiedade.
( ) certo
( ) errado

A exposição é justamente o que caracteriza esse trecho. Gabarito: **certo**.

03. (Técnico-Segurança do Trabalho/Serpro/Cespe/2008) No terceiro parágrafo, há uma passagem descritiva e outra narrativa.
( ) certo
( ) errado

Não há passagem narrativa, pois não existe passagem do tempo. Gabarito: **errado**.

1 O IDEB, indicador de qualidade educacional, combina informações sobre desempenho em exames padronizados (Prova Brasil ou SAEB) — demonstrado pelos estudantes ao
4 final do ensino fundamental e do ensino médio — com informações sobre rendimento escolar (aprovação). Estudos e análises da qualidade educacional raramente combinam as
7 informações produzidas por esses dois tipos de indicadores, ainda que a complementaridade entre elas seja evidente.
Um sistema educacional que reprove sistematicamente
10 seus estudantes, fazendo que grande parte deles abandone a escola antes de completar a educação básica, não é desejável, mesmo se aqueles que concluem essa etapa de ensino atinjem (*sic*)
13 elevadas pontuações nos exames padronizados. Por outro lado, também não se deseja um sistema em que todos os alunos concluam o ensino médio no período correto, mas aprendam
16 muito pouco na escola. Em suma, um sistema de ensino ideal seria aquele em que crianças e adolescentes tivessem acesso à escola, não desperdiçassem tempo com repetências, não
19 abandonassem a escola precocemente e, ao final de tudo, aprendessem.
Sabe-se que, no Brasil, a questão do acesso à escola
22 não é mais um problema, já que a quase totalidade das crianças ingressa no sistema educacional. Entretanto, as taxas de repetência dos estudantes são bastante elevadas, assim como o

25 é a proporção de adolescentes que abandonam a escola antes
mesmo de concluir a educação básica. Outro indicador
preocupante é a baixa proficiência obtida pelos alunos em
28 exames padronizados.

Internet: <http://download.inep.gov.br> (com adaptações).

04. (Nível Superior/MEC/Cespe/2011) Em relação às ideias e estruturas linguísticas do texto acima, julgue os itens de 9 a 18.
Predomina no trecho o tipo textual narrativo.
( ) certo
( ) errado

Predomina o tipo textual descritivo ou o expositivo. Há também dissertativo-argumentativo. Gabarito: **errado**.

Medicina cômica

Li no New York Times que pesquisadores da Universidade de Oxford descobriram que o efeito do riso no corpo assemelha-se ao de um exercício físico. Segundo Robin Dunbar, professor que chefiou o estudo, o riso envolve a exalação repetida de ar dos pulmões. "Os músculos do diafragma têm que trabalhar com força. Assim, o riso prolongado pode ser doloroso e exaustivo, como um exercício intenso", disse ele.

O estudo descobriu também que as gargalhadas fazem o corpo liberar endorfina, substância que provoca prazer, bem-estar, aumenta a capacidade de resistir à dor e melhora o sistema imunológico, entre outros benefícios.

Mas agora, com o status científico, o riso poderá ser utilizado na cura e prevenção de doenças. À medida que este estudo for divulgado, comédias serão prescritas, nos consultórios médicos, em receitas ilegíveis, ao lado dos fármacos mais conhecidos. Outras pesquisas hão de confirmar novos efeitos terapêuticos do gargalhar. Acredito que estamos no começo de uma nova era, onde medicina e indústria do entretenimento se entrelaçarão. Já vejo até uma nova categoria do Oscar: Melhores Efeitos Colaterais.

Nem tudo será hilário. O doutor Dunbar alerta para o que considero um fato importante: o riso forçado não envolve a série de exalações repetidas e desinibidas que provocam o efeito da endorfina. O que significa dizer que a Vigilância Sanitária terá muito trabalho na fiscalização. Este post, por exemplo, correrá um sério risco de ser vetado para uso terapêutico.

KNIJNIK, Vitor. Medicina cômica. Blogs do Além – Blog do Hipócrates.
Carta capital, ano XVIII, n. 728, p. 25, 19 dez. 2012. (Adaptado)

05. (Delegado de Polícia/PC-GO/UEG/2013) O trecho "Os músculos do diafragma têm que trabalhar com força. Assim, o riso prolongado pode ser doloroso e exaustivo, como um exercício intenso" (linhas 3-4) é um exemplo de discurso

a) indireto livre
b) indireto
c) direto
d) metalinguístico

Metalinguístico, pois se fala a respeito de algo de modo explicativo. Ensinam-se funções do músculo etc. Gabarito: **D**.

Paz como equilíbrio do movimento

1 Como definir a paz? Desde a antiguidade encontramos muitas definições. Todas elas possuem suas
2 boas razões e também seus limites. Privilegiamos uma, por ser extremamente sugestiva: a paz é o equilíbrio
3 do movimento. A felicidade desta definição reside no fato de que se ajusta à lógica do universo e de todos
4 os processos biológicos. Tudo no universo é movimento, nada é estático e feito uma vez por todas.
5 Viemos de uma primeira grande instabilidade e de um incomensurável caos. Tudo explodiu. E ao
6 expandir-se, o universo vai pondo ordem no caos. Por isso o movimento de expansão é criativo e
7 generativo. Tudo tem a ver com tudo em todos os momentos e em todas as circunstâncias. Essa afirmação
8 constitui a tese básica de toda a cosmologia contemporânea, da física quântica e da biologia genética e
9 molecular.
10 Em razão da panrelacionalidade de tudo com tudo, o universo não deve mais ser entendido como o
11 conjunto de todos os seres existentes e por existir, mas como o jogo total, articulado e dinâmico, de todas as
12 relações que sustentam os seres e os mantém unidos e interdependentes entre si.
13 A vida, as sociedades humanas e as biografias das pessoas se caracterizam pelo movimento. A
14 vida nasceu do movimento da matéria que se auto-organiza; a matéria nunca é "material", mas um jogo
15 altamente interativo de energias e de dinamismos que fazem surgir os mais diferentes seres. Não sem razão
16 asseveram alguns biólogos que, quando a matéria alcança determinado nível de auto-organização, em
17 qualquer parte do universo, emerge a vida como imperativo cósmico, fruto do movimento de relações
18 presentes em todo o cosmos.
19 As coisas mantêm-se em movimento, por isso evoluem; elas ainda não acabaram de nascer. Mas o
20 caos jamais teria chegado a cosmos e a desordem primordial jamais teria se transformado em ordem aberta
21 se não houvesse o equilíbrio. Este é tão importante quanto o movimento. Movimento desordenado é
22 destrutivo e produtor de entropia. Movimento com equilíbrio produz sintropia e faz emergir o universo como
23 cosmos, vale dizer, como harmonia, ordem e beleza.

24 Que significa equilíbrio? Equilíbrio é a justa medida entre o mais e o menos. O movimento possui
25 equilíbrio e assim expressa a situação de paz se ele se realizar dentro da justa medida, não for nem
26 excessivo nem deficiente. Importa, então, sabermos o que significa a justa medida.
27 A justa medida consiste na capacidade de usar potencialidades naturais, sociais e pessoais de tal
28 forma que elas possam durar o mais possível e possam, sem perda, se reproduzir. Isso só é possível,
29 quando se estabelece moderação e equilíbrio entre o mais e o menos. A justa medida pressupõe realismo,
30 aceitação humilde dos limites e aproveitamento inteligente das possibilidades. É este equilíbrio que garante
31 a sustentabilidade a todos os fenômenos e processos, à Terra, às sociedades e à vida das pessoas.
32 O universo surgiu por causa de um equilíbrio extremamente sutil. Após a grande explosão originária,
33 se a força de expansão fosse fraca demais, o universo colapsaria sobre si mesmo. Se fosse forte demais, a
34 matéria cósmica não conseguiria adensar-se e formar assim gigantescas estrelas vermelhas,
35 posteriormente, as galáxias, as estrelas, os sistemas planetários e os seres singulares. Se não tivesse
36 funcionado esse refinadíssimo equilíbrio, nós humanos não estaríamos aqui para falar disso tudo.
37 Como alcançar essa justa medida e esse equilíbrio dinâmico? A natureza do equilíbrio demanda
38 uma arte combinatória de muitos fatores e de muitas dimensões, buscando a justa medida dentre todas
39 elas. Pretender derivar o equilíbrio de uma única instância é situar-se numa posição sem equilíbrio. Por isso
40 não basta a razão crítica, não é suficiente a razão simbólica, presente na religião e na espiritualidade, nem a
41 razão emocional, subjacente ao mundo dos valores e das significações, nem o recurso da tradição, do bom
42 senso e da sabedoria dos povos.
43 Todas estas instâncias são importantes, mas nenhuma delas é suficiente, por si só, para garantir o
44 equilíbrio. Este exige uma articulação de todas as dimensões e todas as forças.
45 A partir destas ideias, temos condições de apreciar a excelência da compreensão da paz como
46 equilíbrio do movimento. Se houvesse somente movimento sem equilíbrio, movimento linear ou
47 desordenado, em todas as direções, imperaria o caos e teríamos perdido a paz. Se houvesse apenas
48 equilíbrio sem movimento, sem abertura a novas relações, reinaria a estagnação e nada evoluiria. Seria a
49 paz dos túmulos. A manutenção sábia dos dois polos faz emergir a paz dinâmica, feita e sempre por fazer,
50 aberta a novas incorporações e a sínteses criativas.
51 Consideradas sob a ótica da paz como equilíbrio do movimento, as sociedades atuais são
52 profundamente destruidoras das condições da paz. Vivemos dilacerados por radicalismos, unilateralismos,
53 fundamentalismos e polarizações insensatas em quase todos os campos. A concorrência na economia e no
54 mercado, feita princípio supremo, esmaga a cooperação necessária para que todos os seres possam viver e
55 continuar a evoluir. O pensamento único da ideologia neoliberal, levado a todos os quadrantes da terra,
56 destrói a diversidade cultural e espiritual dos povos. A imposição de uma única forma de produção, com a
57 utilização de um único tipo de técnica e de administração, maximizando os lucros, encurtando o tempo e
58 minimizando os investimentos, devasta os ecossistemas e coloca sob risco o sistema vivo de Gaia. As
59 relações profundamente desiguais entre ricos e pobres, entre Norte e Sul e entre religiões que se
60 consideram portadoras de revelação divina e outras religiões da humanidade, reforçam a arrogância e
61 aumentam os conflitos religiosos. Todos estes fenômenos são manifestações da destruição do equilíbrio do
62 movimento e, por isso, da paz tão ansiada por todos. Somente fundando uma nova aliança entre todos e
63 com a natureza, inspirada na paz-equilíbrio-do-movimento como método e como meta, conseguiremos
64 sociedades sem barbárie, onde a vida pode florescer e os seres humanos podem viver no cuidado de uns
65 para com os outros, em justiça e, enfim, na paz perene, secularmente ansiada.

BOFF, Leonardo. *Paz como equilíbrio do movimento*. Disponível em: <http://www.leonardoboff.com/site/vista/2001-2002/pazcomo.htm>. Acesso em: 14 nov. 2012. (Adaptado).

06. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) O texto acima apresenta características que permitem enquadrá-lo no gênero
a) carta de leitor
b) resenha crítica

c) carta pessoal
d) artigo de opinião

Artigo de opinião é um gênero que pertence à tipologia dissertação-argumentativa, pois o autor defende uma tese e se embasa em argumentos para defendê-la. Gabarito: **D**.

07. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) Defende-se no texto a ideia de que
a) a vida surgiu a partir de um momento de estagnação, de inércia da matéria.
b) o universo deve ser entendido como o agrupamento estático de todos os seres existentes.
c) as coisas não são estáticas, fato que condiciona sua evolução.
d) a razão simbólica é suficiente, por si só, para garantir o equilíbrio do universo.

Por exemplo no trecho: "Privilegiamos uma, por ser extremamente sugestiva: a paz é o equilíbrio do movimento. A felicidade desta definição reside no fato de que se ajusta à lógica do universo e de todos os processos biológicos. Tudo no universo é movimento, nada é estático e feito uma vez por todas". Gabarito: **C**.

08. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) No sétimo parágrafo (linhas 27-31), tem-se a ideia de que a justa medida
a) consiste no uso consciente das potencialidades naturais e sociais, de maneira a não esgotá-las.
b) é uma possibilidade de rompimento entre o mais e o menos, a fim de que o menos possa ser mais.
c) deve ser entendida como a não aceitação e a superação dos limites que cerceiam a existência.
d) é insuficiente para instaurar o equilíbrio entre as coisas e para manter a sustentabilidade no planeta.

Trata-se de uma questão de pura intelecção, entendimento, já que o item está explícito em: "A justa medida consiste na capacidade de usar potencialidades naturais, sociais e pessoais de tal forma que elas possam durar o mais possível e possam, sem perda, se reproduzir". Gabarito: **A**.

09. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) No último parágrafo do texto (linhas 51-65), o autor defende a ideia de que a paz, considerada como equilíbrio do movimento,
a) é fortalecida pelo pensamento neoliberal que predomina em grande parte do mundo atual e que valoriza a diversidade cultural e espiritual dos povos.
b) é nutrida por ricos e pobres, sendo reforçada pelas diversas religiões do mundo, que buscam superar as desigualdades, as arrogâncias e os conflitos.

c) encontra-se realizada nas sociedades atuais, já que a concorrência na economia e no mercado propicia a cooperação necessária para a paz entre os povos.
d) encontra obstáculos nas sociedades atuais, que destroem as condições de paz, desvalorizam a cooperação e apresentam radicalismos e fundamentalismos em quase todos os campos.

Observe-se o trecho: "Consideradas sob a ótica da paz como equilíbrio do movimento, as sociedades atuais são profundamente destruidoras das condições da paz. Vivemos dilacerados por radicalismos, unilateralismos, fundamentalismos e polarizações insensatas em quase todos os campos". Gabarito: **D**.

10. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) No trecho "A felicidade desta definição reside no fato de que se ajusta à lógica do universo e de todos os processos biológicos" (linhas 3-4), a expressão em destaque pode ser substituída sem prejuízo de sentido por:
    a) o revés
    b) o êxito
    c) a dificuldade
    d) a possibilidade

Aqui, "felicidade" significa ser bem-sucedida, isto é, obter êxito. Gabarito: **B**.

11. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) Qual função da linguagem predomina no texto?
    a) Conativa
    b) Referencial
    c) Emotiva
    d) Poética

O texto trata de um assunto (a paz) como objeto de reflexão. O referente é, portanto, predominante. Gabarito: **B**.

12. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) O texto acima apresenta características que permitem enquadrá-lo no gênero
    a) carta de leitor
    b) resenha crítica
    c) carta pessoal
    d) artigo de opinião

Pois há elementos da dissertação-argumentativa, com uma tese com argumentos. Gabarito: **D**.

13. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) Os termos “mas” (linha 14) e “quando” (linha 16) expressam, respectivamente, sentido
   a) adversativo e temporal
   b) conclusivo e conformativo
   c) concessivo e alternativo
   d) causal e condicional

Observe-se que o “mas” pode ser substituído por “porém” e o “quando” por “no momento em que”. Gabarito: **A**.

14. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) Exerce função adjetiva o termo destacado em:
   a) “Tudo no universo é movimento” (linha 4)
   b) “As coisas mantêm-se em movimento, por isso evoluem” (linha 19)
   c) “A vida, as sociedades humanas e as biografias das pessoas se caracterizam pelo movimento” (linha 13)
   d) “Desde a antiguidade encontramos muitas definições” (linha 1)

“Das pessoas” é adjunto adnominal qualificador de “as biografias”. Gabarito: **C**.

15. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) No último parágrafo (linhas 51-65), o autor faz uma referência implícita à “hipótese Gaia” ou “teoria Gaia”, formulada por James Lovelock com o objetivo de defender que a Terra seria um organismo vivo, comportando-se como tal. Ao fazer isso, o autor estabelece entre seu texto e as ideias de Lovelock uma relação
   a) paródica
   b) sarcástica
   c) metatextual
   d) intertextual

A intertextualidade é exatamente o diálogo existente entre dois ou mais textos. Gabarito: **D**.

16. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013) No trecho “O universo surgiu por causa de um equilíbrio extremamente sutil” (linha 32), o termo em destaque exerce a mesma função sintática do termo destacado em:
   a) “Tudo no universo é movimento, nada é estático e feito uma vez por todas” (linha 4)
   b) “Importa, então, sabermos o que significa a justa medida” (linha 26)
   c) “As sociedades atuais são profundamente destruidoras das condições da paz” (linhas 51-52)

d) “Por isso o movimento de expansão é criativo e generativo” (linhas 6-7)

Ambos os termos grifados possuem função sintática de adjuntos adverbiais (semanticamente de intensidade). Gabarito: **C**.

Como afirma Foucault, a verdade jurídica é uma relação construída a partir de um paradigma de poder social que manipula o instrumental legal, de um poder-saber que estrutura discursos de dominação. Assim, não basta proteger o cidadão do poder com o simples contraditório processual e a ampla defesa, abstratamente assegurados na Constituição. Deve haver um tratamento crítico e uma posição política sobre o discurso jurídico, com a possibilidade de revelar possíveis contradições e complexidades das tábuas de valor que orientam o direito.

Ora, o conceito de justiça é o de um discurso construído dentro de uma instância de poder, e construído dentro de uma processualidade. Segundo Lyotard, não existe um discurso *a priori* correto ou verídico, mas narrativas entrecruzantes em busca de verdades parciais, históricas. O discurso sobre a justiça não pode ser diferente. Ele há de ser plurissignificativo, embasado em valores diversificados, mutáveis, conhecidos retoricamente, e não no fechamento kantiano, platônico e cartesiano dos sentidos prévios, imutáveis, unissignificativos do que seja o justo.

Somente o processo isocrítico e com estruturação em um paradigma democrático-constitucional de fiscalização constante das premissas discursivas pode levar a um processo justo e a um direito justo em algum sentido.

Dessa forma, justiça é a busca da processualidade para que os agentes partícipes do processo e, *latu sensu*, toda a sociedade possam participar e controlar a institucionalização do justo.

Newton de Oliveira Lima. Um valor discursivo e político. In: Revista Jus Vigilantibus. Internet: <http://jusvi.com> (com adaptações)

17. (Analista Judiciário/Área Administrativa/CNJ/2013) Com relação aos sentidos e a aspectos linguísticos do texto acima, julgue os itens que se seguem.
    No texto, que se caracteriza como dissertativo-argumentativo, o autor defende a ideia de que, no discurso jurídico, os fins justificam os meios.
    ( ) certo
    ( ) errado

Essa tese é banida exatamente no trecho “Deve haver um tratamento crítico e uma posição política sobre o discurso jurídico, com a possibilidade de revelar possíveis contradições e complexidades das tábuas de valor que orientam o direito”. Gabarito: **errado**.

Texto 1

A beleza, ao longo de sua história, esteve atrelada ao logos
filosófico, à racionalidade como medida e regra. O feio, seu
oposto e seu negativo, é aquilo que escapa a essa medida
4 racionalmente forjada. Quando elevado ao nível de questão
teórica, o feio sempre disse respeito ao que deveria ser
devolvido às forças luminosas da beleza, à sua promessa de
7 reconciliação com a vida, a sociedade, a verdade ou o divino.
O que ainda merece enfrentamento diz respeito à
construção desse lugar como negativo: o ideal de beleza foi
10 construído ao lado dos padrões da verdade e do bem, eles
mesmos alcançados por meio de uma luminosidade da razão
(nos períodos em que a filosofia esboça-se sob vozes
13 iluministas – mesmo na Grécia antiga) e como tentativa de
recondução das formas desarmônicas a um padrão.
Theodor Adorno defendeu no século XX a ideia de
16 que a beleza toma forma na recusa do antigo objeto de temor e
de que o feio vem a ser assim considerado apenas a partir do
seu fim, daquilo para o que deveria destinar-se. Segundo a tese
19 de Adorno, o feio é um retorno da violência arcaica, e a beleza
é o que aparece como violência enquanto tentativa de
dominação de um horror como que ancestral, o horror advindo
22 daquilo que é o pré-cultural, o pré-linguístico, o anterior à
racionalidade, e a ela não subsumível.

Marcia Tiburi. Toda beleza é difícil. Esboço de críticas sobre as relações entre metafísica, estética e mulheres na filosofia. In: Marcia Tiburi et al. *As mulheres e a filosofia*. São Leopoldo: Unisinos, 2002, p. 44-5 (com adaptações).

Com referência ao texto acima, julgue os seguintes itens.

18. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) O emprego de vírgula logo após “Adorno” (ℓ.19) é facultativo e justificado, no texto, pela intenção da autora de enfatizar a menção desse filósofo.
    ( ) certo
    ( ) errado

A vírgula é obrigatória para marcar a ordem inversa com antecipação de um adjunto adverbial longo. Gabarito: **errado**.

19. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) A oração iniciada por “Quando” (l.4) tem valor condicional e poderia ser reescrita como “Caso discutido no nível teórico”, sem que se alterassem a correção e o sentido original do texto.
( ) certo
( ) errado

A noção semântica aqui é de temporalidade, progressão, “no momento em que” e não “se”. Gabarito: **errado**.

20. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Segundo a autora, a definição do belo surge como consequência do medo que se tem do que não é familiar, ou seja, do que fica à margem de padrões sociais e incide na categoria de desconhecido.
( ) certo
( ) errado

A definição de feio está aqui exposta em sua tese central, que será desdobrada: “Quando elevado ao nível de questão teórica, o feio sempre disse respeito ao que deveria ser devolvido às forças luminosas da beleza, à sua promessa de reconciliação com a vida, a sociedade, a verdade ou o divino”. Gabarito: **errado**.

21. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) A construção de conceitos ligados à beleza, ao bem e à verdade está alicerçada em noções associadas a princípios racionais já existentes na Antiguidade.
( ) certo
( ) errado

Isso está evidenciado no seguinte trecho: “ (nos períodos em que a filosofia esboça-se sob vozes iluministas — mesmo na Grécia antiga) ”. Gabarito: **certo**.

22. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Na linha 7, o emprego do sinal indicativo de crase em “a sociedade” e “a verdade” manteria as relações sintáticas e semânticas e a correção gramatical do texto.
( ) certo
( ) errado

A crase não seria admitida, porque já há a preposição “com” regendo esses termos. Gabarito: **errado**.

23. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) No último parágrafo, constrói-se uma relação da violência tanto com a feiura quanto com a beleza; enquanto o feio está ligado à violência do mundo não racional, o belo é violento por tentar subjugar esse mundo.
( ) certo
( ) errado

Essa tese da duplicidade de violências está explícita em "Segundo a tese de Adorno, o feio é um retorno da violência arcaica, e a beleza é o que aparece como violência enquanto tentativa de dominação de um horror como que ancestral, o horror advindo daquilo que é o pré-cultural, o pré-linguístico, o anterior à racionalidade, e a ela não subsumível". Gabarito: **certo**.

Texto 2

Em 1819, o poeta John Keats, um expoente do movimento romântico, escreveu: "a verdade é bela e a beleza, verdade. Isso é tudo o que precisas saber em vida; tudo o que
4 precisas saber". (Perdoem-me pela tradução amadora.)
Aqui, podemos perguntar: qual a relação da matemática com a beleza? Matemáticos e físicos atribuem
7 beleza a teoremas e teorias, criando uma estética da "verdade". Os mais belos são aqueles que explicam muito com pouco. Quando possível, os teoremas e teorias mais belos são
10 também os mais simples: dadas duas ou mais explicações para o mesmo fenômeno, vence a mais simples. Esse critério é conhecido como a lâmina de Ockham, atribuído a William de
13 Ockham, um teólogo inglês do século XIV.
Para os que creem na matemática como linguagem universal, essa estética leva à existência de uma única verdade,
16 o que parece guardar relação com o monoteísmo judaico-cristão nas ciências. Melhor é defender a matemática como nossa invenção. Criamos uma linguagem para descrever
19 o mundo, que não podemos deixar de achar bela.

Marcelo Gleiser. *Folha de S.Paulo* (com adaptações).

Com base no texto acima, julgue os itens que se seguem.

24. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) O texto adquiriria um tom mais formal caso o trecho entre parênteses, no final do primeiro parágrafo, fosse substituído por Tradução minha ou Tradução do autor.
( ) certo
( ) errado

O autor, ao desculpar-se, torna o texto mais informal, coloquial. Gabarito: **certo**.

25. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012)No trecho "um teólogo inglês do século XIV" (l.13), que serve como aposto apresentador de informações acerca de William de Ockham, o artigo indefinido poderia ser omitido sem que se prejudicasse a correção gramatical do texto.
( ) certo
( ) errado

O artigo indefinido ("um") não desempenha função semântica nenhuma no trecho em que aparece. Gabarito: **certo**.

26. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Sem que se prejudicasse o sentido original do texto, o trecho "dadas duas ou mais explicações" (ℓ.10) poderia ser corretamente reescrito como "em havendo duas ou mais explicações" e "como diante de duas ou mais explicações".
( ) certo
( ) errado

Todas as reescrituras obedecem ao padrão formal de significado exposto pelo trecho original. Gabarito: **certo**.

27. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) No trecho "monoteísmo judaico-cristão nas ciências" (R.16-17), o adjetivo é grafado na sua forma mais conhecida, embora também estejam corretas as formas judaicocristão e judaico cristão.
( ) certo
( ) errado

O adjetivo composto "judaico-cristão" deve possuir hífen, como o caso de "luso-brasileiro", "ítalo-germânico" etc. Gabarito: **errado**.

28. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Segundo o texto, na ciência, beleza, verdade e simplicidade são indissociáveis.
( ) certo
( ) errado

Não são indissociáveis, pois o próprio atributo de "verdade" é colocado entre aspas, para relativizá-la. Gabarito: **errado**.

Texto 3

1 Na literatura, verdade e beleza não se excluem, mas integram-se e completam-se, em uma relação de afinidade. Isso não impede a existência de problemas, como, por exemplo, o
4 das mudanças dos cânones estéticos: cada cultura, cada povo, época e lugar, cada classe social tem uma compreensão diferente da estética ou, ao menos, um protótipo diferente de
7 beleza. Evidentemente, isso não nega certa universalização da estética, mas o problema hermenêutico permanece. Se a literatura põe a lógica a serviço da beleza, no
10 sentido de que o autor pode mudar a ordem do mundo ou mesmo da linguagem para fazê-la "mais bela", ela põe também a estética a serviço da verdade: ela declara a verdade pelo belo
13 e através dele. A alternativa beleza/verdade é falsa, pois a obra pode ser bela e verdadeira ao mesmo tempo.
Antonio Manzatto. Teologia e literatura: reflexão teológica a partir da antropologia contida nos romances de Jorge Amado.

São Paulo: Edições Loyola, 1994, p. 27 (com adaptações).

29. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Na linha 4, o sinal de dois-pontos poderia ser substituído por pois, precedido de vírgula, sem que houvesse prejuízo à coerência do texto.
( ) certo
( ) errado

A coerência e a coesão seriam mantidas com a substituição proposta. Gabarito: **certo**.

30. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Mantendo-se a correção gramatical e as relações semânticas originalmente construídas pelo autor, o trecho "não se

excluem, mas integram-se e completam-se” (ℓ.1-2) pode ser assim reescrito: não se excluem, contudo, integram-se e completam-se.
( ) certo
( ) errado

O “mas”, aqui, não é sinônimo de “contudo”, pois não é adversativo. É, antes, um elemento de realce da afirmação subsequente. Gabarito: **errado**.

31. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Feitas as necessárias adaptações de grafia e pontuação, o advérbio “Evidentemente” (ℓ.7) poderia ser deslocado para o final do período em que se encontra, sem que houvesse prejuízo para a correção gramatical e o sentido original do texto.
( ) certo
( ) errado

O advérbio refere-se à primeira oração. Se for deslocado, passará a referir-se à segunda. Gabarito: **errado**.

32. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Mantendo-se a correção gramatical e as relações semânticas do texto, seu último período poderia ser assim reescrito: Haja vista que a obra literária pode ser, a um só tempo, bela e verdadeira, a dicotomia beleza/verdade não procede.
( ) certo
( ) errado

A reescritura obedece à ordem original da escrita. Gabarito: **certo**.

Texto 4

1 O problema da linguagem preocupou, desde o início, os membros da Comissão Revisora e Elaboradora do Novo Código Civil, lembrados de que, quando da elaboração do
4 Código de 1916, tais questões se traduziram em uma preferência pela forma em detrimento da matéria jurídica. Embora seja belo ideal a ser atingido – o da
7 composição dos valores formais com os da técnica jurídica –, nem sempre será possível atendê-lo, não se podendo deixar de dar preferência, vez por outra, à linguagem do jurista, sempre
10 vinculada a exigências inamovíveis de certeza e segurança.

O problema da linguagem é inseparável do conteúdo essencial daquilo que se quer comunicar, quando não se visa
13 apenas a informar, mas também a fornecer modelos e diretivas de ação. A linguagem de um código não se dirige a meros espectadores, mas se destina antes aos protagonistas prováveis
16 da conduta regulada. Como o comportamento deles implicará sanções premiais ou punitivas, forçoso é que a beleza formal dos preceitos não comprometa a clareza e precisão daquilo que
19 se enuncia e se exige.
Com essa compreensão da linguagem jurídica, ver-se-á que, apesar de nosso propósito de elaborar uma
22 legislação dotada de efetivo valor operacional, não descuidamos da forma. Procuramos, em última análise, preservar a beleza formal do Código de 1916, modelo
25 insuperável da vernaculidade, reconhecendo que uma lei bela já é meio caminho andado para a comunicação da justiça.

Miguel Reale. O problema da linguagem. Exposição de Motivos do Supervisor da Comissão Revisora e Elaboradora do Código Civil (1975). In: *Novo Código Civil*: Exposição de motivos e texto sancionado. Brasília: Senado Federal, 2003, p. 35-3 (com adaptações).

Acerca das ideias e estruturas do texto acima, julgue os próximos itens.

33. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Ao empregar pronome e formas verbais na terceira pessoa do plural – em “nosso propósito” (ℓ.21), “não descuidamos da forma” (ℓ.22-23) e “Procuramos (...) preservar” (ℓ.24) –, o autor adota o chamado plural de modéstia, com o que deseja fugir à responsabilidade de ter elaborado o novo Código Civil.
( ) certo
( ) errado

O plural de modéstia é adotado, mas isso não significa que o autor se exima da responsabilidade da execução operada. Gabarito: **errado**.

34. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) No trecho “não se visa (...) a informar (...) a fornecer” (ℓ.12-13), o elemento “a”, em ambas as ocorrências, poderia ser omitido sem que isso trouxesse prejuízo à correção gramatical do texto.
( ) certo
( ) errado

Embora o verbo “visar” seja, aqui, transitivo indireto, a preposição “a” pode ser suprimida pelo fato de se seguir a ela um conjunto de orações (em forma reduzida de infinitivo). Gabarito: **certo**.

35. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Com o fim de tornar o texto mais acessível ao leitor moderno, a estrutura “ver-se-á” (ℓ.21) poderia ser corretamente substituída por será analisado.
    ( ) certo
    ( ) errado

A forma “será analisado” não acataria o sujeito oracional introduzido pela conjunção integrante “que”. Gabarito: **errado**.

36. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) O termo “deles” (R.16) faz referência ao elemento “protagonistas prováveis da conduta regulada” (R.15-16), que, por sua vez, retoma a ideia veiculada por “meros espectadores” (R.14-15).
    ( ) certo
    ( ) errado

“Protagonistas prováveis” é retomado por “deles”, mas não retomam “meros espectadores”. Gabarito: **errado**.

37. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) A inclusão de vírgula logo depois de “inamovíveis” (ℓ.10) preservaria a correção gramatical e a coerência do texto, assim como seu sentido original.
    ( ) certo
    ( ) errado

As “exigências” são restritivas “de certeza e de segurança”. Se se colocar a vírgula, perde-se esse caráter restritivo, e “segurança” passaria a ser termo genérico, com mera explicação aos adjuntos que seguem “inamovíveis”, o que modificaria substancialmente o sentido do trecho original. Gabarito: **errado**.

38. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) O trecho “modelo insuperável da vernaculidade” (R.24-25), que exerce a função de aposto, apresentando uma característica do Código Civil de 1916, introduz uma justificativa para a opção, explicitada pelo autor, de “preservar a beleza formal do Código de 1916” (ℓ.24).
    ( ) certo
    ( ) errado

A função discursiva desse aposto é justamente a justificativa do trecho anterior. Gabarito: **certo**.

39. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) O “problema da linguagem” (ℓ.1 e 11) a que o autor se refere consiste na necessidade de se redigir um texto normativo isento de erros gramaticais, de forma a manter o nível de “beleza formal” (ℓ.17) do Código de 1916.
( ) certo
( ) errado

O problema a que se refere o autor é não permitir que o uso de uma linguagem rebuscada ofusque a clareza do conteúdo expresso. Gabarito: **errado**.

Texto 5

Constituem o que se denomina técnica legislativa as
normas e os princípios, escritos e não escritos, os quais, do
ponto de vista constitucional e jurídico, regem o modo de
4 escrever os textos legais.
Diferentes autores apresentam de maneiras diversas as
características que deve ter a lei bem feita. Em geral, todos
7 concordam que é mister conciliar cinco qualidades essenciais
da linguagem legislativa, a saber: simplicidade, precisão,
clareza, concisão e correção.
10 Tais qualidades, contudo, só se podem alcançar
quando o legislador conhece bem a matéria tratada na lei que
esteja em processo de elaboração. A falta de familiaridade com
13 as relações jurídicas, sociais ou econômicas decorrentes de um
projeto de lei responde por muito da imprecisão quando não
pelo conflito direto de uns dispositivos com outros, por
16 exemplo.
Do ponto de vista conceitual, contudo, embora
diretamente ligada ao estilo e aos seus aspectos formais e
19 gramaticais, a técnica de redigir textos legais não é limitada por
eles. No meu modo de pensar: a lei precisa ser universal e
abstrata, substantiva e imperativa, normativa e principiológica;
22 o texto da lei deve ser objetivo, direto, conciso, bem ordenado,
simples e claro.

Said Farhat. *Dicionário parlamentar e político*: o processo político e legislativo no Brasil. São Paulo: Editora Fundação Peirópolis/Melhoramentos, 1996, p. 943 (com adaptações).

Acerca do texto acima, julgue os itens que se seguem.

40. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) A ausência do artigo as imediatamente antes de “cinco qualidades essenciais da linguagem legislativa” (ℓ.7-8) permite inferir a possibilidade de a linguagem legislativa ser caracterizada por outras qualidades essenciais não mencionadas.
( ) certo
( ) errado

A omissão do artigo definido deixa implícito exatamente o fato de que há ou deve haver outros princípios. Trata-se de uma inferência. Gabarito: **certo**.

41. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Sem que houvesse alteração do sentido do texto nem prejuízo para sua correção gramatical, o trecho “Em geral (...) a saber” (ℓ.6-8) poderia ser assim reescrito: É de concordância geral entre eles ser desejável reunir cinco características essenciais da linguagem legislativa, quais sejam.
( ) certo
( ) errado

“Em geral” é um elemento modalizador, isto é, que atenua o sentido do trecho. “É de concordância geral” operaria o oposto: acentuaria e generalizaria o trecho. Gabarito: **errado**.

42. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) O texto pode ser classificado como didático por ser marcado pela repetição de vocabulário e ausência de elementos subjetivos.
( ) certo
( ) errado

O texto pode ser classificado como didático, exatamente por possuir, entre outras qualidades, a ausência de repetição vocabular. Gabarito: **errado**.

Texto 6

Artigo I
Fica decretado que agora vale a verdade.
Agora vale a vida,
e de mãos dadas,
trabalharemos todos
pela vida verdadeira.
(...)
Artigo III
Parágrafo único
O homem confiará no homem
como um menino confia em outro menino.
(...)
Artigo Final
Fica proibido o uso da palavra liberdade,
a qual será suprimida dos dicionários
e do pântano enganoso das bocas.
A partir deste instante
a liberdade será algo vivo e transparente
como um fogo ou um rio,
e a sua morada será sempre
o coração do homem.

Thiago de Mello. Estatuto do homem (fragmento).

Julgue os itens seguintes acerca do fragmento de poema acima.

43. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Como seu propósito é normatizar o comportamento de um novo homem, o poema apresenta tom imperativo.
( ) certo
( ) errado

O poema não apresenta tom imperativo, mas apelativo. Gabarito: **errado**.

44. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) Os versos do “Parágrafo único” expressam o desejo do autor de que homens e meninos confiem uns nos outros.
    ( ) certo
    ( ) errado

Não se trata de um desejo, mas de uma exortação. Gabarito: **errado**.

45. (Analista Legislativo/Câmara dos Deputados/Cespe/2012) É correto afirmar que o poema mimetiza características de outro gênero textual.
    ( ) certo
    ( ) errado

Mimetizar significa copiar. Ele copia a redação de um gênero legislativo para compor o seu poema. Gabarito: **certo**.

Capítulo 3 – Fonética e fonêmica

1 Introdução: som, comunicação, linguagem: universais linguísticos e rudimentos de fonêmica portuguesa

Todas as discussões em torno das quais gire a presumível superioridade da língua humana têm, como esteio, a dicotomia seguinte, de cujo cerne se buscam distinções: como separar homens de animais, se ambos (1) emitem sons e (2) comunicam?

De fato, os que se calcam meramente na emissão sonora, proveniente assim de humanos como de animais, não saberiam captar, de um cão, por exemplo, uma mensagem na qual aquele estivesse referindo-se a seu "estado de espírito" ontem ou, num prognóstico, amanhã, ou mesmo dali a alguns minutos, a despeito de supostas evidências que apontassem a uma certa conjuntura específica e inequívoca de prazer. Se há, por via de regra, verbos que designam algumas sutilezas do "estado de espírito" canino – ladrar, ganir, uivar, latir etc. –, provindos, aliás, de um como que afã do homem em sistematizar emoções (mesmo dos seres irracionais), esses verbos, repetimos, malogram qualquer especificidade mais aprimorada do que algo referente ao mero momento em que o som, seja ele qual for, estiver sendo emitido pelo cão. Assim é que dizemos que aquele animal *ladra* de raiva, *gane* ou *uiva* de dor, *late* por inquietação, sem, contudo, podermos dizer que *ladra* por expressar uma raiva enrustida ou *uiva* para expressar antecipadamente uma saudade que julga sentir. Quem ousaria fazê-lo exceto por uma licença sobejamente poética?

E, assim como os cães, os outros animais, que não o homem, não respondem senão a estímulos externos que provoquem, *naquele momento* (este é um ponto primacial), a emissão de qualquer sinal comunicador.

Estando atrelada, como vemos, a fatores externos, resta claro que a capacidade – mesmo sonora, por assim dizer – dos animais seja demasiado limitada: compõem-se, esses animais, de uma muito reduzida gama de sinais que ou não se recombinam em prol de mensagens mais complexas, ou, se se recombinam – como comprovou eficazmente certas experiências com animais gregários, como abelhas –, não chegam a comunicar ideias muito intrincadas, e tampouco se referem a essas ideias em outro lugar que não o "*aqui e agora*". Tudo isso, outrossim, pelo fato de os animais não poderem expressar ambigüidades, quer sejam estas intencionais (as heraclíticas, por exemplo), quer não o sejam.

É, pois, na possibilidade de emitir sons articulados e divisíveis, e, ainda, na capacidade de atribuir a esses sons significados exteriores que reside a diferença entre a linguagem humana e a comunicação animal, para, agora sim, sermos técnico no lidar com o assunto. Por isso, afirmamos com certa veemência que a linguagem estaria calcada na oralidade, sendo atributo

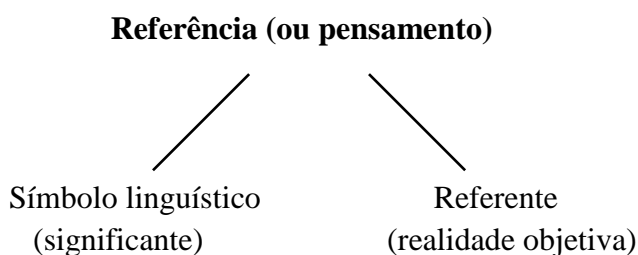
exclusivamente humano, desde que, por oralidade, entender-se-á, de agora em diante, a faculdade inerente ao conjunto psicobiossocial de que se reveste o homem.

E, sem dúvida, reconhece-se, hoje, a linguagem como uma das faculdades de maior importância a que o homem por assim dizer *recorre* a fim de dirimir certas ânsias, quer o sejam boas, quer más. Haja vista, como se disse algures, o afã do homem em rotular emoções, ímpetos, sensações etc. com uma vestimenta fônico-gráfica – a palavra. Além disso, os estudos linguísticos apontam-na (essa linguagem) como o grande vão que separa – cognitiva e comportamentalmente, queremos dizer – homens de outros animais, conforme mais ou menos satisfatoriamente ficou acima exposto. Sem contar que é a expressão de toda uma comunidade, modo com que um homem se agrega a outros; constituir-se-á, por esse meio, a necessidade de padronização dos "instrumentos" necessários à consubstanciação do entendimento de uma mensagem: eis um rudimento de definição da língua, pecando, ainda, por escassez de elementos.

Isto é: se é, de fato, muito difícil estabelecermos os primórdios da linguagem, sua gênese – e entendamo-la desde já como sobremaneira intrínseca ao homem –, não o é da mesma forma a conclusão de que esta "é uma faculdade imensamente antiga da espécie humana e deve ter precedido os elementos mais rudimentares da cultura material” (Sapir). Não está à disposição dos linguistas uma precisão quanto aos detalhes da origem da linguagem, até porque, transcendendo a gênese orgânica, que a origina, como vimos, uma língua há de sofrer sucessivas evoluções semânticas a fim de adequar-se às necessidades peremptórias dos povos que dela lançam mão.

Disso, tirar-se-á uma primeira conclusão, já tão claramente propagada por Saussure e seus discípulos: a função primordial de uma língua é transmitir mensagens, o que se dá graças a um complexo conjunto de *sons* arbitrariamente estipulados a fim de designarem coisas, quer sejam estas palpáveis, quer não. E, em “Curso de Linguística Geral“, dá o mestre um claro caminho a ser seguido à luz do discernimento mais fino: “Evitando estéreis definições de termos, distinguimos primeiramente, no seio do fenômeno total que representa a *linguagem*, dois fatores: a língua e a fala. A língua é para nós a linguagem menos a fala. É o conjunto dos hábitos linguísticos que permitem a uma pessoa compreender e fazer-se compreender "(CLG: 92).

Assim, para estabelecer-se a comunicação, é necessário que a uma dada coisa, proveniente do “mundo dos objetos” (cf. Cassirer), num primeiro patamar de detecção, seja atribuída uma chancela fônica, uma vestimenta sonora que a represente: eis o que se entende, *grosso modo*, por *signo linguístico*, – a indissociação que se dá, na língua, entre o *som* que representa um objeto (mas lembremo-nos de que este *não* precisa ser empiricamente detectável), o que se denomina “significante”, e a *ideia extralinguística* a que este objeto remete, ou o “significado”.

Outras terminologias paralelas designam-nos, o significante e o significado, respectivamente como “estrutura” e “conteúdo”, e (especificamente com os linguistas mentalistas) como uma tripartição indissociável, em vez da bipartição acima aludida. Dentre tais mentalistas, citamos o triângulo de Ogden-Richards.

Aqui, referente e símbolos não se ligam entre si, mas encontram sua ligação graças à referência, sem cuja intervenção, pois, não se consolidariam os alicerces da mensagem. Assim, o segmento fônico (símbolo, significante, estrutura etc.) não teria por si só qualquer função descritiva de algo oriundo da realidade objetiva (mundo dos objetos, referente), se, entre um e outro não houvesse intervenção mental no sentido de estabelecer-se *uma referência* que lhes permitisse a associação.

Lembramos que Saussure refutou a terminologia "símbolo" como se fosse sinônimo de "significante", uma vez que, segundo ele, a ideia de símbolo estaria mais ligada à representação visual, não arbitrária, digamos, da coisa representada. É a razão por que se diria que a balança é o *símbolo* de equidade, uma vez que "não poderia ser substituído por um objeto qualquer, um carro, por exemplo" (CLG: 82).

Dessa forma, se uma escrita tivesse de ser calcada primordialmente em símbolos, haveria de ser eminentemente *ideogramática*, como por exemplo o foi o hebraico em seus primórdios (um pouco adiante falaremos sobre o conceito "ideograma" em face de outros importantes à elucidação que se propõe este trabalho).

Hodiernamente, a língua é, sem dúvida, um dos fundamentos sobre os quais se firma o gregarismo do homem, uma das pedras de toque graças às quais aquele se pode fazer expressar e, por conseguinte, compreender a expressão de outros seus semelhantes.

No entanto, indo um pouco além desse pressuposto, concordamos com Jakobson em seu clássico desmembramento das funções da linguagem em:

1. *Referencial* – calcada na ideia básica de Saussure de que uma língua é o resultado de necessidade de se exprimir objetivamente uma ideia preexistente;
2. *Conativa* – centrada na aptidão – e na inclinação – que um homem tem para convencer outros;
3. *Emotiva* – calcada no locutor da mensagem, com suas sutilezas afetivas e líricas;
4. *Poética* – preocupada com o próprio significante, em primeiro lugar; com a textura física da palavra no todo: o signo, ainda que, em última instância, em detrimento do significado; haja vista os jogos de palavra, trocadilhos, difundidos desde o tempo de Shakespeare ou Camões, em que o significado fica à mercê do prazer estético do espectador;

5. *Fática* – em que se estabelecem limites e protocolos de convívio social;
6. *Metalinguística* – em que conceitos – sobretudo os do próprio fazer literário *lato sensu* – são trazidos à baila.

Em parelha com essa visão, relevamos a de Bühler, pela qual a linguagem, ponto de cujo centro promana a língua (consubstanciada esta em fala), traz consigo os matizes *provocados* pelo usuário; a saber:

1. Apelo (al. Appell);
2. Representação (al. Darstellung);
3. Manifestação (al. Kundgabe).

O fato inegável – e inerente a todas essas filosofias supracitadas – é que a linguagem é a mais recôndita forma de manifestação psíquica do homem, e só a ele importa achar sutilezas com que possa, assim, melhor manifestar-se, campo de investigação da estilística, da análise textual, da pragmática etc.

Com dizer isso, chegamos à conclusão de que a escrita é menos importante – linguisticamente (e não tememos padecer de radicalismo) – do que a fala: pessoas podem travar comunicação sem saber ler ou escrever. Além disso, a capacidade de aquisição de uma língua, já na infância, é uma das maiores diferenças entre o homem e os demais animais, assim orgânica como intelectivamente, cumpre assinalar.

> "Todas as línguas – é importante enfatizar desde o início – têm conjuntos de sons distintos chamados fonemas; uns conjuntos são agrupados em seqüência chamadas morfemas (...); e os morfemas se encaixam em estruturas denominadas palavras, sintagmas e sentenças" (grifos nossos) (traduzido e adaptado de "The ABC's of Language and Linguistics", de C. Hayes Ornstein e W. Gage).

E, aqui, chegou-se a nova diferença entre a linguagem humana e uma presumível "linguagem" animal, termo impróprio: embora esta última exista se considerarmos que os animais podem transmitir entre si certas mensagens, essa tal "linguagem", por meio da qual eles se comunicam, repitamos, não resistirá à mais rasteira investigação fonêmica (tampouco a uma morfológica) que tente depreender sons mínimos que, reagrupados, forneçam subsídios à estruturação de um conjunto ilimitado de sentenças.

Com efeito, o homem, ao utilizar uma língua, inconscientemente lança mão de seu *sistema*, de seu *gênio*, a fim de, embora dispondo de número limitado de sons, construir sentenças em que possa ilimitadamente expressar suas mensagens, bem como seus universos volitivo, cognitivo, expressivo.

Assim é que esbarramos com a importância do “reaproveitamento” de sons em uma língua – o que, reiteramos, difere o homem (portador de linguagem) dos outros animais. É a chamada “economia de uma língua” (cf. Antônio Houaiss). “É o caso de perguntar” – diz Houaiss – “o porquê de tamanha 'economia': se podemos transmitir tantos e tantos sons e ruídos, que nos dariam milhões e milhões de sílabas, por que (se há uma explicação para isso) reduzimos tanto o nosso poder? Porque – parece claro –, se os podemos emitir, podemos, em contrapartida, confundir, e com isso comprometer o que queremos, a intercomunicação”. E seria esta a razão precípua por que o homem, embora dispondo de um sem-número de sons, agrupa-os sistemática e limitadamente, para darmos cabo à discussão.

Daí a importância que se vem dando à possibilidade o homem compartimentar sua língua; possibilidade esta que, em última instância, dá-se graças ao estabelecimento da noção de *fonema*, segundo passo de nossa incursão.

2 Conceitos necessários para a compreensão do estudo de fonética e fonêmica

2.1 Fonema

Segmento sonoro mínimo que, soando simultaneamente como num feixe (ingl. *Bundle*) de traços *distintivos* (ingl. *Features*), dá a exatidão do significado de uma certa forma linguística se comparada a outras formas que não possuam aquele fonema ou, em seu lugar, possuam outro.

É assim que se estabelece a diferença semântica entre:

Vala, ala, fala, tala, rala, sala etc.

Este traço distintivo – isto é, a oposição a outras formas na língua – é o que caracteriza o fonema, separando-o do conceito de *som da fala*, que é o que, em certa língua pôde ter sido estabelecido, – por razões etimológicas, sociais etc. – como os sons pertinentes aos falantes daquela língua específica.

Por exemplo, seriam análises de *sons da fala* as seguintes descrições:

a) Em alemão, o ch após a vogal ganha uma articulação inexistente em português, e, por isso, de difícil reprodução fonética aí: a língua levanta até tocar os alvéolos e é emitida uma corrente de ar que encontra, na língua levantada, seu maior obstáculo, obrigando o ar a encontrar a saída pelas partes laterais; assim, do ponto de vista auditivo, esse ch soará – o que é próprio *do alemão*, reiteramos – meio chiante, meio sibilante. Exemplo: *sprechen.*

b) Em francês, o u, é pronunciado com os lábios quase inteiramente fechados e arredondados, dando-lhe, no português, uma similaridade com o i (em alemão, por exemplo, o som que se aproxima muito deste u francês é o u com trema, ou melhor, com *Umlaut* – ü).

Exemplos: Francês – fluer (fluir)
Alemão – begründen (fundar)

c) Em inglês, o th, resultado do θ (theta) grego, é emitido com o levantamento da língua até os dentes frontais da arcada superior (posição linguodental), e a corrente de ar encontra, em tal posição da língua, seu maior obstáculo.

Exemplo: Thin – (magro).

Todo esse estudo, sobretudo comparativo, está restrito ao estudo dos *sons da fala* (das várias línguas, como vimos), e interessa mais propriamente à *fonética* do que à *fonêmica*.

É interessante sabermos que o estudo fonético, até o que se restringe ao dos sons da fala, pode ter como alvo a delimitação dos significados dos vocábulos de certa língua. Tal abrangência se demonstra, por exemplo, quando se ultrapassa o âmbito meramente articulatório/auditivo de certo fonema em certa língua – isto é, a sua correta pronúncia –, chegando-se às distinções que seriam causadas se aquele fonema não fosse articulado (e ouvido) da maneira exata como se especificou no estudo *fonético*.

Vale o exemplo de Mattoso:

It's thin.

Pelo estudo fonético, chegou-se àquela conclusão quanto à correta articulação do th em Inglês (ver item C acima); isto seria, em princípio, uma preocupação *fonética*, nunca é demais a insistência.

Entretanto, se, neste caso particular, articula-se o *th* de outra forma, este representará novo(s) fonema(s), e, pois, nova(s) significação(ões).

A tendência do falante é, caso o fonema em questão não exista em sua língua, como ocorre com o th inglês, emiti-lo da forma mais próxima de um fonema aí existente. Assim é que o th, para um falante de língua portuguesa, só para darmos um exemplo, soaria ora como s, ora como t, dificilmente como *theta*:

It's sin (pecado)
It's tin (lata)

O que sairá, como falamos, do mero estudo *fonético*, não tão preocupado com o traço distintivo que caracteriza o fonema, pois que percebemos que cada palavra, em função de um fonema específico, terá uma significação própria, o que perfaz as fronteiras da *fonêmica*.

De tudo isso, depreende-se a excelente conceituação de Jakobson:

> "O fonema é próprio som, mas interpretado na sua função diferenciadora e não na sua execução [o problema da execução está no âmbito das investigações do som da fala]."

Por serem em número limitado, os fonemas se dispõem num paradigma – o *sistema fonêmico* – de grupos 1) opositivos (ex: em português /t/:/d/, em que há oposição quanto à ausência ou presença de sonoridade) ou, ainda, 2) associativos (ex; em português /t/-/d/ pela coincidência de articulação linguodental).

Em parelha com esses conceitos, convém estudar-se, outrossim, alguns outros, que, ora restritos ao campo fonético-fonológico, passaremos a apresentar:

1.1 *Sincronia*: designa a simultaneidade dos fatos de uma língua num dado momento da História – o *estado linguístico*.

Tal estado é apresentado segundo um parâmetro de análise em que sobressai um conjunto de correlações e oposições (q.v. exemplo acima).

1.2 *Diacronia*: designa a transmissão de uma língua através dos tempos, o que acarreta mudanças evolutivas que, por seu turno, descortinam estados linguísticos diversos, se analisados, então, sob o ponto de vista sincrônico, em cujo interesse reside mais propriamente a abordagem daqueles fatos estanques.

Enquanto a *sincronia* se preocupa sobremaneira com a descrição de um determinado momento da língua, deduzindo, deste, os fatos concomitantemente ocorrentes, a *diacronia* estuda a língua desde seus primórdios até nossos dias, preocupando-se antes com os princípios que a induziram às transformações dos tais estados linguísticos.

Na língua portuguesa, divide-se convencionalmente a História em cinco grandes *períodos* ou *fases*:

1. Latim vulgar imperial – até séc. IV
2. Romanço-lusitânico – séc. IV a séc. IX
3. Protoportuguês – séc. X a séc. XI
4. Português arcaico – séc. XII a séc. XV
5. Português moderno – séc. XVI em diante.

Tais fases, repetimos, não correspondem *stricto sensu* às transformações dos estados linguísticos, que têm, embora atrelados naturalmente ao domínio da investigação diacrônica, maiores afinidades com o estudo sincrônico, de onde, isto sim, decorrem.

2.2 Comutação

O método que vimos acima é que permite detectar a existência de um fonema, uma vez que, sendo este substituído, chegar-se-á a um novo significado. Recebe o nome de *comutação*; aliás, método de comprovada eficácia em outros planos da gramática estruturalista, como na morfologia, na sintaxe e na própria semântica.

Cala/cola/gala/gola
Sujo/sugo/suco

Deixamos claro que o estudo fonético, diferentemente do que pode ter sido depreendido do quanto até aqui ficou exposto, tem como objeto principal a coleção do "material sonoro bruto" (cf. Jakobson) dentro de uma língua. Assim, a par de estabelecer investigação no plano universal, a fonética é voltada, igualmente, ao plano histórico (isto é, uma dada língua), retirando de seus falantes a maior gama possível, à exaustão, de matizes sonoros que esses possam emitir, o que, como veremos, aproxima a investigação em tela do estudo das variantes fonéticas ou alofones.

2.3 Alofone

Alofone é, em sentido estrito, a variante ou variação correspondente aos fonemas. Tal variante pode ser:

- *Variante Livre*: se depende exclusivamente dos traços articulatórios dos falantes da língua, sem ter imiscuída em si uma intenção de apelo ou expressividade. Tal variante faz depreender a possibilidade de uma mesma língua, embora apresentando – obviamente – comunidade de códigos, léxico etc., ter, não obstante, significativas variações diatópicas e diastráticas, isto é, mudanças atinentes ao lugar e ao nível social de onde são oriundos os falantes em questão. O Professor Mattoso nos dá o exemplo da articulação africada (consoante oclusiva com repentino aparecimento, na parte final, de uma constritiva) em certos falares.

Tia – /tchia/ (obs. como *chair* do inglês)

Tal articulação constitui, ao contrário do que poderia parecer, apenas um fonema, pois, dos pontos de vista fonêmico (ou fonológico ou fonemático) e fonético, equivale a um segmento indivisível.

Por fim, quanto à variante fonética livre (e, mais especificamente quanto ao exemplo sugerido), o Professor Mattoso adverte que, apesar de obviamente palatalizada, tal pronúncia, recorrente na cidade do Rio de Janeiro, não deve ser encarada como um fenômeno de palatalização, o que pertence ao âmbito, como veremos, da Gramática Histórica ou, segundo Saussure, Diacrônica.

- *Variante Estilística*: quando a variante, ou melhor, a articulação se dá em função de uma série de traços excepcionais advindos de intenções psíquicas de apelo. Ainda aproveitando o vocábulo "tia", Mattoso ensina que seria o caso de, ora, esta ser falada com um "i" prolongado, indicativo quer de surpresa, quer de carinho.

Observação: Quando um alofone tem a propriedade de anular a distinção entre dois ou mais fonemas, diz-se ter havido *neutralização*, e o fonema resultante, por assim dizer, chama-se *arquifonema*, que pode: A) corresponder a um dos fonemas ("fonema vencedor?") ou B) ser uma espécie de "denominador comum de todos eles [os fonemas anteriores]"(Mattoso). E exemplifica mais uma vez com a seguinte tela:

pus, luz, flux – todos pronunciados [s']

Em outro caso de alofone, deparamo-nos com o *debordamento*, em que haverá emprego facultativo de um fonema por outro em certa forma da língua, como em: /e:/ por /i/ ou /o:/ por /u/, quando pretônicos; são os casos de:

academia – /akadímia/ ou /akademía/
corista – /kúrista/ ou /korísta/

2.4 Fonética

Quanto ao plano universal, entendamos a fonética como a depreensão dos sons da fala humana em seus aspectos:

1. Físico;
2. Fisiológico

Isso gera uma tripartição em:

1. Fonética Articulatória (ou motriz);
2. Fonética Acústica;
3. Fonética Perceptual (ou auditiva)

Quanto ao plano histórico, parece-nos claro que a fonética há de levar em conta mesmo as mínimas variantes fonéticas, ainda que tais variantes não cheguem a afetar a compreensão de uma forma linguística, não chegado, pois, ao campo da fonêmica. No mais, vale ressaltar como parte da investigação fonética (ou como estudos ancilares desta), por exemplo:

1. O papel das cordas vocais.
2. O modo de articulação.
3. O ponto de articulação.
4. As caixas de ressonância.
5. As articulações secundárias.

2.5 Fonética e fonêmica

A partir da criação do termo fonema, em fins do séc. XIX (por Baudoin de Courtenay, Rússia), os linguistas passaram a se preocupar com a oposição linguística que, como vimos, caracteriza-o. Isto é: se, do ponto de vista fonético – que era o que norteava os estudos relativos ao som –, encaram-se estes sons por critérios físicos e fisiológicos, a fonêmica introduziu uma investigação voltada para as mudanças de significado que a substituição de um fonema por outro ocasiona. Tudo isso tendo em vista a “economia de uma língua” (cf. Houaiss).

Pode-se afirmar, então, que, para os linguistas, a partir do advento dos estudos fonêmicos (e do conceito de fonema), o importante é o que se "consegue" linguisticamente (o que se comunica) quando se substitui um som por outro (um fonema por outro), e não a forma como este som é, por uma série de movimentos articulatórios, emitido (e captado).

“Es, pues, base esencial para la diferenciación entre sonydos e fonemas” (ensina Tomás Navarro. – *apud* Rocha Lima: 13) “el efecto que los cambio fonéticos ejercem sobre el valor semántico de las palabras. Las modificaciones de articulación y sonoridad que la n, por ejemplo, experimenta en confuso, encima, y cinco, son sonidos de um mismo fonema.”

Por conclusão, vê-se que a fonêmica não se preocupará com os diversos matizes (quer sejam diafásicos, diastráticos, diatópicos) que se possam dar a um mesmo fonema: uma vez que haja a identidade daquele significado graças à presença do fonema que ali está, não importam tanto as **variações** (*alofones*) que porventura tenham ocorrido.

É o caso de “tio”, que, no Rio de Janeiro será falado como “tchio” (pronúncia africada), enquanto no sul do país será mantida a "secura" do fonema /t/ (pronúncia dental firme), sem que,

com tal variação, ocorra diferença de significado entre o vocábulo "tio", quer seja pronunciado de um jeito, quer de outro.

Daí, infere-se: a análise fonética está voltada para a articulação, tanto física quanto fisiologicamente. A análise fonêmica busca a distinção funcional de sons, o que faz que, por substituição de fonemas, chegue-se a significados distintos.

Podemos dar um outro passo.

2.6 Fonemas / letras / ideogramas / grafemas

Já concluímos que os fonemas são do âmbito de estudos (fonético e fonêmico) preocupados com o *som*, não com a escrita, e que este som pode ser analisado física e fisiologicamente (fonética) ou em sua abrangência de significados (fonêmica).

Cumpre levantar, contudo, novo conceito aí: o estudo que, de fato, preocupa-se com o comportamento dos fonemas é a *fonêmica* (/vala/x/fala/ fonemas/v/e/f/ criando significados diferentes). A fonética está voltada para os sons da fala (linguisticamente, os *fones*). Cumpre, por fim, relembrar que a fonética pode depreender um fone por critérios acústicos, articulatórios ou auditivos.

• *Acústico* – propagação de ondas sonoras no ar.
• *Articulatório* – desempenho dos órgãos do aparelho fonador.
• *Auditivo* – impressão causada ao aparelho auditivo do ouvinte.

Assim é que se pode dizer que, do ponto de vista articulatório, /p/ é oclusiva; auditivamente é plosiva. Do ponto de vista articulatório /s/ é constritiva; auditivamente é fricativa (as subdivisões das *constritivas* parecem na NGB ter seguido critério auditivo, o que teria sido um lapso dos eminentes professores que a compuseram) e sibilante ao contrário de /x/ e /j/ (que são chiantes) etc.

Letra é, por seu turno, o sinal gráfico empregado, *na escrita*, para representar o sistema sonoro complexo de uma língua. São – como quer Mattoso (DFG, 244) – “sinais gráficos elementares com que se constroem na *língua escrita* os vocábulos, da mesma sorte que os vocábulos da língua oral se constituem de fonemas”.

Há diversas formas de se provar a distinção entre letra e fonema. Eis algumas:

• A mesma letra indicando, em ambientes fonéticos distintos (ou não), fonemas diferentes:

a) ambiente fonético distinto – bal**s**a (entre consoante e vogal)
ca**s**a (entre vogal e vogal)
b) mesmo ambiente fonético – México (entre duas vogais)
léxico (entre duas vogais)

• O mesmo fonema podendo ser indicado por mais de uma letra:

xícara chácara

• Várias letras indicando um fonema (dígrafo):

a) dígrafo consonantal – chuva
b) dígrafo vocálico – santa

• Letras que não são pronunciadas (mas que têm , em geral , função diacrítica – geralmente de timbre):

a) Ah ! Oh ! (o /á/ e o /ó/ , graças à letra **h**[21] serão de timbre aberto) .
b) Homem / helicóptero

2.7 Letra diacrítica

O ditongo "ou" é pronunciado em certas regiões como /ô/:

Roubo /**rôbU**/
Roubou / **rôbô**/

M e N têm função meramente diacrítica se após vogal e antes de consoante (simultaneamente) – santo, senta, campo – não sendo, pois, um fonema isolado, mas, sim, um *arquifonema nasal*, uma vez que, como vimos, fará a nasalação de vogal que o precede. Adotaremos o critério de representação fonológica de todo arquifonema com letra maiúscula; assim é que teremos: campo /kaNpU/; santo /saNtU/; senta /seNta/. Observe que, quando dígrafos vocálicos (donde resultam arquifonemas nasais), M e N não podem de per si ser analisados como fonemas: em "santo", por exemplo, temos quatro fonemas (daí alguns autores representarem o "a" nasal – graças ao "n" – com um til, para fazer coincidir o número de fonemas

[21] O **h** tinha , quando usado na frente de uma vogal , a característica de abrir-lhe o timbre; como se vê neste trecho do "Castello perigoso" – séc.XIX:
"*E justo he o que dizem as palavras suso ditas* **"** (*In*: Textos Arcaicos , José Leite de Vasconcelos: 48).
Em muitos lugares, há *letras* cuja função é apenas alterar o timbre das vogais próximas a elas, conforme predisséramos pouco acima.
Assim é o caso do **c** em certas palavras em Portugal, desaparecidas após o atual acordo ortográfico:
Objecto / dialecto / director
Que tinham função diacrítica de abrir o timbre do **e** (/é/), independentemente de este **c** ser ou não pronunciado.

com o número de letras de transcrição fonológica – o que não nos parece certo, uma vez que a transcrição é, repitamos, *fonológica*, e não *fonética*; pelo que não adotarmos /sãtu/).

Apesar de não constituírem fonemas independentes M e N têm função fonêmica, não apenas fonética, uma vez que cria distinção de significado; faça-se a comutação:

CAMPO X CAPO SENTA X SETA

É interessante observarmos que, embora a letra diacrítica, a rigor, possua sua característica individual como fonema, se à palavra forem adicionados certos morfemas, poderá aquela letra voltar a revestir-se da particularidade de ser um fonema próprio.

Assim é que, exemplificamos:

Occam /oka**N**/ (um dos precursores da teoria escolástica): arquifonema /N/ Occamismo / oka**m**ismo/ Fonema /m/

Aqui, o sufixo “restabeleceu” o status de fonema ao que, em outra situação, restringia-se a arquifonema.

A noção de *ideograma*, em primeira instância contrária à língua portuguesa, é a que preconiza que o sinal gráfico (do âmbito da escrita) possa reproduzir integralmente um dado radical (semantema).

Na evolução dos alfabetos, é sabido que as primeiras letras eram ideogramas: o *aleph* (boi) hebraico era o desenho de um boi; evoluiu para o *alpha* grego (com desenho semelhante àquele acalentado no alfabeto hebraico), chegando ao **a** latino .

No período pseudoetimológico da ortografia (do Renascimento até os primeiros anos do séc. XX), alguns autores alegavam que "lágrima" se devesse escrever com "**y**" (lagryma), pois tal letra (y) era mais expressiva neste vocábulo, porquanto mostraria com certa fidedignidade o desenho que uma lágrima faz ao contornar o pescoço daquele que a derramou (nota que nos foi fornecida por Evanildo Bechara). Aí, o **y** acumularia a função de um ideograma, visto trazer, como queriam os que lutavam por ela, o significado visualmente apreendido daquilo que representava, o que enriqueceria expressivamente, alegava-se, o significado da palavra.

Os *grafemas* são símbolos gráficos, como as letras, e que, no entanto, têm como objetivo que se debelem certas confusões propiciadas por palavras de significados diferentes e que possuam, embora, exatamente os mesmos fonemas. Assim, os grafemas surgem para que, na escrita, e, pois, visualmente, possam ser distinguidas palavras com significados distintos (homófonas/homônimas). não se deve confundir tal conceito com o de clareza gráfica, ou mesmo certas distinções morfológicas (caso este em que se inserem “tem” e “têm”, por exemplo):

Massa x maça

Na língua oral, não seria possível distinguir-se um vocábulo de outro; na língua escrita – graças ao grafema – tal distinção é possível.

Outros exemplos:

Cerrar x serrar
Cessão x sessão x seção
Inserto x incerto

2.8 Rima

A respeito da "visualização" da palavra como subsídio insubstituível a fim de melhor apreender-lhe, quer o significado (como ocorre com os grafemas), quer a ligação expressiva que esta palavra possa ter com outras de um texto (geralmente um poema), sobre este último caso, relevamos a importância das discussões acerca da *rima imperfeita*. Ocorre que, na tradição poética brasileira, é comum que sejam obedecidas a pronúncia e as variantes fonéticas, quando do fenômeno de rima .

Assim, Casimiro de Abreu, ao rimar "nus" com "azuis", leva em conta um "i" epentético da pronúncia usual de "nus" (y/nuiz/= /azuis/), sem o qual a rima se tornaria sobremaneira artificial. Em termos de um mesmo "i" epentético proferido no final de sílaba travada pela consoante "s", temos, em Castro Alves, a rima de "espirais" com "satanás".

É de se estranhar que o professor Rocha Lima não tenha interpretado as palavras de Manuel Bandeira, ao dizer, este último, que "aposto, rosto; melhores, flores; bela, estrela" são "*rimas quase só para os olhos*". (Manuel Bandeira, *in* "Antologia dos poetas brasileiros da fase romântica" – *apud* Rocha Lima: 540). Contra essa afirmação, rebate linhas abaixo o grande professor: "Ao contrário, 'a rima é só para o ouvido".

Achamos que, aí, o professor levou em consideração, de fato, as rimas que se calcam na pronúncia, nas variantes fonéticas (como azuis, nus; espirais, satanás). No entanto, os exemplos de Manuel Bandeira são, na verdade, rimas mais bem "percebidas", de fato, "pelos olhos" do que "pelos ouvidos", em função da rima entre vogais de timbres diferentes (aberto, fechado, reduzido), embora comuns em nossos poetas, serem de certa forma desconcertantes a quem apenas escuta o poema, sem tê-lo diante dos olhos.

Há rimas para os ouvidos (levando em conta as mínimas variantes fonéticas). Há rimas para os olhos (que, à moda do que ocorre com grafemas, não víssemos a escrita, poderíamos não acatá-la como na rima de fato).

Quanto à questão da letra indicando som ou imagem, vale a citação de J. Mattoso C. Jr.:

> Ao lado da grafia, que é a base da língua escrita, existe nos estudos lingüísticos a chamada *transcrição fonética*, que é um recurso para fixar visualmente as realidades da língua oral. Aí, a letra corresponde rigorosamente a um fonema *ou a uma variante do fonema* [com este último caso, a *transcrição fonológica* não está, *grosso modo*, muito preocupada], ao passo que na grafia usual, mesmo a que mais se cinge ao sistema de fonemas, a letra é antes um grafema. (DFG: 200).

2.9 Aparelho fonador

Do ponto de vista fisiológico, os fones (som da fala como vimos) resultam da ação de certos órgãos sobre a corrente de ar proveniente dos pulmões.

Depende-se assim, para que se produzam os sons, de:

1. corrente de ar;
2. obstáculo maior ou menor encontrado por essa corrente;
3. caixa de ressonância (faringe, fossas nasais e boca).

Tais condições, proporcionadoras da articulação, são criadas pelos órgãos da fala, que, em conjunto, formam o *aparelho fonador*.

Este aparelho é constituído por:

1. pulmões, brônquios e traqueia (fornecedores da corrente de ar);
2. laringe (onde estão as cordas vocais);
3. cavidades supralaríngeas (faringe, boca e fossas nasais), funcionam como caixa de ressonância.

É oportuna a lição dos mestres Celso Cunha e Lindley Cintra:

> Quase todos os sons de nossa fala são produzidos na expiração. A inspiração normalmente funciona para nós como um instante de silêncio, um momento de pausa na elocução. Línguas há, porém, como o hotentote, o zulu, o boximane e outros idiomas africanos, que apresentam uma série de consoantes articuladas na inspiração, os ruídos que se denominam CLIQUES. Em português praticamos alguns CLIQUES, mas sem valor fonético [nós diríamos sem valor fonêmico]: o beijo, que é uma bilabial inspiratória; o muxoxo, um clique linguoalveolar; o estalido linguodental com que animamos o andar das cavalgadas; e uns poucos mais. Sobre o assunto consulte-se Rodrigo de Sá Nogueira, "Temas de linguística banta: dos cliques em geral", Lisboa, Agência Geral Ultramar, 1957. (Cunha-Cintra, NGPC: 26).

E é pelo exposto que se chega à raiz da consubstanciação de uma língua: ao lado das necessidades psíquicas, o homem, dotado de características orgânicas que o permitiram, pôde constituir um sistema de sons mentalmente dispostos e propulsores de uma infinita gama de termos.

Por toda essa complexidade inerente à constituição de uma língua, o homem tende a acatá-la invariavelmente, ainda que o caráter arbitrário que reveste qualquer uma possa, muita vez, acarretar ineficácia quanto à maneira ideal como aquele homem poderia querer manifestar-se. É a esse respeito que discorre Saussure quando diz que: "(...) situada, simultaneamente, na camada social e no tempo, ninguém lhe pode alterar nada e, de outro lado, a arbitrariedade de

seus signos implica, teoricamente, a liberdade de estabelecer não importa que relação entre a matéria fônica e a ideia". (CLG: 90).

Voltando a uma ideia prescrita no princípio deste trabalho, ratificamos que as adequações semânticas de uma língua se dão à medida que seus falantes forem tendo tais e tais necessidades. Esta seria a razão, por exemplo, por que o inglês disporia de palavras relacionadas à tecnologia em muito maior profusão do que as relacionadas à agricultura. Isso quer dizer que muitas palavras e expressões não são encontradas em certa língua, embora possam sê-lo em outra. É por isso que, não raro, certa língua tenha de lançar mão de longas paráfrases a fim de designar o que, em outra língua, é refletido por um único termo.

Bally (*Linguistique Générale et Linguistique Française*, Berna, 1950: 149) deu a tal especificidade de uma língua em face de outra o nome de "portemanteau" (literalmente "cabide"), traduzido como "comutação". Em "Princípios de linguística geral", Mattoso dá os exemplos (retirados da obra de Bally supracitado): "o alemão *schimmel* se traduz necessariamente por 'cavalo branco' e o inglês *to starve* por 'morrer de fome' (...) no latim am-o a final exprime as ideias de primeira pessoa, do singular, do presente, do indicativo, da voz ativa".(PLG: 110). O mesmo pode ocorrer, ressaltamos, seguindo o mesmo sentido, mas direção oposta, ao dizermos em português certas palavras (sobretudo adjetivos) que requeiram, a fim de serem traduzidos, paráfrases (por exemplo: "grave", "famigerado" etc.); ou os superlativos sintéticos se levados a línguas que em princípio os não acatem ("boníssimo").

Assim, em princípio, o povo tem de adaptar-se cultural e linguisticamente às mudanças. É com citação de Mattoso (DFG: 130) que vem à luz estes conceitos: "As línguas são produtos da cultura para permitir a comunicação social. As mudanças na cultura determinam mudanças linguísticas, principalmente no que se refere às categorias gramaticais e ao léxico, doando uma relação estreita entre o estudo histórico da semântica e o da história da cultura".

Na "Poética", Aristóteles já alertava quanto à necessidade de se conhecer uma cultura a fim de entender-lhes as palavras inerentes; "(...) a propósito de Dólon [Homero, Ilíada, X] ele era de aspecto disforme, deve entender-se não que ele tinha um corpo desproporcionado, mas apenas um rosto feio, pois *os cretenses* exprimem por (de belo aspecto) a beleza de rosto".

Um dos maiores preconceitos que fazem que se julgue uma língua superior a outra é o fato de achar-se que o desenvolvimento econômico simplificaria o desenvolvimento linguístico. Já vimos que isto não é verdade: o que o corre é uma adaptação cultural (e, pois, linguística) à realidade vigente numa sociedade num dado momento. E, acima de todos esses pequenos matizes, dessas mudanças, citemos novamente a capacidade inauferível do homem de estabelecer comunicação por meio da linguagem, – com maior eficiência graças à fala.

Quanto à *fala* – ou "falar concreto", na terminologia de Coseriu –, havemos de relevar-lhe a supremacia, do ponto de vista linguístico, em face da escrita. O fato é que, sabidamente, os afásicos encontram muito maior dificuldade de convívio do que os analfabetos. Esse fato se dá exatamente por o homem ter de concentrar seu intento, quando da tentativa de comunicar-se, sobretudo naquela organização de *sons* a que tanto aludimos (tendo como estribo o *fonema*),

ainda que este homem, analfabeto, não tenha conhecimento do sinal gráfico que *representa*, na escrita, aquele som, – *a letra*.

Assim, chegamos, aqui, à ideia de que, ao lado de "comunicação animal", devemos colocar, tecnicamente, "linguagem humana", se nos quisermos situar no âmbito da língua ou da fala.

3 Classificação das letras/fonemas em língua portuguesa

Os fonemas da língua portuguesa classificam-se em *vogais*, *semivogais* e *consoantes*.

Vogais: são fonemas pronunciados sem obstáculo à passagem de ar, chegando livremente ao exterior. Exemplos: casa, fala, belo .

Semivogais: são os fonemas que se juntam a uma vogal, formando com esta uma só sílaba: Exemplos: couro, baile.

Consoantes: são fonemas produzidos mediante a resistência que língua, dentes e lábios (os órgãos bucais) opõem à passagem de ar. Exemplos: caderno, lâmpada.

3.1 Classificação das consoantes

As consoantes são classificadas de acordo com quatro critérios básicos:

• *1º critério*: Ação das cordas vocais:

a) cordas vocais vibrando: *consoante sonora*
b) cordas vocais em repouso: *consoante surda*

• *2º critério*: Ação das cavidades bucal e nasal:

a) Caso o ar saia somente pela boca: consoantes orais;
b) Se o ar sair também pelas fossas nasais: consoantes nasais.

• *3º critério*: Modo de articulação: é a forma pela qual as consoantes são articuladas. Podem ser oclusivas ou constritivas.

a) Nas oclusivas, há bloqueio total do ar.
b) Nas constritivas, há bloqueio parcial do ar.

• *4º critério*: *Ponto de articulação*: é o lugar onde a corrente de ar é articulada (lábios, dentes etc.). De acordo com o ponto onde são articuladas, classificam-se as consoantes em:

a) *bilabiais*: lábios + lábios.
b) *labiodentais*: lábios + dentes superiores.
c) *linguodentais*: língua + dentes superiores
d) *alveolares*: língua + alvéolos dos dentes.
e) *palatais*: dorso do língua + céu da boca
f) *velares*: parte superior da língua + palato mole

Quadro das consoantes

Consoantes								
Papel das Cavidades Nasais		*Orais*						*Nasais*
Modo de Articulação		*Oclusivas*		*Constritivas*				
				Fricativas		*Vibrantes*	*Laterais*	
Papel das cordas vocais		*Surdas*	*Sonoras*	*Surdas*	*Sonoras*	*Sonoras*	*Sonora*	*Sonora*
Ponto de articulação	*bilabiais*	p	b					m
	labiodentais			f	v			
	linguodentais	t	d					
	alveolares			s c ç	s z	r rr	l	n
	palatais			x ch	g j		lh	nh
	velares	c q (k)	g (guê)					

3.2 Classificação das vogais

Há quatro critérios classificatórios para as vogais em português.

• *1º critério*: Quanto à zona de articulação

A zona de articulação está relacionada com a parte da boca onde as vogais são articuladas.

a) Zona média: /a/

A vogal é articulada com a língua baixada, quase em repouso. Exemplo: casa.

b) Zona anterior: /ê/ /é/ /i/

A vogal é articulada com a língua levantada em direção ao palato duro, próximo aos dentes. Exemplos: leveza , tímido.

c) Zona posterior: /ô/ /ó/ /u/

A vogal é articulada com a língua indo ao palato mole. Exemplos: roça, rolha, tubo.

• *2º critério*: Quanto ao papel das cavidades bucal e nasal

A corrente de ar pode passar só pela boca (vogais orais) ou simultaneamente pela boca e fossas nasais (vogais nasais).

a) orais: /a/ /é/ /ê/ /i/ /ó/ /ô/ /u/
rara, café, sapê, caqui, forró, alô, angu

b) nasais: /aN/ /eN/ /iN/ /oN/ /uN/
maçã, trem, assim, tom, põe, rum

• *3º critério*: Quanto à intensidade

A intensidade está relacionada com a tonicidade da vogal.

a) tônicas: aquelas nas quais recai o acento tônico (e/ou gráfico; e sinal diacrítico) da palavra.

/a/ /aN/ /é/[22] /ê/ /i/ /iN/ /ó/ /ô/ /oN/ /u/ /uN/

sopé, ama, maçã, assim

b) átonas:

* Pré-tônicas: /a/ /ê/ /i/ /ô/ /u/
* Pós-tônicas mediais: /a/ /ê/ /i/ /ô/ /u/
* Pós-tônicas finais: /a/ /i/ /u/

Observação:

Nas postônicas finais ocorre neutralização total entre /ô/ e /u/ e /ê/ e /i/, resultando, daí, um *arquifonema*: pato /u/; prole /i/; daí Bechara dizer que *quase* e *tribo*, se escritos respectivamente com i e u, não promovem qualquer alteração de fonema.

máfia, sorvete, sabiá

• *4º critério*: Quanto ao timbre

O timbre está relacionado com a abertura da boca.

a) abertas: /a/ /é/ /ó/
fala, terra, solo

b) fechadas: /ê/ /ô/ /i/ /u/
telhado, bolo

c) reduzidas /a/ /i/ /u/ em posição pós-tônica final e as vogais átonas:
álbum, tinteiro, casamento

---

[22] Consideramos que em /em/ ocorre não simples vogal tônica (quando sobre essa sílavba recair o acento tônico, senão que, em vez disso, ditongo nasal: exemplo: também = /taNbeyN/.

• *5º critério*: Quanto à elevação da língua

Orais		
/i/	/u/	Altas
/ê/ /é/	/ô/ /ó/	Médias
/a/		

3.3 Dígrafo

É a união de duas letras representando um só fonema. Os dígrafos podem ser consonantais ou vocálicos.

3.1) *Dígrafos consonantais*: desempenham a função de consoantes: Exemplos: ch (chuva), lh (molho), nh (unha), rr (carro)

3.2) *Dígrafos vocálicos*: desempenham a função de vogais nasais: Exemplos: am (campo), en (bento), om (tombo)

3.4 Encontros consonantais

São a sequência ininterrupta de duas ou mais consoantes na mesma palavra. A sequência pode ocorrer:

4.1) *na mesma sílaba*: Exemplos: plás-ti-co, su-pers-ti-ção, mne-mô-ni-co

4.2) *em sílabas diferentes*: Exemplos: ap-to, com-pul-só-rio

3.5 Encontros vocálicos

Há três tipos de encontros vocálicos: *ditongo*, *hiato* e *tritongo*.

Ditongo: é a junção de uma vogal com uma semivogal (ditongo decrescente), ou vice-versa (ditongo crescente), na mesma sílaba. Exemplo: boi (ditongo decrescente), quasar (ditongo crescente). O ditongo também pode ser nasal. Exemplo: trem, beberão, trouxeram.

Hiato: é junção de duas vogais pronunciadas separadamente, formando sílabas distintas. Exemplos: saúda, coelho.

Tritongo: é a sequência de semivogal, vogal e semivogal, formando uma só sílaba. Ex.: Paraguai. O tritongo também pode ser nasal: enxáguem.

Questões comentadas

01. (Técnico em Contabilidade/Procon-RJ/Ceperj/2012) Alguns vocábulos sofrem alteração de timbre da vogal tônica ao serem flexionados, como ocorre em *olho – olhos*. O mesmo fenômeno pode ser verificado na seguinte palavra do texto:
    a) bonecas
    b) conserto
    c) lamentável
    d) infortúnio
    e) defeituosos

O timbre de O no plural de “defeituoso” sofre metafonia, e abre-se (ó). Gabarito: **E**.

02. (Técnico Judiciário/TRE-SC/Pontua/2011) Na pronúncia das palavras, às vezes acrescentamos ou suprimimos fonemas. Assinale a alternativa em que nenhum desses processos aconteça:
    a) Submissão.
    b) Absurdo.
    c) Delito.
    d) Dignidade

Nos encontros consonantais (como BS, BM, GN) é comum, em certas pronúncias, acrescentar-se uma vogal imaginária (anaptixe). Gabarito: **C**.

03. (Inspetor de Segurança/Petrobras/Cesgranrio/2011) Em “quero meu **avesso.”** (l. 9), o substantivo destacado, quando escrito no plural, mantém o som fechado da vogal tônica. O timbre da vogal tônica do substantivo, quando escrito no plural, altera de fechado para aberto em
    a) bolso - bolsos
    b) caroço - caroços
    c) contorno - contornos
    d) acordo - acordos
    e) almoço - almoços

“Caroços” passa a ter timbre aberto. Gabarito: **B**.

04. (Magistério Português/EsFCx/2011) Assinale a afirmativa correta:
    a) Quanto à zona de articulação, as vogais podem ser abertas ou fechadas.
    b) Os alofones são os sons elementares e distintivos de uma língua natural.

c) A fonologia tem por objeto a articulação dos sons de uma língua natural.
d) As consoantes são oclusivas e constritivas quanto ao modo de articulação.
e) Diferentemente das consoantes, as vogais fazem as cordas vocais vibrarem.

Trata-se do critério segundo o MODO como as consoantes são articuladas. Gabarito: **D**.

05. (Magistério Português/EsFCEx/2011) As palavras abaixo se diferenciam apenas por um único fonema. Assinale a alternativa que destaca adequadamente o traço distintivo de cada par:
a) “casa” / “caça” – distinguem-se apenas com relação à zona de articulação.
b) “chato” / “jato” – distinguem-se apenas com relação ao modo de articulação.
c) “beijo” / “queijo” – distinguem-se apenas com relação ao modo de articulação.
d) “foto” / “voto” – distinguem-se apenas com relação ao papel das cavidades bucal e nasal.
e) “bastava” / “pastava” – distinguem-se apenas com relação ao papel das cordas vocais.

O papel ou ação das cordas vocais, em relação às consoantes, distingue-as em *surdas* ou *sonoras*, conforme seja maior ou menor a necessidade de ar. P e B representam um par de consoantes respectivamente surda e sonora. Gabarito: **E**.

06. (Professor/Prefeitura de Patos/PB/2010) Considere a seguinte frase escrita por um aluno do ensino fundamental: *Não deixi matar os passarinhos*. A forma “deixi”, em lugar de “deixe”, ilustra um caso de inadequação
a) morfológica.
b) fonológica.
c) fono-ortográfica.
d) fonética.
e) morfossintática.

O “som” emitido pelo “e” final é, em algumas regiões, semelhante ao do “i”. Com essa confusão sonora (fônica), o aluno criou uma grafia que se baseava no que lhe pareceu correto auditivamente. Gabarito: **C**.

07. (Técnico de Nível Superior/Ciências Contábeis/Detran-RS/Fundatec/2009) Assinale a alternativa em que a letra ***n*** tem valor fonético equivalente em todas as palavras.
a) norteiam - iniciados - municipais.
b) governo - somando - pavimentadas.
c) inacabadas - contra - número.
d) sendo - nordeste - ponto.
e) Anajé - menos - começando.

Somente na letra A o N representa fonema. Nas demais letras, há palavras em que o N representa arquifonema nasal, criando dígrafo vocálico, não sendo propriamente um fonema. (por ex.: contra, ponto, começando etc.) Gabarito: **A**.

08. (Auxiliar Judiciário/TJ-RS/Officium/2005) Assinale a alternativa em que os segmentos destacados representam o mesmo fonema (som).

a) desperdí**c**io - desperdi**ç**amos
b) **j**úbilo - **g**argalo
c) produ**ç**ão - do**s**es
d) **r**eservamos - bu**r**ocracia
e) e**xc**essos – **x**ampu

C e Ç apresentam, aqui, o mesmo fonema (/S/). Gabarito: **A**.

Capítulo 4 – Ortografia

1 Alfabeto

A partir de agora o alfabeto português passa a ter 26 letras, com a inclusão de K, W, Y.

A (á)
B (bê)
C (cê)
D (dê)
E (é ou ê)
F (efe)
G (gê ou guê)
H (agá)
I (i)
J (jota)
K (cá ou capa)
L (ele)
M (eme)
N (ene) O (ó ou ô)
P (pê)
Q (quê)
R (erre)
S (esse)
T (tê)
U (u)
V (vê)
W (dáblio)
X (xis)
Y (ípsilon)
Z (zê)

1.1 A questão do K, W, Y

As letras K, W e Y, ao contrário do que muitos pensam, não representam apenas grafias alóctones à língua portuguesa, como as provenientes de países da Europa não lusófona. Tal fato se dá porque há vários países dos PALOP (Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa) que usam, correntemente, vocábulos com essas três letras, sendo elas, portanto, tão portuguesas (se assim podemos dizer) quanto qualquer outra preexistente oficialmente. Ademais, muitos desses grupos de origem africana aportaram no Brasil há séculos, trazendo consigo suas palavras (em nomes de comidas, roupas, hábitos religiosos, tradições etc.), as quais até agora num caráter relativamente “clandestino”, grassavam uberemente pela nossa língua portuguesa.

Isso sem falar nas várias palavras indígenas brasileiras que também possuem essas letras em sua representação no idioma português. Assim, por tradição lexicográfica, muitas dessas palavras permaneceram com suas letras originárias e passaram a pertencer à língua portuguesa, vernaculares tanto quanto possível e comprovável.

Dentre outras lacunas, o Acordo veio para ratificar a presença dessas palavras afro-lusitanas e indígeno-lusitanas no léxico comum da língua portuguesa, que pertence a todos nós, índios, negros, brancos, europeus, povos partícipes da Lusofonia, língua esta que se configura num dos principais elos culturais e etnocêntricos a nos unir ainda mais. Vamos a alguns exemplos que comprovam, como foi mostrado acima, a vernaculidade dessas três letras (K, W, Y) em nosso idioma.

a) Em Tupi

îy a-î-pysyk ('Eu apanhei o machado.')
Koriteî kunhã pitanga mo-mbak-i ('A mulher acordou a criança depressa.')

(Fonte: Gomes: 1999)

b) Da Literatura Africana Contemporânea

Língua

(fragmento, Luís Carlos Patraquim – Moçambique)

Mpurukuma, língua, corpo quase o que sou de sobrepostas vozes Bayete!
E tu, pássaro da alma, Mpipi adejando obre o losango tumultuante de cores Templo onde me cerco,
não me abandones, cão inflando para o rio, uma escarninha balada que nos enforca.
(...)
Que sinais sobre que mar do exílio ou
som de algas lavando-te o rosto, se inscreveram
em ti, mulher larga do índico,
língua por dentro dos lábios cavando, obscuro,
um reino por achar?
Língua, Mpurukuma quase.

Glossário:
Mpurukuma: conceito de oralidade em língua Makua.
Bayete: saudação
Mpipi: pássaro

(Fonte:http://br.geocities.com/poesiaeterna/poetas/mocambique/luiscarlospatraquim.htm)

c) Nomes de Grupos Indígenas Brasileiros (Etnônimos)

Muitos desses grupos indígenas têm como idioma a língua portuguesa, sendo as letras em questão, portanto (K, W e Y), há muito tempo, por raciocínio dedutivo, correntes para palavras do léxico português.
Exemplos:

Ashaninka, Kaxinawá, Yawanawá, Wassu, Xukuru Kariri, Wayampi, Awkwayene, Kariri-Chocó, Jenipapo- Kanindé, Karajá, Turiwara etc.

(Fonte: Houaiss, 2008)

d) Etnias (Etnônimos), Religiões e Hagiônimos (Nomes de Santos e Fatos Religiosos) Afro-brasileiros em suas Grafias de Origem, Permanentes também na Língua Portuguesa.
Exemplos:

Yoruba, Yemanjá, Yansan, Babalawo, Ketu

(Fonte: Ramos: s/d)

e) Nomes de Mitos Folclóricos e Religiosos ou Nomes de Lugares (Topônimos) Brasileiros.
Exemplos:

Paraty (RJ), Campos dos Goytacazes (RJ), Itamaraty (AM), Westfália (RS), Kerpimanha (ou Kerepiyua, Kerpiyua), Kilaino, Waranga, Wari-Waru

(Fontes: Cascudo, 1993; e IBGE)

1.2 Algumas regras para o emprego das letras

1 **IZAR / -AR** (verbos)

Se o verbo formado o tiver sido a partir de substantivo ou adjetivo, grafa-se com Z:

ironia > ironizar
radical > radicalizar
ameno > amenizar
inferno > infernizar

Há, no entanto, verbos cuja terminação é -ar. Assim, há que se respeitar a grafia originária do vocábulo que deu origem àquele verbo: tendo este vocábulo s ou z, desta ou daquela forma será igualmente grafado o verbo. (Obs.: não raro é o verbo que origina o substantivo).

friso > frisar
análise > analisar
catálise > catalisar
pesquisa > pesquisar
improviso > improvisar
paralisia > paralisar
deslize > deslizar

2 **J ou G**

As hesitações são provenientes pela circunstância de ambas as letras, antes de e ou i, representarem o mesmo fonema.

O conselho, talvez único, é que se proceda a comparação com outras palavras mais conhecidas da mesma família:

sarjeta - sarja
canjica - canja
estagiário - estágio

> *Observação*:
>
> Em frigir / frijo (frija), agir / ajo (aja) etc., não se pode falar em irregularidade gráfica, senão em adequação gráfica a um mesmo fonema. Assim também em coragem / corajoso, monge / monja. É sempre bom lembrar: viajem (verbo) / viagem (substantivo).

3 **ÊS - ESA / EZ - EZA**

ÊS - ESA denotam origem, nacionalidade, proveniência etc. : camponês / camponesa
escocês / escocesa

EZ - EZA forma, de adjetivos, substantivos abstratos: lúcido / lucidez
certo / certeza

4 **ISA**

Forma substantivos (ou adjetivos) femininos.
Compará-lo à terminação IZA(R), referente a verbos.

Profeta - profetisa (OBS.: profetiza é verbo)
papa - papisa

5 **OSO**

Significa plenitude, e grafa-se sistematicamente com s.

gosto - gostoso

prazer - prazeroso
sabor - saboroso

6 **E ou I**

Em muitas regiões do país - incluindo todo o estado do Rio de Janeiro -, o E em posição átona soará como I, o que gera desconcerto na hora da grafia. Aqui, como em outros casos (p. ex. os nos 2 e 4 acima), além da experiência, que permite, gradativamente, um acúmulo e domínio vocabular, é necessário que, em havendo hesitação, compare-se a palavra em que se tenha dúvida com outra que lhe pertença à família, sendo, contudo, mais conhecida:

ex.: ABORÍGINE (da família de ORIGEM / ORIGINÁRIO)

Atenção:

Verbos

a) Os terminados em UAR (como continuar) serão grafados com E:

• Na 3ª pessoa do singular do PRESENTE DO SUBJUNTIVO.
• Na 3ª pessoa do imperativo (afirmativo e negativo).

eu continue	continue (você)
tu continues	não continue (você)
ele continue	

b) Os terminados em UIR /OER / AIR são grafados com I:

- Na 2a e na 3a pessoa do singular do presente do indicativo.
- Na 2a pessoa do singular do imperativo afirmativo.

FRUIR	
tu fruis	frui (tu)
ele frui	
ROER	
tu róis rói (tu)	
ele rói	
ATRAI	
tu atrais	atrai (tu)
ele atrai	

7 **O ou U**

O “o” átono pode soar como “u”.

Daí termos de, não raro, recorrer àquela fórmula, muitas vezes única, de comparação.

comprimento - comprido (extenso)
cumprimento - cumprido (efetivado)
explodir - explosão

8 **CH ou X**

Depois de ditongo, usa-se X.

feixe / caixa / caixote

pichação / piche

A origem da palavra é o que determina a sua grafia com CH ou X.

xícara

chácara

9 **H**

No interior das palavras, o "h" desapareceu (à exceção de Bahia, o estado). Só se manteve ileso o "h" nos dígrafos *ch*, *lh*, *nh*.

Assim se a palavra derivada não for separada com hífen, deve-se abrir mão do "h":

honra – desonra

humano – subumano

10 **L ou U**

Em final de sílaba, não é pouco frequente a pronúncia do L como U. É preciso que se conheçam palavras da mesma família a fim de se diminuir a vacilação diante de tal impasse.

Alto-falante (ou altofalante) / altura

autista / autodefesa

1.3 Emprego de algumas letras

Como vimos, há com frequência em português um mesmo fonema re- presentado por inúmeras letras ou grafemas. A isso se costuma dar o nome de POLIGAMIA. Assim, cabe observar a correta grafia de alguns desses vocábulos que poderiam causar embaraço:

1.3.1 C ou Ç

À beça	Boçal	Paraguaçu
Absorção	Calhamaço	Pocilga
Açaí	Camurça	Prevenção
Açambarcar	Cansaço	Presunção
Acento (sinal gráfico)	Isenção	Recensão
Acepção	Juçara	Resplandecer
Acepipe	Linhaça	Ressurreição
Acessório	Maçada	Seção (ou secção)
Acerbo (é)	Maçarico	Soçobrar
Acervo (é ou ê)	Maciço	Suíça
Acetinado	Maçom	Terçol

Açúcar
Açular
Almoço
Apreçar (dar preço)
Asserção
Assunção
Baço
Miçanga
Monção
Mormaço
Muçulmano
Necessidade
Paçoca
Tição
Torção
Traça
Umedecer
Vicissitude
Viço

1.3.2 S

Adensar
Ânsia
Ansiedade
Ansioso
Arsênico
Ascensão
Ascensorista
Aspersão
Asteca
Autópsia
Canhestro
Cansado
Cansar
Cansaço
Canseira
Compreensão
Compulsória
Consecução
Conselho (aviso)
Consenso
Consertar (reparar)
Conserto (reparo)
Cônsul
Conversa
Conversão
Conversível
Convulsionar
Convulso
Corsário
Descansar
Descanso
Descensão
Descenso
Despensa
Despenseiro
Dispensa
Dispersão
Dispersivo
Distensão
Diversão
Emersão
Emerso
Ensebar
Escansão
Estender (mas: extensão)
Expensas
Extorsão
Farsa
Farsante
Ganso
Hortênsia
Imersão
Incenso
Incursão
Inserto (é) (inserido)
Insípido
Insipiente (ignorante)
Intrínseco
Manso
Obsessão
Obsessivo
Obsoleto
Pretensão
Pretensioso
Pretenso
Propensão
Propulsão
Repreensão
Reverso
Seara
Sela (é) (arreio)
Senha
Senso (juízo)
Séptico (infeccioso)
Sesta(é) (descanso diurno)
Seviciar
Sibarita
Sibilino
Sífilis
Sinagoga
Sinusite
Siso
Sisudo
Submersão
Subsidiar
Subsídio
Suspensão
Tensão

1.3.3 SS

Acessível	Cessão (ato de ceder)	Imissão
Admissão	Classicismo	Impressão
Admissível	Comissão	Insosso
Alvissareiro	Compasso	Lassidão
Alunissar	Compressa	Lasso (preguiçoso)
Amerissar	Concessão	Massagem
Antisséptico	Confissão	Melissa
Apressar (ter pressa)	Contrassenso	Presságio
Assear	Cosseno	Procissão
Assecla (é)	Crasso	Professor
Assediar	Demissão	Promissor
Asseio	Desasseado	Repercussão
Asserção	Discussão	Ressarcir
Asserto (ê)	Dissensão	Ressentir
Assessor	Dissídio	Ressudar
Assolar	Dissimular	Ressurreição
Assoar (soprar o ar pelo nariz)	Dissimulação	Sanguessuga
Associar	Dissipar	Sessão (lapso de tempo)
Assombrar	Dossiê	Sobressalente
Assuar (vaiar)	Endossar	Sossego
Aterrissar	Escassez	Submissão
Avassalar	Escasso	Sucesso
Carrossel	Fossa	Tessitura
Cassetete	Fosso	Vicissitude
Cassino	Girassol	

1.3.4 SC ou SÇ

Abscesso	Discente	Miscigenação
Abscissa	Discernimento	Miscível
Acrescentar	Discernir	Nascer, nasça, nasço, nascimento
Acréscimo	Disciplina	Nascituro
Adolescente	Discípulo	Néscio
Apascentar	Efervescência	Obsceno
Aquiescer	Enrubescer	Onisciência
Ascendência	Fascículo	Oscilar
Ascendente	Fascinante	Piscicultura
Ascensão	Fascínio	Piscina

Ascensorista
Ascese (é)
Asceta (é)
Ascetério (mosteiro)
Ascético (místico)
Concupiscência
Condescender
Consciência
Consciente
Cônscio
Convalescência (ou convalescença)
Convalescer
Crescer
Descendência
Descender
Descensão (descida)
Descer
Descerebrado
Descerimonioso
Descivilizar

Fascismo
Florescência
Florescer
Fluorescência
Imiscível
Imprescindível
Incandescência
Incandescer
Inflorescência
Insciência
Ínscio
Intumescer
Irascível
Isósceles
Lascívia
Lascivo
Luminescência
Miscelânea
Miscibilidade

Prescindir
Prescindível
Proscênio
Recrudescência
Recrudescer
Recrudescente
Remanescente
Remanescer
Reminiscência
Renascença
Rescindir
Rescisório
Revivescer
Seiscentos
Suscetível
Transcendência
Transcendente
Transcendental
Víscera

1.3.5 XC e XS

Exceção
Exceto
Excedente
Exceder
Excedível
Excelência
Excelente
Excelso

Excêntrico
Excentricidade
Excepcional
Excesso
Excessivo
Excetuar
Excerto

Excipiente
Excitar
Excitação
Excitante
Excitável
Inexcitável
Exsudar

1.3.6 Z

Acidez
Aduzir
Agonizar
Agudeza
Ajuizar
Alazã

Contumaz
Coriza
Cozer (cozinhar)
Cozinhar
Cruz
Cuscuz

Macambúzio
Magazine
Matriz
Mazela
Nariz
Nazaré

Alfazema
Algazarra
Algidez
Algoz
Alteza
Altivez
Amenizar
Amizade
Amortizar
Anarquizar
Antraz
Aprazível
Aridez
Arizona
Aspereza
Atroz
Audaz
Avareza
Avidez
Azar
Azedo
Azia
Aziago
Azinhavre
Azo (oportunidade)
Azorrague
Azougue
Azucrinar
Baliza
Burocratizar
Buzina
Cafuzo
Capaz
Catequizar (mas: catequese)
Cauterizar
Chamariz
Coalizão
Comezaina
Deslizar
Deslize
Desmazelo
Desprezar
Destreza
Dizer
Eletrizar
Embriaguez
Espezinhar
Escassez
Fazer
Feliz
Felizmente
Florezinhas
Folgazão
Foz
Fuzil
Fuzilar
Galiza
Galvanizar
Gaze
Gazua
Giz
Gozo
Gozar
Granizo
Guizo
Homiziar
Indenizar
Jazida
Jazigo
Juiz
Juíza
Juízo
Languidez
Lázaro
Lazer (substantivo = diversão)
Loquaz
Nazismo
Polidez
Prazenteiro
Prazer
Prazeroso
Prazo
Preconizar
Prezado
Proeza
Rapidez
Ratazana
Regozijo
Revezar
Revezamento
Rezar
Rigidez
Rijeza
Sazonal
Simpatizar
Sisudez
Tenaz
Tibieza
Torpeza
Traz (verbo trazer)
Tristeza
Triz
Utilizar
Vazante
Vazar
Vazio
Vez (substantivo) (ex.: em vez de)
Vezeiro
Vezo
Vizinho
Voraz
Xadrez
Ziguezague

1.3.7 S com som de Z ou no final das palavras

Abrasar
Aburguesar
Abusar
Abuso
Adesão
Adesivo
Adeus
Agasalhar
Aguarrás
Aliás
Analisar
Análise
Ananás
Anestesiar
Anis
Apear
Apostasia
Arquidiocese
Arrasar
Ás
Asa
Atrás
Atraso
Através
Baronesa
Beisebol
Besouro
Brasa
Brisa
Burguês
Camponês
Caserna
Casulo
Consulesa
Contusão
Convés
Cortês
Cortesão
Coser (costurar)
Despesa
Empresa
Esotérico (místico)
Evasão
Evasiva
Freguês
Frisar
Fuselagem
Fusível
Garnisé
Gás
Gasolina
Grisalho
Guisado
Guloseima
Hesitar
Ileso (ê ou é)
Invés (substantivo) (ex.: ao invés de)
Irisar
Irrisório
Jus
Laser (raio, vocábulo estrangeiro, inglês)
Lisonjear
Manganês
Maresia
Marquês
Marquesa
Montanhês
Montês
Obséquio
Obus
Paisano
Paradisíaco
Paralisar
Paralisia
Pedrês
Pesar
Pesquisar
Pesquisa
Poetisa
Pôs (verbo)
Presilha
Princesa
Profetisa (feminino de profeta)
Profusão
Prosa
Prosaico
Pus (verbo ou substantivo)
Puser
Pusesse
Pusera
Querosene
Quesito
Quis, quiser, quisesse (verbos)
Rasura
Reclusão
Represa
Represar
Revés
Reveses
Sacerdotisa
Suserano
Tosar
Trânsito
Trás (preposição)
Vês (verbo)
Vesícula
Viés
Vigésimo
Visionário
Visor

1.3.8 X com som de /KS/

Amplexo
Anaptixe
Anexo
Asfixia
Axila
Axioma
Boxe
Complexo
Conexão
Convexo
Córtex
Dislexia
Doxologia
Fênix
Fixo
Flexão
Fluxo
Genuflexão
Heterodoxo
Intoxicar
Léxico
Marxismo
Maxilar
Nexo
Ônix
Oxidar
Oxítono
Perplexo
Prolixo
Proxeneta (cafetão)
Reflexão
Reflexo
Sexo
Táxi
Tóxico
Toxicologia
Toxina
Tórax

Observação:
Usam-se os encontros consonantais C-C e C-Ç (e não X) para o som /KS/:

Cocção
Cóccix
Convicção
Defecção
Faccioso
Ficção
Ficcionista
Fricção
Friccionar
Infecção
Infeccionar
Intelecção
Occipital
Seccional

1.3.9 X com som de Z

Exagero
Exalar
Exaltar
Exame
Examinar
Exangue
Exarar
Exasperar
Exato
Exaurir
Exegese
Exemplo
Exéquias
Exequível
Exibir
Exigir
Exíguo
Exílio
Exímio
Existir
Êxodo
Exonerar
Exorbitar
Exorcismo
Exórdio
Exotérico (que pode ser ensinado a qualquer um, ao grande público)
Exótico
Exortar
Exortação
Exuberante
Exumar
Inexaurível
Inexorável

1.3.10 X com som de /SS/

Aproximar	Expectador (que tem expectativa)	Extensão
Auxiliar	Expectativa	Inexplicável
Auxílio	Expiar (pagar, remir)	Máximo
Axioma	Expirar (morrer)	Próximo
Cóccix	Explícito	Sexteto
Contexto	Explorar	Sintaxe
Excogitar	Êxtase	Textura
Expectação	Extático (que está em êxtase)	

1.3.11 X com som de /CH/

Almoxarife	Enxurrada	Rouxinol
Ameixa	Esdrúxulo	Sacabuxa
Atarraxar	Exu	Taxa (tributo)
Axé	Faixa	Xá
Baixela	Faxina	Xale
Bexiga	Frouxo	Xamã
Broxa (pincel)	Graxa	Xampu
Caixa	Haxixe	Xangô
Caixeiro	Hiroxima	Xará
Capixaba	Laxante	Xavante
Caxumba	Luxação	Xaxado
Coaxar	Luxúria	Xaxim
Debuxo	Madeixa	Xeique
Desenxabido	Maxixe	Xepa (ê)
Elixir	Mexerica	Xeque (lance do xadrez)
Enfaixar	Mexerico	Xereta
Engraxar	Mexilhão	Xerife
Enxada	Muxoxo	Xícara
Enxaqueca	Orixá	Xifópago
Enxergar	Oxalá	Xilindró
Enxertar	Oxóssi	Xinxim
Enxerto	Oxum (ou Oxun)	Xingar
Enxó	Oxumaré	Xiquexique
Enxofre	Paxá	Xis
Enxoval	Pixaim	Xodó
Enxugar	Praxe	Xucro

1.3.12 G (e não J)

Adágio
Agiota
Angélico
Égide
Egrégio
Estrangeiro
Falange
Ferrugem
Frigir
Garagem
Geada
Gêiser
Gengibre
Gengiva
Gerânio
Geringonça
Gibi
Gilete
Gim
Ginete
Girafa
Girândola
Gíria
Hégira
Herege
Impingem
Impingir
Megera
Monge
Mugir
Rabugento
Rabugice
Rigidez
Selvagem
Tangível
Tigela
Vagem
Vagido
Vagina
Vargem
Viagem (substantivo)
Vigência

1.3.13 J (e não G)

Acarajé
Ajeitar
Anjo
Anjinho
Berinjela
Cafajeste
Canjica
Desajeitado
Enjeitar
Enrijecer
Gorjear
Gorjeio
Gorjeta
Injeção
Interjeição
Intrujice
Jeito
Jenipapo
Jerimum
Jérsei
Jiboia
Jiló
Jirau
Jiu-jitsu
Laje
Lambujem
Laranjeira
Lisonjear
Lisonjeiro
Majestade
Majestoso
Manjedoura
Pajé
Pajem
Projeção
Projétil (ou projetil)
Rejeitar
Rijeza
Sarjeta

1.3.14 Dígrafo CH

Ancho
Apetrecho
Archote
Bocha (prego)
Boliche
Bolchevique
Bucha
Charco
Cheque
Chimarrão
Chiste
Chope
Chuchu
Chumaço
Coqueluche
Deboche
Encharcar
Ficha
Flecha
Iídiche
Inchar

Bucho (víscera de animal)
Cachaça
Cartucho
Chá
Chácara
Chafariz
Churrasco
Chuteira
Cochichar
Comichão
Concha
Mecha
Mochila
Quíchua
Salsicha
Tacho

1.3.15 E (e não I)

Abençoe
Abotoe
Acarear
Acordeão
Antediluviano
Areento
Argênteo
Arrear (meter arreio)
Arrepiar
Averigue ou averígue
Candeeiro
Cardeal
Creolina
Cumeeira
Deferir (aprovar)
Delação (denúncia)
Delatar (denunciar)
Descrição (descrever)
Descriminar (deixar de imputar crime)
Desfrutar
Despautério
Desprender
Desprendimento
Dessemelhante
Desserviço
Destilar
Desvencilhar
Disenteria
Eminente (importante)
Encarnação
Entalho
Entonação
Entoar
Grandessíssimo
Irrequieto
Melindre
Mexerica
Paleologia
Paletó
Paralelepípedo
Parêntese
Páreo
Periquito
Pireneus
Quase
Quepe
Quesito
Rédea
Sanear
Sequer
Seringa
Seringueiro
Umedecer

1.3.16 I (e não E)

Aborígine
Açoriano
Acriano
Adiante
Alumiar
Amiúde
Ansiar
Arriar (baixar)
Camoniano
Cerimônia
Crânio
Criador
Criar
Criatura
Crioulo
Diante
Diferir (diferenciar)
Digladiar
Dilação (adiamento)
Dilapidar
Discriminar (distinguir)
Dispêndio
Escárnio
Esquisito
Flui (verbo)
Iminente (próximo)
Incorporar
Inculcar
Inigualável
Inquirir

Chefiar
Contribui (verbo)
Cordialmente
Dilatar (alargar)
Dilatação (alargamento)
Discrição (ser discreto)
Intitular
Intumescer

1.3.17 U (e não O)

Acudir
Anágua
Assuar (vaiar)
Bueiro
Bugalho
Bulir
Burburinho
Camundongo
Caulim
Chuviscar
Cinquenta
Cumbuca
Cumprimento (saudação)
Curinga
Curtir
Cutia
Cutucar
Elucubração
Embutir
Entupir
Escapulir
Esculhambar
Jabuticaba
Léu (ao léu)
Lóbulo
Manuel
Muamba
Mucama
Pérgula
Pirulito
Regurgitar
Surtir (acarretar)
Tábua
Tiziu
Tonitruante
Urticária
Urtiga
Usufruto
Vírgula

1.3.18 O (e não U)

Agrícola
Amêndoa
Amontoar
Aroeira
Assoar (soltar o ar pelo nariz)
Atordoar
Azêmola
Banto
Boate
Boina
Bodega
Boletim
Boteco
Botequim
Bússola
Caçoada
Caçoar
Cobiça
Cocuruto
Comprimento (extensão)
Êmbolo
Encobrir
Engolir
Esbaforido
Focinho
Goela
Lombriga
Mágoa
Magoar
Mocambo
Mochila
Moela
Moringa
Orangotango
Poleiro
Polir
Rebotalho
Romeno
Sapoti
Silvícola
Sortir (abastecer)
Toalete
Tribo
Vinícola

Questões comentadas

01. (Analista de Gestão/CBTU/Consulplan/2014) Dentre os pares abaixo, assinale o que apresenta a grafia correta da forma verbal correspondente.
    a) urbana / urbanizar
    b) prioridade / preorizar
    c) mobilidade / mobilisar
    d) desenvolvimento / dezenvolver

O sufixo "izar" acompanha formas em que não houver "s". Gabarito: **A**.

02. (Administrador/IF-SP/Gestão de Concursos/2014) Assinale a alternativa em que todas as palavras estão grafadas CORRETAMENTE.
    a) Contamos com a participação da comunidade, afim de expandir nossa base de associados.
    b) O jornal do dia 13 de janeiro deste ano trás uma matéria sobre o assunto, ratificando a fala da testemunha.
    c) O Brasil ainda está muito atrasado em relação às tecnologias de comunicação, o que é um grande problema para um país de dimensões continentais como o nosso.
    d) Temos que preparar nossos jovens, dando-lhes condições de estudo para inserssão no mercado nacional e estrangeiro.

Na letra A, deveria ser A FIM. Na B, TRAZ, Na D, INSERÇÃO. Gabarito: **C**.

03. (Assistente Técnico Administrativo/MF/ESAF/2014) Assinale a opção em que ocorre erro gramatical ou ortográfico na transcrição do texto.

    Máquinas são funcionários exemplares, como atestam os radares eletrônicos espalhados por cidades e estradas do Brasil. Trabalham 24 horas por dia, concentram-se 100% do tempo na tarefa, não têm (A) férias, não ganham 130 salário e nunca reividicam (B). A indústria de armamento e defesa está encantada com esses operários-padrão guerreiros. A evolução tecnológica já permite antever (C) a fabricação de aparelhos com autonomia para combater e decidir, sozinhos, se e quando devem exterminar (D) alguém. As centenas de ataques realizados por drones (aeronaves não tripuladas que decolam de aviões cargueiros) americanos no Oriente Médio, nos últimos anos, estimulam uma reflexão mais profunda sobre um cenário de guerra envolvendo (E) os robôs-soldados.

    a) (A) b) (B) c) (C) d) (D) e) (E)

O correto é REIVINDICAM. Gabarito: **B**.

04. (Assistente Administrativo/EPE/2014) O grupo em que todas as palavras estão grafadas corretamente, de acordo com a norma-padrão da Língua Portuguesa é
a) admissão, climatização, repercussão, cooperação
b) adaptação, reverção, presunção, transgressão
c) invensão, obsessão, transmissão, omissão
d) presunção, comissão, proteção, excessão
e) detenção, captação, extenção, demolição

Os erros seguintes serão assim corrigidos: reversão, invenção, exceção, extensão. Gabarito: **A**.

05. (Técnico de Laboratório/CEFET-MG/2014) Empregou-se um vocábulo fora do novo acordo ortográfico em:
a) saída – vírus – pincéis
b) rainha – juiz – raízes
c) abdômen – vêem – sótão
d) consistência – exceção – Piauí
e) marcá-los – redimi-los – preenchê-los

Os verbos com ditongo e-e deixam de acentuar o primeiro "e": CREEM, DEEM, LEEM, VEEM. Gabarito: **C**.

06. (Soldado da Polícia Militar/PM-MT/Funcab/2014) Assinale a única frase em que a palavra destacada foi corretamente grafada.
a) O comandante fez o DISCURSO em nome de todos.
b) Ele ANALIZOU o caso e não concorda com o chefe.
c) Que ESTRATÉGEA foi empregada nessa missão?
d) Por essa PERPECTIVA, você está certo.
e) Aqui há um enorme CONTINJENTE de policiais militares.

As demais seriam: *analisou*; *estratégia*; *perspectiva*; *contingente*. Gabarito: **A**.

07. (Jornalista/IF-RR/FUNCAB/2013) Grafam-se, respectivamente, com "ss" e com "ç" – como os sufixos dos substantivos destacados em "[...] gerou diversas DISCUSSÕES éticas sobre as PERCEPÇÕES biossociais [...]" (§ 1) – os sufixos de:
a) conten__ão (de gastos) – remi __ ão (da pena).
b) conce__ão (de privilégios) – ascen__ão (ao poder).
c) ce__ ão (de direitos) – extin__ão (do cargo).
d) apreen__ão (da carteira) – reten__ão (do veículo).
e) mo__ão (de apoio) – admi__ão (de funcionário).

CESSÃO – EXTINÇÃO
As demais: contenção, remissão, concessão, ascensão, apreensão, retenção, moção, admissão. Gabarito: **C**.

08. (Analista de Promotoria II/MPE-SP/IBFC/2013) Ver texto associado à questão.
Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.

I. O ___________ministro fez um belo discurso.
II. Durante a ______ , os deputados entraram em discussão.
III. O dono da loja foi acusado de ___________racial.

a) iminente - seção - descriminação
b) iminente - sessão - discriminação
c) eminente - sessão - discriminação
d) eminente - seção - discriminação
e) eminente - sessão - descriminação

Eminente = excelso, importante
Sessão = fato passado no tempo
Discriminação = distinção
Gabarito: **C**.

09. (Agente de Fazenda/SMA-RJ/FJG/2013)
"O personagem narra sua vida em família, que se torna e_epcional devido a um me_erico que gera discu_ões e ri_as. Após, o rancor volta-se contra um ou contra outro, em reve_amento."

Em obediência à convenção ortográfica atual, as lacunas das palavras em destaque são preenchidas, respectivamente, por:
a) sc – ch – ss – ch – z
b) xc – x – ss – x – z
c) xc – ch – rs – x – s
d) sc – x – rs – ch – s

Excepcional, *mexerico*, *discussões*, *rixas*, *revezamento*. Gabarito: **B**.

Capítulo 5 – Hífen e acentuação gráfica

1 Introdução

Serão ligados por hífen os elementos formadores de uma palavra composta (por justaposição) ou derivada (por prefixação ou sufixação, este último caso um pouco menos frequente), com os pré-requisitos de, naquela primeira circunstância: **1)** manterem, *ambos os elementos da palavra composta*, individualidade fonética, isto é, de conservarem a acentuação tônica – e às vezes gráfica – originária (autonomia fonética); **2)** manterem a forma gráfica com que figuram quando não componentes da palavra composta (autonomia gráfica e mórfica) e; **3)** assumirem, após a junção, e mediante análise do conjunto, uma *unidade de sentido* distinta dos vocábulos originários quando individualmente analisados, sem que, naturalmente, esses vocábulos componentes se tenham esvaziado semanticamente por completo (dependência semântica).

Assim, entre inúmeros outros vocábulos, apresentarão hífen: *água-marinha, arco-íris, guarda-roupa, porta-chapéus super-homem, bem-te-vi, cor-de-rosa, corre-corre, lusco-fusco, pátria-mãe, surdo-mudo.*

Não obstante, haverá, de fato, certas regras secundárias que se deverão seguir, regras estas que, com efeito, não raramente infringem, e às vezes posto que de certa forma ampliando, os preceitos diretores acima expostos.

Observação:

Não se usa o hífen em certas palavras que perderam a noção de composição, como girassol, madressilva, mandachuva, pontapé, catavento, paraquedas, paraquedista, alto falante, ar condicionado etc. Há, no entanto, algumas dessas palavras quem se mantêm sincréticas, como alto-falante, ar-condicionado, cata-vento.

2 Outras regras

1. Os compostos cujos elementos provenham de alguma forma de redução fonética (seja abreviação, regressão etc.) receberão, de regra, o hífen: *bel-prazer, és-sueste, su-sueste, recém-convertido, grã-fino, grão-mestre* etc.

2. Sempre serão seguidos de hífen os seguintes elementos:

• **além-, aquém-, recém-** (apócope de *recente(mente)* – cf. item 1), **nuper-, sem-, grã-** (apócope de *grande* – cf. item 1) e **grão-** (paretimologia; masculino suposto de *grã*)**, vice-, vizo-, sota-, soto-**: *além-mar, aquém-fronteira* (exceções: *Alentejo, Aquentejo, alentejano,*

aquentejano; diante de topônimos, os prefixos se conservam separados: *aquém Pireneus, além Pireneus* etc.), *recém-feito, nuper-publicado, sem-vergonha, grã-duquesa, grão-duque, vice-governador, vizo-rei, sota-vento, soto-capitão, sem-vergonha, sem-cerimônia, sem-terra* etc.

Observação:

Sobre a apócope GRÃ, trazemos alguns exemplos de flutuação quanto à flexão de gênero grã/grão em seu uso ou desuso pelos grandes autores de ontem e hoje.

Em Herculano, em sua obra *O Bobo*, encontrarmos o feminino *-grão*, que, no entanto, na edição *Clássicos de Ouro*, da *Edições de Ouro*, Rio de Janeiro, s/d, Introdução de Josué Montello, p. 86, *está sem hífen*: *Apraz-te, meu sobrinho, o ver esta grão peça de cavaleiro* (...). E também em Camões (Edição d'Os Lusíadas comentados por A. Epifânio da Silva Dias, reprodução fac-similada da 2. ed., Ministério da Educação e Cultura, 1972, p. 194 – III, 114-115): *Com tanta mortindade, que a memoria / Nunca no mundo vio tão grão victoria.* Aliás, é de certa forma contundente o uso dessa forma apocopada de que vimos tanto tecendo comentários. Em Rubem Braga, por exemplo (O Sino de Ouro, *in* Elenco de Cronistas do Modernismo, 15. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1997, p. 53), vemos: *Lembrança de antigo esplendor, gesto de gratidão, dádiva ao Senhor de um grã-senhor* (...)."

• **ex-** (com o sentido de ruptura de uma antiga condição): *ex-ministro, ex-aluno, ex-presidente* etc.

Observação:

exportar, excomungar, expatriar etc. são formações apenas diacronicamente depreensíveis, além de o prefixo *ex-* significar, aqui, "movimento para fora" (equivalendo ao grego *ec-*; q.v. nosso trabalho sobre prefixos gregos e latinos e suas equivalências). Em certas expressões latinas, ainda aparece o elemento, tendo, em alguns casos, o hífen, e, em outros, não (num caso ou noutro, ler-se-á /eks/): *ex-corde* (fórmula de cortesia com que se fecham cartas a pessoas íntimas), *ex-abrupto* (= de repente), *ex-officio* (por dever do cargo, "ossos do ofício"), *ex adverso* (o advogado da parte contrária), *ex aequo* (segundo os princípios da equidade) etc.

• **pós-, pré-, pró-** (naturalmente apenas quando tônicos)**:** *pós-moderno, pré-histórico, pró-juventude, pró-europeu, pós-graduação, pré-vestibular*. Se átonos, escrever-se-ão os prefixos sem hífen: *pospor, preestabelecer, promagistrado, preocupar, preopinar, prefigurar* etc.

Observação:

Atente para a diferença entre *pré-fixar*, isto é, “fixar com antecedência” e *prefixar*, isto é, “apor um prefixo”, ou “dar forma de prefixo”.

2.4) **ad-**, com palavras iniciadas por *d, h* ou *r*: *ad-digital, ad-renal*
2.5) **sub-**, com palavras iniciadas por *b, h* ou *r*: *sub-base, sub-região, sub-reptício*

Atenção:

Além dos prefixos AD e SUB, também os prefixos AB, OB e SOB serão seguidos de hífen quando estiverem diante de palavra iniciada por **R.** Isso será mostrado adiante, quando tratarmos dos prefixos e o hífen:

sub-região
sub-raça
sub-reptício
ab-rogar
sub-reitoria
ab-rupto (ou abrupto)
ob-reptício

• **co-**, quando seguido de palavra iniciada por H: *co-herdeiro*

Observação:

Mesmo em formações muito recentes, as novas regras ortográficas determinam a perda sistemática do hífen: *cofundador, coproprietário, copiloto, coadministração, coorientador* etc. Podemos dizer, também, que as formas já de há muito consolidadas na língua não recebem, ainda hoje – porque dessa forma tiveram sua gênese –, o hífen: *coabitar, coabitação* (MAS: *co-habitação,* forma sincrética), *coadjuvar, coadjuvante, coirmão* (confrade em ordens religiosas; ou primos, filhos dos irmãos), *coadjutor, coobrigar, coobrigação, coexistir, correlação, cooperar, cooptar, coocupante, coordenar, colidir*.

• BEM, quando o segundo elemento começar por VOGAL, H e, frequentemente, outras consoantes: *bem-aventurança, bem-humorado, bem-amado, bem-disposto, bem-intencionado, bem-estar, bem-educado, bem-comportado, bem-bom, bem-posto, bem-sucedido (MAS malsucedido), bem-vindo, bem-visto, bem-nascido, bem-dotado, bem-me-quer (MAS malmequer).*

Observação:

Caldas Aulete grafa *Bem-feito;*
Antonio Houaiss grafa *Benfeito;*
Ambos grafam *Malfeito*

- MAL, quando o segundo elemento começar por VOGAL e H: *mal-acabado, mal-agradecido, mal-afortunado, mal-ajambrado, mal-assombrado, mal-educado, mal-entendido, mal-humorado*
- As formas adjetivas ou substantivas compostas, reduzidas, pátrias ou não, desde que os elementos sejam todos da mesma classe: *ínfero-anteriores, ântero-dorsais, súpero-posteriores, póstero-palatais, político-econômicos, médico-clínico-cirúrgico, histórico-geográficos, greco-romanos, anglo-germânicos, afro-descendente* etc.

Observação:

Os adjetivos gentílicos reduzidos (como anglo, euro, afro, greco etc.) não receberão hífen se funcionarem como radical que não indica concomitância de nacionalidade: *afrolatria, eurocêntrico, grecofonia, anglofilia* etc.

- Nos adjetivos gentílicos provenientes de topônimos (nomes geográficos) com mais de uma letra, é costume o uso do hífen: árabe-saudita, sul-africano, cabo-verdiano, norte-coreano, costa-riquenho, serra-leonense.
  Exceções: Estados Unidos da América: estadunidense; Grã-Bretanha: britânico.

3. Elementos sempre precedidos de hífen:

- **Elementos, atuando como sufixos**, provenientes de adjetivos tupi-guaranis como: *-açu, -guaçu, -mirim*: *capim-açu, amoré-guaçu, anajá-mirim* etc.

Observação:

O sufixo **-mor** é sempre seguido de hífen (q.v. item 3.3, abaixo). “Já com *guaçu* e *mirim*”, diz-nos Valter Kehdi (*Formação de palavras em português*. 2. ed. São Paulo, Ática, 1997, p. 29), “a condição é que o primeiro elemento termine em vogal nasal ou acentuada graficamente: maracanã-guaçu / socó-mirim”.

- Os pronomes oblíquos:

→ Em posições **enclítica** e **mesoclítica** (nesta última, o hífen também ocorrerá após o pronome): *dar-se-nos-á* (combinação de dois pronomes), *bebi-o, comê-lo-ia, dar-lhe-ei* etc.

→ Servindo de **objetos diretos** contraídos com os pronomes *nos* e *vos*: *no-lo(s), vo-lo(s), no-la(s), vo-la(s).*

→ Após a expressão ***eis***: *ei-lo(s), ei-la(s).*

Observação:
Repare-se que haverá perda do S final de EIS.

→ **mor**, sufixo sinônimo de "maior", de que é redução fonética: *altar-mor, guarda-mor* etc. (Q.v. item 3.1.)

→ O substantivo "feira" nos dias da semana: *segunda-feira, terça-feira*.

Observação:

A *simplificação*, prática que se vem estendendo entre nós, sobretudo na imprensa escrita (e mesmo na falada), dada a exiguidade do espaço e do tempo consagrada a essas imprensas, não pede, ao menos neste caso (com os dias da semana), hífen. Portanto, não se escreverá, ao se incorrer na simplificação aludida: *segundas- e terças-feiras*, mas, sim, *segundas e terças-feiras.* A simplificação vocabular é prática comuníssima entre os alemães, não devendo ser irrestrita e desregradamente adotada pelos falantes da língua portuguesa. Encontramos em Gilberto Mendonça Telles (*in Modernismo brasileiro e vanguarda europeia*) a seguinte frase, por nós grifada nos dois momentos: "(...) e movimento (...) que pôde mais rigorosamente sondar a *sub-* ou a *super*-realidade da alma humana." Muito se tem lido acerca de "macro e microcosmo" etc., etc. Se se for pródigo nesta prática, insistimos, não tardarão frases como: "é preciso avaliarmos as *ex* e as *im*portações brasileiras", em que, além do acento intelectual recaindo sobre os prefixos, para evidenciá-los, haverá a própria elipse concreta do radical comum da palavra, como se este fosse, visto que notório (de fato), um elemento secundário, de somenos valor. Evanildo Bechara, analisando os casos em que há complementos de termos de regências diferentes (LPAS, 64), arrola: *ele era super e arquimilionário*, utilizando a expressão por nós admitida válida: *simplificação.*

4. Formas obsoletas de artigos definidos

→ O antigo artigo ***el***, posto que verdadeiramente desusado, dever-se-á prender ao substantivo ***rei***: *el-rei.*

→ A forma ***lo*** aparece, com suas flexões, ainda que mui exiguamente, junto a ***mais***, caso em que se usará hífen: *mai-lo* (= mais o); *v.g.*: "Veio da terra, *mai-lo* seu moinho" (A. Nobre, *apud* Cunha-Cintra, 200).

Também nos chegou, de Graciliano Ramos (*apud* Lapa, ELP, 157) "Difícil imaginá-las (= imaginar as) frações de pessoas, misturadas, decompondo-se num monturo" (*Infância*, ed. 1945, pág. 196). Lapa arremata:

"É aliás o processo do galego atual, retintamente popular: *'Vai* levá-lo *neno ao médico'*". (id. ib.)

5. Compostos semânticos vocabulares que denotam encadeamentos topográficos, geralmente geográficos:
   Conexão Beirute-Bagdá
   Ligação hidrogênio-carbono
   Eixo Rio-São Paulo
   Ponte Rio-Niterói

6. Deve-se usar o hífen na separação silábica
   Car-ro-ce-ri-a
   Mar-su-pi-al

Observação:

Na translineação, usa-se também o hífen. Por uma questão de clareza gráfica, deve-se usar o hífen nas duas linhas do vocábulo separado se, no local onde houve a separação, ocorresse originalmente o hífen:

Super-homem / Super-
-homem
Dê-me / Dê-
-me

7. Prefixos, pseudoprefixos e o hífen

Observação:

Chama-se *pseudoprefixo* aquele elemento que, tendo origem num *radical* vernáculo, passou a comportar-se de modo idêntico, para efeitos morfológicos, aos prefixos comuns, configurando o que Celso Cunha chama de *recomposição*.

Assim, no pensamento contemporâneo, os pseudoprefixos abaixo apresentam tais significações:

AUTO (= carro)
AERO (= avião)
HIDRO (= água)
HOMO (= homossexualidade)
Etc.

Note-se que, originariamente, *auto* é sinônimo de *próprio*; *aero* de *ar*; *hidro* de *hidrogênio*; *homo* de *semelhante* etc.

Assim, são casos de recomposição, com pseudoprefixos: *autoesporte* (não “esporte próprio”, mas “esporte de carro”), *aeroporto* (não “porto no ar”, mas “porto de avião”), *hidrófilo* (não “amor ao hidrogênio”, mas “amor à água”); *homofobia* (não “aversão ao semelhante”, mas “aversão ao homossexual”).

a) Qualquer prefixo será seguido de hífen quando estiver diante de palavras iniciadas por H:

anti-higiênico
anti-histórico
anti-histamínico
co-herdeiro
macro-história
mini-hotel
proto-história
sobre-humano
super-homem
ultra-humano
Exceções: subumano, desumano, inábil etc.

Observação:

Há prefixos nunca seguidos de hífen: *des, in, para, trans, re: desumano, inábil, reescrever, transatlântico.*

b) Prefixos terminados em vogal

1. Usa-se o hífen quando o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte começa com vogal idêntica:

anti-ibérico
anti-imperialista
anti-inflacionário
anti-inflamatório
auto-observação
contra-almirante
contra-atacar
contra-ataque
micro-ondas
micro-ônibus
semi-internato
semi-interno

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e a palavra seguinte se inicia com vogal diferente:

aeroespacial
agroindustrial
anteontem
antiaéreo
antieducativo
autoaprendizagem
autoescola
autoestrada
autoinstrução
autoanálise
coautor
coedição
extraescolar
infraestrutura
plurianual
semiaberto
semianalfabeto
semiesférico
semiopaco

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com R ou S. Neste caso, duplica-se o R ou o S:

antirrábico
antirracismo
antirreligioso
antirrugas
antissocial
antessala
biorritmo
contrarregra
contrassenso
cosseno
infrassom
microssistema
minissaia
multissecular
neorrealismo
neossimbolista
semirreta
ultrarresistente
ultrassom
ultrarromantismo

4. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em vogal e o segundo elemento começa com consoante diferente de **R** ou **S**.

anteprojeto
antipedagógico
autopeça
autoproteção
coprodução
geopolítica
microcomputador
semicírculo
semideus
seminovo
ultramoderno

c) Prefixos terminados em consoante

1. Usa-se o hífen quando o prefixo termina em consoante e o segundo elemento começa pela mesma consoante.

hiper-requintado
inter-racial
inter-regional
sub-bibliotecário
ad-digital
super-racista
super-reacionário
super-resistente
super-romântico

2. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em consoante e o segundo elemento começa com consoante diferente:

Supermercado
Intermunicipal
Supersônico

3. Não se usa o hífen quando o prefixo termina em consoante e o segundo elemento começa por vogal.

Hiperacidez
Hiperativo
Interescolar
Interestadual
Interestelar
Interestudantil
Superamigo
Superaquecimento

Supereconômico
Superexigente
Superinteressante
Superotimismo

Atenção!

Com os prefixos SUB, AB, AD, OB e SOB usa-se o hífen *também* diante de palavra iniciada por **R,** conforme havia sido mostrado acima

sub-região
sub-raça
sub-reptício
ab-rogar
sub-reitoria
ab-rupto (ou abrupto)
ob-reptício

Observação:

Com os prefixos **circum** e **pan**, usa-se o hífen diante de palavra iniciada por H, M, N e vogal:

circum-navegação
pan-americano

2.1 Resumo: prefixos e hífen

1. Sempre se usa o hífen diante de H:
anti-higiênico, super-homem.

2. Prefixo terminado em vogal:
2.1 Com hífen diante de mesma vogal:
contra-ataque, micro-ondas.

2.2 Sem hífen diante de vogal diferente:
autoescola, antiaéreo.

2.3 Sem hífen diante de R e S. Dobram-se essas letras:
Microrregião, telessena, antirracismo, antissocial, ultrassom.

2.4 Sem hífen diante de consoante diferente de R e S:

anteprojeto, semicírculo.

3. Prefixo terminado em consoante:
3.1 Com hífen diante de mesma consoante:
inter-regional, sub-bibliotecário.

3.2 Sem hífen diante de consoante diferente:
intermunicipal, supersônico.

3.3 Sem hífen diante de vogal:
interestadual, superinteressante.

2.2 Sinopse

Prefixos e pseudoprefixos e o emprego do hífen:

1. Sempre seguidos de hífen diante de H ou diante de palavras iniciadas pela mesma vogal com que eles terminam:
   Aero, agro, áudio, auro, alfa, anfi, ante, anti, arqui, auto, auri, beta, bi, biblio, bio, cardio, cine, contra, crono, eletro, entre, etno, extra, fono, foto, geo, giga, hemi, hetero, hidro, hipo, homo, infra, intra, iso, justa, lipo, macro, maxi, médio, mega, meso, meta, micro, midi, mini, mono, multi, narco, necro, nefro, neo, neuro, orto, oto, paleo, peri, pluri, poli, proto, pseudo, psico, quadri, quilo, retro, semi, sobre, sócio, supra, taqui, tele, tetra, tri, ultra, vídeo, zoo

2. sempre seguidos de hífen diante de H ou R
   hiper, inter, nuper, super

3. sempre seguidos de hífen diante de B, H ou R
   ab, ob, sob, sub

4. sempre seguido de hífen diante de D, H ou R
   ad

5. Sempre seguido de hífen diante de H
   co

6. sempre seguido de hífen diante de vogal, H, M e N
   pan, circum

3 Acentuação gráfica na nova ortografia da língua portuguesa

I. Proparoxítonas

Todas serão acentuadas graficamente:

Árvore, límpido, álibi, cálice, físico, lépido, ônibus, tônico

Observação:

Manteve-se a flutuação de pronúncia e de acentuação tônica em certas palavras, que têm timbre aberto em Portugal e fechado no Brasil. Assim, aceitam-se como formas sincréticas, palavras proparoxítonas como:

Antônimo/antónimo
Tônico/ tónico
Fenômeno / fenómeno
Acadêmico / académico

II. *Monossílabos tônicos*

São acentuados os terminados em A, E ou O, com timbre aberto ou fechado, seguidos ou não de S:

Pá, pé, pó, sê, dê, vê, quê

Observação:

Os verbos seguirão as mesmas regras, mesmo que haja ênclise ou mesóclise:

bebê-lo-á, pô-lo-á, pôs

Atenção:

Por clareza gráfica, as formas verbais monossilábicas terminadas em *em*, se da terceira pessoa do plural, serão acentuadas graficamente (acento circunflexo):

Ele tem / eles *têm*
Ele vem / eles *vêm*

Assim como os verbos daí derivados, que, no entanto, não serão mais, obviamente, monossilábicos: eles detêm, eles provêm. Observe-se que as formas de 3ª pessoa do singular receberão, nos verbos derivados, acento agudo: ele *detém*, ele *provém*; o que, repita-se, não ocorre com os monossilábicos nesta mesma pessoa. A acentuação gráfica destes verbos é

assunto polêmico sob diversos pontos de vista, pois são utilizadas regras pertinentes a vários itens para se chegar a um consenso: ele *tem* (não acentuado por ser monossílabo não terminado em *a, e* ou *o*); ele *detém* (paroxítona terminada em *em*); eles *têm/ detêm* (acentos que servem de clareza gráfica, para que se difira esta forma da da 3. pessoa do singular). Tornaremos ao assunto na parte em que tratamos da acentuação de algumas formas verbais específicas.

III. *Oxítonos*
São acentuados os terminados em A, E, O EM (ENS), seguidos ou não de S:
Cajá, sapê, sofá, avô, avó, parabéns, refém, também, bebê-lo-ia, dispô-lo, amá-la

IV. *Paroxítonos*
São acentuados os não terminados em A, *E*, *O* ou EM (ENS) seguidos ou não de *S*. Essa regra, mais prática, é, na verdade, correspondente a esta outra; são acentuados os vocábulos paroxítonos terminados em *l, i, n, x, us, um, r, ã, ão, ps, om, on,* seguidos ou não de *s*:
Vígil, cáqui, hífen, Félix, bônus, álbum, mártir, órfã, órfão, fórceps, rádom, códon etc.

Observação:

Não se acentuarão os paroxítonos terminados em *-ens*, uma vez que os oxítonos assim terminados o serão: *hífen / hifens, pólen / polens , abdômen / abdomens* etc.

Não se acentuam, embora segundo a regra devessem sê-lo, prefixos tais que *anti-, nuper-, semi-, super-*.

Repare-se que os vocábulos *item* e *itens* não são acentuados graficamente, este por ser paroxítona terminada em -*ens* (q.v. obs. abaixo), aquele por ser paroxítono terminado em -*em*. Se este vocábulo fosse acentuado no singular ou no plural, estes outros também o seriam: *nuvem/nuvens; jovem/jovens* (!).

Atenção:

Os vocábulos paroxítonos terminados em *ditongo ou ditongo + M* também são acentuados graficamente:

espécie(s), páscoa(s), régua(s) etc.
averíguo, averíguas, averígua, averíguam, averígue, averíguem etc.

Observação:

Há uma flutuação na pronúncia dos verbos terminados em **guar**, **quar** e **quir**, como *averiguar, apaziguar, desaguar, enxaguar, obliquar, delinquir* etc.

Esses verbos admitem dupla pronúncia em algumas formas do presente do indicativo, do presente do subjuntivo e também do imperativo.
Assim sendo, podem ocorrer duas circunstâncias:

1. Se forem pronunciadas com a ou i tônicos, essas formas devem ser acentuadas.
   enxáguo, enxáguas, enxágua, enxáguam; enxágue, enxágues, enxáguem.
   Verbo delinquir: delínquo, delínques, delínque, delínquem; delínqua, delínquas, delínquam; *averíguo, averíguas, averígua, averíguam, averígue, averíguem*.

2. Se forem pronunciadas com u tônico, essas formas deixam de ser acentuadas.
   (a vogal sublinhada é tônica, devendo ser pronunciada mais fortemente que as outras):
   enxaguar: enxaguo, enxaguas, enxagua, enxaguam; enxague, enxagues;
   delinquir: delinquo, delinques, delinque, delinquem; delinqua, delinquas, delinquam; *averiguo, averiguas, averigua, averiguam, averigue, averiguem.*

Atenção:

No Brasil, a pronúncia mais frequente é a primeira, com **a** e **i** tônicos.

V. *Ditongos tônicos abertos éi, éu, ói*

1) São acentuados, *quando em palavras oxítonas*:
   chapéu, réis, papéis, heróis, mói.

2) EI e EU, mesmo quando abertos, não recebem acento gráfico quando em palavras paroxítonas:
   ideia, europeia, joia, boia, apoia, heroico, estoico, ureia

VI. *Hiatos*

O *i* e o *u* orais precedidos de outra vogal, se formarem sílaba sozinhos ou com o *s* (hiato), serão acentuados graficamente: *saída*, *saí*, *faísca*, *saúde* etc.

Se o *i* ou o *u* forem nasais (seguidos de *n*, *m* ou *nh*) ou seguidos de *l*, *r*, *z*, *i e u*, formando sílabas com estes, não serão acentuados graficamente: *ainda*, *bainha*, *ruim*, *paul*, *juiz* (mas *juízes*), *raiz* (mas *raízes*), *pauis.*

Se a vogal átona for igual à tônica, dispensar-se-á, também, o acento gráfico: *mandriice, vadiice*, *paracuuba*.

Observações:

1. Se vierem em palavras paroxítonas, e precedidos de ditongo, o I e o U também deixam de receber acentuação gráfica:
   feiura, Bocaiuva, janauira, baiuca, cauila
2. Se as vogais *I* ou *U* estiverem precedidas de ditongo, mas ocorrerem em oxítona, sendo as vogais finais (seguidas ou não de *s*), receberão acento:
   Piauí, tuiuiú, teiú, teiús

VII. *Hiato de algumas formas verbais*

Não é mais acentuado o primeiro *e* do hiato *-e/em* das terceiras pessoas do plural dos verbos *crer, ler, ver* e *dar,* este último no presente do subjuntivo, aqueles três no presente do indicativo: *creem, leem, veem, deem.*

Também os hiatos *o-o*, dos verbos terminados no infinitivo em *-oar*, ou dos substantivos daí provenientes, deixarão de ser graficamente acentuados: *perdoo, enjoo, voo* (substantivo ou verbo), *abençoo, doo* etc.

Observação:

É claro que as terceiras pessoas do singular, por serem monossílabos tônicos terminados em *e*, receberão acento: *crê, lê, vê, dê.*
Não confundir com o verbo *vir*, que se grafa: ele *vem*, eles *vêm.*

Atenção:

Passa a ser facultativo o uso do acento gráfico (agudo) na primeira pessoa do plural (NÓS) no pretérito perfeito dos verbos da primeira conjugação (vogal temática A)

Eu amei
Tu amaste
Ele amou
Nós amamos / amámos
Vós amastes
Eles amaram

Repare que esse acento não existirá no presente do indicativo:
Eu amo
Tu amas
Ele ama
Nós amamos

Vós amais
Eles amam

Também se poderá usar, facultativamente, o acento gráfico (circunflexo) na primeira pessoa do plural (NÓS) do presente do subjuntivo do verbo DAR:

(que) eu dê
(que) tu dês
(que) ele dê
(que) nós demos / dêmos
(que) vós deis
(que) eles deem

VIII. *Acento diferencial*

Não se usa mais o acento que diferenciava os pares pára/para, péla(s)/pela(s), pêlo(s)/pelo(s), pólo(s)/polo(s) e pêra/pera.

Atenção:

1. São mantidos os acentos que diferenciam os verbos *pôde* (pretérito perfeito) e *pode* (presente do indicativo).
2. O substantivo *fôrma* tem acento diferencial de timbre facultativo, para diferenciá-lo de *forma*, sempre de timbre aberto.
3. Continua havendo o acento diferencial de intensidade entre o verbo PÔR e a preposição POR.

IX. *Trema*

É inteiramente abolido, somente subsistindo em nomes de grafias estrangeiras:
Tranquilo, cinquenta, quinquênio, eloquente, sequência, Müller

Apêndice: Prosódia

Vocábulos cuja acentuação tônica pode ser viciosa

Abaixo, listamos as acentuações tônicas/gráficas corretas de algumas palavras comumente usadas equivocadamente.

• *São oxítonos*:

aloés	mister (= necessário)
cateter	Nobel
caudal (Obs.: este substantivo é *masculino*.)	novel
condor	recém
Cister	refém
harém	ruim
Gibraltar	sutil
masseter	ureter

Rocha Lima arrola ”xerox” exclusivamente como oxítona.

• *São paroxítonos* (incluímos os paroxítonos terminados em ditongo, ou proparoxítonos eventuais):

alanos	erudito	mercancia
Alcácer (= Alcáçar)	estalido	necropsia
algaravia	exegese	nenúfar
âmbar	êxul	Normandia
ambrósia (em Cunha-Cintra há aceitação, aqui, de dupla prosódia, com a forma sincrética “ambrosia”, também paroxítona)	filantropo	onagro
arcediago	flébil	ônix
arrátel	fluido (subst. O verbo, particípio, é pronunciado com o hiato: “flu*í*do”; pelo qual se põe acento agudo.)	opimo
avaro	fórceps	orquídea
avito	gólfão	pegada
aziago	grácil	periferia
azimute	gratuito	perito
barbaria (mas também “barbárie”, esta última forma preferível àquela.)	harpia	pletora
batavo	hissope	policromo
biotipo	hosana	pudico
cânon (melhor grafado com a paragoge: “cânone”; proparoxítona esta última)	Hungria	quíchua
Caracteres	ibero	quiromancia

Cartomancia	impio (= cruel; mas "ímpio" = com pouca ou nenhuma fé)	refrega
Cenobita	inaudito	rubrica
Ciclope	índex (melhor grafado com sua forma sincrética: "índice")	sinonímia
Clímax	ingênito	táctil
Decano	láurea (= laurel)	têxtil
Diatribe	látex	Tibulo
edito (= decreto; mas "édito" = ordem judicial)	maquinaria	tulipa
Efebo	matula	ubíquo
Estratégia	misantropo	

• *São proparoxítonos*:

acólito	bátega	ímprobo
acônito	bávaro	ínclito
ádvena	bímano	íngreme
aeródromo	bólido (= *a* bólide)	ínterim
aerólito	brâmane	invólucro
ágape	cáfila	leucócito
álacre	Cérbero	lêvedo
álcali	Cleópatra	míope
alcíone	cotilédone	Niágara
álcool	crástino	ômega (Said Ali dá preferência à forma "omega")
alcoólatra	crisântemo (Em Cunha-Cintra tal vocábulo apresenta dupla prosódia, aceitando a forma sincrética "crisantemo".)	ômicron
alóctone	Dâmocles	Pégaso
amálgama	écloga	périplo
anátema	égide	plêiade
andrógino	êmbolo	prístino
anêmona	éolo	prófugo
antífona	epíteto	protótipo
antífrase	etíope	quadrúmano
antístrofe	êxodo	réquiem
ápode	fac-símile	resfôlego
areópago	fagócito	revérbero

aríete
arquétipo
autóctone
ávido
azáfama
azêmola
farândula
férula
gárrulo
hélade
héjira
idólatra
sátrapa
trânsfuga Tâmisa
vândalo
zéfiro
zênite

• *Vocábulos com dupla prosódia*

acróbata ou acrobata

alópata ou alopata

anidrido ou anídrido

boêmia ou boemia

hieroglifo ou hieróglifo

nefelibata ou nefelíbata

Oceania ou Oceânia

ortoepia ou ortoépia

projetil ou projétil (plurais, respectivamente: projetis ou projéteis.)

reptil ou réptil (plurais, respectivamente: reptis ou répteis.)

soror ou sóror

zangão ou zângão

Apêndice: A evolução do hífen na Língua Portuguesa

Como eram os prefixos e pseudoprefixos grafados com o hífen antes do Acordo Ortográfico ora vigente:

Prefixos que eram sistematicamente seguidos de hífen quando diante de			
Vogal	H	R	S
-	-	Ab	-
-	-	Ad	-
-	Ante	Ante	Ante
-	Anti	Anti	Anti
-	Arqui	Arqui	Arqui
Auto	Auto	Auto	Auto
Circum	Circum	-	-
Com	Com	-	-
Contra	Contra	Contra	Contra
-	Entre	-	-
Extra	Extra	Extra	Extra
-	Hiper	Hiper	-
Infra	Infra	Infra	Infra
-	Inter	Inter	-
Intra	Intra	Intra	Intra
Mal	Mal	-	-
Neo	Neo	Neo	Neo
-	-	Ob	-
Pan	Pan	-	-
Proto	Proto	Proto	Proto
Pseudo	Pseudo	Pseudo	Pseudo
Semi	Semi	Semi	Semi
-	-	Sob	-
-	Sobre	Sobre	Sobre
-	-	Sub	-
-	Super	Super	-
Supra	Supra	Supra	Supra
Ultra	Ultra	Ultra	Ultra

Questões comentadas

01. (Nível Superior/Cesgranrio/2013) O grupo em que ambas as palavras devem ser acentuadas de acordo com as regras de acentuação vigentes na língua portuguesa é

a) aspecto, inicio
b) instancia, substantivo
c) inocente, maiuscula
d) consciente, ritmo
e) frequencia, areas

Ambas são paroxítonas terminadas em ditongo. Gabarito: **E**.

02. (Farmacêutico/CRF-SC/IESES/2012) Assinale a alternativa com **ERRO** de acentuação.

a) Aquele guri pareceu não entender a rubrica do diretor.
b) O ítem do acordo relacionado à acentuação gráfica foi respeitado.
c) À medida que se distancia, o ímã deixa de atrair o metal.
d) O advogado redargui com propriedade durante o júri de seu cliente, o réu.

Paroxítonas terminadas em em não recebem acentuação gráfica. Gabarito: **B**.

03. (Psicólogo/TJ-SP/Vunesp/2012) Observe as palavras acentuadas, em destaque no seguinte texto:

A **Itália** empreende atualmente uma revolução em sua indústria **vinícola**, apresentando modernos e dinâmicos vinhos, não abandonando seu **inigualável** caráter gastronômico.

Assinale a alternativa cujas palavras são acentuadas, respectivamente, segundo as regras que determinam a acentuação das palavras destacadas no texto.

a) Saída; mostrará; hífen.
b) Ócio; fenômeno; inútil.
c) Dá-lo; anônima; estéril.
d) Eólica; órfã; ninguém.
e) Comprá-la; político; nível.

Vinícola e *fenômeno,* como toda proparoxítona, recebem acentuação gráfica, assim como toda paroxítona terminada em *l* (*inigualável, inútil*) e em ditongo (*Itália* e *ócio).* Gabarito: **B**.

04. (Analista Judiciário/CNJ/Cespe/2013) A mesma regra de acentuação gráfica, justifica o emprego de acento gráfico nas palavras “construída” e “possíveis”.
( ) certo
( ) errado

Construída é acentuada pelo hiato formado entre o *i* oral e a vogal anterior e *possíveis* é acentuada por ser uma paroxítona terminada em ditongo oral seguido de *s*. Gabarito: **errado**.

05. (Analista Judiciário/TRT-10ª/Cespe/2013) As palavras “países”, “famílias” e “níveis” são acentuadas de acordo com a mesma regra de acentuação gráfica.
( ) certo
( ) errado

Acentua-se *países* pelo hiato formado entre o *i* oral e a vogal anterior, e *famílias* e *níveis* por serem paroxítonas terminadas em ditongo. Gabarito: **errado**.

06. (Inspetor de Segurança/Petrobras/Cesgranrio/2011) As palavras que, na sequência, recebem acento gráfico são:
a) hifens – latex – avaro
b) gratuito – video – recem
c) benção – egoista – vies
d) martir – item – economia
e) caracteres – seca – rubrica

Bênção – paroxítona terminada em *ão*; *egoísta* – acentuada pelo hiato entre o *i* oral e a vogal anterior; *viés* – oxítona com ditongo aberto *éis*. Gabarito: **C**.

07. (Assistente Administrativo/EPE/Cesgranrio/2012) No trecho “É imperativo democratizar o acesso aos serviços **básicos** de uma **metrópole** e diminuir as desigualdades.” (ℓ. 35-37), as palavras destacadas são acentuadas graficamente.
O grupo em que as palavras devem ser acentuadas em virtude da mesma regra é
a) água, sustentável
b) automobilística, também
c) automóvel, saúde
d) expansão, precário
e) índice, perímetro

Índice e *perímetro* recebem acentuação gráfica por serem proparoxítonas. Gabarito: **E**.

08. (Agente Administrativo/PRF/Cespe/2012) As palavras “Polícia”, “Rodoviária” e “existência” recebem acento gráfico porque são paroxítonas terminadas em ditongo crescente.
( ) certo
( ) errado

Palavras paroxítonas terminadas em ditongo, seguido ou não de *s*, serão acentuadas. Gabarito: **certo**.

09. (Administrador/DPE-PR/PUC-RS/2012) Com relação às regras de acentuação gráfica, assinale a única assertiva em que todas as palavras devem ser acentuadas, segundo as regras do português padrão:
a) Facil; polen; colmeia.
b) Ideia; tenis; miudo.
c) Papeis; refem; lucido.
d) Heroi; enjoo; tacito.
e) Simpatico; boia; saida.

Papéis – oxítona com ditongo aberto *éis*; refém – oxítona terminada em *em*; lúcido – acentuada por ser proparoxítona. Gabarito: **C**.

10. (Advogado/Cedae-RJ/Ceperj/2012) A palavra “construído” recebe acento gráfico pelo mesmo motivo que a palavra:
a) mídia
b) saúde
c) sábios
d) disponíveis
e) imaginário

Hiatos formados em *i* ou *u* orais, seguidos ou não de *s*, quando precedidos de outra vogal receberão acentuação gráfica. Gabarito: **B**.

11. (Nível Médio/MPE-PI/Cespe/2012) Os verbos “comunicar”, “ensinar” e “comandar”, quando complementados pelo pronome **a,** acentuam-se da mesma forma que “constatá-las”, “designá-las” e “elevá-las”.
( ) certo
( ) errado

Esses verbos deverão ser acentuados por se transformarem em oxítonas terminadas em *a*. Gabarito: **certo**.

12. (Professor Junior/Liquigas/Cesgranrio/2012) De acordo com as regras de acentuação, o grupo de palavras que foi acentuado pela mesma razão é:
    a) céu, já, troféu, baú
    b) herói, já, paraíso, pôde
    c) jóquei, oásis, saúde, têm
    d) baía, cafeína, exército, saúde
    e) amiúde, cafeína, graúdo, sanduíche

Hiatos formados em *i* ou *u* orais, seguidos ou não de *s*, quando precedidos de outra vogal serão acentuados. Gabarito: **E**.

13. (Analista Judiciário/TST/FCC/2012) Segundo os preceitos da gramática normativa do português do Brasil, a única palavra dentre as citadas abaixo que NÃO deve ser pronunciada com o acento tônico recaindo em posição idêntica àquela em que recai na palavra **avaro** é:
    a) mister.
    b) filantropo.
    c) gratuito.
    d) maquinaria.
    e) ibero.

Todas as palavras citadas são paroxítonas, exceto a oxítona *mister*. Gabarito: **A**.

14. (Assistente Técnico-Administrativo/CMB/Cesgranrio/2012) Algumas palavras são acentuadas com o objetivo exclusivo de distingui-las de outras. Uma palavra acentuada com esse objetivo é a seguinte:
    a) pôr
    b) ilhéu
    c) sábio
    d) também
    e) lâmpada

O verbo *pôr* se distingue da preposição *por* tão somente pelo fato daquela palavra ser acentuada e esta não. Gabarito: **A**.

15. (Advogado/Procon-RJ/Ceperj/2012) A palavra do texto que teve sua grafia alterada pelo mais recente acordo ortográfico é:
    a) mídias

b) álcool
c) trás
d) estresse
e) ideia

O novo Acordo Ortográfico estabeleceu a perda da acentuação gráfica dos ditongos abertos *ei* e *oi* da sílaba tônica das paroxítonas. Gabarito: **E**.

16. (Técnico Judiciário/TRE-SP/FCC/2012) É preciso corrigir deslizes relativos à ortografia oficial e à acentuação gráfica da frase:
a) As obras modernistas não se distinguem apenas pela temática inovadora, mas igualmente pela apreensão do ritmo alucinante da existência moderna.
b) Ainda que celebrassem as máquinas e os aparelhos da civilização moderna, a ficção e a poesia modernista também valorizavam as coisas mais quotidianas e prosaicas.
c) Longe de ser uma excessão, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por intênsas polêmicas entre artistas e críticos concervadores.
d) No que se refere à poesia modernista, nada parece caracterizar melhor essa extraordinária produção poética do que a opção quase incondicional pelo verso livre.
e) O escândalo não era apenas uma consequência da produção modernista: parecia mesmo um dos objetivos precípuos de artistas dispostos a surpreender e a chocar.

"Longe de ser uma *exceção*, a pintura modernista foi responsável, antes mesmo da literatura, por *intensas* polêmicas entre artistas e críticos *conservadores*". Gabarito: **C**.

17. (Analista Judiciário/TSE/Consulplan/2012) Assinale a palavra que NÃO tenha sido acentuada pelo mesmo motivo que as demais.
a) substituído (ℓ. 37)
b) polícia (ℓ. 13)
c) jurisprudência (ℓ. 64)
d) saqueável (ℓ. 9)

Todas foram acentuadas pelas terminações enquanto paroxítonas, exceto *substituído,* que recebeu a acentuação gráfica pelo hiato formado entre o *i* oral e a vogal anterior. Gabarito: **A**.

Capítulo 6 – Semântica, ortoepia e prosódia

1 A palavra e suas nuances

A palavra merece, indiscutivelmente, ser objeto de estudo acurado, porquanto ferramenta indispensável do ato de redigir.

Vamos a elas:

1. *Denotação*: é o emprego de palavras com seu sentido habitual, dicionarizado.
   Ex: "Eu não gosto de uva".

2. *Conotação*: é o emprego de palavras fora de seu sentido habitual, dependendo de um contexto (às vezes, social, cultural – as gírias) para serem compreendidas.
   Ex: "Esta menina é uma uva!".

3. *Polissemia*: capacidade que algumas palavras têm de apresentar mais de um significado:
   - Manga – parte da camisa
   - Manga – fruta
   - Lima – fruta
   - Lima – cidade
   - Serra – verbo
   - Serra – conjunto de montanhas

Se não estiverem inseridas num contexto, tais palavras poderão dizer uma coisa ou outra.

4. *Sinônimos*: "propriedade de duas ou mais palavras poderem ser empregadas uma pela outra sem alteração de sentido daquilo que se pretende comunicar". (João Bosco Medeiros)

Observação:

Cuidado ao empregar termos e palavras sinônimos, pois, embora parecendo absolutamente iguais, cada expressão guarda em si uma carga semântica insubstituível. Digamos que não há palavras ou termos sinônimos, apenas afins. Veja:
Moleque = menino (sinônimo?)

Entretanto:

O menino saiu.

O moleque saiu.

Observa-se uma antipatia explícita do escritor na segunda oração, evidenciada pela escolha do termo “o moleque” em vez de “o menino”; isto é, apesar de sinônimos, o termo moleque possui uma carga pejorativa.
E também:

Alguns de nós são inadimplentes.
Alguns de nós somos inadimplentes.

Embora, do ponto de vista gramatical, ambas estejam corretas, sendo, assim, sinônimas, cada oração apresenta um sentido intrínseco próprio.
Observe: A primeira oração é uma constatação; a segunda, uma possível confissão de culpa; o autor pode estar incluído no universo daqueles que são inadimplentes.

5. *Antônimos*: palavras que apresentam sentidos opostos.
   Bem – mal
   Bom – mau

6. *Homônimos*: palavras iguais na forma e diferentes na significação. Podem ser:

a) Homófonos: som igual, grafia diferente.
   • Acerto (ato de acertar) – asserto (afirmação)
   • Incerto (sem certeza) – inserto (inserido)
   • Acender (ato de atear fogo) – ascender (subir)
   • Acento (sinal gráfico) – assento (lugar para sentar)
   • Sela (arreio) – cela (cubículo)
   • Cerrar (fechar) – serrar (cortar)
   • Cessão (ato de ceder) – sessão (reunião) – seção (divisão, ato de seccionar)

b) *Homógrafos*: grafia igual, pronúncia diferente.
   • Gosto (verbo) – gosto (sabor)
   • Acerto (verbo) – acerto (ato de acertar)
   • Colher (verbo) – colher (utensílio de cozinha)
   • Corte (verbo) – corte (residência de um monarca)
   • Interesse (verbo) — interesse (substantivo)
   • Sede (lugar) — sede (necessidade de beber)

c) *Homônimos perfeitos*: igualdade na pronúncia e na escrita (polissemia).
   • Cabo (de vassoura) – cabo (posto militar)
   • Canto (verbo cantar) – canto (ângulo)
   • Fazenda (propriedade) – fazenda (tecido)
   • Livre (verbo livrar) – livre (solto)

7. *Parônimos*: palavras de significação diferente e que apresentam certa semelhança na escrita.

Alguns:

- Absolver – inocentar / absorver – consumir
- Acurado – feito com cuidado / apurado – refinado
- Amoral – indiferente à moral / imoral – contra a moral, devasso
- Aprender – adquirir conhecimento / apreender – assimilar, prender, tomar
- Afear – tornar (-se) feio / afiar – amolar
- Apóstrofe – figura de linguagem / apóstrofo – sinal gráfico
- Arrear – pôr arreios / arriar – descer, baixar
- Acidente – desastre / incidente – algo inesperado
- Adereço – enfeite / endereço – residência
- Atuar – agir / autuar – processar
- Conjetura (ou conjectura) – hipótese / conjuntura – situação
- Cavaleiro – que anda a cavalo / cavalheiro – educado
- Coser – costurar / cozer – cozinhar
- Cumprido – realizado / comprido – extenso
- Cumprimento – saudação / comprimento – extensão
- Deferir – conceder / diferir – ser diferente
- Delatar – denunciar / dilatar – ampliar
- Devagar – sem pressa / divagar – andar nas nuvens
- Despercebido – não notado / desapercebido – desprovido
- Descrição – ato de descrever / discrição – qualidade de ser discreto
- Descriminar – inocentar / discriminar – diferenciar
- Emergir – vir à tona / imergir – mergulhar
- Eminente – importante / iminente – prestes a ocorrer
- Estada – permanência / estadia – permanência de veículos
- Esbaforido – ofegante / espavorido – apavorado
- Flagrante – evidente / fragrante – perfumado
- Indefeso – desarmado, fraco / indefesso – infatigável
- Infligir – aplicar pena ou castigo / infringir – transgredir
- Inflação – desequilíbrio monetário / infração – transgressão, violação
- Insolúvel – sem solução / insolvível – que não pode ser pago
- Laço – nó fácil de ser desfeito / lasso – cansado
- Lista – relação, rol / listra – linha, risco
- Mandado – ordem judicial / mandato – período de missão política
- Precedente – antecedente / procedente – oriundo, proveniente
- Prescrição – ordem expressa / proscrição – supressão

- Previdência – qualidade daquele que prevê algo / providência – medida prévia para se atingir algo
- Proeminente – saliente fisicamente / preeminente – distinto, nobre
- Ratificar – confirmar / retificar – corrigir
- Sustar – deter / suster – sustentar
- Tráfego – trânsito / tráfico – comércio ilícito

2 A ortoepia

(do grego: orto = 'correto'; fon(o) = 'som')

Preocupa-se – grosso modo – com a correta articulação e produção dos fonemas.

Ocorre que, muitas vezes, a língua falada pode acrescentar, retirar, substituir (graças à força iterativa de que é dotada) vogais, consoantes ou sílabas de um determinado vocábulo.

Pode acontecer, também, o deslocamento da acentuação tônica de uma palavra da sua sílaba tônica normativamente aceita a uma outra qualquer (tal deslocamento se dá, em muitos casos, devido ao desconforto proveniente da fonologia).

Por mera satisfação de curiosidade – porquanto não interessaria, aqui, a apreensão de nomenclatura –, faça-se breve menção acerca dos nomes intrínsecos à parte da gramática de cujo cerne advêm os estudos da fonologia:

1. *ortoepia* (do gr. : *ortos* = 'correto'; *epos* – 'palavra') de cuja trangressão advém a corruptela;
2. *prosódia*, preocupada com a acentuação e entoação corretas, cuja infração é denominada silabada.

Todavia, atente para o seguinte detalhe:

Casos há (e muitos) em que o uso reiterado de uma determinada palavra articulada de forma "transgressora" segundo os parâmetros da Gramática Normativa promove a adoção definitiva de tal palavra consoante a forma mais corriqueira. Isto é, passa a vigorar a forma "transgressora" em detrimento parcial ou total da forma gramaticalmente concebível.

> *Observação*:
>
> A *prosódia* se preocupa com a correta acentuação tônica/gráfica das palavras, não com sua articulação em si mesma. Tratamos da *prosódia* no capítulo sobre *acentuação gráfica*.

3 Alguns erros mais correntes de pronúncia e ortografia

Norma culta	*Pronúncia coloquial* (desviada)
rubrica	“rúbrica”
abóbada	“abóboda”
aterrissagem	“aterrisagem”
adivinhar	“advinhar”
babadouro	“babador”
bebedouro	“bebedor”
bandeja	“bandeija”
beneficente	“beneficiente”
cabeçalho	“cabeçário”
cabeleireiro	“cabelereiro”
caranguejo	“carangueijo”
cataclismo	“cataclisma”
aforismo	“aforisma”
epígrafe	“epígrafo”
perturbar	“pertubar”
registro	“resistro”
dignitário	“dignatário”
disenteria	“desinteria”
empecilho	“impecilho”
frustrar	“frustar”
heterogeneidade	“heterogienidade”
homogeneidade	“homogienidade”
lagartixa	“largatixa”ou “largartixa”
mendigo	“mendingo”
estupro	“estrupo”
meritíssimo	“meretíssimo”
etc.	“e etc”
mortadela	“mortandela”
privilégio	“previlégio”
reivindicar	“reinvindicar” ou “reividicar”
surripiar	“surrupiar”
tireoide	“tiroide”
umbigo	“imbigo”
prostrado	“prostado”

látex	"latex"
haja vista	"haja visto"
ínterim	"interim"
ibero	"íbero"
fluorescente	"florescente"
digladiar	"degladiar"
lêvedo	"levedo"
grosso modo	"a grosso modo"
condor	"côndor"
macérrimo	"magérrimo"
nobel	"Nóbel"
próprio	"própio"
salsicha	"salchicha"

Apêndice: outros parônimos e homônimos problemáticos

- Delatar – denunciar / dilatar – expandir, adiar
- Despensa – compartimento / dispensa - desobrigação
- Destratar – insultar / distratar – desfazer contrato
- Emigrante – quem deixa seu país / imigrante – quem entra em país estrangeiro
- Experto – especialista / esperto – sagaz
- Eminência – excelência (pr. de tr.) / iminência – proximidade de ocorrência
- Enfestar – dobrar ao meio na sua largura / infestar – assolar
- Enformar – colocar em forma / informar – comunicar, avisar
- Entender – compreender / intender – exercer vigilância
- Peão – que anda a pé / pião – brinquedo
- Recrear – divertir / recriar – criar de novo
- Se – pronome átono; conjunção; partícula / si – pronome tônico; nota musical
- Assoar – limpar (o nariz) / assuar – vaiar
- Bocal – embocadura / bucal – relativo à boca
- Costear – navegar junto à costa / custear – prover à despesa de
- Cutícula – película / cutícola – que vive na pele
- Insolação – exposição ao sol / insulação – isolamento
- Insolar – expor ao sol / insular – isolar (-se); relativo a ilha
- Pontoar – marcar com ponto / pontuar – empregar pontuação
- Roborizar – fortalecer / ruborizar – corar; envergonhar-se
- Soar – produzir ou dar som / suar – transpirar

- Sortir – abastecer; prover / surtir – resultar, originar
- Torvo – raivoso / turvo – opaco
- Vultoso – volumoso / vultuoso – com congestão facial
- Acender – pôr fogo / ascender – subir
- Asceta – pessoa muito religiosa / asseta – (verto assetar), ferir com seta
- Acético – relativo ao vinagre / ascético – quem ou o que é asceta
- asséptico – limpo
- Decente – decoroso; limpo/ descente – que desce
- Discente – relativo a alunos / docente – relativo a professores
- Acessório – o que não é fundamental / assessório – relativo a assessor
- Anticéticos – oposto aos céticos / antisséptico – desinfetante
- Apreçar – colocar preço em / apressar – tornar rápido
- Caçar – perseguir caça / cassar – anular
- Cegar – perder a vista / segar – cortar, ceifar
- Celeiro – depósito de provisões / seleiro – fabricante de selas
- Cenário – decoração teatral / senário – que consta de seis unidades
- Censo – recenseamento / senso – juízo definido
- Censual – relativo ao censo / sensual – relativo aos sentidos
- Cético – que ou quem duvida / séptico – que causa infecção
- Cerração – nevoeiro; neblina espessa / serração – ato ou efeito de serrar
- Cerrar – fechar / serrar – cortar
- Cervo – veado / servo – criado
- Cessar – interromper / sessar – peneirar
- Cesta – utensílio com asas / sexta – ordinal feminino de seis
- sesta – hora do descanso
- Ciclo – período / siclo – moeda judaica
- Cilício – cinto para penitências / silício – elemento químico
- Cinemático – movimento mecânico / sinemático – relativo aos estames
- Círio – vela grande de cera / sírio – proveniente da Síria
- Concertar – harmonizar / consertar – reparar; remendar
- Concerto – espetáculo musical / conserto – reparo
- Corço – cabrito selvagem / corso – natural da Córsega
- Decertar – lutar / dissertar – transcorrer
- Empoçar – formar poça / empossar – dar posse a
- Incipiente – principiante / insipiente – ignorante
- Indefeso – incansável / indefeso – sem defesa
- Infenso – contrário

- Intenção ou tenção – propósito / intensão ou tensão – intensidade
- Intercessão – rogo, súplica / interseção – ponto em que duas linhas se cortam
- Maça – clava / massa – pasta
- Maçudo – indigesto, monótono / massudo – volumoso
- Paço – palácio / passo – jornada
- Ruço – grisalho / russo – proveniente da Rússia
- Asar – guarnecer com asas / azar – má sorte; dar azo a
- Asado – com asas / azado – oportuno
- Fusil – que pode fundir / fuzil – carabina
- Lazer – recreação / laser – raio de luz
- Vês – conjugação do verbo ver / vez – ocasião
- Espiar – espreitar / expiar – sofrer pena ou castigo
- Espirar – soprar; respirar; estar vivo / expirar – expelir o ar; morrer
- Esterno – osso do peito / externo – exterior
- hexterno – relativo ao dia de ontem
- Extrato – camada sedimentada, tipo de nuvem / extrato – o que veio de dentro, fragmento
- Chá – arbusto; infusão / xá – soberano do Oriente
- Chalé – casa campestre / xale – adorno para os ombros
- Cheque – ordem de pagamento; conj. do verbo checar / xeque – contratempo
- Tacha – pequeno prego / taxa – imposto; preço
- Tachar – censurar; rotular defeito em / taxar – estabelecer preço ou imposto
- Calda – líquido engrossado; xarope / cauda – apêndice posterior do corpo dos animais.

4 Alguns problemas da norma culta: o emprego de algumas expressões e palavras

1. *Mau e mal*:

Mau: adjetivo; equivale a “ruim”, “de má qualidade”, antônimo de “bom”, admite o feminino “má” e os plurais “maus”, “más”.

Ex: “Hoje foi um **mau** dia”.

Mal: pode ser um *advérbio* – equivale a “erradamente”, antônimo de “bem”; não possui plural.

Ex: “Ele comeu **mal**”.

Pode ser um *substantivo* – equivale a “nocivo”; também é empregado como sinônimo de “doença”; possui o plural “males”.

Ex: “Qual o **mal** que te aflige?”

2. *A par* e *ao par*:
A par: significa estar informado sobre algo.
Ex: “Está **a par** das últimas?”

Ao par: indica equivalência entre valores cambiais.
Ex: “O dólar está *ao par* do real”.

3. *Senão* e *se não*:
Senão: equivale a “caso contrário”, “a não ser”.
Ex: “É melhor irmos, *senão* chegaremos atrasados”.
“Não fez nada *senão* comer”.

Se não: inicia as orações adverbiais condicionais; é antônimo de “se”.
Ex: “*Se não* chover, iremos para casa”. (≠se chover,...)

4. *Afim* e *a fim de*:
Afim: adjetivo; equivale a “semelhante”.
Ex: “Estes papéis são *afins* àqueles”.

A fim de: locução prepositiva; substitui a preposição “para” (“com a intenção de”):
Ex: “Ela está aqui *a fim de* te ver”.

5. *Demais* e *de mais*:
Demais: pode ser *advérbio* – equivalendo a “muito” ou a “em excesso”.
Ex: “Eles estudaram *demais*, por isso ficaram cansados”.

Pode ser *pronome indefinido* – equivalendo a “os outros”.
Ex: “Os *demais* alunos saíram ao último toque”.

De mais: locução prepositiva; antônimo de “*de menos*”.
Ex: “Não haviam feito nada *de mais*”.

6. *Acerca de* e *há cerca de*:
Acerca de: locução prepositiva; equivale a “a respeito de”, “sobre”.
Ex: “Já falamos *acerca* desse assunto”.

Há cerca de: é empregado no sentido de tempo decorrido; equivale aos verbos “haver” e “fazer” quando usados nesse mesmo sentido:

Ex: "*Há cerca de* vinte anos, chegaram meus tios".

7. *A* e *há* (denotação temporal):

O verbo *haver* – como verbo impessoal – é empregado para denotar tempo decorrido, equivalendo, nesse sentido, ao verbo "fazer".

A melhor maneira de se distinguir o uso de "há" ou "a" é substituir, quando possível, a expressão temporal em questão por "faz". Se houver tal possibilidade, aí ficará o "há"; se não houver, somente o "a" será adequado.

Ex: *Há* três dias não o vejo". (Faz três dias)

"Daqui *a* pouco chegaremos". (Daqui "faz" pouco - inviável.)

Observação:

Em diversas situações, é aconselhável, também, que se considere o "há" como indicador de *tempo passado* e o "a", como indicador de *tempo futuro*.

8. *Ao invés de* e *em vez de*:

Ao invés de: significa "ao contrário de".

Ex: "Ela, *ao invés de* ser burra, era inteligentíssima".

(*burra* é o contrário de *inteligente*).

Em vez de: significa "em lugar de".

Ex: "Ela, *em vez de* ser burra, era belíssima".

(*burra* não é o contrário de *bela*).

9. *Aonde* e *onde*:

Aonde: (preposição *a* + *onde*) – indica movimento em direção a algum lugar; usado em oposição a "donde".

Ex: "*Aonde* você vai".

Onde: *advérbio*; indica o local onde ser está ou onde algo ocorre.

Ex: "É esta a casa *onde* eu morei há anos".

10. *Ao encontro de* e *de encontro a*:

Ao encontro de: significa "a favor de".

Ex: "Minhas ideias vão *ao encontro das* suas, pois sempre concordamos."

De encontro a: significa "contra".

Ex: "Minhas ideias vão *de encontro às* suas, pois nunca concordamos."

11. *Mas* e *mais*:
Mas: Conjunção que indica adversidade ou contrariedade: equivale a todas as outras conjunções adversativas como "porém", "entretanto", "contudo", "todavia".

Ex: "Íamos ao cinema, *mas* choveu". (ideia subentendida: íamos ao cinema, *entretanto* não fomos).

Mais: advérbio de intensidade: antônimo de "menos". Também pode estabelecer comparações.

Ex: "Ela é *mais* inteligente do que você".

12. *Por que*, *porque*, *por quê* e *porquê*:
Por que: *pronome interrogativo + que* – equivale a "por qual motivo".

Ex: "*Por que* ela saiu sem avisar?"

Preposição por + pronome relativo que – equivale a "pelo (o) qual".

Ex: "Esta foi a razão *por que* eu saí".

Porque: conjunção causal ou explicativa; tem valor próximo a "pois", "visto que", "dado que".

Ex: "*Porque* choveu, eu saí mais cedo".

"Eu te amo *porque* te amo". (C. D. de Andrade).

Por quê: pronome inter. (ou indefinido) + que: usado APENAS próximo a sinais gráficos de pontuação; equivale a "por qual motivo".

Ex: "Você saiu? *Por quê*?"

Porquê: substantivo: equivale a "motivo", "razão".

Ex: "Qual o *porquê* de ele sair sem avisar?"

5 Literatura, léxico, semântica e neologismos

A literatura[23], base da Disciplina Gramatical, sobretudo contemporaneamente[24], constrói-se – parafraseando Coseriu e Chomsky – a partir da necessária e indispensável expansão da habilidade linguística dentro do campo da competência linguística. Em outras palavras, surge como consequência da literatura (e, por certo prisma, também sua causa) instigar o leitor à ampliação de seu horizonte de habilidades do idioma no muito mais vasto universo de sua competência, a qual, muitas vezes, possui tão somente terrenos latentes, passivos, adormecidos;

[23] Falamos, aqui, especificamente, para determo-nos nela por um instante, daquela literatura cujo meio expressivo privilegia a estética, ou manifestação psíquica e apelo, não apenas a representação, para evocar o nunca desgastado trinômio de Bühler.
[24] Haja vista gramáticas como as de Bechara, Rocha Lima e Cunha-Cintra.

dir-se-ia que se trata de ativar habilidades inexploradas (possíveis, e muitas vezes até improváveis) no universo da competência (existente). Trata-se de ativar a "economia" da língua, na acepção de Martinet (1985).

A observação de um trecho de Guimarães Rosa, agora, parece-nos importante para ilustração do quanto estamos tentando mostrar, isto é, como a escrita com preocupação estética torna necessária a ativação da competência ou da economia da língua (lexical, sintática, morfológica e até fonológica) a fim de que se compreenda, exercendo-se habilidade, o que o enunciador quis expressar ao enunciatário (utilizamos a dialética bakhtiniana *enunciador-enunciatário* porque, assim como Bakhtin se preocupou com a prosa romanesca ficcional polifônica, vemos, também, que a polifonia e o dialogismo se travam no campo do objeto texto-discurso que se dá, numa espécie de luta e embate, entre o produtor e o receptor). O trecho que segue é de *Grande sertão: veredas*:

> Bem, mas o senhor dirá, deve de: e no começo – para pecados e artes, as pessoas – como por que foi que tanto emendado se começou? Ei, ei, aí todos esbarram. Compadre meu Quelemém, também. Sou só um sertanejo, nessas altas ideias navego mal. Sou muito pobre coitado. Inveja minha pura é de uns conforme o senhor, com toda leitura e suma doutoração. Não é que eu esteja analfabeto. Soletrei, anos e meio, meante cartilha, memória e palmatória. Tive mestre, Mestre Lucas, no Curralinho, decorei gramática, as operações, regra-de-três, até geografia e estudo pátrio. Em folhas grandes de papel, com capricho tracei bonitos mapas. Ah, não é por falar: mas, desde o começo, me achavam sofismado de ladino. E que eu merecia de ir para cursar latim, em Aula Régia – que também diziam. Tempo saudoso! Inda hoje, apreceio um bom livro, despaçado. Na fazenda O Limãozinho, de um meu amigo Vito Soziano, se assina desse almanaque grosso, de logogrifos e charadas e outras divididas matérias, todo ano vem. Em tanto, ponho primazia é na leitura proveitosa, vida de santo, virtudes e exemplos – missionário esperto engambelando os índios, ou São Francisco de Assis, Santo Antônio, São Geraldo... Eu gosto muito de moral. Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar a justo. Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza. Ela é uma abençoável. Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso aquietar meu temer de consciência, que sendo bem-assistido, terríveis bons-espíritos me protegem. Ipe! Com gosto... Como é de são efeito, ajudo com meu querer acreditar. Mas nem sempre posso. O senhor saiba: eu toda a minha vida pensei por mim, forro, sou nascido diferente. Eu sou é eu mesmo. Diverjo de todo o mundo... Eu quase que nada não sei. Mas desconfio de muita coisa. O senhor concedendo, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre – o senhor solte em minha frente uma ideia ligeira, e eu rastreio essa por fundo de todos os matos, amém! (ROSA, 1994, pp. 12-14).

André Valente compara o processo neológico na mídia e na Literatura (cf. Valente, 2012). Em capítulo desta obra intitulado "Guimarães Rosa e Dias Gomes: uma comparação de neologismos literários", dá-nos a preleção que segue, que ora cito a fim de mostrar como é necessário haver ativação da *competência* lexical (neste caso, trato apenas da lexical, já que o trecho sublinha a importância da neologia[25], mas se pode falar em competência léxico-gramatical também, como veremos adiante) do falante de uma língua, a fim de que este *desempenhe* (sua habilidade) o

[25] Conceito sobre o qual proporemos, ainda que provisoriamente, uma expansão.

entendimento textual-discursivo requerido para que ele entenda e interprete, por ampliação cujo *input* foi a seu sistema passivo ou econômico, o estrato concreto que se lhe apresenta:

> Em vários estudos sobre criações neológicas, distingue-se o neologismo vocabular do neologismo semântico: este corresponde a um novo significado para um significante já existente; aquele é um novo significante que se cria na língua. Encontra-se tal distinção em trabalhos de Ieda Maria Alves, Maria Aparecida Barbosa, Nelly de Carvalho e em meu artigo "A produtividade lexical em diferentes linguagens".
> Ao abordar a neologia, processo de formação de novas unidades léxicas (palavras novas e novas combinações), Jean Dubois utiliza outra denominação: *neologia de forma e neologia de sentido*. A primeira consiste em fabricar novas unidades, enquanto a segunda, em empregar um significante já existente na língua considerada, conferindo-lhe um conteúdo que ele não tinha até então.
> Assim, há neologismos vocabulares, ou neologia de forma, nas seguintes passagens de G. Rosa (a) e de D. Gomes (b), cujas obras terão as seguintes abreviaturas:
> GSV – Grande Sertão: Veredas; Sg – Sagarana; Tt – Tutaméia; NUP No Urubuquaquá no Pinhem; PE – Primeiras Estórias; BA – O Bem-Amado.
> a) "Dá, deu: bala beija-florou" (GSV, 446)
> "... esse acabou sendo o homem mais pacifoso do mundo" (GSV, 19)
> b) "Agora em estado de defuntice compulsória, é obrigado a emigrar" (BA, 24)
> c) "Quero ver agora o que vão dizer os que acusavam de oportunista, de demagogista" (BA, 37)
> Constituem exemplos de neologismos semânticos, ou de neologia de sentido, os destacados a seguir:
> c) "- Arreia este burro também, Francolim! (...) são só quatro léguas: o João Manico, que é mais leviano, pode ir nele." (Sg, 11)
> d) "Um dos principalmente de minha plataforma política é a pacificação da família sucupirana" (BA, 66)
> Os quatro neologismos iniciais apresentam, por meio da derivação (os três últimos), grande valor semântico-estilístico. São formas criadas pelos autores: neologia de forma. Já os dois últimos estão dicionarizados, mas contêm significação especial em cada contexto. Guimarães Rosa surpreende ao conferir o significado de "mais leve" a leviano. Dias Gomes, com a substantivação do advérbio, dá a principalmente o significado de "objetivos principais". Em ambos os casos, vê-se a neologia de sentido. (Valente, 2012, pp. 81-82).

Não podemos deixar de mencionar a contribuição pioneira de Arsène Darmesteter sobre o assunto, com sua obra miliária *La vie des mots étudiée dans leur significations*, de 1887. Em seguida, no ano 1897, surgiu o *Essai de sémantique*, de Bréal, e o conjunto dessas obras constitui os dois pilares que fundaram a ciência dos significados, ou Semântica. Já Reisig, em 1825, dividia a gramática em "semasiologia" (estudo dos significados), etimologia e sintaxe, e o próprio Bréal escreveu o artigo que se considera o precursor do termo "Semântica" em 1883: "[...] **Nós o chamaremos "semântica" (do verbo *σημαίνειν*), isto é, a ciência das significações"**[26] (traduzimos, sublinhamos). Este artigo intitula-se "Les lois intellectuelles du langage", e foi publicado em *L´Annuaire de l´Association pour l´encouragement des études grecques en France*, em 1883.

[26] [...] nous l´appellerons la sémantique (du verbe *σημαίνειν*), c´est-à-dire, la science des significations.

Antes disso – e até posteriormente, na visão de alguns estudiosos –, o estudo do léxico, frequentemente chamado de Lexiologia, tratava da parte sonora e formal das palavras, dividindo-se em Fonologia e Morfologia. Algumas vezes, inseria-se aí o estudo da Etimologia. Não era costume observar-se o léxico pelo viés dos significados.

No trecho que anteriormente expusemos de *Grande sertão: veredas* é de notar a presença dos neologismos de que nos dá lição André Valente. Assim, para citarmos e categorizarmos alguns, vemos o seguinte:

1.1.1 Neologismos vocabulares ou de forma:

1.1.1.1 "[...] com toda leitura e suma **doutoração**."

1.1.1.2 "Minha mulher, que o senhor sabe, zela por mim: muito reza. Ela é uma **abençoável**."

1.1.2 Neologismos semânticos ou de sentido:

1.1.2.1 "Inveja minha pura é de uns **conforme** o senhor [...]"

1.1.2.2 "Soletrei, anos e meio, **meante** cartilha, memória e palmatória."

1.1.2.3 "Raciocinar, exortar os outros para o bom caminho, aconselhar **a justo**."

1.1.2.4 "Compadre meu Quelemém sempre diz que eu posso aquietar meu **temer** de consciência [...]"

1.1.2.5 "Como é de **são** efeito [...]"

1.1.2.6 "[...] ajudo com meu **querer acreditar**."

1.1.2.7 "O senhor **concedendo**, eu digo: para pensar longe, sou cão mestre [...]"

Do ponto de vista sintático ou gramatical, o apelo à competência do enunciatário/alocutário também se faz presente em formas que tais, que poderíamos ecoar chamando-os de *neologismos* *sintáticos*, porque requerem, do falante-leitor, a ativação da competência morfossintática da língua, sem cuja atualização os trechos não serão compreendidos ou interpretados. Deixamos claro que o termo "neologismo" (em "neologismo sintático") ocorre apenas por metonímia, uma vez que o neologismo (neo = novo + logos = palavra ou ideia) se patenteia, em estudos linguístico-discursivos, com vocábulos, isto é, acontece no plano do léxico, operando-se sobre o lexema, sua unidade. No entanto, como as unidades do plano sintático são, entre outras, mas prioritariamente, o sintagma e as atualizações sintáticas de lexemas, como verbos conjugados (cujo lexema, num singulativo, é o infinitivo impessoal), a criação que interfira nesse plano pode, parece-nos, recorrer à atualização neológica do vocábulo "neologismo" (com o imprescindível aparente trocadilho), estendendo-o, por sua etimologia (cf. mostramos: *neo* + *logos*), ao plano sintático, ao menos provisoriamente:

***1.1.3 Neologismo sintático*:**

1.1.3.1 **"**Bem, mas o senhor dirá, **deve de** [...]"

1.1.3.2 **"[...]** como por que foi que **tanto** emendado se começou?"

1.1.3.3 "Sou **muito** pobre coitado."

1.1.3.4 "Não é que eu **esteja** analfabeto."

1.1.3.5 **"[...]**desde o começo, me achavam **sofismado de ladino**."

1.1.3.6 **"**E que eu merecia **de** ir para cursar latim, em Aula Régia – **que** também diziam."

1.1.3.7 "Inda hoje, **apreceio** um bom livro, despaçado."

1.1.3.8 "**Em tanto**, ponho primazia é na leitura proveitosa [...]"
1.1.3.9 "**Diverjo** de todo o mundo..."
1.1.3.10 "Eu quase que **nada não sei**.[27]"

Se nos vier ao auxílio a filosofia (para explicar esse salto promovido mercê da literatura), ou, mais especificamente, a Filosofia da Ciência ou do Conhecimento (a Epistemologia, mais uma vez), fica-nos evidente que o par epistemológico básico – teoria e prática – contribui para a explicação do quanto se mostrou acima. A teoria, podendo ser definida como o saber (análoga à competência linguística, portanto), é mais vasta do que a prática. Esta, por sua vez, pode-se definir como saber como (*know how*) ou saber fazer (*savoir faire*), e, por ser meramente possível, latente, solicita a existência da *teoria*, ao mesmo tempo em que, por outro ângulo, precede-a, criando-a (a prática é análoga, pois, à habilidade linguística). A teoria precisa estruturar-se de maneira que, testada diante de dados empíricos, comprove-se (e lapide-se) ante incessantes verificações.

Marx e Engels evocaram esse método de correlação dialética incessante entre teoria e prática, em que, para se fazer ciência, segundo sua metodologia, um membro do par precisa preceder o outro sempre que solicitado à obtenção de um resultado comprovável, invertendo-se a posição de precedência, da mesma forma, sempre que se fizer necessário. Gera-se, com isso, um moto-perpétuo que constitui o verdadeiro *Leitmotiv* das ciências contemporâneas, que precisam priorizar teoria e prática, em "atitudes investigativas momentaneamente estagnadas", parafraseando Coseriu a respeito de Saussure, tantas vezes quantas o exigir o objeto de estudo.

A ciência não se faz com dados fortuitos e esparsos, mas com abstrações genéricas verificáveis diante da realidade desses dados fortuitos, e verificadoras de suas validades. Assim, a Linguística, se se pretende uma ciência da língua, precisa formular teorias e conceitos gerais e cotejá-los com as afirmações específicas, invertendo a ordem cronológica desses procedimentos sempre que necessário. Se a Linguística (e o linguista) pretende permanecer no campo dos acontecimentos específicos, sem buscar as bases da abstração para criar uma teoria epistemológica, deve, desde logo, abrir mão de seu suposto e requerido estatuto de ciência.

Portanto, a Literatura (e reitero que falo nela por ter sido, como vimos e veremos mais profundamente em breve, a que prevaleceu, hodiernamente, para a técnica de fatura da gramática da língua padrão, ou gramática *stricto sensu*, ponto derradeiro da gramaticalização) lida com um conjunto de procedimentos estritamente linguísticos (seguindo meios artísticos ou estéticos) e subsidiariamente filosóficos e até científicos. A Literatura possui uma teoria e possui uma ciência, porque se contrastam, incessantemente, a respeito dela, afirmações gerais (formas, abstrações) com afirmações específicas (conteúdos, empirias).

[27] Na seção dedicada aos arcaísmos sintáticos, Ismael de Lima Coutinho coleta o seguinte, entre uma lista de outros: "387. Constitui arcaísmo sintático o emprego: 1) de duas negativas pré-verbais: "*ninguém nom* sabia". (Coutinho, 1972, p. 214).

Sapir, no último capítulo de sua obra *A linguagem: introdução ao estudo da fala* (sublinhei), trata exclusivamente da questão que ele intitula "Capítulo 11: Língua e literatura". Ao comparar literatura a ciência, explicita:

> Não há, em verdade, nada de misterioso na distinção. Pode-se esclarecê-la até certo ponto comparando-se a literatura com a ciência.
> Uma verdade científica é impessoal, é em essência estreme de qualquer meio linguístico especial que lhe sirva de expressão. Pode transmitir a sua mensagem tão prontamente em chinês, como em inglês. Contudo, tem de ter uma expressão, e tal expressão tem de ser linguística[28]. Na realidade, a apreensão da verdade científica já é em si um processo linguístico, pois o pensamento não é outra coisa senão a linguagem despida de sua roupa exterior. O meio próprio da expressão científica é, portanto, uma linguagem generalizada, e que se pode definir como sendo uma álgebra simbólica, a que servem de tradução todas as línguas conhecidas. Pode-se traduzir adequadamente a literatura científica, porque a expressão científica já é por si uma tradução.
> A expressão literária é pessoal e concreta; mas isso não quer dizer que a sua significação esteja completamente ligada às qualidades acidentais do meio. Um simbolismo verdadeiramente profundo, por exemplo, não depende das associações verbais de uma língua dada, mas repousa firmemente numa base intuitiva sotoposta a toda expressão linguística. A "intuição" do artista, para usar um termo de Croce, é imediatamente elaborada em função de uma experiência humana generalizada, – pensamento e sentimento –, cuja seleção altamente personalizada vem a ser a sua própria experiência individual. (Sapir, 1980, p. 176) (grifos nossos).

No capítulo III de sua obra *Sociolinguística: os níveis da fala* (sublinhei), Dino Preti também se dedica à investigação exatamente da modalidade escrita, e mais especificamente literária, como indispensável ao entendimento completo (e descritivo) de uma língua, até mesmo na sua modalidade oral. O capítulo se chama "A representação escrita das variações da língua oral", e dele tiramos alguns trechos de valor inestimável, um dos quais será exposto neste momento; outros, na subseção 1.2:

> Se mostramos, anteriormente, que a Sociolinguística se preocupa, em especial, com as variações de linguagem e sua correspondência com as variações sociológicas, por outro lado, cremos que os sociolinguistas não podem, nem devem ignorar o papel da língua escrita e, particularmente, da língua literária sobre os hábitos linguísticos, modificando-os e contribuindo para sua natural evolução. (PRETI, 1987, p. 61).

É sempre oportuno lembrar a quantidade imensa de linguistas egressos dos terrenos da Teoria Literária. Isso porque, munidos de uma teoria que já carpira dados específicos ou empíricos, puderam contrastá-la a outros dados específicos ou empíricos (da "língua comum", isto é, não literária), lapidando a teoria linguística e insuflando-lhe desmesurado fôlego.

A Literatura, sendo arte, filosofia e ciência (ciência inclusive porque provê a gramaticografia de sua técnica básica, além de ser baseada, como vimos, no binômio teoria-prática, individual-coletivo-exprimível universalmente em qualquer língua, como a ciência), portanto,

[28] Tratamos desse aspecto na **Introdução**.

caracteriza-se pela expansão da prática (ou da técnica ou da habilidade) do utente do idioma no campo mais vasto da teoria (ou da competência ou do saber) desse mesmo utente. Ela concretiza áreas até então meramente potenciais da teoria/competência linguística. Ela ativa mecanismos de saber fazer/habilidade que preenchem (e justificam) a existência paradigmática de uma teoria.

> As línguas são para nós mais do que sistemas de transferência de pensamento. São uma túnica invisível que veste o nosso espírito e dá forma predeterminada a toda a sua expressão simbólica. Quando a expressão tem uma significação fora do comum[29], chamamo-la literatura.
> [...]
> Toda língua já é em si mesma, aliás, uma arte coletiva de expressão. Oculta-se nela um conjunto dado de fatores estéticos – fonéticos, rítmicos, simbólicos, morfológicos – que ela não partilha inteiramente em comum com qualquer outra língua.
> [...]
> A base fonética da língua, porém, é apenas uma das determinantes que dão à literatura certa direção. Muito mais importantes são as peculiaridades morfológicas.
> É de alta monta para o desenvolvimento do estilo verificar se a língua pode, ou não, criar compostos, se a sua estrutura é sintética ou analítica, se os vocábulos na frase têm considerável liberdade de posição ou estão obrigados a figurar numa ordem rigidamente determinada.
> Os caracteres maiores do estilo, na medida em que o estilo é simples questão técnica de aparelhamento e colocação de vocábulos, são ministrados pela própria língua, tão inevitavelmente, em verdade, como o efeito acústico geral do verso é ministrado pelos sons e acentos naturais.
> [...]
> Há quase tantos ideais espontâneos de estilo literário como línguas.
> [...]
> A língua já é por si uma arte coletiva de expressão, súmula de milhares e milhares de intuições individuais. A criação individual perde-se na coletiva, mas a expressão pessoal deixou um traço em certo meneio e flexibilidade, que são inerentes a toda obra coletiva do espírito humano. A língua está apta, portanto, ou pode rapidamente tornar-se apta, a definir a individualidade do artista. Se não aparece nenhum artista literário, não é, em última análise, porque a língua seja um instrumento inadequado; é porque a cultura popular não favorece o desenvolvimento de uma personalidade de tal ordem que sinta necessidade de expressão verbal verdadeiramente própria. (Sapir, 1980, pp. 175-180) (grifos nossos)

É curioso, reitero, que se tenha deixado de lado o fato de que tantos então futuros linguistas sejam oriundos de estudos da Literatura: Jakobson e Bakhtin são apenas dois desses grandes expoentes. Suas observações sobre aspectos literários forneceram-lhes lampejos fundamentais à construção das suas vindouras teorias linguísticas. Dessa forma, a segmentação excessiva entre Literatura e Gramática "*versus*" Linguística parece-nos equivocada no atual estágio de conhecimentos técnicos, tecnológicos e científicos a que essas disciplinas chegaram. Se, num primeiro momento, a aludida estagnação proveu a disciplina nascitura (a Linguística) de um necessário isolamento investigativo, cremos que, atualmente, essa estagnação é, antes,

[29] Daí a oposição da língua literária à "língua comum".

nociva à continuidade da investigação já legitimada como autônoma pela Linguística. É de se perguntar se não seria o caso de recuperar o diálogo entre a Literatura/Gramática e a Linguística, voltando-se a buscar subsídios para esta última a partir daquelas primeiras, e vice-versa.

Literatura, Gramática e Linguística sempre caminharam em parelha (mesmo quando a Linguística não se emancipara), até pelo fato, que deveria soar como simples truísmo, de que são disciplinas que lidam com *langue* e *parole*, e todos os desdobramentos daí oriundos, nem mais, nem menos.

Pedimos licença para traduzir trecho de Rimbaud, em que o poeta nos revela o estreito liame que a imaginação (de que a própria competência linguística faz parte, estando no plano do conteúdo) promove com os meios de que a *langue* dispõe para exprimir-se (o que se concentra no plano da expressão), e como tudo isso *aumenta a comunicação e a comunicabilidade* da língua: (cf. "vangloriava-me de ter *inventado* um verbo poético *acessível*"):

> Sonhava com cruzadas, viagens de descobertas para as quais não há relatos, repúblicas sem histórias, guerras de religião esmagadas, revoluções de costumes, deslocamentos de raças e continentes: eu acreditava em todos os encantamentos.
> Eu inventava a cor das vogais! – *A* negro, *E* branco, *I* vermelho, *O* azul, *U* verde. – Eu regulava a forma e o movimento de cada consoante, e, com ritmos instintivos, vangloriava-me de ter *inventado* um verbo poético *acessível*, um dia ou outro, a todos os sentidos. Cabia-me *traduzi-los*.
> Foi antes de tudo um estudo. Eu escrevia silêncios, noites, *anotava o inexprimível*. Eu *fixava vertigens*. (Rimbaud, 1873 [1873], pp. 29-30, traduzi[30]) (grifos nossos).

Por sua vez, desprezar a tradição gramatical, portanto, condensada nesse conjunto de procedimentos epistemológicos (filosóficos e, hoje, prioritariamente literários), desvirtua a capacidade (faculdade) humana (adormecida, se não for instigada) de expansão, apanágio puro da ciência, que leva e tem levado o ser humano a ser e vir a ser, sempre, algo um passo além do alcançado.

Por essas razões, consideramos de suma importância convidar o leitor, agora, ao aprofundamento sobre nossa *tradição gramatical* (ora baseada no pensamento ou filosofia, ora baseada na escrita promovida pela literatura dos grandes autores), para que se perceba que a Disciplina Gramatical, ponto derradeiro da flecha da gramaticalização, constitui parte integrante, essencial dos estudos da Linguística, e que, em vez de *oposição*, há apenas, na verdade, *distinção* de postura investigativa, distinção que, por sua vez, leva ao equilíbrio dinâmico real, *síntese*, sobre o qual um idioma se consolida.

---

[30] Je rêvais croisades, voyages de découvertes dont on n´a pas de relations, républiques sans histoires, guerres de religion étouffées, révolutions de moeurs, déplacement de races et de continents: je croyais à tous les enchantements.
J´inventai la couleur des voyelles! – *A* noir, *E* blanc, *I* rouge, *O* bleu, *U* vert. – Je réglai la forme et le mouvement de chaque consonne, et, avec des rythmes instinctifs, je me flattai d´inventer un verbe poétique accessible, un jour ou l´autre, à tout les sens. Je réservais la traduction.
Ce fut d´abord une étude. J´écrivais des silences, des nuits, je notais l´inexprimable. Je fixais des vertiges.

Questões comentadas

01. Reescreva, preenchendo as lacunas com **por que**, **porque**, **porquê** ou **por quê**:
    a) ____________________ é que você disse isso?
    b) Não sei bem ________________.
    c) Não será _______________ tem inveja dele?
    d) Acho que não. Vou dizer-lhe a razão _______________ disse.

a) *Por que* – Advérbio interrogativo de causa. Equivale a *por qual motivo.*
b) *por quê* –Advérbio interrogativo, acentuado por anteceder pontuação gráfica. Equivale a *por qual motivo*
c) *porque* – Conjunção subordinativa causal. Equivale a *pelo fato de.*
d) *por que* – Preposição *por* seguida do pronome relativo *que.* Equivale a *pelo qual.*

02. Complete usando **por que**, **por quê**, **porque**, **porquê**:
    a) Queria saber ___________________ as coisas estão nesse estado.
    b) Você se preocupa com isso? __________________?
    c) __________________ acredito que devemos nos preocupar com os ideais ____________ lutamos.
    d) E você poderia dizer ________________ devemos fazer isso?
    e) É _______________ você realmente acredita nisso?
    f) Sim, é _____________ realmente acredito nisso. Acredito num ____________ fundamental para a vida; “a eterna criação e recriação”.

a) *Por que* – Advérbio interrogativo de causa. Equivale a *por qual motivo*.
b) *por quê* – Advérbio interrogativo de causa, acentuado por anteceder pontuação gráfica. Equivale a *por qual motivo.*
c) *porque* / *por que* – Conjunção que equivale a *visto que, dado que* / Preposição *por* seguida do pronome relativo *que.* Equivale a *pelo qual.*
d) *por que* – Advérbio interrogativo de causa. Equivale a *por qual motivo.*
e) *porque* – Conjunção que equivale a *pelo fato de.*
f) *porque* / *porquê* – Conjunção que equivale a *pelo fato de* / Substantivo masculino. Equivale a *motivo.*

03. Preencha as lacunas optando por uma das formas entre parênteses:
    a) Não há ....tão..................que nunca acabe (mal – mau).
    b) José foi muito ....(mau-criado – mal-criado).
    c) “Me falou que o ....é bom e o bem cruel (mal – mau).
    d) “Esta é a famosa história daquele homem ....” (mal – mau)

e) Você tem um ....(mal-caráter – mau-caráter)
f) “................................de tudo fica um pouco”. (mais – mas)
g) O Rio é a cidade que ....cresce no Estado. (mais – mas)
h) Você não gosta .... de mim, ... sua filha gosta. (mais – mas)
i) A alta do dólar deixou o câmbio .... (a par – ao par)
j) Você está .... dos planos? (a par – ao par)
k) O governo tomou medidas que vêm .... movimento grevista. Dessa forma, as manifestações cessaram imediatamente. (ao encontro do – de encontro ao)
l) O governo tomou medidas que vêm .... movimento grevista. Dessa forma, as manifestações se acirraram. (ao encontro do – de encontro ao)
m) Eu fui .... meu amigo, abraçando-o calorosamente. (ao encontro do – de encontro ao)
n) A casa .... eu nasci não mais existe. (onde – aonde – donde)
o) Chove .... nessa terra. (demais – de mais)
p) Não fizemos nada .... chorar. (senão – se não)
q) .... chovesse tanto, chegaríamos a tempo. (senão – se não)
r) .... quanto tempo você está aqui? (há – a)
s) .... uma hora estou parado aqui. (há – a)
t) Daqui .... três minutos sairemos. (há – a)
u) .... fazer regime, comia feito uma louca. (em vez de – ao invés de)
v) .... ir trabalhar, foi ao shopping. (em vez de – ao invés de)

a) *mal* / *mau* – Substantivo masculino. / Adjetivo que modifica o substantivo *mal*. Equivale a *ruim*.
b) *malcriado* – O termo *mal* da expressão *malcriado* é um advérbio de modo.
c) *mal* – Substantivo masculino. É o contrário de *bem*.
d) *mau* – Adjetivo que modifica o substantivo *homem*. Equivale a *ruim*.
e) *mau-caráter* – Adjetivo que modifica o substantivo *caráter*. Equivale a *ruim*
f) *mas* – Conjunção coordenativa adversativa. Equivalente a *porém*, *todavia*.
g) *mais* – Advérbio de intensidade. Equivale a uma ideia quantitativa, comparativa.
h) *mais* / *mas* – O advérbio de intensidade mais, quando antecedido por uma negação, indica circunstância de tempo. / Conjunção coordenativa adversativa. Equivale a porém, todavia.
i) *ao par* – *Ao par* é uma expressão que indica equivalência, emparelhamento.
j) *a par* – A expressão *a par* equivale a estar ciente, informado.
k) *ao encontro do* – *Ao encontro de* é uma expressão que indica algo favorável, harmonioso.
l) *de encontro ao* – De encontro ao é uma expressão que indica ideia de choque, divergência.
m) ao encontro do – Emprega-se *ao encontro de*, pois trata-se de uma convergência.
n) *onde* /*donde* / *aonde* – Advérbio de lugar que se refere a um espaço físico sem sugerir ideia de deslocamento.

o) demais – Advérbio de intensidade. Equivale a *em excesso*.
p) senão – Preposição acidental. Equivale a *exceto*.
q) se não – Conjunção subordinativa condicional *se* unida a um advérbio de negação.
r) *há* – Verbo *haver* empregado no sentido de tempo decorrido.
s) *há* – Verbo *haver* empregado no sentido de tempo decorrido.
t) *a* – Preposição *a* como indicativa de tempo futuro.
u) *ao invés de* – Significa *ao contrário de*. É empregado com palavras de sentidos antônimos.
v) *em vez de* – Significa *em lugar de*. É empregado entre palavras que não possuem relação de oposição entre si.

Capítulo 7 – Morfologia: estrutura e formação de palavras

1 Estrutura e formação de palavras

Morfologia é a parte da Gramática que estuda os *morfemas*.

A Morfologia trata dos vocábulos sob três pontos de vista: estrutura, formação e classificação morfológica (substantivos, adjetivos, advérbios etc.).

1.1 Principais conceitos

Morfemas são os mínimos componentes significativos que constituem o vocábulo. São analisados de acordo com os fonemas que possuem.

Fonemas são os sons da fala que apresentam significado distintivo. Não são sinônimo de letras.

Letras são os instrumentos com que, na escrita, procura-se reproduzir o fonema (som) para certo vocábulo.

Notamos a diferença entre letra e fonema em palavras como:

Se<u>ss</u>ão / se<u>ç</u>ão / <u>c</u>essão

Nelas, há um mesmo fonema para os três casos, representado graficamente, contudo, por letras distintas (*ç* e *ss*).

Exemplificando:

S →letra;

GAROTA - <u>S</u> → Morfema, por apresentar diferença de significado, neste contexto, criando o par opositivo *singular* (ausência do S) / *plural* (presença do S).

A → letra;

GAROT - <u>A</u> → Morfema, por apresentar diferença de significado, criando o par opositivo *masculino (o)*, *feminino (a)*.

2 Principais morfemas

2.1 Radical

É o morfema com significado externo, ou seja, que faz menção direta a um significado extralinguístico. Não diz respeito a categorias internas da língua, mas ao “mundo dos objetos” (cf. Cassirer).

Palavras que tenham o mesmo radical são chamadas *cognatas*, pois pertencem a uma mesma família de palavras (família léxica).

Exemplos:

menino / menina / meninada / meninice
casa / casinha / casinhola
cabeça / capital / capitão

Observação:

O radical pode voltar etimologicamente ao que se chama raiz, que, no caso da língua portuguesa, geralmente é vinda do latim ou do grego. Quando isso acontece, é comum que se apresente o *alomorfe*, isto é, a alteração fonética ocorrida em qualquer morfema (e não exclusivamente com o radical). Essa alteração é detectada em comparação com as formas daquele morfema que se apresentam mais frequentemente.
Exemplos:

estrel - a (radical) / estrel - inha (radical) /
estrel - ou (radical)
Mas:
estel - ar (alomorfe do radical)

Os alomorfes de radical fazem com que a palavra permaneça cognata de seu radical mais frequente. Assim, “estrela” e “estelar” serão cognatas, com alomorfe de radical nesta última forma. A mesma coisa acontece com “cabeça”, “cabeçorra”, “decapitar”, “capital” (alomorfes), e assim por diante.

Devemos observar que o traçado genealógico de uma palavra requer, frequentemente, conhecimento de etimologia. Muitas vezes, o vocábulo cognato só é reconhecível por especialistas, pois sua forma variou muito com o tempo. É o caso, por exemplo, de *decapitar*, *capital*, *cabeça*. Trata-se de vocábulos cognatos, cuja raiz é *caput*, do latim. Apesar da opacidade nos dias de hoje (sincrônica), que já não revela a transparência do parentesco (diacrônica), é um bom caso para pensarmos nos limites da morfologia: quem deve, em última análise, determinar o parentesco morfológico? O especialista (com conhecimento pancrônico) ou o falante contemporâneo (com sentimento sincrônico) que não necessita do raciocínio histórico-descritivo da língua (diacrônico)?

2.2 Vogal temática

É o morfema que atualiza a palavra, permitindo que um radical entre no léxico da língua. Devemos dividi-las em dois grupos: *nominais* e *verbais*.

2.2.1 Vogais temáticas nominais

São elas: *a*, *e*, *o*

Exemplo:

a: cas-a / port- a/ letr-a
e: pent-e / president-e / present-e
o: carr-o / pian-o / beij-o

Atenção!
A soma da *vogal temática* com o *radical* constitui o *tema*.

Observação 1:

A e *O* somente serão vogais temáticas nos casos em que não representam distinção de gênero (masculino/feminino). Se apresentarem distinção de gênero, serão *desinências de gênero*.

Exemplo:

menin-a / menin-o (desinências de gênero)
flech-a / arc-o (vogais temáticas)

Observação 2:

E sempre constitui vogal temática, mesmo quando existe, para a palavra com tal vogal temática, uma oposição de gênero.

Exemplo: president-e (vogal temática) / president-a (desinência de gênero)

Observação 3:

As palavras que não apresentam vogal temática são chamadas *atemáticas*.
São elas:

a) As terminadas em consoante: *mar*, *azul*, *papel*, *lápis* (o S de plural não torna a palavra atemática: em casa-s, o tema é *casa*).
b) As terminadas em I ou U: *céu*, *caqui*, *angu*.
c) As terminadas com desinências de gênero: *menina*/*menino.*
d) As terminadas em A, E ou O tônicos: *sofá*, *sapê*, *cipó*, *café*, *maçã*.

2.2.2 Vogais temáticas verbais

Dividem os verbos em três conjugações:
A – primeira conjugação: am-a-r
E – segunda conjugação: vend-e-r
I – terceira conjugação: part-i-r

Atenção!
A vogal temática verbal é achada no infinitivo, retirando-se dele a desinência –R.

Observação 1:

O verbo *pôr* é o único cujo infinitivo não apresenta vogal temática. Assim, dizemos que seu infinitivo é *irregular* (é o único em que isso ocorre). Trata-se de verbo da segunda conjugação, com vogal temática presente em algumas formas conjugadas: pões, põe, puseste, pusesse, pusera.

Observação 2:

Há *alomorfes* de vogal temática verbal.
Eis:

a) *A* (1ª conj.) transforma-se em *E* (1ª conj.): quando em contato com a letra I (apenas ocorre isso no pretérito perf. do ind.): am – E – i
b) *A* (1ª conj.) transforma-se em *O* (1ª conj.): quando em contato com a letra U (apenas ocorre isso no pretérito perf. do ind.): am – O – u
c) *E* (2ª conj.) transforma-se em I (2ª conj.): no particípio e no pretérito imperfeito do indicativo:

vend – I – do
vend – I – a
vend – I – as etc.

d) *I* (3ª conj.) transforma-se em E (3ª conj.): em algumas pessoas e números do presente do indicativo:

part – E
part – E – s etc.

2.3 Desinência de número

Nos nomes, a desinência específica para indicar número PLURAL é o –S.
Exemplo:
casa
casa-s

Observação 1:

No *singular*, costuma-se dizer que ocorre o *morfema-zero*. No exemplo acima, diríamos que em *casas* ocorre o morfema de plural, e em *casa* ocorre o morfema-zero (singular).

Observação 2:

Os *verbos* não possuem desinência de número, mas sim uma desinência cumulativa, que traz, em si, as categorias de número e pessoa (número-pessoais).

2.4 Afixos

Dividem-se em *prefixos* (apõem-se antes do radical) e *sufixos* (apõem-se depois do radical):

RE- construir (prefixo)
natur – EZA (sufixo)

Atenção!

Os prefixos, em geral, são provenientes do grego ou do latim. Apresentam enorme variedade de significados, podendo haver correspondência entre alguns deles.
No apêndice 1 desta unidade, apresentamos os principais prefixos presentes na língua portuguesa.

2.5 Elementos de eufonia

Existem fonemas (consonantais ou vocálicos) cuja função é, apenas, dar melhor sonoridade ao vocábulo. São as consoantes e vogais de ligação. Não são exatamente morfemas, uma vez que sua função, como se disse, não é criar oposição de formas, mas tão somente dar eufonia (melhor sonoridade) ao vocábulo.
Exemplos:
pau-l-ada

gas-ô-metro
café-t-eira, etc.

Há alguns fonemas que são analisados ora como elementos de eufonia, ora como alomorfes de algum morfema. É o caso de –Z- e –R- em cafeZinho e corporal, respectivamente. Preferimos, até por razões etimológicas, assumir os sufixos –ZINHO e –RAL como alomorfes respectivamente de –INHO e –AL (ou seja, são formas variantes, concorrentes), e não como sufixos que contenham elementos de eufonia ou de ligação.

3 Morfologia verbal

Os verbos possuem vogais temáticas próprias, como foi visto há pouco. Além delas, eles também possuem desinências próprias.

São elas:

3.1 Desinências modo-temporais

a) *Pretérito imperfeito do indicativo*

-va- (-ve-) – 1ª conjugação
-a- (-e-) – 2ª e 3ª conjugações

Exemplos:
Sonh-a- va
Cant-a- va
Beb-i- a
Part-i- a

Observação:

Não seguem os paradigmas acima (imperf. do ind.) verbos como *ser, ter, vir e pôr*: *era, tinha, vinha, punha.*

3.1.1 Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

-ra- (-re-) (átonos)

Exemplos:
am-a- ra
beb-e- ra
part-í- re -is

3.1.2 Futuro do presente do indicativo

-ra- (-re-) (tônicos)

Exemplos:

am-a- rá
vend-e- rá
part-i- re -i

3.1.3 Presente do subjuntivo

-a- — 2ª e 3ª conjugações
-e- — 1ª conjugação

Exemplos:

am- e
vend- a
part- a

3.1.4 Pretérito imperfeito do subjuntivo

-sse-

Exemplos:

am-a-sse
vend-e-sse-m
part-í-sse-mos

3.1.5 Futuro do subjuntivo

-r-

Exemplos:

am-a-r
soub-e-r-mos

Observação:

Nos verbos regulares, ocorre convergência entre o **–r-** de infinitivo e o **–r-** desinência modo-temporal. Só o contexto dirá se, naqueles verbos, estamos diante de infinitivo ou de futuro do subjuntivo.

Para amarmos... *infinitivo*
Quando amarmos... *futuro do subjuntivo*

3.2 Desinências número-pessoais

3.2.1 Primeira pessoa do singular do presente do indicativo

-o

Exemplos:

cant-o
am-o
fal-o
part-o
vend-o

3.2.2 Primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo e do futuro do presente

-i

Exemplos:

cant-e-i
canta-re-i
vend-i
part- i

Observação 1:

Ocorre, em *parti*, assim como em verbos da terceira conjugação (vogal temática I), confluência da vogal temática do verbo (i) com a desinência número-pessoal (i).

Observação 2:

A desinência do pretérito perfeito acumula a função de indicar o tempo ao verbo, além do número e da pessoa, como vimos.

3.2.3 Segunda pessoa do singular no presente do indicativo, presente e futuro do subjuntivo e infinitivo flexionado

-s / -es

Exemplos:

cant-a-s
cant-e-s
canta-sse-s
cant-a-r-es

3.2.4 Terceira pessoa do singular no pretérito perfeito do indicativo

-u

Exemplos:

cant-o-u
vend-e-u
part-i-u

Observação:
Aqui também o pretérito perfeito acumula a função de designar o tempo ao verbo.

3.2.5 Primeira pessoa do plural só possui a seguinte desinência número-pessoal

-mos

Exemplos:

cant-a-mos
fiz-e-mos
faz-e-mos

3.2.6 Segunda pessoa do plural

-is / -des / -stes / -i

Exemplos:

cant-a-is
cr-e-des
canta-r-des
par-t-i-stes
am-a-i

3.2.7 Terceira pessoa do plural

-m / -em / -ram

Exemplos:

am-a-m
am-a-r-em
am-a-ram[31]

[31] Aqui ocorre neutralização de elementos mórficos. Trata-se de duas conjugações diferentes em que, contudo, ocorre homonímia verbal: as terceiras pessoas do plural do pretérito perfeito e do mais-que-perfeito (ambos do indicativo).
Cantei, cantaste, cantou, cantamos, cantastes, cantaram
Cantara, cantaras, cantara, cantáramos, cantáreis, cantaram
Embora haja homonímia, a análise mórfica é capaz de diferenciar um tempo de outro:
Cant-a-ram – PRETÉR. PERF.
Cant-a-ra-m – PRETÉR. MAIS QUE PERF.

Observação:

No futuro do presente, a nasalização apontada pelas desinências do item 2.6 ocorre com o til, que se sobrepõe à desinência modo-temporal, e com a ditongação.

Exemplos:

am-a-rão
part-i-rão

Por isso, autores como o mestre Horácio Rolim de Freitas analisam tais verbos, onde houver nasalização, pelo critério puro da fonética:

am-a-raw-N (*N* maiúsculo por ser arquifonema nasal) – tanto pretérito perfeito do indicativo quanto mais-que-perfeito (-RAM / -RA-M) e mesmo o futuro do presente (-RÃO).

Atenção!

Há um critério prático para acharmos a desinência número-pessoal. Ocorre que ela só poderá ser aquilo que vem após a desinência modo-temporal. Assim, se soubermos estas últimas (DMT), o que vier após só poderá ser DNP.

Apêndice 1: Principais prefixos latinos e gregos

1 Latinos

- *Abs*, *ab* (afastamento, movimento para longe):
  abster, abstrair, abusar;

- *Ad*, *a*[32](aproximação, movimento para perto):
  adjunto, adorar, acorrer, avoar, abraçar, amanhecer;

- *Ambi* (duplicidade):
  ambivalente, ambíguo, ambidestro.

[32] Existe um prefixo vernáculo *a* de pura eufonia, ocorrendo, portanto, sem cunho significativo. Este prefixo é comum em formas sincréticas, sendo muito encontrado em linguagem coloquial, onde o prefixo como que vem a dar suporte fônico ao vocábulo, emprestando-lhe nova (aparente) roupagem significativa, talvez atribuindo-lhe ênfase; são vocábulos que tais: *semelhar/assemelhar; levantar/alevantar; baixar/abaixar; juntar/ajuntar; soalho/assoalho; figurar/afigurar; mostrar/amostrar; lagoa/alagoa; renegar/arrenegar; rodear/arrodear; sentar/assentar; remedar/arremedar* etc.

- *Ante* (anterioridade, precedência):
  antessala, anteontem, antever;

- *Bis*, *bi* (repetição):
  bisavô, bisneto[33], bicampeão, bimestre;

- *Circum*, *circu* (movimento circular, em volta de):
  circunferência, circuito, circunlóquio;

- *Cis* (posição aquém):
  cisalpino, cisplatino;

- *Contra* (oposição):
  contrapeso, contra-atacar, contraveneno;

- *Cum*, *com*, *co* (reunião):
  cúmplice, cooperar, combater, correligionário, comover;

- *De* (movimento para baixo):
  decapitar, decrescer, depender;

- *Des* (I) (separação, negação, ação contrária):
  desfazer, desleal, desonesto, desumano, destratar, desordem;

- *Des* (II) (prefixo de valor intensivo):
  desfear ("tornar muito feio"), demudar ("mudar muito");

- *Dis, di* (movimento para vários lados, ação contrária, negação):
  discordar, discutir, disjungir, distratar, digerir, divagar, difícil;

- *Ex*, *es*, *e* (movimento para fora):
  excêntrico, expor[34], ex-diretor, estender, espraiar, espirar , evadir, emergir, emigrar;

---

[33] Cunha-Cintra veem em *bis*- caso de composição, considerando este elemento um numeral radical, não um prefixo. Tal constatação interessa apenas – o que não é irrelevante, contudo – ao estudo de estrutura e formação de vocábulos.
[34] Há um elemento de eufonia que concorre com as formas em que se observa este prefixo: o *d(es)*- eufônico: *esposar/desposar; espertar/despertar; estripar/destripar; esmaiar/desmaiar* etc.
Chamamos a atenção para o seguinte par de vocábulos: *dependurar* X *despendurar* – em que este é *antônimo* daquele, não forma sincrética.

- *Extra* (excesso, posição exterior, posição superior):
  extrafino, extraordinário, extralinguístico;

- *In*, *ir*, *i*, *en* (I) (movimento para dentro):
  inventar, induzir, ingerir, imigrar, imergir, enterrar, enraizar, irrigar;

- *In***,** *ir*, *i* (II) (negação, privação):
  inútil, incômodo, indelével, ilegal, imutável ;

- *Inter*, *entre* (posição medial):
  internacional, interplanetário, interromper, entrelinha, entrever;

- *Intra* (posição interna):
  intramuscular, intraverbal;

- *Intro* (movimento para dentro):
  introduzir, instrospecção, introito;

- *Ob*, *o* (posição em frente):
  obstáculo, obstruir, ofuscar, omissão;

- *Per* (movimento através):
  perpassar, perplexo, perfurar;

- *Pre* (anterioridade):
  precipício, prefácio, preliminar;

- *Pos* (posição posterior):
  postônico, pós-escrito, pós-guerra;

- *Pro* (movimento para a frente, a favor de):
  progredir, prorromper, provocar, pró-juventude;

- *Re* (I) (movimento para trás):
  revoltar, regredir, refluir, refluxo, rebelião, renunciar, rejeitar;

- *Re* (II) (repetição):
  renascer, ressuscitar, reaver;

- *Re* (III) (renovação):
  renovar, respirar, respeitar;

- *Re* (IV) (elemento eufônico, sem valor significativo explícito):
  retirar, recortar, relembrar, redobrar, reduplicar;

- *Re* (V) (prefixo de valor causativo: *fazer que*...)
  reunir, refrear, remeter, refinar, reforçar;

- *Re* (VI) (reciprocidade):
  ressaudar ("saudar mutuamente");

- *Re* (VII) (intensidade):
  rejuntar, ressumbrar, ressaltar, rescaldar ("escaldar muito"), referver;

- *Retro* (movimento ainda mais agudo para trás):
  retroceder, retrógrado;

- *Semi* (metade):
  semideus, semimorto;
- *Soto*, *sota* (I) (posição inferior);
  Sotopor;

- *Soto*, *sota* (II) (posição imediatamente após [= *vice*])
  sotomestre;

- *Super*, *sobre*, *supra* (posição em cima):
  supérfluo, sobrescrito, supracitado, supradito;

- *Sub*, *sus*, *su* (I) (movimento de baixo para cima, dinâmico):
  sublevar, subverter, subir, suspender, suscitar, suspirar, suspeitar;

- *Sub*, *sus* (II) (posição inferior, estática):
  suboficial, subsolo, subterrâneo, sustentar;

- *Trans*, *tras*, *tres*, *tra* (movimento para além de):
  transatlântico, trasladar, tresloucado, tresler, travestir, traduzir;

- *Ultra* (posição além de um limite):
  ultramarino, ultrapassar;

- *Vice, vis* **(**posição após o supremo, em lugar de)
  vice-rei, vice-cônsul, visconde.

2 Gregos

- *A***,** *an* [35] (privação, negação):
  anarquia, anômalo, acéfalo, ateu;

- *Amphí* (anfi) (de um e de outro lado):
  anfiteatro, anfíbio;

- *Aná* (ana) (I) (mov. de baixo para cima, inversão):
  analogia, anagrama, anástrofe, análise;

- *Aná* (ana) (II) (repetição):
  Anabatista;

- *Antí* (anti) (oposição):

---

[35] O advérbio "não" é, também em grego (cf. *οÚκ*), como o é em português, usado contiguamente ao vocábulo, à guisa de prefixo. Tal ocorre com palavras como *ucronia* e *utopia.* Este prefixo passou diretamente para o inglês (cf. *unbelieveble*) e para o alemão (cf. *Umglück*), além de para outras línguas, naturalmente.
Quanto ao "não" prefixal em português, trazemos exemplo de excelente pena literária:
" [...]
o *não-verso* de oito sílabas
(em linhas vizinhas à prosa)
que raro tem oito sílabas
pois metrifica à sua volta
[...]"
(João Cabral de Melo Neto)
Ernesto Carneiro Ribeiro (in: *Estudos gramaticais e filosóficos*) admite o "não" prefixal. Este "não" pode ajuntar-se a substantivos ou adjetivos, constituindo ou não neologismos.
Como quer que seja, faz oposição vernácula às formas afirmativas a que se adjunge: "muito comumente [a língua] emprega *não*, *sem*, a fim de destruir o sentido afirmativo dos vocábulos" (Silveira Bueno, in: *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*).
Trazemos exemplos de Ieda Maria Alves (in: *Neologismo – criação lexical*, 15):
substantivos não-hóspede, não-sucessão;
adjetivos: não-inglesa, não-violentos
Por fim, a respeito de valores semânticos do item lexical "não", q.v. Mário Barreto (*Novos Estudos da Língua Portuguesa*). De nossa parte, realizamos algures modesto estudo sobre este mesmo item. Atualmente, os lexicógrafos da lusofonia aconselham o uso do "não" prefixal sem o hífen, o que devemos seguir.

antídoto, antipatia, antípoda, anti-integralismo;

- *Apó* (apo) (afastamento, movimento para):
apostasia, apóstolo, apoteose;

- *Árkhi* (arque, arqui, arce) (posição em cima, superior):
arcanjo, arquipélago, arquétipo, arcebispo;

- *Diá* (dia) (mov. através):
diâmetro, diagonal, diacrônico, diáspora;

- *Di* (duplicidade):
dilema, dissílabo;

- *Dys* (dis) (dificuldade):
dispneia, dispepsia, disenteria;

- *Ek*, *ex*, *exo*, *ekto* (ec, ex, exo, ecto) (mov. para fora, posição exterior):
exegese, êxodo, eclipse, ectoplasma, ectoderma, exótico;

- *En* (posição interna, mov. para dentro):
encéfalo, energia, entusiasmo;

- *Éndon* (endo) (posição interna):
endocarpo, endocárdio;

- *Epi* (I) (posição superior):
epitalâmio, epidemia, epíteto;

- *Epi* (II) (mov. para):
epílogo, epístola;

- *Eu*, *ev* (superioridade, supremacia):
eufemismo, eugenia, eutanásia, Evangelho;

- *Hêmi* (hemi) (metade):
hemiciclo, hemisfério, hemistíquio;

- *Hypér* (hiper) (além de, excesso, superabundância):
  hipérbole, hipertrofia, hipervitaminose;

- *Hypó* (hipo) (embaixo de, carência):
  hipodérmico, hipocrisia, hipovitaminose;

- *Katá* (cata) (mov. de cima para baixo):
  cataclismo, catacumba, catástrofe, catadupa, catapulta;

- *Metá* (meta) (mudança):
  metamorfose, metátese;

- *Pará* (para) (contiguidade, ao lado de):
  paradigma, paradoxo, paralelo;

- *Perí* (peri) (em torno de):
  perianto, periferia, perífrase, período;

- *Poli* (multiplicidade):
  politeísmo, polivalente, polissílabo;
- *Pró* (I) (posição em frente, estática):
  prólogo, programa, problema;

- *Pró* (II) (mov. para a frente, dinâmico):
  prognóstico, pródromo;

- *Prós* (adjunção):
  prosélito, prosódia;

- *Proto* (início, anterioridade):
  protofonia, protomártir, protótipo;

- *Syn* (sin) (simultaneidade, reunião):
  sílaba, simetria, sintaxe, síntese.

Apêndice 2: Correspondência entre alguns prefixos latinos e gregos

Gregos	Latinos
a, na	des, in
Amphí	ambi
Antí	contra
Apó	ab
Di	bis
diá	trans
ek, ex	ex
en	in
éndon	intra
epí	super
eu	bene
hêmi	semi
hypó	sub
katá	de
pará	ad
perí	circum
syn	cum

4 Formação de palavras

4.1 Principais processos

Há dois principais processos pelos quais se formam palavras em português: a *composição* e a *derivação.*

4.1.1 Composição

A palavra é formada com junção de dois ou mais radicais. A palavra se chamará *composta***,** ou poderá, ainda, indicar, concomitantemente, a *classe gramatical* a que pertence (substantivo composto, adjetivo composto etc.).
Exemplos:

para-brisa, mapa-múndi, água-viva, bem-te-vi, luso-brasileiro, azul-claro, verde-oliva

4.1.1.1 Tipos de composição

a) *Composição por Justaposição*

Ocorre quando os radicais primitivos são foneticamente mantidos na palavra composta.

Exemplos:

pontapé, girassol, vaga-lume

b) *Composição por Aglutinação*

Ocorre quando um ou mais radicais primitivos sofrem alteração fonética na formação da palavra composta.

Exemplos:

lobisomem, pernilongo, planalto, afrodescendente

4.1.2 Derivação

Ocorre quando a palavra é formada com um único radical primitivo. A palavra se chama, então, *derivada*.

Exemplos:

portentoso, beldade, cavalete, imperador

4.1.2.1 Tipos de derivação

a) *Derivação prefixal* (ou prefixação)

Ocorre quando acrescentamos um ou mais prefixos ao radical primitivo:

Exemplos:

super-homem, ultravioleta, recompor, hipermercado, contrarregra

b) *Derivação sufixal* (ou sufixação)

Ocorre quando acrescentamos um ou mais sufixos ao radical primitivo:

Exemplos:

branquinho, bebedouro, calmamente, fortíssimo

> *Observação*:
>
> Chamaremos de radical primário aquele que origina a nova palavra e de radical secundário aquele que forma a nova palavra.
>
> Exemplos:
>
> forn-o (radical primário)
>
> fornalh- a (radical secundário)

para / quedas (2 radicais primários)
paraquedas (radical secundário)

Atenção!

Constituintes imediatos no sintagma lexical

Os estudiosos de Morfologia adotam a "Lei dos constituintes imediatos" também no sintagma lexical, isto é, no estudo da formação de palavras. Dessa maneira, devemos considerar apenas uma palavra primitiva (ou um radical primitivo, ainda que secundário, terciário etc.) em relação à nova palavra (composta ou derivada). Não podemos retroceder além desse passo, se quisermos explicitar *um único* processo pelo qual a palavra nova se originou.

Isso se aplica ainda que o novo vocábulo seja um *neologismo*, isto é, uma palavra recém-criada, provavelmente ainda não encontrada no dicionário, ou usada apenas em certo contexto, com fins expressivos.

No entanto, podemos, aparentemente contrariando essa "lei", pedir que se cataloguem todos os processos por que determinada palavra passou.

Exemplos:

paraquedas (composição por justaposição)
paraquedista (derivação sufixal)
planalto (composição por aglutinação)
Planaltina (derivação sufixal)
guarda-chuva (composição por justaposição)
superguarda-chuva (derivação prefixal)
ex-cineclubista (prefixação, abreviação (cine), composição (cineclube), hibridismo e sufixação).

c) *Derivação parassintética*

Ocorre quando o prefixo e o sufixo são acrescentados ao radical primitivo simultaneamente, só podendo ser retirados da palavra derivada ao mesmo tempo.

Exemplos:

embelezar, amanhecer, alargar, enriquecer, desalmado, conterrâneo, subterrâneo

d) *Derivação regressiva* (ou *Regressão*)

Ocorre quando a palavra derivada é um substantivo abstrato que perde fonemas e é proveniente de verbo (daí ser chamado, também, de substantivo deverbal).

Exemplos:

O combate (de combater), a fuga (de fugir), o ataque (de atacar), o canto (de cantar)

Observação:

Não basta que o substantivo derivado seja foneticamente menor em relação ao verbo para podermos dizer que se trata de derivação regressiva. Quando o substantivo for menor, mas não indicar uma ação, um ato, então ele terá sido a palavra primitiva em relação ao verbo, que será, portanto, derivado (sufixal).

Primitivas > *Derivadas*
âncora > ancorar
furo > furar
flecha > flechar
olho > olhar
arquivo > arquivar

e) *Derivação imprópria* (ou Conversão)

Ocorre quando uma palavra é empregada fora de sua classe normal, geralmente a que vem indicada no dicionário, ao lado do vocábulo cujo significado se procura. Também pode ocorrer quando empregamos um substantivo comum como próprio e vice-versa.

Exemplos:

O *jovem* precisa de incentivos. (normalmente um adjetivo, usado, aqui, como substantivo)
Não quero ouvir um *talvez* como resposta. (normalmente advérbio, usado, aqui, como substantivo)
O *Rio* é um lindo estado. (substantivo comum para próprio)
Vou falar com o *Pinheiro*. (substantivo comum para próprio)
Ele é um verdadeiro *jó.* (substantivo próprio para comum)

4.1.3 Outros processos relevantes

1. *Abreviação*

Ocorre quando se retira da palavra primitiva uma parte desta, mantendo-se o significado original.

Exemplos:

Mengo, Nense, Fla, Flu, Maraca, fone, cine, moto, foto, pneu, leque (de moleque)

2. *Reduplicação*

Ocorre quando se repetem sons iguais ou semelhantes para formarem a palavra nova. Pode ser usado como *onomatopeia*.

Exemplos:

Reco-reco, vaivém, vira-vira, pingue-pongue, vovó, mamãe, tique-taque, fofocar, neném, Lili, Vivi (nomes próprios)

3. *Sigla*

Ocorre quando as letras ou sílabas iniciais de frases, locuções, expressões etc. A sigla se caracteriza por ter inicial maiúscula.

Exemplos:

UFRJ, Uerj, PUC, Ibope, Detran, CEF

Observação:

Quando a sigla formar foneticamente um todo legível (siglônimo), poderemos escrevê-la toda com letras maiúsculas ou somente a letra inicial.

Exemplos:

UFRJ, CPF, UERJ ou Uerj, IME ou Ime, ONU ou Onu, PETROBRAS ou Petrobras, COMLURB ou Comlurb, PUC ou Puc

4. *Hibridismo*

Se, de acordo com a etimologia (origem) da palavra nova, houver radicais de línguas diferentes, ocorre *hibridismo*. Trata-se de uma classificação paralela às apresentadas acima, e não substituta de alguma delas.

Exemplos:

sambódromo (africano e grego), automóvel (grego e latim), televisão (grego e português).

Questões comentadas

01. (Assistente Previdenciário/Rioprevidência/Ceperj/2014) Todas as palavras abaixo têm, em sua formação um prefixo, **exceto**:
    a) incansáveis
    b) desencadearam
    c) internacionais
    d) hiperconsumo
    e) envolvidas

São prefixos somente: *in*, *des*, *inter*, *hiper*. Gabarito: **E**.

02. (Técnico Superior Jurídico/DPE-RJ/FGV/2014) A alternativa em que os vocábulos apresentam sufixos de significação diferente é:
    a) ativistas / progressistas
    b) discriminação / ampliação
    c) marxista / feminista
    d) jurídico / democrático
    e) companheiro / financeiro

O sufixo *-eiro* significa, no primeiro caso, “aquele que”, e, no segundo “relativo a”. Gabarito: **E**.

03. (Oficial de Cartório/PC-RJ/IBFC/2013) O vocábulo “mamaço”, utilizado no texto, foi construído por analogia a outros já conhecidos da Língua e baseado no seguinte processo de formação de palavras:
    a) prefixação
    b) composição por justaposição
    c) sufixação
    d) derivação imprópria
    e) parassíntese

De “mamar”, surge, por acréscimo do sufixo *-aço*, “mamaço”. Gabarito: **E**.

04. (Agente da Fazenda/SMA-RJ/FJG-RJ/2013) Na formação das palavras **im**perdível e desconhecimento, os afixos **des**tacados, embora distintos, têm o mesmo sentido, de negação. Há ERRO na indicação do significado de prefixos em:
    a) **ab**uso/ **ap**ogeu – superioridade
    b) **sub**terrâneo/ **hip**oteca – posição inferior
    c) **intra**muscular/ **endo**venoso – movimento para dentro

d) **contra**por/ **anti**patia – oposição

“Ab” significa excesso. Gabarito: **A**.

05. (Analista de Informática/Jucesc/Fepese/2013) Assinale a alternativa que apresenta a **correta** significação da palavra, levando-se em conta os elementos que a compõem.
    a) Anagrama – sobreposição de letras
    b) Hipocondria – pavor doentio da morte
    c) Oligarquia – governo de pequeno grupo
    d) Xenofobia – amizade ao estrangeiro
    e) Aculturação – ausência de cultura

“Xenofobia” significa “aversão ao estrangeiro”. Gabarito: **D**.

06. (Auxiliar de Procuradoria/PGM-RJ/PJG/2014) As palavras **multicultural** e **pluriétnico** são formadas com elementos de composição **(mult**(i)- e **plur**i-) que possuem o mesmo valor semântico. Também se verifica esse fato nas palavras:
    a) percorrer e diáspora
    b) eufonia e emigração
    c) endoscopia e progresso
    d) dissidente e prólogo

“Per” e “dia” significam “através de”. Exemplo: perpassar e diacronia. Gabarito: **A**.

07. (Soldado da Polícia Militar/PM-MG/2013) Quanto à estrutura das palavras, marque a alternativa CORRETA:
    a) No vocábulo “rodovia” há ausência de vogal de ligação.
    b) Na palavra “amavas” o item “-s” é desinência nominal de número.
    c) No vocábulo “exorbitar” há apenas um afixo
    d) Na palavra “internacional” há dois afixos.

Há os afixos “inter” (prefixo) e “al” (sufixo). Gabarito: **D**.

08. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Vunesp/2013) Assinale a alternativa contendo palavra do texto que é formada por prefixo.
    a) Máquina.
    b) Brilhantismo.
    c) Hipertexto.
    d) Textualidade.

e) Arquivamento.

“Hiper” é prefixo. Gabarito: **C**.

09. (Escrivão de Polícia/PC-ES/Funcab/2013) O comentário equivocado acerca da formação ou do valor significativo do sufixo em destaque, formador de palavra extraída do texto, encontra-se na seguinte alternativa:
a) representANTE (§1º): deriva substantivo de verbo / expressa noção de agente
b) secaMENTE (§1º): deriva advérbio de substantivo / expressa noção de modo
c) influÊNCIA (§2º): deriva substantivo de verbo / expressa noção de ato ou resultado de ato
d) formiguEIRO (§3º): deriva substantivo de substantivo / expressa noção de grande quantidade
e) avarEZA (§3º): deriva substantivo de adjetivo / expressa noção de qualidade ou estado

Secamente deriva de adjetivo (“seca”), e não de substantivo. Gabarito: **B**.

10. (Especialista em Previdência Social/Rioprevidência/Ceperj/2014) A palavra “infraestrutura” é formada pelo seguinte processo:
a) sufixação
b) prefixação
c) parassíntese
d) justaposição
e) aglutinação

O prefixo *infra-* foi anteposto ao radical *estrutura*. Gabarito: **B**.

11. (Analista/INSS/Funrio/2014) Assinale a alternativa que contém palavras formadas apenas pelo processo de derivação.
a) banana-maçã, mico-leão e bico-de-lacre.
b) supermercado, repolhudo, passatempo.
c) couve-florzinha, esbanjamento, contextualização.
d) ziguezaguear, fotografia, lambisgoia.
e) minhoca, hipocondríaco, concurseiro.

Pela lei dos constituintes imediatos, “couve-flor”, embora seja uma composição, deixa de ser assim considerada quando se apõe a ela o sufixo “zinha”. As três palavras da letra C são casos de sufixação. Gabarito: **C**.

12. (Analista de Informática/Jucesc/Fepese/2013) Assinale a alternativa em que todas as palavras são formadas pelo mesmo processo de derivação parassintética.
   a) planalto, desalmado, luzeiro
   b) saca-rolhas, riqueza, deslealdade
   c) bibliografia, passional, enriquecer
   d) entristecer, despedaçar, acorrentar
   e) reacendeu, empalideceu, macieiras

Nas três palavras aqui formadas, se retirarmos o prefixo *ou* o sufixo, resultarão vocábulos inexistentes. Gabarito: **D**.

13. (Auxiliar de Procuradoria/PGM-RJ/FJG-RJ/2013) Assim como interamericana (3º parágrafo), as palavras apresentadas abaixo são compostas por justaposição. NÃO se obedece à convenção ortográfica em:
   a) interrelacionar
   b) interurbano
   c) inter-humano
   d) interrogar

Com a nova ortografia, se o prefixo acaba em R e o radical começa com R, deve-se grafar com hífen: *inter-relacionar*. Gabarito: **A**.

14. (Assistente Administrativo/PM-MG/2013) Assinale a alternativa CORRETA com relação à formação de palavras por derivação regressiva:
   a) Abalar.
   b) Alistamento.
   c) Alistar.
   d) Abalo.

“Abalo” é o ato de “abalar” e é menor que seu derivado. Trata-se de um deverbal. Gabarito: **D**.

15. (Administrador/IF-RO/Makiyama/2013) Assinale a alternativa que apresenta a CORRETA flexão dos dois substantivos compostos em destaque para o plural.
   a) salvo-conduto; fruta-pão = salvos-condutos; frutas-pães
   b) alto-falante; livre-docência = altos-falantes; livre- docências
   c) guarda-sol; arranha-céu = guardas-sois; arranhas-céus
   d) pé-de-moleque; batata-doce = pé-de-moleques; batatas- doce
   e) porta-bandeira; peixe-boi = portas-bandeiras; peixes-boi

Adjetivo + substantivo (ambos vão para o plural)
Substantivo + substantivo qualificador (o segundo pode ir para o plural ou permanecer no singular).
Gabarito: **A**.

16. (Agente de Trânsito/Detran-PB/Funcab/2013) Das palavras extraídas do texto, indique aquela que destoa das demais quanto ao processo de formação pelo qual foi constituída.
    a) perigoso.
    b) motorista
    c) velocidade.
    d) imprudente
    e) responsabilidade.

Imprudente é a única formada por prefixação (IM-PRUDENTE). As demais são casos de sufixação. Gabarito: **D**.

17. (Técnico Administrativo/Cobra Tecnologia S.A/ESPP/2013) Assinale a alternativa que indica, correta e respectivamente, os processos de formação das palavras “girassol”, “maquinista” e “quilo”.
    a) Derivação por sufixação, composição por justaposição e redução.
    b) Composição por justaposição, redução e derivação por sufixação.
    c) Composição por justaposição, derivação por sufixação e redução.
    d) Redução, composição por justaposição e derivação por sufixação.

Em “girassol”, os elementos compostos não se danificam foneticamente. Em “maquinista” há o sufixo “ista”. Em “quilo”, corta-se da primitiva “quilograma”. Obs.: redução é sinônimo de abreviação.

18. (Técnico em Informática/TJ-SP/Vunesp/2012) Assinale a frase em que a palavra em destaque está corretamente flexionada no plural, de acordo com a norma culta da língua.
    a) Os **abaixo-assinado** serão encaminhados às subprefeituras.
    b) Para chegar ao alto da torre, tivemos de subir mais de cem **degrais**.
    c) O projeto trará benefícios a todos os **cidadãos**.
    d) Os **escrivões** desse cartório são funcionários muito antigos.
    e) Os **guarda-civis** ameaçam entrar em greve.

As demais formas corretas são: abaixo-assinados; degraus; escrivães; guardas-civis. Gabarito: **C**.

Capítulo 8 – As classes gramaticais

1 Substantivo

Introdução

1.1 Morfossintaxe dos substantivos

O *substantivo* é dado tradicionalmente, nas aulas de gramática, como a palavra que nomeia seres ou coisas. Esse conceito é falível, pois substantivos podem nomear ações (construção, guerra etc.) e mesmo emoções ou qualidades (amor, lealdade, princípio).

Assim, é melhor que se encare o *substantivo* como palavra que pode ser observada tanto *morfologicamente* (classe gramatical) quanto *sintaticamente* (função sintática). Com isso, o trataremos dos pontos de vista *morfossintáticos*.

- *Morfo* – Será da *classe gramatical* de um *substantivo* a palavra que puder ser núcleo de um sintagma nominal (conjunto de palavras com um núcleo substantivo e modificadores com emprego adjetivo).
- *Sintaxe* – Terá *função sintática* de *substantivo* a palavra que for núcleo das funções sintáticas, como núcleo do objeto, núcleo do sujeito, núcleo do aposto etc.

Com essa abordagem, o aluno poderá ver que as classes gramaticais e as funções sintáticas não são estagnadas, tampouco formadas por conjuntos de palavras *a priori*. Em vez disso, será de uma *classe gramatical* ou terá uma *função sintática* a palavra que dispuser de características morfossintáticas específicas das grandes categorias gramaticais, como, no caso deste capítulo, o *substantivo*, que certamente é uma das categorias gramaticais mais importantes pelo fato de ser um dos primeiros recortes de cognição que a pessoa executa no processo de aquisição da linguagem.

Toda palavra modificada por um artigo será substantivo.

Também será substantivo, *ou terá emprego substantivo*, a palavra que desempenhar certas funções sintáticas, como vimos há pouco. Por isso, para dizermos que uma palavra é ou não substantivo, precisaremos, como ocorre na maioria das vezes em uma língua, de um contexto.

Exemplo:

O amanhã (fragmento)
Simone
O que será o amanhã
[...]
Já desfolhei o malmequer [...]
E vai chegando o amanhecer (...)

Fora do contexto, as expressões acima sublinhadas normalmente não seriam substantivos:
Amanhã – geralmente advérbio
Malmequer – geralmente uma oração
Amanhecer – geralmente um verbo

Nelas, embora a função sintática tenha sido fator relevante, o artigo desempenhou papel fundamental para que as classificássemos como *substantivos*.

Observação:

Ao processo em que simplesmente a anteposição do artigo ou o emprego como núcleo de um sintagma nominal são suficientes para tornar a palavra ou expressão um substantivo, damos o nome de *substantivação* (que é um dos tipos de derivação imprópria ou conversão).

Se, entretanto, for necessário que se modifique a palavra primitiva de alguma forma (com afixos ou com regressão) para que ela se torne substantivo, ocorrerá o que chamamos de *nominalização*.

Exemplos:

O falar (substantivação)
(A) fala (nominalização – derivação regressiva)
O permitir (substantivação)
(A) permissão (nominalização – derivação sufixal)

1.2 O sintagma nominal

Quando ocorre um núcleo nominal (substantivo ou palavra com emprego substantivo), podendo haver ou não determinantes a esse substantivo (adjetivos ou palavras com emprego adjetivo), temos o chamado *sintagma nominal*.

Exemplo:

Os belos campos de terra muito macia.

Sintagma 1
• *campos* – núcleo (ou determinado, ou modificado, ou especificado)
• *os* – determinante (ou modificador, ou especificador, ou adjunto)
• *belos* – determinante (ou modificador, ou especificador, ou adjunto)
• *de terra muito macia* – determinante (ou modificador, ou especificador, ou adjunto)

Sintagma 2
• *terra* – núcleo (ou determinado, ou modificado, ou especificado)
• *muito macia* – determinante (ou modificador, ou especificador, ou adjunto)

Observação:

Como vemos, o determinante (função adjetiva) de um núcleo (função substantiva) poderá ter também um núcleo (função substantiva), que terá seus próprios determinantes (função adjetiva).

Também devemos notar que os determinantes (adjuntos) podem ter seus próprios modificadores (advérbios), que, num sintagma nominal, recebem o nome de *subjuntos*. No exemplo acima, *muito* é subjunto de *macia*.

1.3 Algumas classificações do substantivo

1.3.1 Comum

Quando estabelece designação genérica, dos seres de uma mesma espécie. Em português, é escrito com inicial minúscula.
Exemplos:
fada, livro, casa, amor, sonho, atitude, conversa, pessoa, criança, lealdade.

1.3.2 Próprio

Quando estabelece designação particular, de um ser específico dentre outros da mesma espécie. Em português, é escrito com inicial maiúscula.
Exemplos:
Rio de Janeiro, Portugal, Marcelo, Joana, Quincas Borba.

Observação: Um substantivo como RIO DE JANEIRO (topônimo) pode ser considerado um substantivo composto ou uma lexia complexa. Podemos dizer o mesmo em relação a nomes próprios de pessoas (antropônimos) como MARIA LUÍSA, ANA JÚLIA, MARIA DA GLÓRIA etc.

1.3.3 Concreto

É aquele que indica seres ou coisas, reais ou fictícios, verdadeiros ou imaginários, míticos etc.
Exemplos:
Rua, anjo, espírito, Deus, Maria, gnomo, casa.

1.3.4 Abstrato

É aquele que designa ações, qualidades ou estados.

Exemplos:

Casamento, beleza, alegria, bondade.

Observação:

Apenas por uma razão didática, os abstratos podem ser, como vimos, subdivididos em abstratos de ação, de qualidade ou de estado. Os de ação quase sempre são substantivos derivados de verbo. Os de qualidade quase sempre derivam de adjetivos. Os de estado são palavras primitivas, que indicam subjetividade, sentimentos etc.

Exemplos:

Abstratos de ação: riso, alargamento, encontro, abertura, geração.
Abstratos de qualidade: felicidade, maciez, brancura, beleza, longevidade.
Abstratos de estado: fé, amor, virtude, medo, paixão, vontade, fome, sede, graça.

Observação:

Os substantivos abstratos podem passar a ser concretos. Isso ocorre, por exemplo, quando um derivado de verbo deixa de significar "ato de..." (por exemplo: alargamento = ato de alargar) e passa a significar o resultado daquele ato, sendo, portanto, uma coisa, isto é, um substantivo concreto.

Exemplos:

Você precisa rever sua *redação.* (abstrato = ato de redigir)
Não corrigi sua *redação.* (concreto = nome dado a determinados tipos de texto)
A *abertura* de firmas gera empregos. (abstrato = ato de abrir)
Olho pela *abertura* da janela e vejo o sol. (concreto = sinônimo de fenda, brecha etc.)

1.4 Flexões do substantivo

O substantivo pode flexionar-se em gênero e número.

1.4.1 Flexão de gênero

Como vimos, há dois gêneros em português: masculino e feminino.

Em geral, os substantivos masculinos são terminados em O, e os femininos em A.
Exemplos:

menin-o / menin-a
candidat-o / candidat-a

Quando um substantivo possui uma forma para o masculino e outra para o feminino, chama-se *biforme*. Se só possuir uma forma para os dois gêneros, chama-se *uniforme*.

1.4.1.1 Substantivos biformes

Há muitos recursos morfológicos para que um substantivo seja biforme. Podemos destacar os que são obtidos das seguintes maneiras:

1.4.1.1.1 Desinência de gênero

Foi o que ocorreu nos exemplos acima. Os radicais são mantidos e no fim deles (de um ou de ambos) se acrescenta uma desinência de gênero.
Exemplos:

sogr-o / sogr-a
elefante-Ø / elefant-a
alemã-o / alemã-Ø
cantor / cantor-a

1.4.1.1.2 Heteronímia

São heterônimos os substantivos que possuem radicais diferentes para designar os dois gêneros:
Exemplos:

Homem, mulher / abelha, zangão (ou zangão) / frei, sóror / pai, mãe / frade, freira / cavaleiro, amazona / cavalo, égua

1.4.1.1.3 Derivação sufixal

Um dos radicais ou ambos recebem o sufixo para determinar a diferença de gênero:
Exemplos:

Imperador, imperatriz / galo, galinha / conde, condessa / sacerdote, sacerdotisa / papa, papisa / maestro, maestrina / rapaz, rapariga / duque, duquesa

1.4.1.2 Substantivos uniformes

São aqueles que apresentam apenas uma forma para os dois gêneros. Podem ser classificados em:

1.4.1.2.1 Substantivos comuns de dois gêneros

O substantivo não se altera, mas os seus modificadores (artigos, adjetivos, pronomes) podem sofrer flexão de gênero.
Exemplos:
o/a dentista magnífico/magnífica
estudante, atleta, colega, jovem, aspirante, indígena, aborígine, fã, personagem

Cada vez mais substantivos outrora comuns de dois gêneros vêm se tornando biformes. É o que ocorre com mestre, mestra/presidente, presidenta/ chefe, chefa. É natural que profissões ou posições que passam a ser exercidas por mulheres passem, igualmente, a possuir a desinência de gênero feminino. Parece ser por essa razão que, desde há muito, existem substantivos femininos como *parenta, infanta, defunta, oficiala, superiora* (para madres conventuais).

1.4.1.2.2 Substantivos sobrecomuns

Nem o substantivo nem seus modificadores sofrem flexão de gênero. Assim sendo, teremos um substantivo com um único gênero para designar ambos os sexos.
Exemplos:
a criança, o verdugo, o carrasco, a testemunha, a vítima, a criatura, o cônjuge.

1.4.1.2.3 Substantivos epicenos

São aqueles que designam animais, devendo ser acrescentadas as palavras “macho” e “fêmea” para lhes designar o sexo.
Exemplos:
cobra, jacaré, crocodilo, girafa, peixe, onça, borboleta, águia, baleia.

1.4.1.3 Substantivos cuja mudança de gênero acarreta alteração semântica
Exemplos:
A grama: relva
O grama: unidade internacional de pesos e medidas
A guarda: vigilância; substantivo coletivo
O guarda: o vigia, o soldado

A cabeça: parte do corpo
O cabeça: líder de algum movimento

A moral: índole, caráter; um dos objetos de estudo antropológico
O moral: ânimo, vontade

A cura: ato de curar ou curar-se
O cura: o padre

A capital: cidade que tem alguma prerrogativa (geralmente política)
O capital: o dinheiro

A rádio: estação que transmite
O rádio: o aparelho

A cisma: mania
O cisma: ruptura religiosa

A caixa: objeto
O caixa: quem trabalha com determinada função

1.4.1.4 Substantivos cujo gênero pode ser duvidoso

1.4.1.4.1 São masculinos

Exemplos:

lança-perfume, alvará, algoz, tapa, champanha (ou champanhe), dó, trema, magma, estigma, plasma, eclipse, apêndice, telefonema, teorema, cônjuge, sósia, verdugo, clã, carrasco, milhar, milhão, bilhão

1.4.1.4.2 São femininos

Exemplos:

faringe, bólide, cataplasma, comichão, aguardente, alface, bacanal, cal, omoplata, cólera, dinamite, elipse, aluvião, hélice, libido.

1.4.1.4.3 São masculinos ou femininos

Exemplos:

avestruz, sabiá, gambá, preá, laringe, ágape, sentinela, soprano, diabete, íris.

Observação:

São invariáveis os substantivos terminados em X ou S (alomorfe-zero):
Exemplos:
pires, ônibus, lápis, ourives, atlas, cais, xis, tórax, ônix, xérox (ou xerox)

1.4.2 Flexão de número

Há dois números em português: singular e plural. Suas desinências já foram vistas nos tópicos de morfologia (estrutura das palavras). Lembramos que, em geral, a formação do plural é feita com o acréscimo da desinência –s: menina/meninaS; rebanho/rebanhoS

1.4.2.1 Casos relevantes da flexão de número

1.4.2.1.1 Substantivos terminados em –ÃO

Poderão fazer o plural de 3 formas diferentes: ãos/ães/ões.
Exemplos:
Paixões, cidadãos, pães.

Observação: A razão para haver três plurais nominais portugueses para a terminação em ÃO se explica pelo fato de, na passagem do latim vulgar para o romanço lusitânico, haver três finais etimologicamente distintos que, entretanto, convergiram para ÃO: quais sejam, ANU-, ANE-, ONE-

MANU-/MANUS > MÃO/MÃOS
PANE-/PANES > PÃO/PÃES
LEONE-/LEONES > LEÃO/LEÕES

Alguns, no entanto, apresentam mais de uma possibilidade de plural. Podemos destacar:
Exemplos:
aldeão (aldeãos, aldeões, aldeães); anão (anãos, anões); ancião (anciãos, anciões, anciães); charlatão (charlatões, charlatães); corrimão (corrimãos, corrimões); cirurgião (cirurgiões, cirurgiães); ermitão (ermitãos, ermitões, ermitães); guardião (guardiões, guardiães); refrão (refrãos, refrães); sultão (sultãos, sultões, sultães); verão (verãos, verões); vilão (vilãos, vilões, vilães); vulcão (vulcãos, vulcões)

1.4.2.1.2 Plural metafônico (metafonia)

Ocorre quando, no plural, a palavra muda o timbre, passando de vogal fechada (/Ô/) para aberta (/Ó/).

Exemplos:

abrolho, caroço, corcovo, coro, corpo, corvo, despojo, destroço, esforço, estorvo, fogo, forno, fosso, imposto, jogo, miolo, olho, osso, ovo, poço, posto, porco, porto, povo, reforço, rogo, socorro, tijolo, toco, torno, torto, troco

1.4.2.2 Substantivos cuja flexão de número implica alteração semântica

Exemplos:

bem, bens / féria, férias / costa, costas

1.4.2.3 Substantivos sempre usados no plural

Exemplos:

parabéns, núpcias, bodas, confins, olheiras, reticências, víveres, cãs, cócegas, afazeres.

1.4.2.4 Plural dos substantivos compostos

1.4.2.4.1 Variam ambos os elementos

a) *Substantivo e adjetivo*

Exemplos:

água-marinha, águas-marinhas / água-viva, águas-vivas / obra-prima, obras-primas / altar-mor, altares-mores / amor-perfeito, amores-perfeitos / guarda-civil, guardas-civis / quadro-negro, quadros-negros.

b) *Adjetivo (ou classe com emprego adjetivo) e substantivo*

Exemplos:

quinta-feira, quintas-feiras / alto-relevo / altos-relevos / bom-dia, bons-dias / (primeiro-socorro), primeiros-socorros.

c) *Substantivo e substantivo (com ideia de adição, simultaneidade)*

Exemplos:

carta-bilhete, cartas-bilhetes/ aluno-mestre, alunos-mestres

1.4.2.4.2 São invariáveis

a) *Frases ou expressões substantivas*
Exemplos:
os louva-a-deus / os disse-me-disse / os bumba-meu-boi

b) *Verbos de sentido oposto*
Exemplos:
os vai-e-volta / os leva-e-traz

c) *Verbo e palavra invariável*
Exemplos:
os porta-lápis / os bota-fora / os pisa-mansinho / os quebra-tudo / os cola-tudo

1.4.2.4.3 Varia apenas o primeiro elemento do vocábulo

a) *Substantivo e palavra invariável*
Exemplos:
joão-ninguém, joões-ninguém / mapa-múndi, mapas-múndi

b) *Quando há preposição (explícita ou elíptica)*
Exemplos:
pé de moleque, pés de moleque / mãe-d´água, mães-d´água / comandante-em-chefe, comandantes-em-chefe / cavalo-vapor, cavalos-vapor

c) *Substantivo e substantivo (em que o segundo dá ideia de finalidade, semelhança)*
Exemplos:
peixe-boi, peixes-boi / salário-família, salários-família / tíquete-refeição, tíquetes-refeição / célula-tronco, células-tronco / manga-espada, mangas-espada

1.4.2.4.4 Varia apenas o último elemento

a) *Substantivos compostos sem hífen*
Exemplos:
vaivéns, girassóis, pernilongos, aguardentes, planaltos, pontapés

b) *Compostos com as formas reduzidas grã, grão, recém e bel*
Exemplos:
grão-duques, bel-prazeres, recém-formados

c) *Verbos e substantivos*
Exemplos:
lança-perfume, lança-perfumes / vaga-lume, vaga-lumes / porta-voz, porta-vozes / guarda-roupa, guarda-roupas / guarda-chuva, guarda-chuvas

d) *Palavra invariável e palavra variável*
Exemplos:
ave-maria, ave-marias / abaixo-assinado, abaixo-assinados

e) *Substantivos compostos com mais de dois elementos* (se o segundo *não* for preposição)
Exemplos:
bem-te-vi, bem-te-vis / bem-me-quer, bem-me-queres

f) *Palavras repetidas onomatopeias*
Exemplos:
Reco-reco, reco-recos / pingue-pongue, pingue-pongues / quebra-quebra, quebra-quebras / tico-tico, tico-ticos

1.4.2.4.5 Admitem mais de um plural
Exemplos:
Fruta-pão: frutas-pão, frutas-pães
Guarda-marinha: guardas-marinha, guardas-marinhas
Padre-nosso: padres-nossos, padre-nossos
Salvo-conduto: salvo-condutos, salvos-condutos

2 Adjetivo

Introdução

É a palavra variável que serve para modificar um substantivo, atribuindo-lhe características. Pode ter função sintática de predicativo ou adjunto adnominal.
Exemplo:
O *belo* amigo
A *ótima* notícia
Lua *crescente*

Observação:

São denominados *adjetivos eventuais* quaisquer classes gramaticais que, não pertencendo à dos adjetivos, esteja modificando um substantivo, funcionando, portanto, como adjetivo.

Mãe-pátria
Navio-*modelo*
Inúmeros algarismos
Nossos amigos

2.1 Algumas classificações do adjetivo

a) *Descritivo ou objetivo*
É o que pertence à área semântica das coisas físicas.
Exemplo:
Casa *branca*
Mulher *grande*

b) *Interpretativo ou subjetivo*
É o que pertence ao campo semântico das verdades psíquicas.
Exemplo:
Casa *bonita*
Mulher *bela*

c) *Explicativo*
É o que pertence ao mesmo campo semântico do substantivo modificado.
Exemplo:
Noite *preta*
Ladeira *escorregadia*

d) *Restritivo*
É o que não pertence ao campo semântico do substantivo modificado.
Exemplo:
Noite *veloz*
Ladeira *duvidosa*

2.2 Locução adjetiva

É o conjunto de palavras que equivale a um adjetivo. Geralmente se forma da seguinte maneira:

Preposição + Substantivo

Exemplo:

Menino *da selva*
Amor *sem limites*

Observação:

Frequentemente, pode-se substituir uma locução adjetiva por um adjetivo correspondente. Quando isso ocorre, o adjetivo correspondente se chama *adjetivo relacional*:

Sentido *das palavras* (lexical)
Monólitos *da lua* (lunares)
Pulseiras *de ouro* (áureas)
Jazidas *de ouro* (auríferas)
Luzes *na cidade* (urbanas)
Área *com gelo* (glacial)
Leite *da mãe* (materno)
Amor *de mãe* (maternal)
Olhos *de águia* (aquilinos)
Texto *de Guimarães Rosa* (rosiano)

2.3 Flexões do adjetivo

a) *Flexão de gênero*

O adjetivo que concorda com o substantivo modificado em gênero se chama *biforme*; o que não se flexiona recebe o nome de *uniforme*.

Exemplo:

Comida *salgada* (biforme)
Cama *bonita* (biforme)
Alegria *total* (uniforme)
Otimismo *geral* (uniforme)

b) *Flexão de número*

b.1) *Adjetivos simples*

Variam com o substantivo (exceto se forem uniformes).

Exemplos:

Lagos *mansos*
Lagoas *mansas*

Observação:

Se o adjetivo for proveniente de um substantivo, será invariável.

Portas *cinza*
Sondas *gelo*
Cadarços *prata*
Camisas *rosa*
Mesas *violeta*
Óculos *marfim*

b.2) *Adjetivos compostos*
Só o último elemento varia em gênero e número.

Exemplos:

Tubos *asséptico-cirúrgicos*
Tratados *franco-germânicos*
Camisas *amarelo-claras*
Paletós *azul-escuros*

Observação:

Os adjetivos *azul-marinho* e *surdo-mudo* são exceção. *Azul-marinho* é invariável; *surdo-mudo* varia os dois elementos.

Roupas *azul-marinho*
Moças *surdas-mudas*

2.4 Variação de grau

a) *Comparativo*

• *de superioridade*

Mais ... (do) que...

Exemplos:

João é mais feliz do que Pedro.
João é mais feliz do que inteligente.

• *de inferioridade*

Menos... (do) que...

Exemplos:

Maria é menos alta que sua irmã.

Maria é menos alta que magra.

• *de igualdade*

... como

(... que nem, ... feito, ... tal e qual etc.)

Tão... quanto...

Tão... como...

Exemplos:

Marcelo é tão estudioso quanto Joana.

Mariana é alta que nem uma garça.

b) *Superlativo*

• *Absoluto*

→ sintético

Formado com o acréscimo de sufixos (-íssimo, -érrimo, -limo) ou de prefixos (na linguagem coloquial).

Exemplos:

Ela é felicíssima.

Isto é facílimo.

Ele é um homem libérrimo.

Ela é superfeliz.

Ele é arquimilionário.

→ analítico

Formado com a adição de um advérbio de intensidade qualquer.

Exemplos:

Ela é tão astuta.

Ela é muito boa.

Todos são bastante simples.

• *Relativo*

→ de superioridade

Exemplos:

Ela é a aluna mais dedicada da sala.

Este foi o melhor livro daquele rapaz.

→ de inferioridade

Exemplo: Mariana é a menos alta da família.

2.5 Estilística da variação de grau

Há outras formas, coloquiais ou literárias, em que o adjetivo pode sofrer variação em grau de modos diferentes dos descritos acima.

Vamos a algumas delas:

2.5.1 Repetição do adjetivo

Exemplos:

“Teus olhos são *negros, negros*
Como as noites sem luar”.
(Castro Alves)

“Cecília, és, como o ar,
Diáfana, diáfana”.
(Manuel Bandeira)

“*Aflito, aflito*, amargamente *aflito*,
num gesto estranho que parece um grito”.
(Cruz e Sousa)

“São uns olhos verdes, verdes”. (G. Dias)

Observação:
Esta repetição é uma figura de linguagem denominada *epizeuxe*.

2.5.2 Uso do sufixo diminutivo com valor superlativo

Exemplo: Uma casa *branquinha* como a neve

2.5.3 Uso de expressões coloquiais com valor de advérbio de intensidade: à beça, da silva, pra caramba...

Exemplo:

1500
(fragmento)
Meninas muito dengosas,
Umas, *nuinhas da silva*,
(Murilo Mendes)

2.6 Posição do adjetivo no sintagma nominal

O adjetivo pode ocorrer antes ou depois do substantivo modificado. Pode haver, por causa disso, mudança do significado do adjetivo, ou mesmo mudança de classe gramatical.

Exemplo:

Velho amigo
Amigo *velho*
Pobre senhor
senhor *pobre*
Mulher *grande*
Grande mulher
Certas regras
Regras *certas*
Bastantes amigos
Amigos *bastantes*
Vários assuntos
Assuntos *vários*

3 Advérbio

Introdução

É a palavra invariável que modifica um verbo, um adjetivo, um outro advérbio ou uma oração inteira. Aparece no contexto para expressar *circunstância*.
Exemplos:

Ele agiu *calmamente*.
Ela é *tão* linda.
Ele agiu *muito* tranquilamente.
Certamente haverá bom retorno.

3.1 Locução adverbial

É o conjunto de palavras que exerce função de advérbio.

Em geral, a locução adverbial se dá exatamente como a locução adjetiva, isto é, da seguinte maneira:

Preposição + Substantivo

Exemplo:

Com fidelidade
Sem cerimônia
Por amor
À revelia
De propósito
Quase nunca
Às vezes

3.2 Grau dos advérbios

3.2.1 Comparativo

a) *de igualdade*
Ele falou tão generosamente quanto eu.

b) *de superioridade*
Ele falou mais generosamente (do) que eu.

c) *de inferioridade*
Ele falou menos generosamente (do) que eu.

3.2.2 Superlativo

a) *absoluto sintético*
Exemplos:
Ele falou claríssimo
Ele chegou à tardinha
Acordamos cedinho
b) *absoluto analítico*
Exemplos:
Ele falou muito claro
Ele chegou tarde, tarde

3.3 Classificação dos advérbios

A NGB determina oficialmente algumas circunstâncias que podem ser expressas semanticamente pelos advérbios.

3.3.1 Intensidade

apenas, excessivamente, de todo, em excesso, por completo, muito, bastante, bem, pouco, assaz, sobremaneira, demasiado, deveras

3.3.2 Afirmação

Sim, certamente, com certeza, sem dúvida, de fato, por certo

3.3.3 Negação

Não, tampouco, de forma alguma, de jeito nenhum, nem

3.3.4 Tempo

Hoje, ontem, já, sempre, jamais, raramente, à noite, de repente, em breve, de vez em quando, vez por outra

3.3.5 Dúvida

Talvez, acaso, porventura, quiçá, provavelmente, possivelmente

3.3.6 Lugar

Aqui, aí, ali, acolá, lá, atrás, fora, perto, longe, abaixo, acima, adiante, à direita, ao lado, em frente

3.3.7 Modo

Assim, bem, mal, depressa, devagar, alerta, às ocultas, às claras, em geral, de cor e quase todos os advérbios terminados em *-mente*

Observação:

A função sintática própria dos advérbios é a de adjunto adverbial. Nessa função sintática, as circunstâncias são muito mais numerosas do que as expressas acima:

Ele pagou *dez euros* (adjunto adverbial de preço)
Todos versam *sobre música* (adjunto adverbial de assunto)
Dançarei *com João* (adjunto adverbial de companhia)
Fiquei magoado *com sua resposta* (adjunto adverbial de causa)

3.4 Advérbios interrogativos

Podem ocorrer nas interrogações diretas (nas perguntas, isto é, sentenças que possuem ponto de interrogação) ou nas interrogações indiretas, isto é, frases que podem se converter em perguntas, mas não o são (apresentam verbos que indicam dúvida como "quero saber", "ignoro", "não sei" etc.).

3.4.1 Causa

Por que você falou aquilo?
Quero saber *por que* você falou aquilo.

3.4.2 Lugar

Onde você está?
Não sei *onde* você está.

3.4.3 Modo

Como você fez o livro?
Ignoro *como* você fez o livro.

3.4.4 Tempo

Quando chegaremos a Lisboa?
Não sei *quando* chegaremos a Lisboa.

3.4.5 Finalidade

Para que se criou esta lei?
Não sei *para que* se criou esta lei.

3.4.6 Intensidade

Quanto já fizemos pelo povo?
Nem sei *quanto* já fizemos pelo povo.

3.4.7 Preço

Quanto custa feijão?
Preciso saber *quanto* custa o feijão.

Observação:

Advérbios terminados em –*mente* podem vir, quando numa sequência, apenas com o último elemento recebendo o sufixo; quando isso ocorre os demais advérbios ficam na forma feminina singular. A repetição do sufixo –*mente*, portanto, se ocorre, é traço de caráter estilístico, pois torna os advérbios enfáticos:

> "E se sente que é um dom porque se está experimentando, em fonte direta, a dádiva de repente indubitável de existir *milagrosamente* e *materialmente*." (Clarice Lispector)
> "Não quero dizer com isso que é *vagamente ou gratuitamente*." (Clarice Lispector)

“É um filme de pessoas automáticas que sabem *aguda e gravemente* que são automáticas e que não há escapatória.” (Clarice Lispector)

“Somente sobreviriam, ou melhor, somente subsistiriam *econômica*, *social* e *politicamente*, os povos que impedissem o agravamento dos males pelo nascimento de novas criaturas.” (Orígenes Lessa)

“Que há entre nunca e sempre que os liga tão *indiretamente* e *intimamente*?” (Clarice Lispector)

4 Artigo

Pode ser:

a) *Definido*
o, *a*, *os*, *as*

É usado para especificar o substantivo. Normalmente, seu uso faz pressupor que o interlocutor já sabia do que se estava falando.

Exemplos:

O mês já está acabando.
Vou ao circo.
Conheci a mocinha ontem.
Você fez as tarefas.

b) *Indefinido*
um, *uma*, *uns*, *umas*

É usado para generalizar o substantivo. Em geral, pode ser substituído por pronomes indefinidos *algum, alguma, alguns, algumas*. Também, algumas vezes, a completa supressão de artigos pode exercer função semelhante à do artigo indefinido.

Exemplos:

Comprei *um* carro. Fomos a *uma* loja. Hoje, *uma* senhora o procurou.
“Eu quero *uma* casa no campo.” (Zé Rodrix e Tavito)

Observação:

Supressão de artigos:
Como foi dito, a retirada total de artigos pode equivaler ao artigo indefinido. Lembramos que, por questões de estilo, a repetição desnecessária de artigos indefinidos é vício de linguagem.

Exemplos:

Mãe é mãe.

Considero (uma) bobagem fazer (uma) viagem a (um) lugar desconhecido e sem (uma) boa pousada.

Considero bobagem fazer viagem a lugar desconhecido e sem boa pousada.

"Menino de engenho" (José Lins do Rego), "Memórias póstumas de Brás Cubas" (Machado de Assis), "Educação pela pedra" (João Cabral de Melo Neto) etc.

Atenção!

O artigo indefinido pode ter função intensificadora, equivalendo a um ponto de exclamação:

"Gargalha, *ri*, *num riso de tormenta*,
como um palhaço, que, desengonçado,
nervoso, *ri*, *num riso absurdo*, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta."
(Cruz e Sousa)

Observação:

Embora não seja necessariamente *por causa* de um artigo que ocorra a substantivação de uma palavra, podemos dizer que qualquer palavra modificada por artigo se tornará substantivo.
Exemplos:

O quereres
o amarelo,
o sim,
a bela.
Dê-me ao menos um porquê.
"Meu bem querer tem um quê de pecado" (Djavan)

Observação:

O substantivo modificado pelo artigo não virá necessariamente imediatamente após este. Poderá haver adjetivos ou outras palavras com emprego adjetivo entre o artigo e o substantivo por ele modificado.
Exemplos:
O meu primeiro e grande amor (substantivo: amor)

4.1 Normas para o emprego do artigo definido

• É obrigatório após os numerais *ambos/ambas.*
Exemplos:
Ambos os estados serão beneficiados.

• É proibido após os pronomes relativos *cujo/cuja/cujos/cujas.*
Exemplos:
Ali está o rapaz cujo pai ainda não conheci.

• É obrigatório após *todos/todas* (no plural), SE houver substantivo ou expressão substantivada.
Exemplos:

Todos os ventos
(Antonio Carlos Secchin)
Todas as esperanças valem uma vida.
Todos os pores-do-sol.
Todos nós. Todos eles.

Observação:

Com numerais, o artigo só deve ser usado após todos/todas se o numeral vier seguido de substantivo. Se o numeral não for seguido de substantivo, deve-se suprimir o artigo definido.
Exemplo:
Vi duas moças e cumprimentei todas duas. (e não *todas as duas*)
todos três,
e todos de uma só vez,
calçaram Botas Sete-Léguas
(Cassiano Ricardo)

Observação:

Com *todo/toda*, no singular, o uso do artigo tem importância semântica MUITO GRANDE.

A existência de artigo indica *totalidade* (neste caso, a palavra "todo" é um adjetivo, equivalente a "inteiro").

A ausência de artigo indica *generalização* (a palavra "todo" é pronome indefinido, equivalente a "qualquer").

Exemplos:

Todo ser humano é trabalhador. (qualquer ser humano)

Toda a humanidade é trabalhadora. (a humanidade inteira)

• É facultativo quando se quer indicar seres de uma mesma espécie genericamente.

Exemplos:

A higiene é um bom hábito. Higiene é um bom hábito.

A entrada é permitida. Entrada é permitido.

• Alguns topônimos (nomes de lugar) exigem artigo, outros repelem. Há, ainda, os que aceitam, facultativamente, o artigo. Os casos dos topônimos femininos serão mais bem estudados no capítulo específico da *crase*.

Exemplos:

"O Rio de Janeiro continua lindo" (Gilberto Gil)

"O que é que a Bahia tem?"

Vim ontem de Pernambuco. Irei a Roma (a = preposição, não artigo).

Estou em/no Recife.

Estarei amanhã em/na Espanha.

Observação:

Quando um topônimo for especificado por modificador (geralmente adjetivo) qualquer, é normal que passe a ser precedido de artigo, ainda que o repelisse.

Exemplos:

Ele conhece a trovadoresca Roma? Ele acaba de chegar da Paris galanteadora.

• O artigo é proibido diante de pronomes de tratamento cerimoniosos iniciados por *vossa/sua*:

Exemplos:

Vossa Senhoria queira olhar os livros. Foi visitar Sua Santidade.

Observação:

Diante de palavras como senhor/senhorita/dona/seu/madame, se vierem seguidas de substantivo, o artigo é facultativo: Fui visitar (a) dona Maria.

• É facultativo antes dos pronomes possessivos masculinos ou femininos.
Exemplo: Como saberei as suas reais intenções?

• É facultativo antes de antropônimos (nomes próprios de pessoas). A presença do artigo definido diante de antropônimo pode representar familiaridade (linguagem de intimidade) ou traço regionalista importante (pois há lugares em que se nota uso ou falta de uso sistemático de artigo diante de nomes próprios).
Exemplos:
O João já chegou? Darei o belo presente ao Pedro. Ele está na casa da Maria.

• Não se usa artigo definido diante das palavras *casa* (significando "moradia daquele que fala ou de quem se fala") e *terra* (com significado de "terra firme", geralmente opondo-se à expressão "alto mar").
Exemplos:
Maria está em casa. Pedrinho acaba de sair de casa. Estou em casa. O barco está em terra.

Observação:

Quando a palavra "casa" vier especificada, o uso do artigo é facultativo, tendendo, no entanto, a ocorrer.
Exemplo:
João está na casa de um irmão querido. (*ou* João está em casa de um irmão querido)

• O artigo definido pode ter valor semântico possessivo, principalmente quando ocorre diante de palavras que designem graus de parentesco ou partes do corpo.
Exemplos:
Maria machucou o pé. Ele trouxe a irmã?

• O artigo pode ter valor dêitico, semelhante aos demonstrativos *este/esta/estes/estas*:
Exemplos:
O ano já começou (=Este ano já começou).
A farmácia não funcionou ontem.

Observação:

Quando vier precedido do pronome relativo *que*, as palavras *o*, *a*, *os*, *as* não apenas têm valor de demonstrativo, mas passam a ser, realmente, um pronome demonstrativo (=*aquele, aquela, aquilo*)
Exemplos:
Não sei o (pronome demonstrativo = aquilo) que ela quis dizer.

• Pode ser empregado para criar destaque de intensidade sobre o substantivo usado, chamando-se, neste caso, de "artigo de notoriedade" (cf. Celso Cunha e Lindley Cintra). Geralmente vem acompanhado de ponto de exclamação.

Exemplos:
"Ele é o bom, é o bom, é o bom"
Ele é o cara.
Não era uma aluna qualquer, era sem dúvida a aluna!

5 Pronome

Introdução

São palavras que substituem outras do discurso (*endofóricas*), ou apontam para fora deste (*dêiticas*). Podem exercer função de substantivo ou de adjetivo. Classificam-se das seguintes maneiras:

5.1 Pronome pessoal

É o que se refere a uma das três pessoas do discurso. Pode ser:

5.1.1 Reto

Eu, tu, ele, ela, nós, vós, eles, elas

Observação:

Existem outras palavras que, frequentemente, substituem, na prática, o emprego dos pronomes pessoais retos.

É o caso de palavras como o pronome *você (vocês)*, a expressão *a gente* e outras. Na linguagem informal, **você** é segunda pessoa do discurso (com quem se fala), e *a gente* equivale a *nós,* devendo, no entanto, ser flexionados como terceira pessoa gramatical *(ele).*

(Gonzaguinha)
(fragmento)
É!
A gente quer valer o nosso amor
A gente quer valer nosso suor
(http://letras.terra.com.br/gonzaguinha/16456/)

5.1.2 Oblíquo átono

Me, te, se, o, a, lhe, nos, vos, se, os, as, lhes

5.1.2.1 Alterações fonéticas nos pronomes oblíquos átonos

Como sabemos, a parte da gramática que estuda a posição dos pronomes oblíquos átonos em relação aos verbos é a colocação pronominal. Convém lembrar, também, que existem alterações de ordem fonética no uso de alguns dos pronomes oblíquos átonos.

São elas:

a) O, A, OS, AS viram LO, LA, LOS, LAS

Essa alteração ocorre quando os pronomes entrarem em contato com terminações verbais em R, S ou Z.

O verbo perderá tais consoantes.

Exemplo:

Preciso vê-la agora.
Tu ama-lo como a um filho.
Ele fê-los em menos de uma hora.

b) O, A, OS, AS viram NO, NA, NOS, NAS

Essa terminação ocorre quando os pronomes entrarem em contato com verbos terminados em ditongo nasal.

O verbo não perderá o ditongo nasal.

Exemplo:

Tragam-nos à minha presença.
Colocaram-nas num belo hotel.
Deixaram-no falar.

c) Primeira pessoa do plural (NÓS) com pronome reflexivo (NOS).

O verbo perde o S final.

Exemplo:

Falemo-nos amanhã.
Olhamo-nos com felicidade.

5.1.3 Oblíquo tônico

São sempre precedidos de preposição.
Mim, ti, si, ele, ela, nós, vós, si, eles, elas

Exemplo:
"Entre mim e mim, há vastidões bastantes" (Cecília Meireles)
Não adianta guardar tudo para si mesmo.

Observação:

A preposição *com* combina-se com a maioria deles formando *comigo*, *contigo*, *consigo*, *conosco*, *convosco*. No entanto, caso os pronomes oblíquos tônicos *nós* e *vós* sejam seguidos de numerais ou de palavras como *ambos*, *mesmos*, *próprios*, *outros*, *todos* ou uma oração subordinada adjetiva (introduzida por pronome relativo), não haverá a alteração, mantendo-se *com nós* ou *com vós*.
Exemplos:
Trouxemos o livro com nós mesmos.
Preciso falar com vós todos.
Eles vêm com nós, que sabemos o caminho.

5.2 Pronome de tratamento

São usados quase sempre na linguagem formal, como forma de demonstração de respeito, distinção e reverência.
Vossa Alteza, Vossa Eminência, Vossa Excelência, Vossa Magnificência, Vossa Majestade, Vossa Santidade, Vossa Senhoria, Dona, Senhor, Senhora, Senhorita, Madame.

Observação:

O pronome *você*, atualmente é empregado numa linguagem informal, a despeito de sua origem formal: *vossa mercê*.

Atenção!

Os pronomes utilizados por *sua*, em vez de *vossa*, referem-se à terceira pessoa do discurso, isto é, *de quem se fala*. Quando utilizamos *vossa*, trata-se de segunda pessoa do discurso, isto é, *com quem se fala*.
Exemplo:
Sua Excelência, o ministro, ainda não chegou.
Vossa Excelência quer um copo de suco, senhor Ministro?

5.2.1 Quadro dos principais pronomes de tratamento

Pronomes de tratamento

I. Autoridades monárquicas

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Majestade	V. M.	Reis e Imperadores
Vossa Alteza	V. A.	Príncipes, Duques, Arquiduques e alta nobreza

II. Autoridades de Estado

Civis

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Presidente da República, Senadores da República, Ministro de Estado, Governadores, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos, Embaixadores, Vereadores, Cônsules, Chefes das Casas Civis e Casas Militares
Vossa Magnificência	V. Mag.ª	Reitores de Universidade
Vossa Senhoria	V. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais, pessoas a quem se queira demonstrar respeito

Judiciárias

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Desembargador da Justiça, curador, promotor
Meritíssimo	MM	Juízes de Direito

Militares

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Excelência	V. Ex.ª	Oficiais generais (até coronéis)
Vossa Senhoria	V. S.ª	Outras patentes militares

III. Autoridades eclesiásticas

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Santidade	V. S.	Papa
Vossa Eminência Reverendíssima	V. Em.ª Revm.ª	Cardeais
Vossa Excelência Reverendíssima	V. Ex.ª Revm.ª	Bispos, arcebispos
Vossa Reverendíssima	V. Revmª	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

IV. Outros títulos

Pronome de tratamento	Abreviatura	Usado para
Vossa Senhoria	V. S.ª	Dom
Doutor	Dr.	Doutor
Comendador	Com.	Comendador
Professor	Prof.	Professor

5.2.2 Fórmulas de cabeçalhos em correspondências oficiais com os pronomes de tratamento

Pronomes de tratamento

I. Autoridades monárquicas

Cabeçalhos para correspondência	Abreviatura	Usado para
Sua Majestade Real Sua Majestade Imperial	S. M. R. S. M. I.	Reis e Rainhas Imperadores e Imperatrizes
Sua Alteza (Cristianíssima, Fidelíssima, Imperial, Sereníssima, Real)	S. A. (S.A.C., S.A.F., S.A.I., S.A.S., S.A.R.)	Príncipes, Duques, Arquiduques e alta nobreza

II. Autoridades de Estado

Civis

Cabeçalhos para correspondência	Abreviatura	Usado para
Excelentíssimo Senhor	Ex.º Sr.	Presidente da República, Senadores da República, Ministro de Estado, Governadores, Deputados Federais e Estaduais, Prefeitos, Embaixadores, Vereadores, Cônsules, Chefes das Casas Civis e Casas Militares
Magnífico Reitor	–	Reitores de Universidade
Sua Senhoria	S. S.ª	Diretores de Autarquias Federais, Estaduais e Municipais, pessoas a quem se queira demonstrar respeito

Judiciárias

Cabeçalhos para correspondência	Abreviatura	Usado para
Excelentíssimo Senhor	Ex.º Sr.	Desembargador da Justiça, curador, promotor
Excelentíssimo Senhor	Ex.º Sr.	Juízes de Direito

Militares

Cabeçalhos para correspondência	Abreviatura	Usado para
Excelentíssimo Senhor (patente)	Ex.º Sr. (patente)	Oficiais generais (até coronéis)
Ilustríssimo Senhor (patente)	Ilmo. Sr. (patente)	Outras patentes militares

III. Autoridades eclesiásticas

Cabeçalhos para correspondência	Abreviatura	Usado para
Sua Santidade	S. S.	Papa
Eminentíssimo Senhor Reverendíssimo Senhor	Emno. Sr. Revmo. Sr.	Cardeais Bispos, arcebispos
Reverendíssimo Senhor	Revmo. Sr.	Abades, superiores de conventos, outras autoridades eclesiásticas e sacerdotes em geral

IV. Outros títulos

Cabeçalhos para correspondência	Abreviatura	Usado para
Sua Senhoria	S. S.ª	Dom
Doutor	Dr.	Doutor
Comendador	Com.	Comendador
Professor	Prof.	Professor

5.3 Pronome demonstrativo

Apontam para o texto ou para o contexto (*emprego endofórico*) ou para fora dele, o que se chama situação (*emprego dêitico*). Essas características dos pronomes dão a eles grande capacidade coesiva e evitam, com frequência, a repetição desnecessária e monótona de palavras.

São os seguintes: *este*, *esta*, *estes*, *estas*, *esse*, *essa*, *esses*, *essas*, *isto*, *isso*, *aquele*, *aquela*, *aqueles*, *aquelas*, *aquilo*, *o*, *a*, *os*, *as*, *tal*, *semelhante*, *mesmo*, *próprio*.

5.3.1 Emprego endofórico

Como vimos, é aquele que ocorre quando uma palavra aponta para outras dentro do próprio discurso ou contexto comunicativo. Quando a palavra retoma alguma outra já enunciada, dizemos que ela é *anafórica*. Quando, em vez disso, ela antecipa algo que será enunciado à frente (explicitado), chama-se *catafórica*.

Exemplo:

Eu sempre amei João, e nunca escondi *isso* de ninguém.

Esta é a verdade: precisamos de mais honestidade.

5.3.2 Emprego dêitico

É o que ocorre quando uma palavra, geralmente um pronome demonstrativo, aponta para a situação (fora do texto), tanto no espaço quanto no tempo.

Exemplo:

— *Esta* roupa aqui é sua?

— Não *essa* roupa aí é do Pedro.

— Então a sua é *aquela* ali?

Atenção!

Mesmo e *próprio* são chamados pronomes demonstrativos de reforço, pois sempre acompanham outra palavra (um substantivo ou outro pronome), devendo concordar com eles em gênero e número.

Nós *mesmos* escrevemos o livro.

As *próprias* meninas construíram a casa.

5.4 Indefinido

É aquele que se refere à terceira pessoa do discurso de maneira vaga, imprecisa, indeterminada, genérica. O pronome indefinido poderá ser um pronome substantivo ou adjetivo, conforme, respectivamente, substitua um substantivo ou apenas o modifique.

São eles:

Algum, *alguém*, *nenhum*, *ninguém*, *todo*, *tudo*, *outro*, *outrem*, *muito*, *pouco*, *nada*, *certo*, *vário*, *cada*, *algo*, *algum*, *alguém*, *mais*, *menos*, *tanto*, *quanto*, *qualquer*, *quem*.

Exemplo:

Quem alimenta ama.

Mais amor, *menos* guerra.

"*Muito* barulho por nada." (Shakespeare)

Observação:

A palavra *que* usada junto a um substantivo como expressão de surpresa (semelhante a uma interjeição) será um pronome indefinido.

Exemplo: Que maravilha!

5.5 Pronome possessivo

Indica posse em relação às três pessoas do discurso.

São eles:

Meu, *minha*, *meus*, *minhas*, *teu*, *tua*, *teus*, *tuas*, *seu*, *sua*, *seus*, *suas*, *nosso*, *nossa*, *nossos*, *nossas*, *vosso*, *vossa*, *vossos*, *vossas*.

Exemplo:

O *meu* chapéu tem três pontas.

Observação:

Em português, o pronome possessivo pode vir ou não precedido de artigo.

Esta é <u>a</u> minha casa.

Aquela é minha casa.

5.6 Pronome relativo

É o que se refere a um antecedente substantivo, introduzindo uma oração adjetiva.

São eles:

Que, *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*, *quem*, *cujo*, *quanto*, *onde*, *como.*

Exemplo:

Aquele foi o primeiro artigo *que* escrevi.
Tudo *quanto* sei devo a Deus.
Aqui está uma das casas *onde* moro.
Preocupamo-nos com as pessoas de *quem* gostamos mais.
Eis a moça com *cujo* irmão me preocupo.

Observação:

Sempre que houver, por uma questão de regência nominal ou verbal, necessidade de preposição, esta deverá vir antes do pronome relativo.

Este é o livro *de que* mais tenho necessidade.
A França é o país *aonde* irei daqui a um dia.
Joana é a mulher *com cuja* irmã falei há poucas horas.

5.7 Pronome interrogativo

São os pronomes *que*, *qual*, *quanto* e *quem* usados em interrogações diretas ou indiretas.

Exemplo:

Que faremos hoje à noite? (interrogação direta)
Não sei *quem* o chamou. (interrogação indireta)
Quantas belezas existem no Rio de Janeiro? (interrogação direta)
Qual é a distância da Terra à Lua? (interrogação direta)
Você conhece *qual* é a distância da Terra à Lua (interrogação indireta).

6 Numeral

Introdução

É a palavra que denota quantidade de seres ou ordem de seres numa sequência.

Exemplo:

João trouxe *onze* livros.
Ela comeu *um quarto* do bolo.

6.1 Classificação dos numerais

6.1.1 Cardinal

Indica quantidade exata de seres.

Exemplo:

Foram *duas* as boas notícias.

6.1.2 Ordinal

Indica a ordem numa sequência.

Exemplo:

Foi seu primeiro grande feito.

6.1.3 Multiplicativo

Indica quantidade proporcional superior.

Exemplo:

Na ocasião, houve o *dobro* de candidatos.

6.1.4 Fracionário

Indica quantidade proporcional inferior.

Exemplo:

Na ocasião, houve metade dos candidatos anteriores.

Observação:

Há também os numerais coletivos, que são aqueles que indicam a quantidade exata de seres ou coisas por meio de uma palavra específica, frequentemente usada como substantivo.

Dezena – conjunto de dez
Dúzia – conjunto de doze
Grosa – conjunto de doze dúzias
Centenário – período de cem anos
Sesquicentenário – período de cento e cinquenta anos
Bimestre – período de dois meses
Trimestre – período de três meses
Semestre – período de seis meses

Atenção!

Numeral *adjetivo* é o que modifica um substantivo, e numeral *substantivo* é o não modifica outra classe gramática.

Comprei *duas* camisas. (numeral adjetivo)
O *primeiro* que for sorteado receberá uma viagem. (numeral substantivo)

6.2 Emprego dos numerais

6.2.1 Substantivos designadores de papas, soberanos, partes de uma obra e séculos

Emprega-se o algarismo romano e o numeral ordinal até décimo se ele vier após o substantivo. A partir daí, usa-se o cardinal. Recentemente, os jornais têm usado algarismo arábico em vez de romano nas designações acima, mas a leitura como numeral ordinal (até décimo) e cardinal, daí em diante, segue a tradição.
Exemplo:
João Paulo II (segundo)
Século IV (quarto)
Tomo II (segundo)
Canto XXV (vinte e cinco)

Observação:

Se o numeral vier antes do substantivo, será sempre lido como ordinal.
(XXI SÉCULO) Vigésimo primeiro século
(XXX CAPÍTULO) Trigésimo capítulo

6.2.2 Em textos legais (artigos, decretos, portarias, leis etc.)

Usa-se numeral ordinal até o nono. Daí em diante, usa-se o cardinal.
Exemplo:
Capítulo 9º (nono)
Artigo 10 (dez)
Artigo 5º (quinto)

6.3 Quadro dos principais numerais com seus correspondentes

Numeral (algarismo) Arábico	Numeral (algarismo) Romano	Numeral Cardinal	Numeral Ordinal	Numeral Fracionário
1	**I**	**Um**	**Primeiro**	**–**
2	**II**	**Dois**	**Segundo**	**Meio**

3	**III**	**Três**	**Terceiro**	**Terço**
4	**IV**	**Quatro**	**Quarto**	**Quarto**
5	**V**	**Cinco**	**Quinto**	**Quinto**
6	**VI**	**Seis**	**Sexto**	**Sexto**
7	**VII**	**Sete**	**Sétimo**	**Sétimo**
8	**VIII**	**Oito**	**Oitavo**	**Oitavo**
9	**IX**	**Nove**	**Nono**	**Nono**
10	**X**	**Dez**	**Décimo**	**Décimo**
11	**XI**	**Onze**	**Undécimo ou décimo primeiro**	**Onze avos**
12	**XII**	**Doze**	**Duodécimo ou décimo segundo**	**Doze avos**
13	**XIII**	**Treze**	**Décimo terceiro**	**Treze avos**
14	**XIV**	**Catorze/quatorze**	**Décimo quarto**	**Catorze/quatorze avos**
15	**XV**	**Quinze**	**Décimo quinto**	**Quinze avos**
16	**XVI**	**Dezesseis**	**Décimo sexto**	**Dezesseis avos**
17	**XVII**	**Dezessete**	**Décimo sétimo**	**Dezessete avos**
18	**XVIII**	**Dezoito**	**Décimo oitavo**	**Dezoito avos**
19	**XIX**	**Dezenove**	**Décimo nono**	**Dezenove avos**
20	**XX**	**Vinte**	**Vigésimo**	**Vinte avos ou vigésimo**
21	**XXI**	**Vinte e um**	**Vigésimo primeiro**	**Vinte e um avos**
30	**XXX**	**Trinta**	**Trigésimo**	**Trinta avos ou trigésimo**
31	**XXXI**	**Trinta e um**	**Trigésimo primeiro**	**Trinta e um avos**
40	**XL**	**Quarenta**	**Quadragésimo**	**Quarenta avos ou quadragésimo**
41	**XLI**	**Quarenta e um**	**Quadragésimo primeiro**	**Quarenta e um avos**
50	**L**	**Cinquenta**	**Quinquagésimo**	**Cinquenta avos ou quinquagésimo**
51	**LI**	**Cinquenta e um**	**Quinquagésimo primeiro**	**Cinquenta e um avos**
60	**LX**	**Sessenta**	**Sexagésimo**	**Sessenta avos ou sexagésimo**

61	LXI	Sessenta e um	Sexagésimo primeiro	Sessenta e um avos
70	LXX	Setenta	Septuagésimo	Setenta avos ou septuagésimo
71	LXXI	Setenta e um	Septuagésimo primeiro	Setenta e um avos
80	LXXX	Oitenta	Octogésimo	Oitenta avos ou octogésimo
81	LXXXI	Oitenta e um	Octogésimo primeiro	Oitenta e um avos
90	XC	Noventa	Nonagésimo	Noventa avos ou nonagésimo
91	XCI	Noventa e um	Nonagésimo primeiro	Noventa e um avos
100	C	Cem	Centésimo	Cem avos ou centésimo
101	CI	Cento e um	Centésimo primeiro	Cento e um avos
200	CC	Duzentos	Ducentésimo	Duzentos avos ou ducentésimo
201	CCI	Duzentos e um	Ducentésimo primeiro	Duzentos e um avos
300	CCC	Trezentos	Trecentésimo ou tricentésimo	Trezentos avos ou trecentésimo ou tricentésimo
301	CCCI	Trezentos e um	Trecentésimo ou tricentésimo primeiro	Trezentos e um avos
400	CD	Quatrocentos	Quadringentésimo	Quatrocentos avos ou quadringentésimo
500	D	Quinhentos	Quingentésimo	Quinhentos avos ou quingentésimo
600	DC	Seiscentos	Seiscentésimo ou sexcentésimo	Seiscentos avos ou seiscentésimo ou sexcentésimo

700	**DCC**	**Setecentos**	**Septingentésimo ou setingentésimo**	**Setecentos avos ou septingentésimo ou setingentésimo**
800	**DCCC**	**Oitocentos**	**Octingentésimo**	**Oitocentos avos ou octingentésimo**
900	**CM**	**Novecentos**	**Nongentésimo ou noningentésimo**	**Novecentos avos ou nongentésimo ou noningentésimo**
1.000	**M**	**Mil**	**Milésimo**	**Milésimo**
10.000		**Dez mil**	**Décimo milésimo**	**Dez mil avos**
100.000		**Cem mil**	**Centésimo milésimo**	**Cem mil avos**
1.000.000	$\overline{M}$	**Um milhão**	**Milionésimo**	**Milionésimo**
1.000.000.000		**Um bilhão**	**Bilionésimo**	**Bilionésimo**
1.000.000.000.000		**Um trilhão**	**Trilionésimo**	**Trilionésimo**

7 Preposição, conjunção, interjeição e palavras denotativas

Introdução

Há palavras cujo objetivo é estabelecer conexão (são os conectores ou conectivos) entre outras palavras ou mesmo enfatizar estados afetivos.

Comecemos tratando de duas classes que serão arroladas segundo o critério de gramaticalização (nosso capítulo 15): ida das mais lexicais ou discursivas para as mais gramaticais. Trata-se, em primeiro lugar, das *palavras denotativas*, que diríamos ser formas dependentes (em alguns casos) ou meros marcadores discursivos (em outros). A respeito das *interjeições*, classe criada, ao que tudo indica, para "substituir" a antiga classe do particípio (*metoché*) nas gramáticas grega e latina clássicas, trata-se preponderantemente de marcadores discursivos, arrolados na gramática de maneira convencional, enfatizando-se o aspecto emotivo (estilístico) do sujeito da enunciação.

Sobre essas duas primeiras classes gramaticais averbadas (as palavras denotativas e as interjeições), é de grande valia o estudo empreendido por Eneida do Rego Monteiro Bomfim, em sua obra *Advérbio* (Bomfim, 1988), em que a Autora analisa as classes que circundam exatamente os advérbios, sobretudo aquelas que, de alguma forma, modificam elementos da enunciação.

Coletamos trechos em que Bomfim trata das palavras denotativas e das interjeições, remetendo a alguns dos pesquisadores investigados. Salientamos que o trecho é relevante

sobretudo por observar a pertinência de serem essas duas classes de fato inclusas na gramática tradicional ou escolar:

> Limitamo-nos a observar que, incluindo ou não as *interjeições* entre as classes de palavras, ninguém deixou de ressaltar seu caráter afetivo.
> Tradicionalmente se têm feito observações sobre os tipos de interjeição que Carneiro Ribeiro classificou como: *naturais ou simples* (quase todas monossilábicas); *convencionais* (apre, arre, oxalá, etc.) e *locuções* e frases interjectivas (Ave Maria! Ai de mim! Deus, alto lá! etc.)[36].
> Atentando-se para os elementos que integram os três grupos, nota-se uma gradação. Ao primeiro caberia a observação de Vendryès com respeito à não observância das leis fonéticas e, por vezes, também o caráter de "mero grito articulado", criticado por Oiticica. *O terceiro grupo abriga expressões e construções com estruturação gramatical interna. O segundo grupo, resultante com frequência de formas que se alteraram ou de frases elíticas estratificadas, fica a meio caminho entre os dois outros*.
> Pelo visto, tirante o fato indiscutível de não estarem sujeitas à flexão, o traço comum entre as interjeições de qualquer tipo é o seu caráter afetivo (logo, subjetivo) e, salvo observações isoladas, falta de relação sintática com o enunciado.
> [...]
> Charles Bally (1941)[37] chamou a atenção para vários aspectos da influência afetiva na linguagem. O grande mestre da estilística, do mesmo modo que Sechehaye[38], Vossler[39] e outros, focaliza o assunto do ponto de vista da expressividade. A proposta que fazemos é no sentido de um estudo desses aspectos a partir de sua estruturação no enunciado, procurando estabelecer o seu relacionamento com os elementos que lhe são externos, mas que estão presentes no ato da comunicação.
> Por ora, limitamo-nos a reconhecer que, das palavras denotativas propostas por Oiticica, algumas são, como ele observa, ligadas ao texto, outras revelam uma avaliação do sujeito da enunciação sobre o enunciado. A maioria delas está carregada de subjetividade, e acreditamos que possam servir de objeto de um estudo que englobe, também, as interjeições. (Bomfim, 1988, pp. 55-57) (Grifos nossos).

Vamos ver as principais:

7.1 Preposição

Palavra invariável que liga um termo a outro ou uma oração a outra, estabelecendo relação entre eles. A preposição pode ainda atribuir a algum termo uma função morfossintática específica pelo simples fato de precedê-lo.

Quando possui a função relacional, a preposição fará com que um termo complete o sentido do outro, ou o explique, explicite, especifique etc.
Exemplo:

---

[36] Bomfim abre nota de rodapé para assinalar: "Para Oticica (1947 [OITICICA, José. *Manual de análise*. 5. ed., refundida. Rio de Janeiro, Francisco Alves]), há interjeições essenciais (as naturais, de Carneiro Ribeiro), palavras interjectivas, expressões interjectivas e frases interjectivas [....]" (BOMFIM, 1988, p. 55).
[37] *El lenguaje y la vida*. Trad. Amado Alonso. Buenos Aires: Losada, 1941.
[38] SECHEHAYE, A. *Essai sur la structure logique de la phrase*. Paris: Edouard Champion, 1950.
[39] VOSSLER, Karl. *Filosofía del lenguaje*. Trad. e notas Amado Alonso e Raimundo Lida. Buenos Aires: Losada, 1943.

Dia *de* luz
Cidade *de* Paris
De manhã
À noite
Estudamos *com* afinco
Iremos *para* Marrocos
Subimos *sobre* as nuvens
Estudou *para* vencer

Observação:
As preposições não possuem função sintática.

As preposições dividem-se em:

7.1.1 Preposições essenciais

a, *ante*, *após*, *até*, *com*, *contra*, *de*, *desde*, *em*, *entre*, *para*, *perante*, *por*, *sem*, *sob*, *sobre*, *trás*

7.1.2 Preposições acidentais

Afora, *como*, *conforme*, *consoante*, *durante*, *exceto*, *fora*, *mediante*, *menos*, *salvo*, *segundo*, *visto que*

7.1.3 Locução prepositiva

Conjunto de palavras com valor morfossemântico de preposição. A locução prepositiva sempre terminará com uma preposição.
Exemplo:
Ele está *junto a* nós.
Todos têm respeito *para com* o rapaz.
Estudei *por causa d*o concurso.

Atenção!

É comum atribuirmos à preposição sentidos ou circunstâncias, que podem ser detectados na relação entre as palavras.

Ele acordou *com* o tremor (causa)
Ele se vestiu *com* esmero (modo)
Ele veio *com* o irmão (companhia)

Ele escreveu *com* a caneta (instrumento)
O avião decolou *com* o mau tempo (concessão)

7.2 Conjunção

Palavra invariável que, assim como as preposições, liga um termo a outro ou uma oração a outra, relacionando-os.
Exemplo:
Embora irresponsável, adquiriu muitos bens.
Sabemos *que* ela passou na prova.

Observação:
Assim como ocorre com as preposições, as conjunções não têm função sintática.

As conjunções dividem-se em:

7.2.1 Conjunções coordenativas

Liga orações coordenadas entre si. Classificam-se com o nome das orações coordenadas que introduzem, podendo ser, portanto, *aditivas*, *adversativas*, *conclusivas*, *alternativas* ou *explicativas*.

7.2.2 Conjunções subordinativas

Liga uma oração subordinada a uma principal. Quando introduz oração subordinada substantiva, chama-se *conjunção subordinativa integrante*. Quando introduz oração subordinada adverbial, recebe o nome da oração subordinada por ela introduzida: *causal*, *comparativa*, *condicional*, *conformativa*, *consecutiva*, *concessiva*, *final*, *proporcional*, *temporal*.

7.2.3 Locução conjuntiva

Conjunto de palavras que equivale a uma conjunção. Geralmente terminam com a conjunção *que*.
Sempre que, à medida que, ainda que, não só, mas também etc.

7.3 Interjeição

Palavra que exprime estados afetivos, emotivos, de apelo, estando, por isso, muito ligada à estilística.

Exemplo:

Ah, *oh*, *ó*, *ui*, *psiu*, *adeus*, *aleluia*, *alô*, *xi*, *oba*, *cuidado!*, *silêncio!*, *Fora!*, *Hein!*

Observação:

As interjeições possuem sentido completo, sendo, portanto, frases. Além disso, é muito comum que palavras provenientes de outras classes gramaticais, devido à entonação fortemente emotiva num contexto, venham a se tornar interjeições:

Devagar!
Cuidado!
Linda!
Silêncio!
Quê?!

7.4 Palavras denotativas

Classe gramatical a que pertencem palavras que se aproximam dos advérbios e locuções adverbiais, sem, no entanto, expressar as circunstâncias adverbiais clássicas.

Exemplo:

Somente / *apenas* João conhece o caminho (exclusão)
Todos foram, *inclusive*/*até*/*mesmo* eu (inclusão)
Mas você por aqui? (situação)
Nós *é que* não ficaremos mais aqui (realce)

Questões comentadas

01. (Assistente previdenciário/Rioprevidência/Ceperj/2014/Adaptada) "Cada um destes fatores constitui, para as Nações Unidas, os desafios iminentes que exigem respostas da humanidade. Nessa frase, a preposição "para" possui valor semântico de:
    a) conformidade
    b) comparação
    c) finalidade
    d) explicação
    e) direção

Poderíamos substituir por "conforme as nações unidas". Gabarito: **A**.

Esqueceram o principal

Houve um tempo em que os ditos setores progressistas pautavam suas ações por filosofias coerentes. Assim, advogados da infância buscavam promover os interesses das crianças, feministas visavam a afirmar a autonomia das mulheres e militantes dos direitos de homossexuais tentavam acabar com a discriminação contra gays, mas sem perder de vista teses mais gerais da esquerda não marxista, que incluíam a ampliação das liberdades e a despenalização do direito.

As coisas mudaram. E para pior, a meu ver. Hoje, os defensores das criancinhas deblateram para que o Congresso mantenha um mecanismo jurídico que permite mandar para a cadeia o pai que não paga em dia pensão do filho. Pouco importa que a prisão por dívidas represente um retrocesso de 2600 anos – uma das reformas de Sólon que facilitou a introdução da democracia em Atenas foi justamente o fim da servidão por dívidas – e que é quase certo que, encarcerado, o pai da criança terá muito menor probabilidade de honrar seus compromissos financeiros.

As feministas agora apoiam o acórdão do Supremo Tribunal Federal que retirou das mulheres o direito de decidir se querem ou não processar companheiros, tornando agressões leves no âmbito do lar um crime de ação pública incondicionada. Pouco importa que isso torne as mulheres menos livres e introduza uma diferenciação de gênero (na situação inversa, um homem pode decidir se processa ou não). Por fim, homossexuais pedem a edição de uma lei que torne crime referir-se a gays em termos depreciativos ou condenatórios. Pouco importa que tal medida, se adotada, representaria uma limitação da liberdade de expressão, o mais fundamental dos princípios democráticos. É natural que grupos de ativistas se especializem e, ao fazê-lo, percam de vista as grandes questões, mas fico com a impressão de que estão colocando a parte à frente do todo.

(Hélio Schwartsman, Folha de São Paulo, 7/01/2014)

02. (Técnico Superior Jurídico/DPE-RJ/FGV/2014) A alternativa em que a palavra sublinhada tem seu significado corretamente indicado pelo sinônimo em maiúsculas é:

a) "...os ditos setores progressistas pautavam suas ações por filosofias coerentes" /DISCIPLINAVAM.
b) "...advogados da infância buscavam promover os interesses das crianças..." /DEFENDER.
c) "...feministas visavam a afirmar a autonomia das mulheres..." / AUTORIDADE.
d) "...militantes dos direitos de homossexuais..." / OPOSITORES.
e) "...tornando agressões leves em âmbito do lar..." / ESPAÇO.

Militantes não significa *opositores*, e sim *partidários*. Gabarito: **D**.

O que faz bem pra saúde?

Cada semana, uma novidade. A última foi que pizza previne câncer do esôfago. Acho a maior graça. Tomate previne isso, cebola previne aquilo, chocolate faz bem, chocolate faz mal, um cálice diário de vinho não tem problema, qualquer gole de álcool é nocivo, tome água em abundância, mas peraí, não exagere...

Diante desta profusão de descobertas, acho mais seguro não mudar de hábitos. Sei direitinho o que faz bem e o que faz mal pra minha saúde. Prazer faz muito bem. Dormir me deixa 0 km. Ler um bom livro faz eu me sentir novo em folha. Viajar me deixa tenso antes de embarcar, mas depois eu rejuvenesço uns cinco anos. Viagens aéreas não me incham as pernas, me incham o cérebro, volto cheio de idéias. Brigar me provoca arritmia cardíaca. Ver pessoas tendo acessos de estupidez me embrulha o estômago. Testemunhar gente jogando lata de cerveja pela janela do carro me faz perder toda a fé no ser humano. E telejornais os médicos deveriam proibir - como doem!

[...]Acordar de manhã arrependido do que disse ou do que fez ontem à noite é prejudicial à saúde. E passar o resto do dia sem coragem para pedir desculpas, pior ainda. Não pedir perdão pelas nossas mancadas dá câncer, não há tomate ou muzzarela que previna. Ir ao cinema, conseguir um lugar central nas fileiras do fundo, não ter ninguém atrapalhando sua visão, nenhum celular tocando e o filme ser espetacular, UAU!

Cinema é melhor pra saúde do que pipoca. Beijar é melhor do que fumar. Exercício é melhor do que cirurgia. Humor é melhor do que rancor. Amigos são melhores do que gente influente.

Pergunta é melhor do que dúvida. Tomo pouca água, bebo mais que um cálice de vinho por dia, faz dois meses que não piso na academia, mas tenho dormido bem, trabalhado bastante, encontrado meus amigos, ido ao cinema e confiado que tudo isso pode me levar a uma idade avançada.

Sonhar é melhor do que nada.

(Luis Fernando Veríssimo)

03. (Gestor de Transportes e Obras/SEPLAG-MG/IBFC/2014) No quarto parágrafo do texto, o autor explora, de modo recorrente, um grau do adjetivo. Trata-se:
   a) do superlativo absoluto sintético.
   b) do comparativo de superioridade sintético.
   c) do superlativo relativo de superioridade.
   d) do comparativo de superioridade analítico

A forma “melhor do que” torna o adjetivo variado em grau comparativo de superioridade. É sintético porque o adjetivo “bom” torna-se “melhor”. Seria comparativo de superioridade analítico se fosse uma forma como “mais bonito (do) que”. Gabarito: **C**.

04. (Gestor de Transportes e Obras/SEPLAG-MG/IBFC/2014) Considere o fragmento “faz dois meses que não piso na academia, mas tenho dormido bem”. Caso a conjunção “mas” fosse substituída por “porque”, haveria mudança semântica e a segunda oração apresentaria o sentido de:
   a) finalidade
   b) causa
   c) consequência
   d) tempo

A segunda oração passaria a significar a *causa* da primeira, se sua conexão se desse com *porque*. Gabarito: **B**.

05. (Auditor/CGE-MA/FGV/2014) Assinale a alternativa em que os vocábulos sublinhados apresentam o mesmo valor semântico.
   a) “Todas as utopias imaginadas até hoje acabaram em distopias, ou tinham na sua origem um defeito que as condenava”. / “Até John Lennon, na canção “Imagine”, propôs sua utopia, na qual não haveria, entre outros atrasos, violência e religião...”.
   b) “A primeira, que deu nome às várias fantasias de um mundo perfeito que viriam depois, foi inventada por sir Thomas Morus em 1516”. / “O governo seria exercido por um príncipe eleito, que poderia ser substituído se mostrasse alguma tendência para a tirania...”
   c) “Dizem que ele se inspirou nas descobertas recentes do Novo Mundo, e mais especificamente do Brasil, para descrever sua sociedade ideal, que significaria um renascimento para a humanidade, livre dos vícios do mundo antigo”
   d) “Mas para que tudo isso funcionasse Morus prescrevia dois escravos para cada família, recrutados entre criminosos e prisioneiros de guerra”.
   e) “Quando surgiu e se popularizou o automóvel anunciou-se uma utopia possível”.

Aqui, ambas as preposições introduzem agentes da passiva. Gabarito: **B**.

06. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013/Adaptada) Exerce função adjetiva o termo destacado em:
    a) “Tudo no universo é movimento”
    b) “As coisas mantêm-se em movimento, por isso evoluem”
    c) “A vida, as sociedades humanas e as biografias das pessoas se caracterizam pelo movimento”
    d) “Desde a antiguidade encontramos muitas definições”

Humanas exerce função de adjunto adnominal, portanto adjetiva. Gabarito: **C**.

07. (Médico do Trabalho Junior/Transpetro/Cesgranrio/2012) O elemento em destaque está grafado de acordo com a norma-padrão em:
    a) O marciano desintegrou-se **por que** era necessário.
    b) O marciano desintegrou-se **porquê**?
    c) Não se sabe **por que** o marciano se desintegrou.
    d) O marciano desintegrou-se, e não se sabe o **porque**.
    e) **Por quê** o marciano se desintegrou?

Advérbio interrogativo de causa. Equivale a *por qual motivo.* Gabarito: **C**.

08. (Advogado/CRF-SC/IESES/2012) “*Em maio, um abaixo-assinado, para que o parlamento extinga a lei ortográfica, tomou a 82ª Feira do Livro de Lisboa*.” O numeral ordinal destacado está corretamente escrito na alternativa:
    a) Octagésima segunda.
    b) Octogésima segunda.
    c) Oitagésima segunda.
    d) Oitogésima segunda.

Deve-se manter inalterado o prefixo latino *octo* correspondente ao numeral oito. Gabarito: **B**.

09. (Engenheiro Eletricista/Banpará/ESPP/2012) Assinale a alternativa em que a palavra não é um adjetivo.
    a) Sorridente
    b) Veemência
    c) Grisalhos
    d) Baixíssima
    e) Atormentado

Veemência é substantivo feminino. Gabarito: **B**.

10. (Psicólogo/TJ-SP/Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que todas as palavras apresentam mudança de sentido, se houver mudança de gênero, do feminino para o masculino.
    a) Capital e moral.
    b) Mártir e diabete.
    c) Grama e doente.
    d) Escrevente e capitalista.
    e) Estudante e rádio.

O moral – vontade; *a moral* – caráter; *o capital* – dinheiro*; a capital* – cidade principal. Gabarito: **A**.

11. (Psicólogo/TJ-SP/Vunesp/2012) A forma plural das palavras está correta na alternativa:
    a) A empresa foi condenada por não pagar os salário-famílias.
    b) Preferimos evitar males-entendidos; é melhor pacificar os ânimos.
    c) As reuniões ocorrem sempre às segundas-feiras pela manhã.
    d) Tomamos conhecimento dos abaixos-assinados apresentados pelos grevistas.
    e) Já foram publicados os decreto-leis?

Substantivo composto formado por um adjetivo e por um substantivo. Gabarito: **C**.

12. (Médico Legista/PC-RO/Funcab/2012) Em relação à ideia expressa no trecho "Estão sujos. Muito sujos.", pode-se afirmar que o advérbio, anteposto ao adjetivo, cumpre o papel de:
    a) enfatizar a relação entre os adjetivos termos da oração.
    b) estabelecer circularidade ao que está sendo exposto.
    c) reforçar o sentido expresso pelo adjetivo na primeira oração.
    d) expor a ambiguidade entre as duas orações.
    e) atribuir ideia de oposição entre os dois períodos.

Advérbios de intensidade são capazes de reforçar o sentido não apenas de um adjetivo, no caso *sujos*, como também de um advérbio ou de toda uma oração. Gabarito: **C**.

13. (Médico Legista/PC-RO/Funcab/2012) Sobre o segmento "Mas há mais do que isso.", analise os itens a seguir.
    I. O verbo da oração é impessoal.
    II. MAS é uma conjunção subordinativa e MAIS é advérbio.
    III. O pronome demonstrativo ISSO tem, no contexto, valor anafórico.

    Assinale a alternativa que aponta o(s) item(ns) correto(s).
    a) Somente o I está correto.
    b) Somente o II está correto.

c) Somente I e II estão corretos.
d) Somente I e III estão corretos.
e) Somente II e III estão corretos.

Mas é uma conjunção coordenativa adversativa. Gabarito: **D**.

14. (Assistente Administrativo/FBN/FGV/2013)Assinale alternativa em que a forma verbal sublinhada funciona como substantivo.
    a) “Estenderam-se na praia para descansar”
    b) “Ficamos meio cegos, incapazes de perceber seja o que for acima da mediocridade”
    c) “Então eles, os heróis, chegaram a uma ilha deserta chamada Tinis, ao alvorecer”
    d) “Em terra de gente que lê sem ler...”

Complemento nominal oracional cujo núcleo é um verbo no infinitivo. Gabarito: **B**.

15. (Assistente Administrativo/FBN/FGV/2013) “Primeiro veio a grande notícia, uma praça, onde era a caixa d'àgua do Bigorrilho, hoje pomposamente chamado de Reservatório Batel. E a grande novidade se alastrou pela rua... onde ficávamos sabendo de todas as notícias do bairro. Inaugurou uma biblioteca!!!”

    Assinale o comentário correto sobre os componentes do segmento destacado do texto.
    a) O adjetivo “chamado” se refere ao local denominado “Bigorrilho”.
    b) O advérbio “pomposamente” indica um elogio a uma grande obra pública.
    c) As duas ocorrências do adjetivo “grande” têm sentidos diferentes.
    d) O último período do fragmento mostra uma estruturação popular.

De acordo com a norma-padrão, o verbo deveria estar empregado na terceira pessoa do plural – inauguraram – ou na terceira pessoa do singular junto à partícula se - inaugurou-se. Gabarito: **D**.

16. (Técnico Administrativo/DPE-SC/FEPESE/2013) Nas frases que seguem, complete os espaços em branco com **a** ou **o**.
    - Desta vez, ... eclipse da Lua será apenas parcial.
    - Uma gorjeta, e o empregado lhe conseguiu ...... champanhe.
    - ...... alface é excelente fonte de vitamina.
    - Apesar da ameaça, não explodiram .... dinamite.
    - É possível que liberem .... alvará ainda hoje.

    Assinale a alternativa que completa **correta** e sequencialmente, as lacunas do texto.
    a) a ; a ; A ; a ; o

b) a ; a ; O ; o ; o
c) o ; a ; O ; a ; o
d) o ; o ; A ; a ; o
e) o ; o ; O ; o ; a

Eclipse – substantivo masculino; *Champanhe* – substantivo comum de dois gêneros; *alface* – substantivo feminino; *dinamite* – substantivo feminino; *alvará* – substantivo masculino. Gabarito: **D**.

17. (Técnico de Suporte/DNIT/ESAF/2013) Assinale a opção em que, na sequência, os termos preenchem corretamente as lacunas do texto abaixo.

Os holandeses são tão fanáticos ___(1)___ bicicletas que quase metade dos trajetos diários do país são feitos pedalando. O número de bicicletas é maior ___(2)___ a população local, ___(3)___ mais de 16 milhões de habitantes. Nada mais lógico, então, que lançar, ___(4)___ um ônibus escolar, uma bicicleta que aproveita a energia sem limites das crianças de 4 a 12 anos: ___(5) ___ oito lugares para os pequenos pedalarem, um para o adulto responsável e dois para caronas (para os menores), a bicicleta amarela conta ainda com um motor para subidas mais íngremes. Dessa maneira, assuntos importantes, ___(6)___ sustentabilidade, saúde e trabalho em equipe são abordados já na ida para o colégio, sem esquecer a diversão de pedalar com a turma.

(Adaptado de Vida Simples, abril de 2012, edição 117)

a) (1) (2) (3) (4) (5) (6)
com do que com em de como
b) (1) (2) (3) (4) (5) (6)
por com de como de com
c) (1) (2) (3) (4) (5) (6)
com do que de em com sobre
d) (1) (2) (3) (4) (5) (6)
sobre entre de em para com
e) (1) (2) (3) (4) (5) (6)

por que com como com como

Fanático rege preposição *de* ou *por* e as lacunas 2, 4 e 6, por estabelecerem comparações, irão requerer conjunções comparativas. Gabarito: **E**.

18. (Analista Administrativo/DNIT/ESAF/2013) Considerando o emprego facultativo de preposição, assinale a opção em que está correta a inserção dessa categoria gramatical.
    a) “que, vulgarmente, se denomina de tradição, ou de cultura” (ℓ.1 e 2)
    b) “é marcada por momentos em que permitem alternâncias” (ℓ. 3 e 4)
    c) “aquilo em que foi vivenciado como crise” (ℓ.5 e 6)
    d) “a tudo a que se é obrigado a realizar” (ℓ.13 e 14)
    e) “deixando de ver a sua 'alma' ou o seu coração” (ℓ. 22)

Trata-se de objetos diretos preposicionados, pois *denominar*, apesar de ser um verbo transitivo direto, admite o emprego da preposição *de*. Gabarito: **A**.

19. (Operador de Computador/CRF-SC/IESES/2012) Os vereadores associam seu trabalho à vontade do povo, por isso tentam atender seus pedidos.
    Substituindo corretamente os termos grifados por pronomes, teremos:
    a) o associam e atender-lhes.
    b) associam-no e atendê-los.
    c) associam ele e atender eles.
    d) o associam e atende-los.

O pronome assume as formas *no(s), na(s)* para os verbos terminados em ditongos nasais *e lo(s), la(s),* para os verbos terminados em *r, s* ou *z*. Gabarito: **B**.

20. (Soldado da Polícia Militar/PM-SC/IESES/2011) Considerando a frase extraída e adaptada do texto: **“as palavras que sempre te restarão**”, a alternativa que apresenta, na ordem em que aparecem as palavras, a classificação morfológica correta é:
    a) Artigo indefinido, substantivo, pronome, advérbio, conjunção, verbo.
    b) Artigo definido, substantivo, pronome, advérbio, pronome, verbo.
    c) Artigo indefinido, substantivo, conjunção, numeral, pronome, advérbio.
    d) Artigo definido, substantivo, conjunção, numeral, pronome, verbo.

As- Artigo definido, pois determina um substantivo.
palavras – Nome variável que funciona como núcleo de um termo sintático.
que – Pronome relativo que retoma o antecedente *palavras*.
sempre – Advérbio de tempo.

te – Pronome pessoal oblíquo átono.
restarão – Verbo *restar* conjugado no futuro do presente do indicativo.
Gabarito: **B**.

21. (Soldado da Polícia Militar/PM-SC/IESES/2011) Assinale a alternativa INCORRETA.
    a) Em "Se sentires que a terra desce a teus pés" os verbos estão conjugados no futuro do indicativo e pretérito perfeito, respectivamente.
    b) Em "sempre te restarão" há uma próclise obrigatória.
    c) Em "volta à tua infância" a crase foi usada para marcar a fusão de uma preposição e um artigo.
    d) A expressão "Se um dia" equivale a "Quando um dia".

Os verbos estão conjugados, respectivamente, na segunda pessoa do singular do futuro do subjuntivo e na terceira pessoa do singular do presente do indicativo. Gabarito: **A**.

22. (Soldado da Polícia Militar/PM-SC/Funcab/2012) Assinale a alternativa em que a classe gramatical da palavra destacada foi corretamente indicada entre parênteses.
    a) "Nas últimas décadas, muitos indicadores SOCIAIS do Brasil melhoraram." (adjetivo)
    b) "[...] chegamos A níveis insuportáveis." (artigo)
    c) "[...] mesmo COM o risco de repetir coisas sabidas [...]" (conjunção)
    d) "[...] gente da favela como de classe média está envolvida PESADAMENTE." (substantivo)
    e) "[...] e, portanto, de AVANÇO da criminalidade [...]" (verbo)

Sociais é adjetivo por ser um termo variável que modifica um substantivo. Gabarito: **A**.

23. (Analista Administrativo/MPE-RJ/FUJB/2011) A alternativa abaixo em que o termo destacado NÃO está empregada em função adjetiva é:
    a) ruas DE PORTO ALEGRE;
    b) adolescentes DAS RUAS;
    c) fugiu DE CASA;
    d) crianças DO BRASIL;
    e) morte DE POBRE.

De casa é adjunto adverbial, portanto não exerce função adjetiva. Gabarito: **C**.

24. (Técnico Administrativo/SEAD-PB/FUNCAB/2012) O substantivo REBANHO, no segundo parágrafo, é coletivo, por indicar uma multiplicidade de seres da mesma espécie, embora esteja no singular. Assinale a opção em que o elemento entre parênteses está corretamente relacionado como substantivo coletivo.

a) Armada (armas de fogo)
b) Cáfila (soldados)
c) Nuvem (insetos)
d) Réstia (aves em voo)
e) Fauna (plantas de uma região)

Nuvem, *correição*, *miríade*, *onda* e *praga* são as possíveis formas de coletivo de *inseto*. Gabarito: **C**.

25. (Técnico Administrativo/SEAD-PB/Funcab/2012) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a classe gramatical a que pertencem as palavras destacadas no trecho abaixo.

“Aquele repórter SENSACIONALISTA que repete à exaustão a cena de LINCHAMENTO, o apresentador que tripudia sobre o drama do desvalido, a loura que vê na criança um consumidor A mais, o JOVEM que tem num ‘reality show’ desumano a alternativa para sua falta de horizonte, a menina PRECOCEMENTE erotizada, no fundo, somos todos nós”.

a) substantivo – substantivo – artigo – substantivo – adjetivo
b) advérbio – adjetivo – artigo – adjetivo – adjetivo
c) advérbio – verbo – artigo – adjetivo – advérbio
d) adjetivo – substantivo – preposição – substantivo – advérbio
e) adjetivo – verbo – preposição – adjetivo – advérbio

Sensacionalista é um termo variável que modifica o substantivo *repórter*.
Linchamento designa um nome que funciona como núcleo de um termo sintático.
Preposição *a* indicativa de locução.
Jovem designa um nome variável que funciona como núcleo de um termo sintático.
Precocemente – Advérbio de modo que modifica o adjetivo *erotizada*.
Gabarito: **D**.

26. (Técnico Administrativo/SEAD-PB/Funcab/2012) Dependendo do contexto, as preposições podem expressar ideias diferentes. Na fala da segunda charge: “Mas é um documentário sobre o Henri Cartier-Bresson!”, a única preposição presente expressa:
a) contradição.
b) assunto.
c) espaço superior.
d) instrumento.
e) autoria.

A preposição essencial *sobre,* ao ligar o termo regente, *documentário*, ao regido, *Henry Cartier-*

Bresson, introduz a este um complemento que indica uma circunstância de assunto. Gabarito: **B**.

27. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Vunesp/2012) Em "iniciativas experimentais", o adjetivo é uma palavra formada por sufixação. Outro adjetivo do texto com essa mesma formação está destacado em:
    a) Falta mais dedicação dos pesquisadores e investidores…
    b) … dispostos a deixá-las acessíveis ao grande público.
    c) … dispostos a deixá-las acessíveis ao grande público.
    d) Os atuais mecanismos de busca na rede já estão ultrapassados...
    e) Ainda vamos ver sites como o Google com a mesma nostalgia...

Acessíveis é um adjetivo derivado por sufixação da forma primitiva *acesso*. Gabarito: **B**.

28. (Inspetor de Polícia/PC-RJ/FEC/2012/Adaptada) Na frase: "Elas fracassarão COMO construtoras de conhecimento de alto nível", a palavra em destaque expressa noção idêntica à que se lê em:
    a) Como lhe disse, estou cansado de trabalhar.
    b) Como chegou tarde, não pode entrar em sala.
    c) Ele é tão trabalhador como o pai.
    d) Venceu,mas como, se nunca quis nada?
    e) Para mim, isto não diz nada como poesia.

Em ambos os casos *como* funciona como preposição acidental. Gabarito: E

29. (Inspetor de Polícia/PC-RJ/FEC/2012/Adaptada)Derivam de verbos pelo mesmo processo que "perda" deriva de "perder" e "desmonte" de "desmontar" ambos os substantivos destacados em cada uma das alternativas seguintes, EXCETO em:
    a) "ACÚMULO de conhecimento" / "CONSUMO de aulas".
    b) "AUMENTO nas vagas" / "VOLTA do passado".
    c) "no AVANÇO"/ "a BUSCA da construção".
    d) "uma DISTORÇÃO absurda" / "essa PROPOSTA".
    e) "ACESSO a escola de qualidade" (parágrafo 4) / "FALTA de recursos".

Distorção e *proposta* são palavras formadas por derivação sufixal. Gabarito: **D**.

30. (Inspetor de Polícia/PC-RJ/FEC/2012/Adaptada) Todos os adjetivos em destaque estão empregados no texto para fazer a avaliação ou valoração pessoal de um fato, EXCETO o que se lê em:

a) "sua beleza SINGULAR".
b) "formas de integração SOCIAL com as favelas pacificadas".
c) "GRANDE contingente de pessoas".
d) " variedade E X T R A O R D I N Á R I A de manifestações".
e) "o MELHOR caminho para a adequação espacial dessas comunidades".

S*ocial* atribui uma restrição e não uma qualidade ao substantivo *integração*. Gabarito: **B**.

31. (Inspetor de Polícia/PC-RJ/FEC/2012/Adaptada) Os substantivos que se formam com o auxílio de prefixos que possuem o mesmo significado dos prefixos destacados em "INTERagir" e "PREexistência" são, respectivamente:
a) incorporação - anticorpo.
b) autodefesa - retroalimentação.
c) periferia - refluxo.
d) entressafra - antevisão.
e) intravenoso - contraprova.

Os prefixos *inter* e *entre* significam *posição medial* e *pré* e *ante* significam *anterioridade*. Gabarito: **D**.

32. (Delegado de Polícia/PC-MA/FGV/2012) "...a polícia passa a ser demandada para garantir não <u>mais</u> uma ordem pública determinada..."; "O campo de garantia de direitos exige uma ação <u>mais</u> preventiva,...".

Os termos sublinhados nas duas frases retiradas do texto
a) quantidade / intensidade.
b) tempo / quantidade.
c) oposição / concessão.
d) tempo / intensidade.
e) quantidade / tempo.

O advérbio *mais* indica intensidade, porém, quando acompanhado de uma negação, passa a indicar circunstância de tempo. Gabarito: **D**.

33. (Auditor de Controle Externo/TCE-ES/Cespe/2012) Se o numeral ordinal “73.ª” (ℓ.8) fosse escrito por extenso, a forma correta seria: seteptuagésima terceira.
( ) certo
( ) errado

Septuagésimo(a) terceiro(a) são as possíveis formas de representação gráfica do cardinal setenta e três. Gabarito: **certo**.

34. A palavra **próprios,** na expressão “eles **próprios**,” (ℓ.36) apresenta o mesmo sentido em:
a) Ele navegou em nave própria.
b) Chegaram em hora própria para o almoço.
c) O orgulho das descobertas é próprio de quem as faz.
d) O livro próprio para encontrar sinônimos é o dicionário.
e) Foi o próprio historiador que comprovou a tese.

Em ambos os casos, *próprios* foi empregado como pronome demonstrativo de reforço. Possui sentido de “em pessoa”. Gabarito: **E**.

35. (Técnico de Informática/SPTrans/Vunesp/2012) Em – O posicionamento de Muller foi anunciado na semana passada em artigo no jornal *New York Times*... – a expressão **na semana passada** e a palavra **em** indicam, respectivamente, ideia de
a) modo; tempo.
b) tempo; lugar.
c) afirmação; meio.
d) modo; finalidade.
e) tempo; causa.

Trata-se respectivamente de um advérbio de tempo, e a preposição “em” introduz noção de lugar (o jornal). Gabarito: **B**.

36. (Técnico/Administração/DPE-PR/PUC-PR/2012) Leia o seguinte trecho destacado do texto-base da *Folha de S. Paulo* e assinale a única assertiva INCORRETA:

“As dificuldades para realizar esse jejum em plena crise também se somam a outros fatores que influem diretamente no estado de ânimo geral da população. Dessa forma, a decisão da ONU de reduzir a assistência financeira aos refugiados palestinos e a escassez de combustível

e eletricidade na paupérrima Gaza, onde vivem 1,5 milhões de pessoas, deterioraram consideravelmente a situação".

a) A palavra "para" é uma preposição.
b) A palavra "esse" é uma conjunção.
c) A palavra "paupérrima" é um adjetivo.
d) A palavra "consideravelmente" é um advérbio.
e) A palavra "Gaza" é um substantivo.

A palavra *esse* é um pronome demonstrativo. Gabarito: **B**.

Capítulo 9 – Verbo

1 O Verbo

O verbo é uma palavra variável que indica ação ou processo ou estado (ou ainda mudança de estado) no tempo. Trata-se da palavra com maior alcance de variações na língua.

Quanto à variação por que passam, os verbos indicarão: *pessoa*, *número*, *tempo*, *modo*, *voz* e *aspecto* – todas noções *gramaticais* a que se chega lançando mão de *morfemas ou de giros sintáticos*, sendo, portanto, *categorias dos verbos* (ou, nos casos de haver desinência, *flexões*) as tais variações de que há pouco falamos.

Já os eminentíssimos Cunha e Cintra definem verbo, após a NGB, de forma sucinta:

> 1. VERBO é uma palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no tempo:
> Um dia, Aparício *desapareceu* para sempre.
> (A. Meyer, SI, 25)
> A mulher *foi educada* por minha mãe.
> (Machado de Assis, OC, I, 343)
> Como *estavam* velhos!
> (A. Bessa Luís, S, 189)
> *Anoitecera* já de todo.
> (C. de Oliveira, AC, 19) (Cunha & Cintra, 1985, p. 367)

Em seguida, os autores apresentam um subtítulo denominado *flexões do verbo* (id.ib.), referindo-se a elas da seguinte maneira: "O verbo apresenta as variações[40] de *número*, de *pessoa*, de *modo*, de *tempo*, de *aspecto* e de *voz*" (id.ib.).

Apesar de não estarem elencados entre as categorias aqui descritas, Cunha-Cintra arrolam ASPECTOS. Esse deslocamento parece dever-se à conceituação mesma que os autores empreendem ao aspecto:

> Diferentemente das categorias do TEMPO, do MODO e da VOZ, o ASPECTO "designa uma categoria gramatical que manifesta o ponto de vista do qual o locutor considera a ação expressa pelo verbo"[41]. Pode ele considerá-la como conluída, isto é, observada no seu término, no seu resultado; ou pode considerá-la como não concluída, ou seja, considerada na sua duração, na sua repetição (op. cit. p. 370).

Assim, Cunha-Cintra já observam, na realidade, seis variações a que o verbo, por assim dizer, submete-se.

---

[40] Observe-se que, embora no subtítulo os autores falem em FLEXÕES, em letras versais, na definição dos acidentes verbais eles falam, ora, em *variações*, e incluem, dentre elas, a de VOZ.
[41] Conrad Bureau. In *Dictionnaire de la linguistique sous la direction de Georges Mounin*. Paris: P.U.F., 1974, p. 41.

2 As flexões verbais

2.1 Número / pessoa

Os verbos admitem dois números: singular ou plural. O singular é o que tem por sujeito uma só coisa ou pessoa. O plural é o que possui por sujeito mais de uma coisa ou pessoa.

As três primeiras pessoas gramaticais - eu, tu, ele (você: 2. pessoa indireta) - são singulares. As outras três - nós, vós, eles (vocês) - são plurais. A rigor (vale de ressalva), há tão só três pessoas gramaticais, dividindo-se, estas, em singular e plural, como vimos.

eu amo / tu amas / ele (você) ama
nós amamos / vós amais / eles (vocês) amam

Como se percebe, o verbo possui (mas nem sempre) desinências que distinguem, entre outras categorias, as pessoas a que se refere, sendo, pois, em muitos casos, dispensável explicitar-se o pronome; a menos, é óbvio, que se queira tê-lo destacado, por razões, pois, mais atinentes à estilística do que à gramática.

2.2 Modo

Expressa-se pela categoria de modo a atitude da pessoa que fala (nem sempre o sujeito da oração) em relação à ação, ao processo, ao estado etc. expressos pelo verbo. Tal atitude, dentre outras variações, pode ser: certeza, dúvida, suposição, ordem, assertividade.

Há três modos:

Indicativo – expressa a certeza de quem fala: eu amo, amei, amava etc.

Subjuntivo – expressa a dúvida, a incerteza de quem fala: espero que eu ame, talvez ame.

Imperativo – expressa a ordem, a súplica, o pedido com instância: faça o dever, amai o teu próximo, andemos rápido.

2.3 Vozes

2.3.1 Definição contemporânea

Num rápido resumo, diz-se que a categoria de voz visa à elucidação parcial referente aos pontos de partida e de chegada do processo verbal.

Assim uma ação pode ser:

a) praticada pelo sujeito (dele partindo):

João ama sua filha. (sujeito: João)

b) sofrida pelo sujeito
A filha de João é amada por ele (sujeito: A filha de João)

c) praticada e sofrida pelo sujeito
João se ama.

Na letra A temos a voz ativa; na letra B, voz passiva: na C, voz reflexiva.

Não podemos confundir, entretanto, a noção de voz passiva com a noção de PASSIVIDADE, em que, aqui, o verbo traz, semanticamente, a ideia de que o sujeito sofre a ação.

A voz passiva sempre será formada *gramaticalmente* (verbo de ligação + particípio OU VTD + partícula SE); a passividade é antes de tudo uma noção *semântica*, como dissemos.

São casos de passividade: Pedro levou um tombo./ Osso duro de roer. Etc.

Sabemos que o conceito de voz se distingue entre autores. Basicamente, privilegiam a significação (agentividade, passividade, reflexividade, reciprocidade), a forma (como o verbo se comporta sintaticamente para expor as vozes) e, por fim, o tratamento do processo verbal em relação ao sujeito. Não raro, mais de um desses critérios constitui a base da definição, e, também não raro, nenhum deles é adotado, de modo que as vozes são expostas, uma a uma, sem uma definição epistemológica que as englobe, com meros exemplos e algumas asserções, geralmente semânticas (e algumas vezes sintático-semânticas ou até morfossemânticas, sempre mais raras), sobre a maneira como o verbo se conecta ao sujeito do ponto de vista de 1) ação; 2) ponto de partida da ação; 3) ponto de chegada da ação.

Um dos raros autores contemporâneos a enfrentar cabalmente o problema da epistemologia da voz, como um *instrumento gramatical* (esta é a razão por que propugnarei, à frente, que se trata de um caso de gramaticalização, pois ser instrumento gramatical, proveniente do discurso, é constatação para o processo de gramaticalização), é José Carlos Azeredo, assim criando a definição epistêmica de "voz", que ele, por sinal, trata em capítulo muito expressiva e cientificamente intitulado "12.1- Vozes do verbo e questões correlatas" (Azeredo, 2011):

> A voz é expressa por um sistema de recursos sintáticos que definem certos padrões formais do sintagma verbal. Distinguem-se tradicionalmente três vozes – ativa, passiva e reflexiva –, que se exemplificam típica e respectivamente nas frases
> — Laura penteia Clarisse
> — Clarisse é penteada por Laura
> e
> — Laura se penteia (Azeredo, 2011, p.) (Grifo nosso).

Celso Pedro Luft, para explicar pontos relativos à então recém-instaurada NGB, escreve sua *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*, e assim define as vozes verbais, de modo a fugir de meandros semânticos que supostamente dificultem a classificação, por calcarem-se ora na natureza do semantema do verbo em si, ora na relação deste

verbo com o sujeito, sob noções de agente ou paciente de alguma ação, que, por sua vez, poderia ser intencional ou não intencional:

> Voz é a "forma em que se apresenta o verbo para indicar a relação que há entre ele e o seu sujeito" (*DFG*[42], s.v. VOZ) – relação de: 1) *atividade*, 2) *passividade*, ou 3) as duas coisas simultaneamente, ou seja, *reflexividade*. A voz é:
> **1. ativa**, quando o sujeito é agente, ou pelo menos ponto de partida da afirmação (sujeito formal, gramatical): *O lobo* **ataca**, *o lobo* **morre**, *o lobo* **recebe** *um tiro*;
> **2. passiva**, quando o sujeito sofre a ação verbal: *O lobo* **foi ferido**; f**eriu-se** *o lobo*. A voz passiva se apresenta de duas maneiras: com verbo auxiliar ou com pronome passivador. E temos (cf. *PG*, §112[43]):
> A) Com [Auxiliar + Particípio] – passiva analítica:
> a) de ação (Aux. *ser*): *Ele* **é abraçado**. **Foi feita** *a emenda*.
> b) de estado (Aux. *estar, andar, viver*) : *Ele* **está (anda, vive) cercado** *de amigos*.
> c) de mudança de estado (Aux. *ficar*): *Ele* **ficou rodeado** *por (de) curiosos*.
> d) de movimento (Aux. *ir e vir*): *A mala* **ia (vinha) carregada** *pelo homem*.
> B) Com pronome apassivador se – passiva sintética:
> **Consertam-se, remendam-se** (verbos transitivos diretos) *calçados*.
> **3. reflexiva**, quando o sujeito é agente e paciente, ao mesmo tempo, isto é, pratica e sofre a ação. (Luft, 1978, p. 105).

Vale a pena trazer as palavras de Travaglia sobre as vozes e possibilidades de abordagem desse trabalho na realização da prática de ensino/aprendizado em sala de aula:

> 7. Voz
> Trabalhar a voz mostrando basicamente:
> que é a categoria verbal através da qual se marca a relação entre o verbo e seu sujeito, que pode ser de atividade, passividade ou ambas;
> que, conforme a teoria, se pode considerar a existência de até quatro vozes: a ativa, a passiva (analítica e sintética), a reflexiva (simples e recíproca) e a medial; os recursos de expressão da voz no Português contemporâneo do Brasil (sobretudo verbos auxiliares). Aqui pode entrar a questão da baixa produtividade ou inexistência da chamada voz passiva sintética, com as implicações significativas e de concordância que isso acarreta; a existência de passividade do sujeito sem haver voz passiva;
> as diferenças significativas de dizer a "mesma coisa", usando uma voz ou outra.
> Por exemplo, usando a voz ativa ou passiva. (Travaglia, 2011, p. 167)

3 Tempo

É a variação que aponta o momento em que se deu o processo verbal.

São três os tempos:

a) *Presente* – referente àquilo que ocorre no momento em que se fala.
Eu amo.

[42] Câmara Jr., 1957.
[43] Kury, 1959.

b) *Pretérito* – referente àquilo que ocorre antes do momento em que se fala.
Eu amei (perfeito)
Eu amava (imperfeito) etc.

c) *Futuro* – referente àquilo que ocorre após o momento em que se fala.
Eu amarei (do presente)
Eu amaria (do pretérito)

Estilisticamente, o tempo pode ultrapassar esta mera noção de que falamos, não se restringindo a apontar um momento. Assim, o presente, por exemplo, pode, entre outras coisas:

a) Apontar uma verdade constante: A terra gira em torno do sol.
b) Expressar um futuro certo: Na semana que vem viajo para Roma.
c) Indicar um passado (presente histórico): Morre Fulano da Silva.

Quanto à flexão de tempo, devemos observar que há dois tipos: *tempo simples e tempo composto*. O tempo simples será exatamente a conjugação como vimos acima. O tempo composto, no entanto, será formado pelos auxiliares *ter* ou *haver*, dispondo-se da seguinte maneira:

4 Aspecto

4.1 Primeira definição e primeiro retrospecto histórico

Devido à quase inexistência de gramáticas normativas que abordem a temática do aspecto verbal, conquanto ela seja alvo frequente de provas e concursos, decidi dedicar-lhe uma parte modestamente aprofundada.

O aspecto verbal foi definido algures como *o tempo interno do tempo*. Quer-se, com isso, dizer que, a par do tempo (ligado intrinsecamente ao modo), que é uma categoria cujo elemento propulsor (o ponto de vista) é o locutor e o interlocutor, o *aspecto*, por sua vez, descreve de maneira mais detalhada as sutilezas que se passam internamente ao tempo.

Em outras palavras, enquanto *tempo e modo* são categorias que partem da perspectiva prioritária do locutor e de sua comunicação com o interlocutor, o *aspecto* tem como perspectiva prioritária o *tempo*.

Não foi à toa que, em minha tese de doutorado, resolvi assumir a equação da cinemática (Física dos movimentos) d = v . t, associando-a à dinamicidade do verbo, e pus como seu

correlato ao aspecto a variável “v” (”velocidade”), pois que intimamente ligada às variáveis “d” (distância) e, sobretudo, “t” (“tempo”).

Para tratar do tema, considero importante retroceder brevemente ao processo em que os verbos “ter” ou “haver” deixaram de ter cunho léxico e passaram a constituir verbos auxiliares. Em outras palavras, esses verbos gramaticalizaram-se, criando tempos compostos (somados ao particípio), e isso, no português contemporâneo, torna plausível, como veremos, um (não o) início da discussão sobre ASPECTO.

Atualmente, qualquer Gramática Escolar da Língua Portuguesa é capaz de dividir as conjugações verbais em *simples* ou *compostas*, no que denominam, mais frequentemente, tempos simples e tempos compostos. (Nesta gramática mesmo fizemo-lo.) Estes últimos são formados numa locução (ou sequência ou perífrase) verbal formada pelos auxiliares “ter” ou “haver” e um particípio. Muitos desses tempos apresentam as duas possibilidades de existência contemporaneamente, sem qualquer distinção semântica. É o caso dos correspondentes a) e b) abaixo:

a) Ele trouxera o trabalho antes do fim do expediente.
b) Ele tinha (ou havia) trazido o trabalho antes do fim do expediente.[44]

Observamos, portanto, que o pretérito mais que perfeito do indicativo (os dois casos acima) tanto em sua forma simples a) como composta b) tem exatamente o mesmo significado e o mesmo aspecto: algo que ocorreu antes que outra coisa tivesse corrido.

No entanto, nem sempre foi assim. Nem sempre os verbos “ter” e “haver” puderam desempenhar, na língua portuguesa, o papel instrumental de formadores de sequência indicadora de tempo composto. Tempo houve em que tais verbos eram apenas nocionais (itens lexicais, portanto), não sendo concebidos, a princípio, como instrumentos gramaticais. Naquele momento, eles possuíam a noção de posse (haver), e manutenção, retenção, contenção (ter).

São interessantes as palavras de Dante Lucchesi sobre esse fato, apontando que as mudanças linguísticas são encaixadas na estrutura da língua e, pois, se determinam mutuamente, numa ideia que Saussure ou bem refutava peremptoriamente ou bem, em alguns momentos, via de forma velada e intencionalmente imprecisa:

> Temos, por exemplo, os verbos ser, haver e ter, na história do português. No latim, o verbo ESSE recobria a área de significação existencial, enquanto a HABERE cabia a significação de posse. Já no português antigo, haver começa a ser usado com o sentido de “existir”, penetrando na área do verbo português ser (< esse). Na evolução o português, haver vai assumir definitivamente a significação existencial, deslocando o verbo *ser*. Por sua vez, haver é deslocado da área de significação de

---

[44] Há muitos gramáticos que também consideram o “ser” como possível formador de tempos compostos. Seria o caso de frases como “É chegada a boa hora”. Eunice Pontes faz um interessante rol, ainda sobre outros possíveis verbos formadores de tempos compostos. Cito apenas um caso: “Gramáticos que incluem entre os TC os formados com o verbo SER mais particípio: Evanildo Bechara, Mário Pereira de Souza Lima, Carlos Góis, João Ribeiro. (Pontes, 1973b, p. 17). Silva Dias (1938) também tem estudo de referência sobre a questão.

> posse pelo verbo *ter*. E, atualmente, no português do Brasil, *ter* concorre com *haver* na área de significação existencial. Fica, pois, patente a lógica sistêmica dessas mudanças de significação, tanto que fatos como esses vão fundamentar a concepção de E. Sapir de que as mudanças, longe de serem acidentais e particulares, seguem uma **deriva** (*drift*) que pode ser visualizada a partir da organização estrutural da língua (Lucchesi, 2004, p. 67).

Ademais, é mister ressaltar-se que, mesmo hoje, há um por assim dizer descompasso entre o pretérito perfeito em suas formas simples e composta, respectivamente os números c) e d) abaixo.

c) Eu bebi toda a água.
d) Eu tenho (ou hei) bebido toda a água.

Ocorre que, em que pese à circunstância de a Gramática Normativa classificar ambos como pretérito perfeito, em (d), nota-se o aspecto inceptivo (início[45] da ação), mas sobretudo durativo, permansivo, aproximadamente como um gerúndio em perífrase verbal com "estar". Em outras palavras, o arcabouço semântico do pretérito perfeito, ou perfectivo, que é o de ação conclusa no passado, não se dá, no português contemporâneo, quando o pretérito perfeito é composto d). Essa diferença aspectual, no entanto, já foi completamente neutra no passado não tão longínquo da língua, conforme revela o verso de Gregório de Matos:

e) "Pequei, Senhor, não porque hei pecado" (Matos, 1992.)

Ou nesta outra de D. Dinis:

f) Pêra ueer meu amigo,
Que talhou preito comigo,
Alá uou madre.
Pêra ueer meu amado,
Que mig´á preyto talhado,
Alá uou, madre.
(D. Dinis, 2002)

Voltando ao português contemporâneo, em que a diferença de aspecto se nota, Augusto Epiphanio da Silva Dias buscava dar a seguinte explicação ao fato:

> **Do pretérito perfeito definido**
> § 254. **a)** O pret. Perfeito definido emprega-se, em primeiro lugar, quando, transportando-nos mentalmente ao passado, registamos acontecimentos que então se deram, considerados como simples momentos históricos (perfeito histórico):

[45] Presente em auxiliares acurativos (Bechara, 1999; Caetano, 2009) como "começar" em "começou a chover".

> *A Hespanha romano-germanica transformou-se na Hespanha rigorosamente moderna no terrível cadinho da conquista árabe (*Herc. *Eur*., 314)[46]
> (...)
> **Do pretérito perfeito indefinido**
> § 255. a) O pret. Indefinido exprime a continuação ou repetição duma ação desde certo momento até o momento em que falamos.
> b) Também serve de exprimir que no momento em que a pessoa fala, uma ação está consumada, com a ideia acessória de que não há possibilidade, necessidade ou vontade de continuá-la (por outra, em contraposição ao que seria mister, ou poderia ainda fazer-se)
> *Tenho acabado, Fieis, o meu discurso (Vieira, I, 950)*
> (Silva Dias, 1933, p. 188).

4.2 Bipartição aspectual básica

Concluímos que a dualidade de que parte o estudo gramatical (descritivo)[47] sobre aspecto verbal finca sua gênese sobre a polaridade *concluído* X *não concluído*. Essa é, com efeito, a dicotomia em que se funda a noção de Silva Dias sobre *definido* ou *indefinido*, ao descrever os tipos respectivamente *simples* e *composto* do *pretérito perfeito*.

Assim, *a priori*, independentemente de estarmos no presente, passado ou futuro, o verbo também pode apontar se a ação (ou o estado) que ele designa está concluído ou não, ou, ainda, o verbo pode implicar se a ação ou estado tendem a ser (ou ter sido) concluídos ou não.

Assim, quando digo que,

A menina é bonita.
Ou
A menina está bonita.

Embora eu esteja, em ambos os casos no presente do indicativo, implica-se uma noção, que é aspectual, de permanência (duração maior) versus impermanência ou transitoriedade (duração menor). Não foi o tempo que propôs essas implicaturas, mas o próprio radical (morfológico) do verbo escolhido, que está, em ambos os casos, no mesmo tempo e modo. As inferências hauridas dessas implicaturas são de natureza aspectual.

Muitas são as formas pelas quais os verbos, portanto, poderão implicar aspectos. Nos exemplos acima, fizeram-no por meio do uso de radicais diferentes (vocábulos diferentes), os verbos de ligação “ser” e “estar”.

Ainda Cunha-Cintra chegam a tecer interessantíssima observação:

---

[46] Manteve-se, aqui, a ortografia original da edição.

[47] Não é nosso escopo, por ser esta uma Gramática Escolar, aprofundamentos demasiados sobre as questões filosóficas e até de linguística geral sobre a categoria de aspecto. Remetemos o leitor interessado às obras de Mattoso Câmara, Luiz Carlos Travaglia e Rodolfo Ilari.

> b) Ser / Estar
> Ele foi ferido. Ele está ferido.
> A oposição ser / estar corresponde a dois tipos de passividade. Ser forma a passiva de ação; estar, a passiva de estado. (op. cit. p. 371).

Interessante observarmos que há línguas (e muitas) em que não há essa diferença de radicais, o que torna necessário que se façam perífrases sintáticas a fim de estabelecer se o que se implica é a permanência maior ou menor.

Assim acontece, para só citarmos alguns exemplos, com o inglês (*to be*), o alemão (*sein*), o francês (*être*).

Quando digo em francês

La femme est belle;

Terei de forjar um modo de explicitar se quero implicar que ela É (mais permanente) ou apenas ESTÁ (menos permanente) bela. Poderia usar-se, por exemplo, advérbios como "toujours" ("sempre") ou "maintenant" ("agora").

Ao lado dessa noção básica e dual de *concluído x não concluído*, podemos subdividir os verbos, no que tange à sua aspectualidade, em relação à *duração* do ato/estado descrito. Essa *duração*, por sua vez, guarda importância pelo fato de, por ela, identificarem-se elementos como os citados pouco acima. São alguns deles (repito que este capítulo não possui nenhuma pretensão de ser ontológico):

Extensão (breve ou longo)
Desenvolvimento (contínuo/permansivo ou descontínuo)
Fase (inicial ou final)
Repetição (pontual ou iterativo)

Exemplos:

a) Ele falará com a plateia.

O aspecto é *concluído* (considera-se ou implica-se o seu fim, tal qual se faria em *ele falou*...); *breve* (repare-se que seria *longo* se se utilizasse a forma atualmente tão em voga em meios distensos *ele estará falando*...); *contínuo*; *pontual*.

b) Ele petiscava os salgadinhos.

O aspecto é *não concluído*; *longo, descontínuo*, *iterativo*.

Como se reparou, nem todos os tempos compostos existem em português. Da mesma forma, alguns tempos só existem na forma composta (ex.: pretér. mais-que-perfeito do subjuntivo):

5 Conjugação

É a reunião das flexões verbais em consonância com certos paradigmas ou sistemas.

Assim, conjugar um verbo é dizê-lo, respeitando aquele determinado sistema, nas flexões de que acima falamos.

Afora isso, dizemos que há, em português, três conjugações, diferençadas uma das outras segundo a vogal temática de que se compõem (q.v nosso capítulo de Morfologia).

Assim:

a) 1ª conjugação - vogal temática - A -;
   and - a – r   am - a -r   cal - a - r

b) 2ª conjugação - vogal temática - E -;
   faz - e - r   tec - e -r   enriquec - e - r

c) 3ª conjugação - vogal temática - I -;
   sent - i - r   sorr - i -r   pol - i - r

Observação:
Pôr é verbo da 2ª conjugação.

6 Algumas classificações

Será, quanto à flexão, *regular*, *irregular*, *anômalo, defectivo* ou *abundante*.

1. *Regular* é qualquer verbo perfeitamente encaixado no paradigma de que é membro, seguindo-lhe o modelo.

Dizemos ser regular a forma verbal em que o radical se manteve inalterado.

O verbo *amar* é regular, já que, como os demais regulares de 1ª conjugação, possuirá radical inalterado (am -) e todas as desinências paradigmáticas: logo: am - o / cant - o / fal - o; am - e - i / cant - e -i / fal - e - i; am - a - va / cant - a - va / fal - a - va etc.

Pode ocorrer de um verbo considerado irregular apresentar, em alguma forma, *regularidade*. Assim, por exemplo, o verbo *saber* é irregular (radical: sab-/ pretérito perfeito: soub-e etc.); mas apresenta *regularidade* no pretérito imperfeito do indicativo (sab-i-a; radical: sab-, inalterado, sendo, aqui, regular).

Não devemos falar em “irregularidade gráfica” em relação aos verbos que alteram letras em seus radicais a fim de ajustarem-se, estes últimos, à pronúncia.

Fugir – fujo

Brincar – brinque etc.
Aqui, são verbos regulares.

2. *Irregular* é o verbo que se distancia (foneticamente) do paradigma de sua conjugação. Como vimos, será irregular o radical que se altera em relação ao apresentado no infinitivo.
   Ouvir – ouço
   Pedir – peço
   Sentir – sinto
   Fazer – faço
   Saber – sei etc.

3. *Anômalo* é o verbo que não possui paralelo paradigmático, estando sozinho em sua forma de conjugar-se.
   São os verbos *ir* e *ser*.

4. *Defectivo* é o verbo que não possui determinadas formas, sejam elas pessoas, sejam elas números; às vezes tempos e modos inteiros. São defectivos:

a) Verbos unipessoais, ou seja, os que só aceitam terceira pessoa, do singular e do plural, ou apenas do singular.
b) Verbos impessoais, aqueles cuja única forma é a da 3ª pessoa do singular, não possuindo eles, contudo, sujeito.
c) Verbos que não possuam certas pessoas (por exemplo a 1ª do singular do presente do indicativo), o que pode acarretar ausência de outros modos (no caso, ausência do modo subjuntivo presente e do modo imperativo negativo).

Neste caso, os verbos parecem comportar-se de acordo com dois paradigmas básicos, chamados por alguns autores de defectivos do primeiro grupo e defectivos do segundo grupo. Ei-los:

I. *Abolir*

Verbos que não se conjugam nas pessoas em que, depois do radical, houver *a* ou *o*.

Pres. do ind.	Pres. do subj.	Imper. af.	Imper. neg.
1. –		∅	
2. abol-es		abole	
3. abol-e		–	
1. abol-imos		–	
2. abol-is		aboli	
3. abol-em		–	

É regular nas outras formas:

- Pretérito perf.: aboli, aboliste, aboliu, abolimos, abolistes, aboliram
- Pretérito imperf.: abolia, abolias, abolia, abolíamos, abolíeis, aboliam
- Pretérito mais que perf.: abolira, aboliras, abolira, abolíramos, abolíreis, aboliram
- Imp. do subj.: abolisse, abolisses, abolisse, abolíssemos, abolísseis, abolissem
- Futuro do pres.: abolirei, abolirás, abolirá, aboliremos, abolireis, abolirão

E assim por diante.

Seguem este modelo:
aturdir, banir, bramir, brandir, brunir, carpir, colorir, delinquir, delir, demolir, esculpir, espargir, exaurir, explodir, extorquir, fulgir, feder, fremir, haurir, impelir, impingir, jungir, languir, pruir(=prurir), puir, retorquir, soer, ungir.

Observação 1:
Coloro (o timbre do *o* é aberto) é primeira pessoa do indicativo do verbo *colorar*, não *colorir*.

Observação 2:
O sinônimo de *espargir* é *aspergir,* que não é defectivo: *asperjo,* asperges, asperge etc.

Observação 3:
Em Gilka Machado, encontramos: "*hauro*-lhes flores e lânguido perfume."

Observação 4:

Este verbo (SOER), desusado, só costuma se empregar nos seguintes modos e tempos: Ind. pres.: *sói*, *soem*; Imperf.: *soía, soías, soía, soíamos, soíeis, soíam.* "Ainda assim – ensina E. C. Ribeiro –, a terceira pessoa do plural do presente do indicativo *soem*, e as formas do imperfeito *soía*, *soías* etc. são de uso raro; o que não ocorre com a forma *sói*, de meneio mais comum."

Trazemos dois trechos de *Os Lusíadas*, enriquecendo o que diz o Mestre E.C Ribeiro:

"Sem conhecer Amor viver *soía*,
Seu arco e seus enganos desprezando,
Quando vivendo dores se mantinha."

"Assi o claro inventor da Medicina,
De quem Orpheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe."

Em relação a este último, faz Augusto Epifânio da Silva Dias o seguinte comentário:

8. soe] de "soer" (*solere*)*.

*Hoje se grafa *sói*, como vimos.

II. *Falir*

Verbos cuja conjugação demandam o *i* após o radical, à exceção de *adequar*, *reaver* e *precaver*, da 1. conjugação aquele e da 2. estes

	Pres. do ind.	Pres. do subj.	Imper. af.	Imper. neg.
1.	–		∅	
2.	–		–	
3.	–		–	
1.	fal-imos		–	
2.	fal-is		fali	
3.	–		–	

É, também, regular nas outras formas:

- Pretérito perf.: fali, faliste, faliu, falimos, falistes, faliram
- Pretérito imperf.: falia, falias, falia, falíamos, falíeis, faliam
- Pretérito mais que perf.:falira, faliras, falira, falíramos, falíreis, faliram
- Imp. do subj.: falisse, falisses, falisse, falíssemos, falísseis, falissem
- Futuro do pres.: falirei, falirás, falirá, faliremos, falireis, falirão

Seguem este modelo:

adir, aguerrir, combalir, comedir-se, descomedir-se, embair, emolir, empedernir, esbaforir, exinanir, florir, foragir-se, fornir, garrir, inanir, remir, renhir, ressarcir, transir, e também: ADEQUAR, PRECAVER(-SE) e REAVER.

Observação 1:

O verbo "bulir" *não* é defectivo, conforme já bem o constata Francisco Fernandes (p. 128), onde sobejam exemplos: "Está preso, já lhe disse [...], e não se *bula*." (Camilo Castelo Branco); "Está sozinho para que os outros não *bulam* com ele." (Machado de Assis). O verbo segue, quanto à conjugação, o modelo de "subir".
Também não é defectivo "escapulir", assim grafado.

Observação 2:
Mas *desmedir-se* não é defectivo.

Observação 3:

Outros cuidados quanto à conjugação, além do acima apontado, merece o verbo *reaver*. Ocorre que se trata de verbo derivado de *haver* (*re* + *haver*), não de *ver*, tampouco de *vir*. Dessa forma, afora a defectividade encontrada na primeira pessoa do singular do indicativo presente (com as implicações daí advindas), conjugar-se-á este verbo, nos tempos e modos abaixo colacionados, da seguinte forma:

Pret. perf. do ind.	Fut. do subj.	Pret. + q. perf.	Imperf. do subj.
1. reouve	reouver	reouvera	reouvesse
2. reouveste	reouveres	reouveras	reouvesses
3. reouve	reouver	reouvera	reouvesse
1. reouvemos	reouvermos	reouvéramos	reouvéssemos
2. reouvestes	reouverdes	reouvéreis	reouvésseis
3. reouveram	reouverem	reouveram	reouvessem

5. *Abundante* é o verbo que possui formas em equivalência, a) podendo-se optar por uma ou por outra, indiferentemente ou b) devendo-se observar a única delas que, às vezes, cabe em determinada circunstância.

No caso a), temos o exemplo de verbos como "construir", que tanto se poderá dizer "construis" (tu) como "constróis" (tu). Ou, na vertente b), daqueles que possuem dois particípios, ficando, a rigor, o regular aos tempos compostos (cf. vimos: ter ou haver + particípio) e o irregular à voz passiva. Assim, teríamos:

Tenho entregado suas remessas.
Suas remessas foram entregues.

Às vezes os próprios verbos com dois (ou mais) particípios caem naquela vertente a), ficando a critério do falante a escolha entre uma ou outra forma, seja na voz passiva, seja no tempo composto.

Segue lista de verbos com dois particípios, com a devida recomendação, entre parênteses, de estar aquela forma adequada à voz passiva (p.), ao tempo composto (c.) ou a ambos (p.c.)

aceitar	aceitado (cp)	aceito (p) aceite (p)
assentar	assentado (cp)	assento (p) assente (p)
entregar	entregado (cp)	entregue (p)
enxugar	enxugado (cp)	enxuto (p)
expressar	expressado (cp)	expresso (p)
expulsar	expulsado (cp)	expulso (p)
fartar	fartado (cp)	farto (p)
findar	findado (cp)	findo (p)
ganhar	ganhado (cp)	ganho (cp)
gastar	gastado (cp)	gasto (cp)
isentar	isentado (cp)	isento (cp)
juntar	juntado (cp)	junto (cp)
limpar	limpado (cp)	limpo (cp)
matar	matado (cp)	morto (cp)
pagar	pagado (c)	pago (cp)
salvar	salvado (cp)	salvo (cp)
soltar	soltado (cp)	solto (p)
vagar	vagado (cp)	vago (p)

Observação 1:

Por estranho que nos pareça o particípio regular de tal verbo, coletamos exemplo de Machado de Assis (*apud* Bechara, Lições de Português pela Análise Sintática, Padrão, 15. Ed., RJ; 1992, p. 159).

“*Não ouvia os instantes perdidos, mas os minutos ganhados*.”

Observação 2:

Verbos há que deixam de comportar-se como tal, passando ora a preposição (exceto), as chamadas "acidentais" (q.v. Rocha Lima, 181), ora a adjetivos (aceito/resoluto/absoluto), ora, ainda, a substantivos (seguro/expresso) etc.

Observação 3:

Como complemento da observação acima, há também os verbos que, não obstante poderem comportar-se como tal em certas ocasiões, podem, também, funcionar como substantivos, adjetivos etc.

Ex.: enxuto, expresso, isento, vago etc.

Estamos, por enquanto, na 1ª conjugação, o que não quer dizer que esses acidentes não possam ocorrer nas demais.

Observação 4:

Nem na gramática de Cunha-Cintra, nem na de Bachara, nem na de Rocha Lima foi encontrado o particípio irregular do verbo "pegar" ("pego", de timbre aberto ou fechado), pelo que, obviamente, não o colacionamos no rol de verbos abundantes. ("Uma noite os dois se haviam pegado num debate violento sobre tática e estratégica" (Insônia, Graciliano Ramos, 97). No entanto, por questão de uso, este verbo vem ganhando reiterada força, e, por isso, já podemos admiti-lo como abundante.

Continuamos a lista com os abundantes de segunda conjugação:

acender	acendido (cp)	aceso (p)
benzer	benzido (c)	bento (p)
desenvolver	desenvolvido (cp)	desenvolto (p)
eleger	elegido (c)	eleito (p)
envolver	envolvido (cp)	envolto (p)
incorrer	incorrido (c)	incurso (p)
morrer	morrido(c)	morto (p)
prender	prendido (c)	preso (p)
romper	rompido (cp)	roto (p)
suspender	suspendido (c)	suspenso (p)

E, por fim, os de terceira conjugação.

emergir	emergido (c)	emerso (p)
erigir	erigido (cp)	ereto (p)

exprimir	exprimido (cp)	expresso (p)
extinguir	extinguido (cp)	extinto (p)
frigir	frigido (c)	frito (p)
imergir	imergido (c)	imerso (p)
imprimir	imprimido (cp)	impresso (p)
inserir	inserido(cp)	inserto (p)
omitir	omitido(cp)	omisso (p)
submergir	submergido (c)	submerso (p)
tingir	tingido(cp)	tinto (p)

7 Tempo primitivo / tempo derivado

Temos, em português, três tempos primitivos, assim chamados por fazerem com que deles provenham os tempos derivados. É importante conhecermos tais tempos, com o fito de evitarmos equívocos e incorreções devidas a falsas associações que se façam, conforme falamos.

Aqueles três tempos primitivos de que falamos são:

1. Presente do indicativo
2. Pretérito perfeito do indicativo
3. Infinitivo impessoal

Estudaremos com relativa minúcia cada um desses casos:

7.1 Presente do indicativo

Origina:

7.2 Presente do subjuntivo

Este tempo é proveniente da 1ª pessoa do singular do presente do indicativo, à qual se retirará a desinência -o, e, ao radical, ajuntar-se-á, para os verbos de 1ª conjugação, a desinência modo-temporal -e, e, para os de 2ª e 3 ª conjugação, a desinência modo-temporal -a.

Assim:

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
am - o	*am - e*
vend - o	*vend - a*
part - o	*part - a*

É por essa razão que os verbos que possuem irregularidades na 1ª pessoa do singular possuirão, também, em todo o presente do subjuntivo.

PRESENTE DO INDICATIVO	PRESENTE DO SUBJUNTIVO
ouço	*ouç - a*
caibo	*caib - a*
meço	*meç - a*

São exceções:

ser	*sou*	*seja*
estar	*estou*	*esteja*
ir	*vou*	*vá*
dar	*dou*	*dê*
haver	*hei*	*haja*
querer	*quero*	*queira*
saber	*sei*	*saiba*

7.3 Imperativo afirmativo

Derivado da 2ª pessoa do singular e da 2ª pessoa do plural sem o -s final.

amas	*amais*	*ama(tu)*	*amai(vós)*
vendes	*vendeis*	*vende(tu)*	*vendei(vós)*
partes	*partis*	*parte(tu)*	*parti(vós)*

Faz exceção:

ser	*sê(tu)*	*sede(vós)*

É apenas para as 2as pessoas que possui forma especial o imperativo em português, e, ainda assim, apenas para o imperativo afirmativo.

As demais pessoas, bem como todo o imperativo negativo (incluindo as 2as pessoas), são supridas pelo subjuntivo, que, como vimos há pouco (item 9.1), é tempo derivado, também, do presente do indicativo.

Imperativo afirmativo	Imperativo negativo
∅	*∅*
canta tu	*não cantes tu*
cante você	*não cante você*
cantemos nós	*não cantemos nós*

cantai vós	*não canteis vós*
cantem vocês	*não cantem vocês*

Assim, verbos que não possuam a 1ª pessoa do singular - os defectivos - não possuirão, consequentemente, nem o subjuntivo presente, nem, tampouco, qualquer forma de imperativo negativo.

7.4 Pretérito perfeito do indicativo

Origina:

7.5 Pretérito mais-que-perfeito do indicativo

É tempo derivado da 2ª pessoa do singular (ou 1ª pessoa do plural), retiradas, contudo, suas desinências.

Ilustraremos tal formação com os verbos *amar*, *ver* e *fazer*.

PRETÉRITO PERFEITO	MAIS-QUE-PERFEITO
am - e - i	
**am – a – (ste)*	*am - a – (ra) etc.*
am - a - mos	*am - a - ra etc.*

PRETÉRITO PERFEITO	MAIS-QUE-PERFEITO
vi	
**vi - ste*	*vi - ra etc.*
vi - mos	*vi - ra etc.*

PRETÉRITO PERFEITO	MAIS-QUE-PERFEITO
fiz	
**fiz - e - ste*	*fiz - e - ra etc.*
fiz - e - mos	*fiz - e - ra etc.*

7.6 Imperfeito do subjuntivo

Também derivado da 2ª pessoa do singular, retirando-se a desinência (-ste) e somando-se a desinência modo-temporal –SSE (e, a ela, as desinências número-pessoais comuns).

am - a - ste	*am - a - sse*
vi - ste	*vi - sse*

fiz - e - ste	*fiz - e - sse*

7.7 Futuro do subjuntivo

Igualmente da 2ª pessoa do singular proveniente, retirada, daí, a desinência **-ste**, somando-se, ao radical, a desinência -r.

am - a - ste	*am - a - r*
vi - ste	*vi - r*
fiz - e - ste	*fiz - e - r*

É falha comum supor que o futuro do subjuntivo seja sempre coincidente com o infinitivo (o que, de fato, é corriqueiro), cometendo-se dislates como: "**se eu o ver**"; "**se ele fazer**" etc. É um processo de analogia que pode resultar em terrível erro, como os acima cometidos.

Abaixo, damos quatro dos verbos escolhidos com a conjugação completa nos três tempos derivados do pretérito do indicativo.

Mais-que-perfeito

ama - ra	*vi - ra*	*fize - ra*
ama - ra - s	*vi - ra - s*	*fize - ra - s*
ama - ra	*vi - ra*	*fize - ra*
amá - ra – mos	*ví - ra - mos*	*fizé - ra - mos*
amá - re - is	*ví - re - is*	*fizé - re - is*
ama - ra - m	*vi - ra - m*	*fize - ra - m*

Imperfeito do subjuntivo

ama - sse	*vi - sse*	*fize - sse*
ama - sse - s	*vi - sse - s*	*fize - sse - s*
ama - sse	*vi - sse*	*fize - sse*
amá - sse - mos	*ví - sse - mos*	*fizé - sse - mos*
amá - sse - is	*ví - sse - is*	*fizé - sse - is*
ama - sse - m	*vi - sse - m*	*fize - sse - m*

Futuro do subjuntivo

ama - r	*vi - r*	*fize - r*
ama - r – es	*vi - r - es*	*fize - r - es*
ama - r	*vi - r*	*fize - r*
ama - r - mos	*vi - r - mos*	*fize - r - mos*
ama - r - des	*vi - r - des*	*fize - r - des*
ama - r - em	*vi - r - em*	*fize - r - em*

7.8 Infinitivo impessoal

Origina:

7.9 Futuro simples do presente do indicativo

Constrói-se tal tempo com o acréscimo puro e simples das terminações: *-ei, -ás, -á, -emos, -eis, -ão* (não estamos falando, aqui, de desinências, mas sim de *terminações*).

Amar (infinitivo impessoal): *amar – ei etc.*

7.10 Futuro simples do pretérito do indicativo

Também se agregarão, ao infinitivo impessoal, as terminações *-ia, -ias, -ia, -íamos, -íeis, -iam.*

Amar (infinitivo impessoal): *amar - ia etc.*

Observação:

Os verbos *dizer*, *fazer* e *trazer* possuem o chamado *morfema subtrativo* (*Apud* Horácio Rolim de Freitas) quando nos futuros simples (do presente e do pretérito) do indicativo.

Dessa forma, diremos:

dizer	*dir – ei*	*dir -ia*
fazer	*far – ei*	*far - ia*
trazer	*tra – ei*	*trar - ia*

7.11 Infinitivo pessoal (flexionado)

É formado com o acréscimo das terminações -es (para a 2ª pessoa do singular), -mos, -des e -em (para a 1ª, 2ª e 3ª pessoas do plural, respectivamente). Repare que tais desinências são as mesmas que se agregam à desinência **-r** que se junta ao radical para formar o *futuro do subjuntivo*. Vimos, contudo, ser este derivado do *perfeito do indicativo*, ponto vital de dissociação entre *infinitivo pessoal flexionado* e *futuro do subjuntivo*.

Amar *amares (tu)*
Fazer *fazeres/fizeres (tu)*

Observação:

Acatamos a possibilidade de haver infinitivo pessoal porém não flexionado. É o caso de "Vi-os roubar a casa", em que, a despeito de ter sujeito, o verbo "*roubar*" mantém-se como se fosse infinitivo impessoal, isto é, não flexionado.

7.12 Gerúndio

É formado por substituição do sufixo **-r** do infinitivo por sufixo -*ndo* , característico do gerúndio.
ama - r *ama - ndo*
vende - r *vende - ndo*
parti - r *parti – ndo*

Observação:

Por via de regra, o *particípio* é forma derivada do infinitivo impessoal, suprimindo-se, deste, o sufixo **-r**, acrescentando-se ao tema - que é o que restará - o sufixo de particípio -do.

Há, contudo, inúmeras ressalvas no que concerne à formação dos particípios.

A primeira delas está em que, por influxo fonético de vogal temática de 3ª conjugação, a da 2ª conjugação passa, também, a ser -i.
parti - r *parti - do*
vende – r *vendi - do*

Outra ressalva é o fato de que muitos particípios, como vimos, ao lado do regular acima apontado, possuem um irregular (q. r. item abundante).
Assim:
imprimi - r *imprimi - do / impresso*

Por fim, inúmeros verbos há que jamais conheceram o particípio regular, ou que, ainda que o tenham conhecido, não mais o aceitam atualmente, devendo ser ressaltados:

dizer	*dito*
escrever	*escrito*
fazer	*feito*
ver	*visto*
pôr	*posto*

abrir	*aberto*
cobrir	*coberto*
vir (e derivados)	*vindo*

Apêndice 1: lista de verbos abundantes

Comprazer / descomprazer:
Pretérito perfeito do indicativo:
1. comprazi, comprazeste, comprazeu, comprazemos, comprazestes, comprazeram.
2. comprouve, comprouveste, comprouve, comprouvemos, comprouvestes, comprouveram.

Pretérito imperfeito do subjuntivo:
1. comprazesse, comprazesses, comprazesse, comprazêssemos, comprazêsseis, comprazessem.
2. comprouvesse, comprouvesses, comprouvesse, comprouvéssemos, comprouvésseis, comprouvessem.

Pretérito mais-que-perfeito do indicativo:
1. comprazera, comprazeras, comprazera, comprazêramos, comprazêreis, comprazeram.
2. comprouvera, comprouveras, comprouvera, comprouvéramos, comprouvéreis, comprouveram.

Futuro do subjuntivo:
1. comprazer, comprazeres, comprazer, comprazermos, comprazerdes, comprazerem.
2. comprouver, comprouveres, comprouver, comprouvermos, comprouverdes, comprouverem.

Observação:

É claro que a forma regular do verbo (comprazi, comprazeste etc.), estando no pretérito perfeito do indicativo, que é tempo primitivo, há de gerar, nos seus tempos derivados, aqui, por sinal todos perfilados (pretérito imperfeito do subjuntivo, pretérito mais-que-perfeito do indicativo e futuro do subjuntivo), diversidade. Relevo especial a este último tempo e modo (futuro do subjuntivo), que, se seguir a "escolha" regular a que aludimos, ficará, como era de se prever, igual em tudo ao infinitivo pessoal flexionado (comprazer, comprazeres etc.), o que não ocorre caso seja escolhido o pretérito perfeito do indicativo "comprouve, comprouveste", ficando, pois (o futuro do subjuntivo), "comprouver, comprouveres etc.", havendo, aqui, divórcio com a forma do infinitivo pessoal flexionado, o que caracteriza os "irregulares fortes".

Construir / desconstruir / reconstruir / destruir

Presente do indicativo:
1. construo, constróis, constrói, construímos, construís, constroem.
2. construo, construis, construi, construímos, construís, construem.

Imperativo afirmativo:
1. constrói tu.
2. construi tu.

Os outros verbos terminados em -uir serão regulares: *instruo*, *instruis*, *influi; influo, influis, influi; contribuos, contribuis, contribui* etc.

Em *Sargento Getúlio*, de João Ubaldo Ribeiro, encontramos:

“Agora o que se *construi* é ele contra mim e até Amaro dá sua parte e depois fica com suas tiriricas (...)”.

O que nos lembra que aquilo que aparentemente é arcaísmo ou pedantismo pode ser, na verdade, herança de certa época de maior influxo da língua; isto se sente com muito rigor nos interiores, pois que a língua se mantém, aí, como que estreme de influências outras advindas quer de adequações tecnológicas, quer de estrangeirismos. Os grandes mestres, todos, vêm-nos alertando amiúde a esse respeito.

Entupir / desentupir
Presente do indicativo:
1. entupo, entopes, entope, entupimos, entupis, entopem.
2. entupo, entupes, entupe, entupimos, entupis, entupem.

Imperativo afirmativo:
1. entope tu.
2. entupe tu.

Haver
Presente do indicativo
1. hei, hás, há, havemos, haveis, hão.
2. hei, hás há, hemos, heis, hão.

Imperativo afirmativo
Não será abundante, como era de esperar: há tu, havei vós.

Observação:

Como já salientado alhures, o futuro simples do indicativo foi originariamente formado pelo modo volitivo – hei de beber, hás de beber etc., – havendo, mais tarde, paulatinamente, uma *gramaticalização* do verbo "haver" (isto é, passou a constituir mero morfema, passo além do estatuto de verbo auxiliar). Isto se deu, como se percebe da perfunctória leitura das duas possibilidades de conjugação do verbo "haver", com a segunda delas:

hei de beber > beber-hei > beberei (estaremos dispensando formas intermédias)
hás de beber > beber-hás > beberás etc.

Sente-se ainda a formação de origem quando se dão as mesóclises:

Beber-lhe-ei o conteúdo.
Beber-lhe-ás o conteúdo etc.

Semelhante evolução deu cabida ao futuro do pretérito do indicativo, ocorrendo, aí, contudo, a fim de se promover a gramaticalização, *contração* de algumas pessoas do verbo "haver" no pretérito imperfeito arcaico (cf.: *hia*, *hias* etc.).

Ir
Presente do indicativo:
1. vou, vais, vai, vamos, ides, vão.
2. vou, vais, vai, imos, ides, vão.

Em Gil Vicente encontramos: "Para onde *is*?" por "para onde *ides*". *Is* é forma antiga.

Querer
Presente do indicativo
1. quero, queres, quer, queremos, quereis, querem.
2. quero, queres, quere, queremos, quereis querem.

Não se usa o imperativo deste verbo.

Requerer
Presente do indicativo
1. requeiro, requeres, requer, requeremos, requereis, requerem.
2. requeiro, requeres, requere, requeremos, requereis, requerem.

Valer

Presente do indicativo
1. valho, vales, vale, valemos, valeis, valem.
2. valho, vales, val, valemos, valeis, valem.

Além desses, devemos mencionar os imperativos dos verbos com terminações em *-zer* e *-zir* (antes das quais deve vir *vogal*), que podem, na segunda pessoa do singular, apresentar a forma plena, com terminação *-e*, ou uma mais simples:

dize tu / diz tu
faze tu / faz tu
induze tu / induz tu
etc.

Apêndice 2: paradigmas das três conjugações simples

Primeira conjugação
Vogal temática -a-

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: amo, amas, ama, amamos, amais, amam
- Pretérito perfeito: amei, amaste, amou, amamos (amámos), amastes, amaram
- Pretérito imperfeito: amava, amavas, amava, amávamos, amáveis, amavam
- Pretérito mais-que-perfeito: amara, amaras, amara, amáramos, amáreis, amaram
- Futuro do presente: amarei, amarás, amará, amaremos, amareis, amarão
- Futuro do pretérito: amaria, amarias, amaria, amaríamos, amaríeis, amariam

Observação 1:

As formas compostas serão mostradas depois de estudadas as conjugações dos verbos auxiliares.

Observação 2:

É sempre prudente lembrar a neutralização entre a 3ª pessoa do plural do pretérito perfeito do indicativo e a mesma pessoa do mesmo número do pretérito mais-que-perfeito (*amaram*).

Observação 3:

Além da neutralização acima mencionada, deve-se tocar nesta questão ortográfica: tanto "amaram" quanto "amarão" (futuro do presente do indicativo) refletem, como diversas vezes salientado (q.v. capítulo de acentuação gráfica), o ditongo nasal /awN/. A forma -am, contudo (do pretérito perfeito e do mais-que-perfeito do indicativo) fica adstrita à forma rizotônica do verbo, isto é, àquela em que ela própria (-am) é átona (cf.: amaram), ao passo que a forma -ão será, ela, tônica, configurando, assim, forma arrizotônica do verbo (cf. amarão).

Já tivemos oportunidade de ilustrar o assunto com as grafias de Camões para solucionar este impasse: amárão (pretéritos) e amarão (futuro). Obviamente não apontamos o Poeta com intuito de se absorver, modernamente, aquela grafia apontada por ele, a qual, no entanto, permanece fortemente ilustrativa da evolução diacrônica da língua portuguesa.

Observação 4:

A atual ortografia da Língua Portuguesa permite o acento agudo na primeira pessoa do plural (NÓS) do pretérito perfeito do indicativo da primeira conjugação (nós amamos / amámos).

b) *Subjuntivo*

- Presente: ame, ames, ame, amemos, ameis, amem
- Pretérito imperfeito: amasse, amasses, amasse, amássemos, amásseis, amassem
- Futuro: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem

Observação:

Nos verbos regulares, o futuro simples do subjuntivo tem as mesmas desinências número-pessoais do infinitivo flexionado.

c) *Imperativo*

Afirmativo: ama (tu), ame (você), amemos (nós), amai (vós), amem (vocês)
Negativo: não ames (tu), não ame (você), não amemos (nós), não ameis (vós), não amem (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente impessoal: amar
- Presente pessoal conjugado: amar, amares, amar, amarmos, amardes, amarem.

Observação 1:

Adotamos a justa lição de Rocha Lima, de quem retiramos o termo "presente impessoal", a contrastá-lo com o "pretérito impessoal" *ter amado* que será mostrado nas conjugações dos tempos compostos, um pouco à frente.

Observação 2:

Além de pessoal é conjugado, coisas que nos parecem, definitivamente, distintas, pois que há, decerto, infinitivos pessoais (isto é, com sujeito pessoal) porém não flexionados, como dissermos algumas vezes: Vi-os *andar*. Por essa filosofia, deveríamos ter adotado a nomenclatura "infinitivo presente (pessoal ou não pessoal) não flexionado", o que nos divorciaria da nomenclatura que nos deu base, motivo por que não procedemos daquela forma. Bechara os nomeia de "infinitivo flexionado", "infinitivo não flexionado", e, ao que chamamos de "pretérito impessoal" e "pretérito pessoal flexionado" cama o Mestre "infinitivo não flexionado composto" e "infinitivo flexionado composto". Trata-se apenas de uma diferença de enfoque, pois que nomeamos as aludidas formas partindo, de uma certa forma, do *aspecto* preponderantemente passado (embora "passado" seja antes *tempo* do que *aspecto*).

b) *Gerúndio*:
amando

c) *Particípio*
amado

Segunda conjugação

Vogal temática -e-

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: vendo, vendes, vende, vendemos, vendeis, vendem
- Pretérito perfeito: vendi, vendeste, vendeu, vendemos, vendestes, venderam
- Pretérito imperfeito: vendia, vendias, vendia, vendíamos, vendíeis, vendiam
- Pretérito mais-que-perfeito: vendera, venderas, vendera, vendêramos, vendêreis, venderam
- Futuro do presente: venderei, venderás, venderá, venderemos, vendereis, venderão
- Futuro do pretérito: venderia, venderias, venderia, venderíamos, venderíeis, venderiam

b) *Subjuntivo*
- Presente: venda, vendas, venda, vendamos, vendais, vendam
- Pretérito imperfeito: vendesse, vendesses, vendesse, vendêssemos, vendêsseis, vendessem
- Futuro: vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem

c) *Imperativo*
Afirmativo: vende (tu), venda (você), vendamos (nós), vendei (vós), vendam (vocês)
Negativo: não vendas (tu), não venda (você), não vendamos (nós), não vendais (vós), não vendam (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*
- Presente: vender
- Presente pessoal flexionado: vender, venderes, vender, vendermos, venderdes, venderem

b) *Gerúndio*
vendendo

c) *Particípio*
vendido

Pôr

I. Formas conjugadas

É verbo da segunda conjugação, embora modernamente não mais apresente a vogal temática -e- em todos os tempos e modos – por exemplo é este o caso do infinitivo (com efeito, trata-se do único infinitivo que se poderia chamar irregular). A vogal temática aparece, contudo, por exemplo, na segunda pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo (cf. puseste), e, por conseguinte, nas formas daí derivadas (cf. puser, pusera, pusesse). Também é ela que aparece nas formas do presente do indicativo *põe, pões, põem*. Há também resquício desta vogal temática -e- no que se chamou outrora particípio presente (cf. po-e-nte).

a) *Indicativo*

- Presente: ponho, pões, põe, pomos, pondes, põem
- Pretérito perfeito: pus, puseste, pôs, pusemos, pusestes, puseram
- Pretérito imperfeito: punha, punhas, punha, púnhamos, púnheis, punham
- Pretérito mais-que-perfeito: pusera, puseras, pusera, puséramos, puséreis, puseram
- Futuro do presente: porei, porás, porá, poremos, poreis, porão
- Futuro do pretérito: poria, porias, poria, poríamos, poríeis, poriam

b) *Subjuntivo*

- Presente: ponha, ponhas, ponha, ponhamos, ponhais, ponham
- Pretérito imperfeito: pusesse, pusesses, pusesses, puséssemos, pusésseis, pusessem
- Futuro: puser, puseres, puser, pusermos, puserdes, puserem

c) *Imperativo*

Afirmativo: põe (tu), ponha (você), ponhamos (nós), ponde (vós), ponham (vocês)
Negativo: não ponhas (tu), não ponha (você), não ponhamos (nós), não ponhais (vós), não ponham (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente: pôr
- Presente pessoal flexionado: pôr, pores, pôr, pormos, pordes, porem

b) *Gerúndio*

pondo

c) *Particípio*

posto

Terceira conjugação

Vogal temática -i-

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: parto, partes, parte, partimos, partis, partem
- Pretérito perfeito: parti, partiste, partiu, partimos, partistes, partiram

- Pretérito imperfeito: partia, partias, partia, partíamos, partíeis, partiam
- Pretérito mais-que-perfeito: partira, partiras, partira, partíramos, partíreis, partiram
- Futuro do presente: partirei, partirás, partirá, partiremos, partireis, partirão
- Futuro do pretérito: partiria, partirias, partiria, partiríamos, partiríeis, partiriam

b) *Subjuntivo*

- Presente: parta, partas, parta, partamos, partais, partam
- Pretérito imperfeito: partisse, partisses, partisse, partíssemos, partísseis, partissem
- Futuro: partir, partires, partir, partirmos, partirdes, partirem

c) *Imperativo*

Afirmativo: parte (tu), parta (você), partamos (nós), parti (vós), partam (vocês)
Negativo: não partas (tu), não parta (você), não partamos (nós), não partais (vós), não partam (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente: partir
- Presente pessoal flexionado: partir, partires, partir, partirmos, partirdes, partirem

b) *Gerúndio*

partindo

c) *Particípio*

partido

Apêndice 3: verbos auxiliares: (ter, haver, ser, estar)

Ter

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: tenho, tens, tem, temos, tendes, têm
- Pretérito perfeito: tive, tiveste, teve, tivemos, tivestes, tiveram
- Pretérito imperfeito: tinha, tinhas, tinha, tínhamos, tínheis, tinham
- Pretérito mais-que-perfeito: tivera, tiveras, tivera, tivéramos, tivéreis, tiveram

- Futuro simples: terei, terás, terá, teremos, tereis, terão
- Futuro do pretérito: teria, terias, teria, teríamos, teríeis, teriam

b) *Subjuntivo*
- Presente: tenha, tenhas, tenha, tenhamos, tenhais, tenham
- Pretérito imperfeito: tivesse, tivesses, tivesse, tivéssemos, tivésseis, tivessem
- Futuro: tiver, tiveres, tiver, tivermos, tiverdes, tiverem

c) *Imperativo*
Afirmativo: tem (tu), tenha (você), tenhamos (nós), tende (vós), tenham (vocês)
Negativo: não tenhas (tu), não tenha (você), não tenhamos (nós), não tenhais (vós), não tenham (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*
- Presente: ter
- Presente pessoal flexionado: ter, teres, ter, termos, terdes, terem

b) *Gerúndio*
tendo

c) *Particípio*
tido

Haver

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*
- Presente: hei, hás, há, havemos, haveis, hão
- Pretérito perfeito: houve, houveste, houve, houvemos, houvestes, houveram
- Pretérito imperfeito: havia, havias, havia, havíamos, havíeis, haviam
- Pretérito mais-que-perfeito: houvera, houveras, houvera, houvéramos, houvéreis, houveram
- Futuro simples: haverei, haverás, haverá, haveremos, havereis, haverão
- Futuro do pretérito: haveria, haverias, haveria, haveríamos, haveríeis, haveriam

b) *Subjuntivo*

- Presente: haja, hajas, haja, hajamos, hajais, hajam
- Pretérito imperfeito: houvesse, houvesses, houvesse, houvéssemos, houvésseis, houvessem
- Futuro: houver, houveres, houver, houvermos, houverdes, houverem

Observação:

Apenas a grafia do *h* etimológico define a diferença, no presente do subjuntivo, entre os verbos *haver* e *agir*.

c) *Imperativo*

Afirmativo: há (tu), haja (você), hajamos (nós), havei (vós), hajam (vocês)
Negativo: não hajas (tu), não haja (você), não hajamos (nós), não hajais (vós), não hajam (vocês)

Observação:

Modo muito pouco usado, sendo considerado, amiúde, não existente hodiernamente, embora *gramatical*.

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente: haver
- Presente pessoal flexionado: haver, haveres, haver, havermos, haverdes, haverem

b) *Gerúndio*

havendo

c) *Particípio*

havido

Ser

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: sou, és, é, somos, sois, são
- Pretérito perfeito: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
- Pretérito imperfeito: era, eras, era, éramos, éreis, eram
- Pretérito mais-que-perfeito: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
- Futuro simples: serei, serás será, seremos, sereis, serão
- Futuro do pretérito: seria, serias, seria, seríamos, seríeis, seriam

b) *Subjuntivo*

- Presente: seja, sejas, seja, sejamos, sejais, sejam
- Pretérito imperfeito: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
- Futuro: for, fores, for, formos, fordes, forem

c) *Imperativo*

Afirmativo: sê (tu), seja (você), sejamos (nós), sede (vós), sejam (vocês)
Negativo: não sejas (tu), não seja (você), não sejamos (nós), não sejais (vós), não sejam (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente: ser
- Presente pessoal flexionado: ser, seres, ser, sermos, serdes, serem

b) *Gerúndio*

sendo

c) *Particípio*

sido

Estar

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: estou, estás, está, estamos, estais, estão
- Pretérito perfeito: estive, estiveste, esteve, estivemos, estivestes, estiveram
- Pretérito imperfeito: estava, estavas, estava, estávamos, estáveis, estavam
- Pretérito mais-que-perfeito: estivera, estiveras, estivera, estivéramos, estivéreis, estiveram
- Futuro do presente: estarei, estarás, estará, estaremos, estareis, estarão
- Futuro do pretérito: estaria, estarias, estaria, estaríamos, estaríeis, estariam

b) *Subjuntivo*

- Presente: esteja, estejas, esteja, estejamos, estejais, estejam
- Pretérito imperfeito: estivesse, estivesses, estivesse, estivéssemos, estivésseis, estivessem
- Futuro: estiver, estiveres, estiver, estivermos, estiverdes, estiverem

c) *Imperativo*

Afirmativo: está (tu), esteja (você), estejamos (nós), estai (vós), estejam (vocês)
Negativo: não estejas (tu), não esteja (você), não estejamos (nós), não estejais (vós), não estejam (vocês)

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente: estar
- Presente pessoal flexionado: estar, estares, estar, estarmos, estardes, estarem

b) *Gerúndio*

estando

c) *Particípio*

estado

Apêndice 4: paradigmas das três conjugações compostas

Primeira conjugação

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *amado*, tens ou hás *amado*, tem ou há *amado*, temos ou havemos *amado*, tendes ou haveis *amado*, têm ou hão *amado*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *amado*, tinhas ou havias *amado*, tinha ou havia *amado*, tínhamos ou havíamos *amado*, tínheis ou havíeis *amado*, tinham ou haviam *amado*
- Futuro do presente: terei ou haverei *amado*, terás ou haverás *amado*, terá ou haverá *amado*, teremos ou haveremos *amado*, tereis ou havereis *amado*, terão ou haverão *amado*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *amado*, terias ou haverias *amado*, teria ou haveria *amado*, teríamos ou haveríamos *amado*,teríeis ou haveríeis *amado*, teriam ou haveriam *amado*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *amado*, tenhas ou hajas *amado*, tenha ou haja *amado*, tenhamos ou hajamos *amado*, tenhais ou hajais *amado*, tenham ou hajam *amado*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *amado*, tivesses ou houvesses *amado*, tivesse ou houvesse *amado*, tivéssemos ou houvéssemos *amado*, tivésseis ou houvésseis *amado*, tivessem ou houvessem *amado*
- Futuro: tiver ou houver *amado*, tiveres ou houveres *amado*, tiver ou houver *amado*, tivermos ou houvermos *amado*, tiverdes ou houverdes *amado*, tiverem ou houverem *amado*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *amado*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *amado*, teres ou haveres *amado*, ter ou haver *amado*, termos ou havermos *amado*, terdes ou haverdes *amado*, terem ou haverem *amado*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *amado*

Segunda conjugação

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *vendido*, tens ou hás *vendido*, tem ou há *vendido*, temos ou havemos *vendido*, tendes ou haveis *vendido*, têm ou hão *vendido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *vendido*, tinhas ou havias *vendido*, tinha ou havia *vendido*, tínhamos ou havíamos *vendido*, tínheis ou havíeis *vendido*, tinham ou haviam *vendido*
- Futuro do presente: terei ou haverei *vendido*, terás ou haverás *vendido*, terá ou haverá *vendido*, teremos ou haveremos *vendido*, tereis ou havereis *vendido*, terão ou haverão *vendido*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *vendido*, terias ou haverias *vendido*, teria ou haveria *vendido*, teríamos ou haveríamos *vendido*, teríeis ou haveríeis *vendido*, teriam ou haveriam *vendido*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *vendido*, tenhas ou hajas *vendido*, tenha ou haja *vendido*, tenhamos ou hajamos *vendido*, tenhais ou hajais *vendido*, tenham ou hajam *vendido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *vendido*, tivesses ou houvesses *vendido*, tivesses ou houvesse *vendido*, tivéssemos ou houvéssemos *vendido*, tivésseis ou houvésseis *vendido*, tivessem ou houvessem *vendido*
- Futuro: tiver ou houver *vendido*, tiveres ou houveres *vendido*, tiver ou houver *vendido*, tivermos ou houvermos *vendido*, tiverdes ou houverdes *vendido*, tiverem ou houverem *vendido*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *vendido*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *vendido*, teres ou haveres *vendido*, ter ou haver *vendido*, termos ou havermos *vendido*, terdes ou haverdes *vendido*, terem ou haverem *vendido*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *vendido*

Pôr

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *posto*, tens ou hás *posto*, tem ou há *posto*, temos ou havemos *posto*, tendes ou haveis *posto*, têm ou hão *posto*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *posto*, tinhas ou havias *posto*, tinha ou havia *posto*, tínhamos ou havíamos *posto*, tínheis ou havíeis *posto*, tinham ou haviam *posto*
- Futuro do presente: terei ou haverei *posto*, terás ou haverás *posto*, terá ou haverá *posto*, teremos ou haveremos *posto*, tereis ou havereis *posto*, terão ou haverão *posto*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *posto*, terias ou haverias *posto*, teria ou haveria *posto*, teríamos ou haveríamos *posto*, teríeis ou haveríeis *posto*, teriam ou haveriam *posto*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *posto*, tenhas ou hajas *posto*, tenha ou haja *posto*, tenhamos ou hajamos *posto*, tenhais ou hajais *posto*, tenham ou hajam *posto*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *posto*, tivesses ou houvesses *posto*, tivesse ou houvesse *posto*, tivéssemos ou houvéssemos *posto*, tivésseis ou houvésseis *posto*, tivessem ou houvessem *posto*
- Futuro: tiver ou houver *posto*, tiveres ou houveres *posto*, tiver ou houver *posto*, tivermos ou houvermos *posto*, tiverdes ou houverdes *posto*, tiverem ou houverem *posto*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *posto*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *posto* , teres ou haveres *posto* ,ter ou haver *posto*, termos ou havermos *posto* , terdes ou haverdes *posto* , terem ou haverem *posto*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *posto*

Terceira conjugação

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *partido*, tens ou hás *partido*, tem ou há *partido*, temos ou havemos *partido*, tendes ou haveis *partido*, têm ou hão *partido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *partido*, tinhas ou havias *partido*, tinha ou havia *partido*, tínhamos ou havíamos *partido*, tínheis ou havíeis *partido*, tinham ou haviam *partido*
- Futuro do presente: terei ou haverei *partido*, terás ou haverás *partido*, terá ou haverá *partido*, teremos ou haveremos *partido*, tereis ou havereis *partido*, terão ou haverão *partido*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *partido*, terias ou haverias *partido*, teria ou haveria *partido*, teríamos ou haveríamos *partido*, teríeis ou haveríeis *partido*, teriam ou haveriam *partido*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *partido*, tenhas ou hajas *partido*, tenha ou haja *partido*, tenhamos ou hajamos *partido*, tenhais ou hajais *partido*, tenham ou hajam *partido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *partido*, tivesses ou houvesses *partido*, tivesses ou houvesse *partido*, tivéssemos ou houvéssemos *partido*, tivésseis ou houvésseis *partido*, tivessem ou houvessem *partido*
- Futuro: tiver ou houver *partido*, tiveres ou houveres *partido*, tiver ou houver *partido*, tivermos ou houvermos *partido*, tiverdes ou houverdes *partido*, tiverem ou houverem *partido*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *partido*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *partido*, teres ou haveres *partido*, ter ou haver *partido*, termos ou havermos *partido*, terdes ou haverdes *partido*, terem ou haverem *partido*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *partido*

Apêndice 5: conjugação das formas compostas dos verbos auxiliares

Ter

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *tido*, tens ou hás *tido*, tem ou há *tido*, temos ou havemos *tido*, tendes ou haveis *tido*, têm ou hão *tido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *tido*, tinhas ou havias *tido* , tinha ou havia *tido*, tínhamos ou havíamos *tido*, tínheis ou havíeis *tido*, tinham ou haviam *tido*
- Futuro do presente: terei ou haverei *tido*, terás ou haverás *tido*, terá ou haverá *tido*, teremos ou haveremos *tido*, tereis ou havereis *tido*, terão ou haverão *tido*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *tido*, terias ou haverias *tido*, teria ou haveria *tido*, teríamos ou haveríamos *tido*, teríeis ou haveríeis *tido*, teriam ou haveriam *tido*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *tido*, tenhas ou hajas *tido*, tenha ou haja *tido*, tenhamos ou hajamos *tido*, tenhais ou hajais *tido*, tenham ou hajam *tido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *tido*, tivesses ou houvesses *tido*, tivesse ou houvesse *tido*, tivéssemos ou houvéssemos *tido*, tivésseis ou houvésseis *tido*, tivessem ou houvessem *tido*
- Futuro: tiver ou houver, tiveres ou houveres, tiver ou houver, tivermos ou houvermos, tiverdes ou houverdes, tiverem ou houverem

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *tido*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *tido*, teres ou haveres *tido*, ter ou haver *tido*, termos ou havermos *tido*, terdes ou haverdes *tido*, terem ou haverem *tido*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *tido*

Haver

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *havido*, tens ou hás *havido*, tem ou há *havido*, temos ou havemos *havido*, tendes ou haveis *havido*, têm ou hão *havido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *havido*, tinhas ou havias *havido*, tinha ou havia *havido*, tínhamos ou havíamos *havido*, tínheis ou havíeis *havido*, tinham ou haviam *havido*
- Futuro do presente: terei ou haverei *havido*, terás ou haverás *havido*, terá ou haverá *havido*, teremos ou haveremos *havido*, tereis ou havereis *havido*, terão ou haverão *havido*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *havido*, terias ou haverias *havido*, teria ou haveria *havido*, teríamos ou haveríamos *havido*, teríeis ou haveríeis *havido*, teriam ou haveriam *havido*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *havido*, tenhas ou hajas *havido*, tenha ou haja *havido*, tenhamos ou hajamos *havido*, tenhais ou hajais *havido*, tenham ou hajam *havido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *havido*, tivesses ou houvesses *havido*, tivesse ou houvesse *havido*, tivéssemos ou houvéssemos *havido*, tivésseis ou houvésseis *havido*, tivessem ou houvessem *havido*
- Futuro: tiver ou houver *havido*, tiveres ou houveres *havido*, tiver ou houver *havido*, tivermos ou houvermos *havido*, tiverdes ou houverdes *havido*, tiverem ou houverem *havido*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *havido*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *havido*, teres ou haveres *havido*, ter ou haver *havido*, termos ou havermos *havido*, terdes ou haverdes *havido*, terem ou haverem *havido*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *havido*

Ser

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *sido*, tens ou hás *sido*, tem ou há *sido*, temos ou havemos *sido*, tendes ou haveis *sido*, têm ou hão *sido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *sido*, tinhas ou havias *sido*, tinha ou havia *sido*, tínhamos ou havíamos *sido*, tínheis ou havíeis *sido*, tinham ou haviam *sido*
- Futuro do presente: terei ou haverei *sido*, terás ou haverás *sido*, terá ou haverá *sido*, teremos ou haveremos *sido*, tereis ou havereis *sido*, terão ou haverão *sido*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *sido*, terias ou haverias *sido*, teria ou haveria *sido*, teríamos ou haveríamos *sido*, teríeis ou haveríeis *sido*, teriam ou haveriam *sido*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *sido*, tenhas ou hajas *sido*, tenha ou haja *sido*, tenhamos ou hajamos *sido*, tenhais ou hajais *sido*, tenham ou hajam *sido*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *sido*, tivesses ou houvesses *sido*, tivesse ou houvesse *sido*, tivéssemos ou houvéssemos *sido*, tivésseis ou houvésseis *sido*, tivessem ou houvessem *sido*
- Futuro: tiver ou houver *sido*, tiveres ou houveres *sido*, tiver ou houver *sido*, tivermos ou houvermos *sido*, tiverdes ou houverdes *sido*, tiverem ou houverem *sido*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *sido*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *sido*, teres ou haveres *sido*, ter ou haver *sido*, termos ou havermos *sido*, terdes ou haverdes *sido*, terem ou haverem *sido*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *sido*

Estar

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *estado*, tens ou hás *estado*, tem ou há *estado*, temos ou havemos *estado*, tendes ou haveis *estado*, têm ou hão *estado*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *estado*, tinhas ou havias *estado*, tinha ou havia *estado*, tínhamos ou havíamos *estado*, tínheis ou havíeis *estado*, tinham ou haviam *estado*
- Futuro do presente: terei ou haverei *estado*, terás ou haverás *estado*, terá ou haverá *estado*, teremos ou haveremos *estado*, tereis ou havereis *estado*, terão ou haverão *estado*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *estado*, terias ou haverias *estado*, teria ou haveria *estado*, teríamos ou haveríamos *estado*, teríeis ou haveríeis *estado*, teriam ou haveriam *estado*

b) *Subjuntivo*

Pretérito perfeito: tenha ou haja *estado*, tenhas ou hajas *estado*, tenha ou haja *estado*, tenhamos ou hajamos *estado*, tenhais ou hajais *estado*, tenham ou hajam *estado*

Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *estado*, tivesses ou houvesses *estado*, tivesse ou houvesse *estado*, tivéssemos ou houvéssemos *estado*, tivésseis ou houvésseis *estado*, tivessem ou houvessem *estado*

Futuro: tiver ou houver *estado*, tiveres ou houveres *estado*, tiver ou houver *estado*, tivermos ou houvermos *estado*, tiverdes ou houverdes *estado*, tiverem ou houverem *estado*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Pretérito: ter ou haver *estado*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *estado*, teres ou haveres *estado*, ter ou haver *estado*, termos ou havermos *estado*, terdes ou haverdes *estado*, terem ou haverem *estado*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *estado*

Apêndice 6: conjugação de um verbo na voz passiva

O particípio concorda, nesta voz, em gênero e número com o sujeito paciente, o que dá ao verbo ainda maior característica nominal, pois que verbos conjugados (isto é, não nominais) não possuem gênero, categoria que se dispensa no português nesta circunstância.

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Presente: sou *amado*, és *amado*, é *amado*, somos *amados*, sois *amados*, são *amados*
- Pretérito perfeito: fui *amado*, foste *amado*, foi *amado*, fomos *amados*, fostes *amados*, foram *amados*
- Pretérito imperfeito: era *amado*, eras *amado*, era *amado*, éramos *amados*, éreis *amados*, eram *amados*
- Pretérito mais-que-perfeito: fora *amado*, foras *amado*, fora *amado*, fôramos, fôreis, foram
- Futuro simples: serei *amado*, serás *amado*, será *amado*, seremos, sereis, serão
- Futuro do pretérito: seria *amado*, serias *amado*, seria *amado*, seríamos *amados*, seríeis *amados*, seriam *amados*

Observação:

Pode ocorrer silepse de número aqui (SOIS AMADOS) se se quiser dar demonstração de respeito (*voseamento*). Assim, o particípio pode ser aqui de número singular: *sois amado* (ou *sois amada*).

b) *Subjuntivo*

- Presente: seja *amado*, sejas *amado*, seja *amado*, sejamos *amados*, sejais *amados*, sejam *amados*
- Pretérito imperfeito: fosse *amado*, fosses *amado*, fosse *amado*, fôssemos *amados*, fôsseis *amados*, fossem *amados*
- Futuro: for *amado*, fores *amado*, for *amado*, formos *amados*, fordes *amados*, forem *amados*

Observação:
Não há imperativo de voz passiva.

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*

- Presente: ser *amado*
- Presente pessoal flexionado: ser *amado*, seres *amado*, ser *amado*, sermos *amados*, serdes *amados*, serem *amados*

b) *Gerúndio*
sendo *amado*

c) *Particípio*
sido *amado*

Tempos compostos

I. Formas conjugadas

a) *Indicativo*

- Pretérito perfeito: tenho ou hei *sido amado*, tens ou hás *sido amado*, tem ou há *sido amado*, temos ou havemos *sido amados*, tendes ou haveis *sido amados*, têm ou hão *sido amados*
- Pretérito mais-que-perfeito: tinha ou havia *sido amado*, tinhas ou havias *sido amado*, tinha ou havia *sido amado*, tínhamos ou havíamos *sido amados*, tínheis ou havíeis *sido amados*, tinham ou haviam *sido amados*
- Futuro do presente: terei ou haverei *sido amado*, terás ou haverás *sido amado*, terá ou haverá *sido amado*, teremos ou haveremos *sido amados*, tereis ou havereis *sido amados*, terão ou haverão *sido amados*
- Futuro do pretérito: teria ou haveria *sido amado*, terias ou haverias *sido amado*, teria ou haveria *sido amado*, teríamos ou haveríamos *sido amados*, teríeis ou haveríeis *sido amados*, teriam ou haveriam *sido amados*

b) *Subjuntivo*

- Pretérito perfeito: tenha ou haja *sido amado*, tenhas ou hajas *sido amado*, tenha ou haja *sido amado*, tenhamos ou hajamos *sido amados*, tenhais ou hajais *sido amados*,tenham ou hajam *sido amados*
- Pretérito mais-que-perfeito: tivesse ou houvesse *sido amado*, tivesses ou houvesses *sido amado*, tivesse ou houvesse *sido amado*, tivéssemos ou houvéssemos *sido amados*, tivésseis ou houvésseis *sido amados*, tivessem ou houvessem *sido amados*

- Futuro: tiver ou houver *sido amado*, tiveres ou houveres *sido amado*, tiver ou houver *sido amado*, tivermos ou houvermos *sido amados*, tiverdes ou houverdes *sido amados*, tiverem ou houverem *sido amados*

II. Formas nominais

a) *Infinitivo*
- Pretérito: ter ou haver *sido amado*
- Pretérito pessoal flexionado: ter ou haver *sido amado*, teres ou haveres *sido amado,* ter ou haver *sido amado*, termos ou havermos *sido amados*, terdes ou haverdes *sido amados,* terem ou haverem *sido amados*

b) *Gerúndio*

tendo ou havendo *sido amado*

Apêndice 7: conjugações de alguns verbos irregulares

1. *Dar*
- Presente do indicativo: dou, dás, dá, damos, dais, dão
- Pretérito perfeito do indicativo: dei, deste, deu, demos, destes, deram
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dera, deras, dera, déramos, déreis, deram
- Presente do subjuntivo: dê, dês, dê, demos (dêmos), deis, deem
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: desse, desses, desse, déssemos, désseis, dessem
- Futuro do subjuntivo: der, deres, der, dermos, derdes, derem

Observação:

No pretérito perfeito do indicativo, a atual ortografia portuguesa admite também o acento circunflexo no presente o subjuntivo, primeira pessoa do plural (dêmos), e abole o acento no hiato e-e.

2. *Estar*

Q.v. lista dos verbos auxiliares.

Conjugar-se-ão por *estar*: *sobestar e sobrestar*.

3. *Caber*
- Presente do indicativo: caibo, cabes, cabe, cabemos, cabeis, cabem
- Pretérito perfeito do indicativo: coube, coubeste, coube, coubemos, coubestes, couberam

- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: coubera, couberas, coubera, coubéramos, coubéreis, couberam
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: coubesse, coubesses, coubesse, coubéssemos, coubésseis, coubessem
- Futuro do subjuntivo: couber, couberes, couber, coubermos, couberdes, couberem

4. *Crer*
- Presente do indicativo: creio, crês, crê, cremos, credes, creem
- Pretérito perfeito do indicativo: cri, creste, creu, cremos, crestes, creram
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: cresse, cresses, cresse, crêssemos, crêsseis, cressem
- Futuro do subjuntivo: crer, creres, crer, crermos, crerdes, crerem
- Particípio: crido

5. *Dizer*
- Presente do indicativo: digo, dizes, diz, dizemos, dizeis, dizem
- Pretérito perfeito do indicativo: disse, disseste, disse, dissemos, dissestes, disseram
- Pretérito imperfeito do indicativo: dizia, dizias, dizia, dizíamos, dizíeis, diziam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: dissera, disseras, dissera, disséramos, disséreis, disseram
- Futuro do presente do indicativo: direi, dirás, dirá, diremos, direis, dirão
- Futuro do pretérito do indicativo: diria, dirias, diria, diríamos, diríeis, diriam
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: dissesse, dissesses, dissesse, disséssemos, dissésseis, dissessem
- Futuro do subjuntivo: disser, disseres, disser, dissermos, disserdes, disserem
- Particípio: dito

Pelo modelo de *dizer* se conjugarão *bendizer, condizer, contradizer, desdizer, maldizer, predizer.*

6. *Fazer*
- Presente do indicativo: faço, fazes, faz, fazemos, fazeis, fazem
- Pretérito perfeito do indicativo: fiz, fizeste, fez, fizemos, fizestes, fizeram
- Pretérito imperfeito do indicativo: fazia, fazias, fazia, fazíamos, fazíeis, faziam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fizera, fizeras, fizera, fizéramos, fizéreis, fizeram
- Futuro do presente do indicativo: farei, farás, fará, faremos, fareis, farão
- Futuro do pretérito do indicativo: farei, farias, faria, faríamos, faríeis, fariam
- Presente do subjuntivo:

- Pretérito imperfeito do subjuntivo: fizesse, fizesses, fizesse, fizéssemos, fizésseis, fizessem
- Futuro do subjuntivo: fizer, fizeres, fizer, fizermos, fizerdes, fizerem
- Particípio: feito

7. *Jazer*
   - Presente do indicativo: jazo, jazes, jaz, jazemos, jazeis, jazem
   - Pretérito perfeito do indicativo: jazi, jazeste, jazeu, jazemos, jazestes, jazeram
   - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: jazera, jazeras, jazera, jazêramos, jazêreis, jazeram
   - Pretérito imperfeito do subjuntivo: jazesse, jazesses, jazesse, jazêssemos, jazêsseis, jazessem
   - Futuro do subjuntivo: jazer, jazeres, jazer, jazermos, jazerdes, jazerem

   Conjuga-se *adjazer* por este modelo.

8. *Ler*
   - Presente do indicativo: leio, lês, lê, lemos, ledes, leem
   - Pretérito perfeito do indicativo: li, leste, leu, lemos, lestes, leram
   - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: lera, leras, lera, lêramos, lêreis, leram
   - Pretérito imperfeito do subjuntivo: lesse, lesses, lesse, lêssemos, lêsseis, lessem
   - Futuro do subjuntivo: ler, leres ler, lermos, lerdes, lerem
   - Particípio: lido

9. *Perder*
   - Presente do indicativo: perco, perdes, perde, perdemos, perdeis, perdem
   - Pretérito perfeito do indicativo: perdi, perdeste, perdeu, perdemos, perdestes, perderam
   - Pretérito imperfeito do indicativo: perdia, perdias, perdia, perdíamos, perdíeis, perdiam
   - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: perdera, perderas, perdera, perdêramos, perdêreis, perderam
   - Pretérito imperfeito do subjuntivo: perdesse, perdesses, perdesse, perdêssemos, perdêsseis, perdessem
   - Futuro do subjuntivo: perder, perderes, perder, perdermos, perderdes, perderem
10. *Poder*
   - Presente do indicativo: posso, podes, pode, podemos, podeis, podem
   - Pretérito perfeito do indicativo: pude, pudeste, pôde, pudemos, pudestes, puderam
   - Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pudera, puderas, pudera, pudéramos, pudéreis, puderam

- Pretérito imperfeito do subjuntivo: pudesse, pudesses, pudesse, pudéssemos, pudésseis, pudessem
- Futuro do subjuntivo: puder, puderes, puder, pudermos, puderdes, puderem
- Particípio: podido

11. *Prazer*

Conjuga-se como o verbo *aprazer*, de que é sinônimo. É, portanto, onipessoal – isto é, possui todas as pessoas conjugadas –, embora mais comum nas terceiras pessoas, singular e plural, o que lhe dá preponderância de verbo *unipessoal*.

- Presente do indicativo: prazo, prazes, praz, prazemos, prazeis, prazem
- Pretérito perfeito do indicativo: prouve, prouveste, prouve, prouvemos, prouvestes, prouveram
- Pretérito imperfeito do indicativo: prazia, prazias, prazia, prazíamos, prazíeis, praziam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: prouvera, prouveras, prouvera, prouvéramos, prouvéreis, prouveram
- Futuro do presente do indicativo: prazerei, prazerás, prazerá, prazeremos, prazereis, prazerão
- Futuro do pretérito do indicativo: prazeria, prazerias, prazeria, prazeríamos, prazeríeis, prazeriam
- Presente do subjuntivo: praza, prazas, praza, prazamos, prazais, prazam
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: prouvesse, prouvesses, prouvesse, prouvéssemos, prouvésseis, prouvessem
- Futuro do subjuntivo: prouver, prouveres, prouver, prouvermos, prouverdes, prouverem
- Particípio: prazido

Também se conjugam por este modelo *desprazer* e *dezaprazer*. Os verbos *comprazer* e *descomprazer*, além de serem também completos, apresentam abundância no pretérito perfeito do indicativo, o que lhes dá consequentemente abundância nos tempos daí derivados, quais sejam o mais-q.-perf. do ind., o fut. do subj. e o imperf. do subj. Q.v. capítulo de verbos abundantes.

Houvemos por bem trazer alguns exemplos literários:

"*Praza* aos céus que meu filho não sofra enquanto for pequenino." (C. Neto)
"*Praza* a Deus que não aconteça o mesmo no Jequitibá do Corcovado." (C. Neto)
"*Praza* ao Céu justo, e frio aos meus desejos, dar-te sempre o repouso apetecido" (Filinto Elísio)
"*Praz* ver todo o cítaro a ondear com buxais" (Castilho)
"*Praz*-me crer que este mundo em sua manhã cedo seria assim." (Castilho)

Observação:

Em primeira instância, podemos dizer que a existência do presente do subjuntivo, qual o é esta forma que aqui aparece, é indício da existência da primeira pessoa do presente do indicativo, de que é aquele derivado. No entanto, repare-se que, mesmo neste presente do subjuntivo de que se fala, estão os exemplos colacionados em terceira pessoa, e sempre com sujeitos oracionais, o que, de feito, consubstancia a tese do seguir este verbo principalmente a unipessoalidade. Ademais, há outros verbos – como os que indicam vozes de animais – que, a par de possuírem subjuntivo presente (cf. “Espero que o cão não *lata*, que a cigarra não *estridule* a noite toda”), continuam sem possuir, ao menos realmente, a primeira pessoa do singular do presente do indicativo. Nestes verbos (e quiçá mesmo no verbo *prazer*), pode-se falar, então, em primeiras (e talvez segundas) pessoas *virtuais*, que, se não existem, o é mais por força de hábito ou de cultura (pois que, p. ex., não se atribuem vozes de animais à própria pessoa que fala, tampouco à pessoa com quem se fala) do que propriamente por fatores impeditivos de âmbito e cunho gramatical. Podemos, ainda, lembrar verbos que representam exceção quanto a esta lei de derivação aqui invocada (1. pessoa do sing. do pres. do ind. > pres. do subj.): verbos como *saber* (cf. sei / saiba), *querer* (quero / queira) etc.

12. *Querer*

- Presente do indicativo: quero, queres, quer, queremos, quereis, querem
- Pretérito perfeito do indicativo: quis, quiseste, quis, quisemos, quisestes, quiseram
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: quisera, quisera, quisera, quiséramos, quiséreis, quiseram
- Presente do subjuntivo: queira, queiras, queira, queiramos, queirais, queiram
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: quisesse, quisesses, quisesse, quiséssemos, quisésseis, quisessem
- Futuro do subjuntivo: quiser, quiseres, quiser, quisermos, quiserdes, quiserem
- Particípio: querido

13. *Requerer*

- Presente do indicativo: requeiro, requeres, requer (ou requere), requeremos, requereis, requerem
- Pretérito perfeito do indicativo: requeri, requereste, requereu, requeremos, requerestes, requereram
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: requerera, requereras, requerera, requerêramos, requerêreis, requereram
- Presente do subjuntivo: requeira, requeiras, requeira, requeiramos, requeirais, requeiram

- Pretérito imperfeito do subjuntivo: requeresse, requeresses, requeresse, requerêssemos, requerêsseis, requeressem
- Futuro do subjuntivo: requerer, requereres, requerer, requerermos, requererdes, requererem
- Particípio: requerido

14. *Saber*

- Presente do indicativo: sei, sabes, sabe, sabemos, sabeis, sabem
- Pretérito perfeito do indicativo: soube, soubeste, soube, soubemos, soubestes, souberam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: soubera, souberas, soubera, soubéramos, soubéreis, souberam
- Presente do subjuntivo: saiba, saibas, saiba, saibamos, saibais, saibam
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: soubesse, soubesses, soubesse, soubéssemos, soubésseis, soubessem
- Futuro do subjuntivo: souber, souberes, souber, soubermos, souberdes, souberem
- Particípio: sabido

15. *Trazer*

- Presente do indicativo: trago, trazes, traz, trazemos, trazeis, trazem
- Pretérito perfeito do indicativo: trouxe, trouxeste, trouxe, trouxemos, trouxestes, trouxeram
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: trouxera, trouxeras, trouxera, trouxéramos, trouxéreis, trouxeram
- Futuro do presente do indicativo: trarei, trarás, trará, traremos, trareis, trarão
- Futuro do pretérito do indicativo: traria, trarias, traria, traríamos, traríeis, trariam
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: trouxesse, trouxesses, trouxesse, trouxéssemos, trouxésseis, trouxessem
- Futuro do subjuntivo: trouxer, trouxeres, trouxer, trouxermos, trouxerdes, trouxerem

16. *Valer*

- Presente do indicativo: valho, vales, vale (val), valemos, valeis, valem
- Presente do subjuntivo: valha, valhas, valha, valhamos, valhais, valham
- Por *valer* se conjugam seus derivados vocabulares *desvaler* e *equivaler*.

17. *Ver*

- Presente do indicativo: vejo, vês, vê, vemos, vedes, veem
- Pretérito perfeito do indicativo: vi, viste, viu, vimos, vistes, viram

- Pretérito imperfeito do indicativo: via, vias, via, víamos, víeis, viam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: vira, viras, vira, víramos, víreis, viram
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: visse, visses, visse, víssemos, vísseis, vissem
- Futuro do subjuntivo: vir, vires, vir, virmos, virdes, virem
- Particípio: visto

Observação 1:

Por este modelo se conjugam *antever*, *entrever*, *prever* e *rever*.
Precaver-se e reaver não seguem o modelo de *ver*, pois são verbos defectivos (além de *reaver* ser derivado de *haver*). Q,v. capítulo de verbos defectivos.

Observação 2:

Prover e *desprover* se conjugam também por *ver*, exceto no pretérito perfeito do indicativo e, consequentemente, em seus derivados, além de ter particípio regular.

18. *Prover*
- Pretérito perfeito do indicativo: provi, proveste, proveu, provemos, provestes, proveram
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: provera, proveras, provera, provêramos, provêreis, proveram
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: provesse, provesses, provesse, provêssemos, provêsseis, provessem
- Futuro do subjuntivo: prover, proveres, prover, provermos, proverdes, proverem
- Particípio: provido

19. *Cobrir*
- Presente do indicativo: cubro, cobres, cobre, cobrimos, cobris, cobrem
- Pretérito perfeito do indicativo: cobri, cobriste, cobriu, cobrimos, cobristes, cobriram
- Presente do subjuntivo: cubra, cubras, cubra, cubramos, cubrais, cubram
- Particípio: coberto

Por este modelo se conjugam *encobrir* e *recobrir.* Além desses, *dormir* e *tossir*, ambos de particípio regular.

20. *Cair*
- Presente do indicativo: caio, cais, cai, caímos, caís, caem
- Pretérito perfeito do indicativo: caiu, caíste, caiu, caímos, caístes, caíram

- Pretérito imperfeito do indicativo: caía, caías, caía, caíamos, caíeis, caíam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: caíra, caíras, caíra, caíramos, caíreis, caíram
- Presente do subjuntivo: caia, caias, caia, caiamos, caiais, caiam
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: caísse, caísses, caísse, caíssemos, caísseis, caíssem
- Futuro do subjuntivo: cair, caíres, cair, cairmos, cairdes, caírem

Observação:
Conjugam-se por este modelo *atrair, contrair, distrair, esvair, retrair, sair, subtrair* e *trair.*

21. *Frigir*

- Presente do indicativo: frijo, freges, frege, frigimos, frigis, fregem
- Pretérito perfeito do indicativo: frija, frijas, frija, frijamos, frijais, frijam
- Particípio: frigido

Observação:

É verbo abundante no particípio (q.v. capítulo de tais verbos), havendo, além do *frigido*, que se mostrou, o irregular *frito.*

22. *Ir*

- Presente do indicativo: vou, vais, vai, vamos (imos), ides, vão
- Pretérito perfeito do indicativo: fui, foste, foi, fomos, fostes, foram
- Pretérito imperfeito do indicativo: ia, ias, ia, íamos, íeis, iam
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: fora, foras, fora, fôramos, fôreis, foram
- Futuro do presente do indicativo: irei, irás, irá, iremos, ireis, irão
- Futuro do pretérito do indicativo: iria, irias, iria, iríamos, iríeis, iriam
- Presente do subjuntivo: vá, vás, vá, vamos, vades, vão
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: fosse, fosses, fosse, fôssemos, fôsseis, fossem
- Futuro do subjuntivo: for, fores, for, formos, fordes, forem
- Particípio: ido

23. *Medir*

- Presente do indicativo: meço, medes, mede, medimos, medis, medem
- Presente do subjuntivo: meça, meças, meça, meçamos, meçais, meçam

Assim se conjuga *desmedir*.

24. *Pedir*

- Presente do indicativo: peço, pedes, pede, pedimos, pedis, pedem
- Presente do subjuntivo: peça, peças, peça, peçamos, peçais, peçam

Observação:

Por este modelo se conjugam *desimpedir*, *despedir*, *expedir* e *impedir* ("que não são derivados de *pedir*", *apud* Bechara, 150).

25. *Ouvir*

- Presente do indicativo: ouço, ouves, ouve, ouvimos, ouvis, ouvem
- Presente do subjuntivo: ouça, ouças, ouça, ouçamos, ouçais, ouçam

26. *Polir*

- Presente do indicativo: pulo, pules, pule, polimos, polis, pulem
- Pretérito perfeito do indicativo: poli, poliste, poliu, polimos, polistes, poliram
- Presente do subjuntivo: pula, pulas, pula, pulamos, pulais, pulam
- Imperativo: pule (tu), pula (você), pulamos (nós), poli (vós), pulam (vocês)

Observação:
Por este modelo se conjuga *despolir* e *sortir*. Sobre este último, houvemos por bem conjugá-lo.

27. *Sortir*

Este verbo tem o significado de "abastecer" ou de "misturar". O seu parônimo *surtir* é regular: pres. ind.: surto, surtes, surte, surtimos, surtis, surtem / pres. do subj.: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam

- Presente do indicativo: surto, surtes, surte, sortimos, sortis, surtem
- Presente do subjuntivo: surta, surtas, surta, surtamos, surtais, surtam

28. *Progredir*

- Presente do indicativo: progrido, progrides, progride, progredimos, progredis, progridem
- Presente do subjuntivo: progrida, progridas, progrida, progridamos, progridais, progridam

Observação:
São conjugados por este modelo *agredir, cerzir, denegrir, prevenir, regredir* e *transgredir*.

29. *Rir*
- Presente do indicativo: rio, ris, ri, rimos, rides, riem
- Presente do subjuntivo: ria, rias, ria, riamos, riais, riam

Observação:
O verbo *sorrir* segue este modelo.

30. *Sentir*
- Presente do indicativo: sinto, sentes, sente, sentimos, sentis, sentem
- Presente do subjuntivo: sinta, sintas, sinta, sintamos, sintais, sintam

Observação:
Por este modelo se conjugam *consentir, desmentir, mentir, pressentir* e *ressentir*.

31. *Servir*
- Presente do indicativo: sirvo, serves, serve, servimos, servis, servem
- Presente do subjuntivo: sirva, sirvas, sirva, sirvamos, sirvais, sirvam

Observação:

Seguem este modelo os verbos *aderir, advertir, aferir, compelir, competir, concernir, conferir, conseguir, convergir, deferir, despir, digerir, divertir, expelir, impelir, inserir, perseguir, preferir, preterir, repelir, seguir, sugerir* e *vestir*, muitos dos quais considerados outrora (e ainda hodiernamente por alguns gramáticos) verbos defectivos (q.v. capítulo referente).

32. *Submergir*
- Presente do indicativo: submerjo, submerges, submerge, submergimos, submergis, submergem
- Presente do subjuntivo: submerja, submerjas, submerja, submerjamos, submerjais, submerjam

Observação:

Os verbos *aspergir, emergir* e *imergir* seguem o modelo de *submergir*. Q.v. capítulo dos verbos defectivos.

33. *Vir*

- Presente do indicativo: venho, vens, vem , vimos, vindes, vêm
- Pretérito perfeito do indicativo: vim, vieste, veio, viemos, viestes, vieram
- Pretérito imperfeito do indicativo: vinha, vinhas, vinha, vínhamos, vínheis, vinham
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: viera, vieras, viera, viéramos, viéreis, vieram
- Presente do subjuntivo: venha, venhas, venha, venhamos, venhais, venham
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: viesse, viesses, viesse, viéssemos, viésseis, viessem
- Futuro do subjuntivo: vier, vieres, vier, viermos, vierdes, vierem
- Particípio: vindo
- Gerúndio: vindo

Observação:
Seguem este modelo *advir, avir-se, convir, desavir-se, intervir, provir, sobrevir.*

Apêndice 8: verbo pôr conjugado com os pronomes oblíquos átonos o e a

Como se sabe, os pronomes oblíquos átonos *o* e *a* (com suas respectivas flexões de número) sofrem alterações fonéticas quando juntos a certas terminações verbais. Vale relembrá-las brevemente aqui:

1. Juntos a verbos cuja terminação for *r, s* e *z*, assumem os pronomes as formas *lo* e *la.*
2. Juntos a verbos de terminação em ditongo nasal, assumem a variante fonética *no* e *na*.

- Presente do indicativo: ponho-o, põe-lo, põe-no, pomo-lo, ponde-o, põem-no
- Pretérito perfeito do indicativo: pu-lo, puseste-o, pô-lo, pusemo-lo, puseste-lo, puseram-no
- Pretérito imperfeito do indicativo: punha-o, punha-lo, punha-o, púnhamo-lo, púnhei-lo, punham-no
- Pretérito mais-que-perfeito do indicativo: pusera-o, pusera-lo, pusera-o, puséramo-lo, pusérei-lo, puseram-no
- Futuro do presente do indicativo: pô-lo-ei, pô-lo-ás, pô-lo-á, pô-lo-emos, pô-lo-eis, pô-lo-ão
- Futuro do pretérito do indicativo: pô-lo-ia, pô-lo-ias, pô-lo-ia, pô-lo-íamos, pô-lo-íeis, pô-lo-iam
- Presente do subjuntivo: ponha-o, ponha-lo, ponha-o, ponhamo-lo, ponhai-lo, ponham-no
- Pretérito imperfeito do subjuntivo: pusesse-o, pusesse-lo, pusesse-o, puséssemo-lo, puséssei-lo, pusessem-no

- Futuro do subjuntivo: (não há aqui o pronome enclítico)
- Imperativo: põe-no (tu), ponha-o (você), ponde-o (vós), ponham-no (vocês)

Observação 1:

Embora haja, na verdade, contato com o ditongo nasal *–õe (PÕE)*, a alteração em *lo* se explica por terem sido levados em conta a grafia e o som originários do verbo, terminado em *-s*: *pões.* O confronto se dá ao se observar a terceira pessoa do singular, cuja terminação explícita, idêntica à da segunda pessoa do singular quando da adequação ao pronome enclítico (cf. *põe-*, *põe-*), recebe, contudo, pronome ajustado foneticamente de outra forma (como vimos, *-no*), pois que, assim como lá, ocorre, aqui, na 3ª pessoa do singular, adequação conforme ao som originário, em que há ditongo nasal.

Observação 2:

Q.v. capítulo de colocação pronominal. Constatar-se-á que o futuro do subjuntivo é forma de natureza intrínseca subordinada, o que o afasta da ênclise. Havemos de recordar, com efeito, que também os demais subjuntivos, por serem igualmente subordinados, em princípio se distanciam da ênclise. O imperfeito pode, por exemplo, vir em oração condicional (oração *subordinada*) porém justaposta (isto é, sem conectivo), aceitando, aqui, a ênclise: "Pusesse-lo aqui perto, pouparias tempo de ti mesmo" (i.e.: *se o pusesses* aqui perto, etc.).

Observação 3:

A segunda pessoa do singular no imperativo difere da mesma pessoa e número do presente do indicativo (q.v. nota 1). Sabemos que os imperativos afirmativos das segundas pessoas (singular e plural) são os únicos que possuem forma especial: a retirada da terminação *-s*. Dessa forma, a grafia originária do imperativo de 2. pess. sing. é *põe*, portadora de uma terminação em ditongo nasal, pedindo, pois, ao pronome, que se ajuste segundo as formas *no, na*. Daí: *põe-lo* , 2. pess. sing. pres. ind.; *põe-no,* 2. pess. sing. imp. af.

Apêndice 9: verbos terminados em -ear ou -iar

Os verbos terminados em *-ear* receberão, nas formas rizotônicas, *-i-* após o *-e-* do radical.

a) Damos, de exemplo, o verbo PENTEAR:
- Presente do indicativo: penteio, penteias, penteia, penteamos, penteais, penteiam
- Presente do subjuntivo: penteie, penteies, penteie, penteemos, penteeis, penteiem

- Imperativo afirmativo: penteia (tu), penteie (você), penteemos (nós), penteai (vós), penteiem (vocês)
- Imperativo negativo: não penteies (tu), não penteie (você), não penteemos (nós), não penteeis (vós), não penteiem (vocês)
- Gerúndio: penteando
- Particípio: penteado

Observação:

Por isso, o verbo *frear* terá particípio *freado* e gerúndio *freando*. O *-i-* após o radical não ocorre nas formas nominais, que são arrizotônicas.

Os verbos terminados em *-iar* são regulares.

b) Damos o verbo ANUNCIAR de modelo
- Presente do indicativo: anuncio, anuncias, anuncia, anunciamos, anunciais, anunciam
- Presente do subjuntivo: anuncie, anuncies, anuncie, anunciemos, anuncieis, anunciem
- Imperativo afirmativo: anuncia (tu), anuncie (você), anunciemos (nós), anunciai (vós), anunciem (vocês)
- Imperativo negativo: não anuncies (tu), não anuncie (você), não anunciemos (nós), não anuncieis (vós), não anunciem (vocês)
- Gerúndio: anunciando
- Particípio: anunciado

Fazem exceção a esta regra os verbos *mediar*, *ansiar*, *remediar*, *incendiar* e *odiar*, que, apesar de terminados em *-iar*, têm o ditongo fechado *-ei-* nas mesmas formas rizotônicas, comportando-se foneticamente, aí, como os verbos terminados em *-ear*.

Nas formas arrizotônicas (como a 1. e a 2. pessoa do plural), apresenta tão somente o *-i-* do radical.

Para ilustração e modelo, sugerimos o verbo *mediar*, devidamente conjugado abaixo onde haja o ditongo *-ei* de que se falou.

- Presente do indicativo: medeio, medeias, medeia, mediamos, mediais, medeiam
- Presente do subjuntivo: medeies, medeie, medeie, mediemos, medieis, medeiem
- Imperativo afirmativo: medeia (tu), medeie (você), mediemos (nós), mediai (vós), medeiem (vocês)
- Imperativo negativo: não medeies (tu), não medeie (você), não mediemos (nós), não medieis (vós), não medeiem (vocês)

- Gerúndio: mediando
- Particípio: mediado

Mobiliar, diferentemente do que se pode crer, é *rizotônico* nas três pessoas do singular e na terceira do plural do presente do indicativo e nas mesmas pessoas do mesmo tempo do modo subjuntivo, comportando-se, conforme se perceberá, como se fosse grafado *mobilhar*; grafia, por sinal, pelo que se disse (e se mostrará), mais ajustada à natureza conjugacional do verbo. Há a variante normativa *mobilar*, regular em todas as formas. Nos tempos e modos de que se tratou acima quanto a *mobiliar*, serão as conjugações:

- Presente do indicativo: mobílio, mobílias, mobília, mobiliamos, mobiliais, mobíliam
- Presente do subjuntivo: mobílie, mobílies, mobílie, mobiliemos, mobilieis, mobíliem

Apêndice 10: verbos com terminação -oar

Modelo: *Voar*

- Presente do indicativo: voo, voas, voa, voamos, voais, voam
- Presente do subjuntivo: voe, voes, voe, voemos, voeis, voem

Observação:
A nova ortografia retirou o acento circunflexo do hiato o-o (voo).

Apêndice 11: verbos com terminação -uar

São verbos com vogal temática -*a*-, assim como os terminados em -*oar*, tendo, como estes últimos, desinência modo-temporal de presente do subjuntivo -*e*-, ficando, assim, a terminação, naquele tempo e modo, -*ue*, jamais -*ui*:

Modelo: *Habituar*

- Presente do indicativo: habituo, habituas, habitua, habituamos, habituais, habituam
- Presente do subjuntivo: habitue, habitues, habitue, habituemos, habitueis, habituem

Averiguar
Presente do indicativo: averiguo, averiguas, averigua, averiguamos, averiguais, averiguam
Ou
Presente do indicativo: averíguo, averíguas, averígua, averiguamos, averiguais, averíguam

Presente do subjuntivo: averigue, averigues, averigue, averiguemos, averigueis, averiguem

Ou

Presente do subjuntivo: averígue, averígues, averígue, averiguemos, averigueis, averíguem

Observação 1:
Seguem este modelo os verbos *obliquar, apaziguar*.

Observação 2:
Tais verbos se modificaram após a reforma ortográfica ora vigente.

Apêndice 12: verbos com terminação -uir

A 2. e a 3. pessoa do singular do pres. do ind. têm terminação atual *-ui*, e não *-ue*. Apenas aparecerá a terminação *-ue* na 3ª pess. do pl. do pres. do ind., e, ainda assim, nasalizada.

Modelo: *Constituir*

- Presente do indicativo: constituo, constituis, constitui, constituímos, constituís, constituem
- Presente do subjuntivo: constitua, constituas, constitua, constituamos, constituais, constituam

Observação:

O verbo *arguir* passa a ser conjugado como CONSTITUIR, FLUIR etc. Lembramos que o U será SEMPRE pronunciado (semivogal):

- Presente do indicativo: arguo, arguis, argui, arguimos, arguís, arguem
- Pretérito perfeito do indicativo: arguí, arguíste, arguiu, arguímos, arguístes, arguiram
- Pretérito imperfeito do indicativo: arguía, arguías, arguía, arguíamos, arguíeis, arguíam
- Presente do subjuntivo: argua, arguas, argua, arguamos, arguais, arguam

Apêndice 13: verbos com hiatos a-u

Mantêm-se os hiatos:

Modelo: *Saudar*

- Presente do indicativo: saúdo, saúdas, saúda, saudamos, saudais, saúdam
- Presente do subjuntivo: saúde, saúdes, saúde, saudemos, saudeis, saúdem

Apêndice 14: verbos com ditongos fechados -ou- e -ei-

Mantêm-se fechados os ditongos, devendo-se evitar, num registro mais bem cuidado, as pronúncias do tipo "róbo", em vez de "roubo" (aproximando-se mais de um -ô-, de timbre fechado), "pósa", em vez de "pousa", "intéra", em vez de "inteira" etc. Parece, em muitos casos, que esta abertura de timbre nos verbos vem em proveito de se desfazer a polissemia que há em relação aos seus substantivos deverbais. Assim, diz-se "inteiro" para o adjetivo e "intéro" para o verbo, "beira" para o substantivo e "béra" para o verbo; e assim por diante. Reafirmamos que se deve evitar, contudo, embora, segundo nosso diagnóstico, repleta da melhor intenção, tal pronúncia de timbre aberto.

Modelo: *Pousar*

- Presente do indicativo: pouso, pousas, pousa, pousamos, pousais, pousam
- Presente do subjuntivo: pouse, pouses, pouse, pousemos, pouseis, pousem

Apêndice 15: verbos com encontros consonantais raros (-gn-, -pt-, -tm-)

Modelos: *dignar-se*, *pugnar*, *optar*, *ritmar*

Na pronúncia estendendo-se, não raro, à grafia poderá haver, dada a raridade de tais encontros consonantais em português, inserção indevida de vogal silábica -i-, formando-se, dessa maneira, estruturas silábicas mais consuetas na língua.

Tal inserção é, repita-se, errônea, e seu uso, oral ou gráfico, caracteriza anaptixe ou suarabácti, devendo, a todo o custo, ser evitada, bem como a recaída de um acento tônico sobre a sílaba em que, por suposição, haveria aquela vogal silábica de apoio.

Não se dirá, assim, por exemplo, "indiguíno-me", mas, sim, "indigno-me".

Conjugaremos os verbos modelares no presente do indicativo:

1. digno-me, dignas-te, digna-se, dignamo-nos, dignais-vos, dignam-se
2. pugno, pugnas, pugna, punamos, pugnai, pugnam
3. opto, optas, opta, optamos, optais, optam
4. ritmo, ritmas, ritma, ritmamos, ritmais, ritmam

Questões comentadas

01. (Analista Judiciário/Área Judiciária/TRT-9ª/FCC/2013) *Sem dúvida, os britânicos se viam como lutadores pela causa da liberdade contra a tirania ...*
    O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o verbo grifado acima está em:
    a) ... os próprios clichês o denunciam ...
    b) Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão ...
    c) O mito napoleônico baseia-se menos nos méritos de Napoleão ...
    d) ...exceto para os 250 mil franceses que não retornaram de suas guerras ..
    e) Ele destruíra apenas um coisa ...

Ambos os verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo. Gabarito: **B**.

02. (Analista Judiciário/Área Judiciária/TRT-9ª/FCC/2013) A frase em que todos os verbos estão corretamente flexionados é:
    a) Quando se pensa na história universal, nada parece tão disseminado no imaginário popular, sobretudo no ocidente, do que as imagens que adviram da Revolução Francesa de 1789.
    b) Quem se dispor a ler a obra seminal de Hobsbawm sobre as revoluções do final do século XVIII à primeira metade do XIX jamais protestará contra o tempo gasto e o esforço despendido.
    c) As reflexões sobre a Revolução Francesa de 1789 requerem muito cuidado para que não se perca de vista a complexidade que as afirmações categóricas tendem a desconsiderar.
    d) Os revolucionários de 1789 talvez não prevessem, ou sequer imaginassem, o impacto que o movimento iniciado na França teria na história de praticamente toda a humanidade.
    e) Se as pessoas não se desfazerem da imagem que cultivam de Napoleão, nunca deixarão de acreditar que o talento pessoal é o principal ou mesmo a único requisito para a obtenção do sucesso.

As flexões corretas seriam, respectivamente: advieram, dispuser, requerem, previssem e desfizerem. Gabarito: **C**.

03. (Médico do Trabalho Júnior/Transpetro/Cesgranrio/2012) A forma verbal em destaque está empregada de acordo com a norma-padrão em:
    a) O diretor foi **trago** ao auditório para uma reunião.
    b) O aluno foi **suspendido** por três dias pela direção da escola.
    c) O réu tinha sido **isento** da culpa, quando nova prova incriminatória o condenou.
    d) A autoridade havia **extinto** a lei, quando novo crime tornou a justificar o seu uso.

e) Pedro já tinha **pegado** os ingressos na recepção, quando soube que o espetáculo fora cancelado.

É preferível empregar a forma regular do particípio em locuções formadas pelo auxiliar ter ou haver. Gabarito: **E**.

04. (Nível Superior/BNDES/Cesgranrio/2013/Adaptada) O verbo *dispor*, no trecho "Outros elementos adentram o cenário brasileiro nas últimas décadas e dispõem a cidade como instância privada:", apresenta irregularidade na sua conjugação.
A sequência em que todos os verbos também são irregulares é:
a) crer, saber, exaltar
b) dizer, fazer, generalizar
c) opor, medir, vir
d) partir, trazer, ver
e) resultar, preferir, aderir

São irregulares os verbos que se distanciam do paradigma de sua conjugação: *opor – oponho*; *medir – meço*; *vir – venho*. Gabarito: **C**.

05. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TRT-9ª/FCC/2013) *Em seguida, publicaria, em dois exemplares da revista* Invenção, *alguns poemas ...*

Transpondo-se a frase acima para a voz passiva, a forma verbal resultante será:
a) seriam publicados.
b) havia publicado.
c) eram publicados.
d) viria a publicar.
e) seria publicado.

Forma-se a passiva pelo particípio do verbo principal, devidamente flexionado, junto a um auxiliar, normalmente o verbo *ser*, mantido no mesmo tempo e modo da ativa. Gabarito: **A**.

06. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TRT-9ª/FCC/2013) *além de poeta, traduzia...*
O verbo empregado nos mesmo tempo e modo que o grifado acima está em:
a) Em seguida, publicaria...
b) ... considerava que os grandes poetas...
c) Numa homenagem aos 80 anos de Edgard Braga, escreveu...
d) Paulo Leminski foi um escritor múltiplo...
e) ... Leminski é o nome mais representativo...

Ambos os verbos estão conjugados no pretérito imperfeito do indicativo. Gabarito: **B**.

07. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TRT-9ª/FCC/2013) O segmento em destaque nos versos acima transcritos equivale a: que eu
    a) estivesse.
    b) estava.
    c) estivera.
    d) esteja.
    e) estaria.

Deve-se empregar o verbo no presente do subjuntivo por se indicar um fato. Gabarito: **D**.

08. (Psicólogo/TJ-SP/Vunesp/2012) Observe o verbo destacado na frase – … as milícias, organizações criminosas lideradas por policiais e ex-policiais, **vêm** se alastrando no Rio de Janeiro. –, do qual derivam aqueles empregados nas alternativas, e assinale a que apresenta o verbo corretamente conjugado.
    a) O Ministério Público interviu na questão e denunciou os envolvidos no escândalo.
    b) Para que os litigantes não se desavissem, foi proposto um acordo.
    c) Os problemas que adviram da greve ainda não estão superados.
    d) As autoridades só agirão se lhes convir fazê-lo.
    e) Se o problema proviesse do sistema informatizado, seria fácil resolvê-lo.

Deve-se seguir o mesmo padrão de conjugação do verbo vir, portanto o correto seria, respectivamente: *interveio*, *desaviessem*, *advieram*, *convier* e *proviesse*. Gabarito: **E**.

09. (Psicólogo/TJ-SP/Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que todos os verbos estão conjugados segundo a norma-padrão.
    a) Só haverá acordo se nós propormos uma boa indenização.
    b) Perderam seus documentos durante a viagem, mas já os reaveram.
    c) Avisem-me, se vocês verem que estão ocorrendo conflitos.
    d) Absteu-se do álcool durante anos; agora, voltou ao vício.
    e) Antes do jantar, a criançada se entretinha com jogos eletrônicos.

As flexões corretas seriam, respectivamente: *propusermos*, *reouveram*, *virem*, *absteve-se* e *entretinha*. Gabarito: **E**.

10. (Assistente Administrativo/FBN/FGV/2013) Os verbos de estado podem significar estado permanente, estado transitório, mudança de estado, aparência de estado e continuidade de estado. Assinale a alternativa em que o valor dado ao verbo sublinhado está incorreto.
    a) “Na mesma rua que hoje virou um grande corredor de corrida de carros cada vez mais vorazes de velocidade, ...” / mudança de estado.
    b) “Eu, já leitora voraz, assim como os carros nas ruas por velocidade, fiquei encantada”/ continuidade de estado.
    c) “E criei a Bisbilhoteca, que é a minha leitura da Franco Giglio...” / estado permanente.
    d) “Aquela pequena casinha que parecia antiga, amarelinha...” / aparência de estado.

O verbo *ficar*, neste caso, significa mudança de estado. Gabarito: **B**.

11. (Assistente Administrativo/FBN/FGV/2013) “Nessa rua brincávamos com os vizinhos, corríamos e apertávamos campainha.” O emprego do pretérito imperfeito do indicativo nesses casos mostra ações que
    a) ocorreram antes de outras ações passadas.
    b) foram interrompidas por outras ações.
    c) se passaram na dependência de outras ações.
    d) aconteciam de forma habitual no passado.

O pretérito imperfeito, por indicar uma ação que não foi completamente concluída no passado, denota uma ideia de continuidade. Gabarito: **D**.

12. (Assistente Administrativo/FBN/FGV/2013) “...trazendo crianças e suas famílias <u>para desfrutarem</u> do que jamais poderiam ter em casa...”. O segmento sublinhado apresenta uma forma reduzida (infinitivo). A sua forma desenvolvida adequada é
    a) para que desfrutassem.
    b) para que desfrutaram.
    c) para que desfrutem.
    d) para que desfrutariam.

Deve-se empregar o imperfeito do subjuntivo para que haja correlação com o verbo da oração seguinte, que está no futuro do pretérito. Gabarito: **A**.

13. (Técnico Administrativo/DPE-SC/Fepese/2013) Observe o texto:
    “Se ao menos ___________ o temporal que viria!
    Não foi sensato, porém, não se _____________ e ____________ na decisão a ser tomada para a abertura daquela rodovia.”

Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto.

a) revisse; conteve; interviu
b) prevesse; conteve; interviu
c) previsse; continha; interviu
d) previsse; conteve; interveio
e) prevesse; continha; enterveio

A conjugação deverá ser feita de modo análogo aos verbos *ver*, *ter* e *vir*, porém acrescidos dos prefixos "pre-", "con-" e "inter-". Gabarito: **D**.

14. (Assistente Administrativo/EPE/Cesgranrio/2012/Adaptada) No trecho abaixo, as formas verbais destacadas estão correlacionadas.

"Mudanças estruturais e na ordem do pensamento **são** fundamentais para que, se não garantida, a sustentabilidade **seja** ao menos possível".

Ao substituir a forma verbal **são** por **seriam** para expressar uma hipótese, a frase deve ser modificada, de acordo com a norma-padrão, para:

a) Mudanças estruturais e na ordem do pensamento **seriam** fundamentais para que, se não garantida, a sustentabilidade **era** ao menos possível.
b) Mudanças estruturais e na ordem do pensamento **seriam** fundamentais para que, se não garantida, a sustentabilidade **for** ao menos possível.
c) Mudanças estruturais e na ordem do pensamento **seriam** fundamentais para que, se não garantida, a sustentabilidade **fosse** ao menos possível.
d) Mudanças estruturais e na ordem do pensamento **seriam** fundamentais para que, se não garantida, a sustentabilidade **será** ao menos possível.
e) Mudanças estruturais e na ordem do pensamento **seriam** fundamentais para que, se não garantida, a sustentabilidade **seria** ao menos possível.

Ao se empregar o futuro do pretérito do indicativo, o verbo seguinte ficará no imperfeito do subjuntivo para que haja devida correlação verbal. Gabarito: **C**.

15. (Médico/Psiquiatria/Sejus-ES/Vunesp/2012) Assinale a alternativa correta quanto à correlação entre os tempos verbais.

a) Se tivesse havido um problema mais propriamente teológico, ele teria sido comum às três religiões abraâmicas.
b) Assim, se os cristãos estiverem certos, judeus e muçulmanos estariam necessariamente em apuros.
c) Se houver um problema mais propriamente teológico, ele seria comum às três religiões abraâmicas.

d) Assim, se os cristãos tivessem estado certos, judeus e muçulmanos terão estado necessariamente em apuros.
e) Se tiver havido um problema mais propriamente teológico, ele teria sido comum às três religiões abraâmicas.

Ao se empregar o pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo, o verbo seguinte ficará no futuro do pretérito do indicativo para que haja a devida correlação verbal. Gabarito: **A**.

16. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Vunesp/2012) Na frase – … os níveis de pessoas sem emprego estão apresentando quedas sucessivas de 2005 para cá. –, a locução verbal em destaque expressa ação
a) concluída.
b) hipotética.
c) futura.
d) atemporal.
e) contínua.

Verbos como *estar*, *andar*, *ir* e *vir*, quando acompanhados de gerúndio, expressam ideia de ação contínua. Gabarito: **E**.

17. (Analista de Projetos/Jurídica/BRDE/AOCP/2012) Assinale a alternativa cuja sequência verbal destacada constitui um exemplo de tempo composto.
a) “Não estou afirmando que os poetas atuais são tradicionalistas”
b) “...um arquivo atemporal, ao qual recorre a produção poética para continuar proliferando”
c) “as formas poéticas deixaram de ser valores que cobram adesão à experiência histórica”
d) “Pode parecer um paradoxo que a poesia desse período, a mesma que tem continuidade”
e) “tenha passado a fazer um uso relutantemente crítico, ou acrítico, da tradição.

Tempo composto é uma locução verbal formada principalmente pelos auxiliares *ter* ou *haver* seguidos de um verbo principal no particípio. Gabarito: **E**.

18. (Auditor/Ciências da Computação/Pref. de Belo Horizonte/Fundep/2012/Adaptada) Desconsideradas eventuais alterações de sentido, assinale a alternativa em que a forma verbal entre colchetes pode substituir a expressão sublinhada, sem que se incorra em erro gramatical.
a) “A principal diferença entre nações bem-sucedidas e nações fracassadas pode ser encontrada na qualidade das instituições.” [PODEM SER ENCONTRADAS]
b) “[...] até menosprezado por ter, na impiedosa redução que se faz de ideias complexas com formulações simples [...]” [FAZEM]

c) “Essa combinação de fatores, que apareceu primeiramente na Inglaterra do século XVII, pressupõe maturidade coletiva.” [APARECERAM]
d) “[...] um em cada cinco países que adotaram o modelo político-econômico ocidental na década de 90 voltou ao autoritarismo a partir do ano 2000.” [VOLTARAM]

Expressões quantitativas indefinidas admitem concordância tanto com o núcleo semântico quanto com o núcleo sintático do sujeito. Gabarito: **C**.

19. (Advogado/Cedae-RJ/Ceperj/2012) Os verbos regulares são aqueles que apresentam radical invariável e suas terminações são coincidentes com a maioria dos verbos da mesma conjugação. A alternativa em que os verbos são regulares é:
a) “O que pode nos interessar é a frase emitida pela agência”
b) “Não sei se Lilia Cabral já fez publicidade de massa de rejunte”
c) “ninguém a quererá, ninguém dirá para ela ai se eu te pego!”
d) “Se não vier em roupa de gala, se não avançar no *red carpet*”
e) “para criar imagens conformes a ela e aos desejos que a habitam”

O radical dos verbos *criar* e *habitar* apresenta regularidade em todos os tempos verbais. Gabarito: **E**.

20. (Advogado Pleno/Administrativo/SPTrans/Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que as duas formas verbais expressam tempo equivalente.
a) Puseram; tivessem sido notificados.
b) Fez-se; recusava.
c) Tivera; haviam morrido.
d) Melhorarem; tivera tempo.
e) Designara; declarou.

O pretérito mais-que-perfeito possui o mesmo valor semântico que a perífrase formada pelo verbo ter no presente do indicativo junto ao particípio do verbo principal. Gabarito: **C**.

21. (Auxiliar de Administração/UFBA/2012/Adaptada) Na fala “Tem um canudo ali, nada até lá e suba.”, as formas verbais estão usadas corretamente, atendendo ao padrão culto escrito da língua.
( ) certo
( ) errado

Nada é imperativo afirmativo de segunda pessoa do singular, ao passo que suba é imperativo afirmativo da terceira pessoa do singular. Gabarito: **errado**.

22. (Soldado da Polícia Militar/PM-CE/Cespe/2012) Caso o verbo decidir seja suprimido da expressão “decidiram homenagear”, o verbo homenagear, que se conjuga pelo modelo de odiar deverá ser grafado homenagiaram.
    ( ) certo
    ( ) errado

A forma correta seria homenagearam. Gabarito: **errado**.

23. (Analista Judiciário/Área Judiciária/TST/FCC/2012) A forma destacada que apresenta o processo verbal em potência, aproximando-se, assim, do substantivo, é:
    a) Creio ser razoável perguntar...
    b) Há uma passagem...
    c) “Os historiadores quebram a cabeça procurando a melhor maneira de formular...”
    d) “... que eram, à época, o núcleo do capitalismo mundial.”
    e) “Definir a diferença entre partes avançadas e atrasadas...”

O processo verbal em potência é expresso pela forma infinitiva do verbo. Gabarito: **C**.

24. (Técnico Judiciário/Segurança e Transporte/TRF-5ª/FCC/2012) Os verbos empregados nos mesmos tempo e modo estão agrupados em:
    a) foi - estava - adquiriu
    b) viviam - estava - torna
    c) pode - vivem - torna
    d) adquiriu - foi - pode
    e) apareceu - pode - eram

Os três verbos estão no presente do modo indicativo. Gabarito: **C**.

25. (Técnico de Suporte e Comunicação-TI/Degase/Ceperj/2012) O exemplo do texto que apresenta um verbo que se encontra no singular por ser considerado impessoal é:
    a) “a velha não tem tela plana”
    b) “ele estava desempregado outra vez”
    c) “está em casa há quatro meses”
    d) “Essa atitude otimista acontece”
    e) “ela nasce de um incompreensível otimismo”

O verbo *haver* é impessoal quando empregado na terceira pessoa do singular. Gabarito: **C**.

26. (Promotor de Justiça/MPE-AP/FCC/2012) ...*não disponham de nenhum remédio*...

O verbo empregado nos mesmos tempo e modo que o grifado acima está em:

a) ... derrubam árvores e construções...
b) ... nas coisas que se viram...
c) ... quando vierem as cheias...
d) ... todos fogem diante dele...
e) ... eles escoem por um canal...

Ambos os verbos estão empregados no presente do subjuntivo. Gabarito: **E**.

27. (Engenheiro Agrônomo Júnior/Petrobras/Cesgranrio/2012) O seguinte verbo em destaque NÃO está conjugado de acordo com a norma-padrão;

a) Se essa tarefa não couber a ele, pedimos a outro.
b) Baniram os exercícios que não ajudavam a escrever bem.
c) Assim que dispormos do gabarito, saberemos o resultado.
d) Cremos em nossa capacidade para a realização da prova.
e) Todos líamos muito durante a época de escola.

"Assim que dispusermos do gabarito, saberemos o resultado". Emprega-se o futuro do subjuntivo quando o verbo correlacionado estiver no futuro do presente. Gabarito: **C**.

28. (Técnico em Contabilidade/Procon-RJ/Ceperj/2012) Dentre os verbos irregulares há aqueles que apresentam alguma variação no radical, ou seja, na "base" da palavra.
Um exemplo de verbo irregular encontra-se no seguinte exemplo do texto:

a) "quem lhe escreve"
b) "vivi uma tremenda aventura"
c) "quanto tempo isso levaria"
d) "Éramos centenas ali"
e) "sempre falava nisso"

O verbo *ser* é anômalo, portanto também irregular, por não possuir paralelo paradigmático em sua conjugação. Gabarito: **D**.

Ah, o brasileiro mata e morre por uma frase.

Há um velho e obtuso preconceito segundo o qual todas as frases querem dizer alguma coisa. Nem sempre. Certas frases vivem, precisamente, de mistério e de suspense. A nitidez seria fatal. Escrevi isso para chegar a uma verdade eterna, ou seja: a pequena causa, ou o motivo irrelevante, pode produzir um grande efeito.

Não sei se vocês acompanharam, pelos jornais, o episódio do paletó. Era em Brasília. E para lá embarcou uma comissão dos "Cem mil" que ia avistar-se com o presidente Costa e Silva.

Um dos seus membros era meu amigo, que pôs o seu melhor terno e a sua melhor gravata. A comissão ia resolver problemas de alta transcendência, ia propor nobilíssimas e urgentíssimas reivindicações.

E lá chegam os intelectuais e estudantes. Entra a comissão e vem o assessor da presidência espavorido. Os dois estudantes não têm paletó, nem gravata. E, como o protocolo exigia uma coisa e outra, era preciso que ambos se compusessem.

Pode, não pode, e criou-se o impasse. O diabo é que o problema era aparentemente insolúvel. Felizmente, surgiu a ideia: — dois contínuos emprestariam tanto o paletó como a gravata. Mas os estudantes não aceitaram. Absolutamente. Queriam ser recebidos sem paletó e sem gravata. Outros assessores vieram. Discute daqui, dali. Apelos patéticos.

Vejam como um nada pode mudar a direção da História. De repente, os estudantes presos, o Calabouço, as Reformas, tudo, tudo passou para um plano secundário ou nulo. Os dois estudantes faziam pé firme. O paletó e a gravata eram agora “O inimigo”. Vesti-los seria a abjeção suprema, a humilhação total, a derrota irreversível.

O rádio e a TV pediam paletós e gravatas, assim como quem pede remédios salvadores. Paletós de luxo e gravatas de Paris, de Londres, de Berlim foram doados. Mas os dois permaneciam inexpugnáveis. Gravata, não! Paletó, jamais! O Poder os esperava e, dócil ao protocolo, de gravata e paletó.

Se um de nós por lá aparecesse, haveria de imaginar que tudo estava resolvido, e tinham sido atendidas as reivindicações específicas da classe. Claro! Uma vez que se discutiam paletós e gravatas, como se aquilo fosse uma assembleia acadêmica de alfaiates, a “Grande Causa” estava vitoriosa. Libertados os estudantes, aberto, e de par em par, o Calabouço, e substituída toda a estrutura do ensino. E continuava a “Resistência”, muito mais épica e muito mais obstinada do que a francesa na guerra. Até que, de repente, veio do alto a ordem: — “Manda entrar, mesmo sem paletó, mesmo sem gravata.” Era a vitória. E, por um momento, os presentes tiveram a vontade de cantar o Hino Nacional.

Nelson Rodrigues. A frase. In: *A cabra vadia – novas confissões*. Rio de Janeiro: Agir, 2007, p. 267-70 (com adaptações).

29. (Diplomata/1ª Etapa/Instituto Rio Branco/Cespe/2012) Considerando os aspectos linguísticos e estilísticos do texto, bem como a argumentação nele desenvolvida, julgue (C ou E) os próximos itens.
    No segundo e no quarto parágrafos do texto, emprega-se o presente do indicativo com a mesma finalidade: a de realçar fatos ocorridos no passado.
    ( ) certo
    ( ) errado

A finalidade no segundo e no quarto parágrafos foi, respectivamente, a enunciação de um fato atual, presente momentâneo, e a narração de fatos passados, presente histórico. Gabarito: **errado**.

30. (Escriturário/Banco do Brasil/Cesgranrio/2012) O verbo entre parênteses está conjugado de acordo com a norma-padrão em:

a) Desse jeito, ele fale a loja do pai. (falir)
b) O príncipe branda a sua espada às margens do rio. (brandir)
c) Os jardins florem na primavera. (florir)
d) Eu me precavejo dos resfriados com boa alimentação. (precaver)
e) Nós reouvemos os objetos roubados na rua. (reaver).

Comentário: O emprego correto do verbo *brandir* seria *brande*, e os demais defectivos não são conjugáveis nas pessoas em questão. Gabarito: **E**.

Capítulo 10 – Funções morfossintáticas do que *e* do *se*

1 Funções morfossintáticas do *se*

1.1 Partícula apassivadora ou pronome apassivador

Trata-se do SE usado junto a verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos.

A partícula apassivadora indica a voz passiva sintética ou pronominal. Dessa maneira, sempre terá sujeito, havendo concordância obrigatória com este sujeito.

Exemplo: Comprou-se uma casa. Compraram-se duas casas.
(sujeito) (sujeito)

Observação:

Esta partícula sempre terá sujeito, como se disse. Este sujeito poderá ser uma oração inteira (oração subordinada substantiva subjetiva):
Exemplo: Espera-se *que eles façam a tarefa*.
(sujeito oracional)

1.2 Índice de indeterminação do sujeito

Ocorre com as demais predicações verbais: VTI, VI, VL. O verbo fica sempre na 3ª pessoa do singular, já que o sujeito é indeterminado.

Exemplos: Precisa-se de operários.
Vai-se a Roma.
Era-se menos desconfiado antigamente.

Observação:

Há verbos transitivos indiretos que, excepcionalmente, aceitam voz passiva analítica: *perdoar*, *pagar*, *obedecer*, *desobedecer*, *aludir*, *responder*.

No entanto, quando usados com a partícula *se*, deve ser considerado um caso de *sujeito indeterminado*, sendo o *se*, portanto, *índice de indeterminação do sujeito*:
Exemplo:
As falhas foram perdoadas — *voz passiva analítica*
Perdoou-se às falhas — *sujeito indeterminado* (voz ativa)

Também os chamados objetos diretos preposicionados não aceitam, em tal circunstância, voz passiva sintética. Para que se obtenha esta, seria necessário, antes, retirar-se a preposição do objeto direto.

Ex.: Comi dos pães.
(O.D. prepos.)
Comeu-se dos pães — *sujeito indeterminado* (voz ativa)
Mas: Comi os pães — *voz ativa*
(O.D.)
Comeram-se os pães — *voz passiva sintética*
(sujeito)

1.3 Pronome reflexivo

Usado para formar a chamada voz reflexiva. Neste caso, terá função sintática. Pode, portanto, ser:

a) Sujeito: Ele permitiu-se comprar uma roupa nova.
b) Objeto direto: Ele se vestiu.
c) Objeto indireto: A menina se deu um carro de presente.

1.4 Conjunção subordinativa condicional

Usada para iniciar a oração subordinada adverbial condicional. Equivale à conjunção CASO:
Exemplo: Se quisermos, conseguiremos tudo.

1.5 Conjunção subordinativa integrante

Iniciará algumas orações subordinadas substantivas:
Exemplo: Quero saber se ela veio.
OR. SUB. SUBST. OBJ. DIR.
É preciso saber se ela veio.
OR. SUB. SUBST. SUBJETIVA

1.6 Parte integrante do verbo

Ocorre quando o verbo só pode ser, naquele contexto, conjugado com o pronome, ou quando o pronome faz com que o verbo mude de predicação. Assim, devemos estabelecer a distinção entre verbos essencialmente pronominais e verbos acidentalmente pronominais.
Exemplos:

Verbos essencialmente pronominais
Ele se queixou da prova.
Ela se orgulha de seu trabalho.
Os meninos se arrependeram do ato.
Ninguém mais se suicidará.

Verbos acidentalmente pronominais
Eles se esqueceram do assunto.
Os garotos se tornaram meus grandes amigos.

1.7 Partícula expletiva ou de realce

Ocorre com certas construções verbais em que a retirada do pronome *se* não acarretaria prejuízo do entendimento da frase. Nesses casos, portanto, a função do *se* será dar ênfase à ação verbal expressa.
Exemplos:
Lá se vai a minha tristeza.
As meninas riram-se muitíssimo.

1.8 Substantivo

Quando apresenta um determinante, podendo ser este um artigo, um pronome, um adjetivo etc. Aqui, é ideal que se grife a palavra, com algum recuso tipográfico (sublinhado, negrito, itálico, versais, versaletes), ou com as aspas:
Exemplos:
Este "se" nunca me agradou.
"Só dizer sim ou não, mas você adora um *se*..." (Djavan)

2 Funções morfossintáticas do *que*

2.1 Pronome relativo

Ocorre quando inicia oração subordinada adjetiva (podendo ser restritiva ou explicativa). É equivalente aos pronomes relativos *o qual*, *a qual*, *os quais*, *as quais*.
Exemplo: A menina que eu vi se chama Marta.

Observação:

A função sintática do pronome relativo QUE será achada se o substituirmos pelo termo antecedente e virmos qual a função sintática que tal termo exerceria na oração adjetiva (iniciada pelo pronome relativo em questão):
Exemplo: Este é o menino que encontrei. (Oração adjetiva)
[o menino]
Encontrei [o menino] — Objeto direto.

2.2 Pronome interrogativo

Usado em interrogações diretas (com ponto de interrogação) ou indiretas. Poderá, facultativamente, ser precedido de artigo definido ou de preposições, caso a regência do verbo da oração interrogativa em questão assim exija:
Exemplos:

Que será feito dessa moça? — Sujeito
Que roupa é aquela? — Adjunto adnominal
(O) que você quer comer agora? — Objeto direto
De (do) que você precisa? — objeto indireto (de que)
A que veio? — Adjunto adverbial de finalidade (a que)

2.3 Pronome indefinido

Estará sempre unido a um substantivo, que será o termo modificado, desempenhando o QUE, portanto, função equivalente à dos adjetivos. Equivale, no conjunto com o sintagma nominal em que estiver inserido, a uma verdadeira interjeição (palavra-frase):
Exemplos:

Que espetáculo!
Que coisa!

2.4 Advérbio de intensidade

Estará sempre modificando um adjetivo. Pode ser substituído por QUÃO.
Exemplo:

Que lindo dia está fazendo hoje!

2.5 Conjunção subordinativa consecutiva

Inicia as orações subordinadas adverbiais consecutivas (que exprimem consequência em relação à oração principal). Geralmente a oração principal desse tipo de período tem palavras de intensidade como *tão, tamanho, tal, tanto* etc.

Exemplo:

Ele estudou tanto, que tirou uma nota excelente (A vírgula é facultativa)

2.6 Conjunção subordinativa integrante

Usado no início das orações subordinadas substantivas. Pode ser precedido de preposição, caso exija a regência do verbo da oração principal (a preposição nestes casos é facultativa, não ocorrendo erro a sua ausência).

Exemplos:

Não quero que ela venha.
É necessário que eu estude mais ainda.
Preciso (de) que ele venha aqui.
Confio (em) que ele fará sua tarefa.

2.7 Conjunção subordinativa causal

Inicia oração subordinada adverbial causal. Equivale a PORQUE.

Exemplo:

Ficou em casa, que tinha de estudar.
Ficou em casa, porque tinha de estudar.

2.8 Conjunção subordinativa comparativa

Inicia orações subordinadas adverbiais comparativas (de superioridade ou de inferioridade). Terá, em sua oração, os advérbios MAIS ou MENOS. Pode ser precedia pela preposição DE, estando a preposição, neste caso, junto ao artigo definido O:

Exemplos:

Ela é mais confiável (do) que a mãe.
Ele é muito mais alto (do) que o pai.

Observação:

A oração adverbial comparativa tem verbo em elipse (zeugma), isto é, ocorre o verbo repetido da oração principal:

Ela é mais bonita (do) que a irmã [é bonita].
Ele é muito mais fiel (do) que o primo [é fiel].

2.9 Conjunção subordinativa concessiva

Introduz oração subordinada adverbial concessiva. Equivale a EMBORA:

Exemplo:

Amigo que fosse, não deixou de ter raiva do companheiro. (EMBORA fosse amigo...)

2.10 Conjunção subordinativa final

Inicia oração subordinada adverbial final. Equivale a PARA QUE:

Exemplo:

Faço votos que possamos passar em todas as provas da vida.

2.11 Conjunção coordenativa explicativa

Inicia oração coordenada sindética explicativa. Equivale a POIS:

Exemplo:

Deve estar chovendo, que ouço um barulho muito forte na janela.
Pare de correr, que assim não terá fôlego para chegar ao fim.

2.12 Conjunção coordenativa adversativa

Inicia oração coordenada sindética adversativa. Equivale a MAS.

Exemplo:

Pegue outros como exemplo, que não eu.

2.13 Interjeição

Usado com acento circunflexo e ponto de exclamação e/ou de interrogação:

Exemplo:

Quê?! Vocês tentaram aquilo?

2.14 Preposição acidental

Quando é usado como substituto da preposição DE na expressão TER DE:
Exemplo:
Tenho que prosseguir isto agora mesmo!

2.15 Partícula expletiva ou de realce

Quando puder ser retirado da frase sem prejuízo do entendimento desta. Alguns gramáticos chamam-no, neste caso, de QUE EXCESSIVO.
Exemplos:
O que que você quer?
Quando que eles vieram aqui?

Observação:

Segundo nosso entendimento, não devemos confundir este QUE com a expressão denotadora de realce É QUE (com possibilidades de flexão verbal nas categorias de número, pessoa, tempo e modo):
Exemplos:
Eu É QUE FALEI com ele.
FUI eu QUE falei com ele.
SEJAMOS nós QUE façamos este serviço.

2.16 Substantivo

Deverá ser acentuado graficamente. Equivale a "algo especial":
Exemplos:
"Meu bem-querer, tem um quê de pecado..." (Djavan)

"A peregrina carnação das formas,
— o sensual e límpido contorno,
Tinham esse quê de avérnico e de morno,
Davam a Zola as mais corretas normas!..."
(Cruz e Souza)

Observação 1:

Quando alvo de discussão gramatical, pode vir sem acento gráfico, sendo preferentemente grifado, a exemplo do que ocorreu com o SE na mesma condição morfossintática deste QUE:
Exemplo:
É preciso discutirmos mais o QUÊ como conjunção adverbial causal.

Observação 2:

Quando se refere à letra o alfabeto, receberá acento circunflexo:
Exemplo:
O quê é uma letra sempre presente em dígrafo.

Questões comentadas

01. (Médico do Trabalho Júnior/Transpetro/Cesgranrio/2012) De acordo com a norma-padrão, há indeterminação do sujeito em:
    a) Olharam-se com cumplicidade.
    b) Barbearam-se todos antes da festa.
    c) Trata-se de resolver questões econômicas.
    d) Vendem-se artigos de qualidade naquela loja.
    e) Compra-se muita mercadoria em época de festas.

Houve indeterminação do sujeito ao se empregar um verbo transitivo indireto na terceira pessoa do singular junto à partícula *se*. Gabarito: **C**.

02. (Médico Legista/PC-RO/Funcab/2012) No trecho, "Com gestos rápidos, ágeis, faz-SE a laçada [...]", o SE é classificado como:
    a) pronome apassivador.
    b) índice de indeterminação do sujeito.
    c) pronome reflexivo recíproco.
    d) conjunção subordinativa condicional.
    e) pronome relativo.

O verbo *fazer* é transitivo direto e concorda com o sujeito oracional, *a lançada*. Gabarito: **A**.

03. (Soldado da Polícia Militar/PM-SC/Funcab/2012) Quanto ao uso do SE, a norma culta NÃO admite uma das construções abaixo. Assinale-a.
    a) Recebem-se donativos.
    b) Aluga-se bicicleta.
    c) Não se vá tão cedo!
    d) Conserta-se instrumentos musicais.
    e) Vive-se bem nesta região.

"*Consertam-se* instrumentos musicais". Haverá concordância com o sujeito oracional, pois a partícula *se*, quando unida a um verbo transitivo direto, exerce função apassivadora. Gabarito: **D**.

04. (Agente Administrativo/PRF/Cespe/2012/Adaptada) Em "se possível", o termo "se" tem natureza condicional.
    ( ) certo
    ( ) errado

Trata-se de uma conjunção subordinativa condicional. Equivale a *caso possível*. Gabarito: **certo**.

05. (Advogado Júnior/Innova/Cesgranrio/2012/Adaptada) O pronome **se**, em relação ao verbo, desempenha o mesmo papel que se verifica em “se indignar” em
   a) “trocavam-se”
   b) “inicia-se”
   c) “continua-se”
   d) “com que se escreve”
   e) “se lembre”

Em ambos os casos o *se* é um pronome reflexivo. Gabarito: **E**.

06. (Administrador/DPE-PR/PUC-PR/2012) Leia o seguinte trecho, destacado do texto de Felipe Pontes, e assinale a única assertiva **CORRETA**:

   “Se você comprou um celular ou um iPod de 1996 para cá, pode ter ajudado a financiar uma guerra civil. Desde essa data, o leste da República Democrática do Congo — região que abastece grandes empresas de eletrônicos com quatro minérios essenciais para o funcionamento de qualquer gadget — é tomado por alguns grupos armados rebeldes. Essas milícias, envolvidas num dos piores conflitos da nossa época, se sustentam com dinheiro do contrabando desses minerais.”

   a) Não é possível substituir os traços (travessões) que separam o trecho “região que abastece grandes empresas de eletrônicos com quatro minérios essenciais para o funcionamento de qualquer gadget” por parênteses, sem prejuízo do sentido original.
   b) Pode-se dizer que a primeira frase do parágrafo, iniciada com o “se” condicional, é bastante expressiva; não é errado supor, então, que ela foi utilizada pelo jornalista a fim de prender a atenção do leitor, supondo que ele, o leitor, pode ter comprado um celular ou um iPod e, com isso, pode ter ajudado a financiar um conflito armado.
   c) O primeiro período do parágrafo poderia ser reescrito da seguinte maneira, sem prejuízo do sentido original: “Se você comprou um celular ou um iPod, de 1996 para cá, certamente ajudou a financiar uma guerra civil.”
   d) O trecho “envolvidas num dos piores conflitos da nossa época” é um adjunto adverbial de tempo.
   e) O trecho “desde essa data” é um sujeito simples.

Orações iniciadas pela conjunção condicional *se* exprimem hipóteses que podem se realizar ou não na oração principal. Gabarito: **B**.

07. (Profissional Júnior/Liquigas/Cesgranrio/2012) A opção por uma linguagem informal, em algumas passagens do texto, permite jogos de palavras como o que se verifica no emprego de **Se** nas seguintes frases:
"**Se** o cinema está cheio, a gente senta na primeira fila e torce um pouco o pescoço."
"**Se** acostuma para evitar feridas, sangramentos."

Nos trechos acima, as palavras em destaque classificam-se, respectivamente, como
a) conjunção e pronome
b) conjunção e preposição
c) pronome e preposição
d) pronome e conjunção
e) conjunção e conjunção

O primeiro *se* é uma conjunção condicional e o segundo é um pronome reflexivo. Gabarito: **A**.

08. (Vestibular/Cev-Urca/2012/Adaptada) Observe o fragmento abaixo:
"...concluir-**se**-ia rapidamente que devia tratar-**se** de alguém vindo de Paris ou New York. Vangloriavam-**se**, do rio que cortava Matozinho."

O uso do pronome **se** encontra justificativa nas regras gramaticais do português padrão. Dadas as alternativas, a que não se justifica por essas regras é:
a) "Firmou-se no ramo de sacoleiro".
b) "De repente, deu-se a tragédia".
c) "Constatou-se o primeiro caso de dopping".
d) "Se acheguem à I Olimpíada de Matozinho!"
e) "Dir-se-ia que os caminhos do humano estão difíceis".

As regras gramaticais não admitem próclise em construções iniciadas por verbos. Gabarito: **D**.

09. (Técnico em Contabilidade/MPE-RO/Funcab/2012) Em relação ao SE em "(...) Se a mãe estivesse em casa, ela teria dado uma ideia (...)", é correto afirmar que, morfologicamente, o termo é:
a) uma conjunção subordinativa integrante, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada substantiva direta e a oração principal.
b) uma conjunção subordinativa adverbial condicional, ou seja, é elemento de ligação entre a oração subordinada adverbial condicional e a oração principal.
c) pronome reflexivo, pois indica que a ação expressa volta-se sobre o próprio sujeito da ação verbal, nele se refletindo.

d) índice de indeterminação do sujeito, porque serve para deixar indeterminado um sujeito de 3ª pessoa, junto ao verbo intransitivo.
e) pronome apassivador, porque associa-se ao verbo transitivo para garantir o sentido passivo pretendido para a voz verbal, ou seja, contribui para a caracterização da voz do verbo.

Chama-se de *conjunção subordinativa condicional* os termos conectivos introdutórios de uma oração subordinada adjetiva condicional. Gabarito: **B**.

10. (Contador/Prefeitura de Várzea Grande-MT/Funcab/2011) Em “A gente SE declara apaixonado porque está apaixonado ou pelo prazer de SE apaixonar?”, a palavra SE exerce, respectivamente, a função de:
a) partícula apassivadora – índice de indeterminação do sujeito.
b) pronome recíproco – índice de indeterminação do sujeito.
c) pronome integrante do verbo – pronome integrante do verbo.
d) índice de indeterminação do sujeito – pronome expletivo
e) pronome de realce – pronome integrante do verbo.

Os verbos *declarar* e *apaixonar*, enquanto pronominais, sempre exigirão um pronome fossilizado a eles como parte integrante de sua conjugação. Gabarito: **C**.

Capítulo 11 – Concordâncias

1 Concordância nominal

1.1 Vários adjetivos relacionados a um único substantivo

1.1.1 Adjetivo em função de adjunto adnominal

Observe a diferença:

1. As funções políticas e jurídicas são exercidas aqui.

Há, no caso, dois tipos distintos e inumeráveis de função: várias funções políticas e várias funções jurídicas.

No entanto, se se falar:

2. As funções política e jurídica são exercidas aqui.

Houve, então, apenas duas funções, numeradas e limitadas: uma política e uma jurídica – perfazendo tão somente duas funções.

Estudar-se-ão, neste capítulo, apenas as funções pertinentes ao caso 2, em que – como se observa – todos os adjetivos se referem às partes de um mesmo substantivo.

Exemplos:

“Adentrávamos com licenciosidade pelas terras italiana e suíça…” (C. Meireles)
“As autoridades civil e eclesiástica…” (C.C. Branco)
Conheço os povos carioca e paulista.
Falo as línguas inglesa, francesa e alemã.
Os navios russo e alemão chegaram.

Poder-se-ia dizer:

Conheço o povo carioca e o [povo] paulista.
Falo a língua inglesa, a [língua] francesa e a[língua] alemã.
O navio russo e o [navio] alemão chegaram.

Percebe-se que, após um substantivo no plural, poderá haver adjetivos no singular, desde que se refiram a partes daquele substantivo.

Observação:

Pode ser que os vários adjetivos referentes a um único substantivo não sejam partes deste substantivo, mas, sim, a sua designação totalizadora.

Assim:

- As funções políticas e jurídicas (como vimos, várias funções políticas e várias funções jurídicas).
- As funções política e jurídica (como vimos, uma função política e uma função jurídica).

Poder-se-ia, também, interpretar aquele primeiro caso como sendo as funções – ao mesmo tempo – políticas e jurídicas, em vez de serem funções separadas (mas políticas e jurídicas simultaneamente).

Para se desfazer tal ambiguidade, sugere-se a formação de um adjetivo único e composto, quando se puder fazê-lo.

Assim:

As funções político-jurídicas.

Aqui – não há dúvida –, as funções são de cunho político e jurídico simultaneamente. Não importa quantas funções há: todas serão igualmente político-jurídicas.

Ou ainda:

Os navios franco-alemães chegaram.

Observação:

Repare que a formação de um adjetivo composto requer o uso da língua e a forma reduzida do 1º adjetivo.

Tal redução, no caso dos adjetivos pátrios, dá-se mediante retomada etimológica do vocábulo (*vide* tabela 1); nos demais adjetivos, a redução ocorre levando tal adjetivo ao número singular e ao gênero masculino, invariavelmente.

Exemplos:

Albergues infanto-juvenis

Clínicas médico-cirúrgicas.

Tabela 1: Adjetivos pátrios que apresentam forma reduzida	
África: afro Alemanha: germano- ou teuto América: américo- Ásia: ásio- Austrália: austro- Bélgica: belgo- China: sino Dinamarca: dano- Espanha: hispano-	Europa: euro- Finlândia: fino- França: franco- Grécia: greco- Índia: indo- Inglaterra: anglo- Itália: ítalo- Japão: nipo- Portugal: luso-
Exemplos: Continente ásio-europeu ou Continente euro-asiático.	

1.2 Vários substantivos qualificados por um único adjetivo

1.2.1 Adjetivo em função de predicativo

1.2.1.1 Adjetivo posposto aos substantivos

Concordará em gênero e número com o substantivo a que se refere. Referindo-se a mais de um, irá para o plural e terá o gênero predominante: se os substantivos têm mesmo gênero, o adjetivo o terá; se os substantivos têm gênero diferente, o adjetivo será masculino.

Exemplos:

Júlio e Paula estão armados.
Mãe e filha permaneceram amigas.
O menino e a menina são culpados.

1.2.1.2 Adjetivo anteposto aos substantivos

Seguirá a mesma convenção apresentada no item 2.1.1 acima (relativo a "adjetivo posposto aos substantivos").

Exemplos:

Armados, entraram Júlio e Paula.
Eu julgava válidos o livro e o filme.
Chamei de lúcidos o filho e a mãe.

Observação:

Há, contudo, caso em que tal procedimento se torna desnecessário ou errôneo. Ei-lo.
O verbo "ser" precede o sujeito composto mas concorda apenas com o mais próximo (regra válida aos demais verbos de ligação ou aos verbos que permitem formação de predicado verbo-nominal).
Exemplo:

Era bonita a vila, os campos e os mares. (predicado nominal)
Mas: Eram bonitos a vila, os campos e os mares.
Saiu atarefado o filho e a mãe. (predicado verbo-nominal)
Mas: Saíram atarefados o filho e a mãe.
"Que te seja próprio o astro e a flor." (F. Espanca)

Nestes casos, o adjetivo e o verbo só concordarão com o substantivo mais próximo, embora ambos – adjetivo e verbo – refiram-se a todos os substantivos, obviamente.

1.2.2 Adjetivo em função de adjunto adnominal

1.2.2.1 Adjetivo posposto aos substantivos

Em havendo dois ou mais substantivos com um adjetivo posposto a eles, o adjetivo manterá gênero e número do último substantivo se só a ele se refere.
Exemplo:

A aluna e o aluno alto saíram.

Se, em vez disso, o adjetivo qualificar todos os substantivos, irá para o plural e terá o gênero predominante: se os substantivos têm o mesmo gênero, o adjetivo o terá; se os substantivos têm gêneros diferentes, o adjetivo será masculino.
Exemplos:

"Um Abelardo e uma Heloísa românticos." (C. Meireles)
Eu vi mãe e filha estabanadas.
Eu vi pai e filha estabanados.

Observação 1:

Se o último substantivo estiver no feminino plural, é comum a concordância do adjetivo apenas com tal substantivo, ainda que seja referente a todos os demais.
Exemplos:

Comprei carro, caminhão e motos amarelas.

“Fomes, sedes, frios, calmas ardentíssimas.”
“Estudo o idioma e as tradições portuguesas.” (Celso Cunha)

Observação 2:

Quando os substantivos forem sinônimos entre si, haverá – corriqueiramente – concordância do adjetivo apenas com o último dos substantivos, embora se relacione aos demais igualmente.
Exemplos:
Compilarei a língua, os falares e o idioma português.
“As maldições se cumpriram no povo e gente hebreia.” (Vieira)

Observação 3:

Quando os substantivos formam uma gradação (ascendência ou descendência de ideias).
Exemplos:
Um riso, um olhar, uma vontade suprema me pegaram.
“O seu zelo, a sua intervenção, a sua iniciativa valiosa…” (C. Góis)

Observação 4:

Todas essas intenções podem, caso haja impasse ou ambiguidade, seguir a regra principal, que não é invalidada.

Tais itens formam, apenas, um compêndio das formas mais usuais de se concordar um adjetivo com vários substantivos.

Assim como – infringindo por completo aquela regra – o adjetivo posposto a uma série de substantivos poderá, sempre, concordar apenas com o mais próximo estendendo-se a todos, desde que o entendimento por parte do leitor seja inequívoco.

1.2.2.2 Adjetivo anteposto aos substantivos

Regra: Se o adjetivo se antepuser a um grupo de substantivos, concordará – em regra – apenas com o mais próximo, ainda que se estenda aos demais.
Exemplos:
Morei em ameno vale e campina.
Morei em amenas campinas e vales.
Morei em amenos vales e campina.
Morei em amena campina e vales.
“Morno contorno e onda que enterneceu.” (G. de Almeida)

Exceção:

Se os substantivos forem nomes de parentesco ou nomes próprios, o adjetivo anteposto irá para o plural.

Vi os grandes Júlio e Alberto.
Conheci as alegres irmã e cunhada.

1.3 Casos especiais de concordância nominal

1. O sujeito é expresso por uma oração.

Nesse caso, o adjetivo – anteposto ou posposto, não importando – irá para o masculino singular (forma neutra).

Exemplos:

É adequado <u>fazer isto.</u>
Oração/Sujeito

Fazer isto é adequado.
Amar o próximo é preciso.
É proibido que eu saia.
Ler e escrever é preciso.

2. O sujeito é expresso por um substantivo generalizador.

Quando isso ocorre, o adjetivo, como no caso 1 acima, ficará no nome singular.

Exemplos:

Entrada é permitido/é proibido/é legalizado.

Contudo:

A entrada é permitida/é proibida/é legalizada.
Pesquisa é bom/é ótimo/é proveitoso.
A pesquisa é boa/é ótima/é proveitosa.

3. Eu mesma(o) / eu própria(o)

Em alguns casos, "mesmo" e "próprio" são pronomes demonstrativos (de reforço) e, assim, concordam em gênero e número com o nome substantivo.

Exemplos:

Eu própria fiz minha casa, disse Júlia.
Eu próprio sairei, disse Antônio.
Eu mesma saí, disse Júlia.
Eu mesmo saí, disse Antônio.

Observação 1:

Cuidado com a palavra “mesmo”: quando é uma palavra denotadora de inclusão, fica invariável, assim como ocorrerá com as palavras do caso 5 (adiante).

Mesmo Alice e Júlia saíram?
(Leia-se: Até Alice e Júlia saíram?)
Mesmo os atletas ficarão?
(Leia-se: Até os atletas ficarão?)

Observação 2:

Ainda relacionado à palavra “mesmo”, há casos em que poderá ser substituída pela expressão “de fato”; então, será invariável. (Masc./sing.)

Alice saiu mesmo? (de fato?)
Vocês vão mesmo à minha casa?

Assim, sempre que “mesmo” puder ser substituído por “próprio”, será pronome e, assim, concordará com a palavra substituída; se se substituir por “até” ou “de fato”, será *invariável*.

4. Meio / meia

• Como advérbio modificador de um adjetivo, “meio” fica invariável (masculino/singular).

Exemplos:

Ele está meio cansada.
Eles estão meio cansados.

• Como adjetivo modificador de um substantivo, “meio” concorda em gênero e número com o substantivo.

Exemplos:

Meia xícara de água.
Deixe de meias palavras.

• Como substantivo, indicando “forma”, “maneira”, “modo”, irá para o número que se quiser e será masculino.

Exemplos:

O meio de vida é este.
Qual o meio de chegar lá.
Estes são meus meios de transporte.

5. Afora / fora / exceto / menos / obstante / salvo / tirante

Há palavras que, embora oriundas de verbos, mudam de classe gramatical, ficando invariáveis.

A proveniência de tais palavras se dá, como em alguns dos casos acima, do particípio passado de verbos excetuar>exceto; salvar>salvo ou do particípio presente desses (tirando>tirante, obstando>obstante), sem contar aquelas que são advérbios.

O fato é que, por terem-se transformado em preposições acidentais ou palavras denotativas (não importando a sua derivação), tais palavras são *invariáveis*.

Exemplos:

Não obstante as leis, ficarão vocês aqui.
Exceto nós dois, todos foram.
Afora vocês duas, não há ninguém.
Salvo nós duas, todos ficarão.

Observação 1:

Atenção a este último exemplo: repare que, aí, “salvo” é preposição e, como se disse, permanece invariável. Contudo, “salvo” poderá ser adjetivo e variará conforme o nome qualificado.

Exemplos:

a) Salvo nós dois, todos foram à rua.
b) Nós dois estamos salvos
(adj.)
c) Salvas, as meninas agradeceram-me. – Isto é, as meninas estavam salvas.

Observação 2:

Atente para o seguinte. Embora sejam preposições (acidentais), as formas tratadas neste item pedem emprego de pronome reto, e não oblíquo, o que ocorre com as preposições.

Exemplos:

Entre mim e ti. - ou - Para mim
Prep. Obl. Obl. Prep. Obl.

Mas:

Exceto eu e tu. – ou – Menos eu.
Prep. Reto. Reto. Prep. Reto.

Observação 3:
A palavra “até” funciona, às vezes, como palavra denotadora de inclusão. Quando isso ocorre, o pronome empregado após o *reto* (como na *Observação* 2 acima), e não o *oblíquo* (este último ocorre se “até” for uma preposição essencial).

Exemplos:

Todos vieram até mim e ti.
(Prep. Obl. Obl.)

Todos ficaram, até eu e tu.
Reto. Reto
(inclusão)

6. Obrigada(o)

Esta forma é um adjetivo, que para agradecimento, é sinônima de “grata(o)”, “reconhecida(o)”; assim, deve concordar com o gênero de pessoa que fala.

Exemplos:

Ela disse: — Muito obrigada.
Ele disse: — Muito obrigado.
Elas disseram: — Muito obrigadas.

7. Meio-dia e meia / um copo e meio

Há, nos dois casos acima, elipse facilmente depreensível; assim, é com tal palavra omitida que concordará o adjetivo “meio(a)”.

Exemplos:

Meio-dia e meia (hora).
Um copo e meio (copo).

8. Casa dois / página dois / folha dois / coleção dois

Nestes casos, igualmente ao caso 7 acima, houve elipse (omissão) de palavra “número”, com que os numerais deverão concordar em gênero e número.

Exemplos:

Casa (número) dois.
Página (número) dois.
Folha (número) dois.
Coleção (número) dois.
Folhas (número) um.
Todas as casas (número) quatro da cidade são históricas.
As folhas (número) dois estão alteradas.

9. Nacionalidade: brasileiro(a)/naturalidade: alagoano(a)

A resposta a tais perguntas obedecerá ao gênero da pessoa que responde, pois são adjetivos (brasileiro, alagoano) que funcionam como predicativos do sujeito (quem responde) e não, como parece, como adjuntos adnominais de "nacionalidade" ou "naturalidade".

Exemplos:

— Qual a sua nacionalidade, João?
— (Sou) brasileiro.
— Qual a sua naturalidade, Maria?
— (Sou) alagoana.

10. Bastante / barato / caro / longe

Todas essas palavras podem exercer quaisquer funções próprias de adjetivos ou de advérbios.

Se forem adjetivos, obviamente se flexionam em números e pessoa com o nome qualificado; se advérbios, permanecem inalterados.

Exemplos:

"Entre mim e mim, há vastidões bastantes…" (C. Meireles)
(adj.)

Essas coisas são bastante desagradáveis
(adv.)

"Nunca pensei que o estudo custasse tão caro." (B. de Itaré)
(adv.)

Meus caros amigos, a vida é muito cara.
(adj.) (adj.)

Paguei caro pela minha casa.
(adv.)

"Levai-me a esses longes verdes, cavalos do vento!" (C. Meireles)
(adj.)

"Vai ficando longe de mim…" (C. Meireles)
(adv.)

"Vila de Paris é que vende mais barato." (Rev. da semana – 1921)
(adv.)

Suas calças são baratas.
(adj.)

11. Anexo / apenso / incluso

São adjetivos e, pois, devem variar.

Exemplos:

Anexo vai o documento.
Anexas vão as faturas.

Observação:

Há o sinônimo “junto” (=anexo, apenso, incluso), que, assim sendo, funcionará como adjetivo.
Exemplos:

“Os documentos juntos provam que tenho razão.” (C. Jucá Filho)
“…a forma sonora, junta ao sentido…” (M. Rodrigues Lapa)
No entanto, “junto” poderá ser advérbio (=juntamente), por estar em sua forma neutra (masc/sing) o que, em alguns adjetivos, torne-os advérbios (adjetivos adverbializados).
“Junto envio-lhe duas faturas.” (Ernani Calpucci)
(juntamente)

12. Pseudo / alerta

Ambas as palavras acima são invariáveis: “pseudo” é prefixo; “alerta”, advérbio.

Exemplos:

Estamos sempre alerta.
São pseudoenfermeiras.
“Aproximei-me dos verbos um pouco mais e pus-me de ouvidos alerta.”(M. Lobato)

13. Se o substantivo for empregado como adjetivo, ficará invariável.

Exemplos:

Anel prata. / Anéis prata.
Pulseira ouro. / Pulseiras ouro.
Casa laranja. / Casas laranja.

Mesmo que o segundo substantivo se ligue ao primeiro (sendo este determinado por aquele).

Exemplos:

Navio-escola. / Navios-escola.
Manga-espada. / Mangas-espada.
Salário-família. / Salários-família.

14. Só / Sós / A sós

• A palavra “só” pode ser denotadora de exclusão (=somente) e, por isso, é invariável.

Exemplos:

Eles só querem aquilo.
Só eles querem aquilo.

• Pode, ainda, ser um adjetivo, o que a fará concordar em gênero e número com o nome qualificado.

Como adjetivo, tem sentido de "sozinho".

Exemplos:

Ele saiu só.

Eles saíram sós.

• A expressão "a sós" é uma locução adverbial (invariável, por conseguinte), que equivale a "sem companhia".

Exemplos:

Ele ficou a sós.

Eles ficaram a sós.

15. Possível

Esta palavra poderá:

• Flexionar-se caso o artigo o faça:

Exemplos:

Eles são os piores possíveis.

Já tenho os dados mais atualizados possíveis.

(igualmente: Já tenho dados os mais atualizados possíveis.)

Aqueles candidatos são os melhores possíveis.

Tenho certeza de que entregamos as pesquisas mais completas possíveis.

• Manter-se invariável se participante de expressão superlativa com artigo no singular (o menor, o maior, o mais, o menos).

Exemplo: Esta é a maior quantidade de pessoas possível.

16. Um e outro, nem um nem outro

O substantivo que se liga a estas expressões ficará no singular, e o adjetivo se flexionará no número plural.

Exemplos:

Um e outro aluno *saudáveis*...

Nem uma nem outra menina *levadas*...

17. Haja vista

A expressão *haja vista* é invariável.

Exemplos:

Haja vista os erros perpetrados ...

Haja vista a forma estabelecida ...

Haja vista o que se estabeleceu ...

Haja vista as fontes propostas...

No entanto, podem ser consideradas corretas as construções:
Exemplos:
Haja vista aos itens requeridos... ou
Haja vista dos itens requeridos... ou, ainda,
Hajam vista os itens requeridos...

2 Concordância verbal

2.1 Casos gerais

a) O verbo concorda em número e pessoa com o sujeito da oração.
Exemplo: Eu faço, tu fazes, ele faz etc.

Assim, as desinências do verbo indicarão o sujeito sem que, em primeira instância, haja necessidade de este ser explícito, já que é inequívoco (ainda que venha subentendido).
Exemplos:
"Nasceram – crianças lindas,
Viveram – moças gentis…" (Castro Alves)
"O Arraial crescia vertiginosamente, coalhando as colinas." (Euclides da Cunha)

Nos casos acima, o sujeito está explícito (no 1º caso, posposto ao verbo; no 2º, anteposto).

Há formas, também, em que, pelas simples flexões do verbo, o sujeito poderá vir em forma de *zeugma* (apenas um sujeito explícito e todos os demais semelhantes àquele) ou de *elipse* (omissão do sujeito).
Exemplos:
"Um amigo não tenhas piedoso – suj: tu ELIPSE
Que o teu corpo na terra embalsame…" (G. Dias)

"Tu choraste em presença da morte?
Na presença de estranhos choraste? - suj: tu ZEUGMA
Não descende o covarde do forte;
Pois choraste, meu filho não és!" (Gonçalves Dias)

"A barca vinha perto, chegou, atracou, (suj: nós) entramos" (Machado de Assis)

"O homem (suj) relanceou os olhos a ver talvez se descobrira o Chicão (obj)… depois teve a modo de engulhos e depois ficou como entesado…
Pensaria mesmo que a filha tinha fugido com o Guindão ?" (Simões Lopes Neto)
suj: homem ZEUGMA

"Nada sou, nada posso, nada digo…" (F. Pessoa) suj: eu ELIPSE

b) Sujeito Composto

Entende-se por sujeito composto aquele formado por vários núcleos. Assim, não há — como no sujeito simples (casos que vimos nos exemplos acima) — um único ser de quem se declara algo, mas, sim, vários seres.

A ocorrência de sujeito composto acarreta que o verbo receberá flexão de número PLURAL (salvo algumas exceções que serão tratadas).

Quanto à pessoa, são as seguintes as flexões verbais:

1. Irá para a primeira pessoa do plural ("nós") se houver, entre os núcleos do sujeito composto, um de 1ª pessoa (do singular ou do plural, indiferentemente).

Exemplos:

Eu (1ª pes/sing) e Júlio (1ª pes/pl) saímos.
Tu, Júlia e eu (1ª pes/sing) faremos (1ª pes/pl) aquilo?

2. Irá para a 2ª do plural ("Vós") caso haja 2ª pessoa entre os núcleos (e não haja 1ª pessoa, o que preponderaria sobre a 2ª).

Exemplos:

Tu (2ª pes/sing) e Júlia fareis (2ª pes/pl) aquilo?
Antônio e tu (2ª pes/sing) quereis (2ª pes/pl) isto?

3. Irá para a 3ª pessoa do plural ("eles") se figurarem, entre os núcleos, apenas referências à 3ª pessoa.

Exemplos:

O irmão (3ª pes/sing) e a irmã (3ª pes/sing) chegaram.

Observação:

Claro está que, usualmente, a 2ª pessoa (sing. ou pl.) não figura, isto é substituída coloquialmente por "você", "vocês". Ocorrida tal substituição (perfeitamente gramatical), seguir-se-á a 3ª regra acima. Assim:
Exemplos:

Chegaram (3ª pes/pl) você (substituindo “tu”) e seu amigo?
Em lugar
Chegareis(2ª pes/pl) tu e teu amigo? Ou Chegastes (2ª pes/pl) tu e teu amigo?

Não obstante, não faltar abonações em que a norma da 2ª é imiscuída à norma pertencente à da 3ª. Assim:
Exemplos:
“Em que língua tu (2ª pes/sing) e ele falavam (3ª pes/pl)?” (R. Fonseca)
Gramatical: “Em que língua tu (2ª pes/sing) e ele faláveis (2ª pes/sing)?”
“Tu (2ª pes) e Chico levem (imp / 3ª pes) o Sr. Alves para casa.”
Gramatical: “Tu (2ª pes) e Chico levai (imp. 2ª pes) o Sr. Alves para casa”

Em muitas circunstâncias, o verbo poderá concordar apenas com o núcleo mais próximo, embora se refira aos demais núcleos:
Previmos, apenas, alguns casos que isso pode ocorrer:

b.1) Verbo anteposto aos núcleos do sujeito
Nestes casos, poderá o verbo concordar com o núcleo mais próximo ou, ainda, seguir as normas pertencentes a sujeito composto (apontadas acima), isto é, ir para o plural.
Exemplos:
“Habita-me o espaço e a desolação.” (V. Ferreira)

ou igualmente correto:
“Habitam-me o espaço e a desolação.”
Era interessante a carta e o cartão.
ou
Eram interessantes a carta e o cartão.

Observação:

Embora haja um capítulo inteiramente voltado à concordância nominal, convém comentar que o verbo anteposto aos sujeitos, como vimos acima, poderá concordar com o núcleo mais próximo ou com todos os núcleos.
O cuidado que se deve ter em mente diz respeito às flexões do adjetivo predicativo do sujeito, que deverá:
Ir para o singular, caso o verbo o faça:
Exemplos:
“Estava deserta a vila, a casa, o templo.”
“Era novo o livro e a caneta.” (Celso Cunha)

“Que te seja propício o astro e a flor.” (F. Espanca)
Que se chegue plácida a Lua e o Sol.”
Ir para o plural, caso o verbo o faça:
Exemplos:
“Estavam desertos a vila, a casa, o templo.”
“Eram novos o livro e a caneta.”
“Que te Sejam próprios o astro e a flor.”
Que se cheguem plácidos a Lua e o Sol.

b.2) Quando todos os sujeitos aparecem como qualidade, atitudes, especificações de uma única coisa, o verbo poderá ir para o plural ou permanecer no singular:

Tal concordância é possível se considerarmos que núcleos do sujeito procuram um conjunto, uma única qualidade em si.

A concordância com o plural, portanto, não é – de forma alguma – incorreta; aconselha-se, aliás, que se dê preferência à flexão plural, por ser mais objetiva, menos ambígua.

Exemplos:
A vontade e perseverança de Júlia fez dela grande pessoa.
“…se graça e a misericórdia de Deus não me acode.” (Castelo Branco)
A beleza e a praticidade dos livros é igualmente importante.
A vontade e a perseverança de Júlia fizeram dela grande pessoa.
…se a graça e a misericórdia de Deus não me acodem.
A beleza e a praticidade dos livros são igualmente importantes.

Observação:

Se, diferentemente do caso acima, os núcleos do sujeito composto forem relacionados a um único ser, isto é, se forem apenas cognomes ou atributos ou títulos diferentes de uma mesma pessoa ou coisa, claro está que é com tal pessoa ou coisa que o verbo concordará em número e pessoa.
Exemplos:
O grande Deus e criador de todas as coisas é meu Senhor
“A rainha de Inglaterra e Imperatriz das Índias faleceu.” (C. Góis)

b.3) Se os núcleos forem sinônimos ou quase sinônimos, o verbo poderá ir para o plural ou para o singular:

Exemplos:
“A debilitação e a fraqueza vincava cruelmente meu velho rosto.”(Clarice Lispector)
“Triste ventura e negro fado os chama” (Camões)
“A despedida e o adeus equivalem a uma hecatombe”

b.4) Quando houver elementos em gradação o verbo poderá ir para o plural ou permanecer no singular (este muito mais corriqueiro literária e coloquialmente).

Exemplos:

"A tolice, a intolerância, a debilidade do argumento fez com que sua defesa se tornasse fraquíssima." (R. Barbosa)

"O grotesco, o pobre, o sem forças era triturado…" (A. Bessa Luís)

Observação:

Haverá gradação em duas situações distintas (situações estas que, como vimos, pedirão o emprego do verbo no singular, preferentemente)

Ausência de conjunção aditiva (ASSÍNDETO).

Exemplos:

"Um grito, uma palavra, um movimento, um simples olhar causava-lhe medo" (C. Ribeiro)

"O barulho, o apito, o leque, o rumor se decifra sem alarme."(F. Gullar)

Os amigos, os irmãos, as festas, a família passava pela sua cabeça.

Repetição da conjunção aditiva (POLISSÍNDETO) ou de quaisquer outras palavras (ITERAÇÃO/ANÁFORA)

Exemplos:

E a mãe, e o filho, e os irmãos, e o pai chegou.

"Cada coluna, cada dossel, cada poste, cada ano era uma página de canção imensa."(Herculano)

"A mesma coisa, o mesmo ato, a mesma palavra provocava…"(M. Lobato)

Observação:

Razão mais forte pedirá o verbo no singular (após enumeração), quando os núcleos do sujeito forem "resumidos" ou "recapitulados" por um pronome indefinido (alguém, ninguém, nada, tudo):

Exemplos:

Pedro, José, Paulo, Antônio, alguém precisou fazer algo.

"Perfume, harmonia, tudo entoara na opereta…"

"Letras, ciências, costumes, instituições, nada disso é nacional" (Eça de Queirós)

"Comandantes, oficiais, soldados, ninguém escapou…"

"Pai e filho, cada um seguiu seu caminho."(Epifânio Dias)

b.5) Quando o sujeito composto tiver, como núcleo, dois ou mais infinitivos, haverá as seguintes possibilidades:

b.5.1) O verbo ficará no singular se os núcleos do sujeito, apesar de seus verbos em formas nominais (infinitivos), ainda assim forem verbos (tal fato se dará quando os infinitivos não virem especificados por um artigo; veja item 2 abaixo)

Exemplos:

“Fazer e escrever é a mesma coisa.”(Araújo Correia)
“Ouvir e entender é bom para o espírito”(J.J. Kaga)
“Vê-lo e amá-lo foi obra de um minuto.”(Raquel de Queirós)

b.5.2) Se se colocavam artigos (definidos indefinidos), os verbos deixarão de sê-lo e, pois, sem sendo substantivos, farão com que o verbo da oração vá para o plural (a menos, é claro, que ocorra os casos A, B, C, ou D).

Exemplos:

O escrever e o ler são necessários.
O nascer e o rir do mundo é a coisa mais bonita que há. (sinônimos)

b.5.3) Se, embora infinitivos, os verbos forem antônimos, a concordância verbal se dará no plural também.

Exemplos:

“Se alternam rir e chorar.”(Alberto de Oliveira)
Morrer e viver são coisas diferentes.

2.2 Casos particulares

1. Núcleos ligados por OU e NEM.

A concordância se dará assim:

Plural: se o que vier expresso pelo verbo puder se aplicar a todos os sujeitos, indicando ideia de adição ou de alternância entre os nomes.

Exemplos:

Ou você ou eu faremos isso.
“…um grito ou uma gargalhada forte a atravessavam.”(M. Lins)
Espero que você ou sua mãe me vejam.
“O céu ou o inferno sempre preocupam os que meditam…”
“Nem a monotonia nem o tédio a fariam capitular agora.” (C. dos Anjos)

Concordará com o mais próximo: se houver ideia de exclusão entre os núcleos do sujeito (alternativa), isto é, se apenas um deles puder exercer ação, o verbo concordará apenas com o mais próximo.
Exemplos:

Você ou eu ficarei aqui
"Riobaldo ou eu defenderei Romão"(G. Rosa)
"Fui devagar, mas o pé ou o espelho traiu-me."(M. de Assis)
"Nem tormenta nem tormento / nos poderia parar." (C. Meireles)

Observação:

Julga-se que, pelas razões abaixo enumeradas, as expressões "UM OU OUTRO", "NEM UM NEM OUTRO", seguidas de substantivo, levam a proceder analogamente.
Exemplos:

Um ou outro garoto sairão. (alternância ou adição)
Um ou outro garoto sairá. (exclusão)

Contudo, normativamente é mais aceita a flexão fixa do verbo no singular, regra que deve ser preferida sobretudo se as expressões em pauta não vierem seguidas de substantivos.
Exemplos:

Nem um nem outro falou.
Um ou outro falou.
"Anteontem perguntou-me qual deles levaria; respondi-lhe que um ou outro lhe ficava bem."(M. de Assis)
(Embora haja ideia de alternativa ou adição)

Atenção:

Mesmo sendo usadas sem substantivos, tais expressões podem aparecer no plural:
Exemplo:

"Nem um nem outro desejavam questionar." (J. Paço d'Arcos)

2. Expressões fracionárias

O verbo concorda com o primeiro numeral.
Exemplos:

Um terço da turma saiu mais cedo.
Três quartos do convento continuam dormindo.

3. Expressões de porcentagem

O verbo concorda com o primeiro numeral, como ocorreu com o caso que acabamos de estudar.

Exemplos:

1% saiu cedo.

3% permaneceram no local.

No entanto, caso haja especificador acompanhando a expressão de porcentagem, pode o verbo concordar com o primeiro numeral, ou, por atração, com o especificador:

Exemplos:

1% da turma falou sobre o assunto.

1% dos alunos falou/falaram sobre o assunto.

4. *Mais de*, *menos de*, *perto de*, *cerca de*, *obra de* seguidas de numeral:

O verbo concordará com o numeral.

Exemplos:

Mais de um aluno falou sobre o assunto.

Cerca de oito moças reclamaram da prova.

Falaram do assunto perto de cem rapazes.

"Ainda assim restavam cerca de cem viragos..." (J.Ribeiro, *apud* Cunha-Cintra)

Observação:

Havendo ideia de reciprocidade com a expressão *mais de*, o plural será obrigatório.

Exemplo:

Mais de um componente cumprimentaram-se ao longo da festa.

5. *Parte de*, *a maioria de*, ou *coletivos* seguidos de nome no plural:

O verbo fica no singular ou no plural.

Exemplos:

Parte dos candidatos se mobilizou.

Parte dos candidatos se mobilizaram.

6. *Um e outro* (seguido ou não de substantivo):

Verbo no singular ou plural.

Exemplos:

Um e outro (candidato) falou sobre a prova.

Um e outro (candidato) falaram sobre a prova.

Observação 1:

Havendo substantivo junto à expressão, deve estar sempre no singular:
Exemplos:

“Mas uma e outra cousa duraram apenas rápido instante.” (A. Herculano)
“Um e outro jogo nos é odioso (...)” (A. de Quental)

Observação 2:

Se houver ideia de reciprocidade com a expressão *um e outro*, o plural torna-se obrigatório:
Exemplos:

Um e outro *cumprimentaram-se.*

7. Qual (quem/algum) de nós, qual (quem/algum) de vós, qual (quem/algum) de vocês

Quando o núcleo do sujeito for um pronome no singular, também ficará o verbo no singular.

Exemplos:

Qual de nós fará o serviço?
Qual de vós fará o serviço?
Qual de vocês fará o serviço?

8. Quais (quantos / muitos / alguns) de nós, quais (quantos / muitos / alguns) de vós, quais (quantos / muitos / alguns) de vocês

O verbo concorda com o pronome núcleo (3. pessoa do plural) ou com o pronome especificador (nós, vós, vocês):

Exemplos:

Quais de nós faremos o serviço ou
Quais de nós farão o serviço?
Quantos de vós fareis o serviço? ou
Quantos de vós farão o serviço?

9. Um dos que

O verbo poderá ser flexionado no singular ou no plural.

Exemplos:

Ele é um dos que falou aquilo.
Ele é um dos que falaram aquilo.

10. Pronome relativo *que*

No caso de este pronome funcionar como sujeito de uma dada oração, é com o nome (substantivo) antecedente que se dará a concordância:
Exemplos:
Pedro é o rapaz que saiu ainda agora.
Eu sou o homem que falou com você.
Fomos nós que saímos da sala.

Observação:

No caso de haver interposição do pronome demonstrativo "o" ("a", "os", "as"), há possibilidade de dupla concordância:
Exemplos:
Fui eu o que viu a cena.
Fui eu o que vi a cena.

11. Pronome *quem*

Prefere a Gramática tradicional que haja concordância com a terceira pessoa do singular (o pronome indefinido "quem").
Exemplos:
Foram eles quem saiu daqui ainda agora.
Fomos nós quem fez o trabalho.
Repare que o período, se colocado na ordem direta, não mais causaria estranheza:
Quem saiu daqui ainda agora foram eles.
Quem fez o trabalho fomos nós.

Observação:

Modernamente, já se tem aceito a concordância com o substantivo que antecede o pronome "quem", tratando este último como se fosse um pronome relativo, semelhante ao "que":
Exemplos:
Foram eles quem saíram daqui ainda cedo.
Fomos nós quem fizemos o trabalho.

12. *Dar*, *bater* e *soar* em expressões que indicam horas

O verbo concorda com a expressão numérica.
Exemplos:
Bateram três horas da manhã.
Deram duas da tarde.
Soou meio-dia.

Observação:

Se o sujeito for um substantivo do tipo "o relógio", "o sino", "os carrilhões" etc., é com eles que se dará a concordância:
Exemplos:
O relógio da praça deu duas horas.
Bateu dez horas o sino da igreja.

13. *Nem* (ligando sujeito composto)
Dispõe a Norma Culta que vá o verbo para o plural.
Exemplo:
Nem Pedro, nem Maria falavam sobre o assunto.

Observação 1:

Se o sujeito vier depois do verbo, deve haver concordância atrativa:
Exemplos:
Não foram vocês, nem eu os responsáveis.
(Mas: Nem vocês, nem eu fomos os responsáveis.)
Não poderás falar nada nem tu, nem eu, nem eles.
(Mas: Nem tu, nem eu, nem eles poderemos falar nada.

Observação 2:

Se a sequência terminar com palavra resumitiva, é com ela que concordará o verbo, mesmo que este venha após o sujeito:
Exemplo:
Nem eu, nem ele, nem Maria, nem ninguém falou sobre o assunto.

14. Nomes próprios no plural
Devemos concordar o verbo com o artigo que antecede o nome próprio.
Exemplos:
As Minas Gerais continuam um estado de raras belezas.
Os Lusíadas sempre me encantaram.

Observação:

Se a concordância é feita com o verbo "ser", e havendo predicativo no singular, o verbo poderá estar também no singular, ainda que haja artigo plural no sujeito:
Exemplo:
"As Cartas Persas é um livro genial." (Mário Barreto)

15. *Ser* em expressões indicativas de *horas*, *distâncias* ou *datas*

Exemplos:
São três quilômetros até minha casa.
Hoje são dezessete de agosto.
Agora são dezoito horas.

Observação:

Se houver a palavra "dia", é com ela que concordará o verbo.
Exemplo:
Hoje é dia dezessete de agosto.

16. *Ser* em orações em que o sujeito é demonstrativo invariável ("isto", "aquilo") e o predicativo se encontra no plural.

Neste caso, a concordância tanto pode se dar com o sujeito, como com o predicativo.

Exemplos:
Aquilo são atitudes de um homem íntegro?
(Ou: Aquilo é atitudes de um homem íntegro?)

17. *Ser* em orações em que sujeito e predicativo são representados por substantivos:

Se sujeito e predicativo forem substantivos comuns, a concordância se processará indiferentemente com um ou com outro, de acordo com a ênfase que o autor queira dar a este ou àquele.

Exemplos:
Uma árvore é os prazeres de todo parque.
(Ou: Uma árvore são os prazeres de todo parque.)

Mas poderá haver tipos diferentes de substantivos no sujeito e no predicativo. Pode haver, até mesmo, classes diferentes de palavras naquelas duas funções aludidas. Nesses casos, devemos obedecer a um princípio de *precedência*. Assim sendo, é preciso que se observem os seguintes casos:

Sempre existirá precedência:

• de pronome pessoal sobre substantivo:
Exemplo:
Eu sempre serei os olhos de mim mesmo.

• de substantivo sobre pronome que não seja pessoal:
Exemplo:
Quais são as regras?

• de substantivo próprio sobre comum:
Exemplo:
Antônio é os braços fortes da família.

• de pessoa sobre coisa
Exemplo:
O ser humano era as intempéries do mundo.

• de substantivo concreto sobre abstrato:
Exemplo:
Sua paixão são os livros.

• de plural sobre singular:
Exemplo:
As grandes decisões são a rotina de um homem de sucesso.

Observação:

Haverá predominância de predicativo singular sobre substantivo sujeito de sentido vago:
Exemplos:
Reclamações era coisa que não queria escutar.
Não seria lamentações sinal de que estava desesperado.

18. *Fazer* e *haver* em expressões que indicam tempo:

Trata-se de caso de oração sem sujeito, em que o verbos permanecem na 3ª pessoa do singular, já que são impessoais:
Exemplos:
Faz horas que não nos vemos.
Fazia meses que não se viam.
Havia muitos anos que não se falavam.

19. *Haver* significando *existir*, *ocorrer* ou *acontecer*

Trata-se de oração sem sujeito, em que o verbo permanece na 3ª pessoa do singular. Exemplos:

Havia dez pessoas à sua procura.
Houve dois acontecimentos marcantes.

Observação:

O verbo "existir" não é impessoal, devendo concordar normalmente com o sujeito a que se liga.

Exemplo: *Existiam* muitas razões para ela ficar.

Observação:

No caso de haver locução verbal, o verbo auxiliar deve flexionar-se ou não de acordo com o principal da locução a que pertence.
Exemplos:
Deve haver razões para isso.
Devem existir razões para isso.

20. Sujeito oracional

Se o sujeito for desempenhado por uma oração, o verbo da oração principal deverá estar no singular.

Exemplos:
É importante que você fale sobre aquilo.
Beber e dirigir *significa* grande risco.

Observação:

Se os verbos indicam ideias opositivas, é comum que se use o plural:
Exemplo:
Chegar e partir significam coisas distintas.

21. Voz passiva pronominal (sintética)

Este tipo de voz passiva só ocorre com verbos transitivos diretos ou transitivos diretos e indiretos. Para que possamos detecta-la, é importante fazermos a conversão para a voz passiva analítica (ser + particípio). Se isso puder acontecer, comprova-se que estamos diante de voz passiva sintética, sendo o SE um pronome apassivador.

Quando isso ocorrer, o verbo deverá flexionar-se com o sujeito da oração:

Exemplos:

Compram-se carros.
Vendem-se motos.
Alugam-se casas.
(Repare: Carros são comprados; motos são vendidas; casas são alugadas.)

22. Sujeito indeterminado (com partícula "se")

Podemos ter uma oração com sujeito indeterminado que venha indicado pela presença da partícula SE, índice de indeterminação do sujeito. Isso acontece diante de verbos transitivos indiretos, intransitivos ou de ligação. Quando ocorre, o verbo deve permanecer no singular:
Exemplos:

Precisa-se de funcionários.
Vive-se muito bem aqui.
Era-se menos feliz naquele tempo.

3 Silepse

Em alguns casos, a concordância não se fará com o termo expresso na frase, mas com a ideia que este faz supor. Por isso, convencionou-se chamar "silepse" de concordância ideológica.

3.1 Silepse de gênero

Também pode ser chamada concordância *ad sensum*.

Embora as expressões de tratamento Vossa Excelência, Vossa Senhoria e similares sejam de gênero feminino, é comum que os seus predicativos venham no masculino se o sexo de pessoa de quem se fala também o for (obviamente). Ou, ainda, os pronomes indefinidos invariáveis *alguém*, *ninguém* e *outrem* podem ter flexão feminina se se considerar uma concordância siléptica.
Exemplos:

"Vossa Alteza parece fatigado."
"S. Sra., que se acha muito bem conservado…" (Artur Azevedo)
"-V. Exa. parece magoado…" (C. D. de Andrade)
"Alguém andava então bem saudosa."(Rocha Lima)
"Nem havia ali ninguém que destas casas estivesse isenta."(id., ib.)

3.2 Silepse de número

a) Quando o sujeito for coletivo, poderá o verbo concordar com a ideia de pluralidade imanente a esse sujeito.

Assim, o verbo poderá ir para o plural, não ficando no singular, como ditaria, em tese, a norma culta. Interessante observar que, à medida que o verbo se afasta do sujeito coletivo, maiores as probabilidades de aparecer a silepse de número; quanto mais perto, ao invés, estiverem verbo e sujeito, tanto maior deve ser a cautela.

Exemplos:

"O povo pediram que se chamasse segredos."(Fernão Lopes)

"…e o casal esqueceram que havia mundo."(M. de Andrade)

"—E o povo de Maravalha?…

— Estão em São Miguel." (J. L. do Rego)

"-É o costume, mulher! É o costume dessa gente, quando gostam dum branco, querem-no para pedir-lhe dos filhos…" (L. Vieira)

b) Quando o sujeito da oração for o pronome NÓS, é comum que o adjetivo apareça no singular e o verbo no plural.

Tal ocorrência é denominada *plural de modéstia*.

Exemplos:

"Ficamos perplexo com o que ele disse."(C. Cunha)

"Antes sejamos breve que prolixo."(C. Góis)

"Propelido por essas ideias e sentimentos, pelas conveniências de nossas funções no Ginásio do Estado nesta capital, e animado pelo acolhimento que teve o nosso curso de gramática expositiva, pusemos não diligentes neste trabalho, que ora entregamos receoso à mocidade…"(E. C. Pereira)

Observação:

Há, ainda, o *plural de majestade*, em que se usa o *nós* para designar uma só pessoa.

Exemplo:

"Nós, Dom Fernando, fazemos saber." (C. Cunha)

c) Com o pronome VÓS

Como sabemos, tal pronome é plural. Apesar disso, são muito frequentes os adjetivos no singular quando o referido pronome é aplicado à designação (cerimoniosa) de uma só pessoa.

Exemplo:

"Sois injusto comigo."(Herculano)

3.3 Silepse de pessoa

a) O verbo poderá ir para a 1ª pessoa do plural ainda que o sujeito seja de 3ª pessoa do plural. Isso ocorrerá se a pessoa que fala ou escreve inclui-se no sujeito enunciado.

Exemplos:

“Todos em Taitara éramos assim.” (José J. Veiga)
“Os portugueses somos do ocidente.” (Camões)
“Dizem que os cariocas somos pouco dados aos jardins públicos.” (M. de Assis)
“Os trinta somos um
Menino atrás da infância…” (Thiago de Mello)

b) Se, em vez da referência a nós mesmos no discurso, quisermos incluir a pessoa com quem falamos, o verbo poderá ir para a 2ª pessoa do plural, ainda que o sujeito expresso seja de 3ª pessoa do plural.

Exemplos:

“Os dois ora estais reunidos…”(C. D. de Andrade)
“…todos sois da mesma opinião! Todos acordais…”(J. Régio)

Questões comentadas

01. (Analista Judiciário/Área Judiciária/TRT-9ª/FCC/2013) As normas de concordância estão plenamente respeitadas na frase:
    a) O Tropicalismo, em que Caetano Veloso e Gilberto Gil se projetou, e o Cinema Novo, cujo principal expoente foi Glauber Rocha, se configura como movimentos artísticos expressivos no século XX.
    b) Cada um dos filmes dirigidos por Glauber Rocha apresentavam um caráter revolucionário único.
    c) A maioria dos integrantes do movimento conhecido como Cinema Novo estava profundamente interessada nos problemas sociais do país.
    d) Muitas expressões artísticas, como o neorrealismo italiano, contribuiu para o desenvolvimento do Cinema Novo.
    e) A maior parte dos cineastas envolvidos com o Cinema Novo integravam um grupo que tentavam novos caminhos para o cinema nacional.

Quando o núcleo está no singular (maioria) e o adjunto no plural (dos integrantes), o verbo pode concordar com um ou com outro (estava/estavam) e o nome deve acompanhar o verbo (interessada/interessados). Gabarito: **C**.

02. (Médico do Trabalho Júnior/Transpetro/Cesgranrio/2012) Num anúncio que contenha a frase "Vende-se filhotes de pedigree.", para adequá-lo à norma-padrão, será necessário redigi-lo da seguinte forma:
    a) Vende-se filhotes que têm *pedigree*.
    b) Vende-se filhotes os quais tem *pedigree*.
    c) Vendem-se filhotes que tem *pedigree*.
    d) Vendem-se filhotes que têm *pedigree*.
    e) Vendem-se filhotes os quais tem *pedigree*.

A voz passiva sintética ou pronominal exige que o verbo concorde com o sujeito (*vendem-se filhotes* = *filhotes são vendidos*). Gabarito: **D**.

03. (Médico do Trabalho Júnior/Transpetro/Cesgranrio/2012) Os alunos, em uma aula de Português, receberam como tarefa passar a frase abaixo para o plural e para o passado (pretérito perfeito e imperfeito), levando-se em conta a norma-padrão da língua.
    Há opinião contrária à do diretor.
    Acertaram a tarefa aqueles que escreveram:
    a) Houve opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.
    b) Houve opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.

c) Houveram opiniões contrárias à dos diretores / Haviam opiniões contrárias à dos diretores.
d) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Haviam opiniões contrárias às dos diretores.
e) Houveram opiniões contrárias às dos diretores / Havia opiniões contrárias às dos diretores.

O verbo "haver" no sentido de "existir" é impessoal. Por isso, deve permanecer sempre no singular quando houver essa sinonímia. Gabarito: **A**.

04. (Nível Superior/BNDES/Cesgranrio/2013/Adaptada) No trecho "Introduziram-se as ideias não só de evolução como de revolução.", o verbo concorda em número com o substantivo que o segue.

O verbo deverá ser flexionado no plural, caso o substantivo destacado que o segue esteja no plural, EXCETO em:

a) Ao se implantar o uso do computador nas salas de aula, corresponde-se à expectativa dos alunos de estarem antenados com os novos tempos.
b) Com o advento dos novos tempos, reafirma-se a tese relacionada à necessidade de mudança.
c) Defende-se a visão conservadora do mundo com o argumento de que a sociedade não aceita mudanças.
d) Em outras épocas, valorizava-se a pessoa que não questionava os valores religiosos impostos à população.
e) No passado, questionava-se a mudança de valores e crenças para não incentivar o caos social.

Na forma "corresponde-se à", temos um verbo com índice de indeterminação do sujeito, e não pronome apassivador. Assim, este verbo nunca irá para o plural, pois o que se segue a ele é um objeto indireto, e não um sujeito. Gabarito: **A**.

05. (Nível Superior/BNDES/CESGRANRIO/2013) No Texto II, o adjetivo *consideradas* (ℓ.28-29) concorda com os substantivos multiplicidade e variedade em gênero e número.

A concordância nominal NÃO está de acordo com a norma-padrão da língua portuguesa em:

a) A falta de infraestrutura e o tamanho das cidades são culpados pelo fracasso.
b) Cidades e regiões rurais parecem ser afetadas por problemas de tipos diferentes.
c) Os grandes centros mundiais e as cidades brasileiras estão destinadas ao caos urbano.
d) Os shopping centers e os condomínios residenciais são fechados ao público externo.
e) Transportes públicos de qualidade e organização do espaço são necessários à urbanização.

Os núcleos “centros” e “cidades” possuem uma palavra masculina (“núcleos”). Assim, o adjetivo deve ir para o masculino plural: “destinados”. Gabarito: **C**.

06. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TRT-9ª/FCC/2013) O verbo que pode ser corretamente flexionado no plural está grifado em:
    a) Mais tarde, nas cidades, havia discussões em praça pública...
    b) Como teria sido a Primavera Árabe sem e-mail, Twitter e Facebook?
    c) ...na última década surgiu a comunicação digital...
    d) ...e parte das interações sociais adquiriu um caráter virtual.
    e) ...é difícil definir e medir separadamente a contribuição...

Em “parte das interações sociais”, temos um núcleo no singular (parte) e um adjunto adnominal no plural (das interações sociais). O verbo pode concordar com um ou com outro. Gabarito: **D**.

07. (Técnico Judiciário/ Área Administrativa/TRT-9ª/FCC/ 2013) Atualmente, ... que o número de brasileiros conectados na internet já ...... ultrapassado a casa de 80 milhões, sendo que 72.640.000 são usuários ativos de redes sociais, e 56% destes ...... um aparelho celular para acessar a internet.
    (Dados publicados em www.agenciaopen.com/blog/perfil-do-brasileiro-nas-redes-sociais-o-que-ha-de-novo/).

    Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
    a) estima-se - tenha - usam
    b) estimam-se - tenham - usa
    c) estima-se - tenham - usa
    d) estima-se - tenham - usam
    e) estimam-se - tenha - usa

“Estima-se” tem como sujeito a oração subordinada seguinte (“que o número de brasileiros conectados à internet...”). “Tenha” é válido, pois o sujeito é o núcleo “o número”. “Usam” é correto, pois tem como sujeito o numeral 56%. Gabarito: **A**.

08. (Psicólogo/TJ-SP/VUNESP/2012)Assinale a alternativa que apresenta concordância verbal de acordo com a norma-padrão.
    a) A empresa atua no setor moveleiro já fazem mais de 50 anos, sempre com sucesso.
    b) Vi muitos professores deixarem de dar inúmeras aulas e nada acontecerem com eles.
    c) A análise dos casos revelou que se tratam de problemas de falta de comprometimento.
    d) Nas avaliações, destacam-se os servidores do legislativo comprometidos com o bom atendimento ao público.

e) É possível que ainda exista no mercado brasileiro algumas empresas que não seguem o padrão ISO de qualidade.

Em “destacam-se”, há voz passiva sintética, que deve concordar com o sujeito (“os servidores do legislativo”). Há, também, a possibilidade de haver voz reflexiva, o que fará com que o verbo vá igualmente para o plural, por possuir o mesmo sujeito. Gabarito: **D**.

09. (Psicólogo/TJ-SP/VUNESP/2012) Assinale a alternativa em que a concordância nominal está de acordo com a norma-padrão.
    a) Ainda não identificada pela polícia, as pessoas responsáveis pelo assalto estão à solta.
    b) Já foi divulgado na mídia alguma coisa a respeito do acidente?
    c) Vê-se que ficou assegurado à família a guarda do menor.
    d) Se foi incluso no contrato, a cláusula não pode ser desconsiderada.
    e) Fica claro que o problema atinge os setores público e privado.

O sujeito de “fica claro” é toda a oração “que o problema atinge os setores público e privado”. Gabarito: **E**.

10. (Técnico Administrativo/DPE-SC/FEPESE/2013) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal ou nominal.
    a) Deu 14 horas, a prova vai começar.
    b) Faz dias quentes neste verão de 2013.
    c) Não provém daí os males de que sofres.
    d) Não falta em minha terra belezas naturais.
    e) Muito obrigado, disse ela ao rapaz que a ajudou.

O verbo “fazer” referente a condições climáticas é impessoal e deve permanecer, por isso, no singular. Gabarito: **B**.

11. (Analista Judiciário/Tecnologia da Informação/TRT-10ª/Cespe/2013) As taxas de desemprego das mulheres são mais altas do que às dos homens em escala mundial e não se prevê melhoras desse quadro nos próximos anos, segundo relatório da OIT que analisa as desigualdades de gênero em matéria de desemprego, emprego, participação na força de trabalho, vulnerabilidade e segregação setorial e profissional.
    ( ) certo
    ( ) errado

Há um erro na forma verbal “não se prevê”, que deve ser “não se preveem”, pois se trata de voz passiva sintética, cujo sujeito é “melhoras”. Gabarito: **errado**.

12. (Analista Judiciário/Tecnologia da Informação/TRT-10ª/Cespe/2013) As conclusões do relatório da OIT sobre desigualdades de gênero estimulam a ampliação das medidas de proteção social destinadas a reduzir a vulnerabilidade das mulheres e incentivam os investimentos em capacitação e educação, bem como a instauração de políticas que favoreçam o acesso ao emprego. O relatório enumera, ainda, uma série de diretrizes políticas para ajudar as comunidades a reduzir os preconceitos de gênero nas decisões relativas ao trabalho e a diminuir as disparidades de gênero no mercado laboral.
( ) certo
( ) errado

Todas as formas verbais e nominais do trecho estão concordando corretamente com os sintagmas de que são subordinadas. Gabarito: **certo**.

13. (Operador de Computador/CRF-SC/IESES/2012) Analise as afirmações
I. Lia romance e novela mexicana.
II. Lia romance e novela mexicanas.
III. Lia romance e novela mexicanos.
IV. Lia romance e novela mexicano.

Ao que admite a norma padrão para a concordância do adjetivo posposto a substantivos de diferentes gêneros:
a) Estão corretos apenas os enunciados I e III.
b) Estão corretos apenas os enunciados I e IV.
c) Estão corretos apenas os enunciados II e III.
d) Apenas o enunciado III está correto.

No número I, apenas a novela é mexicana. Em III, ambos são mexicanos, e o adjetivo, por isso, deve ir para o masculino plural, por haver substantivo no masculino (“romance”). Gabarito: **A**.

14. (Assistente Técnico/Administrativo/MF/ESAF/2012) Assinale a opção em que o trecho transcrito e adaptado de O Globo, de 16/8/2012, respeita a correção gramatical.
a) Não é de hoje que os especialistas em transportes defendem uma maior integração das modalidades de transportes. Os diferentes tipos pode ser concorrentes entre si, mas em grande parte dos casos um ajuda o outro.
b) Ferrovias e hidrovias certamente podem oferecer maior capacidade de transporte de granéis (minérios, grãos, combustíveis), mas seus traçados nem sempre vai até os pontos de carregamento e descarga. O caminhão possibilita a capilaridade do sistema.

c) Então, ferrovias, rodovias, hidrovias, portos e aeroportos constitue, na verdade, uma mesma malha, que, para funcionar bem, precisa de coordenação, planejamento e condições que viabilizem investimentos.
d) É uma tarefa para políticas públicas, para iniciativas governamentais. A operação dessa malha, porém, se faz de maneira mais eficiente nas mãos de concessionários privados.
e) Se formos mesmo por este caminho de privatização desses serviços, a possibilidade de acerto será muito maior que a de erro. Atacam-se, assim, causa importante do chamado custo Brasil.

Só nessa alternativa os verbos estão concordando corretamente com seus sujeitos. Gabarito: **D**.

15. (Soldado da Polícia Militar/PM-AC/FUNCAB/2012) Assinale a opção que completa, correta e respectivamente, as lacunas da frase abaixo.
____ localizar as páginas do livro que ____ especificamente ____ àquele assunto.
a) Restava – era – dedicadas.
b) Restavam– era – dedicado.
c) Restava – eram– dedicado.
d) Restavam– eram– dedicadas.
e) Restava – eram– dedicadas.

"Restava" tem como sujeito a oração "localizar...". "As páginas" constituem sujeito de "eram...localizadas". Gabarito: **E**.

16. (Soldado da Polícia Militar/PM-AC/Funcab/2012) Apenas uma das opções abaixo está correta quanto à concordância nominal. Aponte-a.
a) O Brasil apresenta bastante problemas sociais.
b) A situação ficou meia complicada depois das mudanças.
c) É necessário segurança para se viver bem.
d) Esses cidadãos estão quite com suas obrigações.
e) Os soldados permaneceram alertas durante a manifestação.

Embora "segurança" seja substantivo feminino, por não estar precedido de artigo, não gera necessidade de o adjetivo "necessário" ser flexionado. Gabarito: **C**.

17. (Técnico Bancário/Banpará/ESPP/2012) Considere as orações abaixo.
I. A maioria das pessoas que compraram os ingressos não os recebeu no prazo combinado.
II. Considerou-se, na entrevista, todas as respostas do candidato.
III. Havia muitas pessoas na festa.

A concordância está correta somente em

a) I
b) II
c) III
d) I e II
e) I e III

Em I, “a maioria das pessoas”, o verbo pode estar no singular ou no plural. Em III, temos o verbo “haver” significando “existir”, o que lhe torna impessoal e obrigatoriamente no singular. Gabarito: **E**.

Prova: ESPP - 2012 - BANPARÁ - Técnico Bancário
Disciplina: Português | Assuntos: Concordância nominal e verbal;

18. (Técnico Bancário/Banpará/ESPP/2012) Considere as orações abaixo.
    I. Houveram muitas manifestações ontem.
    II. Trata-se de casos graves.
    III. Fazem anos aquela festa!

    A concordância está correta em

    a) I
    b) II
    c) III
    d) I e II
    e) I e III

Em II, “trata-se” é VTI, o que torna o “se” um índice de indeterminação do sujeito. Com isso, deve a forma verbal permanecer no singular. Gabarito: B.

19. (Técnico Bancário/Banpará/ESPP/2012) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.
    I. O empresário _______________ muitos bens.
    II. Muitos itens de avaliação _____________ o relatório.

    a) possui – compõem
    b) possui – compõe
    c) possue – compõem
    d) possue – compõe
    e) possuem- compõem

"O empresário" é sujeito de "possui". "Muitos itens de avaliação" é sujeito de "compõem". Gabarito: **A**.

20. (Médico do Trabalho/Banpará/ESPP/2012)Considere as orações abaixo.
    I. Entrevistou-se várias pessoas.
    II. Necessita-se de funcionários experientes.
    III. Tratam-se de problemas complexos.

    A concordância está correta em
    a) somente I
    b) somente II
    c) somente III
    d) somente I e II
    e) todas

Em II, "necessita-se" é VTI, o que torna o "se" um índice de indeterminação do sujeito. Com isso, deve a forma verbal permanecer no singular. Gabarito: **B**.

21. (Médico do Trabalho/Banpará/ESPP/2012) Assinale a alternativa que completa, correta e respectivamente, as lacunas.
    I. É _______________ a entrada de pessoas estranhas neste local.
    II. Segue ________ a cópia do documento.
    a) proibido – anexo
    b) proibida – anexo
    c) proibida – anexa
    d) proibido – anexa
    e) proibida – anexos

"Proibida" deve ir para o feminino porque o substantivo "entrada" está precedido de artigo definido "a". "Anexo" é um adjetivo em função de predicativo do sujeito, e deve, por isso, concordar som seu núcleo, que é "a cópia". Gabarito: **C**.

22. (Analista Judiciário/Área Administrativa/TRT-1ª/FCC/2013) As normas de concordância verbal estão plenamente observadas na frase:
    a) Cabem a cada um dos usuários de uma língua escolher as palavras que mais lhes parecem convenientes.
    b) D. Glorinha valeu-se de um palavrório pelo qual, segundo lhe parecia certo, viessem a impressionar os ouvidos de meu pai.

c) As palavras que usamos não valem apenas pelo que significam no dicionário, mas também segundo o contexto em que se emprega.
d) Muita gente se vale da prática de utilizar termos, para intimidar o oponente, numa polêmica, que demandem uma consulta ao dicionário.
e) Não convém policiar as palavras que se pronuncia numa conversa informal, quando impera a espontaneidade da fala.

O verbo está flexionado em “que demandem uma consulta ao dicionário” por estar concordando com o sujeito “termos”, repetido no pronome relativo “que”. Gabarito: **D**.

23. (Analista Judiciário/Execução de Mandados/TRT-1ª/FCC/2013) Estão plenamente acatadas as normas de concordância verbal na seguinte frase:
a) A virtude da confiança, assim como a da desconfiança, não independe das circunstâncias que a requisitam.
b) As ações de confiar ou desconfiar constitui uma alternativa que não raro corresponde a um dilema.
c) Destacam-se, no capítulo das desconfianças, a escola dos filósofos clássicos identificados com o ideário do ceticismo.
d) Entre todas as virtudes, a da confiança é das que mais requer argumentos para se afirmarem junto aos críticos.
e) Aos desconfiados parecem inaceitável ingenuidade pensar que o otimismo e a esperança possam nutrir alguém.

Embora o sujeito semântico seja “confiança” e “desconfiança”, o fato de estar o segundo núcleo isolado por vírgulas requer o verbo no singular. Gabarito: **A**.

24. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TRT-1ª/FCC/2013) Substituindo-se o segmento em destaque pelo colocado entre parênteses ao final da frase, o verbo que deverá manter-se no singular está em:
a) Houve um sonho monumental... (sonhos monumentais)
b) Bem disse Le Corbusier que Niemeyer... (os que mais conheciam a sua obra)
c) Assim pensava o maior arquiteto... (grandes arquitetos como Niemeyer)
d) O comunismo resolve o problema da vida... (As revoluções vitoriosas da esquerda)
e) Niemeyer vira a possibilidade... (Os arquitetos da geração de Niemeyer)

O verbo “haver” significa “existir” e, por essa razão, não possui sujeito. Tanto faz que esteja o seu objeto direto no singular ou no plural (sonho monumental/sonhos monumentais). Gabarito: **A**.

25. (Técnico Administrativo/SEAD-PB/Funcab/2012) Apenas uma das frases abaixo está correta quanto à concordância verbal. Assinale-a.
    a) Aqui se encontra vários aparelhos à venda.
    b) Devolve-se os valores retidos como sinal.
    c) Percebe-se alguns defeitos de fabricação.
    d) Elogiou-se as atitudes do vendedor.
    e) Precisa-se de vendedores com experiência.

"Precisar" é VTI, o que torna o "se" um índice de indeterminação do sujeito. Com isso, deve a forma verbal permanecer no singular. Gabarito: **E**.

26. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/VUNESP/2012) Que mexer o esqueleto é bom para a saúde já virou até sabedoria popular. Agora, estudo levanta hipóteses sobre .... praticar atividade física..........................benefícios para a totalidade do corpo. Os resultados podem levar a novas terapias para reabilitar músculos contundidos ou mesmo para .... e restaurar a perda muscular que ocorre com o avanço da idade.

    (Ciência Hoje, março de 2012)

    As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:
    a) porque … trás … previnir
    b) porque … traz … previnir
    c) porquê … tras … previnir
    d) por que … traz … prevenir
    e) por quê … tráz … prevenir

O "por que" é separado pois significa "por qual motivo" (é advérbio interrogativo). "Traz" é conjugação verbal de "trazer". A forma correta de grafia do verbo no infinitivo é "prevenir". Gabarito: **D**.

27. (Administrador/DPE-PR/PUC-PR/2012) Assinale a única assertiva que NÃO apresenta problema(s) de concordância verbo-nominal:
    a) Mãe, filha e afilhado foram silenciosas por uma rua pouco iluminada, temendo a abordagem de algum pivete; no meio do caminho, o moço decidiu fazer sinal para um dos carros que passava pela rua, que parou imediatamente para que eles subissem. No caminho, todos respiraram aliviados, pois havia escapado do perigo.
    b) Os 20% do lucro daquela acionista sumiram misteriosamente após uma ação fraudulenta; a senhora precisou acionar quatro especialistas em computação, que, após um longo processo de investigação, afirmou que o sistema da empresa havia sido invadido.

c) As meninas e o menino saíram da casa dos padrinhos e foram, pouco alegres, para a casa onde os pais jantavam com os convidados recém-chegados de viagem, que, diferentemente dos pequenos, estavam radiantes: retornavam à cidade-natal e queriam matar as saudades dos sabores da região.
d) Aqueles cientistas austríacos chegaram ao Brasil com uma espécie rara de pinheiro, que só é cultivado em campos da Europa Oriental; tais árvores, diferentemente do que ocorre com o pinheiro mais conhecido em terras europeias, é a prova de que a diversidade da flora europeia ainda tem muito a revelar.
e) A bibliotecária limpou o acervo, que estava muito empoeirado, e recatalogou as obras, nas prateleiras. No dia seguinte, a biblioteca foi aberta para que os alunos do colégio pudesse folhear os exemplares.

Todos os verbos estão concordando com seus respectivos sujeitos compostos. Gabarito: **C**.

28. (Técnico Judiciário - Área Administrativa/ TRE-MS/ CESPE - 2013) Nas opções a seguir são apresentados trechos adaptados de Os Novos Atores Políticos, de Vladimir Safatle, texto publicado em Carta Capital. Assinale a opção em que o trecho apresentado está gramaticalmente correto.
a) Que juízes se vejam como atores políticos, não deveria ser visto como um problema.
b) A interpretação das leis não pode ser feita sem apelo a interpretação das demandas políticas que circula no interior da vida social de um povo.
c) Interpretar uma lei é se perguntar sobre, o que os legisladores procuravam realizar?
d) Um dos fatos mais relevantes de 2012 foram a transformação dos juízes do Supremo Tribunal Federal em novos atores políticos.
e) Há algum tempo, a Suprema Corte virou protagonista de primeira grandeza nos debates políticos nacionais.

O verbo “haver”, aqui, significa tempo decorrido, e estará sempre no singular. Gabarito: **E**.

Exercícios complementares

01. (Taquígrafo/Trib. Reg. Federal/UFRJ) Dos itens abaixo, o que contém erro de concordância é:
    a) Duas léguas é muito para quem vai a pé e é quase nada para quem vai de carro;
    b) Ainda pode haver obstáculos para aprovação do projeto;
    c) "Todas se houveram muito bem." (letra de samba);
    d) O Fábio trabalhava com consertos em gerais;
    e) Grande quantidade de candidatos desistiu de fazer a prova.

"Em geral" é locução adjetiva, e deve permanecer no singular sempre. Gabarito: **D**.

02. (Taquígrafo/Trib. Reg. Federal/UFRJ) Das frases abaixo, a que contém erro de concordância é:
    a) Grande número de jornais divulgaram os resultados;
    b) A maioria das empresas optaram por esse método;
    c) Hão de existir métodos tão bons quanto esse ou melhores;
    d) Conferida a carta de cobrança e o ofício destinado à TELERJ, a secretária parou para tomar um cafezinho;
    e) Devem fazer quatro meses que não fechamos negócios com empresas dessa região.

O verbo "fazer" no sentido de tempo decorrido deve permanecer no singular, assim como toda a locução verbal onde ele estiver ("deve fazer"). Gabarito: **E**.

03. (Taquígrafo/Trib. Reg. Federal/UFRJ) Das frases abaixo, a que contém erro de concordância é:
    a) Analisando o poema de Mário de Andrade e a carta que ele escreveu a Bandeira, percebe-se uma relação de intertextualidade entre ambos;
    b) Sempre hão de existir descontentes;
    c) Vai fazer cinco meses que me dedico a esta pesquisa;
    d) A maioria dos professores foram favoráveis ao projeto;
    e) Os dois primeiros itens tem como objetivo sensibilizar o leitor para os perigos da ambiguidade.

O verbo deve estar no plural ("têm"), pois seu sujeito é plural: "os dois primeiros itens". Gabarito: **E**.

04. (Execução de Mandados/Trib. Reg. Federal/UFRJ) Do ponto de vista da concordância, a frase correta é:
 a) Há de existir outras oportunidades como aquelas;
 b) Não deverão, em qualquer dessas hipóteses, haver prejuízos significativos;
 c) Nossa empresa negocia com produtos químicos em gerais;
 d) Superados a crise conjugal e o problema do inventário, Eduardo pôde dedicar-se com mais afinco ao projeto;
 e) O trabalho de catequese que tem feito os modestos missionários enviados à nossa região é um exemplo de humildade e labor a ser seguido por todos nós.

Trata-se de uma oração reduzida de particípio, que deve fazer prevalecer o gênero masculino, se houver núcleo masculino. Como o há ("o problema"), isso aconteceu. Gabarito: **D**.

05. (Sem Especialidade/Trib. Reg. Federal/UFRJ) Dentre as frases abaixo, colhidas em situação real de comunicação, a que apresenta erro de concordância é:
 a) Devem ter havido outros motivos para o impeachment;
 b) De todas as lutas que houve nesse período, essa é a de que a História dos livros didáticos menos se lembra;
 c) Contornados a situação interna do partido e o impasse criado com a declaração ambígua do senador, podem os membros da comissão falar novamente em uníssono;
 d) Existem cerca de 170 mil espécies de dicotiledôneas estudadas até hoje;
 e) Uma série de características exclusivas dos vertebrados constituirão o tema do próximo capítulo.

O verbo "haver" significando "existir" é impessoal. Deve ficar sempre no singular, assim como toda a locução verbal onde ele estiver presente. Gabarito: **A**.

06. (Sem Especialidade/Trib. Reg. Federal/UFRJ) Assinale a opção que admite a variação de concordância feita entre parênteses:
 a) Deve haver mais vagas do que candidatos (devem);
 b) A maior parte funciona bem (funcionam);
 c) A multidão corria desesperadamente (corriam);
 d) A maioria dos presentes aprovou a ideia (aprovaram);
 e) Há de haver outras soluções. (hão).

Em "a maioria dos presentes", há núcleo no singular e adjunto no plural. O verbo pode concordar com qualquer um dos dois. Gabarito: **D**.

07. (Auxiliar Judiciário/Corregedoria Geral da Justiça/UFRJ) “Há poucos mas bons antecedentes no Brasil.”

Neste caso, o verbo haver não recebe flexões e, por isso mesmo, é denominado impessoal. O item a seguir em que a forma deste verbo está correta é:

a) Não se houve bem na eleição os candidatos da direita;
b) Hão de haver políticos que não gastem tanto;
c) Houveram muitas festas na inauguração do viaduto;
d) Hão de existir alguns amigos no novo bairro;
e) Haviam trinta carros na garagem.

O verbo “existir” não é impessoal. Assim, a locução verbal “há de” deve ir para o plural caso o sujeito seja plural. Gabarito: **D**.

08. (Oficial de Justiça/Técnico Judiciário/Corregedoria Geral da Justiça/UFRJ) O caso a seguir em que a concordância do vocábulo “possível” é equivocada, segundo a norma culta da língua portuguesa, é:

a) Dentro do possível, observaram-se duas tendências na reação ao grupo estranho;
b) As observações do autor do texto foram a mais pertinentes possíveis;
c) É possível que duas tendências existam;
d) Os estrangeiros tornaram possível a admiração por suas obras;
e) Foi possível observar os fatos descritos.

Aqui, a concordância com “possível” deveria ter sido “as mais pertinentes possíveis”. Gabarito: **B**.

09. (Auxiliar de Cartório/Corregedoria Geral da Justiça/UFRJ) “Já aprovado pela Comissão Especial da Câmara, o novo Código de Trânsito determina que a educação para o trânsito seja promovida pelas escolas de Primeiro, Segundo e Terceiro Grau.”

O item a seguir em que ocorre um caso de concordância nominal idêntico ao que está destacado nessa frase do texto é:

a) Procedimento, trabalho e amor cristão;
b) A lei mostrava um novo objetivo e tática;
c) O governo merece eterno agradecimento e elogio;
d) O ministro mostrou bela cultura e talento;
e) Esta e aquela motivação da lei são justas.

Embora sejam núcleos, os termos antepostos ficam no singular e não levam obrigatoriamente o termo posposto ao plural (”motivação”). Gabarito: **E**.

10. (Agente Administrativo/Tribunal Regional do Trabalho/UFRJ) “Ainda é tempo de restaurar e melhorar as instituições e seus serviços em defesa da própria sociedade.”
    O item em que a concordância do termo destacado está correta é:
    a) Eles próprio fizeram o plano.
    b) As própria funcionárias desmentiram o Ministro.
    c) Ela dizia para si própria que não agira bem.
    d) Nós próprias fizemos a carta, diziam os funcionários.
    e) Elas própria redigiram o documento.

“Si própria” concorda com “ela”. Gabarito: **C**.

11. (Auxiliar Judiciário/TJ-RJ/UFRJ) “O Governo de nosso estado combate e denuncia todas as formas de violência.”

Qual seria a forma adequada dessa mesma frase se a começássemos de outra forma: “O Governo de nosso Estado pretende que ...” e se o restante do período fosse colocado na voz passiva pronominal?

a) que se combata e se denuncie todas as formas de violência;
b) que todas as formas de violência sejam denunciadas e combatidas;
c) que todas as formas de violência se combatam e se denuncie;
d) que se combatam e se denunciem todas as formas de violência;
e) que se combate e se denuncia todas as formas de violência.

Tanto em “se combatam” quanto em “se denunciem”, temos pronome apassivador, e o verbo deve concordar com a forma do sujeito plural. Gabarito: **D**.

12. (Auxiliar Judiciário/Tribunal de Alçada Criminal – RJ/UFRJ) “Aqui, as liberdades civis, ou seja, as liberdades políticas básicas, têm clara vigência; ...”

A forma *têm* está no plural porque deve concordar com o seu sujeito, também no plural. A frase em que há um erro de concordância verbal exatamente por não respeitar-se essa relação sujeito-verbo é:

a) Na juventude tudo são alegrias.
b) Os Estados Unidos são um país populoso.
c) Convêm descobrir as fórmulas secretas.
d) Os Lusíadas são o grande poema épico de Portugal.
e) Oitenta por cento dos alunos estão bem preparados.

Aqui, “respeitar a fórmula” é o sujeito oracional, o que leva a forma “convém” a estar obrigatoriamente no singular (com acento agudo, e não circunflexo). Gabarito: **C**.

13. (Agente Administrativo/TRT/Access) A concordância nominal das duas frases está CORRETA em:
    a) Devemos analisar os defeitos e as virtudes verdadeiras.
       Devemos analisar os defeitos verdadeiros e as virtudes verdadeiras.
    b) O pivete não tem ação e julgamento éticos.
       O pivete não tem julgamento e ação éticas.
    c) Eram doentias o crime e a brutalidade.
       O crime e a brutalidade eram doentios.
    d) A senhora e o adolescente eram violentos.
       A senhora e a adolescente eram violentos.
    e) Ele pesquisa o comércio e as finanças brasileiros.
       Ele pesquisa as finanças e o comércio brasileiras.

Na primeira frase, o adjetivo no feminino plural é aceito pelo fato de haver um substantivo no feminino plural próximo ao adjunto posposto. Gabarito: **A**.

14. (Agente Administrativo/TRT/Access) A concordância do verbo sublinhado está INCORRETA na seguinte alternativa:
    a) Ele era um dos pivetes que escaparam da chacina.
    b) Se V. Exª vier, a violência será combatida.
    c) Os Estados Unidos, se o Brasil permitir, ajudarão no combate ao narcotráfico.
    d) Muitos de nós andamos por aí, sem destino.
    e) Não importa ao justo as calúnias.

O correto seria “não importam”, pois, o sujeito é “as calúnias”. Gabarito: **E**.

15. (Agente Administrativo/TRT/Access) Nas alternativas abaixo, a que contém ERRO no emprego do plural é:
    a) O governo está estudando novas medidas econômico-financeiras.
    b) Ao dar prioridade à educação, teremos cidadãos mais conscientes.
    c) Havia provas bastantes do crime.
    d) Quaisquer soluções seriam bem recebidas.
    e) A reunião iria examinar os pró e os contra da questão.

O correto é “os prós” e “os contras”. Gabarito: **E**.

16. (Atendente Judiciário/TRT/Access) Há erro de concordância verbal em:
    a) Pouco me importam a paz e a guerra.
    b) Estarão presentes o diretor, o professor e eu.

c) Perto de cem alunos saíram.
d) Ele era um dos que ficaram.
e) V. Exª e seus amigos foram convidados.

“O diretor, o professor e eu” é o sujeito composto. Deveria ser equivalente a “nós” por causa do “eu”. Assim, a forma correta é “estaremos presentes”. Gabarito: **B**.

17. (Atendente Judiciário/TRT/Access) A alternativa em que a lacuna pode ser preenchida por qualquer uma das duas formas verbais indicadas entre parênteses é:
a) Um dos meus desejos _____ viver em Paris. (era, eram)
b) Por sorte, _____ haver muitas desistências. (vai, vão)
c) O relógio da estação _____ três horas. (deu, deram)
d) A maioria dos jogadores _____ depois da vitória final. (retornou, retornaram)
e) Os castiçais, a prataria e os cristais, tudo _____ penhorado. (estava, estavam)

“A maioria dos jogadores” tem núcleo singular e adjunto no plural. O verbo pode concordar com um ou outro. Gabarito: **D**.

18. (Atendente Judiciário/TRT/Access) A alternativa em que a lacuna pode ser preenchida, de acordo com a norma culta, por qualquer uma das duas formas nominais indicadas entre parênteses é:
a) Encontrei _____ as portas e o portão. (abertos, abertas)
b) Julguei-as _____ alunas.(melhor, melhores)
c) As cartas e os telegramas seguem _____ . (anexos, anexas)
d) Ganhei _____ livros. (bastante, bastantes)
e) Ficarão _____ a tua face e os teus lábios. (rubra, rubros)

O adjetivo “aberto” é, aqui, predicativo do sujeito. Como está anteposto aos núcleos, pode concordar com o mais próximo ou com ambos. Gabarito: **A**.

19. (Oficial de Justiça Avaliador/TRT/Access) Está INCORRETA a expressão sublinhada em:
a) Amanhã vão fazer cinco meses que não nos vemos.
b) Naquele manual deve haver respostas coerentes.
c) Sobre eles vão chover balas de todos os lados.
d) Não chegou a nevar no Sul.
e) Depois de começado o campeonato, não pode haver novas convocações.

O verbo “fazer” no sentido de tempo decorrido não pode ir para o plural, assim como tampouco o pode sua locução verbal. Gabarito: **A**.

20. (Agente de Segurança Judiciária/TRT/Access) Só está CORRETA, quanto à concordância, a expressão da alternativa:
   a) sentimentos anglos-saxões
   b) conferências latino-americana
   c) sentimentos anglos-saxão
   d) civilizações greco-latina
   e) conferências latino-americanas

O adjetivo composto só pode levar o último elemento a flexionar-se em gênero e número. Todos os demais devem, por regra, ficar no masculino singular. Gabarito: **E**.

21. (Agente de Segurança Judiciária/TRT/Access) A concordância do verbo sublinhado está INCORRETA na seguinte alternativa:
   a) A maioria dos funcionários já se aposentaram.
   b) Um dos deputados que foram interrogados fugiu do país.
   c) Não o vejo faz muitos meses.
   d) Houveram muitas injustiças naquele processo.
   e) Quem são aqueles artistas?

O verbo “haver” significa “existir” e, por essa razão, não possui sujeito. Gabarito: **D**.

22. (Auxiliar Judiciário/TRT/Access) De acordo com a norma culta, há ERRO de concordância verbal em:
   a) Fomos nós que saímos.
   b) Chegaram o professor e os alunos.
   c) Os Estados Unidos, por sua vez, tenta uma nova política econômica.
   d) A maior parte dos cariocas vivem em apartamentos.
   e) Muitos de nós andam por aí.

Como o topônimo “Estados Unidos” está precedido de artigo (“os”), o verbo deve ir para o plural. Gabarito: **C**.

23. (Auxiliar Judiciário/TRT/Access) Há ERRO de concordância nominal, segundo a norma culta, em:
   a) Ele pulou longos capítulos e páginas.
   b) Considerou perigosos o argumento e a decisão.
   c) Remeto-lhe anexo as duplicatas.
   d) Bastantes alunos foram aprovados.
   e) Pedro e Tereza partiram sós.

"Anexo" é predicativo do sujeito e deve concordar com o núcleo. O correto será "anexas", pois concorda com "as duplicatas". Gabarito: **C**.

24. (Auxiliar Judiciário/Tribunal de Alçada Criminal/FESP) "Injeta-se, na miséria da favela, o bacilo de uma delinquência consentida."
    Entre as modificações efetuadas na passagem acima, a que apresenta erro de concordância nominal é:
    a) Injetam-se a olhos vistos os bacilos de ...
    b) Injeta-se a olhos vistos o bacilo de ...
    c) Injeta-se a olhos visto o bacilo de ...
    d) Injetam-se um e outro bacilos de ...
    e) Injeta-se mais de um bacilo de ...

Trata-se de voz passiva sintética. O verbo anteposto à expressão "um e outro" deve ficar no singular. Gabarito: **D**.

25. (Oficial de Justiça Avaliador/Corregedoria Geral da Justiça/FESP) "Essas coisas, elementares para quem vive drama judicial, escapam ..."
    Das alterações processadas na passagem acima, a que apresenta erro de concordância nominal é:
    a) Essas coisas o mais elementares possível escapam.
    b) Essas coisas as mais possível elementares escapam.
    c) Essas coisas o quanto possível elementares escapam.
    d) Essas coisas o quanto elementares possível escapam.
    e) Essas coisas as mais elementares possíveis escapam.

O correto seria "as mais possíveis elementares". Gabarito: **B**.

26. (Oficial de Justiça Avaliador/Corregedoria Geral da Justiça/FESP) " ... somos todos vítimas da desinformação, porque precário o processo educacional global."
    A reescrita da passagem acima que se apresenta gramaticalmente correta é:
    a) somos vítimas, haja vista dos processos educacionais
    b) somos vítimas, haja vistas os processos educacionais
    c) somos vítimas, hajam vista aos processos educacionais
    d) somos vítimas, hajam vistas os processos educacionais
    e) somos vítimas, hajam vista dos processos educacionais

A forma "haja vista", se seguida de preposição "de", deve estar sempre no singular. Gabarito: **A**.

27. (Oficial de Justiça Avaliador/Corregedoria Geral da Justiça/FESP) “O comum das pessoas não distingue, ...”

A modificação abaixo, aplicada a esta passagem do texto, que apresenta erro de concordância verbal é:

a) Mais de uma pessoa não distinguem ...
b) Uma e outra pessoa não distinguem ...
c) Nem uma nem outra pessoa distingue ...
d) A totalidade das pessoas não distingue ...
e) Grande parte das pessoas não distinguem ...

A expressão “mais de” exige verbo no singular. Gabarito: **A**.

28. (Auxiliar Judiciário/Corregedoria Geral da Justiça/FESP) Das passagens abaixo transcritas, aquela cujo verbo sublinhado não pode ter a variante de concordância posta ao lado é:

a) “Tantos e tão graves atentados se têm cometido contra as crianças e adolescentes no país, mesmo por seus “defensores”, que nada mais lhes resta senão rezar.” / rezarem
b) “Ressalvadas as virtudes dessa lei e a boa intenção de alguns de seus idealizadores, temo que ela possa servir mais como bandeira política, que ajudará novos “defensores” de crianças a galgar cargos eletivos, ...” / galgarem
c) “Essa lei, divorciada da realidade brasileira, cria muitas ilusões, sem levar em conta as situações concretas.” / levarem
d) “Por que tratar assim bebês como objetos, quando o mesmo resultado, com vantagens, pode ser conseguido com adoções regulares?” / tratarem
e) “Todo menor tem direito de transitar por nossas vias, independentemente de suas condições pessoais. Temos, porém, o dever de tirar das ruas aqueles que ali permanecem por falta de outro espaço adequado para morar ...” / morarem

O infinitivo “levar” tem como sujeito “essa lei” e, por isso, não se justifica no plural. Gabarito: **C**.

29. (Técnico Judiciário/Trib. Reg. do Trabalho/Access) A concordância nominal está INCORRETA no exemplo da seguinte alternativa:

a) Os acordos lusos-brasileiros ficaram prejudicados depois dos últimos acontecimentos.
b) Os governos brasileiro e espanhol concluíram um acordo comercial.
c) Tínhamos por ele elevada estima e respeito.
d) Envio anexas à carta as declarações de renda.
e) Cerveja é bom.

O adjetivo composto só pode levar o último elemento a flexionar-se em gênero e número. Todos os demais devem, por regra, ficar no masculino singular. O correto aqui é “luso-brasileiros”. Gabarito: **A**.

30. (Auxiliar Judiciário/Trib. Reg. Eleitoral/FESP) A única frase em que há erro de concordância nominal na palavra grifada é:
    a) Essas consultas não ficam baratas.
    b) As crianças não devem ficar descalças.
    c) Anexas seguem as informações solicitadas.
    d) Ficaram decepcionados a juíza, o padre e o réu.
    e) A discórdia, por qualquer motivos, é sempre um mal.

O correto será “por quaisquer motivos”. Gabarito: **E**.

31. (Auxiliar Judiciário/Trib. Reg. Eleitoral/FESP) A alternativa que apresenta erro quanto à concordância verbal é:
    a) Eram dois irmãos bem parecidos.
    b) Só eles podem fazer tais exceções.
    c) São dificuldades a serem vencidas.
    d) Deram quatro horas no relógio da Central.
    e) Tudo estava bem, como se não houvessem ameaças.

O verbo “haver” significa “existir” e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular. Gabarito: **E**.

32. (Atendente Judiciário/Trib. de Alçada Criminal/FESP) “Criou-se entre nós a ideia equivocada de que um homem só está bem vestido quando abafa o corpo com um paletó e aprisiona a garganta com uma gravata, esse indefectível adereço de cores, tamanhos e estampas variados.”
    Dentre as alterações processadas na passagem acima, a que não se acha correta é:
    a) ... cores, tamanhos e estampas variadas
    b) ... tamanhos, estampas e cores variados
    c) ... variadas cores, tamanhos e estampas
    d) ... variadas tamanhos, cores e estampas
    e) ... variados cores, tamanhos e estampas

O adjunto adnominal anteposto deve concordar com o núcleo mais próximo. Aqui, seria “tamanhos”. Gabarito: **D**.

33. (Técnico Judiciário/TJ-RJ/FESP) “João Brandão aquiesceu, porque o outro, pelo tom de voz, parecia disposto a tudo, inclusive a trabalhar de braço, a fim de impedir que ele trabalhasse de pena.”

Das reescritas abaixo, aquela que apresenta concordância verbal inaceitável é:

a) ... os outros, pelo tom de voz, pareciam dispondo-se a tudo
b) ... os outros, pelo tom de voz, pareciam estar dispostos a tudo
c) ... os outros, pelo tom de voz, parecia estarem dispostos a tudo
d) ... os outros, pelo tom de voz, parecia que estavam dispostos a tudo
e) ... os outros, pelo tom de voz, pareciam que estavam dispostos a tudo

O correto será “parecia que estavam”, pois “que estavam” é sujeito oracional de “parecia”. Gabarito: **E**.

34. (Técnico Judiciário/TJ-RJ/FESP) “Hoje deve haver menos gente por lá, ...”

Das reescritas abaixo, a que não se ajusta às normas de concordância verbal é:

a) Hoje parece chegarem menos pessoas ...
b) Hoje deve aparecerem menos pessoas ...
c) Hoje hão de existir menos pessoas ...
d) Hoje têm de surgir menos pessoas ...
e) Hoje podem afluir menos pessoas ...

Essa locução não permite que o verbo principal se flexione no lugar do auxiliar. O correto é “devem aparecer”, apenas. Gabarito: **B**.

35. (Técnico Judiciário/TJ-RJ/FESP) “João Brandão, o de alma virginal, não entendia assim, e lá um dia em que o Departamento Meteorológico anunciava: céu azul, praia, ponto facultativo”, não lhe apete¬cendo a casa nem as atividades lúdicas, ...”

Existe erro de concordância verbal na seguinte modificação efetuada na passagem do texto:

a) As atividades lúdicas nem a casa lhe apetecia.
b) A casa nem as atividades lúdicas lhe apeteciam.
c) Não lhe apetecia a casa nem as atividades lúdicas
d) Não lhe apeteciam a casa nem as atividades lúdicas
e) Não lhe apeteciam as atividades lúdicas nem a casa

O sujeito é composto e deve levar o verbo ao plural. Gabarito: **A**.

36. (Técnico Judiciário/TJ-RJ/FESP) “Hoje deve haver menos gente por lá, ...”

Dentre as modificações abaixo, aplicadas à passagem acima, a que se acha correta quanto à concordância nominal é:

a) Hoje só deve haver pessoas à-toas por lá.
b) Hoje deve haver bastantes pessoas por lá.
c) Hoje só deve haver pessoas fantasmas por lá.
d) Hoje só deve haver uma e outra pessoas por lá.
e) Hoje deve haver tantas pessoas por lá quanto havia ontem.

O verbo “haver” significa “existir” e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Gabarito: **B**.

37. (Auxiliar de Cartório/TJ-RJ/FESP) “Meu amigo tem esterco de vaca, de galinha, até de passarinho, o senhor pode não acreditar, mas tem.”
Entre as modificações aplicadas à passagem acima, a que tem erro de concordância verbal é:
a) ... haviam estercos diversos
b) ... viam-se estercos diversos
c) ... surgiam estercos diversos
d) ... existiam estercos diversos
e) ... apareciam estercos diversos

O verbo “haver” significa “existir” e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Gabarito: **A**.

38. (Técnico Judiciário/TRE/FESP) A frase em que a concordância nominal está incorreta é:
a) Sempre digo que nós não estamos só.
b) É meio-dia e meia, disse o professor.
c) A menina estava com sapatos e bolsa escuros.
d) Choveu no quarto embora a janela estivesse meio aberta.
e) Durante meu curso de Direito, pude adquirir bastantes conhecimentos.

“Sós” deve concordar com “nós”. Gabarito: **A**.

39. (Técnico Judiciário/TRE/FESP) A alternativa em que a concordância do verbo sublinhado está incorreta é:
a) Nem um nem outro candidato a presidente do clube merece crédito.
b) Deveria haver muitas dúvidas em relação àquela pergunta.
c) Mulheres, crianças, soldados, ninguém escapou com vida.
d) Os Estados Unidos são um país bastante desenvolvido.
e) Fazem três anos que aquele corretor faleceu.

O verbo “fazer” aqui indica tempo decorrido. Deve ficar no singular. Gabarito: **E**.

40. (Atendente Judiciário/TRF/ESAF) Assinale a frase em que a concordância nominal está incorreta:
    a) Ela mesmo, meia desconfiada, agradeceu o prêmio.
    b) É necessário prudência quando conduzimos veículos
    c) Descobertas médico-científicas contribuem para o bem da humanidade.
    d) Compreendidos os problemas mais difíceis, a prova tornou-se fácil.
    e) Anexo à fotografia estava o bilhete que ela me deixou.

O correto é "ela mesma", pois o "mesmo", como pronome demonstrativo de realce, deve concordar com seu núcleo em gênero e número. Gabarito: **A**.

41. (Atendente Judiciário/TRF/ESAF) Assinale a alternativa em cuja frase a concordância verbal está incorreta.
    a) O pessoal, ansioso por melhoria, comemorou as promoções.
    b) Após o desempate, Antônio ou João conseguirão o primeiro lugar.
    c) Do centro da cidade até minha casa são seis quilômetros.
    d) Realizam-se no mesmo dia todas as provas escritas.
    e) Dois meses foi muito tempo de espera e de estudo.

O "ou" aqui tem caráter de exclusão, já que o fato se deu "após o desempate". O verbo só pode concordar com o núcleo mais próximo. Gabarito: **B**.

42. (Auxiliar Judiciário/Conselho da Justiça Federal/ESAF) Quanto à concordância nominal, a única frase certa é:
    a) Eles mesmo preencherão a declaração de bagagem.
    b) Seguem anexo as provas do processo.
    c) Estamos quite com o fisco.
    d) A mercadoria estava meio escondida.
    e) É proibido a entrada de frutas cítricas no país.

O "meio" não deve concordar com o adjunto adnominal nem com o núcleo. Gabarito: **D**.

43. (Auxiliar Judiciário/Conselho da Justiça Federal/ESAF) A frase onde há erro de concordância verbal é:
    a) Houveram muitos turistas atravessando a ponte.
    b) Faz vinte minutos que esse carro espera para ser liberado.
    c) Deve haver poucas declarações para serem examinadas.
    d) São oito horas de trabalho.
    e) Existem pessoas tentando burlar a fiscalização.

O verbo "haver" significa "existir" e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Gabarito: **A**.

44. (Técnico de Finanças e Controle/ESAF) Assinale o texto transcrito com erro de concordância verbal,
    a) As profundas modificações do sistema produtivo e a globalização econômica "internacionalizaram" radicalmente as próprias demandas do campo, ligando a agricultura ao mercado mundial e integrando cada produtor rural ao sistema internacional de preços.
    b) Tal fato também "desnacionaliza" a questão agrária e exige maior precisão a respeito da natureza da reforma agrária que queremos, destruindo a ilusão romântica de uma agricultura de subsistência ou dedicada exclusivamente ao abastecimento do mercado interno.
    c) O operariado das fábricas da segunda revolução industrial continuarão com um peso social considerável por muito tempo, mas sua tendência é esgotarem-se como força política renovadora e como elemento central do processo produtivo com peso estratégico num futuro próximo.
    d) A situação do desenvolvimento capitalista atual – gerando uma nova classe trabalhadora "da sociedade do conhecimento" (estranha à cultura proletária tradicional) – produziu uma exclusão social de proporções gigantescas.
    e) As velhas alianças, nessa nova etapa histórica que elimina a possibilidade de políticas paroquiais, não têm mais que um nobre significado moral, pois há uma fragmentação política e objetiva do mundo de trabalho. (Tasso Genro)

O núcleo do sujeito é "operariado" e os verbos que se referem a ele devem estar no singular. Gabarito: **C**.

45. (Técnico Judiciário/TRT/Vitória-ES/ESAF) Assinale o trecho que foi transcrito com erro de concordância.
    a) No combate à fome há o germe da mudança do País. Começa por rejeitar o que era tido como inevitável.
    b) Todos podem e todos devem comer, trabalhar e obter uma renda digna, ter escola, saúde, saneamento básico, educação, acesso à cultura.
    c) Ninguém deve viver na miséria. Todos têm direito à vida digna, à cidadania.
    d) Fora disso, só existem a presença do passado no presente, projetando no futuro o fracasso de mais uma geração.
    e) A sociedade existe para isso e o Estado, a política, os partidos, as instituições, as leis só têm sentido como instrumentos dessas garantias. (Herbert de Souza)

O correto será "só existe", pois, o sujeito é "a presença". Gabarito: **D**.

46. (Técnico do Tesouro Nacional/ESAF) Indique o trecho em que ocorre erro de concordância verbal, segundo o padrão culto da Língua Portuguesa.
    a) O momento é grave. Cabe aos políticos a obrigação de manter a serenidade e o equilíbrio nos debates, que certamente passarão para o plenário da Câmara e do Senado. (Jornal de Brasília, 27-08-94)
    b) A outra das terras por eles exploradas, pela mesma época, os portugueses deram o nome de Brasil, porque havia ali muito do pau conhecido por esse nome. Foi sorte. Havia também muitos macacos, nessa mesma terra, e muitos papagaios. (Veja, nº 134.06-07-94)
    c) Os cheques pré-datados, que permite aos lojistas financiar seus clientes nas compras a prazo, em alguns casos representam até a metade dos cheques recebidos pelo comércio. (O Globo, 15-01-94)
    d) Os desarranjos da economia se expressam na ordem social por desequilíbrios calamitosos. São o desemprego generalizado, as pressões inflacionárias, a queda do produto, a depressão das massas e, síntese dialética, a violência. (Correio Brasiliense, 08-07-94)
    e) Mas, se, para além das palavras, se considerarem os atos do Executivo e as atuais negociações, parece que as pressões já começam a ter efeito. Há dez dias o país foi surpreendido com a nova versão do Orçamento que prevê uma elevação de mais de U$ 10 bilhões nos gastos do governo e igual aumento na estimativa de receitas. (Folha de São Paulo, 13-03-94)

O sujeito é "os cheques", e o verbo deverá ser "permitem". Gabarito: **C**.

47. (Técnico do Tesouro Nacional/ESAF) Assinale a opção em que a conjugação do verbo HAVER desrespeita a norma culta.
    a) Mesmo assim, os adultos houveram por bem recomendar cautela a todos.
    b) Dessa maneira, não haveria arrependimentos nem lamentos.
    c) Naquela situação de tensão, os garotos se houveram com muita discrição e elegância.
    d) Todos eles já haviam vivido situações de tensão anteriormente.
    e) Eles sabiam que deviam haver punições para os que violassem as regras.

O correto é "devia haver punições". O verbo "haver" significa "existir" e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Gabarito: **E**.

48. (Assistente/MPU/ESAF) Assinale o item em que há erro de concordância verbal, segundo a norma culta.
    a) Diríamos que há importantes distinções a fazer entre discurso e história.
    b) Haveremos de refletir sobre o lugar particular do índio na cultura.

c) Os missionários já haviam amansado o índio e o tornado submisso.
d) Há vários séculos as línguas indígenas têm tradição apenas oral.
e) Devem haver vantagens para o índio no contato com o civilizado.

O verbo "haver" significa "existir" e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Gabarito: **E**.

49. (Assistente/MPU/ESAF) Assinale a opção em que um dos pares fere as regras de concordância da norma culta.
a) N. Elias é um dos autores que opõe o conceito de civilização ao de cultura para definir o que é nação ocidental.
N. Elias é um dos autores que opõem o conceito de civilização ao de cultura para definir o que é nação ocidental.
b) A catequese, a pacificação torna o índio assimilável e oportunizam o avanço do branco.
A catequese, a pacificação tornam o índio assimilável e oportunizam o avanço do branco.
c) Na literatura missionária, mais de um relato faz distinção entre índio "civilizado" e índio "selvagem".
Na literatura missionária, mais de um relato fazem distinção entre índio "civilizado" e índio "selvagem".
d) Nem o mulato nem o caboclo perde sua identidade frente ao branco, como acontece com o indígena.
Nem o mulato nem o caboclo perdem sua identidade frente ao branco, como acontece com o indígena.
e) Muitos de nós brasileiros reconhecem que a concepção de nossa identidade vem do branco europeu.
Muitos de nós brasileiros reconhecemos que a concepção de nossa identidade vem do branco europeu.

A expressão "mais de um" só admite verbo no singular. Gabarito: **C**.

50. (Técnico do Tesouro Nacional/ESAF) Assinale a alternativa correta quanto à concordância verbal:
a) Soava seis horas no relógio da matriz quando eles chegaram.
b) Apesar da greve, diretores, professores, funcionários, ninguém foram demitidos.
c) José chegou ileso a seu destino, embora houvessem muitas ciladas em seu caminho.
d) O impetrante referiu-se aos artigos 37 e 38 que ampara sua petição.
e) Fomos nós quem resolvemos aquela questão.

Aqui, poderíamos ter "fomos nós quem resolveu" ou "fomos nós quem resolvemos". Gabarito: **E**.

51. (Auxiliar/Serviços Gerais/MPU/ESAF) A concordância verbal está correta na opção:
   a) Quando os telefonemas cessaram, era quase duas horas da manhã.
   b) Não falta motivos para anúncios exóticos.
   c) Está sendo esperado, nesta semana, o instrutor e o coordenador do curso.
   d) Fazem três semanas que compraste o carro e já queres vendê-lo.
   e) Aparelhos de tevê, gravadores, máquina, tudo estavam à venda.

O sujeito é composto, "o instrutor e o coordenador do curso", o que leva o verbo e o nome a irem para o plural: "estão sendo esperados". Gabarito: **C**.

52. (Auxiliar/Serviços Gerais/MPU/ESAF) Anúncios de animais e carteira __________ são __________ frequentes, porém é __________ a oferta de gratificação para que os donos não tenham prejuízo.
   Assinale o conjunto que completa, corretamente, a frase acima:
   a) desaparecida, bastantes, necessário
   b) desaparecidos, bastante, necessário
   c) desaparecidos, bastantes, necessária
   d) desaparecida, bastante, necessário
   e) desaparecidos, bastante, necessária

"Desaparecidos" concorda com "anúncios" e "carteiras". "Bastante" é advérbio nesta frase, e não deve variar. "Necessária" concorda com "a oferta". Gabarito: **E**.

53. (Assessor Técnico Parlamentar/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) As formas verbais sublinhadas em "gente que conhecia havia milhares de anos o pedaço" e "Naquele momento, havia dois modos de olhar as coisas" podem ser substituídas, respectivamente, por:
   a) faziam e existiam;
   b) fazia e existia;
   c) haviam e existia;
   d) fazia e existiam;
   e) haviam e existiam.

"Haver" e "fazer" indicando tempo decorrido devem permanecer no singular, pois não possuem sujeito. "Haver" significando "existir" é impessoal e deve permanecer no singular, mas "existir" não é impessoal, e deve concordar com seu sujeito. Gabarito: **D**.

54. (Assessor Técnico Parlamentar/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Pela grafia e flexão do verbo ter pode-se afirmar que houve erro de concordância em:
    a) Nossas várzeas têm mais flores.
    b) Nossos bosques têm mais vida.
    c) Uma série de fatores tem contribuído para dificultar a conclusão da obra.
    d) Os analistas de sistema têm emprego garantido nesse mercado.
    e) O aluno desta universidade não têm motivos para temer o desemprego.

O sujeito é singular (“aluno”), o que leva o verbo a estar no singular (“tem”). Gabarito: **E**.

55. (Assessor Técnico Parlamentar/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) As normas de concordância e de flexão verbal deixaram de ser observadas na frase:
    a) Eles mantêm sempre o mesmo ponto de vista.
    b) Essas substâncias intervêm nocivamente no sistema circulatório.
    c) A maioria vêm aos domingos.
    d) Tais doutrinas não convêm aos poderosos.
    e) Ele detém muito poder nas mãos.

“A maioria” não aceita verbo no plural, a menos que estivesse seguido de adjunto no plural (por exemplo, “das pessoas”). O correto seria “vem”. Gabarito: **C**.

56. (Auxiliar de Serviços Administrativos/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Nas frases “Já __________ duas semanas que não íamos à praia”, “Não __________ existir muitos prêmios” e “Ainda __________ haver vagas”, as lacunas se preenchem, respectivamente, com:
    a) faziam, podem, devem;
    b) faziam, podem, deve;
    c) fazia, pode, deve;
    d) fazia, podem, deve;
    e) faziam, pode, deve.

“Haver” e “fazer” indicando tempo decorrido devem permanecer no singular, pois não possuem sujeito. “Haver” significando “existir” é impessoal e deve permanecer no singular, mas “existir” não é impessoal, e deve concordar com seu sujeito. Gabarito: **D**.

57. (Auxiliar de Serviços Administrativos/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) A opção em que há erro de concordância verbal, segundo as normas da língua culta, é:
    a) Descobriram-se muitos inventos novos na última década.

b) É preciso que se realizem esforços para se atingir um plano de desenvolvimento integrado.
c) Foi necessário que se estendesse as providências até alcançar os menos favorecidos.
d) Nada se poderia realizar sem que se tomassem novas medidas.
e) Desenvolveu-se o novo projeto de que todos estavam necessitados.

O correto seria "se estendessem", pois temos uma voz passiva com sujeito no plural. Gabarito: **C**.

58. (Redator/Revisor/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) A opção em que apenas uma das formas verbais entre parênteses pode ser empregada, segundo as normas cultas de concordância verbal é:
a) Uma lista extensa de manifestações e produtos (gravita/gravitam) em torno de 68.
b) Talvez não (haja/hajam) muitas diferenças entre a atual pasteurização do país e a dos anos 60.
c) Não há terremoto na Ásia, rodada de demissões ou pacotaço capazes de (remover/removerem) tamanho otimismo.
d) Carla Perez, com outras celebridades da TV, (divide/dividem) hoje com astros do Cinema Novo a "Ilha de Caras".
e) (Persiste/Persistem) atualmente apenas a axé music, o neo-sertanejo e o pagode.

O verbo "haver" significa "existir" e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Gabarito: **B**.

59. (Escrivão de Polícia/UFRJ) " ... uma pequeníssima minoria de homens que se preocupassem ... ". Assinale a alternativa em que a concordância verbal se realiza do mesmo modo que na frase acima:
a) Grande número de operários trabalha de olho no relógio.
b) Muitos operários das fábricas trabalham mais de oito horas por dia.
c) Um bando de pássaros voaram pelo céu.
d) Consertou certa quantidade de relógios que falharam.
e) O homem de tribos nômades não possuía relógio.

O sujeito é formado por um núcleo no singular e um adjunto no plural. O verbo pode concordar com ambos. Nos dois casos, o verbo concordou por atração com o núcleo. Gabarito: **D**.

60. (Contador/Controladoria Geral do Município/Fundação João Goulart) Há reuniões da comissão que trata do assunto.
De acordo com a norma culta, pode-se substituir a forma verbal grifada por:
a) vai acontecer

b) têm havido
c) pode ocorrer
d) devem existir
e) há de surgir

O verbo “haver” significa “existir” e, por essa razão, não possui sujeito. Deve ficar no singular, assim como a locução verbal onde estiver presente. Mas “existir” não é impessoal e deve concordar com o sujeito, assim como sua locução verbal. Gabarito: **D**.

Capítulo 12 – Predicação e Regência Verbal e pequeno dicionário de Regência Verbal

1 Predicação verbal

Quanto à predicação, podemos classificar os verbos em:

1.1 Verbos de ligação

Indicam estado ou mudança de estado.
Exemplos:
O carro é meu.
O menino estava cansado.

1.2 Verbos de ação

Exprimem significado exterior. Podem ser:

a) *Intransitivos*
Não são acompanhados de complemento verbal (objetos), podendo vir acompanhados, apenas, por um adjunto adverbial.
Exemplos:
Todos ficaram no cinema.
Estávamos em casa.
A sua estrela já brilha.

b) *Transitivos diretos*
Verbos complementados por termo em que a preposição não é obrigatória.
Exemplos:
Vi seu irmão. Ama a teu semelhante.

Observação 1:

A melhor maneira de identificarmos o VTD será passando-o para a voz passiva analítica (VL + PART.). Se esse procedimento for possível, estaremos diante de um VTD.
Exemplo:
Amo a Deus.

Embora seja preposicionado (“a Deus”), trata-se de objeto direto, já que o verbo é transitivo direto. Para esta última constatação, basta que façamos a conversão para a voz passiva:

Deus é amado por mim.

Com isso, constata-se que se trata de VTD.

Observação 2:

Há poucos verbos que, embora de predicações diferentes, aceitam voz passiva. Podemos mencionar: *perdoar, pagar, responder, obedecer, desobedecer, aludir, presidir*.

Exemplo:

O pai perdoou ao filho (VTI)

Mas: O filho foi perdoado pelo pai (voz passiva, excepcionalmente aceita)

c) *Transitivos indiretos*

Verbos complementados por termo preposicionado obrigatoriamente

Exemplo:

Preciso de muitas coisas.

d) *Transitivos diretos e indiretos*

Verbos duplamente complementados.

Exemplos:

Entreguei o livro ao aluno. Lembrei-o de seus deveres.

Observação:

A maioria dos verbos transitivos diretos e indiretos vêm de três verbos em latim: *dandi, dicendi, rogandi.* Tais verbos dão, em português, respectivamente, *dar, dizer*, *pedir*, e os sinônimos de tais verbos. Derivados do verbo *dicendi*, Othon M. Garcia sugeriu os verbos *sentiendi*, que originam verbos acrescidos de modalização.

2 Regência verbal: conceitos & pequeno dicionário de regência verbal

2.1 Introdução: regência versus sentimento

Pode-se definir *regência*, num sentido lato, como o *índice* específico de subordinação, ou de correlação (em certos casos), entre dois vocábulos, sendo um deles o determinante (ou

regente, ou antecedente, ou condicionante etc.) e o outro o determinado (ou regido, ou consequente, ou condicionado etc.).

Em princípio, num patamar *semântico*, não se poderia dizer qual deles está subordinado verdadeiramente a qual, visto que a relação de dependência, ou de subordinação, como dizíamos, é recíproca, e afeta, na maior parte, tanto um vocábulo do sintagma quanto o outro – muito embora, logicamente, num sintagma difira funcionalmente este vocábulo daquele outro.

Em português, sabemos que o *índice ou a marca* da subordinação é, por natureza, a preposição, que, embora nem sempre tenha o caráter intrínseco de subordinar dois termos entre si (como no caso de "à noite", por exemplo, em que o papel da preposição é antes o de transpor um substantivo a um advérbio), estabelecerá, na maioria dos casos, não apenas a existência de grau determinado de subordinação, como, também, a natureza dessa subordinação, mediante contextos distintos que levem a tais e tais sentidos, levando-se em conta que os conectivos que promovem subordinação, dado o alto grau de polissemia que os atinge, apenas em função de situação semântica específica (ou *contexto* semântico, como se queira), mostrarão, de fato, o seu *sentido*. Nesse ponto, exemplificaríamos com: "Estou *com* fome" – em que se fala do que se sente; "Sairei *com* você" – indica a companhia que se tem; "Morreu *com* a miséria" – expressa causa; "Sobreviveu *com* a pensão miserável que recebia" – marca concessividade; "*Com* sorte e estudo se vence na vida" – marca condição; "Faço isso *com* prazer" – modo; e assim por diante.

Ao restringirmos o campo de atuação do estudo da regência *lato sensu*, poderíamos chegar à *regência verbal*, que é, por sua vez, a que os verbos estabelecem em relação ao termo que lhes será o regido, ou, – e neste caso é o termo que se utilizará com maior precisão técnica, – o termo que lhes será (aos verbos, repita-se) o *complemento*. Tal relação se pode dar de maneira *direta*, isto é, sem obrigatoriedade de existência de uma preposição (*e.g.*:"quero *isto*"), ou *indireta*, isto é, havendo a necessidade (cf. Cunha-Cintra, "relação obrigatória") de uma ou de mais de uma preposição (*e.g.*:"gosto *d*isto"; "andou *por sobre* o mar"– este último exemplo, de conformidade com circunstância em que há acúmulo de preposições, retirou-se à *Moderna Gramática Portuguesa*, de Evanildo Bechara, 36. ed., Rio de Janeiro, 1997, p. 156. Trazemos outro: "... nos cabellos que lhes ondeiavam pelos hombros, saindo *de sob* os elmos": Herculano *apud* Epifânio Dias, *Syntaxe Histórica Portuguesa*, 3. ed., Lisboa, p.167, grifos nossos.).

No entanto, também se poderá, licitamente, ampliar o termo "regência" à análise (ou à constatação) da *servidão gramatical* que conduza a correspondências específicas 1) entre dois modos (e/ou tempos) verbais, ou mesmo 2) entre um modo e/ou tempo com relação, por exemplo, a certas conjunções ou locuções conjuntivas, ou, ainda, a certos advérbios (embora, nestes casos, devêssemos, com maior precisão, utilizar os termos "correlação condicional", onde se teria uma parte condicionante – ou *prótase* – ao lado de uma condicionada – ou *apódose*). No primeiro caso, teríamos: "Se ele *falasse* menos, *estudaria* mais" – o pretérito imperfeito do subjuntivo na oração anterior exigiu o futuro do pretérito do indicativo nesta última; no segundo:

"Talvez ele estude" – advérbio de dúvida, também por servidão gramatical, exige, *a priori*, o modo subjuntivo.

Por fim, diríamos que o termo *regime* se deve aplicar, exatamente, ao conjunto de preposições exigidas (ou aceitas) pelos verbos, substantivos, adjetivos ou advérbios, – estas três últimas classes pertinentes, é óbvio, ao estudo da regência *nominal*. Assim, por exemplo, para vislumbrarmos diacronicamente o assunto, diríamos que o acusativo latino "empregado em sentido local" (Epifânio da Silva Dias, ob. cit., p.108) foi substituído pelas preposições *a* ou *para*; logo: *chegar a* (*à*) casa; *voltar para* Paris; etc.; daí o porquê do regime de tais verbos (há um importantíssimo e valiosíssimo estudo de Rocha Lima – *in Estudos em homenagem a Cândido Jucá, filho* – a respeito dos casos, provenientes do indo-europeu, *locativo* e *diretivo*, com exegese da evolução e convivência das preposições *a* e *em*).

Afora isso, poder-se-ão incluir no estudo do regime os casos que se viram acima de advérbios, conjunções e tempos e modos que exijam certos tempos e modos específicos; sem contar o *regime* das próprias preposições – sobretudo as acidentais: um estatuto da classe das preposições que parece transitar com certa fluidez entre os inventários léxicos aberto e fechado de uma língua(6) –, que trata da matéria sob o prisma de poder-se pospor a tais preposições um pronome oblíquo tônico ou um pronome reto (como exceto *eu*; para *mim*; até *mim* / até *eu* etc.). É obra de fôlego *O problema da regência* (2. ed., Rio de Janeiro, 1960), de Antenor Nascentes
.

Observação 1:

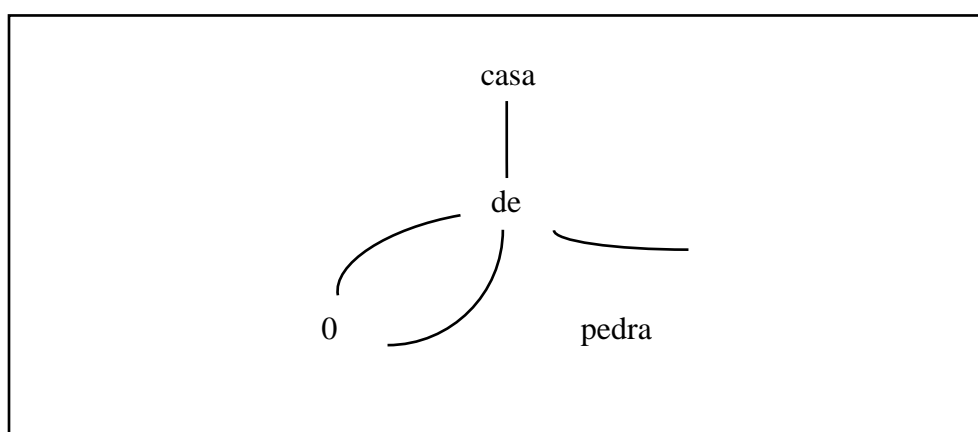
São muito elucidativas as palavras de Celso Cunha e Lindley Cintra a esse respeito: "A regência é um movimento lógico irreversível de um termo regente a um regido. Reconhece-se o termo regido por ser aquele que é necessariamente exigido pelo outro. Por exemplo: a conjunção *embora* pede o verbo no subjuntivo, mas o verbo no subjuntivo não exige obrigatoriamente a conjunção *embora*; logo, a conjunção é o termo regente, e a forma verbal o termo regido". Sobre o conceito de REGÊNCIA e suas relações com o de CONCORDÂNCIA, veja-se Louis Hjelmslev. *La notion de rection.* Acta Linguistica, 1: 10-23, 1939. (*In* Cunha, Celso e Cintra, Lindley, Nova Gramática do Português Contemporâneo, 2. ed., RJ, Nova Fronteira, 1985)

Observação 2:

Poderá até haver ausência de preposição sem prejuízo da circunstância adverbial, que se instaurará. É o caso de "*domingo* fui à missa". Num comentário de Epifânio Dias (ob. cit., p. 68), lê-se:

... *forão bem* <u>*noyte*</u> *obra de cem homens em hua barca grande... (Cast. I 8) –*, onde nada, senão o contexto, permite que saibamos tratar-se de uma circunstância adverbial (de tempo).

Também em exemplos contemporâneos como:
"*Outro dia** foi presa uma senhora porque numa banca de mercado, *em pleno sábado de feira***, agrediu a rival com uma rapadura (...)" (Raquel de Queirós)
* Adjunto adverbial de tempo, sem preposição.
** Adjunto adverbial de tempo, com preposição.

É de domínio de toda a gente que, na obra *Éléments de syntaxe structurale* (2. ed., Paris, Klincksieck, 1969), Lucien Tesnière apresenta, numa como versão primeira (e anterior mesmo a Chomsky) da sintaxe transformacional, o conceito de *translação de primeiro grau*, em que, por um *estema* (grafismo com o qual o Autor nos faz visualizá-la), isto é, um "T" maiúsculo estilizado, pode-se, entre outros processos (incluindo-se o de conversão ou derivação imprópria) de transformação, ver o papel da preposição (mas também de um artigo, por exemplo) de, antes, transferir de uma classe gramatical a outra um vocábulo qualquer. É o caso de: *Casa de pedra*, em que a preposição (*translativo*) fez ocorrer, com "pedra" (originariamente um substantivo), processo de adjetivação, sendo, assim, aquele "ex-substantivo" (e atual adjetivo) o elemento *transferendo*; o todo que sintática e semanticamente funciona como adjetivo recebe a denominação de *transferido.*

ESTEMA (1) DE TESNIÈRE

Por fim, lembramos que há também a *aposição*, algo a que se poderá chegar com auxílio de preposições: cf. Cidade *de* Paris ("de Paris" não é subordinado a "cidade", apenas o será num sentido demasiado abrangente de análise sintagmática).

É interessante observar que, por não dizerem sempre respeito a uma ideia ou construção únicas (o que as faria excludentes de outras), momentos haverá em que se cometerá uma como infração aos princípios carreadores de certas servidões gramaticais, que condicionariam *a priori*

certos termos (ou membros) a certos modos e/ou tempos, mas obedecendo a este princípio de servidão, outrossim, o gênero de muitas palavras da língua (não é à toa que um alemão poderia, em português, dizer **o cadeira*, já que tal palavra, em sua língua, é, de fato, masculina –cf. *Der Stuhl*). Dessa forma, parece óbvio – para que se exemplifique – que certas palavras indicadoras de profissões só exercidas originariamente por homens (noção de *sexo*) sejam indicadas então numa língua tão-só pelo *gênero* masculino, como era o caso de *poeta*; e, entretanto, a partir do momento em que mulheres as passaram a exercer, que tenham recebido, também, os morfemas pertencentes à categoria feminina (ou à *modalidade* feminina, segundo Martinet, termo que nos parece mais preciso aqui), quer sejam estes morfemas apenas um artigo, quer sejam eles artigo e desinência, quer sejam artigo e sufixo, quer sejam ainda artigo, sufixo e desinência, quer sejam, por fim, uma "desinência-zero" de gênero (cf. Mattoso, como o masculino em português é forma não-marcada – ou extensa –, há *subtração* em irmão/irmã) etc., etc.: *a* poeta; *a* mestr*a*; *a poetisa*; *a* prior*a*; *a* prior*esa*. No mesmo raciocínio, se um autor (ou falante) entende, por exemplo, desnecessária a utilização de um subjuntivo mercê de certas locuções ou advérbios, sentindo latente antes a noção de assertividade do modo indicativo do que a de dúvida do subjuntivo, poderá, sem embargo da expressividade, como que burlar a servidão (ou a correlação) gramatical, que, repita-se, nem sempre permite, por sua arbitrariedade relativa, a veiculação de um pensamento mais livre, apaixonado que seja. Fique registrado, ademais, que os critérios de regência sofrem transformações com o passar do tempo, quer evoluindo rumo à simplificação, quer mudando de acordo com (e em função de) certas idiossincrasias cuja investigação não convém por ora, dada a pequenez e modéstia deste trabalho. É nesse ponto que encontramos, no insigne Alexandre Herculano, os trechos abaixo apresentados:

"A inflexão que o conde dera a estas últimas frases tinha o que quer que *era* de atroz e diabólico."

"No tom destas palavras havia o que quer que *era* de ironia e motejo."

Em outro momento, contudo, colhe-se do mesmo autor:

"(...) mas por isso mesmo esses eram vistos por quem quer que *estivesse* de uma ou da outra parte."

E em Eça de Queirós:

"– Oh Gonçalo, eu sempre pensei *que* você e o Cavaleiro *eram* íntimos!"

Passamos agora ao específico problema do advérbio de dúvida, o qual, exatamente por indicar incerteza, pediria, em princípio, o modo subjuntivo (ainda exemplos todos de Alexandre Herculano):

"O Lidador talvez *aludia* à conquista de Lamego."

"Mas talvez nenhum gesto *dava* mostras, não de melancolia mas de inquietação, como o do conde de Trava."

"Talvez o *perseguiam*."

“Egas ainda talvez *pode* evitar seu fado, o leão ainda pode largar a presa.”
“A luz do dia, ao desaparecer, como que se dobrava para afagar e beijar o desgraçado, que talvez não a *tornaria* a ver.”
“Alguém escarnecia o meu amor, porque vendera sua inocência ao estrangeiro, e talvez me *vendeu* a mim!”
“Talvez Dulce aqui mesmo *jurara* a outro o amor que lhe mentira a ele! Talvez o seu rival a *buscava*!...”

Observe-se este último trecho, que merece ser destacado em relação aos demais, o primeiro verbo, que está no pretérito mais-que-perfeito (“jurara”), assim está por utilização deste tempo e modo em lugar do pretérito mais-que-perfeito do modo *subjuntivo* (“tivesse jurado”), o que, estudado que será em seu capítulo próprio, é prática desde tempos idos na língua.

Ainda de Herculano, no *corpus* que foi a obra *O Bobo*, de onde se carpiram os exemplos todos acima, deram alguns trechos preferência ao modo subjuntivo:
“Não sei o que me diz o coração... Talvez me *seja* necessária.”
“Ainda talvez *visse* Dulce.”

Vindo na frente do advérbio de dúvida, é rigorosamente no modo indicativo que virá o verbo:

“Aquele jardim fechado, minúsculo, perfumoso e fresco, era talvez a única coisa que Iaiá podia chamar de seu (...)” (Raquel de Queirós);
“(...) porque a façanha do garoto me envergonhava talvez e precisei extingui-la.” (Graciliano Ramos)
“Eu era talvez a primeira pessoa a pisar naquele castelo no ar.” (Clarice Lispector)
“(...) Mendonça disse consigo que nas mãos de Margarida estava talvez a chave de seu futuro.” (Machado de Assis)
“Além do mais, o defeito estaria talvez na folga demasiada entre este batente e a porta, o que implicava em ter de aproximá-los.” (Fernando Sabino)
“Este acontecimento preveniu talvez algum caso funesto entre o Lidador e Veremundo Peres.” (Alexandre Herculano)
“Afonso Henriques fez sinal de silêncio estendendo a mão para o senhor de Cresconte, que ia talvez repreender seu primo desta intempestiva pretensão (...)” (Alexandre Herculano)
“(...) ... e essa vida provará talvez que ele é um covarde ... (...)” (Alexandre Herculano)

Pois bem, afora tudo o que se disse, são elucidativas as palavras de Eunice Pontes, em sua Dissertação de Mestrado: Estrutura do Verbo no Português Coloquial, p. 70:

> Esta oposição [entre subjuntivo e indicativo] não é muito nítida, nem rígida, porque as formas com sentido subjuntivo ocorrem quase exclusivamente em orações subordinadas, simultâneas com determinadas expressões com que não ocorre o Indicativo, numa distribuição parcialmente complementar.

Em seguida, Eunice Pontes coteja situações potencialmente idênticas, diferindo apenas por matizes de oposição real/irreal (ou optativa), em que se dirá ora o modo indicativo (I), ora o subjuntivo (S):

“S.. ‘Deus queira que isso aconteça!’
I.. ‘Quero que você faça isso prá mim.’”

N’*Os Lusíadas* (comentados por Augusto Epifânio da Silva Dias, 3ª edição, Lisboa, p.218), Vê-se:

> Joanne, a quem do peito o esforço crece,
> Como a Sansão Hebreo da guedelha,
> Posto que tudo pouco lhe parece,
> Cos poucos de seu reino se aparelha;
> E não porque conselho lhe fallece,
> Cos principais senhores se aconselha, ... –,

E, em comentário do célebre mestre: “5. fallece] é indicativo empregado irregularmente em vez do conjunctivo, por necessidade da rima.”

Em Padre Anchieta:

> Rogo-vos porém
> Que na hora da despedida
> Me sereis companheira.

Para darmos cabo da discussão, vale lembrar que, apesar de condicionado em muitas circunstâncias, haverá, ainda, casos em que o contraste modal indicativo/subjuntivo será pertinente à depreensão de um tal ou qual significado, sendo graças a tal oposição, pois, que se constatarão circunstâncias distintas, quais sejam:

1. Desde que ele *estude*, obterá bons resultados (condição, hipótese).
2. Desde que ele *estudou*, obteve bons resultados (tempo).
3. Desde que eu *estudo*, obtenho bons resultados (causa).

Repare que os casos 2 e 3 contrastam entre si em função do *tempo* empregado, em vez de haver, aí, contraste modal, como ocorre, isto sim, entre os caso 1 e 2-3. Note-se também a *possibilidade* de interpretarmos o caso 3 como temporal.)

Observação 3:

Herculano de Carvalho, em sua *Teoria da Linguagem* (tomo II, 2. tiragem, emendada), ensina-nos, na página 586, em nota de rodapé: "Na longa história do português, só se acrescentou à lista das preposições uma inteiramente nova: a preposição *até* [ordinariamente essencial, passando, contudo a, também, acidental, com regime próprio], provavelmente 'imitada' do árabe *hatta*". Em sua *Syntaxe Histórica Portuguesa*, Epifânio Dias esposa a mesma tese: "*A prepos., de origem arábica,* atá *pertence ao port. archaico.*" (ob. cit. , 3. ed., Lisboa, p. 160). Mattoso, em *História e Estrutura da Língua Portuguesa* (Padrão, 2. ed., Rio de Janeiro, 1976, p.181), discorre sobre a preposição *até* da seguinte forma: "**ad tene* (em vez do simples *tenus*) > *até*"; e, em nota de rodapé (nº 9), completa: "O português arcaico apresenta, ao lado de *atee*, *ataa*. Parece tratar-se de duas partículas geneticamente diversas: *atee*, do lat. *ad tene*; *ataa*, do ar. *hattá*. A questão etimológica é controvertida (cf. Nascentes, 1932, 80 [remetemos o estudioso à obra aqui citada: *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, I, Rio de Janeiro, 1932])." Pelo que respeita às preposições acidentais, sabemos que é sobremodo produtivo o mecanismo de gramaticalização, tendo-se dado, ao que antes eram vocábulos lexicais, um emprego (às vezes unicamente) gramatical: *salvo, exceto, tirante* etc. Epifânio Dias (ob. cit., p.157) trata estas últimas preposições sob o título "Preposições que não substituem os casos latinos".

2.2 Regência de alguns verbos

1. *Aspirar*

   Pode ser:

Transitivo direto com sentido de **absorver**, **inspirar**:

   A moça *aspirava* o ar puro.

Transitivo indireto com sentido de **querer**:

   O candidato *aspirava* ao cargo.

2. *Assistir*

   Pode ser:

Transitivo indireto com sentido de **ver**, **observar, estar presente**:

   Assistimos ao filme.

Transitivo direto ou transitivo indireto com sentido de **dar assistência**, **socorrer, ajudar**:

   O bombeiro *assistiu* a vítima.

O bombeiro *assistiu* à vítima.

Intransitivo com sentido de **morar**:
O imperador *assistia* no palácio.

Transitivo indireto com sentido de **caber**:
Esse direito *assiste a* todos.

3. *Agradar*
Pode ser:
Transitivo direto com sentido de **acariciar**:
A namorada *agrada* o rapaz.

Transitivo indireto com sentido de **satisfazer**:
A redação *agradou ao* examinador.

4. *Custar*
Pode ser:
Intransitivo com sentido de **valer**:
O relógio *custou* caro.

Transitivo direto e indireto com sentido de **exigir**:
A vaga *custou-me* horas diárias de aplicação.

Transitivo indireto com sentido de **ser difícil**, **custoso**:
Custou-me alcançar a vaga.

5. *Chamar*
Pode ser:
Transitivo direto com sentido de **convocar**:
O professor *chamou* os alunos.

Transitivo direto ou transitivo indireto com sentido de **apelidar**, **denominar, especificar**:
Chamei-o de inteligente. *Chamei-o* inteligente. *Chamei-lhe de* inteligente. *Chamei-lhe* inteligente.

6. *Esquecer/esquecer-se/lembrar/lembrar-se*
Podem ser:

Esquecia moça. *Lembrei* aquilo.
Esqueci-me de você. *Lembrei-me* de tudo.

Observação:

Podem ser transitivos indiretos em construções nas quais o que foi esquecido ou lembrado representa o sujeito da oração:
Exemplos:
Lembrou-me o fato. *Esqueceu-me* o ocorrido.

7. *Pagar/perdoar*
Podem ser:
Transitivo direto para **coisas**:
Paguei o jornal. *Perdoei* o crime.

Transitivo indireto para **pessoas**:
Paguei ao jornaleiro. *Perdoei ao* criminoso.

8. *Preferir*
Pode ser:
Transitivo direto e indireto:
Prefiro praia *a* piscina. *Prefiro* o cinema *ao* teatro.

9. *Presidir/satisfazer/atender*
Podem ser:
São *transitivos diretos* ou *transitivos indiretos*:
Presidi o congresso ou *Presidi ao* congresso.
Satisfarei teu desejo ou *Satisfarei a* teu desejo.
Atendi o chamado ou *Atendi ao* chamado.

10. *Proceder*
Pode ser:
Intransitivo com os sentidos de **agir**, **caber**:
A criança *procedeu* mal. Sua reclamação *procede*.

Transitivo indireto com o sentido de **dar início**:
A secretária *procedeu aos* preparativos da reunião.

11. *Prevenir*, *participar*, *cientificar*, *notificar*, *avisar*, *lembrar*, *proibir*, *informar*, *impedir*, *incumbir* e outros. Podem ser:

Transitivos diretos e *indiretos*, com possibilidade de alternância no uso dos complementos:

Avisei-o de que não haveria aula. ou *Avisei-lhe que não haveria aula.*
Notifiquei-o do fato. ou *Notifiquei-lhe o fato.*
Lembramo-lo do prometido. ou *Lembramos-lhe o prometido.*
Informei-lhe tudo. ou *Informei-o de tudo.*
Avisei os alpinistas do perigo. ou *Avisei o perigo aos alpinistas.*

12. Querer
Pode ser:

Transitivo direto com sentido de **querer a posse**, **desejar**:

Quero o livro novo.

Transitivo indireto com sentido de **amar**, **querer bem**:

Quero aos meus alunos.

13. *Implicar*
Pode ser:

Transitivo indireto com sentido de **perturbar**, **molestar**:

Irmãos mais velhos *implicam com* os mais novos.

Transitivo direto com sentido de **acarretar**, **provocar**, **causar**:

Suas faltas às aulas *implicaram* reprovação.

14. *Morar/residir*
Pode ser:

Intransitivos. O Adjunto adverbial de lugar que se liga a eles é regido pela preposição **em**:

Moro em Botafogo. *Resido na* rua Bambina.

15. *Ir/chegar*
Podem ser:

Intransitivos. O Adjunto adverbial de lugar que se liga a eles é regido pelas preposições:

⇒ **IR**: “a” ou “para”.
Foi ao colégio. *Irá para* Recife.

⇒ **CHEGAR**: “a” ou “de”.
Chegou a casa. *Chegou do* trabalho.

16. *Visar*

Pode ser:

Transitivo direto com sentido de **mirar** ou **dar visto**:

Visei o alvo. *Visei* o caderno do aluno.

Transitivo indireto com sentido de **almejar**:

Visei ao cargo.

17. *Obedecer/desobedecer*

Podem ser:

Transitivos indiretos:

Obedeci aos regulamentos. Jamais *desobedeço às* normas.

2.3 Algumas palavras de precaução

Após a breve introdução que nos propusemos fazer, passamos a lista concisa de alguns verbos e seus regimes, lista esta que, diga-se em tempo, não tem por escopo esgotar os sempre variadíssimos – e passíveis de, com criatividade, ainda maior ampliação – empregos de um verbo: haja vista os verbos *depoentes*, isto é, aqueles em cuja forma passiva se imiscuem significação e regência ativas ("é um homem *viajado*, embora pouco *lido*"), além dos *factitivos*, aqueles de uso intransitivo que, mediante determinadas situações, tornar-se-ão transitivos diretos ("*adormeci* este sentimento").

Os exemplos literários aduzidos são retirados às Gramáticas de Rocha Lima e Cunha-Cintra, das *Lições de Português pela Análise Sintática*, de Evanildo Bechara, além do *Dicionário de Verbos e Regimes*, de Francisco Fernandes, do *Grande e Novíssimo Dicionário da Língua Portuguesa*, de Laudelino Freire, e de trechos de livros por nós trazidos à colação, sempre no intuito de, colaborando com os exemplos apontados primeiramente pelos grandes mestres citados, ampliá-los, endossando a grandeza de suas contribuições já de há muito estabelecidas e inegáveis.

2.4 Pequeno dicionário de regência verbal

Abdicar

1. Com o sentido de abrir mão de um cargo ou autoridade de que se achava investido (geralmente intransitivo):

   O imperador *abdicou* duas vezes.
   "Esta câmara, que duas vezes *abdicou*, delegando aos ministros o voto do imposto" (Rui)
   "Por que não *abdicou* a majestade, por que não deixou de ser rainha?" (Vieira)

“Os reis *abdicam* e fogem disfarçados” (João Francisco Lisboa)
“Dom João de Bragança *abdicaria n*o filho” (Camilo Castelo Branco)
“Havendo *abdicado* a coroa *em* seu filho mais velho” (Herculano)

Observação:

A preposição *em* é, aqui, marca de adjunto adverbial (de favor), podendo, pois, estar junta ao emprego transitivo ou ao intransitivo do verbo em tela.

2. Com o sentido de desistir de algo, abrir mão, em geral voluntariamente:
   Uma mãe não sabe *abdicar*.
   É preciso *abdicar a razão.*
   É preciso *abdicar da razão.*
   É preciso *se abdicar d*a razão.
   “Muito custa ao coração *abdicar*!” (Camilo Castelo Branco)
   “Os (povos) que *abdicam* a liberdade, os que se enfraquecem pela discórdia.” (Rui)
   “Todos *se abdicaram d*esta honra e liberdade.” (Manuel Bernardes)
   “Suposto que nunca os príncipes *se abdicassem de* seu exercício” (Herculano)

3. Com o sentido de renunciar, em geral, repita-se, voluntariamente (poder, autoridade, cargo, dignidade):
   A rainha *abdicou* a coroa.
   “César cogitava em coagir Augusto a *abdicar* a coroa” (Camilo Castelo Branco)

Abraçar

1. No sentido de envolver, cingir com os braços (e, neste caso, pode, por extensão metafórica, transmitir a ideia de *circundar*).
   Abracei-a.
   Abracei-me a / com / em / contra uma dama.
   Abraçamo-nos um ao outro.
   Morros *abraçavam* a cidade.
   “O mais velho *abraçou*-a, beijou-a e subiu para o seu berço de palha.” (Coelho Neto)
   “As lagrimas lhe alimpa, e accendido
   Na face a beija e *abraça* o collo puro.” (Camões)
   “Quando melhorou, *abraçou-se à* menina.” (Camilo Castelo Branco)
   “*Abraçaram-se*, mas foi um abraçar sem gosto, sem força.” (Machado de Assis)
   “Ao sair o enterro, *abraçou-se a*o caixão aflita.” (Machado de Assis)
   “Antoninha *abraçava-se n*o tio.” (Camilo Castelo Branco)

"Ricardina *abraçou-se* palpitante de ternura *contra* o seio da mãe." (Camilo Castelo Branco)
"*Abraçou-se n*ela, desorientada como que disputando-a (a criança) a alguém." (Jucá)
"O rio *abraça* a cidade em toda a volta" (Aulete)

2. Sentido de *entrelaçar-se com*:
   A filha *se* abraçou *com* a mãe.
   "Coríamos a *abraçar-nos com* ela" (Herculano)
   "Os álamos *se abraçam co*'as videiras" (Roquete)
   "Abraçando-os e *abraçando-se com* eles" (Vieira)

3. Sentido de esposar, adotar, seguir uma causa, uma ideia:
   Todos *abraçamos* o mesmo ideal.
   "A população *abraçou* a causa da ordem civil." (Rui)
   "Martim Eicha, que, submetido pelo conde Henrique, *abraçara* o cristianismo." (Herculano)
   "Desde que, porém, esposastes o meu trabalho, *abraçando-o por* vosso, não seria decente furtar-me ao dever de justificá-lo contra os seus impugnadores." (Rui)

Observação:

Neste último trecho, a expressão *por vosso* é predicativo do objeto (direto) "o", substituto de "o meu trabalho" (=considerando-o vosso, como se fosse vosso etc.). É, portanto, o verbo "abraçar", aqui, o que se chamou outrora de verbo transobjetivo, isto é, aquele que, além da exigência de um complemento, requer, também, um predicativo a esse complemento.

Aconselhar

1. Dar conselhos:
   "Cada fausto acareia as simpatias de um diabo invisível, que o *aconselha* até a hora definitiva." (Camilo Castelo Branco)
   "Há duas coisas que *aconselham* a observância das leis comuns da guerra." (J. F. Lisboa)

2. Recomendar algo, indicando-lhe as vantagens e conveniências:
   Aconselhei umas boas férias!
   Aconselhei que fosses ao diretor.
   "Jamais *aconselharia* o emprego de um recurso que ele viu falhar em suas próprias mãos." (Machado de Assis)

3. Dar conselho, persuadir (objeto direto de pessoa com oração antecedida de preposição):
   "*Aconselhei*-o *a* que respondesse." (Mário Barreto)
   "*Aconselhei*-o *a* viajar." (Aurélio)
   "Ia ele ter-se com sua mãe, e pedia-lhe que *aconselhasse* o pai *a* passar a loja, e remediar-se com o bastante que já tinham para viverem em decente mediania." (Camilo Castelo Branco)
   "*Aconselhando*-o *para* que se dirigisse a Pedro." (Alexandre Herculano)

4. Recomendar, prescrever, indicar (objeto indireto de pessoa; objeto direto de coisa):
   Não *lhe aconselho* tal reação.
   que reaja assim
   reagir assim.
   "*Aconselho a*os enojados ... a cataplasma angélica de uma rapariga patriarcal." (Camilo Castelo Branco)
   "O médico *aconselhou-lhe* um regime alimentício especial" (Aurélio)
   "*Aconselho a*os meus alunos que não escrupuleiem jamais em usar o sinal de crase em tais locuções." (Sá Nunes)
   "Rompia em exclamações contra a mulher que *lhe aconselhara* maior publicidade à sua desonra." (Camilo Castelo Branco)

5. Ainda outro giro possível deste verbo é omitir-se a preposição e utilizar objeto direto de pessoa, patenteando-se embora cruzamento dos passos 3 e 4:
   Aconselhei-o *a* que fizesse os deveres. (3)
   Aconselhei-lhe que fizesse os deveres. (4)
   Aconselhei-o que fizesse os deveres (3X4)
   "*Aconselharam*-no que intentasse ação judiciária contra os sócios" (Mário Barreto)

Observação:

Em decorrência da possibilidade do cruzamento – endossado pela norma culta – que viemos de mostrar, parece-nos, apenas por amor ao debate, um tanto ou quanto difícil a classificação sintática dos seguintes pronomes átonos nos trechos coletados e abaixo expostos:
a) "Cristo aconselha-nos que deponhamos os afetos da terra." (Antônio de Sá)
b) "Ninguém numa tal noite me aconselhe que me empregue, nem mesmo desamarre." (Odorico Mendes)
c) "Não me leveis a mal que eu recuse admirar as vossas luzes, e ouse aconselhar-vos que andeis menos seguros de vós mesmos." (J. F. Lisboa) –, em que, obviamente, ver-se-á a possibilidade de haver, em cada um deles, *objeto direto* ou *objeto indireto*.

6. Dar conselhos (emprego intransitivo):
   O melhor, às vezes, é não aconselhar.
   "Quem *aconselha* participa do ato praticado." (R. da Silva)
   "Não merece menos quem bem e fielmente *aconselha*, que quem animosamente peleja." (João de Barros)

7. Pedir ou tomar conselhos (pronominal):
   Prefiro *me* aconselhar *com* o senhor.
   "*C*'os principais senhores *se aconselha*." (Camões)
   "Não sabe *aconselhar-se n*o que deve fazer em tal afronta." (Stringari)
   "E depois de *se aconselharem sobre* o caso." (idem)

Agradar

1. Ser aprazível, causar prazer, deleitar (transitivo indireto):
   O seu gesto *agradou a*os colegas.
   "Eu não hei de trocar as datas à minha vida só para *agradar à*s pessoas que não amam histórias velhas." (Machado de Assis)
   "Disposições testamentárias que não *agradaram à* família de meu marido." (Filinto Elísio)
   "Porfiar contendas por simples amor próprio é puerilidade, que nos não seduz, e que *a* S. Exa. também não há de *agradar*." (Rui Barbosa)

2. Contentar, satisfazer:
   Toda a mobília *lhe agradou* de imediato.
   "O interior do casarão *agrada-lhe* também, com a sua disposição apalaçada." (Eça de Queirós)

3. Afagar, acariciar, fazer agrados em alguém:
   A mãe não para de *agradar* o filho.
   "Tinhô caiu em si, arrependeu-se e procurou *agradar* o filho." (R. de Queirós)
   "Quando cresci e tentei *agradá*-la, recebeu-me suspeitosa e hostil." (Graciliano Ramos)

Observação:

Na linguagem dos séculos XVI e XVII – assim nos ensina Rocha Lima –, o verbo *agradar* podia ser usado, nas acepções 1 e 2, como transitivo indireto ou direto (*agradá-lo*).

4. Ser agradável, suscitar complacência (emprego intransitivo):
   Pobre do homem que viva em função de *agradar*!

"Que moças boas, adivinhando que a melhor forma de *agradar* era não ser triste!..." (José Américo de Almeida)
"Hoje ... ninguém há que não cuide do corpo para *agradar*." (João do Rio)
"A peça havia um mês em cena, *agradara* em cheio" (Antero de Figueiredo)
"Tornou; e como ainda *agradou* mais, todos os bens do invejoso lhe forma decretados." (Rui Barbosa)

5. Afeiçoar-se, apegar-se, simpatizar:
   O rapaz *se agradou d*a moça.
   Pouco *me agradei de* sua atitude.
   "*Agradou-se* muito *de* Zadig." (Filinto Elísio)
   "...quem sabe se ela não *se agradaria de* algum desses bolos, esquecendo-se de mim?..." (Raul Pompéia)
   "E que só fica em paz se lhe resiste
   O amado coração, e que *se agrada*
   Mais *d*a eterna aventura em que persiste
   Que *d*e uma vida mal-aventurada." (Vinícius de Morais)

Agradecer

1. Demonstrar gratidão:
   *Agradeci a*os meus pais o presente.
   "Calisto levantou-se, *agradecendo à* providência a chegada de um ancião respeitável que se aproximava dele..." (Camilo Castelo Branco)
   "Rubião foi *agradecer* a notícia *a*o Camacho." (Machado de Assis)

Observação:

Também se utiliza frequentemente o posvérbio *por*:
   Agradeço pela boa vontade.

2. Retribuir (às vezes ao lado da preposição *com*):
   Agradeceu a atitude lisonjeira *a*o colega *com* um breve sorriso.
   "—Também eu esperava este momento para *agradecer-lhe* os cuidados e desvelos que dispensou a Aurélia..." (José de Alencar)
   "Despedi-o, porém, *agradecendo-lhe* o zelo." (Filinto Elísio)
   "Dito isto, espreitou-me os olhos, mas creio que não lhe disseram nada, ou só *agradeceram* a boa intenção." (Machado de Assis)

“Era a mulher dele; creio que me descobriu de dentro, e veio *agradecer-me com* a presença o favor que eu fazia ao marido.” (Machado de Assis)

3. Demonstrar gratidão (emprego intransitivo):
   Saber *agradecer* é também uma virtude.
   “ela ergueu-se muito vexada, sacudiu-se, *agradeceu* e enfiou pela rua próxima.” (Machado de Assis)

Observação:

O verbo *agradecer* não admite oração objetiva direta desenvolvida, devendo-nos preocupar, pois, com colocá-las sempre na forma reduzida (ainda que precedida do artigo *o*):
Assim, não se dirá:
  *Agradeci-lhes *que tivessem vindo*.
Mas, em lugar disso:
  Agradeci-lhes (o) *terem vindo.*

Ajudar

1. No seu sentido habitual – *prestar socorro, ajuda, auxiliar* –, é, modernamente, transitivo direto:
   Ajudarei meu pai.
   “Estes são os aduladores que (...) aplaudem o que não deveram aplaudir, e *ajudam* o que deveram estorvar.” (Padre Antônio Vieira)
   “Lenita *ajudou* o Barbosa nos seus aprestos de viagem.” (Júlio Ribeiro)
   “Viu-se convidado pelos governadores do reino a assistir a suas deliberações e a *ajudá*-los com seu conselho.” (Rebelo da Silva)

No uso moderno, conforme falamos acima, é este verbo, se seu complemento for um SUBSTANTIVO, exclusivamente transitivo direto, sendo, portanto, suas formas clíticas *o, a, os, as.* Ainda que alguns autores queiram antepor ao objeto direto uma preposição *a*, o que servirá de ênfase ou realce àquele complemento (que será, pois, um objeto direto preposicional), ainda assim deverá ser sua forma cliticizada *o, a, os, as.* Q.v. nosso capítulo de sintaxe, III, “Dos complementos verbais”, item 2, “Objeto direto”, subitem 2.1.3, “Objeto direto preposicional”. Assim, por exemplo.

Preciso *ajudar* a meus pais.
(o.d. prepos.)
Preciso *ajudá-los*.

A mesma coisa ocorre com o verbo *atender* (q.v.), em que a preposição antes do complemento não faz desse um objeto indireto (*atendeu o* / *ao* aluno = *atendeu-o*).

Por Rocha Lima (GN, 420), retiramos, da pena de Camões, este emprego, hoje desusado, repetimos, do verbo em pauta, – emprego transitivo *indireto*:

> "(...) vê-se em pressa
> Veloso sem que alguém *lhe* ali *ajudasse*."

Em outros grandes autores, vemos, igualmente, o emprego ainda transitivo indireto:

> "A expedição (...) foi a que interveio na destruição e não a que *ajudou à* conquista." (Alexandre Herculano)

Repetimos, na esteira de grandes mestres, não ser este emprego o aconselhável hodiernamente.

2. Se vier seguido de infinitivo (outro torneio extremamente comum a dar-se ao verbo), haverá regência da preposição *a*.

• Sendo o infinitivo verbo *transitivo*, será o verbo *ajudar*, então, transitivo direto ou indireto em relação a seus complementos expressos por substantivos:

Ajudei-o a comprar sua casa.
(O.D.)
Ajudei-lhe a comprar sua casa.
(O.I.)

> "Este sacerdote, que timbrava de engenheiro, viria outra vez *ajudar* os nossos *a* repelir os estrangeiros." (Camilo Castelo Branco)
> "A trigueirinha estudou a sua lição, e o rei *ajudou-lhe* a pronunciar os ditongos." (Camilo Castelo Branco)
> "*Ajudei-lhe* a pôr o selo e despedimo-nos." (Machado de Assis)

• Se for o infinitivo um verbo intransitivo, recomendam-nos os mestres que façamos acompanhar um objeto direto.

Ajudei-o a viver.
"*Deus* o *ajudará a* comprar mais." (Camilo Castelo Branco)
"(...) e a *ajudou a* sair do seu sepulcro." (Eça de Queirós)

Aspirar

1. Equivalente a respirar, inspirar, sorver, absorver (transitivo direto):
   Aspiremos o ar puro, tão raro e tão necessário.
   "Egas *aspirava* o perfume de seus cabelos." (Alexandre Herculano)
   "Marina *aspirou* o ar da noitinha: cheirava a folhas secas queimadas." (Érico Veríssimo)
   "Percorrera aquela mesma vereda, *aspirara* aquele mesmo vapor (...)" (Lygia Fagundes Telles)
   "*Aspirando* o frescor do deu vestido..." (C. Pessanha)
   "Sob os pés a terra estava fofa, Ana *aspirava*-a com delícia." (Clarice Lispector)
   "Mal que *aspiras* o que efundo, já deliras." (Castilho)
   "Enquanto se *aspiram* as narcóticas exalações de um bom cigarro." (Garrett)
   "E Egas, porque era ele, parecia *aspirar* o ruído longínquo dos ginetes de Afonso Henriques precipitando-se para os muros e Guimarães (...)" (Alexandre Herculano)

• Neste mesmo sentido, poderá o verbo assumir a forma intransitiva.
   O rapaz *aspirava* dificultosamente.
   "*Aspirava* com ânsia, como se aquele ambiente tépido não bastasse a saciá-lo." (Herculano)

• Em vez do sentido de inalar, pode ter o verbo também o de exalar, recender, sendo transitivo direto ou intransitivo:
   As flores úmidas costumam *aspirar* perfumes únicos.
   "*Aspirar* fragrância, suavidade, cheiro." (Aulete)
   "As auras *aspiram* brandamente." (Constâncio)

2. No sentido de pretender obter algo é transitivo indireto (1) (com as preposições *a* (2) e, mais raramente, *para*):
   Todos nós já *aspiramos a* algo que não nos pertencia.
   "E dizia de coração que era a maior dignidade *a* que podia *aspirar*." (Machado de Assis)
   "Que *a* tão altas empresas *aspirava*." (Camões)
   "Não penso que ela *aspirasse a* algum legado." (Camilo Castelo Branco)
   "A barata e eu *aspiramos a* uma paz que não pode ser nossa (...)" (Clarice Lispector)
   "Sua vigilância exasperava-me, no íntimo, fazendo-me *aspirar*, com ânsia, *à* libertação." (Cyro dos Anjos)
   "*Aspiro para* a felicidade com uma desconhecida ânsia." (Pinheiro Chagas)
   "(...) *aspirando para* um ideal indefinido." (Oliveira Martins)
   "*Aspiramos a* uma terra pacífica." (C. Drummond de Andrade)
   "*Aspiro a* livrar-me dessa fraqueza."(3) (L. Bittencourt)

Observação 1:

Ainda que condenado pelos gramáticos, vem-se dando, não tão raramente, preferência ao regime direto:

“Ele sente, ele a *aspira*, ele deseja
A grande zona da imortal bonança.” (Cruz e Sousa)
“Oh! o que eu não *aspirava*, no titanismo das minhas ânsias de moço, para o meu país.” (G. Amado)

Observação 2:

Este verbo, a exemplo de alguns outros, não admite o pronome *lhe*, senão sim as formas *a ele(s), a ela(s).* Assim: *Aspiro a*o cargo = *aspiro a ele.*

“Não podendo ser dele, Flavio Paiva, Armando não podia *aspirar a ela* [Vanda].” (Octavio de Faria)
“Mas o prêmio os faz diretamente bons com a deliberação de *aspirarem a ele.*” (Stringari)
“E a mim, que *aspiro a ele*, a mim, que o amo,
Que anseio por mais vida e maior brilho,
Há de negar-me o termo deste anseio?” (Antero de Quental)
“Os grande têm a qualidade vital da carne, e, não só toleram o atonal, como *a ele aspiram*.” (Clarice Lispector)

Observação 3:

Ao ser usado com um infinitivo, o verbo *aspirar* pode prescindir da preposição com que timbra seu emprego transitivo indireto. Assim dispõe, por exemplo, Napoleão Mendes de Almeida (GMLP, par. 683): “João aspira chegar ao cargo”.

3. Há, posto que pouco corrente hoje em dia, o sentido de favorecer, sendo, então, transitivo direto:
   Espero que Deus *aspire* sua empreitada.
   “Imploramos favor que nos guiasse,
   E que nossos começos *aspirasse*.” (Camões)

4. Por fim, é digno de nota o emprego do verbo com o sentido de proferir um som de maneira gutural:
   “Em algumas línguas *aspira*-se* o *h*.” (Aulete)

Observação:

Este *se* é apenas pronome apassivador, pelo que se percebe que o verbo, nesta acepção, é transitivo direto, aceitando mais comumente a voz passiva, como o é no caso em tela.

Assistir

1. No sentido de presenciar ou de comparecer, é transitivo *indireto*:

Assisti duas vezes *a*o filme.
"*Assisti* a algumas touradas" (A. F. Schmidt)
"É como se o povo *assistisse a* um ofício divino." (Alexandre Herculano)
"(...) E a natureza *assiste*
Na mesma solidão e na mesma hora triste,
À agonia do herói e *à* agonia da tarde." (Olavo Bilac)
"E eu *assistira*, dia e noite, *a* esta agonia." (Camilo Castelo Branco)
"Só a menina estava perto e *assistiu a* tudo estarrecida." (Clarice Lispector)
"Trajava ainda o vestuário esplêndido com que *assistira a*o banquete (...)" (Alexandre Herculano)
Nesta acepção, embora sendo, como vimos, transitivo indireto, o verbo não aceita o pronome *lhe*, mas sim as formas tônicas *a ele*, *a ela*, *a eles*, *a elas*.
"Lá vão os frades celebrar um auto! Não serei eu que *assista a ele*." (Alexandre Herculano)
"Segundo o costume, o vencedor nestes jogos guerreiros tinha de receber um prêmio das mãos da principal personagem que *assistia a* eles." (Alexandre Herculano)
"Aparentemente, apenas a aborrecia perder a missa dos domingos, sendo-lhe penoso vir da roça para *assistir a ela*." (Cyro dos Anjos)
"Não é propósito nosso descrevermos uma corrida de touros. Todos têm *assistido a elas* e sabem de memória o que o espetáculo oferece de notável." (Rebelo da Silva)

Observação:

Embora nesta acepção deva ser usado com objeto indireto, usar-se-á sem prejuízo a voz passiva, tendo o que era originariamente o objeto indireto como sujeito desta voz:

V. A. – *Assisti à* missa.
V. P. – A missa foi *assistida* por mim.
"O ofício religioso não era *assistido* pela maioria dos homens." (C. Drummond de Andrade)

Há, em alguns compêndios gramaticais, menção à acepção de que falamos sendo empregada, contudo, com um objeto direto:

> "Trata-se de um filme *que* eu *assistia*." (Clarice Lispector) – (Por: Trata-se de um filme *a que* eu *assistia*.)
>
> "Mas não mostres a tua decadência
> Ao mundo que *assistiu* teu esplendor!" (Raul de Leoni)

2. No sentido de favorecer, caber direito a alguém (transitivo indireto):
   Esta razão não *assiste a*o pai, senão *a*o filho.
   "(...) o direito que *assiste a*o autor de ligar o nome a todos os produtos intelectuais." (Rui Barbosa)
   "*A*o dono da loja *assiste* razão de gabar-se, como o fez, por sua iniciativa." (C. Drummond de Andrade)
   Nesta acepção, aceita o pronome átono *lhe*:
   "Que direito *lhe assistia* de julgar Jacinto?" (U. Tavares Rodrigues)
   "Que direito *lhe assistia* de arriscar assim a vida do próximo?" (C. Drummond de Andrade)

3. No sentido de acompanhar, dar assistência, prestar socorro (transitivo direto ou indireto):
   "Deus bom, que *assiste* os coitados." (Cyro dos Anjos)
   "Enquanto conservou (Sansão) os cabelos, *assistiu*-o Deus." (Vieira)
   "Fazer competência de quem mais há de *assistir* o príncipe." (Vieira)
   "Quem *assistiu a*o primeiro Imperador na obra de criar a nacionalidade brasileira?" (Latino Coelho)
   "Organizaram-se congregações de homens e mulheres para *assistir a*os doentes, *a*os presos, *a*os réus da justiça humana." (Camilo Castelo Branco)
   "Não se pode duvidar que *assiste* Deus *a*os que em palavra e obra são pregadores apostólicos." (Frei Luís de Sousa)
   Dessarte, poder-se-ão usar os pronomes *o*, *a*, *os*, *as*, ou *lhe*, *lhes*, indiferentemente (sendo esta última, sem dúvida, a predominante nos clássicos):
   "Continuarei a *assisti*-la com a discrição requerida pela sua sensibilidade." (J. Paço d'Arcos)
   "O sacerdote que *lhe assistia* na hora do trespasse..." (Rui Barbosa)
   "Eu mesmo em pessoa *lhe assistirei* por enfermeiro e médico." (Bernardes)
   "O dono da casa era um padre, que *lhe assistiu* com muita caridade." (Camilo Castelo Branco)

Observação:

Neste emprego, obviamente aceitar-se-á a voz passiva:

> "O encarregado *era assistido* por dois homens de bordo, um deles de olhos muito brancos." (B. Lopes)
> "E ali ficava, animando-o a seu modo, enquanto punha em ordem o quarto, *assistida* pelo cão, que se acomodava ao lado da cama." (Josué Montello)

4. No sentido de morar, permanecer (1) (intransitivo com locativo iniciado por preposição *em*):
   Pedro *assistiu* por anos *na* cidade pequena.
   "Dois daqueles *assistiam no* termo de Vila Nova da Rainha." (A. Arinos)
   "— Vocês estão *assistindo* por aqui, *n*este começo de Gerais?" (Guimarães Rosa)
   "Onde o poeta *assiste*, não há 'cocks'
   autógrafos, badalos, gravações." (C. Drummond de Andrade)

Atender

1. Com o sentido de acatar, deferir, ou ainda de receber em casa, ou em outro local, será transitivo direto:
   Não costumo *atender* os alunos em minha casa.
   "O Senhor não *atendeu* a oração do pecador." (Camilo Castelo Branco)
   Naturalmente se construirá sem embaraço a voz passiva:
   "As súplicas de Fernando a Isabel foram atendidas em Roma." (Alexandre Herculano)

2. Com o sentido – o mais usual de todos – de prestar atenção a algo, será transitivo indireto, com preposição *a*:
   Atenderei a vocês assim que possível.
   "Ainda uma vez, nobre dama, *atendei às* súplicas do velho bucelário que tenta salvar-nos." (Alexandre Herculano)

Observação:

Num e noutro caso, isto é, quer se escolha a regência direta, quer a indireta, o complemento pronome referente a pessoa será, SEMPRE, na forma objetiva direta:
Assim:

Atendi os alunos
ou
*Atendi a*os alunos –,

mas:
Atendi-os.
(Q.v. verbo *ajudar*)

"Uma senhora, muito pálida, veio *atendê*-lo em chinelos." (Aníbal Machado)
"Não querem que el-rei o *atenda* –dizia o prior." (Alexandre Herculano)
Há, contudo, casos esparsos em que tal constatação é infringida:
"Até vos merecerem, um dia, a bênção de *lhes atenderdes.*" (Rui Barbosa)

3. Há ainda uma terceira possibilidade, que é a de utilizarem-se as preposições *em* e *para*, quando significa "*atentar, concentrar a atenção em*" (Rocha Lima, 424)
   Atendendo em detalhes, nunca chegaremos a um consenso.
   "Não há coragem que seja demais, se *atendermos n*as provações do tempo de guerra." (Rui Barbosa)
   "Bastava, entretanto, *atender para* essas afecções orgânicas." (Francisco de Castro)

4. Por fim, a possibilidade que, a despeito de colacionada em inúmeras obras de porte, parece-nos de pouco giro – o emprego intransitivo do verbo, com o sentido de estar atento:
   Deus *atende* nas alturas.
   "Sem o temor, com a espada de Marte *atende*." (Morais)

Casar

1. Com o significado de ligação por meio de casamento, é intransitivo, ou transitivo indireto (preposição com), podendo, em ambos os casos, apresentar pronome reflexivo:
   A menina *casou* cedo.
   A menina *casou-se* cedo.
   A menina *casou*(-se) *com* um soldado.
   "Quando ela *casara*, eu estava na Europa." (Machado de Assis)
   "No princípio de 1869, voltou Vilela da província, onde *casara com* uma dama formosa e tonta." (Machado de Assis)
   "O tempo faria o resto, não contando que cada um casava e iria com a mulher para o seu lado." (Machado de Assis)

Observação:

Damos aqui o que supomos ser a predicação originária de tal verbo: intransitivo. Em exemplos como:

"Titia não a quer casar antes dos vinte." (Machado de Assis)
"Chamou-o a rainha, deu-lhe um dote e ordenou ao capelão que os casasse." (Camilo Castelo Branco)

Vemos os objetos diretos como provenientes do emprego factitivo do verbo "casar", em que ganha o sentido de promoção de um casamento, fazer que se unam duas pessoas. O próprio emprego transitivo indireto, acima exposto, não deve ser resultado de outra coisa que não o adjunto adverbial de companhia, encetado pela preposição que, hoje, enceta o mesmo objeto indireto; qual seja *com*. No desdobramento dessa hipótese, vem, como consequência, o emprego transitivo direto e indireto:

A mãe casou a filha com um soldado.
(obj. dir.) (obj. indir.)

"Encheu-se de ciúmes dela, e *casou*-a *com* um eunuco." (Mário Barreto)
"Pediu ao vigário de Santa Maria que o *casasse com* Josefa." (Camilo Castelo Branco)
"Coa matéria convém casar o estilo." (Bocage)

2. Na acepção pura de ligar (sem sê-lo por casamento), aliar, combinar, é transitivo direto e indireto, este com as preposições *a* ou *com*:
   Tentei *casar* o útil *a*o (*com* o) agradável.
   "Tal maneira de vida... não se casava exatamente com a regra monástica." (Alexandre Herculano)
   "Quatro velas de cera alumiavam-no lugubremente, *casando*-se os seus clarões *a*os últimos clarões do dia." (Júlio Ribeiro)

Chamar

1. Clamar, dando sinal a alguém que se aproxime ou preste atenção:
   Já o *chamei* não sei quantas vezes.
   "velha cabocla, mãe da morena, chegando a casa esbaforida, *chamou a filha*." (C. Neto)
   "Teria passado uma hora quando tornou a *chamá*-lo." (Alexandre Herculano)
   "A serviçal amiga pediu a um cavalheiro que *chamasse* o indicado Mesquita." (Camilo Castelo Branco)
   Com esta mesma acepção, poder-se-á empregar o verbo *chamar* com objeto direto de pessoa e preposições *a*, *para* ou, mais raramente, *sobre* e *em*, antecedendo o lugar a que se chama, a pessoa a quem se chama, ou mesmo aquilo para que se chama:
   Chamei-o algumas vezes *à* (*a*) minha casa *para* o jantar.

"*Chamei*-o *a* mim, e o infante, olhando-me fito, esteve um momento parado." (C. Neto)
"O meu pensamento é *chamar a*o Brasil o meu querido mestre, logo que a sua ida seja bem prosperada" (Camilo Castelo Branco)
"Atravessava as horas vagarosas, levantando-se amolentado, quando o *chamavam para* as refeições" (Camilo Castelo Branco)
"O campanário só *chamava para* a oração e *para* as festas um povo que se não via." (Castilho)
"como estadista incorreu em erros capitais e *chamou sobre* si imensa reponsabilidade." (Latino Coelho)
"*Chamar sobre* alguém as bênçãos do céu." (Aulete)
"Num assomo levantou os olhos para o céu, *chamando em* seu socorro Nosso Senhor Jesus." (C. Neto)
Ainda com a mesma acepção de dar sinal para que se aproxime, dizendo o nome ou sinalizando de alguma forma, empregar-se-á o verbo em questão de maneira intransitiva, ou se utilizará o posvérbio *por*:
— *Chamou*? — perguntou a menina – Você vive mesmo *chamando por* mim.
"Sozinha, a ruim da gralha, a passear na areia, a chuva anda a *chamar* com voz roufenha e cheia" (Castilho)
"A primeira coisa que me lembrou foi *chamar por* meu pai ou *por* minha irmã." (Alexandre Herculano)
"Vieram apressados portadores com a liteira buscar a filha, *por* quem a moribunda *chamava* com incessantes brados." (Camilo Castelo Branco)

2. Exigir
Não é possível que não saibas *chamar* o que te é de direito!
"Tão nefando crime *chama* todo o rigor das leis." (Aulete)

3. Dar nome ou atribuir qualificação a alguém ou a algo (neste caso, exigirá predicativo do objeto):
São 4 as construções aqui lícitas:
Chamei Paulo covarde. (= *Chamei*-o covarde);
Chamei Paulo *de* covarde (= *Chamei*-o *de* covarde);
Chamei a Paulo covarde (= *Chamei-lhe* covarde);
Chamei a Paulo *de* covarde (= *Chamei-lhe de* covarde).

"É isto o que Civile *chama* a sua primeira morte, o seu primeiro enterro e a sua primeira ressurreição." (Camilo Castelo Branco)
"(...) e por disfarce *chama*-o reino dos céus." (Porto Alegre)
"*Chamão**, segundo as leis que ali seguião,

Huns Mafamede, e os outros Sanctiago" (Camões – **Chamam*)
"Eu, que *chamava de* amor a minha esperança de amor." (Clarice Lispector)
"As coisas sabem tanto as coisas que *a* isto... *a* isto *chamarei de* perdão." (Clarice Lispector)
"*Chamarão* uns *a* isso orgulho; *chamar-lhe-ão* outros vaidade" (Alexandre Herculano)
"(...) e perdia-se na imensidade do que foi o nada *a* que *chamam* passado." (Alexandre Herculano)
"O espanhol, o jesuíta, os do outro lado
quanta vez *o chamaram de* bandido." (Cassiano Ricardo)

4. Ter nome (pronominal com predicativo do sujeito):
A menina *se chama* Helena.
"E disse *chamar-se* Siva." (C. Neto)
"A bruxaria era o que hoje *se chama* a vocação." (Rebelo da Silva)

Crer

O verbo, como quase todos os da língua, é de largo uso, tendo adquirido, certamente por conta de tal circunstância, grande variedade de empregos, de que trataremos.

1. Acreditar, ter na conta de verdadeiro (ou falso, quando se tratar de complemento em forma de oração). Pode ser transitivo direto, tanto para o termo simples (objeto direto) quanto para o objeto oracional (oração subordinada substantiva objetiva direta), ligando-se esta à oração principal apenas pela integrante "que".
Creio as coisas que me disseste.
Creio que tudo seja mentira.
"Mas não se quis manifestar senão aos que o *criam* e amavam." (Padre Antônio Vieira)
"(...)
crer tudo enfim – que nunca louvarei
o capitão que diga "Não cuidei". (Camões)
"Temo e *creio* que qualquer tempo curto seja." (Camões)

No exemplo abaixo, utilizado também como ilustração para a questão da variabilidade quanto à predicação dos verbos (q.v. nosso capítulo de análise sintática dos termos do período simples), há, mais uma vez o dizemos, emprego do verbo "crer" na voz passiva (v. 1 e 2), o que pressupõe tenha sido ele utilizado como transitivo direto, havendo, no arremate do poema (v. 3), emprego deste mesmo verbo com sua regência indireta (q.v. nº 2 abaixo), o que não aceitaria, antes do mais, a voz passiva pouco antes agasalhada.
1. "Cousas há i que passam sem ser *cridas*,

2. E cousas *cridas* há sem ser passadas,
3. Mas o melhor de tudo é *crer em* Cristo." (Camões)

No seguinte passo de Antônio Vieira, empregam-se as duas predicações, com variação semântica, conforme veremos no nº 2 abaixo, sutilíssima:

"Não *criam em* Cristo porque não *criam* a sua divindade." (Padre Antônio Vieira)

• Como transitivo direto, poderá exigir anexo predicativo ao objeto.

Não o(1) *creio* capaz(2) de tamanhas mesquinharias.

(1) Objeto direto.
(2) Predicativo do objeto direto.

"A larga história do seu desditoso amor, que o mundo *cria* retribuído e feliz." (Alexandre Herculano)

2. Com sentido próximo ao de 1, somado a este a ideia de "ter confiança em algo ou alguém", o verbo poderá, ainda, ser transitivo indireto, com preposições *em* ou *a* (neste último caso com sentido específico de "dar crédito"):

Creia em minhas palavras.
Não pude *crer a* meus próprios ouvidos.
(= "Não *lhe* pude crer")

"É preciso *crer em* alguma coisa para ser grande." (Almeida Garrett)
"Porque se vós *crêsseis a* Moisés, certamente *me creríeis* também *a* mim." (Figueiredo)
"E dizia que se não fazia obras de seu padre, *lhe* não *cressem*." (Fr. Tomé)

Mais uma vez, Vieira nos dá exemplo em que, paralelamente, põe em cotejo formas distintas de predicação verbal:

"*Crer em* Cristo é crer nele; *crer a* Cristo é *crê*-lo(1) *a ele*." (Padre Antônio Vieira)

(1) Pronome vicário.

3. No sentido de professar crença, é intransitivo.

É preciso *crer* para viver.
"Os que padecem têm uma grande necessidade de *crer*." (Aulete)

4. No sentido de fiar-se, confiar demasiadamente em algo, será pronominal e transitivo indireto, com preposição *de*.

Não *se creia de* tantas provas de benquerença...
"Porque sabe quem erra quem *se crê de* seu pérfido adversário." (Camões)

Custar

1. No sentido de “ser difícil a alguém”, o verbo *exige* oração reduzida de infinitivo (exercendo função de sujeito), oração esta que, a propósito, não raro vem precedida de preposição *a* ou de artigo:

    Custou-me fazer isto.
    Custou-me *o* fazer isto.
    Custou-me a fazer isto.

    Deve-se evitar, assim, o seguinte giro, comum nos mais diversos meios:

Eu custei a fazer isto – embora não faltem razões de cunho sintático, estilístico e sobretudo expressivo que o abonem sobremaneira (leia-se Rocha Lima, ob. cit., 427, ainda Raimundo Barbadinho Neto, Antologia de Textos do Modernismo, 15).

Colacionamos exemplos em que isto ocorre:

“— (...) Sofremos muito com a morte do Zuza. *Custei* a me conformar.” (Josué Montello)
“*Custa*-me dizer que eu era dos mais adiantados da escola; mas era.” (Machado de Assis)
“Agora mesmo, *custava*-me responder alguma coisa, mas enfim contei-lhe o motivo da minha ausência.” (Graciliano Ramos)
“Bem me lembrava o quanto me *custava* persegui-lo.” (Fernando Sabino)
“(...) Como *lhe custasse* mentir tanto, acrescentou rindo.” (Clarice Lispector)
“Meu sono é tão nebuloso, tão viscoso (...), que *me custa* <u>o indizível</u> ter de me arrastar desse brejo ancestral para as obrigações do mundo urbano”. (Paulo Mendes Campos)

Observação:

A expressão “o indizível” é, posto que substantiva, adjunto adverbial (de preço). Tal expressão adverbializada, e com a mesma circunstância, aparece, também, em expressão do tipo “Isto vale <u>ouro</u>”. Q.v., abaixo, a acepção 2 deste verbete em que estamos (CUSTAR).

“Ó Ninfa, a mais fermosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que *te custava* ter-me neste engano
Ou fosse monte, nuvem, sonho ou nada?”(Camões, *Lus*.)
“*Custou-me a* deixar meu pai.” (Camilo Castelo Branco)
“Atônitos, *custava-lhes a* crer o que presenciavam, ignorando o que se passara no jardim pênsil.” (Alexandre Herculano)

2. No sentido de "ter como preço", pede adjunto adverbial indicando este preço, e pode apresentar objeto indireto:
   A casa (*lhe*) *custará* mil e poucos reais de aluguel.
   "*Custou-me* toda esta brincadeira, inclusive o banquete que me foi oferecido, cerca de dez mil francos." (Lima Barreto)
   "(...) uma sentinela, que *custa* milhares de milhões." (Latino Coelho)

3. Com o sentido, do nº 2 derivado, de "acarretar consequências (geralmente desagradáveis)", costuma ser transitivo direto e indireto:
   A audácia custou ao pai muitos momentos de pânico.
   "Esta obrigação *custou-lhe* lágrimas (...)" (Camilo Castelo Branco)
   "(...) a história, cuja narrativa *custaria à* envergonhada viúva muitas penas." (Camilo Castelo Branco)

Remetemos o leitor mais interessado à obra *Antologia de Textos do Modernismo*, de Raimundo Barbadinho Neto (Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1982, p. 15 e ss.), onde o autor nos colaciona inúmeros casos em que o complemento do verbo "custar" é, embora sendo emprego pouco comum (segundo ele próprio, autor, assevera), "um substantivo ou equivalente não oracional de substantivo" (ob. cit.). Trazemos alguns exemplos, escolhidos por nós sem critério:

Fez uma pausa como se muito lhe custasse o que ia dizer [Jorge Amado, Tereza Batista Cansada de Guerra. São Paulo, Martins, 1972. p.290] (Obs.: De fato o complemento do verbo é, aqui, o pronome "o", e "que ia dizer" é, em relação a este pronome, oração adjetiva.) *Pode-se avaliar o quanto lhe custou o brutal transplante.* (Cyro dos Anjos. A Menina do Sobrado. Rio de Janeiro, J. Olympio, 1979. p. 352) *Custava-lhe muito o silêncio, embaraçava-o, um peso enorme no peito.* (Autran Dourado. Tempo de Amar. 3. ed. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 1975, p. 76). Aumentamos seu rol com estes trechos: 1)"Certas impressões *custam* a se apagar." (Érico Veríssimo). 2) "O que me *custa a* crer é que a alma dos homens tenha um destino imorredouro." (Tasso da Silveira).

Quanto à forma mais difundida "custei a chegar" (em que o verbo "custar" pode ser encarado como auxiliar acurativo), Raimundo B. Neto aponta ter tal construção advindo da aproximação com a outra "demorei a chegar". O autor adentra em outros meneios interessantíssimos dos empregos possíveis, mesmo literariamente, deste verbo, pelo quê, novamente, aconselhamos o leitor a recorrer à tal obra citada.

O verbo aceita ainda um emprego intransitivo (como o caso 2, não pedindo, ora, adjunto adverbial de preço), com o sentido de "demorar", "ser penoso":

Ah, isso ainda *custa*...
Custou mas saiu.
O bloco do *Custa*-mas-sai...
etc.

Deparar

Significando, sempre, fazer aparecer algo repentinamente, o verbo admite, contudo – segundo os estudiosos profundos da língua – três construções:

1. "O hoteleiro *deparou-me* um refresco", isto é – proporcionou-me;
2. "Ao hoteleiro *deparou*-se um refresco", isto é – apresentou-se-lhe aos olhos;
3. "O hoteleiro *deparou com* um refresco", isto é – deu com um refresco (O. Mota, *Lições de português*, 315/16, *apud* Francisco Fernandes, 187).

Somamos uma quarta possibilidade: deparar-*se com* algo: emprego pronominal,que, embora não previsto em muitas das obras consultadas, vem ganhando, por sem dúvida, foros de cidade. Trata-se, muito provavelmente, de cruzamento entre as construções nº 1 e nº 2, tão interligadas por si sós no que tange às "afetividades" que podem encerrar.

Observação 1:

Parece-nos, este, caso de Voz Afetiva, cf. Vendryes (Le Langage), em construções em que se "privilegia" ora o sujeito de uma ação em face do objeto desta (como é o caso nº 2), ora o *sujeito afetivo* (termo nosso), que é o em que se torna aquilo que fora, há pouco, o objeto a que nos referimos (como é o caso nº 3). É difícil, por exemplo, ser assertivo ao se dizer que se trata, o caso nº 2, de voz passiva (sintética, cujo sujeito real seria, pois, "um refresco"), ou reflexiva (fossilizada); daí vermos, nesse tipo de *possibilidade* que alguns verbos apresentam, uma Voz Afetiva, em que, repetimos, dá-se ênfase ora a um termo, ora a outro. Lembramos que o exemplo nº 1 permanece fora do âmbito de tal discussão.

Não é do escopo do presente trabalho a discussão concernente à natureza verdadeira do pronome *se*, que nos parece, embora, antes parte integrante do verbo do que, propriamente, pronome reflexivo. Estendemos, aliás, este comentário de rodapé à construção nº 2 acima, esta sim, inequivocamente, pronominal – e previsível.

No capítulo de "Verbo e seus complementos", no subitem "Sobre verbos transitivos", Rocha Lima (343) faz-nos observação importante:

> Quando um verbo transitivo se pronominaliza, o seu objeto direto se faz reger de preposição, tomando a FORMA de complemento relativo: Admirar o talento de alguém / admirar-se do talento de alguém; aproveitar as circunstâncias / aproveitar-se das circunstâncias; semelhar um anjo / semelhar-se a um anjo.

Somamos: servir algo / servir-se de algo etc.

Pelo que se depreende do restante do comentário – sempre elucidativo –, podemos considerar o *com* adjungido ao verbo *deparar*, com pronome ou sem ele, um mero posvérbio, que é, como sabemos, uma preposição de relação livre para com o verbo a que e adere, na medida em que é, este verbo, transitivo direto, não exigindo, de per si, uma preposição a ligá-lo a seu complemento.

Por fim, mas não de menor relevância, salientamos a diferença semântica notória quando da colocação do pronome junto ao verbo, reafirmando não nos ser tão importante (tampouco clara) a distinção entre termos, aqui, pronome reflexivo ou parte integrante do verbo ou, em último caso, mesmo partícula expletiva. Certo é que se deveria, para se obterem respostas mais seguras, proceder a um estudo de verbo por verbo, pois, aqui, como o mais das vezes, cada caso é um caso.

"Qual é o santo que *depara* as coisas perdidas?" (Vieira)
"O observador *depara* perspectivas que seguem num crescendo de grandezas soberanas." (Euclides da Cunha)
"E pedia ao padre Santo Antônio, com muitas lágrimas, que *lhe deparasse* a cabra perdida." (Camilo Castelo Branco)

A construção *deparar*(-*se*) *com* é, por muitos, apontada como não tão boa, sendo considerada uma construção proveniente de analogia, graças ao valor de oposição, contraste, choque que pode assumir a preposição *com*. É o diagnóstico, por exemplo, dado por rocha Lima para o caso em questão. Diz o Mestre: *Deparar com é construção analógica, empregada ao lado da construção melhor* – deparar-se algo a alguém:

Deparou-se-me um cenário novo e maravilhoso.
Depara-se-lhes amplo campo de pesquisas.
Mas trouxemos exemplo que abonem tal construção, visto ser ela, de fato, assaz utilizada:
"Abri *Os Lusíadas* à ventura, *deparei com* o canto IV e pus-me a ler." (Almeida Garrett)
"Vinha ela descuidosa, passando ali por acaso, e de repente *depara com* o quadro ofensivo". (Raquel de Queirós)
"(...) eu não entrava ali, e meu espanto vinha de *deparar com* um quarto inteiramente limpo." (Clarice Lispector)
"Quando *com* o leito meu *deparo* ebúrneo." (Filinto)
"E *deparou-se com* um jovem forte, alto, de grande beleza." (Clarice Lispector)
Trazemos, alfim, a possibilidade pronominal, abonada literariamente:
"Ainda até ao presente *se* não havia *deparado* livro tão útil e cabal como este é." (Castilho)
"Nada *se* me *depara*, que autorize o asserto" (Rui Barbosa)

Ensinar

1. Dar instrução (deve-se, na língua oral, dar preferência ao objeto direto de coisa – ainda que o seja em forma de oração – e indireto de pessoa):

    Ensinei-lhe o ofício.
    "Mande *ensinar-lhe* medicina." (Machado de Assis)
    "Ordenou a um criado que *lhe ensinasse* o caminho." (Camilo Castelo Branco)
    "*Ensinou-lhe* que a semente do mamoninho-bravo, socada, macerada em aguardente, cega, enlouquece, mata." (Júlio Ribeiro)
    "E eu *lhe ensinei* a pura alegria." (Luandino Vieira)
    "Se *lhe ensinassem* um ofício, podia fazer um pedaço." (José Lins do Rego)
    "Era apenas uma vaga esperança de ainda ver Dulce,...de lhe dizer tudo quanto o ciúme e a desesperação *lhe ensinassem*." (Alexandre Herculano)

• Se se cala a coisa ensinada, é comum aparecer como *objeto direto* a pessoa a quem se ensina:
Parei de *ensinar* o desinteressado.
Passou a vida *ensinando* o filho.

Observação:

O emprego deste verbo no gerúndio, com o objeto direto de coisa ou sem ele, transmite a ideia subsidiária de "pregação", ou, nas palavras de Francisco Fernandes (o. cit. p. 288), de "repetir como quem ensina":
"*Aos montes *ensinando e às* ervinhas o nome que no peito escrito tinhas." (Camões)
"Para *ensinar* homens infiéis e bárbaros, ainda que é muito necessária a sabedoria, é muito mais necessário o amor." (Vieira)
"Jesus Cristo veio ao mundo *ensinar* os homens." (Camilo Castelo Branco)
"Uma moça formada de anel no dedo podia *ensinar* as meninas até o curso secundário." (José Lins do Rego)

• Se, contudo, aquela coisa que se ensina vier como oração reduzida de infinitivo e precedida de preposição *a*, ficará a pessoa, a quem se ensina, em objeto direto ou indireto:
Ensinei-o a = INFINITIVO
Ensinei-lhe a + INFINITIVO (Obs.: este é um dos raro casos em que há dois objetos indiretos: um de pessoa, um de coisa)

"Em vão *ensinara-lhe a* proteger os animais das pragas e dos vendavais." (Nélida Piñon)
"Tinha de o convencer, de o *ensinar a* ver claro." (U. Tavares Rodrigues)
"O empenho de *ensinar* os juízes *a* interpretar leis." (Rui Barbosa)

"*Ensina*-o *a* converter cada espinho em flor." (Camilo Castelo Branco)
"Esparta *ensinava a*o adolescente *a* morrer pela glória." (L. Coelho)
"Ela mesma *lhe* ensinou *a* ler mal, como ela sabia – e *a* coser e bordar." (Machado de Assis)
"O Espírito Santo o *ensinava a* recrear os outros religiosos." (Bernardes)
"*Ensinou* o primeiro rei português *a* ser honrado." (Camilo Castelo Branco)

2. No sentido de *domesticar*, *castigar*, *amestrar*, *brigar* etc. é usado preferentemente com objeto direto de pessoa.
"A tarimba é que viria *ensiná*-lo." (Machado de Assis)
"Era seu luxo montá-lo na vila, exibindo-o em dias de feira no apuro da maestria com que o mandara *ensinar*." (Alves Redol)
"Espera aí que eu te *ensino*." (Castilho)

3. Instruir, doutrinar, dar ensinamentos (intransitivo):
"E de novo se pôs (Cristo) a *ensinar* à beira do mar, e se ajuntaram à roda dele tantas gentes..." (Figueiredo)
"Na vossa terra não há quem *ensine*." (F. Namora)
"Como mestra, a vida *ensina* mal." (O. Soares)
"Sei que a igreja *ensina* sobre o culto dos santos." (Alexandre Herculano)

Observação:

Quanto à intransitividade do verbo *ensinar* nesta última frase, classificar-se-á "sobre o culto dos santos" como adjunto adverbial de assunto. Veja-se, a este respeito, Rocha Lima, ob. cit., p. 258, de onde retiramos os exemplos abaixo:
Assunto: Falar da vida alheia.
(...)
Assunto: O conferencista dissertou sobre febre amarela. Conversamos a respeito de literatura.

Poderá, ainda, calar-se o objeto direto de coisa ou o indireto de pessoa:
O pai *ensinava* Matemática.
Não cansava de *ensinar a*o amigo.

Obs.: note que em relação ao emprego deste último enunciado, com objeto indireto de pessoa e objeto direto de coisa silenciado, há um paralelo de construção indicado no item 1.1 (q.v.), onde, aí, ao calar-se a coisa ensinada, dá-se preferência ao objeto *direto* de pessoa. Os dois empregos são, pois, lícitos.
"Não basta o que a vida *ensina*." (O. Soares)

“Tu deves *ensinar* o que eu hei de fazer.” (Almada Negreiros)
“Pode ser mesmo que em alguma ocasião *lhe* tivesse *ensinado* mal...” (Machado de Assis)
“Foi ao lado do motorista para *lhe ensinar*.” (Almada Negreiros)

Esquecer

1. Adquirindo o sentido de sair da memória, será:

• Transitivo direto:
O homem *esquece* o que lhe convém.
“A gente não *esquece* nunca a terra em que nasceu.” (Machado de Assis)
“Eu não *esqueço* o bem que ele me fez.” (Castro Soromenho)
“Hoje (o Nogueira) *esqueceu* o latim e é um bom advogado.” (Graciliano Ramos)
“Ó mulinha, ainda bem que não *esqueceste* o antigo dono.” (Aníbal Machado)

• Transitivo indireto, acompanhado, outrossim, do pronome reflexivo *se*:
O homem *se esquece do* que lhe convém.
“Hoje os príncipes, na embriaguez dos banquetes, *esqueceram-se d*as tradições de avós.” (Alexandre Herculano)
“Tendo de lutar para obter melhoria de situação, foi-*se esquecendo d*os deveres religiosos.” (C. Drummond de Andrade)
“Diabo: o Barbaças *esquecia-se de* deixar as rações na manjedoura.” (F. Namora)
“*Esquecendo*-se *de* que naquele momento era d. Henriqueta da Boa-Vista, cruzou a sala em passo natural.” (Graciliano Ramos)

Observação:

Se o objeto indireto vier em forma de oração, é lícito que se suprima o pronome reflexivo: O homem *esquece de* fazer o que lhe convém. “Não *esqueçamos*, meus amigos, como portugueses, de fazer votos pelo ilustrado monarca.” (Eça de Queirós)

“(...) e achou-se-lhe a faca ensangüentada, que por um incrível descuido Rui *esquecera de* lavar ou deitar fora.” (Machado de Assis). “Ah, sim, *esqueci de* confessar quando a vi.” (Nélida Piñon). É também de largo uso a elipse da preposição (de) no emprego pronominal se vier o objeto indireto em forma de oração: *O homem se esquece o* (em vez de *do*) *que é bom.*

Obs.: os três exemplos aduzidos por Cunha-Cintra são reproduções, nos livros de onde provêm, de falas de personagens: “– Toma esta chave, e não *te esqueça* que o seu poder é sobrenatural.” (G. Amado); “– Um homem acostuma-se a tudo, sim, a tudo, até a *esquecer-*

se que é um homem...” (Castro Soromenho); “– *Esquece-se* que não tenho outra companhia...” (Alves Redol).

Se não vier, contudo, em forma de oração, não é raro que se encontrem exemplos que, indo de certa forma de encontro à opinião da maioria dos gramáticos, apresentem elipse do pronome reflexivo *se*. Seria o caso de *O homem esquece do* (em vez de *o*) *que lhe convém*. “Guima *esquece de* tudo, e se deixa ir no doce acalanto dessa toada tão bela.” (Jorge Amado)

• Exemplo, talvez, do que Vendryes chamou “voz afetiva”, este terceiro emprego faz dos objetos (quer direto, quer indireto) sujeitos:

O homem *esquece* as coisas boas.
O homem *se esquece d*as coisas boas.

Ocorrem os cruzamentos, resultando em:
(1) As coisas boas *esquecem a*o homem.
(2) Das coisas boas esquecem *a*o homem.

Todos exemplos de uso tão correto quanto, há de se convir, literário.

“Nunca *me esqueceu* o seminário.” (Machado de Assis)
“E o pior é que *me esqueceu* tudo, valha-me Deus!” (J. Régio)
“*Esqueceu-lhe* o pequeno problema, que o levara ao gabinete.” (Cyro dos Anjos)

O cruzamento (2) acima é ainda menos frequente do que o (1), costumando aparecer, ainda, mais comumente sob forma de oração:

“Esquecera-lhe de perguntar a morada do Fonseca, para o caso de se demorar a resposta.” (Machado de Assis)
“Não *lhes esqueça de* regarem o passeio adiante da porta.” (Almeida Garrett)

Observação:

Já a interpretação de João Ribeiro (*in* Seleta Clássica, *apud* Rocha Lima, 431) é um tanto diversa: Na construção *esqueci-me*, vê o mestre João Ribeiro a predominância afetiva da ideia de que “pareço culpado do esquecimento”. Em *esqueceu-me*, por outro lado, sobrepujaria aquela noção esta outra: a de que “o esquecimento foi involuntário”. Rocha Lima estende o comentário de João Ribeiro aos matizes do verbo *lembrar* (q.v) – “*lembrei-me* (‘em que há propósito ou esforço de lembrar) e *lembrou-me* (em que a lembrança é como casual e não procurada’)” (ob. cit.). Encerra-se o estudo, aqui parafraseado, com exemplo de João Ribeiro: “A mulheres *lembra* o que *esqueceu* ao diabo.” (= As mulheres *se lembram do* que o diabo *esqueceu*).

Incomodar

1. Molestar, causar incômodo, importunar (pode-se utilizar a preposição *com*, indicando aquilo com que se incomoda alguém):
   Antônio *incomodava* Pedro (*com* futilidades).
   "As mãos, sobre tudo, *incomodavam*-no." (Alexandre Herculano)
   "*incomodava* o santo, quando picava a febre amarela, *com* rogos e promessas (Camilo Castelo Branco)
   "incomodava-o, porém, a própria inércia." (Camilo Castelo Branco)

Evite-se, pois, dizer *incomodar-lhe.*

2. Causar incômodo a si mesmo (emprego pronominal, às vezes com preposições *a* ou *com*)
   Pouco *me incomodo com* tais besteiras.
   "Dispenso: não *se incomode*." (Castilho)
   "não é provável que *se incomodasse a* vir aqui só para me dar notícias." (Rebelo da Silva)
   "Escusavam de *se incomodar a* dizer que não." (Garrett)
   "Não aprendemos do passado, não *nos incomodamos com* o presente, não cogitamos no futuro." (Rui Barbosa)
   "Sr. Pereira, disse Cirino recostando-se a uma sólida marquesa, não *se incomode comigo* de maneira alguma." (V. de Taunay)

Informar

1. Com o sentido de dar conhecimento de alguma coisa a alguém, é transitivo direto e indireto, podendo ser construído com objeto indireto de coisa e objeto direto de pessoa (caso mais comum) ou, ao invés disso, com objeto indireto de pessoa e objeto direto de coisa. Com efeito, este último caso é mais comum quando o objeto direto aparece em forma de oração. Naquele primeiro caso, o objeto indireto (de coisa) se fará com as preposições *de* ou *sobre*, ou, ainda, com certas locuções prepositivas, como *acerca de, a respeito de* etc.:
   Informamos os alunos *da* / *sobre a* / *acerca da* prova
   *Informamos a*os alunos a prova.
   Devemos, pois, evitar o cruzamento "*Informamos a*os alunos *d*a prova."

   Em sua obra Sintaxe de Regência, Carlos Góis expõe:
   "*Informou*-a *d*o lugar – ou – *informou-lhe* o lugar."
   "Esta circunstância impede-nos de *informar* o leitor *sobre* o que o mundo tem de vir a saber a respeito do tendeiro." (Júlio Dinis)
   "Logo *informei d*isso o velho barão (...)." (Lima Barreto)

“Encomendou el-rei Dom João o Terceiro a S. Francisco Xavier o *informasse d*o estado da Índia por via de seu companheiro.” (Padre Antônio Vieira)
“Apenas *lhe informaram* que os bens de Domingos Leite haviam sido confiscados.” (Camilo Castelo Branco)
“O governo *informou a*os representantes que o país está em paz.” (S. Bueno)

2. Quando possui o sentido de pôr-se a par de algo, o verbo é reflexivo, vindo acompanhado das preposições *com* ou *de*:
   *Informei-me d*aquele assunto *com* meus colegas.
   “*Informou-se com* o contador d’Argote e ficou sem saber a serventia da mesa.” (Camilo Castelo Branco)
   “Gente das imediações chegava a cavalo para *se informar d*o acontecido.” (Aníbal Machado)
   “Lhe vá mostrar a terra, onde *se informe d*a Índia, e onde a gente se reforme.” (Camões)

3. Pode ainda possuir o sentido de dar notícias sobre algo, ou, ainda, de dar parecer, sendo, então, transitivo direto:
   É preciso *informar* este requerimento.
   Este jornal não *informou* devidamente o público.
   “Não mais *informar* processos, não mais preocupar-se com o nome e a cara do futuro ministro.” (Aníbal Machado)
   “Ataxerxes *informa* que nunca [Juanita aprendera dança].” (Aníbal Machado)
   “As mãos *informem* o coração com obras.” (Padre Antônio Vieira)

Interessar

1. Na acepção que lhe é mais comum, “ser de interesse de”, “importar a” etc., o verbo tanto poderá ser usado como transitivo direto como indireto:
   Interessou-o ficar aqui.
   Interessou-lhe ficar aqui.
   “Mas o alcance da lição *interessa* diretamente os outros países.” (Rui Barbosa)
   “*Interessavam*-no as miudezas daquela metamorfose.” (Camilo Castelo Branco)
   “Nada os *interessa.*”(Euclides da Cunha)
   “Pensei que os *interessasse* estar ao corrente disto.” (C. de Oliveira)
   “E eu escutei que talvez a transação *lhe interessasse.*” (Graciliano Ramos)
   “Ele percebeu então que falara demais, a ponto de *interessá*-la, e olhou-a rapidamente de lado.” (Clarice Lispector)

2. Usar-se-á com objeto indireto, com preposição *em*, no sentido de "'ter interesse', 'tirar utilidade, lucro ou proveito'" (cf. Cunha-Cintra, 516):

   Você não *interessa em* que as coisas continuem assim.

   "O rei *interessava em* que os concelhos fossem poderosos e livres." (Alexandre Herculano)

3. Será transitivo direto e indireto, iniciada, esta última regência, pela preposição *em*, nos seguintes casos:

• Dar parte em negócios ou em lucros a alguém:

Interessaram-me *n*esta firma.

"*Interessei*-o *n*esta empresa." (Mário de Sousa Lima)

"*Interessar* alguém *n*um negócio." (Caldas Aulete)

"Interessei meu irmão na charutaria." (Antenor Nascentes)

• Atrair o interesse de alguém para algo, provocando-lhe curiosidade, caso em que, além da preposição *em*, ocorre, amiúde, mas junta às formas reflexas, a preposição *por*:

Interessá-la-*ei n*este tipo de empreitada.

Interessar-me-*ei n*este / *por* este tipo de empreitada.

"A princípio tentara *interessá*-lo *n*os problemas sociais que o entusiasmavam." (Castro Soromenho)

"Josefina, é verdade que nunca se aproximou de mim para me *interessar n*os seus enigmas." (A. Bessa Luís)

"Como quem o queria *interessar n*o perdão e conservação de coisa sua." (Padre AntônioVieira)

"*Interesso*-me *em* aspirar todos os aromas que recendem das essências angélicas." (Camilo Castelo Branco)

"Porque *me interesso n*a sorte desse quase desconhecido." (Idem)

"Antônia *interessava-se n*estes estudos e era considerada como um portento de inteligência pelo padre." (Idem)

"Zazá não se *interessava* muito *pelo* futebol." (Ribeiro Couto)

"Vieram os que deveras se *interessavam por* você e *por* nós." (Machado de Assis)

Observação:

Repare que não é bom giro a regência *interessar-se com alguém* (*ou com algo*), vista com certa frequência.

4. Há uma acepção, posto que desusada, de "alcançar", "ferir":

   Foi com intuito de *interessar* o braço que ele desferiu tal golpe.

   "O golpe *interessou*-lhe a carótida, o pulmão, os intestinos." (E. Ribeiro)

"A facada interessou o pulmão direito." (Caldas Aulete)

Lembrar

1. No sentido de evocar à memória, recordar-se, é de uso o emprego transitivo direto, quer seja na acepção de que (1) alguma coisa traz outra à lembrança, quer seja na de que (2) alguém se lembra de algo:
   (1) A neblina *lembrava* Londres.
   (2) *Lembrei* você com muito afeto.

   "O monte *lembrava* um lençol esburacado" (A. Ribeiro)
   "A esposa *lembra* uma gravura antiga (...) " (Érico Veríssimo)
   "Tiroteios vivos, que *lembravam* combates." (Euclides da Cunha)
   "*Lembro*-a hoje, com os seus cabelos brancos..." (A. F. Schmidt)
   "*Lembrei* dias de ventania, sóis de correrias." (Luandino Vieira)
   "As mãos esculturais, de ebúrnea transparência,
   de divina feitura e de divino encanto,
   lembram flores sutis de sonhadora essência
   da etérea languidez e de etéreo quebranto." (Cruz e Sousa)

2. No sentido de fazer (alguém) recordar algo, construir-se-á com objeto direto e indireto:
   Lembro a ela (*lhe*) que o mundo acaba.
   suas obrigações.
   "*Lembro-lhe* o cumprimento de sua promessa." (Aulete)
   "Para me *lembrar a*o senhor? Para *lembrá*-lo *a* mim? Nosso entendimento se tornou tão fácil que dispensa a operação da lembrança." (C. D. de Andrade)

3. Com o sentido mais usual, o de vir à memória, admite, como o verbo "esquecer" (q.v), posto que deste levemente distinto aqui e ali, três construções:
   (1) *Lembro*-me *d*esse acontecimento.
   (2) *Lembra*-me esse acontecimento.
   (3) *Lembra*-me *d*esse acontecimento.

   Em que vale a análise sintática:
   (1) Sujeito: eu (voz reflexiva)
   Objeto indireto: desse acontecimento
   (2) Sujeito: esse acontecimento
   Objeto indireto: me
   (3) Sujeito: desse acontecimento

Objeto indireto: me

"— Já não se *lembra de mim*, naturalmente." (M. Lopes)
"Eu me *lembro d*os pés de pinha." (Rubem Braga)

"*Lembra*-te, Belmiro, *de* que essas bodas são impossíveis." (C. dos Anjos)
"O filme já não *me lembra*." (V. Ferreira)
"Voltei depois que ela entrou em casa, e só muito abaixo é que *me lembrou* de ver as horas." (Machado de Assis)
"*Lembra-me d*isso, nem era possível esquecer coisa de tanto porte." (Camilo Castelo Branco)
"Quero contar como *me lembrou* de pôr aquelas palavras na boca de Telmo Pais." (Almeida Garrett)
"A primeira coisa que *me lembrou* foi chamar por meu pai e por minha irmã." (Alexandre Herculano)
"Aí, um socavão triste, *de* que mais tarde *me lembrei* ao ver subterrâneos em folhetins (...)" (Graciliano Ramos)

Observação 1:

A construção "*lembro de* você" é tida como viciosa, sendo, pois, vitanda num registro formal, servindo, contudo, seja de reprodução da fala, seja de meio de expressão num registro informal: "*Lembrava d*o negro velho Macário que fora escravo do capitão Tomás e que morrera servindo na casa." (J. L. do Rego, *apud* Cunha-Cintra, 519)

Observação 2:

Sujeito precedido de preposição, a qual, por razões fonéticas, se funde ao artigo daquele. Não há, pois, qualquer razão para se estranhar o fato, assim como deve ocorrer com "Chegou a hora *da* (de a) onça beber água." (q.v. Bechara, ob. cit.)

Observação 3:

Nas construções em que o objeto indireto seja exercido por uma oração, poderá, sem prejuízo, ocorrer omissão da preposição (de): Lembro-me que ele virá. "Bem me *lembro* que ainda eu mesmo alcancei a casa de Dona Rosinha (...)." (A. F. Schmidt, *apud* Cunha-Cintra, ob. cit., 604). "*Lembrou*-se que teria de passar junto de três ou quatro casas conhecidas." (F. Namora)

Observação 4:

Parece interessante a análise sintática nesse período. A oração reduzida [chamar por meu pai e por minha irmã] não funciona como sujeito da oração principal [A primeira coisa que me lembrou foi], mas, em vez disso, como predicativo desta. Fica a ressalva a fim de que se coteje esta função com a outra sobremodo mais corriqueira, qual seja a de sujeito. (Se bem que tal sujeito não seja, em geral, exercido por oração, senão por substantivo, pronome etc. Caso este não seguido, por fim, pelo emprego (3) – *lembrou-me de* fazer isso –, em que há conspícua contaminação entre "*lembrei-me de* fazer" e "*lembrou-me* fazer"; com efeito, esta última oração reduzida sublinhada ([fazer]) é sujeito da principal [lembrou-me], ilustrando o porquê de termos sentido necessidade em decompor sintaticamente o exemplo de Herculano acima que abriu campo a toda esta discussão. Também conforme Francisco Fernandes, ob. cit., 403, "Da contaminação das expressões LEMBRO-ME DE TER VISTO e LEMBRA-ME TER VISTO resulta LEMBRA-ME DE TER VISTO" – observação, a propósito, de Mário Barreto, agasalhada na obra acima aludida.

Morar

1. É, por via de regra, intransitivo, com o adjunto adverbial de lugar construído, geralmente, com a preposição *em*:
   Mora sozinho *na* Rua Machado de Assis.
   "Morava só; tinha um escravo da mesma idade que ele, e cria da casa do pai." (Machado de Assis)
   "morava *na* rua da Madalena." (Eça de Queirós)
   "A paz e a serenidade moram *na* alma do justo." (Constâncio)

• Ainda empregado intransitivamente, poderá vir o adjunto adverbial de lugar encetado por outras preposições ou locuções prepositivas – *sobre, entre, em meio a, por cima de* etc. –, inclusiva, se em contato com nome feminino, a preposição *a*, que, fundindo-se com o artigo daquele nome feminino, fará resultar a crase.

Observação:

É este emprego condenado por grandes gramáticos atualmente. Sobretudo os que, como Rocha Lima, veem no uso de tal preposição uma ultracorreção proveniente da analogia do uso da mesma preposição em situações tais como *estar à janela, sentar-se à mesa* etc. Lembremos que apenas aparecerá esta tal preposição (*a*) junto a nomes femininos, ficando os masculinos restritos à preposição *em.*

Morei muito tempo *à* Rua Machado de Assis, *entre* muitas casas.
"Vou ver um doente que *mora à* beira do rio." (Camilo Castelo Branco)
"*Morava* Elias mui descansado *sobre* as ribeiras do rio Carith." (Padre Antônio Vieira)
"Os animais que *entre* eles *moram*." (Camões)

Obedecer

1. Executar ordens, portar-se ou conduzir-se de acordo com certas determinações (pode o verbo ser *intransitivo* ou *transitivo indireto*; neste último caso, com preposição *a*):

Obedecerei, porque costumo *obedecer a*os mais velhos.
A colheita *obedece à* chuva.
"Mas o ministro assegurou que não *obedeceria*; não *obedeceu.*" (Rui Barbosa)
"A porta *obedeceu a*o impulso." (Aulete)
"Uns *obedeceram*, outros se rebelaram." (Vieira)
"Desculpa, Tomázia, que eu devo *obedecer a*o meu amigo." (Camilo Castelo Branco)
"Muitas mercês vos devo, senhor conde, que me obrigam a *obedecer-vos.*" (Alexandre Herculano)
"Quando o conde de Trava, *obedecendo* às ordens que lhe transmitira o capelão-mor (...)" (Alexandre Herculano)

Observação:

Quando o objeto se refere a uma coisa – como o foi em "ordens" – costumava vir em objeto direto, como fez Camões (Lus., IV, 47: 5-8):

Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes d'ella
Desde Caliz ao alto Perineu,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.

Note-se que, por haver objeto indireto de pessoa ("ao Rei Fernando"), o objeto direto de coisa como que se tornou, ao menos virtualmente, obrigatório.

"Os animais que habitam seu domínio, são forçados a *obedecer-lhe* e a formar-lhe séquito." (Paranapiacaba)
"Já *lhe obedece* a terra num momento." (Camões)
"*A* Rei não *obedece* nem consente." (Id.)
"Que porque no salgado mar nasceu,
Das águas o poder *lhe obedecia*." (Id.)

“E vós também, ó terras transtaganas, afamadas co’o dom da flava Ceres, *obedeceis às* forças mais que humanas, entregando-lhe os muros e os poderes.” (Id.)
“Assim Vênus propôs e o filho iníquo para *lhe obedecer* já se apercebe.” (Id.)
“Já *lhe obedece* toda a Estremadura.” (Id.)

Observação:

Não se deve usar o verbo como transitivo direto, ainda que exemplos haja que o contrariem, e ainda que assim o pudesse ser nos séculos pregressos, como o era nos séculos XVI e XVII (q.v. VERBETE: *agradar*, acima)
“Tudo o que o Senhor tem falado, faremos e *obedeceremos*” (Almeida)
“Que Deus e que Senhor é esse para que o *obedeça*?” (Vieira)
“Nem a Deus se podem perguntar os porquês: *obedecê*-los sim, muda e cegamente.” (Id.)
“Não só ofendiam a Antônio, mas o *obedeciam* e reverenciavam.” (Id.)

Observação:

Repare-se, também, na preposição *a* antecedendo o antropônimo Antônio, onde, dada a predicação transitiva direta do verbo *ofender* (q.v. VERBETE: *ofender*, abaixo), espera-se-ia ausência de qualquer preposição – trata-se, aqui, de objeto direto preposicional; sem contar, por outro lado, a ausência da mesma preposição em tela no local em que, agora, seria ela esperada, mercê da regência do verbo (ora *obedecer*).
Note-se, contudo, que, não obstante a condenação que permanece quanto ao emprego transitivo direto do verbo, a construção em voz passiva é universalmente aceita, mesmo nos padrões mais estritos da norma culta:
A determinação precisa ser *obedecida.*
“Fazem com que sejam *obedecidas* as leis.” (Mário Barreto)
“‘Vai, apresenta isto ao meu vílico, e serás obedecido em tudo.’” (Alexandre Herculano)

Observação:

Quanto à regência, o verbo *desobedecer* segue as mesmas diretrizes de *obedecer*, sendo-lhe, contudo – está claro –, antônimo.

Ofender

1. Conquistar, ferir ou tomar em combate (serão objeto direto tanto a coisa como a pessoa ofendida).

   A golpes de maça, *ofendiam* os muros do castelo.

   "O lugar *que* a cada um coube em sorte para defender ou *ofender*, esse sustentou pelejando ou cobriu morrendo." (Frei Luiz de Sousa)

   "andavam ilesas sobre as águas, não lhes* ofendendo estas nem os vestidos." (Bernardes)

> *Observação*:
>
> Este *lhes* é apenas substituto do pronome possessivo: "(...) não ofendendo estas nem os vestidos *delas*" (ou *daquelas*, em relação ao sujeito da oração anterior, evidentemente feminino e plural graças à concordância do adjetivo *ilesas*).

2. Fazer uma ofensa, prejudicar:

   "*ofendiam* a justiça, danificavam as fortunas e corrompiam a religião." (Alexandre Herculano)

   "Eu não vim aqui *ofendê*-lo, e V.Sa. recebe-me dum modo que eu não mereço." (Camilo Castelo Branco)

3. Dar-se por ofendido, horrorizar-se com algo (emprego pronominal, às vezes com as preposições *com* e *de*):

   Nunca *me ofendo com* este tipo de bobagem.

   "Se copiava da índole dos aldeões, e não adoçava o retrato, a crítica *ofendia-se*, condenando o esboço como sórdido e desprezível." (Rebelo da SIlva)

   "*Ofendiam-se com* os gracejos" (Laudelino Freire)

   "Como é de crer, o embaixador achava que el-rei teria razão de *se ofender do* procedimento do papa." (Alexandre Herculano)

Pagar

1. Satisfazer, saldar:

   Pagarei feliz esta dívida.

   "*Pagaria* todas as dívidas do sogro." (Camilo Castelo Branco)

   "o colono *pagaria* de bom grado qualquer taxa que se lhe exigisse pelo benefício." (Alexandre Herculano)

Também poderá aparecer o posvérbio *por*, até mesmo junto a artigos definidos ou indefinidos:

Pagarás caro *por* (*pela*) tua impertinência –,

onde parece haver embutida a ideia de circunstância adverbial de *causa*.

Se se fizer referência à pessoa a quem se pagou algo, esta deverá ser objeto indireto, vindo precedida da preposição *a*:

Pagarei o imposto *a*o dono da casa.

"E *pagárão** seus annos d'este geito
À triste Libitina seu direito..." (Camões – *pagaram)

"Naturalmente, os contribuintes tinham escrupulizado de *pagar* os direitos reais *a* um judeu, *a* um herege encarcerado pelos inquisidores." (Id.)

"Encomendaste a festa; *paga a*os músicos" (Rebelo da Silva)

"e como podia um atrevido instalar-se em seus domínios, abrir casa, sem *lhe pagar* foro?" (C. Neto)

"Então pensava lá consigo como uma boa punhalada pagaria a dívida do truão ao nobre senhor!" (Alexandre Herculano)

Embora questionados pela norma culta, encontrar-se-ão, também, passos literários em que à pessoa a quem se paga algo se fará alusão *sem* a preposição *a*, sendo a tal pessoa remunerada, pois, um *objeto direto*:

"O algoz é abominável pela brutalidade de seu papel, ...mas é uma vítima da sociedade, que o gradua, que o *paga*" (Rui Barbosa)

Aliás, a despeito de haver, em princípio, exigência, num falar mais cuidado, da preposição *a* antes da pessoa gratificada, pode-se utilizar esta mesma pessoa, ainda que objeto indireto da voz ativa, como um *sujeito* da passiva, seja esta pronominal, seja analítica (caso mais complexo):

i) *Paguei a*os funcionários –

ao lado de:

ii) Os funcionários *foram pagos* por mim.

iii) *Pagaram*-se os funcionários.

Se se quiser manter o objeto indireto de pessoa na voz passiva, claro está que haverá outra construção nesta, outra forma de concordância verbal:

iv) *Pagou*-se *a*os funcionários – compare-a com a sentença iii acima.

No entanto, vale a ressalva, o fato de um objeto indireto poder, ocasionalmente, ser sujeito de voz passiva analítica não seria em princípio igualmente ensejador de aquele objeto indireto proceder como sujeito de uma voz passiva pronominal, caso em que, pois, dever-se-ia preferir a construção iv à iii.

3. Satisfazer o valor de algo por meio de alguma coisa (emprega-se com as preposições *com*, *em*, *por*):

   Como eu poderia *pagar* o aluguel *a*o proprietário? *com* um sorriso? *em* dinheiro? ou *pela* amizade que julgávamos haver entre nós?
   "Eram noutro tempo os príncipes que *pagavam com* as migalhas dos seus banquetes os cantos..." (Latino Coelho)
   "todos estes serviços produtivos, *com* que o escravo *pagava a*o senhor o benefício da vida e o valor da subsistência, eram exercidos sob o influxo animador do azorrague." (Latino Coelho)
   "Conferir ao devedor o direito de *pagar em* certa espécie de moeda, o mesmo é que impor ao credor a obrigação de a receber." (Rui Barbosa)
   "E podeis *pagar-lhe* a dor *pela* dor, a infâmia *com* a infâmia? (Rebelo da Silva)

> *Observação*:
>
> A preposição *com* parece, neste caso, tirante à ideia subjacente de sacrifício, esforço ao se pagar algo:
> "*Pagou com* o sangue a glória deste feito." (Aulete)

4. Indenizar-se, (sobre)viver de algo (emprego pronominal com preposição *de* – pouco usada esta construção atualmente):

   Esperas que eu *me pague de* vento?!
   "*Pagou-se* jovialmente a velha *d*os afagos da sua mentira." (Camilo Castelo Branco)

5. Expiar, ressarcir:

   Estava *pagando* um desleixo antigo.
   "quando não, *pagarás* a negligência tua vendo a prole sair de perto remendada." (Castilho)
   O mesmo que se disse no 1º caso, quanto à utilização do posvérbio *por*, diga-se aqui:
   Estava *pagando por* um desleixo antigo, e não *por* algo que tivesse feito hoje.

Parecer

1. Apresentar determinada aparência. Pede, neste caso, predicativo, sendo o verbo "parecer" um verbo de ligação (que poderá apresentar objeto indireto, dativo de opinião):

   O homem (*me*) parece cansado.
   "A um lado a imensa majestade do Tejo em sua maior extensão e poder, que ali mais *parece* um pequeno mar." (Garrett)

2. O emprego intransitivo (que também poderá apresentar objeto indireto) é exclusivo das construções em que o sujeito é uma oração, seja ela desenvolvida, seja ela reduzida:

Parece (-*me*) | que o homem voltou.
Parece (-*me*) | ter voltado o homem.

↓
SUJEITO (oração subordinada substantiva subjetiva)

É construção extremamente comum aquela em que o sujeito da oração subordinada subjetiva vem antes da oração principal; neste caso, o verbo "parecer", do tipo:

O homem | *parece-me* | que voltou.
O homem | *parece-me* | ter voltado. (Veja a análise feita acima, que não se altera aqui.)

"As palavras que ele disse *parece* que saíam de uma alma que ia ser julgada por Deus." (Camilo Castelo Branco)
"(...) e a cadelinha *parece* que reconheceu o médico, porque trocou os latidos em festas." (Machado de Assis)
"*Parece-me* que o escrúpulo é a chave que abre a porta por onde a inocência há de escapar-se." (Camilo Castelo Branco)

No caso das orações reduzidas (de infinitivo), se houver de fato tal construção, ficará o verbo "parecer" na 3ª pessoa do singular (pois que é verbo unipessoal, neste caso), flexionando-se naturalmente o infinitivo da oração subordinada, se assim for necessário, quer tenha vindo o sujeito da oração subordinada em prolepse, quer não o tenha vindo, indiferentemente:

Parece | fugirem os homens.
Os homens | *parece*| fugirem
"De cujo manto as vagas *parece* roçarem ainda com respeito a fímbia do *Adamastor*". (Sousa da Silveira)

Poderá vir o verbo *parecer* reduzido de gerúndio, constituindo oração adverbial modal ou adjetiva, conforme se ligue, respectivamente, a uma outra oração ou a um substantivo. Nesses casos, poderá o verbo *parecer* funcionar como mero verbo de ligação ou, em vez disso, trazer consigo ouro verbo em forma infinita. Foi este último caso o esposado por Machado de Assis, neste seu trecho:

"Margarida caiu numa cadeira *parecendo* chorar".

3. Em construção de sentido semelhante ao do caso 2, formará o verbo "parecer", neste de que trataremos agora, uma locução verbal com um verbo principal no infinitivo, cabendo ao

verbo “parecer”, portanto, o estatuto de verbo auxiliar. Neste caso, sendo, como dissemos, “parecer” um verbo auxiliar, é a ele que caberão as flexões de número e pessoa:

Os homens *parecem* fugir.

(Compare com o caso de “os homens *parece* fugirem”.)

Aqui, neste caso 3, há um todo semântico inanalisável em partes, havendo, dessa forma, tão somente uma oração.

“Se espancas os cães da vinha, *pareces* ser também ladrão.” (Mário Barreto)

4. Com o sentido de apresentar semelhança com alguém ou algo, o verbo é pronominal, aceitando as preposições *com* ou *a*:

Ele *se parece com / a*o pai.

“Mas os naufrágios do coração *parecem-se a*os do mar.” (Camilo Castelo Branco)

“Mais *se parecem com* aqueles desventurados que viviam nas trevas da idolatria.” (Mário Barreto)

Observação:

É contaminação sintática formações do tipo *Eles parecem fazerem*... Epiphanio da Silva Dias, em sua *Syntaxe Historica portuguesa*, no apêndice à sintaxe (p. 336, par. 482, *Contaminação Syntactica*), dá-nos como exemplo:

> *... parecem* | *Que nunca brando pêntem conhecérão* [*sic*, deve ter sido falha tipográfica o acento agudo em *conhecérão*; quem checar a edição de *Os Lusíadas* deste mesmo Autor entenderá por que o dizemos; q.v. nosso capítulo de acentuação gráfica] *(Lus., VI, 17); a construcção regular* parecem nunca brando pêntem ter conhecido, *e a construcção também regular* parece que nunca brando pêntem conheceram, *fundidas irregularmente, deram:* parecem nunca brando pêntem conhecêrão [aqui nos parece regular, com acento circunflexo, como está, o *conhecêrão*].

Pedir

1. Solicitar (em geral de forma polida). Tem alguns empregos possíveis, dentre os quais:

a) *Pedir* algo.

b) *Pedir* algo *a* alguém.

c) *Pedir a alguém* (= lhe) que faça algo (Obs.: Pode calar-se a conjunção *que*: “...pediu-lhe o guiasse à sua pousada.”, Alexandre Herculano)

d) *Pedir* licença (autorização, vênia, concessão) *a* alguém *para* fazer algo.

Este último emprego merece uma pausa, como que reflexão gramatical a ele concernente.

Em primeiro lugar, poderá calar-se o substantivo "licença" e/ou o objeto indireto (que, como se vê, refere-se, aqui, a uma pessoa). Em ocorrendo a tal elipse do substantivo *licença* (ou um de seus correspondentes terminológicos), suprido que esteja, naturalmente, pelo sentido unívoco que venha fomentado por um contexto, a preposição *para* será totalmente lícita, referindo-se, contudo, ao sujeito do verbo *pedir*, não podendo aludir a um "outro sujeito" do verbo *fazer*, o que faria da preposição em tela um como elemento de subordinação obrigatório do verbo *pedir*, como se lhe fizesse parte do regime.

Assim, não se dirá gramaticalmente *pedi para saírem* ou *pedi para que saíssem* ou, enfim, *pedi saírem* em vez de *pedi-lhes* (ou *a eles*) *que saíssem*. E ainda se frise o seguinte: em *pedi-lhe para sair*, há, tão só, do ponto de vista gramatical, uma interpretação possível; qual seja *eu* pedi (licença) para *eu mesmo* sair.

Se se quiser utilizar sujeito diferente do verbo *pedir* junto ao outro verbo do período, poder-se-á utilizar, como se mostrou acima, o emprego c).

É de notar que muitos célebres filólogos aceitam a construção condenada pela gramática, justificando-a como procedente mesmo do latim (Epifânio Dias); ou veem, nela, cruzamento sintático (Carlos Góis). Evanildo Bechara crê ter havido contágio das noções de objeto direto e de adverbial de fim, lembrando que tais formas condensadas são numerosas e têm curso relativamente livre na língua (adotamos o termo já de há muito consagrado "anfilogismo"): "*atirar o livro* e *atirar com o livro* (condensação da noção de objeto direto com a de adverbial de instrumento), *olhar os campos* e *olhar para os campos* (do objeto direto e adjunto adverbial de direção, de lugar) (...), onde o pensamento não considera apenas o objeto, mas encarece uma circunstância concomitante na realização da ação expressa pelo verbo." (Lições de Português pela Análise Sintática, Padrão, 15. ed., Rio de Janeiro, 1992, p. 177, rodapé).

Francisco Fernandes (Dicionário de Verbos e Regimes, Ed. Globo, 4. ed., Porto Alegre, 1969, p. 453) faz a seguinte ressalva: "PEDIR PARA – A maioria dos gramáticos tacha de viciosa a construção *pedir para fazer alguma coisa* – em lugar de *pedir para que faça alguma coisa*; e somente admitem *pedir para* quando for possível subentender entre o verbo *pedir* e a preposição *para* uma das palavras *licença, permissão, autorização, vênia*, etc." Em princípio, não compartilhamos da opinião do Autor no que toca àquela última construção, tida por ele como a correta para substituir a não correta (do ponto de vista da norma culta, é sempre prudente lembrar).

Dessarte, fica válido o que se disse no começo: *pedi (licença a alguém) para sair*, – isto é, *eu* peço para *eu* sair; *pedi-lhe que saísse*, – isto é, *eu* peço *a ele* que *ele* saia. Evite-se, pois: *pedi-lhe para sair* no intuito de dizer que o pedido é no sentido de que *alguém* (que não o próprio que pediu) saia; ou *pedi sair* e *pedi para que saísse* em qualquer situação.

No entanto, a respeito deste último emprego (abonado por Francisco Fernandes, em relação ao qual manifestamos há pouco discordância), endossado por quanto dizia Evanildo Bechara no que tange ao contágio de objetos e circunstâncias adverbiais, poder-se-á

compreender, por exemplo em *pedi para que fôssemos*, um posvérbio (*para*), acumulando na frase as noções de objeto direto (que é a função da oração encetada pela conjunção integrante *que*) e adverbial de fim. É muito corrente esse tipo de contágio, como mostrava Evanildo Bechara, e, para exemplificarmos, mostraríamos a expressão *fiz que ele viesse* ao lado de *fiz com que ele viesse* (q.v. nosso capítulo de sintaxe, parte III, item 2, OBS.: 2, ambas corretas gramaticalmente, onde se percebe, nesta, talvez, a circunstância adverbial de meio, concomitante com o mero objeto direto.

Como quer que seja, permanecemos, repita-se, no quanto ficou dito primeiramente, vendo, contudo, na alternativa de Francisco Fernandes, uma forma de oração objetiva direta com posvérbio.

No intuito de melhor visualizar o assunto, não deixaremos de mostrar, adiante, passos de ilustres autores em que se utilizam também construções ora questionadas.

Observação 2:

O autor é citado na obra de Bechara a que aludimos aqui. Na lição XXII de sua Sintaxe de Regência (5. ed., RJ, 1948, p. 123), Carlos Góis mostra-nos, no subitem 3, o caso de *pedir* inserido, primeiramente (no que, como já mostramos, estamos de acordo), num dos "Casos determinados por *Elipse* [a da palavra *licença*]" , e, depois, admite, no cruzamento das duas formas (com elipse do objeto direto "licença" de um lado e sem esta elipse de outro), aquela de que teria provindo a expressão *pedir para* em que o verbo "rege" a preposição, não sendo mais sentida esta, pois, como uma que inicia o adjunto adverbial de fim, senão como "o próprio objeto direto!" (ob. cit. , 124). Os exemplos do autor, considerados por ele objeto direto, foram por nós também debatidos algures: "Pediu *para* ficar por – pediu ficar – ou pediu que ficasse. Pediu *para* não ser preso – por – pediu que o não prendessem" (id. ib.). Como mostramos, trata-se, a nosso ver, de situações totalmente distintas em:

(1) *pediu para não ser preso*, X pede a Y que não o prenda (ao próprio X), o que chamaremos paradigma "X-Y"; ao passo que em
(2) *pediu que o não prendessem*, X pede a Y (ou a um objeto que será sujeito indeterminado da outra oração) que não prenda Z, outra pessoa, alheia ao eixo "quem pede – a quem se pede", ou, em outra interpretação possível, a ele próprio, X; desta ou daquela forma, são situações diferentes. Observe que aqui o paradigma se *pode* ampliar a "X-Y-Z".

O mesmo se diga quanto ao primeiro exemplo levantado (*Pediu para ficar*), em que este se coloca no paradigma "X-Y", com as outras ressalvas, ainda, de que *pediu ficar* não nos parece boa alternativa, e *pediu que ficasse* se encaixa melhor no paradigma "X-Y-Z". Assim, quanto à utilização do *para* como posvérbio antecedendo um objeto direto,

esposaremos a tese de Francisco Fernandes, mostrada linhas abaixo daquela em que figura o asterisco que abriu campo a este debate.

Observação 3:

Epifânio Dias, em sua Sintaxe Histórica, par. 347, obs. 2, diz: "Em lugar de *fazer que* – também se diz *fazer com que*", exemplificando: "*E o amor faz, com que esta [memoria] se despeje e fique totalmente solitaria de lembranças de creaturas (Chagas, 194)*". Esta observação foi utilizada no nosso capítulo de sintaxe, ilustrando o estudo dos posvérbios.

Observação 4:

O *para*, não raro, toma um dos meneios que lhe são mais peculiares, qual seja o de indicar *finalidade*. Dessarte, em muitos casos como: (1) "À noite fecho as portas, sento-me à mesa da sala de jantar, a munheca emperrada, o pensamento vadio longe do artigo que me *pediram para* o jornal." (Graciliano ramos, Angústia, São Paulo, Círculo do Livro, 1987, p. 15). (2) "– esperto, esse padre Armando: não acaba a torre, para continuar *pedindo* ao povo *para* as obras da Matriz." (Josué Montello, Vidas Apagadas. *In:* O Melhor do Conto Brasileiro, 9. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1995).

"Deste Deus-homem, alto e infinito, os livros que tu *pedes* não trazia." (Camões)
"Estou de joelhos diante de vós, Senhor, *pedindo* misericórdia." (Garrett)
"Asilo e proteção *pede a*os estranhos." (Porto Alegre)
"Eu retive-a, *pedi-lhe* que ficasse, que esquecesse." (Machado de Assis)
"Dito isto, *peço* licença para ir um dia destes expor-lhe um trabalho..." (Machado de Assis)
"E porque tudo note e tudo veja, *a*o capitão *pedia* que dê mostras." (Camões)
"Voltemo-nos para o Senhor, *pedindo-lhe* que nos esforce e nos alumie neste passo." (Rebelo da Silva)
"(...) e as duas senhoras despediram-se dos rapazes, *pedindo-lhes* que as fossem ver." (Machado de Assis)
"(...) e a primeira coisa que fez [a viúva Margarida] foi escrever a Mendonça, *pedindo-lhe* que fosse lá à casa." (Machado de Assis)
"Se me fosse possível falar, *pedir-lhe-ia* que me deixasse." (Graciliano Ramos)
"Sofia novamente *pediu a* Rubião que advertisse na inconveniência de trem assim." (Machado de Assis)
"Encerra em ti tua tristeza inteira / E *pede* humildemente *a* Deus que a faça / Tua doce e constante companheira..." (Manuel Bandeira)

“todos os dias sua madrinha a mandava rezar e *pedir à* Virgem que as livrasse do saque.” (Camilo Castelo Branco)

“– Eu e Glória *pedimos a* Deus que não nos desse outro filho.” (Josué Montello)

“(...) e *pediu a* Deus um trabalho pequeno ou longo de mais (...)” (Graciliano Ramos)

“Sentiu-se tão outro do que fora até então, que logo animosamente *pediu para* argumentar com os mais sabedores e adiantados.” (J. F. Lisboa)

“*Pediu a*o governo *para* usar uma comenda estrangeira.” (Laudelino Freire)

“O menino dirige-se ao mestre e *pede-lhe para* sair.” (Nóbrega, Estudos de Português, *apud* Francisco Fernandes, ob. cit.)

“Padre Antônio... *pediu para* ficar só comigo.” (Camilo Castelo Branco)

“(...) antes que a alegria que o mouro mostrou ao vê-lo se revelasse por sinais que gerassem desconfianças, *pediu-lhe** o guiasse à sua pousada.” (Alexandre Herculano) (*Há, aqui, elipse da conjunção integrante *que*)

Alguns exemplos que vão ao encontro do emprego que, acima, se pedia evitar:

“Ao fim desse tempo, ela pretextou um livro, que estava em cima das músicas, e *pediu-me para* dizer se o conhecia.” (Machado de Assis)

“Um mouro viera aí *pedir a* sua reverência *para* ir ver uma pobre mulher que se morria.” (Alexandre Herculano)

“Lembrei-me se ele vinha convidar-me para fundarmos um jornal em Landim, ou se viria *pedir-me para* o propor sócio correspondente da Academia Real das Ciências.” (Camilo Castelo Branco)

“Um amigo *pediu-me para* eu expor ao público as minhas ideias acerca do esperanto.” (G. Viana)

2. Exigir, demandar (emprega-se o verbo *pedir*, pois, como um eufemismo):

   O estudo *pede* abnegação e renúncias.

   “Esse negócio *pede* segredo, prudência, atividade.” (Constâncio)

   “Corpo que está *pedindo* cama – ou rede, que é melhor.” (A. Amaral)

   “A peixeira *pede* cinco tostões por cada linguado.” (C. Figueiredo)

   “O cristianismo *pede* o máximo ao homem, que em geral só quer dar o mínimo.” (Murilo Mendes)

   “O corpo cansado *pedia* ainda o aconchego da cadeira (...).” (Josué Montello)

Perdoar

1. Conceder perdão (emprego intransitivo)

   Eis um homem que *perdoa*.

   “Ofenderam-te muito; mas *perdoar* é ser grande.” (Rebelo da Silva)

   “Deus *perdoa*, e, se não *perdoa*, aceito o inferno.” (Camilo Castelo Branco)

2. Remitir, dar absolvição, desculpar (neste caso, a coisa que se perdoa é objeto direto):
   Perdoo as tuas dívidas.
   "Investiu-os a todos do sacerdócio, conferindo-lhes o poder de *perdoar* os pecados da carne." (C. Neto)
   "O mundo não *perdoa* a pobreza, meu filho, ainda que ela seja a auréola de um gênio." (C. Neto)

3. Conceder perdão a alguém (e neste caso a pessoa será objeto indireto):
   Já não posso *perdoar*-lhe mais.
   "E nunca *lhe perdoarei a* ele." (Garrett)
   "Ama a teu inimigo; porque ou ele é mais poderoso que tu, ou menos: se é menos poderoso, *perdoa-lhe a* ele; se é mais poderoso, *perdoa-te a* ti." (Vieira)
   "Sebastião José de Carvalho e Melo rara vez *perdoou a*os que o ofenderam." (Rebelo da Silva)
   "Queria *perdoar-lhe* o Rei benino,
   Movido das palavras que o magoão,
   Mas o pertinaz povo e seu destino
   – Que d'esta sorte o quis – *lhe* não *perdoão.*" (Camões)

4. Também se poderão utilizar as construções 3 e 4 concomitantemente (sempre com objeto indireto de pessoa):
   Perdoarei a falta *a* meu irmão.
   "Pedia o prelado que ou el-rei procurasse atraí-lo a si por qualquer modo, *perdoando-lhe* os passados desserviços ou que o mandasse assassinar." (Alexandre Herculano)
   "*Perdoa-me* a ousadia, eu to suplico." (Porto Alegre)
   "Vi-te de joelhos pedir-lhe a vida, e o de Salzedas *perdoar-ta*." (Rebelo da Silva)
   "e *perdoou* a vida *a* Saul." (Vieira)

Observação 1:

Não convém colocar-se em objeto direto (em acusativo) a pessoa a quem se perdoa, ainda que passos haja que dessa forma procedam. A propósito, foi certamente graças à abundância de tais construções que se passou a aceitar, normativamente, o verbo "perdoar" em frases de voz passiva, embora se trate, como sabemos (q.v. Obs. 2, abaixo), originariamente de VTI quando em relação a pessoas:

> "E a abadessa era tão meiga que, talvez conhecendo o seu doloroso romance, *a perdoasse*." (C. Neto)
> "(Mas quem sou eu para censurar os culpados? O pior é que não preciso *perdoá-los* (...))" (Clarice Lispector)
> "O sertanejo é antes de tudo um paciente. Eu o *perdôo*." (Clarice Lispector)

“Mas imploro ao quati que *perdoe* o homem, e que o *perdoe* com muito amor. Antes de abandoná-lo, é claro.” (Clarice Lispector)

Observação 2:

Apesar de se não aceitar, pela norma culta, o objeto direto de pessoa, poderá o objeto indireto da voz ativa passar a sujeito da passiva:

Perdoei *a*os amigos traidores.

Os amigos traidores *foram perdoados* por mim.

Observação 3:

Com objeto direto em forma de oração, deverá esta ser sempre *reduzida* (ver obs. feita acerca disso no verbo *agradecer*); não se dirá, pois:

*Apesar de tudo, perdoei-lhe *que tivesse chegado tão tarde*;

e sim:

Apesar de tudo, perdoei-lhe (o) *ter chegado tão tarde*.

“Perdoou-lhes o *haverem-nos ofendido*.” (Epifânio Dias, *Gramática Portuguesa Elementar; apud* Bechara, *Lições de Português pela Análise Sintática*, 15. ed., Rio de Janeiro, 1992, p. 168).

Preferir

Possui sempre o significado de dar primazia a algo (ou a alguém).

Pode, contudo, ser construído de duas formas:

1. Emprego transitivo direto e indireto:

Embora se trate tacitamente de uma comparação, não se construirá o verbo em tela com “que” ou “de que”, como quem dissesse: “gosto mais disso *do que* daquilo.” Não é muito diversa a explicação dada pelos grandes mestres quanto a essa “falsa analogia” (Mário Barreto, por exemplo).

A preposição adequada será, para o objeto indireto, assim como o é para a maioria dos verbos *dandi, dicendi e rogandi*, a preposição *a*:

Preferir pão a doces.

Observação:

O objeto direto dirá respeito à coisa (ou pessoa) a que se dá primazia de fato, ficando ao objeto indireto a característica de revelar aquilo que se porá em segundo plano.

"Basta dizer, como dizia Machado de Assis, que *preferia* nesta sintaxe o subjuntivo *a*o indicativo." (Manuel Bandeira)
"Capitu *preferiu* tudo *a*o seminário." (Machado de Assis)
"(...) eu sempre *preferi* o menos *a*o mais por medo também do ridículo (...)" (Clarice Lispector)
"Guerreiros havia que nos combates com os sarracenos *preferiam* a maça *à* espada." (Alexandre Herculano)
"*A* uma verdade antiga *preferem*, sem hesitar, uma asneira contemporânea." (João Ribeiro)

"*Prefiro* os pássaros da Terra
que são verdes
*a*os negros pássaros do mar,
de asas longas angulosas
e nascidos só para voar...
A estar chorando de saudade
portuguesa
prefiro varar o sertão
que é o meu destino singular.
*A*os velocinos da fábula,
(...)
prefiro o meu Sol da Terra (...)" (Cassiano Ricardo)

Observação:

Nunca se dirá, em linguagem culta, "prefiro antes", "prefiro mais" e outras formas supostamente enfáticas, que não passam, na realidade, sob o parâmetro estrito da norma, de pleonasmo vicioso, sendo, pois, forma vitanda.

Em literatura, em que a expressão não conhece os mesmos limites da norma, havemos de encontrar – posto que raros – exemplos contrários a quanto se disse:

"Ela *preferia* mil vezes que estivesse chovendo (...)" (Clarice Lispector)

Registre-se, por fim, o correspondente "antes querer", que forma unidade semântica, perfeitamente correto, pedindo, este sim, a construção típica das comparações – "(do) que":

Antes quero isto (*do*) *que* aquilo = prefiro isto *à*quilo.
"Antes chorar *que* rir de modo triste (...)" (Cruz e Sousa)
"Antes isso *que* aceitar misturas perigosas e corruptoras." (Graciliano Ramos)

2. A outra construção possível faz calar-se o objeto indireto:
Prefiro pão.

"*Preferi* outra imaginação." (Clarice Lispector)

Querer

É verbo de muitos empregos possíveis na língua, sendo os seguintes os mais facilmente encontrados.

1. Na acepção de desejar, buscar, tencionar algo, é transitivo direto:

    Quero um copo de água.

    "Trabalho contínuo e duro para um organismo, que neste momento está *querendo* repouso." (Rui Barbosa)

    "Ora, na esfera de ação, a vitória pertence aos que sabem o que *querem*, tendo a energia de o *querer*." (Rui Barbosa)

2. Significando amar alguém (ou alguma coisa), tendo-lhe(s) estima, é transitivo indireto, aceitando pronome *lhe*:

    Quero a meu filho mais que tudo.

    Quero-lhe mais que tudo.

    "Ele não conhece outra mãe senão a mim, *quero-lhe* por ele e por ela." (Almeida Garrett)

    "O cavaleiro morto tinha, como disse, um irmão, que *lhe* queria mais do que *à* própria vida." (Rebelo da Silva)

    "*Queria-lhe* muito, mas como *a* irmão."(1) (C. Neto)

Observação:

A preposição *a* neste último exemplo ("...mas como *a* irmão") é, também, para desfazer possível ambiguidade (embora para fazermos tal afirmação devêssemos estar de posse do texto com que lidamos). Como quer que seja, q.v. capítulo de sintaxe, item 2, "Objeto direto preposicional", subitem 2.1.4. Quanto ao exemplo imediatamente anterior a este último, podemos ver na preposição ("...mais do que *à* própria vida") também deslinde de ambiguidade, ambiguidade esta diferente da que se percebe no trecho de C. Neto, embora.

São raros os exemplos em que este verbo, na acepção de *amar*, é transitivo direto.

"*Queria* muito os filhos." (Constâncio)

"*Querendo* com ardor o idioma que falamos." (Rui Barbosa)

Salientou Rocha Lima (GN, 444) a mestria com que explorou Antônio Feliciano de Castilho os dois empregos possíveis do verbo *querer* neste seu trecho:

"Eu *quero*-a e *quero-lhe*."

Observação:

A mesma coisa acontece com o verbo *valer*, que aceita objeto indireto (e pronome *lhe*) se usado na acepção de *socorrer*: *Valeu-lhe* a Providência de Deus.

3. Se usado na terceira pessoa do singular ou do plural do subjuntivo presente (*queira, queiram*) junto a um infinitivo, é fórmula de cortesia, delicadeza – ou ironia:
   Queira sair, por gentileza.
   "E, visto que estamos à minha porta, *queira* o Sr. Guimarães entrar." (Camilo Castelo Branco)

Observação:

Não devemos, de fato, considerar como imperativo este emprego do verbo *querer*, senão que, em vez disso, conforme dissemos, trata-se de forma de polidez consagrada pelo uso assim dos falantes como dos escritores de boa pena. O imperativo afirmativo do verbo em tela, a rigor, não existe; o negativo, todavia, pode ser – e é – empregado com certa largueza, inclusive em *possíveis* locuções verbais (não é do escopo deste momento a discussão a respeito do que sejam verbos auxiliares...):

"Eu sou, Senhor, a ovelha desgarrada.
Cobrai-a, e *não queirais*, Pastor Divino,
Perder na vossa ovelha a vossa glória." (Gregório de Matos)

4. Pode ser usado, se se reportando a coisas, como similar de "poder" (em geral é este emprego usado em sentenças negativas, isto é, significando "não poder"):
   Mas o fogo não *quer* pegar de jeito nenhum.
   "O carvão não *quer* arder." (Laudelino Freire)

5. Com sentido de "estar inclinado a algo", "ter tendências"; pode ser usado, aí, tanto para coisas como para pessoas:
   O carro *quis* morrer na subida.
   "À noite sobrevieram-lhe dores, a tosse parecia *querer* arrancar-lhe os pulmões." (C. Neto)

Responder

1. No sentido de dar resposta, emprega-se:
   Com objeto direto para explicitar a resposta:
   Ele *respondeu* isto: que viria.
   Com objeto indireto para a pergunta:

Ele *respondeu a* todas as perguntas.

"Os mouros foram socorridos por um grosso esquadrão – *respondeu* tristemente o pajem." (Herculano)

"Só um eco *responde*:
onde?"
(Cassiano Ricardo)

"O Faustino teve de *responder à*s próprias perguntas." (M. Torga)

"O homem *respondeu* qualquer coisa de ininteligível." (J. Rodrigues Miguéis)

"*Respondendo a*o ofício de V. Exa...." (Alexandre Herculano)

"Capitu começara a escrever-me cartas, *a* que *respondi* com brevidade e sequidão." (Machado de Assis)

Claro está que poderá haver, sobretudo na regência direta do verbo, construção em voz passiva.

"(...) um violento panfleto contra o Brasil que foi vitoriosamente *respondido* por De Ângelis." (E. Prado)

• Com o mesmo sentido, poder-se-á usar o objeto direto para expressar a resposta e o objeto indireto para exprimir a pessoa a quem se responde (um desses dois complementos poderá, sem embargo, calar-se):

Respondemos *a*os amigos (= lhes) que viríamos.

"*Respondi-lhe* que já tinha lido a receita em qualquer parte." (J. Cardoso Pires)

"Só hoje, tendo sido domingo, *lhe* posso *responder*." (Rui Barbosa)

"Um dia, como eu lhe perguntasse por que não se dedicava à literatura, *respondeu-me* que lhe faltavam sensibilidade e imaginação." (Érico Veríssimo)

• Ainda nesta acepção, usar-se-á a construção intransitiva:

Maria nem sequer *respondeu.*

"Deus, ó Deus, onde estás que não *respondes*?" (Castro Alves)

"*Responde*, demônio, ou morrerás!" (Machado de Assis)

"*Respondia* sem revolta ou renúncia na voz." (M. Torga)

"Nascimento não *respondeu* logo." (H. Sales)

2. Pode assumir o sentido de repetição de som:

Eu falava de um lado, e o vento parecia *responder(-me)* de outro.

"Um galo solitário cantou num quintalejo; logo outros *responderam* dos quintais vizinhos." (Coelho Neto)

"Soou então uma trombeta; centenares delas *responderam* por todos os ângulos

do campo." (Alexandre Herculano)
"Fr. José, depois de ter invocado Nossa Senhora do Salvamento, encetou o terço e as monjas *responderam*." (A. Ribeiro)

3. Replicar, revidar em resposta (é comum que apareça a preposição *com*, introduzindo uma adjunto adverbial):
   Não *responderei* às suas provocações *com* outras tantas.
   "*A* isto os turcos *respondem* com bom gosto." (Frei Domingos Vieira)
   "Quase que *lhe respondera* com escárnio." (J. Paço d'Arcos)
   "*À* linguagem do deputado o jovem médico *respondeu* com igual franqueza." (Machado de Assis)
   "Mal sabes que prazer é o *responder* com a injúria *à* injúria, com o martírio *ao* martírio!" (Alexandre Herculano)
4. Significando fazer as vezes de alguém, responsabilizar-se por alguém, exige a preposição *por*:
   Ele não pôde *responder por* si mesmo.
   "Parecia que outro personagem *respondia por* ele, a fim de deixá-lo à vontade." (A. M. Machado)
   "Nunca me aconteceu *responder* por cântara quebrada." (A. Bessa Luís)

5. Embora de certa forma incomum hodiernamente, possui o verbo em tela a acepção de corresponder, equivaler, exigindo, então, objeto indireto:
   O seu ato não *respondeu a*os meus anseios.
   "O movimento bem visível da dobradoira era regular, e *respondia a*o movimento quase imperceptível das mãos da velha." (Almeida Garrett)
   "Quis puxar as mãos de Capitu, para obrigá-la a vir atrás delas, mas ainda agora a ação não *respondeu à* intenção." (Machado de Assis)

Visar

1. Com o sentido de apontar uma arma de fogo, mirando um alvo, será transitivo direto:
   Visamos a caça e atiramos duas vezes.
   "Sem perda de tempo, Jenner disparou um terceiro tiro, e sem demora outro, *visando* o alvo de baixo para cima." (Herberto Sales)
   "Outros não *visavam* o amigo, não procuravam os indiferentes." (Orígenes Lessa)
   "(...) engatilhava a pistola, *visando* com olhos convulsivos e escarlates o peito do preso." (Camilo Castelo Branco)
   "A polícia se desmandava na repressão, *visando* os adversários da situação." (José Lins do Rego)

2. Com o sentido de pôr visto em algum documento, é igualmente transitivo direto:

   O funcionário *visou* sem demora o seu passaporte.

   "Queria *visar* seu passaporte, e como não podia deixar de ser, sua barba impôs respeito." (Fernando Sabino)

3. No sentido de pretender, ter como objetivo, é, via de regra, transitivo indireto, introduzido por preposição *a*:

   Visávamos apenas *a* umas poucas unidades.

   "(...) a cura – almejado escopo *a* que *visam* as supremas aspirações do médico." (Francisco de Castro)

Neste tipo de construção, de regência indireta, como vimos, o complemento não será nunca *lhe*, e sim *a ele* (com suas flexões):

Visávamos apenas *a* umas poucas unidades.
Visávamos apenas *a elas*.

É de se notar, contudo, que, a despeito da condenação maciça por que vem passando a construção direta deste verbo, esta tende a se firmar, sobretudo na linguagem coloquial:

Visávamos apenas umas poucas unidades.

É esta a explicação, a propósito, para que se dê a este verbo – transitivo indireto – voz passiva analítica, com consequente aceitação do particípio como adjetivo: "Este emprego não é visado".

"Concentro-me sem *visar* nenhum objeto – e sinto-me tomado por uma luz." (Clarice Lispector)
"O balde de água fria *visava* também uma finalidade concreta." (Miguel Torga)
"E se por acaso *visa* algum bem, será unicamente o seu próprio bem." (Rachel de Queiroz)

Esta é a preferência patente, tanto na linguagem cuidada quanto na coloquial, ao se apresentar o complemento do verbo *visar* em forma de oração reduzida de infinitivo:

Visávamos apenas conseguir umas poucas unidades.
"O ataque *visava* cortar a retaguarda da linha de frente." (Euclides da Cunha)
"*Visou* ele mostrar as correlações existentes." (Osório Duque Estrada)
"Reação que *visava* colocar a sociedade na 'medida do homem'." (T. Ataíde)

Não é por outro motivo a seguinte construção de Jorge Amado:

"Não visava a lucros e, sim, ajudar o próximo."

em que "lucros", sendo substantivo, é precedido de preposição, complementando indiretamente o verbo *visar*, isto é, sendo-lhe objeto indireto, ao passo que "ajudar o próximo", sendo uma oração reduzida, será, por isso mesmo, não precedida de preposição.

Observação:

Não se deve tachar de *indevida* a construção em que haja a preposição *a* antes da oração reduzida, senão que, apenas, de *facultativa* (nem chamamos de relação *livre* para evitarmos certo colapso com a nomenclatura esposada por Cunha-Cintra, em que se reserva este último termo – *livre* – tão somente para as relações com preposição em que tenha havido posvérbio, caso completamente distinto do em pauta):

Visávamos apenas *a* conseguir umas poucas unidades.

"E é de opinião que os conspiradores presos *visavam* provavelmente *a* estabelecer a internacional socialista." (Camilo Castelo Branco)

Questões comentadas

01. (Taquígrafo/TRF/UFRJ) Entre as frases abaixo aquela em que a regência verbal está em desacordo com as normas em vigor é:
    a) Aspiro ao cargo de taquígrafo judiciário;
    b) Os técnicos procederam à análise da documentação;
    c) Adverti-as de que o número de vagas não era muito elevado;
    d) Ele me perguntou se o espetáculo fora interessante e eu o respondi que sim;
    e) Não lhe desobedecerei jamais.

O verbo responder deve ser transitivo indireto quando se refere a pessoas (respondi-lhe). Gabarito: **D**.

02. (Execução de Mandados/TRF/UFRJ) A frase em que a regência do verbo NÃO está de acordo com a norma gramatical é:
    a) "A prova de conhecimento será realizada de acordo com o disposto no inciso III do artigo 11, obedecido o seguinte:" (trecho de um regulamento);
    b) Avisamo-lo de que poderia haver algumas desistências de última hora;
    c) Eduardo esqueceu os disquetes;
    d) Informamos-lhe de que o candidato da oposição renunciara à candidatura;
    e) Os estudantes costumam assistir às defesas de tese.

Informamos-LHE QUE ou informamo-LO DE QUE. Gabarito: **D**.

03. (Sem Especialidade/TRF/UFRJ) Das frases abaixo, a que contém erro de regência verbal é:
    a) Quem desobedece ao regulamento demonstra que não é disciplinado;
    b) Aproveitamos para lembrá-la que essa conduta é prevista na Consolidação das Leis Trabalhistas;
    c) A reincidência poderá acarretar-lhe penalidades mais severas, que vão desde a suspensão do contrato de trabalho até a demissão por justa causa;
    d) Essas medidas visam à reabilitação da imagem do nosso município no contexto nacional;
    e) Procedeu-se à leitura dos autos.

Lembrá-LA DE QUE ou lembrar-LHE QUE. Gabarito: **B**.

04. (Sem Especialidade/TRF/UFRJ) O item que, no que se refere à regência verbal, está em desacordo com a gramática normativa é:
   a) Aproveitamos para lembrá-lo que essa conduta irregular, segundo a legislação trabalhista vigente, pode acarretar demissão por justa causa;
   b) O fim desta é informar-lhe que seu carnê se encontra disponível em nossa filial de Icaraí;
   c) É estranho não o terem avisado de que as inscrições para o concurso estavam abertas;
   d) Os amigos e parentes preveniram-na do risco que corria;
   e) Diante da preocupação dos membros da outra equipe com aspectos que poderiam ter impacto sobre o sistema ecológico da região, respondemos-lhes que estávamos dispostos a rever tais itens.

Lembrá-LO DE QUE ou lembrar-LHE QUE. Gabarito: **A**.

05. (Auxiliar Judiciário/Trib. de Alçada Cível/UFRJ) "... nos damos conta da precariedade de tudo." Após a expressão *dar-se conta* deve-se empregar a preposição **de**; a alternativa em que há erro de preposição (regência verbal) é:
   a) Eis a ordem de que nos insurgimos.
   b) Este autor tem idéias com que todos simpatizamos.
   c) Aludiram a incidentes de que já ninguém se lembrava.
   d) Qual o cargo a que aspiras?
   e) Há fatos que nunca esquecemos.

Aqui se deveria usar a preposição CONTRA. Gabarito: **A**.

06. (Agente Administrativo/TRT/Access) Ela conhecera o poeta, _____ versos gostava e _____ estava apaixonada, na cidade _____ nascera.
   As lacunas da frase acima são completadas, respectivamente, por:
   a) dos quais – por quem – que
   b) de quem – por que – onde
   c) por cujos – com quem – em que
   d) de cujos – por quem – onde
   e) os quais – pelo qual – em que

O pronome relativo *cujos* refere-se a poetas (versos *do poeta*) e a preposição DE é regida pelo verbo gostar. Em seguida, há o verbo apaixonar-se, que exige a preposição POR. O verbo morar exige a preposição EM ou o pronome relativo ONDE. Gabarito: **D**.

07. (Atendente Judiciário/TRT/Access) A substituição do termo grifado por um pronome pessoal está INCORRETA em:
  a) A empresa recebe os incentivos.
     A empresa recebe-os.
  b) O governo deu prioridade às questões ecológicas.
     O governo deu prioridade a elas.
  c) Eles destacaram o problema do desemprego.
     Eles destacaram-no.
  d) As autoridades do governo não queriam nenhuma discussão.
     As autoridades do governo não lhe queriam.
  e) O país não quis realizar políticas compensatórias.
     O país não quis realizá-las.

As autoridades do governo não A queriam. Gabarito: **D**.

08. (Atendente Judiciário/TRT/Access) A lacuna da frase “Fui visitar o lugar _____ nasci” só pode ser preenchida, CORRETAMENTE, por:
  a) do qual
  b) no qual
  c) o qual
  d) na qual
  e) que

“O lugar” exige preposição EM, que fundida ao artigo O acarreta NO (NO QUAL). Gabarito: **B**.

09. (Auxiliar Judiciário/Trib. de Alçada Cível/FESP) A alternativa em que se pode condenar a construção que envolve o pronome relativo é:
  a) Ligue o rádio para ouvir as canções que gosta.
  b) Não são poucas as pessoas que visitastes.
  c) O filme a que assistiremos é imperdível.
  d) O livro que li está esgotado.

O correto será *de que gosta*, pois o verbo gostar exige a preposição DE. Gabarito: **A**.

10. (Oficial de Justiça Avaliador/TRT/Access*)* Os termos sublinhados foram CORRETAMENTE substituídos por um pronome pessoal, EXCETO na frase da alternativa:
  a) Deixaram as chaves no carro.
     Deixaram-nas no carro.

b) Comuniquei o fato ao diretor ontem.
   Comuniquei o fato a ele ontem.
c) Já pagaram ao empregado o salário?
   Já pagaram-no o salário?
d) Ele tem de permitir a saída do carro.
   Ele tem de permiti-la.
e) Pusemos o livro na estante.
   Pusemo-lo na estante.

Já pagaram-LHE o salário. Gabarito: **C**.

11. (Agente de Segurança Judiciária/TRT/Access) Segundo a norma culta, há ERRO de regência com o verbo sublinhado na alternativa:
    a) Eu devo obedecer ao meu amigo.
    b) Esqueci-me do nome dele.
    c) Ao falarem de Imortalidade disse que aspirava a ela.
    d) Prefiro ouvir música do que ver televisão.
    e) Os deputados acusados já não podiam renunciar a seus mandatos.

Prefiro ouvir música A ver televisão. Gabarito: **D**.

12. (Agente de Segurança Judiciária/TRT/Access) A substituição do termo sublinhado por um pronome pessoal só está CORRETA, de acordo com a norma culta, na seguinte alternativa:
    a) O movimento visa encontrar soluções.
       O movimento visa encontrar elas.
    b) A campanha apresentou vários desdobramentos.
       A campanha apresentou-lhes.
    c) Esses momentos históricos apresentam facetas negativas.
       Esses momentos históricos apresentam-as.
    d) Assistimos ao desfile de corruptos.
       Assistimo-lo.
    e) O movimento busca reverter a deterioração social.
       O movimento busca revertê-la.

"A deterioração social" é objeto direto, e deve ser substituído pelo pronome A, que se torna LA em função de entrar em contato com verbo terminado em "r". Gabarito: **E**.

13. (Auxiliar Judiciário/TRT/Access) A regência nominal está INCORRETA em:
    a) Fiquei próximo da entrada do edifício.

b) Esta determinação era contrária das anteriores.
c) Tal tarefa era incompreensível a todos.
d) Era um romance vazio de emoções.
e) Não estava atento às explicações do mestre.

Contrária ÀS. Gabarito: **B**.

14. (Auxiliar Judiciário/TRT/Access)
    1. *Apresentaram provas ______ importância nos referimos.*
    2. *Apresentaram soluções ______ eu não acreditava.*

    As lacunas são preenchidas, respectivamente, por:
    a) cuja – em que
    b) a cuja – nas quais
    c) a que – que
    d) a qual – que
    e) da qual – que

CUJA refere-se a provas (importância das provas) e a preposição A é exigida pelo verbo referir-se. Acreditar exige a preposição EM (+AS = NAS). Gabarito: **B**.

15. (Auxiliar Judiciário/Trib. de Alçada Criminal/FESP) "Eis o motivo profundo pelo qual as favelas seguem – e prosseguem."
    Sem alteração de sentido, a expressão sublinhada acima pode ser substituída por:
    a) como
    b) porque
    c) pelo que
    d) por que
    e) por onde

POR = preposição + QUE = pronome relativo. Gabarito: **D**.

16. (Técnico Judiciário/TRE/FESP) De acordo com a norma culta, a regência do verbo sublinhado está incorreta em:
    a) O sucesso, quem não o aspira?
    b) Ele prefere ser preso a ir para a guerra.
    c) Os objetivos a que eles visam são torpes.
    d) Você assistiu a todos os jogos do Flamengo?
    e) Ninguém tinha coragem de desobedecer a ele.

Aspirar no sentido de *querer* é transitivo indireto e deve ser pronominalizado por A ELE/ A ELA. Gabarito: **A**.

17. (Técnico Judiciário/TRE/FESP**)** Há erro no emprego do pronome sublinhado, de acordo com a regência verbal, em:
    a) Os cheques que ele visava eram de outra agência.
    b) Os prêmios a que ele aspirava não serão concedidos.
    c) São várias as cláusulas do contrato das quais ele desconfia.
    d) Os programas a cuja elaboração ele assistira foram elogiados.
    e) As propostas que o advogado se refere não explicitam as condições de venda.

Quem se refere se refere A algo. Gabarito: **E**.

18. (Auxiliar Judiciário/TRE/FESP**)** Das alternativas abaixo, a que apresenta o termo sublinhado substituído, incorretamente, por um pronome pessoal é:
    a) Basta seguir o exemplo do Supremo.
       Basta seguir-lhe.
    b) Lembremos o caso da nomeação de parentes.
       Lembremo-lo.
    c) Os magistrados solicitaram recursos extras ao Tesouro
       Os magistrados solicitaram-nos ao Tesouro.
    d) Os juízes tentaram repor as perdas do plano Bresser.
       Os juízes tentaram repô-las.
    e) O julgamento do mérito da ação talvez acate a acusação do Procurador-Geral.
       O julgamento do mérito da ação talvez a acate.

"O exemplo do Supremo" é objeto direto, e deve ser pronominalizado por O. Torna-se LO por estar em contato com verbo terminado em "r". Gabarito: **A**.

19. (Auxiliar Judiciário/TRE/FESP) Há erro no emprego do pronome relativo sublinhado (preposicionado ou não) na seguinte frase:
    a) Desconheço a artista de que falas.
    b) Este é o livro de cujo autor ele faz alusão.
    c) Os crimes pelos quais ele foi julgado eram antigos.
    d) O juiz de cujas sentenças ele recorreu vai entrar de licença.
    e) As decisões do STF às quais ele se referia eram todas de grande utilidade.

A CUJO autor ele faz alusão, pois fazer alusão exige a preposição A. Gabarito: **B**.

20. (Auxiliar Judiciário/TRE/FESP) De acordo com norma culta, há erro de regência do termo sublinhado em:
    a) Meu apartamento é contíguo ao do meu irmão.
    b) O candidato julgou estar apto a fazer um bom exame.
    c) A sociedade não pode ficar imune a essas solicitações.
    d) A tolerância, mesmo exagerada, é preferível do que o ódio.
    e) A Justiça do Trabalho é que julga os dissídios entre trabalhadores e patrões.

Preferível A. Gabarito: **D**.

21. (Auxiliar Judiciário/TRE/FESP) De acordo com a norma culta, há erro de regência, quanto ao verbo sublinhado, em:
    a) Quem ofende, não perdoa.
    b) Não devemos chamá-lo de herói.
    c) É preciso informar-lhes da nova legislação.
    d) O diretor não queria visar aquele documento.
    e) Os candidatos aspiravam a um cargo mais elevado.

Informar-LHES A ou informá-LOS DA. Gabarito: **C**.

22. (Técnico Judiciário/TRF/FCC) O taquígrafo _____ rapidez admiramos, foi feliz no exame.
    a) cuja
    b) por cuja
    c) em cuja
    d) cuja a
    e) de cuja

Admirar é VTD. Portanto, não deve haver nenhuma preposição antes do pronome relativo CUJA. Gabarito: **A**.

23. (Técnico Judiciário/TRF/FCC) É preciso _____ função de bibliotecário,
    a) desobrigar-lhe a
    b) desobrigá-lo da
    c) desobrigá-lo à
    d) desobrigar-lhe à
    e) desobrigar-lhe da

Desobrigar exige objeto direto de pessoa e objeto indireto de coisa (regido pela preposição DE). Gabarito: **B**.

24. (Agente Fiscal de Rendas/Sec. de Estados de Negócios da Fazenda/SP/Vunesp) O emprego de pronomes relativos precedidos de preposição está **correto** apenas em:
    a) Recebeu promoção a servidora a cuja dedicação tanto deve nosso setor.
    b) Olhem as notícias de cujas vocês vão saber os detalhes no jornal das cinco.
    c) Esse é o tipo de assunto sobre o que não temos certeza nenhuma.
    d) Já se vislumbra o prejuízo do qual sua atitude acarretaria.
    e) Verificou-se a procedência do recurso ao qual os contribuintes pedem revisão dos cálculos.

Dever exige a preposição **A**.

25. (Procurador/Bacen/Vunesp) Assinale a alternativa em que o pronome oblíquo está de acordo com o padrão culto da língua.
    a) O pai ou responsável adquire o plano e coloca a criança como sua beneficiária. Quando o jovem completar vinte e um anos, transfere-o o plano.
    b) O Presidente definiu a sua próxima viagem ao exterior e os especialistas que lhe assessoram já preparam a agenda de entrevistas.
    c) Talvez a grande meta da educação no próximo milênio venha a ser a formação de profissionais que, ao lado da profundidade de seus conhecimentos específicos, desenvolvam idéias que os garantam uma visão generalista do mundo.
    d) Espera-se que os franceses, com toda a diplomacia que lhes é inerente, recebam bem os estrangeiros que assistirão à Copa.
    e) Ao longo dos últimos anos, o Brasil superou problemas e equívocos que lhe colocavam à margem da modernidade.

Assistir no sentido de presenciar é VTI e exige preposição A. Gabarito: **D**.

26. (Agente Administrativo/Fundação João Goulart/Sec. Municipal de Educação) “Da janela de seu quarto, aberta para todos os quadrantes, o homem indaga o mundo, olha as razões do mundo, fareja os motivos e as conseqüências dessa ou daquela atitude, dessa ou daquela omissão, refletindo a vasta massa informe dos acontecimentos, das situações estacionárias, revolucionárias, ou reacionárias. Das promessas ou das mentiras universais.”
    Paulo Mendes Campos
    Quanto à regência, os verbos ***indaga***, ***olha*** e ***fareja*** classificam-se como verbos:
    a) transitivos diretos
    b) transitivos diretos e indiretos
    c) transitivos indiretos
    d) de ligação
    e) impessoais

Os três verbos exigem objetos diretos nos contextos em que estão, sendo classificados como transitivos diretos. Gabarito: **A**.

27. (Professor/Magistério/FESP) Se se levar em conta que “**regência verbal é a maneira de um verbo relacionar-se com seus complementos**”, a resposta adequada às exigências da gramática normativa encontram-se na opção
    a) O aluno vai na escola e desaprende a argumentar.
    b) O aluno respeita quem lhe ensina a viver.
    c) Alunos aspiram a uma escola de melhor qualidade.
    d) A escola prefere mais alunos passivos do que contestadores.
    e) A turma assistiu o torneio mundial de vôlei.

Aspirar no sentido de querer é VTI e rege a preposição A. Gabarito: **C**.

28. (Fiscal de Postura/Prefeitura Municipal de Niterói/EMAP) De acordo com a norma culta contemporânea, a alteração da regência dos verbos das frases abaixo só é indevida na seguinte alternativa:
    a) “O guarda-noturno olha para as casas ...” / O guarda-noturno olha as casas ...
    b) “Às dez e meia, o guarda-noturno entra de serviço.” / Às dez e meia, o guarda-noturno entra em serviço.
    c) “ Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo a rua.” / Passo a passo, o guarda-noturno vai subindo pela rua.
    d) “O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não acordar ninguém.” / O guarda-noturno caminha com delicadeza, para não acordar a ninguém.
    e) “E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, que o guarda-noturno está tomando conta da rua ...” / E as pessoas adormecidas sentem, dentro de seus sonhos, de que o guarda-noturno está tomando conta da rua.

Não se pode escrever, pela norma padrão, que alguém sente DE QUE. Gabarito: **E**.

29. (Agente de Saúde Pública/Ministério da Saúde/UFRJ) Na frase: “ ... assistindo a um bom Vasco X Flamengo ...”, o verbo *assistir* necessita da preposição *a*, adquirindo, assim, o significado de *presenciar*, *observar*; caso não houvesse essa preposição o mesmo verbo teria o sentido de *auxiliar*, *ajudar*. O verbo a seguir que varia de sentido conforme a sua regência é:
    a) gostar/gostar de
    b) amar/amar a
    c) ver/ver a

d) aspirar/aspirar a
e) observar/observar a

Aspirar VTD significa *sorver*, *inspirar*. Quando VTI, significa *querer*, *desejar*, e rege a preposição A. Gabarito: **D**.

30. (Taquígrafo/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) "... *que a percebe apenas como meio de ascensão social* ..."

    A forma sublinhada é do pronome pessoal oblíquo átono de terceira pessoa. Que frase a seguir usa indevidamente um dos pronomes destacados?
    a) Não lhe agrada semelhante profecia?
    b) A resposta do professor não o satisfez.
    c) Ajudá-lo-ei a preparar as aulas.
    d) O poeta assistiu-a nas horas amargas.
    e) Eu lhe lembrarei das datas.

Lembrar-LHE AS ou lembrá-LO DAS. Gabarito: **E**.

31. (Agente de Procuradoria/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) *A questão agrária* ***custa*** *ao país sangue e lágrimas.*
    A regência do verbo custar é idêntica à do trecho acima em:
    a) Custa-me crer em tais arbitrariedades.
    b) O sonho de justiça não deveria custar tanto.
    c) A dignidade, por vezes, custa caro.
    d) A terra custou aos lavradores a vida.
    e) A luta pela terra muito nos custou.

O verbo *custar* é, nas duas frases, VTDI. Gabarito: **D**.

32. (Vistoriador/Emplacador/DETRAN-RJ/FESP) O verbo **partir** é classificado como transitivo direto e indireto em:
    a) Eu também gostaria de partir amanhã bem cedo.
    b) Às vezes dá vontade de descer e partir para a briga.
    c) Curiosamente, o novo viaduto parecia partir a cidade.
    d) Ele costuma partir todos os seus ganhos entre os familiares.
    e) Deve-se ter cuidado para não se partir de falsas afirmações.

Partir *algo* (OD) *entre alguém* (OI). Gabarito: **D**.

33. (Fiscal de Tributos/Prefeitura Municipal de Itaboraí/FESP) *Ninguém _____ pediu nada, nem _____ ajudou, ninguém _____ julgou e nem_____ condenou por isso.*
Os pronomes que completam adequadamente as lacunas da frase acima são, respectivamente:
a) lhe, lhe, o, o
b) lhe, o, lhe, o
c) o, lhe, o, lhe
d) lhe, o, o, o
e) o, lhe, o, o

O verbo *pedir* é o único transitivo indireto, exigindo pronome LHE. Os demais são transitivos diretos, e exigem pronome O. Gabarito: **D**.

34. (Agente Administrativo/TELERJ/Cesgranrio) A regência verbal está CORRETA apenas na opção:
a) Procedeu-se às ligações recomendadas pelo chefe do departamento.
b) A aprovação que aspiram se concretizará, para um número considerável de candidatos.
c) Proibiram o porteiro em ausentar-se durante a tarde.
d) O regulamento da Companhia, obedeci-o integralmente.
e) Alguns preferem antes usar o telefone convencional, com fio, do que o moderno celular.

No sentido de empreender, o verbo *proceder* é transitivo indireto, e exige preposição A. Gabarito: **A**.

35. (Agente Administrativo/TELERJ/Cesgranrio) Em relação à regência verbal, marque a alternativa em que se CONTRARIA a norma culta da língua:
a) É necessário proceder à distribuição dos folhetos explicativos.
b) O empregado atendia a um e a outro; atendia-os ininterruptamente.
c) O funcionário aspira, desde muito tempo, um cargo melhor.
d) Prefiro ler cuidadosamente as críticas a certos textos a incorrer nas mesmas falhas.
e) Esforçavam-se os diretores para pôr um fim àquelas infindáveis discussões.

Aspirar no sentido de querer é transitivo indireto e deve reger a preposição A. Gabarito: **C**.

36. (Auxiliar Administrativo/Telerj/Cesgranrio) Assinale a única frase correta quanto ao emprego do pronome relativo, tendo em vista a norma culta da língua.
a) O melhor negócio do mundo, aonde se pode encontrar lucro fácil, vale ouro.
b) A matéria-prima cujo refino independe de artifícios é mais lucrativa.

c) A aplicação de tecnologia ultrapassada, de cuja prática nos livramos, colocou-nos em posição ímpar.
d) O uso de que a empresa lhe dá torna-o digno de figurar entre os grandes bens de consumo.

Livrar-se exige a preposição DE. Gabarito: **C**.

37. (Agente Comercial e de Serviços/Petrobras/Cesgranrio) Assinale a opção que se completa corretamente com o pronome colocado entre parênteses.
a) Apenas alguns funcionários _____ desobedeceram, chefe. (o)
b) Todos nós _____ vimos no dia da entrevista. (a)
c) O médico _____visitou com mais assiduidade. (lhe)
d) Até os adversários mais inflamados _____ cumprimentaram. (lhe)
e) As palavras duras e impensadas _____ desagradaram profundamente. (o)

"CUJO refino independe", pois não há preposição na frase. Gabarito: **B**.

38. (Caixa Econômica Federal/FCC) Assinale a alternativa em que há regência INCORRETA.
a) O empenho com que G. M. Trevelyan dedicou-se à sua causa foi reconhecido por outros, principalmente pelo autor do texto.
b) A crise em que passa a civilização contemporânea é visível em muitos aspectos, inclusive na relação do homem com a natureza selvagem.
c) O homem sempre esteve disposto a dialogar com a natureza, mas esse diálogo nem sempre se deu segundo os mesmos interesses ao longo dos séculos.
d) Muitos consideram ofensivo à natureza considerá-la como algo à disposição das necessidades humanas.
e) Acompanhar a relação do ser humano com o campo através dos séculos propicia ao estudioso observar situações de que o homem nem sempre pode orgulhar-se.

O verbo *ver* é transitivo direto e não possui preposição. Gabarito: **B**.

39. (Caixa Econômica Federal/FCC) *Do século XVII ao XX circulou na Europa, com bastante intensidade, o mito de uma arcádia campestre. Muitos escritores ingleses sustentaram também esse mito durante séculos; os textos desses autores ingleses são até hoje bastante populares.* Reescrevendo-se o segundo período e substituindo-se os termos grifados acima por pronomes correspondentes, obtém-se corretamente:
a) Muitos escritores ingleses, os quais textos são até hoje bastante populares, o sustentaram também durante séculos.

b) Muitos escritores ingleses, cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-lhe também durante séculos.
c) Muitos escritores ingleses, cujos os textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos.
d) Muitos escritores ingleses, cujos textos são até hoje bastante populares, sustentaram-no também durante séculos.
e) Muitos escritores ingleses, que os textos deles são até hoje bastante populares, sustentaram-lhe também durante séculos.

Sustentar é transitivo direto e exige o pronome O. A forma NO ocorre pelo fato de o verbo terminar com M (ditongo nasal). Gabarito: **D**.

40. (Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental/Mare/FCC) Há ERRO de construção no segmento sublinhado na frase:
a) Tais medidas não são relevantes para a classe patronal.
b) Sua reclusão a um cárcere foi considerada injusta.
c) Creio que foi inoportuna minha recondução ao cargo.
d) Sua irreverência para com o magistrado é constrangedora.
e) O político paga caro por seu divórcio com a vontade popular.

Seria mais adequado usar-se a preposição “com” somente. Gabarito: **D**.

41. (Especialista em Políticas Públicas e Gestão Governamental/Mare/FCC) A frase construída de forma inteiramente correta é:
a) Não apreciei o filme que tantos dizem ter gostado.
b) A exposição a que resolvi prestigiar era um desastre.
c) A peça cuja execução ele mais se esmerou foi a de Mozart.
d) Ainda que comigo venham a discordar, editarei o livro.
e) Não é um romance por cujo estilo me sinta atraído.

Esmerar-se exige a preposição EM, que deveria estar antes do pronome relativo CUJA. Gabarito: **C**.

42. (Atendente Judiciário/TRF/ESAF) A regência verbal está correta na frase da opção:
a) Eles preferiam mais música do que cinema.
b) Antônio, eu lhe vejo amanhã lá no clube.
c) O secretário informou ao candidato o resultado da prova.
d) A humanidade aspira dias melhores de existência.
e) É preciso seguir ao regulamento.

Informar aceita objeto direto de pessoa e indireto de coisa ou direto de coisa e indireto de pessoa. No caso, a construção escolhida foi *ao candidato* (objeto indireto de pessoa) *o resultado da prova* (objeto direto de coisa). Gabarito: **C**.

43. (Técnico do Tesouro Nacional/ESAF) Marque a alternativa incorreta quanto à regência verbal.
    a) Na verdade, não simpatizo com suas idéias inovadoras.
    b) Para trabalhar, muitos preferem a empresa privada ao serviço público.
    c) Lamentavelmente, não conheço a lei que te referes.
    d) Existem muitos meios a que podemos recorrer neste caso.
    e) Se todos chegam à mesma conclusão, devem estar certos.

O correto será "a lei A que te referes". Gabarito: **C**.

44. (Auditor Fiscal do Tesouro Nacional/ESAF) Indique a letra que completa com correção gramatical e com coerência as lacunas do trecho abaixo, pela ordem de aparecimento.
    Diante do aumento da população de idosos, a sociedade brasileira começa a tomar consciência de que a questão exige uma política social imediata e enérgica, que permita não só __________ *e* __________ *condições de sobrevivência, mas* __________ *à comunidade e à força produtiva,* __________ *a completa dimensão de cidadania.*
    a) sustentá-los, fornecer-lhes, inserir-lhes, restituindo-lhes
    b) ampará-los, dar-lhes, reintegrá-los, devolvendo-lhes
    c) asilá-los, garantir-lhes, recolhê-los, subtraindo-lhes
    d) acolher-lhes, garantir-lhes, introduzi-los, recambiando-lhes
    e) assisti-los, prover-lhes, readmiti-los, alijando-lhes

Os verbos com pronomes *ampará-los*, *dar-lhes*, *reintegrá-los*, *devolvendo-lhes* estão corretos, pois possuem, respectivamente, OD, OI, OD e OI. Gabarito: **B**.

45. (Assistente/Ministério Público/ESAF) Aponte o trecho correto quanto à regência.
    a) Quando se desativa uma linha de trem, estão-se isolando muitas localidades que perderão o único meio de transporte que dispõem.
    b) Em muitas cidades pequenas, no interior do país, prevalece a idéia, a qual se desconfia o próprio Prefeito seja adepto, de que o trem é meio de transporte obsoleto.
    c) Como é interesse do País de que o preço do frete diminua, são urgentes e imprescindíveis investimentos em nosso sistema ferroviário.
    d) A partir dos anos 50, o baixo custo do petróleo justificou a opção do transporte de carga por rodovias, às quais foram ganhando cada vez mais preferência.
    e) No Brasil, dadas suas dimensões continentais, deve-se dar preferência às ferrovias para a movimentação de cargas.

O substantivo *preferências* exige a preposição A. Gabarito: **E**.

46. (Técnico/Tesouro Nacional/ESAF) Assinale a alternativa incorreta quanto à regência.
    a) Creio que os trabalhadores estão muito conscientes de suas obrigações para com a Pátria.
    b) O filme a que me refiro aborda corajosamente a problemática dos direitos humanos.
    c) Esta novo adaptação teatral do grande romance não está agradando ao público; eu, porém, prefiro esta àquela.
    d) O trabalho inovador de Gláuber que lhe falei chama-se Deus e o Diabo na Terra do Sol.
    e) José crê que a classe operária está em condições de desempenhar um papel importante na condução dos problemas nacionais.

O correto será "DE QUE lhe falei". Gabarito: **D**.

47. (Auxiliar Serviços Gerais/Ministério Público/ESAF) Considerando o emprego do pronome, assinale a sentença correta.
    a) Visitamos a antiga fábrica e lembramo-nos de muitos colegas de trabalho.
    b) Para mim atender a um chamado por anúncio, certifico-me do endereço.
    c) Enviaram as encomendas e os técnicos receberam-as logo.
    d) Enquanto esperávamos o professor, lemos e se distraímos muito.
    e) Tenha certeza, Vossa Excelência, de que vosso pedido será atendido por mim.

O verbo é reflexivo. Como termina em "s" e é seguido do pronome reflexivo NOS, a forma se torna *lembramo-nos*. Gabarito: **A**.

48. (Técnico/Tesouro Nacional/ESAF) Assinale o trecho que apresenta sintaxe de regência correta.
    a) A rigorosa seca que assola os estados do Nordeste impede que essa região desenvolva e atinja os níveis de crescimento sócio-econômicos desejados.
    b) Se o Brasil tornasse independente dos empréstimos externos, poderia voltar a crescer no mesmo ritmo de desenvolvimento das décadas anteriores.
    c) Surpreende-nos o fato de o Estado de São Paulo, que muito se difere do sul do país, ter engrossado as estatísticas favoráveis à criação de um Brasil do Sul.
    d) É reducionista atribuirmos apenas à seca a razão que leva a população do norte e nordeste a se migrar para o sul.
    e) A pretendida separação que pleiteiam os estados do Sul acarretará, se vier a se concretizar, a perda da identidade nacional.

Todas as formas verbais estão em acordo com suas predicações e regências, no que se refere aos complementos usados. Gabarito: **E**.

49. (Agente Externo/Superitendência de Seguros Privados/Cesgranrio) Observe as frases abaixo, quanto à regência.
    I. O brasileiro prefere atualmente samba do que bolero.
    II. Tal atitude implicou na sua demissão.
    III. Ele sempre obedecia a ordens superiores.
    IV. Assistimos emocionados àquele espetáculo de cores.
    Estão corretas:
    a) somente I e IV
    b) somente II e III
    c) somente II e IV
    d) somente III e IV
    e) somente I, II e III

Obedecer é transitivo indireto, regendo a preposição A. *Assistir* rege a preposição A pois é sinônimo de *presenciar*. Gabarito: **D**.

50. (Analista Técnico/Superitendência de Seguros Privados/Cesgranrio) Analise as frases abaixo, de acordo com a norma culta da língua.
    1. Aquele cidadão aspira a convivências amáveis.
    2. O magistrado conferiu àqueles infratores pena capital.
    3. Preferimos conduzir o povo à conscientização do que à degradação social.
    4. O juiz informou-os de sua resolução.
    5. Os parlamentares de cujo apoio reivindicamos mantiveram-se fiéis.
    6. Quero muito bem a meus companheiros.
    As frases totalmente corretas são:
    a) somente 1 e 2.
    b) somente 1, 3 e 6.
    c) somente 2, 3 e 6.
    d) somente 3, 4 e 5.
    e) somente 1, 2, 4 e 6.

Não se deve usar preferir algo DO QUE algo. Não se deve usar a preposição DE antes de CUJO, pois o verbo *reivindicar* não a exige. Gabarito: **E**.

51. (Assistente Administrativo/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) O pronome lhe está empregado em desacordo com as normas da língua culta em:
    a) O instinto lhe diz ser essa a causa da discórdia.
    b) O cavaleiro estava aborrecido com o camponês, pelo medo que este lhe havia causado.

c) O patrão respondeu-lhe que podia estar descansada.
d) Fora ele mesmo quem lhe criara condições para chegar àquele ponto.
e) Os amigos lhe esperavam para iniciar o passeio.

Esperar é transitivo direto e exige o pronome O. Gabarito: **E**.

52. (Redator-Revisor/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Segundo Celso Cunha, o verbo visar – no sentido de "ter em vista", "ter como objetivo", "pretender" – pode construir-se com objeto indireto ou direto: "visando à noite de gala" ou "visando a noite de gala".
A dupla regência verbal é, igualmente, um fato da língua culta contemporânea em:
a) Todos aspiramos a um bom emprego / um bom emprego;
b) Vários municípios aderiram à campanha / a campanha;
c) Nem todo mundo consegue recorrer à Justiça no Brasil / a Justiça;
d) A vida pública implica em responsabilidade / responsabilidade;
e) Todos anuíram em aprovar o estatuto / aprovar ao estatuto.

O verbo já admite a dupla regência. Gabarito: **D**.

53. (Redator-Revisor/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) A alternativa em que a regência do verbo empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta é:
a) Este é um país a cujo clima de euforia cultural muitos se opõem.
b) Este é um país de cujo clima de euforia cultural alguns se insurgem.
c) Este é um país com cujo clima de euforia cultural nem todos conseguem conviver.
d) Este é um país sobre cujo clima de euforia cultural o autor nos fala.
e) Este é um país em cujo clima de euforia cultural sobrevivemos.

A preposição regida por *insurgi*r é CONTRA. Gabarito: **B**.

54. (Redator-Revisor/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) A regência do nome empregado na oração adjetiva contraria as normas da sintaxe culta na opção:
a) a estabilidade da moeda, a que está ligado o presente clima cultural;
b) este otimismo, de que são capazes apenas os mass-media;
c) a dimensão mercadológica, para que ficou reduzida a cultura;
d) um "país diferente", por que não sentimos tanto orgulho;
e) essa "cultura de massa das elites artísticas", com que o país vive satisfeito.

O correto será "A QUE ficou reduzida a cultura". Gabarito: **C**.

55. (Redator-Revisor/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Do ponto de vista da língua culta, a opção em que se propõe alternativa inaceitável a uma regência empregada no texto é:
    a) "dimensão verdadeira dos problemas a enfrentar" / por enfrentar;
    b) "todos os outros relacionados ao desenvolvimento" / com o desenvolvimento;
    c) "crescimento em bases sólidas" / sob base sólida;
    d) "resistência política dos possíveis perdedores às reformas" / contra as reformas;
    e) "coisa parecida com a placidez do ceteris paribus" / à placidez

A preposição *sob* dá ideia de *abaixo*. A ideia aqui seria de *acima*, isto é, poder-se-ia usar a preposição *sobre*. Gabarito: **C**.

56. (Auxiliar de Serviços Administrativos/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Observando-se as normas da língua culta, há inadequação no emprego do pronome pessoal oblíquo na frase:
    a) Prevenimos-lhe de que os resultados das pesquisas podem variar muito num curto espaço de tempo.
    b) A nova descoberta, comunicamo-la a Vossa Senhoria, movidos pelo desejo de contribuir para a ciência.
    c) Avisamos-lhe que suas pesquisas estão aquém das expectativas.
    d) A equipe de cientistas obedece-lhe naquilo que for importante para as novas descobertas.
    e) Aos críticos, os cientistas perdoaram-lhes porque, apesar dos erros de análise, a intenção foi boa.

O verbo *prevenir* não poderá ter dois objetos diretos nem dois objetos indiretos. LHE e DE QUE constituem dois objetos indiretos. Gabarito: **A**.

57. (Auxiliar de Serviços Administrativos/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Considerando-se as normas de regência da língua culta, observa-se que há INCORREÇÃO na frase:
    a) O homem de bem usufrui seus direitos sem prejudicar os outros.
    b) Já o advertimos do inconveniente de contratar, agora, técnicos nessa área.
    c) Esse cliente ainda não respondeu ao questionário de sondagem.
    d) A secretária o preveniu que havia pouca reserva de tinta para impressora no almoxarifado.
    e) Já o avisamos de que não conseguiremos tomar esse tipo de decisão na ausência dele.

O verbo prevenir não poderá ter dois objetos diretos nem dois objetos indiretos. *lhe* e *de que* constituem dois objetos indiretos. Gabarito: **D**.

58. (Assessor Técnico Parlamentar/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) O pronome lhe está em desacordo com as normas da língua culta em:
   a) O irmão do capitão pôs-lhe a mão no peito.
   b) Tudo quanto o amigo lhe relatara não passava de ficção.
   c) Pediu ao irmão que lhe visitasse na fazenda.
   d) De repente veio-lhe uma vontade imensa de chorar.
   e) Não era possível proibi-lo de fazer o que lhe era necessário.

O verbo visitar é transitivo direto e exige o pronome O. Gabarito: **C**.

59. (Assessor Técnico Parlamentar/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) Considerando-se as normas de regência da língua escrita culta, pode-se afirmar que está INCORRETA a frase:
   a) Não há quem não aspire a um emprego seguro, como bom salário.
   b) O fiscal procedeu à leitura da lista de empregados.
   c) Daniel tem uma atividade que o distrai, graças à qual faz amigos e esquece um pouco suas preocupações.
   d) A noção de polissemia, à qual está associado o conceito de conotação, é fundamental em teoria semântica.
   e) O fim desta é informar a Vossa Senhoria sobre as novas regras vigentes na instituição.

Aqui, o verbo *informar* possui dois objetos indiretos (A Vossa Senhoria e SOBRE). Somente pode conter um objeto indireto. Gabarito: **E**.

60. (Assessor Técnico Parlamentar/Câmara Municipal-RJ/UFRJ) A opção em que o emprego do pronome relativo contraria as normas de regência da língua culta é:
   a) A língua estrangeira de que mais necessitamos é o espanhol.
   b) O ideal por que este grupo luta é atingível.
   c) O sintoma de que o cirurgião se referia é muito raro.
   d) A falha que perdoamos não foi grave.
   e) O funcionário a que perdoamos tem prestado bons serviços à instituição.

O correto será “A QUE o cirurgião se referia”. Gabarito: **C**.

Capítulo 13 – Crase

1 Crase: panorama diacrônico fonético-fonológico

Crase é sempre a fusão de duas vogais idênticas ocorrida mercê de causas fonéticas.

O termo é usual em versificação, significando, aí, como vimos, a combinação de duas vogais, uma no fim de um vocábulo, outra no início do que o segue imediatamente; ou, em outra possibilidade, será a contração de duas vogais no interior, ambas, de um mesmo vocábulo (é, pois, ora uma fusão *intervocabular* ou *interverbal*, ora uma *intravocabular* ou *intraverbal*).

Em Cunha-Cintra, na p. 656, é exemplificada a crase com verso de Castro Alves em que a fusão ocorre numa mesma palavra ("Quan | do eu | pas | so | no | Saa | ra a | mor | ta | lha | (da)" – sublinhamos). Somos levados a não crer que possam os mestres, porventura, estar afirmando a existência da crase entre a sílaba final de "Saara" e o *a* inicial de "amortalhada", pois, embora não tenham eles sublinhado, como o fizemos nós, os *aa* de "Saara" (portanto, tratando-se de crase intraverbal), afirmaram, antes da análise: "A CRASE, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas numa só, o que ocorre, por exemplo, com os dois -aa- contíguos de Saara neste decassílabo de Castro Alves". (Grifos nossos)

Por outro lado, o exemplo citado por Sousa da Silveira em Fonética Sintática (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971, p.45), por sinal elucidativo, na medida em que aduz fato da língua oral, traz, antecedendo-o, a seguinte explicação: *Terminando uma palavra por* a *e seguindo-se-lhe outra iniciada pela mesma vogal, as duas vogais podem fundir-se numa só, de timbre aberto* [aqui, remetemos ao problema apontado por Mattoso, por nós evidenciado – q.v. – na nota nº 2], *que às vezes vem indicado graficamente, outras vezes não.* Os exemplos são dois, um do próprio autor: "toda a gente" > "toda gente" (o autor representa, tão só por motivo didático, "todà gente"), e outro de Júlio Moreira (Estudos da Língua Portuguesa, subsídios para a sintaxe histórica e popular, Lisboa, Livraria Clássica Editora – 2 vols.: I, 1907; II, 1913 – , vol. II, p. 102-103), segundo quem os dois *oo* de "todo o dia" fundiram-se em apenas um "de timbre aberto" (Fonética Sintática, p. 46). É nesta mesma pauta que se coloca a vacilação frequente em se escreverem certas expressões com *todo*, isto é, se há ou não, após o pronome de que falamos, artigo definido *o*, pois que, tendo havido ou não este artigo na escrita, não será ele de modo algum *pronunciado*, o que, diga-se a propósito, seria um despautério e um esforço excessivo em "tomar conta" do idioma, configurando, isto sim, verdadeira ultracorreção, ou hiperurbanismo. (Napoleão Mendes de Almeida – Gramática metódica da Língua Portuguesa, 17. ed., São Paulo, Saraiva, 1964, p. 65 – é quem faz, em nota de rodapé exígua, à guisa de observação, a advertência: *Não se deve fazer ouvir os dois* aa *da crase.*) Recortamos lista completa das aludidas expressões segundo rol levantado por Cunha-Cintra (p. 225): *a todo o custo, a todo o galope, a todo o instante, a todo o momento, em todo o caso* (os autores citam também casos que nós

pudemos incluir no problemas de crase entre *-a / a-*; a propósito, tal rol que levantamos se encontra em capítulo que versa sobre o *artigo*, naturalmente definido); *a toda a brida, a toda a hora, a toda a pressa, em toda a parte, por toda a parte.*

Caso interessante foi este seguinte, retirado por nós de Camões (Lusíadas, II, 28):

> A ancora solta logo a capitaina;
> Qualquer das outras junto d'ella amaina.

em que, no 1. verso, há crase de -a- oral (o artigo) com -a- nasal (o inicial de "*âncora*"), dando ao substantivo um timbre – muito comum na pronúncia corrente hodierna de Portugal – entre aberto e oral (como ocorre com *António*, para só darmos um exemplo. Q.v. nosso capítulo de acentuação gráfica, em que, na introdução, bem como na nota nº 2 do subitem "Proparoxítonos", tratamos do problema de timbres entre os brasileiros, num cotejo breve destes com os portugueses), resultando, *A ancora...*, em algo como *Áncora.*

A mesma coisa ocorre em:

> Os vinhos odoríferos, que acima
> Estão não só do Itálico Falerno,
> Mas da ambrosia, que Jove tanto estima
> (Lus., X, 4)

Aliás, como frisamos algures, o assunto "crase" merece tratamento não apenas em um capítulo da gramática, senão que, em vez disso, espraia-se por vários campos do estudo daquela (Regência, Artigo, Preposição, Fonética e Fonologia etc.).

Acima (q.v) dizíamos respeito a questões mais ligadas ao âmbito da Fonética (embora também à questão da crase intervocabular e intravocabular). Chamaremos a atenção, agora, a vacilos que podem ocorrer graças às diferentes *formas* de serem os vocábulos pronunciados. Em sua obra Problemas de Linguística Descritiva (16ª ed., Petrópolis, Vozes, 1997, p.24), Mattoso nos diz: "(...) em decorrência da crase ou de uma oclusiva já não pronunciada, há em Portugal /a/ anterior, mais ou menos com o timbre de /a/ tônico, enquanto no Brasil /a/ átono é sempre "abafado", isto é, de articulação ligeiramente posterior". E em nota de rodapé, na mesma página: "É esta diferença fonológica entre Portugal e Brasil que está na base do "problema da crase", para os brasileiros. Isto é, em termos de língua escrita, a marcação com acento grave da contração da preposição a com o artigo *a*".

É de suma importância que conheçamos, outrossim, a relação *fixa* que certas preposições vêm a firmar com determinados verbos, acarretando espécies de cristalização semântica que, indecomponíveis que passam a ser, formam um todo significativo. É o caso de expressões tais que "tentar contra" (= "causar estragos a"), já que, destituído da preposição em tela ("contra"), o verbo assumirá – é óbvio – significado de base inteiramente novo.

"*Tentou contra* a existência no humilde barracão Joana de tal
Por causa de um tal João (...)"
(*Notícia de jornal*, Luís Reis e Haroldo Barbosa)

Assim, seguindo a índole da língua, o que é comprovado por formações que tais, muitos outros complexos semânticos se perfazem com a preposição *a*, pré-requisito, como consabido, da existência da crase, como é o caso, para só darmos um, de "guardar raiva/rancor/ódio etc. a". Em tais cristalizações semânticas, o substantivo abstrato ("raiva/rancor/ódio") entra como espécie de objeto direto de um verbo, que, por necessitar, além de tal objeto, apontar a pessoa ou coisa a quem ou a que este se reporta (o que seria o objeto indireto, de pessoa ou de coisa), passa a empregar-se, num primeiro nível de análise, como transitivo direto e indireto.

A propósito, sabe toda a gente que de tais complexos é que emerge, num segundo momento, a justificação para a regência de um sem-número de substantivos abstratos. Isso o que determinaria a complementação nominal em "ódio/raiva/rancor etc. a". Assim sendo, conclui-se que, de um anterior manejo linguístico calcado em relações *fixas*, nasce uma *consequente* (a palavra é esta) regência nominal, fiada, pois, numa relação *necessária*. Para continuarmos em exemplo por nós trazido há pouco, e aumentando o número dos que já trouxéramos, é o caso da justificação da regência nominal do substantivo "estrago", que, independentemente do verbo a que poderá vir acoplado, trará, consigo, a relação necessária geralmente com a preposição *a*:

1. "causar/fazer estragos a" (relação fixa) > 2. "estragos a" (relação necessária)

Exemplificamos com:

1. Os cupins *causaram estragos à* madeira.
2. Os *estragos à* madeira foram causados pelos cupins.

Observação 1:

A maioria dos autores hão de considerar o termo "à madeira", em 1, graças ao complexo semântico indecomponível de que falávamos, um objeto indireto (de "causar estragos"), e não, como o foi, agora sim, no caso 2, um complemento nominal (de "estragos"). Daí, chegamos à conclusão de quê: já no próprio âmbito das relações fixas, se desenrola, normalmente, outro processo relacional, desta vez baseado em relação necessária, relativa, contudo, à regência *verbal* (pois que inerente à predicação e à escolha sintagmática preposicional dos verbos). Numa segunda instância, entretanto, a relação necessária (que, como vimos, já se estabelecera no âmbito verbal) se estende ao âmbito nominal, fixando preposições orbitais aos nomes, geralmente empregados em figuração abstrata desses nomes.

Podemos dizer, dessa forma, que o critério de classificação das relações fixas é antes antropológico (não quisemos dizer psicológico por acreditarmos que faz parte da *langue*, não da *parole*), uma vez que se preocupa sobremaneira com a indecomponibilidade significativa que os *falantes* dão às expressões por eles consagradas; por isso, exatamente por tal revestimento antropológico de que é dotado, ser antes um critério *semântico* (na acepção profunda de semântica, a respeito da qual nos comprometemos com B. Malinowski, que vem a convergir com o que chamamos, algures, de honestidade investigativa quando da detecção dos processos de formação de palavras, geralmente as compostas); o critério de classificação das relações necessárias é, por sua vez, mais atinente ao domínio restrito da sintaxe, especificamente a de regência.

Observação 2:

Como o caso em tela é antes de regime que de regência, poderíamos acatar, naturalmente, preposições outras, como *em*: *Os estragos na / sobre a madeira* etc. Naquele primeiro caso (assim como igualmente ocorrerá no segundo), proveniente que seria de "os estragos na madeira foram feitos pelos cupins", quer-nos parecer que, nas estruturas com o verbo (no caso, "fazer"), sentiu o falante mais fortemente a noção de adjunto adverbial em "na madeira", o que é indiferente ao se dar, àquele substantivo abstrato ("estrago"), uma vez despido do verbo, a complementaridade nominal (que sabemos ser necessária, daí estarmos lidando com termo integrante) "estragos *na madeira*". A distinção, contudo, posto que irrelevante no que toca à depreensão final do elemento preposicionado em questão, é de caráter filológico, e deve, por isso, ser apontada.

Remetemos a interessado a Bechara, Cunha-Cintra e Rocha Lima.

Estaremos estudando melhor o assunto no capítulo consagrado às preposições, à regência e mesmo à formação de palavras, onde nos aprofundamos em relação àquele critério "antropológico" de que falamos há pouco.

2 A crase na gramática descritiva sincrônica

Em gramática descritiva, no entanto (e para facilitarmos o estudo), chamar-se-á *crase* a fusão da preposição a com o artigo (feminino) a, ou com o pronome A, ou, ainda com os pronomes *aquele*, *aquela* (e suas flexões de número), *aquilo*.

Assim, o primeiro cuidado de que devemos dispor dirá respeito, por sem dúvida, à *regência*, seja do nome (regência nominal), seja do verbo (regência verbal), que nos dirá da necessidade ou não de preposição a ligar aquele vocábulo (o verbo ou nome), ao outro, por meio de crase, conforme expusemos com relativa minúcia, pouco acima.

Outro passo importante é, depois de identificarmos a necessidade de preposição (relação obrigatória, ou, cf. Cunha-Cintra, necessária), localizarmos, também, palavras femininas

(*expressas* ou *elípticas*), pois que só estas, obviamente, aceitarão o artigo ou o pronome a, que é, já o vimos, o que se fundirá à preposição por meio do acento grave, indicador de crase.

Observação 1:
Afora isso, os pronomes demonstrativos *aquele* e *aquilo*, embora *masculinos*, poderão ter crase com a preposição a, resultando em - *àquele, àquilo*. (Desnecessário falar da flexão *aquela*, que já é feminina).

Observação 2:
A forma "aquilo" é, a rigor, assim o consideraremos, neutra, sem embargo de, atualmente, por não possuirmos morficamente tal gênero, coincidir em forma com o masculino. O neutro português, como dissemos caracterizado pela forma masculina, geralmente singular, é o que justifica frases, além de haver outras explicações, aplicáveis individualmente em tais casos, bem como noutros, como "é *proibido* entrada", "é *necessário* estudar", "mil reais é *muito*", e mesmo, quando do emprego do adjetivo como advérbio ("falar *alto/baixo* etc."), a invariável colocação deste que havia sido adjetivo no gênero neutro, que, repita-se, coincidirá, na língua atual, com o masculino. Leia-se Mário Barreto, *Novos estudos da língua portuguesa*, 3ª edição fac-similar, Rio de Janeiro, Presença, 1980, p. 288-90: "Neste caso [versa acerca de adjetivos empregados como substantivos, dando de exemplo o belo do jardim, o alto da torre etc.] o adjetivo substantivado tem significação abstrata e deve encarar-se como neutro, gênero que é representado em português pelo masculino".

Colocando-se em prática, temos:

"Dei um presente a escola."

Correto?

Deve-se, em primeiro lugar, ir ao verbo –, no caso, *dar*.

Sendo ele transitivo direto e indireto, é comum que se lhe agreguem os objetos direto – aqui "um presente" – e indireto, geralmente ligado por preposição a, requisito para termos a crase.

Dei	O QUÊ = OBJETO DIRETO = um presente	A alguém.

Assim, por estarmos diante de palavra feminina ("escola"), e por exigir-se, para este termo (*objeto indireto*), ligação por meio de preposição a, é óbvio que ocorrerá a crase:

"Dei um presente a (preposição) a (artigo feminino) escola."

Logo:

"Dei um presente *à escola*."

2.1 Crase obrigatória

1. "Diante de palavra feminina, clara ou oculta, que não repele artigo" (Bechara).

Exemplos:

"Obedeça à lei." (verbo)

"Sou fiel à lei." (nome)

Observação 1:

Será usada diante de nomes masculinos se equivaler à expressão "à moda de". Esta a justificação da crase neste trecho de Guimarães Rosa:

Exemplos:

"Maria da Glória era a bela, firme para governar um cavalo grande, montada *à homem*, com calças amarelas e botas [...]"

O mesmo caso ocorre neste outro passo, desta vez de Lygia Fagundes Telles:

"O rancho azul e branco desfilava com seus passistas vestidos à Luís XV e sua porta-estandarte de peruca prateada em forma de pirâmide [...]"

Observação 2:

Com os verbos de movimentos do tipo ir, chegar, dirigir-se, vir etc. haverá relação necessária com a preposição a. Resta saber, contudo, se a palavra a que se liga tal verbo tem, ela própria, artigo (daí a ressalva de Bechara: "(...) que não repele artigo").

Exemplos:

"Fui à cidade."

mas

"Fui à Bahia." e "Fui a Paris", pois Paris não pede artigo.

Para sabermos de tal obrigação (do artigo antes da palavra), recorramos a um artifício: coloquemos, no lugar da preposição a, uma outra qualquer; se tal preposição se contrair com o artigo feminino, estará provada, pois, a sua existência.

Exemplo:

"Fui a Lisboa." – "Vim de (preposição pura) Lisboa."

mas

"Fui à Bahia." – "Vim da (preposição + artigo) Bahia."

Observação 3:
Mesmo as palavras femininas que repilam artigo, neste caso de que vimos tratando hão de apresentar crase se vierem especificadas:
Exemplos:

“Fui a Lisboa” (como vimos, *sem crase*)
mas
“Fui à Lisboa do meu passado” (compare com “Vim da Lisboa do meu passado”).

Observação 4:
Deve-se atinar com a circunstância de a palavra feminina ter vindo em *elipse*. Assim, se dissermos:

“Fui a Lisboa”
Não teremos crase. Mas se disséssemos:
“Fui à cidade de Lisboa”
Teremos, pois o artigo é obrigação da palavra feminina “cidade”.

Poderá vir tal palavra oculta em:

“Fui à cidade de Lisboa e depois à do Porto”. Aqui, “de Lisboa” e “do Porto” são, ambas, apostos especificativos da palavra “cidade”, a que, repitamos, se junta o artigo feminino.

Logo, ter-se-ia lido, naquele exemplo anterior:

“Fui à cidade de Lisboa e depois à [cidade] do Porto”.

Exemplos:

“(...) a faixa de luz que varre o quarto é comum, igual à* que ontem me feriu os olhos e me despertou subitamente.” (Guimarães Rosa) * Entenda-se: “...igual à faixa de luz.que...”

“Apenas os dois cavaleiros chegaram ali, um donzel que estava em pé junto da porta fronteira à** da entrada (...)” (Alexandre Herculano) ** Entenda-se “fronteira à porta da entrada.”

Observação 5:
Todos esses casos são idênticos mediante, em vez do artigo feminino, os pronomes demonstrativos *aquela*, *aquele*.
Exemplos:

“Fui àquela cidade.”
“Fui àquele porto perdido.”
“Obedeci àquilo cegamente.”
“Aludíamos àqueles alunos.”

Embora seja assunto mais de Regência, lembramos, aqui, duas coisas quanto aos regimes de certos verbos (os de movimento), com a consequente abordagem, posto que por via oblíqua, do problema da crase.

É oportuno que coloquemos, com nomes de rua, praça etc. em que esteja algo ou alguém, a preposição *em* (Moro *na* Rua Castro Alves, estou *na* Rua Castro Alves etc.), sendo parcos os exemplos literários como: "*Na pequena casa do Meyer, à rua Castro Alves, d. Aurora Gomes* (...) *soltou o jornal desanimada* (...)" (Graciliano Ramos).

De fato é com preposição *a* que se constroem quase todos os verbos de movimento (ir, vir, chegar etc.), sendo poucos os que, como *comparecer*, por exemplo, aceitam, a par da preposição de que falamos (*a*), também a preposição *em* (*comparecer à* ou *a*, *comparecer em*). Por isso, reafirmamos, deve-se optar inequivocamente por construções do tipo *ir a* (*à*), *chegar a* (*à*) etc. Assim, verbos que indicam estaticidade serão, por via de regra, seguidos de preposição *em* (embora a preposição *a* possa indicar estaticidade, mas, em geral, com um sentido subsidiário de *contiguidade*, o que não foi o caso do exemplo de Graciliano Ramos acima citado, sendo-o, contudo, no mesmo autor, na mesma obra – Insônia – em: "*Sentou-se* [d. Aurora] *à mesa, friorenta, tentou aquecer-se na faixa de sol que vinha da janela*").

A dúvida entre as preposições *in* e *ad* exprimindo, respectivamente, movimento e repouso, é para nós, assim digamos, legado do latim imperial, sendo errônea tachá-la de brasileirismo, como já bem nos advertem, entre outros, Ismael de Lima Coutinho (Gramática Histórica, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1976), Manuel de Paiva Boléo (Brasileirismos, Coimbra, 1943), Rocha Lima ("Sobre o sincretismo de 'a' e 'em' no exprimir direção." *In* Estudos em homenagem a Cândido Jucá (filho). Rio de Janeiro, Simões), Raimundo Barbadinho Neto (Antologia de Textos do Modernismo, Rio de Janeiro, Ao Livro Técnico, 1982) e Joaquim Mattoso Câmara Junior (História e Estrutura da Língua Portuguesa, 2ª ed., Rio de janeiro, Padrão, 1976). Na obra de Ismael de Lima Coutinho (p.338) é citado o exemplo extraído de Leite de Vasconcelos (Textos Arcaicos, 3ª ed., Lisboa, 1922, p. 55 – *Da História Geral*) "mas quãdo souberon como Hercolles era uijndo *em* Espanha..." Em sua obra, Raimundo Barbadinho Neto (p. 13, 14 e 15) faz excelente estimativa, que vem a ilustrar que os modernistas não derribaram tanto a norma culta vigente quanto quiseram alardear que o fariam no início do movimento, e que, passado o susto da explosão e do pasmo inicial, a tradição prevaleceu em muitos pontos questionados e, até, questionáveis.

Notamos que expressões há que, de tão largo uso na língua, constituem, hoje, correção, embora com a preposição *em*. São, algumas delas, *saltar de galho em galho, ir de casa em casa, sair em terra* e similares ("Bartolomeu Dias, para satisfazer os queixumes de tanta gente, *saiu em terra* com o pessoal superior e alguns marinheiros dos principais", António Sérgio, *Breve Interpretação da História de Portugal*, 47).

Da obra de Mattoso (p. 179), se transcreve: “Em vez de ire in silvam, temos em português moderno – ir à floresta, embora o emprego clássico fosse mais próximo do modelo latino e a língua coloquial no Brasil conserve a construção anterior (ir na floresta...)”.

É sobremodo mais complexo o emprego das preposições em locuções verbais, pois que podem, estas, ser encaradas, em vez de como locuções, como um resquício de oração reduzida. É assim que em “*O rio Amazonas vai desaguar ao Atlântico*, temos ainda vestígio – ensina-nos Bechara (*Lições de Português pela Análise Sintática*, 15ª ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1992, p. 162) – da fase em que o sentimento linguístico levava em consideração o verbo de movimento: *vai ao Atlântico desaguar* (= para desaguar). Perdida esta noção de movimento, *vai desaguar* passou a ser interpretado como um todo [e, pois, uma locução verbal], prevalecendo a regência que competia ao verbo *desaguar*: *vai desaguar no Atlântico.*”

Quanto ao problema dos demais verbos de movimento, sugerimos que sejam consultadas obras específicas de regimes ou, num caso mais profundo, de estilística ou mesmo história da língua, de que já fornecemos, *a priori*, razoável bibliografia, podendo, dela, partir o interessado a estudo minucioso.

A ilustração vem de Paulo Mendes Campos (Menino de Cidade, *in* Elenco de Cronistas Modernos, 15. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1997, p. 45): “É chegar na Barra da Tijuca, e daí a cinco minutos, já apanhou um siri vivo.”

2. Em locuções adverbiais constituídas de palavras femininas, no *singular* ou no *plural* (embora naquele caso não haja artigo feminino, apenas preposição, o que, ao contrário, não ocorre neste último):

Exemplos:

à vista (mas a prazo)
à vela (obs.: com indicação de instrumento, a crase é facultativa: à (a) caneta).
à tarde
à noite
às vezes
às duas (da manhã, da tarde)
às ocultas

Em sua edição d’*Os Lusíadas*, Epifânio da Silva Dias, no canto segundo, estr. 91, comenta, acerca do último verso, o caso da acentuação:

> “[...]
> O mar se via em fogos accendido,
> E não menos a terra, e assi festeja
> Hum ao outro, a maneira de peleja.”

91 [...]
8. a maneira de] como ainda hoje se diz "a modo de", sem artigo definido [...]

Observação:
Sobre a crase facultativa em expressões que denotam meio ou instrumento, a rigor, ambos os empregos são possíveis, embora, naturalmente, seja-nos mais comum o segundo deles, sema crase. A crase só é obrigatória, nesses casos, se a frase em questão gerar ambiguidade.
Exemplos:

Operei a vista (os olhos) = *ambiguidade*
Logo, a crase será obrigatória se se quiser dizer o meio de pagamento: Operei à vista
Ensinei a distância (alguma distância específica)
Logo: Ensinei à distância

Na obra *Meios de expressão e alterações semânticas*, do Professor Said Ali (Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971), é o primeiro capítulo inteiramente consagrado a minucioso estudo sobre o *a* acentuado.

Em tal capítulo, intitulado *O acento em á*, comprova-nos o professor, por meio de inúmeros exemplos, ser prática do século XVI a de marcar com acento o vocábulo *á* em se tratando de fusão de artigo com preposição: o que hoje conhecemos como *crase*.

Indica-nos, ainda, que, da circunstância acima apontada – relativa ao costume a que se aludiu –, crê-se, até hoje, que o acento grave em *a* não possui senão aquela mesma função originária. Assim escreve o mestre (p. 1):

> Do fato de se manter sempre o mesmo costume neste caso particular tirou-se inversamente a conclusão que o acento em á teria por objeto só indicar a dita combinação ou crase (...).
> Historicamente considerada, a conclusão é falsa. O sinal em á não é nenhum expediente creado (sic) de propósito para mostrar a existência da crase. A função própria do acento, tanto aqui como no final das palavras oxítonas está, verá etc., é indicar a pronúncia de a aberto(...).
> Naquelas locuções que se constituíram com a partícula e um nome feminino singular só a pronúncia, e não a crase, pode dar a razão da grafia, iniciada no século XVI e é generalizada a partir dos seiscentistas, de á força, á força de, á míngua, á falta, á rédea solta, etc.

2.2 Crase proibida

1. Diante de verbo

Exemplos:

"Estou a esperar você." (mas: "Estou à espera dele")
"Isto é assunto a discutir."

Apenas em nível de lembrança: os verbos, quando por derivação imprópria se tornam em substantivos, serão do gênero *masculino*, outra chancela do neutro em português, de conformidade com o que brevemente tocamos de há pouco.

2. Diante de palavras de sentido indefinido (geralmente o próprio artigo indefinido ou pronome indefinido).

Exemplos:

Darei o presente a *certa / uma / qualquer / cada* aluna.

3. Diante dos pronomes relativos (que, pois, encabeçarão oração adjetiva), como *quem*, *cuja*, *que*.

Exemplos:

A pessoa a quem se referiu é minha irmã.
Os livros a cuja autora aludimos são ruins.
Não é algo a que devemos obedecer.

É claro que diante de *a qual* e *as quais* poderá haver crase:
Esta é a causa à qual atribuímos a sua saúde.
Mas:
Esta é a causa a que atribuímos a sua saúde.

Exemplos:

"Assentada em uma cadeira, *à qual* o espaldar primorosamente lavrado de bastiães e arabescos e os braços e supedâneos dourados davam o aspecto de um trono, a rainha de Portugal (...)" (Alexandre Herculano)

Repare-se que a comutação a que se procederá com o intento de verificar-se a existência do artigo – colocar-se artificialmente um nome masculino na mesma situação em que se encontra o feminino (e, pois, passível, este último, da crase) – será, aqui, prova da exigência de um artigo feminino, a configurar, enfim, a crase:

"Assentada em um sofá, *ao* qual o espaldar e os arabescos (...) davam (...)"

4. Diante de expressões repetitivas:

Exemplos:

cara a cara
face a face
dia a dia (sem hífen é locução adverbial)
gota a gota

Observação:
Por amor à literatura, trazemos alguns exemplos de tal conduta:

> "Pois esse deus vagabundo, menino,
> foi quem desenleou ponta a ponta o novelo do nosso destino." (C. Ricardo)
> "Com brilhos crus e fúlgidos de tiaras
> as estrelas apagam-se uma a uma." (Cruz e Sousa)

Já nesta passagem de Camões, de acordo com a edição de Augusto Epifânio da Silva Dias, em vez da preposição "a", usou o Poeta a conjunção "e", conseguindo, com isso, o mesmo efeito:

> "Isto dizendo os barcos vão remando
> Pera a frota, que o mouro ver deseja;
> Vão as naos hûa e hûa rodeando
> Porque de todas tudo note e veja." (Lus. II, 106: ℓ-4)

5. Diante de pronomes pessoais e de expressão de tratamento, mormente as encetadas pelo possessivo VOSSA.

Exemplo:
"Vimos a Vossa Excelência requerer o documento".

2.3 Crase facultativa

1. Diante dos nomes próprios femininos:

Exemplos:
"Dei a Maria um presente".
ou
"Dei à Maria um presente".

Atenção:
A crase, por indicar existência de *artigo*, fará emergir, com nomes próprios, certa familiaridade em relação à pessoa a quem se alude, não sendo, por isso, *indiferente* o emprego ou o a omissão.

2. Antes da palavra "casa", se vier esta especificada por expressão que indique a ela o dono:

Exemplos:
Vim a casa de Pedro" (compare com: "Estou em casa de Pedro")
ou
"Vim à casa de Pedro" (compare com: "Estou na casa de Pedro")

Atenção!
A palavra "casa" rejeita artigo se se refere àquela da própria pessoa que fala (ou do sujeito).
Exemplos:
"Ele foi a casa" (entenda-se: à sua casa, à dele próprio)
"Ele foi à casa da namorada" (q. v. item 2 acima)

Se compararmos, concluiremos.
Exemplos:
"Ele está em (preposição) casa" (entende-se: na casa dele)
"Ele está na (preposição + artigo) casa da namorada".

3. Após a preposição *até*:

Exemplos:
"Fui até a escola."
"Fui até à escola."

4. Diante de possessivos femininos, que, aliás, vinham, na língua antiga, assim como os masculinos, profusamente *sem* o artigo:

Exemplos:
Dei a minha irmã (o "a" aqui é tão só preposição)
ou
Dei à minha irmã.
"Não guardei ódio a minha mãe: o culpado era o nó." (Graciliano Ramos, *Infância*)
"Se eu aludisse a minha mãe, logo enxergariam em mim um rapazola que o ano passado vivia preso." (Graciliano Ramos, *Insônia*)

Observação:
Em italiano, é regra que coloquemos, antes do possessivo, um artigo definido. Assim, diremos:
Dov'è il tuo libro?

A exceção, contudo, são os possessivos relacionados a nomes que indicam parentescos, caso em que se inserem os exemplos de Graciliano Ramos por nós trazidos. Dir-se-á, pois, em italiano:
Dov'è tuo padre?

Lapa (ELP, p. 161) aponta a ausência de artigo diante de nomes que indicam parentesco muito próximo como advinda de analogia com o vocativo, de que frequentemente nos servimos para com tais palavras:

> É possível que isso se deva ao costume de mencionarmos esses nomes no vocativo: "Minha mãe, quando devo sair?" "— Ó meu pai, já viu as horas?" Seria um caso de analogia: transferiu-se para outros dizeres a prática usada no vocativo.

Um pouco à frente, contudo, Lapa aponta a opinião de outro insigne mestre: Morais, o dicionarista:

> Não tendo cada indivíduo senão um pai, o artigo seria dispensável, porque o pronome determinava por si mesmo o substantivo de uma forma exclusiva. Quando porém o substantivo tinha uma significação menos determinada ou menos exclusiva, já a frase se podia construir com ou sem artigo: "venho de ou da minha casa".

2.4 **O paralelismo e a crase**

Por uma questão de paralelismo, a omissão do artigo em certos lugares como que impõe igual omissão em lugares de mesmo, digamos, peso no que toca à estrutura da frase.

Assim, por exemplo, se disséssemos:

"Prefiro peixe a carne."

Claro está que não se poria a crase diante da palavra "carne", que, embora feminina, estará de certo modo repelindo o artigo, por ter vindo a palavra anterior sem este.

Versão diferente seria esta:

"Prefiro o peixe à carne."

em que o artigo diante do substantivo "peixe", especificando-o, como que sugere igual especificação que se dê à palavra "carne", recebendo esta, por fusão da preposição já existente mercê da regência do verbo "preferir", a crase.

Questões comentadas

01. (Advogado/CRF-SC/IESES/2012) Assinale a alternativa em que a crase deveria ser empregada.
    a) Arrumei minha mala, a qual é igual aquela que você me emprestou.
    b) A sessão a que me refiro deve durar de 11 a 12 horas.
    c) Já até contei as vezes em que você combinou comigo e me deixou a esperá-la.
    d) Estou fazendo um curso a distância.

O pronome aquela será acentuado ao se unir à preposição a regida pelo termo igual. Gabarito: **A**.

02. (Analista Judiciário/TRT-9ª/FCC/2013) Costuma-se atribuir ...... originalidade da obra de Glauber Rocha o êxito do movimento denominado Cinema Novo, cujos filmes ajudaram ...... alavancar temporariamente ...... indústria cinematográfica nacional.
    Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
    a) à - à - a
    b) a - à - a
    c) a - a - à
    d) a - à - à
    e) à - a - a

Atribuir rege ao substantivo feminino originalidade a preposição “a”; não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos; *alavancar* é um verbo transitivo direto, portanto não exige preposição. Gabarito: **E**.

03. (Médico do Trabalho Júnior/Transpetro/Cesgranrio/2012) A palavra **a**, na língua portuguesa, pode ser grafada de três formas distintas entre si, sem que a pronúncia se altere: a, à, há. No entanto, significado e classe gramatical dessas palavras variam.
    A frase abaixo deverá sofrer algumas alterações nas palavras em destaque para adequar-se à norma-padrão.

A muito tempo não vejo **a** parte da minha família **a** qual foi deixada de herança a fazenda **a** que todos devotavam grande afeto.

De acordo com a norma-padrão, a correção implicaria, respectivamente, esta sequência de palavras:
    a) A - a - à - há - à
    b) À - à - a - a - a
    c) Há - a - à - a - a

d) Há - à - à - a - a
e) Há - a - a - à - à

1. Verbo *haver* empregado no sentido de tempo decorrido.
2. O verbo *ver* é transitivo direto e, portanto, não exigirá preposição.
3. A preposição "a" regida pelo verbo *deixar* deverá ser anteposta – juntamente com o artigo do substantivo feminino *família* – ao pronome relativo *qual*.
4. Fazenda, por ser o objeto direto do verbo deixar, não será antecedido por preposição.
5. Não se emprega acento indicativo de crase antes do pronome relativo que.

Gabarito: **C**.

04. (Nível Superior/BNDES/Cesgranrio/2013/Adaptada) Segundo a norma-padrão, o sinal indicativo da crase não deve ser utilizado no seguinte trecho: "Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas tendem a aceitar algumas afirmações".
A mesma justificativa para essa proibição pode ser identificada em:
a) "É natural que isso aconteça, quando mais não seja porque as certezas nos dão segurança e tranquilidade. Pô-las em questão equivale a tirar o chão de sob nossos pés."
b) "Com o desenvolvimento do pensamento objetivo e da ciência, aquelas certezas inquestionáveis passaram a segundo plano, dando lugar a um novo modo de lidar com as certezas e os valores."
c) "a visão inovadora veio ganhando terreno e, mais do que isso, conquistando posições estratégicas, o que tornou possível influir na formação de novas gerações, menos resistentes a visões questionadoras."
d) "Ocorre, porém, que essa certeza pode induzir a outros erros: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado."
e) "Uma comunidade cujos princípios e normas mudassem a cada dia seria caótica e, por isso mesmo, inviável".

Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos. Gabarito: **A**.

05. (Técnico Administrativo/DNIT/ESAF/2013) Assinale a opção que completa corretamente a sequência de lacunas no texto abaixo.
a) a - a - à - A
b) à - há - à - A
c) à - a - à - Há
d) à - há - a - Há
e) a - há - a - À

1. Locuções formadas por palavras femininas deverão ser acentuadas.

2. Verbo haver empregado no sentido de existir.
3. Causar rege ao substantivo feminino qualidade a preposição a.
4. O termo mobilidade, por ser o sujeito da oração, não será regido por preposições.

Gabarito: **B**.

06. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TRT-9ª/FCC/2013) O acesso ...... redes sociais voltadas para a carreira pode ajudar o profissional ...... conseguir uma colocação no mercado de trabalho. Mas é preciso atenção ao se criar um perfil na internet, pois todo o conteúdo ali veiculado afetará positiva ou negativamente ...... imagem do profissional.
Preenchem corretamente as lacunas do texto acima, na ordem dada:
    a) às - a - à
    b) às - à - a
    c) às - a - a
    d) as - à - a
    e) as - à - à

1. Haverá crase, pois *acesso* rege preposição “a” e o termo *redes* é antecedido pelo artigo “a”.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
3. Não haverá crase, pois o verbo afetar, por ser transitivo direto, não exigirá preposição.

Gabarito: **C**.

07. (Assistente Social/TJ-SP/Vunesp/2012)Observe o trecho a seguir e assinale a alternativa que preenche, correta e respectivamente, suas lacunas.
________ pouco mais de um mês da próxima eleição presidencial dos Estados Unidos, o favoritismo de Barack Obama sofreu um arranhão. Não________que estranhar a dificuldade de Obama quando tem de falar de improviso ou exercer________queima-roupa o contraditório. Obama é instado, agora,______preparar-se muito melhor para os dois outros debates.
    a) Há … há … à … à
    b) Há … à … a … a
    c) À … a … à … à
    d) A … há … à … a
    e) A … a … a … à

1. Preposição “a” empregada como indicação de tempo futuro.
2. Verbo *haver* empregado como indicador de tempo passado.
3. Locuções formadas por palavras femininas deverão ser acentuadas.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.

Gabarito: **D**.

08. (Técnico Judiciário/TRT-10ª/Cespe/2013/Adaptada) O emprego do sinal indicativo de crase em "ligado à Secretaria de Agricultura" justifica-se porque o verbo ligar exige complemento regido pela preposição a, e a palavra "Secretaria" é antecedida pelo artigo definido feminino singular **a**.
( ) certo
( ) errado

Indica-se a crase, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas em uma só, pelo acento grave. Gabarito: **certo**.

09. (Soldado da Polícia Militar/PM-SC/IESES/2011)Em todas as frases a crase se justifica, EXCETO em uma; assinale-a.
a) Chegou às três horas da manhã e nada viu.
b) Garanto à você que o caso está resolvido, pode confiar.
c) Bebo café, café bem forte, à moda paulista.
d) Obedeça à sinalização, diz a placa no alto da estrada.

Não se emprega acento indicativo de crase diante de pronomes de tratamento. Gabarito: **B**.

10. (Assistente Técnico-Administrativo/MF/ESAF/2012) Em relação ao uso do sinal indicativo de crase, assinale a opção que preenche corretamente as lacunas do fragmento a seguir.
a) (1) (2) (3) (4) (5)
à à a a a
b) (1) (2) (3) (4) (5)
a a à a à
c) (1) (2) (3) (4) (5)
à a a a à
d) (1) (2) (3) (4) (5)
a a à à a
e) (1) (2) (3) (4) (5)
a a a a à

1. Reger é verbo transitivo direto, portanto não exigirá preposição.
2. Reger é verbo transitivo direto, portanto não exigirá preposição.
3. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
5. Haverá crase, pois rumo rege preposição a e maturidade é um substantivo feminino.

Gabarito: **E**.

11. (Assistente Técnico-Administrativo/MF/ESAF/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical inserido na transcrição do texto.

Os problemas estruturais enfrentados **pela**(1) economia nas últimas décadas — inflação aguda, endividamento público elevado, crédito internacional restrito, **entre outros**(2) — afetaram profundamente **a**(3) capacidade de investimento do país, em especial na infraestrutura, cujo horizonte é de longo prazo. Ainda na fase de superação destes problemas estruturais, para retomar investimentos, a economia brasileira **teve que se**(4) apoiar na mobilização de grupos privados, nem sempre dentro de uma situação ideal, mas na que foi possível naquele momento. E com resultado positivo, pois, graças **à**(5) privatizações e concessões de serviços públicos, passos foram dados e o país não parou.

(Adaptado do Editorial, O Globo, 16/8/2012)

a) pela (1)
b) entre outros (2)
c) a (3)
d) teve que se (4)
e) à (5)

A falta de concordância de número evidencia o emprego genérico do termo privatizações. Gabarito: **E**.

12. (Soldado da Polícia Militar/PM-AC/Funcab/2012) Em qual das opções abaixo o acento indicativo de crase foi corretamente indicado?

a) O dia fora quente,mas à noite estava fria e escura.
b) Ninguém se referira à essa ideia antes.
c) Esta era à medida certa do quarto.
d) Ela fechou a porta e saiu às pressas.
e) Os rapazes sempre gostaram de andar à cavalo.

Locuções formadas por palavras femininas devem ser acentuadas. Gabarito: **D**.

13. (Assistente Administrativo/EPE/Cesgranrio/2012) O uso do sinal indicativo da crase é obrigatório em:
    a) A metrópole exerce influência social e administrativa sobre a maioria das cidades da região.
    b) Cada vez mais, os moradores têm acesso a bens de consumo como eletrodomésticos e celulares.
    c) Nas grandes cidades, o crescimento populacional é sempre aliado a índices econômicos altos.
    d) O governo precisa investir na saúde para corresponder a expectativa da população.
    e) O planejamento familiar é necessário para não levar o mundo a uma situação insustentável.

Corresponder rege ao substantivo feminino *expectativa* a preposição “a”. Gabarito: **D**.

14. (Nível Superior/EPE/Cesgranrio/2012/Adaptada) No trecho “50% e 70% das falhas ocorridas no passado em linhas de transmissão brasileiras estavam relacionadas às condições climáticas,”, o sinal indicativo da crase deve ser empregado obrigatoriamente. Esse sinal também é obrigatório na palavra destacada em:
    a) O Brasil sofreu as consequências da grande perda de carbono da floresta Amazônica.
    b) A transformação acelerada do clima deve-se as estiagens em várias partes do mundo.
    c) Alguns tipos de vegetação dificilmente resistem a uma grande mudança climática.
    d) As usinas hidrelétricas, a partir de 1920, estavam associadas a regiões industriais.
    e) O aumento da temperatura do planeta causará danos expressivos a seus habitantes.

A forma verbal *deve-se* exige um complemento regido pela preposição “a” e *estiagens* é um substantivo feminino. Gabarito: **B**.

15. (Técnico Administrativo/SEAD-PB/Funcab/2012) Assinale a opção que completa, respectivamente, as lacunas da frase abaixo, de acordo com a norma culta da língua.
    Assistindo ___ novela na casa dos vizinhos e sem se preocupar com ___ presença dos estranhos, ela começou ___ chorar.
    a) a – a – à
    b) a – à – a
    c) à – a – a
    d) à – à – a
    e) a – à – à

1. O verbo *assistir*, no sentido de ver, regerá, ao substantivo feminino *novela*, a preposição “a”.
2. Há somente o artigo, pois a forma verbal *preocupar-se* rege a preposição *com*.
3. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.

Gabarito: **C**.

O novo regime automotivo anunciado pelo governo federal incorpora algumas boas práticas de política industrial, como o incentivo à inovação, à eficiência energética e ao fortalecimento da cadeia de produção local — mas com a clara intenção de não privilegiar acintosamente a indústria nacional, para evitar questionamentos na Organização Mundial do Comércio.

A nova política condiciona a isenção da alíquota adicional de 30% no imposto sobre produtos industrializados a contrapartidas mensuráveis das empresas. Para obter benefícios maiores, será obrigatório cumprir metas múltiplas. Exige-se, por exemplo, investimento crescente em pesquisa e desenvolvimento, até atingir 0,5% da receita líquida entre 2015 e 2017, além de 1% para engenharia, tecnologia industrial básica e capacitação de fornecedores.

Não se fala mais em percentual mínimo de conteúdo nacional, mas as montadoras terão de realizar no Brasil ao menos seis de doze etapas fabris já em 2013. Outro requisito fundamental é a economia de combustível, com o objetivo de alinhar a produção às exigências de países líderes, como os da Europa. A marca de 17,3 km/L para os automóveis novos – uma redução de 12% do consumo atual – precisará ser atingida até 2017.

(Editorial, *Folha de S. Paulo*, 5/10/2012 (com adaptações)

16. (Agente Administrativo/PRF/Cespe/2012) Na linha 3, o emprego do sinal indicativo de crase em "à inovação, à eficiência" deve-se à regência da palavra "incentivo", que exige complemento regido pela preposição "a", e pelo fato de as palavras "inovação" e "eficiência" estarem antecedidas por artigo definido feminino.
    ( ) certo
    ( ) errado

Indica-se a crase, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas em uma só, pelo acento grave. Gabarito: **certo**.

17. (Analista de Sistemas/TJ-SP/Vunesp/2012) A corte seguiu à risca um artigo do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).
    Segue essa mesma regra de uso da crase a alternativa:
    a) (A lei) ameaça despejar milhares de marginais precoces de volta às ruas.
    b) A felicidade é o sonho que se oferece às pessoas.
    c) Telefonei ontem à sua tia.
    d) Ficou rodando de carro à toa por muito tempo.
    e) Não ceda à tentação.

Locuções formadas por palavras femininas devem ser acentuadas. Gabarito: **D**.

Prova: - - - Prova versão 1
Disciplina: Português | Assuntos: Crase;

No Brasil, as discussões sobre drogas parecem limitar-se .... aspectos jurídicos ou policiais. É como se suas únicas consequências estivessem em legalismos, tecnicalidades e estatísticas criminais. Raro ler................. respeito envolvendo questões de saúde pública como programas de esclarecimento e prevenção, de tratamento para dependentes e de reintegração desses .... vida. Quantos de nós sabemos o nome de um médico ou clínica .... quem tentar encaminhar um drogado da nossa própria família?

(Ruy Castro, Da nossa própria família. Folha de S.Paulo, 17.09.2012. Adaptado)

18. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Vunesp/2012) As lacunas do texto devem ser preenchidas, correta e respectivamente, com:
    a) aos … à … a … a
    b) aos … a … à … a
    c) a … a … a … a
    d) a … a … à … à
    e) à … à … à … à

1. A forma verbal limitar-se rege preposição a e aspectos é substantivo masculino
2. Não há crase antes de palavra masculina.
3. Haverá crase, pois reintegração rege preposição a e vida é um substantivo feminino.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes do pronome relativo quem.

Gabarito: **B**.

19. (Inspetor de Polícia/PC-RJ/FEC/2012) O acento grave no “a“ destacado em: “para que toda criança tenha acesso A escola de qualidade” (parágrafo 4) torna-se obrigatório quando se substitui o complemento de “acesso” por:
    a) a essa escola de qualidade.
    b) a uma escola de qualidade.
    c) a escolas de qualidade.
    d) a sua primeira escola de qualidade.
    e) a escola de qualidade que almeja.

A obrigatoriedade só ocorre na letra E, pois o emprego da crase é facultativo diante de possessivos e repelido diante de artigos indefinidos ou de nomes que não exijam o artigo “a”. Gabarito: **E**.

20. (Advogado Pleno-Trabalhista/SPTrans/Vunesp/2012) Assinale a alternativa em que o sinal indicativo de crase está empregado corretamente.
    a) Foi dada a palavra à defesa, que se recusou à falar em favor de seus representados.

b) Provou-se que àqueles estudantes foram impostos severos maus tratos, até levá-los à morte.
c) À bem da verdade, a defesa não estava plenamente à par das acusações contra os réus.
d) Ao servidor ocupante, exclusivamente, de cargo em comissão declarado em lei de livre nomeação e exoneração, aplica-se o regime estatutário.
e) A administração fazendária e seus servidores fiscais terão, dentro de suas áreas de competência e jurisdição, precedência sobre os demais setores administrativos, na forma da lei.

O pronome *aquele* será acentuado ao se unir à preposição “a” regida pelo termo *impostos*. Gabarito: **B**.

21. (Advogado Júnior/Innova/Cesgranrio/2012/Adaptada) No texto, a expressão *às vezes* apresenta o sinal indicativo de crase.
Na seguinte frase, o a deveria também apresentar esse sinal:
a) A partir de hoje, não quero enviar mais mensagem de texto.
b) Ele pediu a todos os funcionários que enviassem notícias por e-mail.
c) Os jovens postam mensagem em redes sociais a mais de cem pessoas.
d) Podem-se trocar mensagens a vontade, mas não existe muita segurança.
e) Quero que a empresa tome medidas sobre trocas de mensagens dos funcionários.

Locuções formadas por palavras femininas deverão ser acentuadas. Gabarito: **D**.

22. (Analista Tributário/Receita Federal/ESAF/2012) Assinale a opção que corresponde a erro gramatical na transcrição do texto abaixo.

Os especialistas projetam uma queda de até 2%, o que contribuirá para o fraco desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) este ano.

(Editorial, *O Globo*, 3/8/2012)

A pequena reação da indústria em junho (crescimento de 0,2% em relação a maio) não foi suficiente para compensar a (1) queda da produção no primeiro semestre, da ordem de 3,8%, quando comparada à (2) produção do mesmo período de 2011. Segundo o IBGE, responsável por essa estatística, a indústria brasileira hoje produz o mesmo que há (3) três anos. Mesmo que o setor tenha passado por um ponto de inflexão, como acredita o ministro da Fazenda, Guido Mantega, é pouco provável que a (4) produção chegue à (5) registrar crescimento em 2012.

a) (1) a

b) (2) à
c) (3) há
d) (4) a
e) (5) à

Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos. Gabarito: **E**.

23. (Técnico Judiciário/Área Administrativa/TST/FCC/2012) Considere:
...... angústia de imaginar que o homem pode estar só no universo soma-se a curiosidade humana, que se prende ...... tudo o que é desconhecido, para que não desapareça de todo o interesse por pistas que dariam embasamento ...... teses de que haveria vida em outros planetas.
Preenchem corretamente as lacunas da frase acima, na ordem dada:
a) À - a - às
b) A - à - as
c) À - a - as
d) A - a - às
e) À - à – as

1. A forma verbal *somar-se* rege preposição “a” e *angústia* é um substantivo feminino.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes indefinidos.
3. O verbo *dar* rege ao substantivo feminino *teses* a preposição “a”.

Gabarito: **A**.

Exercícios complementares

01. (Psicólogo/Corregedoria Geral da Justiça/UFRJ) " ... é uma instituição necessária à ordem e à vida da cidade"; frase em que o emprego do acento grave indicativo da crase está no mesmo caso sintático da frase acima é:
    a) As greves são prejudiciais à ordem pública.
    b) A polícia dirigiu-se às vítimas assaltadas.
    c) Foram à Bélgica para o congresso de pedagogos.
    d) Indicaram os assaltantes à polícia.
    e) Entregaram os prêmios às atrizes escolhidas.

Os complementos, em ambos os casos, foram regidos por um nome. Gabarito: **A**.

02. (Taquígrafo/TRF/UFRJ) Dos itens abaixo, o que apresenta erro no emprego do acento grave indicativo da crase é:
    a) Trata-se de um relatório referente à dívidas antigas da União.
    b) Essas medidas obedecem às normas da ABNT.
    c) Apesar de a norma à qual V. Sª se refere ser facultativa, todos os técnicos de que temos notícias a seguem.
    d) A platéia assistia entusiasmada à conferência do filósofo.
    e) Informou-se indevidamente à empresa credora que o valor em questão estaria disponível antes do final do ano.

A falta de concordância de número evidencia o emprego genérico do termo dívidas. Gabarito: **A**.

03. (Taquígrafo/TRF/UFRJ) Considerando os dois trechos abaixo, a opção que preenche corretamente os quatro espaços em branco é, respectivamente:
    1. O fim desta é informar V.Sª de que _____ remuneração paga ao digitador supracitado serão acrescidos os adicionais previstos em lei. Quanto _____ revisão dos cálculos da indenização do referido funcionário, já estão sendo tomadas as providências.
    2. Os jornais divulgarão daqui _____ uma semana os resultados do concurso: _____ dez anos, no entanto, o processo era mais lento.
    a) a, à, à, há
    b) à, à, a, há
    c) há, à, a, à
    d) a, à, há, a
    e) a, há, há, à.

1. *Acrescer* rege ao substantivo feminino *remuneração* a preposição “a”; a locução prepositiva *quanto a* será craseada quando anteposta a um nome feminino.
2. Preposição “a” como indicativa de tempo futuro. Verbo *haver* empregado como indicativo de tempo passado.

Gabarito: **B**.

04. (Execução de Mandados/TRF/UFRJ) Quanto ao emprego do acento grave indicativo da crase, a frase correta é:
    a) Servimo-nos da presente para informar à V.Sª que seu relatório será avaliado até o final do mês de abril.
    b) Em atendimento as instruções dos senhores membros da Comissão, informamos que a receita não chegou a gerar superávit.
    c) O presidente submeteu à deliberação do colegiado os assuntos previstos na pauta da reunião.
    d) São estas as medidas à serem tomadas.
    e) Fomos autorizados à proceder a emissão de uma cota extra no valor de R$65,00 (sessenta e cinco reais) para a cobertura do referido saldo devedor.

Submeter rege ao substantivo feminino deliberação a preposição “a”. Gabarito: **C**.

05. (Execução de Mandados/TRF/UFRJ) A opção que preenche corretamente as quatro lacunas do trecho a seguir é, respectivamente:
    “O fim desta é pedir, mais uma vez, providências no sentido da solução do problema _____ que se refere nossa carta de 13/01/1998, _____ qual Vossas Senhorias não deram ainda qualquer resposta. Essa pendência já se arrasta _____ mais de um mês e, como de hoje _____ três semanas terá início o congresso de que trata aquela carta, findo esse prazo, nosso reivindicação deixará de fazer sentido.”
    a) à, à, há, a
    b) a, à, há, a
    c) à, a, há, a
    d) a, à, a, há
    e) a, à, há, há

1. Não se emprega acento indicativo de crase diante do pronome relativo que.
2. A preposição “a” regida pelo verbo *dar* será anteposta – juntamente com o artigo feminino do antecedente carta – ao pronome relativo qual.
3. Verbo *haver* como indicativo de tempo passado.
4. Preposição “a” como indicadora de tempo futuro.

Gabarito: **B**.

06. (Sem Especialidade/TRF/UFRJ) A opção que preenche corretamente as cinco lacunas da frase a seguir é:

"Qualquer demora, seja _____ que pretexto for, pode ter graves conseqüências políticas e institucionais. Tudo que vier _____ suceder recairá sobre _____ representação política. Aliás, _____ muito tempo que nos referimos _____ questão aqui colocada."

(*Jornal do Brasil*, 01/08/1997, p. 8. Adaptado.)

a) à, a, a, há, à
b) a, à, a, há, à
c) a, a, à, a, à
d) a, a, à, há, à
e) a, a, a, há, à

1. Não se emprega acento indicativo de crase antes do conectivo *que*.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
3. Não haverá crase, pois *recair* rege preposição *com*.
4. Verbo *haver* empregado como indicador de tempo passado.
5. *Referir* rege ao substantivo feminino questão, a preposição "a".

Gabarito: **E**.

07. (Técnico Judiciário I/TRT/UFRJ) Assinale o item que indica um caso de crase decorrente de uma situação sintática distinta das demais:

a) "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, ..."
b) "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art.404 da Consolidação, e art. 7º, XXXIII, da CF) e, ainda:
[...]
nos locais ou serviços prejudiciais à sua moralidade, [...] que se relacionem com escritos ou quaisquer objetos ofensivos à moralidade ..."
c) "A idade mínima é, por outro lado, estabelecida em 18 anos no caso do trabalho noturno (art. 404 da Consolidação, e art. 7º, da CF) e, ainda:
[...]
realizado em horário e locais que não permitam a freqüência à escola." (art. 67, IV, do Estatuto).
d) "Poderá o juiz de menores autorizar o menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ..."

e) "Poderá o juiz de menores autorizar o menor de 18 anos o trabalho em casa de diversão ou em circos, desde que a representação não lhe possa ofender o pudor ou a moralidade, e quando a ocupação for indispensável à própria subsistência ou à de seus ascendentes ou irmãos." (art. 406 da Consolidação).

A opção C foi o único caso de regência verbal. Gabarito: **C**.

08. (Auxiliar de Cartório/Corregedoria Geral da Justiça/UFRJ) "... no que se refere a instalações e à quantidade e qualidade dos professores."
Nas duas ocorrências do vocábulo **a**, só a segunda vem com acento grave indicativo da crase, o que se deve ao fato de que:
a) só a segunda precede um nome feminino.
b) só a segunda segue a regência do verbo referir-se.
c) só no segundo caso ocorre a junção de preposição + artigo.
d) no primeiro caso, o nome feminino está no plural.
e) no primeiro caso, só há a ocorrência de artigo definido feminino singular.

A falta de concordância de número evidencia o emprego genérico do termo *instalações*. Gabarito: **C**.

09. (Auxiliar Superior Administrativo/Procuradoria Geral de Justiça-RJ/UFRJ) "Isso levaria o problema para a esfera federal. O Rio, com seus morros e favelas que são cidadelas à margem do tecido urbano, com seus dramáticos desníveis sociais, oferece ..."
Que regra a seguir é justifica o emprego do acento grave indicativo da crase no fragmento destacado?
a) o termo antecedente exige, por sua regência, a preposição e o termo conseqüente admite o artigo **a**.
b) nas locuções adverbiais formadas com palavras femininas.
c) nas locuções prepositivas formadas com palavras femininas.
d) nas locuções conjuntivas formadas com palavras femininas.
e) nas combinações da preposição com o pronome demonstrativo.

À margem de é uma locução prepositiva, pois é um conjunto de palavras com valor de preposição, que, por ser de base feminina, deverá ser acentuada. Gabarito: **C**.

10. (Atendente Judiciário/Trib. de Alçada Criminal/UFRJ) "...os autores e os escritores, com especialidade os gramáticos, não se entendem no tocante à correção gramatical, vendo-se, diariamente, surgir ..."
O uso do acento indicativo da crase se justifica, nesse caso, por:

a) ser *correção* uma palavra feminina.
b) marcar a junção de preposição e artigo.
c) estar numa locução adverbial.
d) indicar a contração de preposição e demonstrativo.
e) fazer parte de uma locução prepositiva.

A locução prepositiva *no tocante a* será acentuada quando anteposta a um termo feminino. Gabarito: **B**.

11. (Agente Administrativo/TRT/Access) O poeta aspirava _____ felicidade, mas sem _____ volta da amada ele não _____ obteria.
A alternativa que completa corretamente as lacunas da frase acima é:
a) à, à, a
b) à, a, a
c) a, à, a
d) à, a, à
e) à, à, a

1. *Aspirar*, no sentido de *desejar*, regerá, ao substantivo feminino *felicidade*, preposição "a".
2. Trata-se apenas do artigo definido "a" que determina o substantivo *volta*.
3. Trata-se do pronome oblíquo átono "a" que substitui o substantivo feminino *felicidade*.
Gabarito: **B.**

12. (Auxiliar Judiciário/Trib. de Alçada Cível/FESP) A alternativa em que não se justifica o emprego de crase é:
a) Referia-se a isto, não à você.
b) Todos correm às cegas, quando há briga.
c) Ele fazia uma citação à Machado de Assis.
d) Às vezes, ele me parece enlevado com isso.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes de tratamento. Gabarito: **A**.

13. (Oficial de Justiça Avaliador/TRT/Access)
1. Nesse dia os homens chegaram _____ margem direita do rio.
2. Refiro-me _____ esta senhora e não àquela.
3. Ele não irá mais _____ Brasília.

As lacunas das frases acima são preenchidas CORRETAMENTE pelas palavras da alternativa:

a) à, à, a
b) à, a, a
c) a, a, a
d) à, a, à
e) a, a, à

1. Locuções formadas por palavras femininas devem ser acentuadas.
2. Não se emprega acento grave antes de determinados pronomes demonstrativos.
3. *Brasília* é um substantivo próprio que não admite o emprego de artigos.

Gabarito: **B**.

14. (Auxiliar Judiciário/TRT/Access)
    1. Sairei do escritório _____ cinco horas.
    2. Não iremos _____ esta festa.
    3. O presidente não compareceu _____ recepção.

    a) às, a, àquela
    b) às, à, àquela
    c) as, a, àquela
    d) às, a, aquela
    e) as, a, aquela

1. Deve-se empregar o acento grave em indicações de horas determinadas.
2. Não se emprega acento grave antes de determinados pronomes demonstrativos.
3. O pronome aquela será acentuado ao se unir à preposição a regida pelo verbo comparecer.

Gabarito: **A**.

15. (Auxiliar Judiciário/Corregedoria Geral da Justiça/FESP) “Como se já não bastassem [...] ataques explícitos à dignidade do menor, ...”
    A propósito da crase na passagem acima, ela é também obrigatória na seguinte frase:
    a) Dadas as circunstâncias do caso, adiamos a sessão.
    b) O crime é sério, haja vista as condições da vítima.
    c) O réu fazia jus a pena menor que a aplicada pelo juiz.
    d) A eleição do Presidente da Junta implicará a do Vice-Presidente.
    e) Esta sentença é semelhante a em que houve unanimidade dos jurados.

Há crase, pois *semelhança* rege preposição “a” e o substantivo feminino *sentença* está presente de modo implícito. Gabarito: **E**.

16. (Técnico Judiciário/TJ-RJ/Escola de Administração dos Servidores da Justiça) Em: “Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade de uma companhia inglesa.”
Qual a razão de àquela possuir o acento grave indicativo da crase?
a) ser palavra feminina.
b) fazer parte de locução adverbial.
c) ser elemento de locução prepositiva.
d) representar a união de a (artigo) + aquela.
e) constituir um adjunto adverbial.

A fim de se indicar a fusão com a preposição “a”, o pronome *aquele(a)*, quando em locução adverbial, deverá ser acentuado. Gabarito: **B**.

17. (Técnico Judiciário/TRT/Access)
1. Através dessa jovem dou o meu grito de horror _____ vida.
2. Quanto _____ ela, até mesmo de vez em quando comprava uma rosa.
3. A moça _____ vezes comia num botequim um ovo duro.

A alternativa em que as lacunas das frases acima são completadas CORRETAMENTE (sem mudança da ordem) é:
a) à, a, as
b) à, a, às
c) à, à, às
d) a, à, às
e) a, a, as

1. O verbo *dar* rege ao substantivo feminino vida a preposição “a”.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes pessoais retos.
3. Locuções formadas por palavras femininas deverão ser acentuadas.

Gabarito: **B**.

18. (Técnico Judiciário/Trib. de Justiça/FESP) “Hoje deve haver menos gente por lá, conjeturou; ótimo, porque assim trabalho à vontade.”
Assinale o item em que, igualmente, o acento grave é indispensável.
a) O prato de hoje é bacalhau a la moda.
b) Malgrado as reclamações, nada fizeram.

c) O réu fazia jus a pena menor que a aplicada.
d) Isto se deve a toda deficiente moral de hora.
e) Retiraram-se todos em meio a tremenda decepção.

Locuções formadas por palavras femininas deverão ser acentuadas. Gabarito: **A**.

19. (Técnico Judiciário/TRE/FESP) A frase em que há erro no que se refere ao emprego do acento grave, indicador de crase, é:
    a) Já chegamos à Bahia.
    b) O professor falara àquela aluna.
    c) Comi bacalhau à Gomes de Sá.
    d) É importante obedecer às regras do jogo.
    e) Dirijo-me à Vossa Eminência para pedir-lhe desculpas.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes de tratamento. Gabarito: **E**.

20. (Auxiliar Judiciário/TRE/FESP) A alternativa que apresenta erro no emprego do acento grave, indicativo de crase, é:
    a) Preciso ir à Copacabana.
    b) Ele chegou à uma e meia.
    c) Seja rápido na sua ida à França.
    d) O professor falará àquele aluno.
    e) Não houve comentário àquela pergunta.

Não haverá crase, pois *Copacabana* é um substantivo próprio que não admite artigos. Gabarito: **A**.

21. (Técnico Judiciário/Trib. de Alçada Criminal/UFRJ) O emprego do acento grave (`) indicativo de crase sobre o a é optativo em:
    a) A lei fixará normas para o cumprimento dos requisitos relativos à sua função social.(art. 185, Parágrafo único)
    b) A lei garantirá tratamento especial à propriedade produtiva.(art. 185, Parágrafo único)
    c) O decreto [...] autoriza a União a propor a ação de desapropriação. (artigo 184, Parágrafo 2º)
    d) Compete à União desapropriar por interesse social [...] o imóvel rural que não esteja cumprindo sua função social. (art. 184)
    e) Títulos resgatáveis no prazo de até vinte anos, a partir do segundo ano de sua emissão. (art. 184)

O emprego do acento indicativo de crase é facultativo diante de pronomes possessivos. Gabarito: **A**.

22. (Agente Fiscal de Rendas/Secretaria de Estado dos Negócios da Fazenda/SP/Vunesp)
A insistência das secretarias estaduais de Fazenda em cobrar 25% de ICMS dos provedores de acesso _____ Internet deve acabar na Justiça. _____ paz atual entre os dois lados é apenas para celebrar o fim do ano. Os provedores argumentam que não têm de pagar o imposto porque não são, por lei, considerados empresas de telecomunicação, mas apenas prestadores de serviço. Com o caixa quebrado, os Estados permanecem irredutíveis. O Ministério da Ciência e Tecnologia alertou formalmente ao ministro da Fazenda, Pedro Malan, que _____ imposição da cobrança será repassada para o consumidor e pode prejudicar o avanço da Internet no Brasil. Hoje, pagam-se em média 40 reais por mês para se ligar _____ rede. (*Veja*, 08/01/97, p. 17).

Assinale a alternativa que, correta e respectivamente, preenche as lacunas do texto.
a) a, A, a, à
b) à, A, a, à
c) a, À, à, a
d) à, A, à, à
e) à, À, a, à

1. Há crase, pois o termo *acesso* rege preposição "a" e *Internet* é um substantivo feminino.
2. Trata-se apenas do artigo "a", pois não se emprega preposições antes de sujeito.
3. Não há preposição, pois a imposição da cobrança exerce função de sujeito.
4. O verbo *ligar* rege ao substantivo feminino *rede* a preposição "a".

Gabarito: **B**.

23. (Magistério/Fundação João Goulart) Assinale, entre as frases abaixo, aquela em que o emprego da crase seria indevido.
a) Não me refiro a reunião desse mês.
b) Fique a vontade.
c) Abrimos as quintas-feiras.
d) Remeto a Vossa Senhoria todos os meus recibos.
e) Aludimos aquele fato recente.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de certos pronomes de tratamento. Gabarito: **D**.

24. (Agente de Administração/SME/Fundação João Goulart) Na frase: "Das revoltas da polícia africana às usinas de alumínio no Canadá.", observa-se a utilização de sinal indicativo de crase. A opção em que a utilização deste mesmo sinal é obrigatória, é:
a) A menina estava atenta a tudo o que se passava.

b) Do fato ocorrido as notícias de jornal vai uma grande diferença.
c) Temos que medir as conseqüências do gesto político.
d) As novas gerações têm uma grande responsabilidade ambiental.
e) O Presidente vai analisar as medidas de segurança.

O artigo feminino do termo *notícias* foi unido à preposição “a” da expressão de (...) a. Gabarito: **B**.

25. (Fiscal de ICMS/Santa Catarina/Covepe) Só uma das alternativas completa, corretamente, o período abaixo. Assinale-a:
“Anuiu _____ reivindicação feita, porque preferiu conservar o emprego _____ entregá-lo _____ que _____ postulavam.”
a) a, a, aqueles, lhe
b) à, do que, àqueles, o
c) à, a, àqueles, o
d) a, à, àqueles, lhe

1. Anuir rege ao substantivo feminino reivindicação a preposição a.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
3. O pronome aqueles será acentuado ao se unir à preposição a regida pelo verbo entregar.
4. Trata-se do pronome pessoal do caso oblíquo.

Gabarito: **C**.

26. (Fiscal de ICMS/Santa Catarina/Covepe) Preencha os claros com a(s), à(s), há, conforme for o caso.
1. Tais informações são iguais _____ que recebi ontem.
2. Sentei-me _____ máquina para escrever este relatório.
3. _____ meses que estudo para este concurso.
4. Estava _____ porta da casa quando você chegou.
5. Comecei _____ resolver esta prova com muita calma.

De cima para baixo, a seqüência no preenchimento dos claros é a seguinte:
a) as, à, Há, à, a
b) às, a, Há, à, a
c) às, à, a, há, a
d) às, à, Há, à, a
e) às, à, Há, a, à

1. A preposição “a” regida pelo termo *igual* se unirá ao artigo do substantivo informações, empregado de modo implícito na oração.

2. *Sentar-se*, no sentido de *junto de*, rege preposição “a” e *máquinas* é substantivo feminino.
3. Verbo *haver* empregado como indicativo de tempo passado.
4. Locuções formadas por palavras femininas deverão ser acentuadas.
5. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.

Gabarito: **D**.

27. (Técnico Judiciário/TRE-MG) O uso da crase está INCORRETO em:
    a) Chegaram a argumentar cara à cara que não aceitariam sugestões.
    b) Já demos nossa contribuição à associação beneficente do bairro.
    c) À custa de sacrifício, os estudantes conseguiram ser aprovados.
    d) Transmita àqueles jovens nossa mensagem de esperança no futuro.
    e) Esta construção é igual à que meu primo construiu na periferia.

Não se emprega acento indicativo de crase diante de expressões repetitivas. Gabarito: **A**.

28. (Analista de Finanças Públicas/Trib. de Contas-ES) “Mas muito lhe será perdoado, à TV, pela sua ajuda aos doentes, aos velhos, aos solitários.”
    Qual a justificativa do uso do acento grave indicativo da crase no exemplo do segmento destacado?
    a) vir antes de palavra feminina
    b) a união da preposição + artigo definido
    c) ser complemento nominal de perdoado
    d) o uso da preposição antes de palavra feminina
    e) a união da preposição + pronome demonstrativo

Indica-se a crase, ou seja, a fusão de duas vogais idênticas em uma só, pelo acento grave. Gabarito: **B**.

29. (Auxiliar Judiciário/TRE-MG) O acento grave, indicador da crase, está empregado INCORRETAMENTE em:
    a) Tal lei se aplica, necessariamente, à mulheres de índole violenta.
    b) As novelas às quais assisti problematizavam a questão da droga.
    c) Entregou as chaves da loja àquele senhor que nos desacatou na praça.
    d) O delegado disse ao prefeito e aos vereadores que estava à procura dos foragidos.
    e) O bom atendimento às pessoas pobres deve ser prioridade da nova administração.

Mulheres foi empregado de modo genérico, desprovido, portanto, de artigos. Gabarito: **A**.

30. (Agente de Procuradoria/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) O acento grave indicativo de crase não se aplica em "A herança maldita vem do Brasil-Colônia e do Império, quando a grande propriedade fundiária se consolidou mediante a exploração do trabalho escravo, um conúbio gerador de atraso e inquietação social."
    Pelo mesmo motivo, ele também não é usado em:
    a) Segundo a exigência do leitor.
    b) Andei a cavalo a trote.
    c) Estive a caminhar pelo jardim.
    d) O público assistiu a peças interessantes.
    e) Ela escreve bem a máquina.

Após nenhuma preposição, exceto *até*, haverá acento indicativo de crase. Gabarito: **A**.

31. (Atendente Judiciário/Trib. de Alçada Cível/FESP) O emprego da crase só está correto em:
    a) Amanhã irei àquele espetáculo marítimo.
    b) O padre fará o sermão para à juventude.
    c) Tomará o remédio gota à gota.
    d) Todos começaram à dançar.

O pronome *aquele* será acentuado ao se unir à preposição "a" regida pelo verbo *ir*. Gabarito: **A**.

32. (Delegado de Polícia Federal/Academia Nacional de Polícia) Observe os trechos e as afirmações seguintes:
    1. "Dizer apenas "meio" parece ser pouco (são reveladores os adesivos ecológicos, colados nos carros, pedindo "um ambiente inteiro") e usar apenas "ambiente" aparentemente levaria a confusões.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque não há artigo que se contraia com a preposição.
    2. "Ambas as palavras parecem desgastadas, tanto quanto a realidade física que descrevem: ...": a substituição da expressão sublinhada por outra no masculino evidencia que "a" é preposição.
    3. "Ambiente deve sugerir, aos seus adeptos, uma proximidade semântica maior ...": a substituição da expressão sublinhada por outra no feminino permite o emprego do acento grave indicativo de crase.
    4. "Mas, a expressão demonstra também o desejo de reforçar, por meio da redundância, o sentido manifestado como se houvesse um temor de, caso contrário, perder-se a idéia.": não se emprega acento grave indicativo de crase porque "a idéia" é sujeito, portanto não pode estar regido de preposição.

    Escolha uma das opções abaixo:

a) 1, 3 e 4 estão corretas.
b) 1 e 3 estão corretas.
c) 1, 2 e 3 estão corretas.
d) 2 e 4 estão corretas.

Na opção II, a substituição da expressão sublinhada por outra masculina evidencia que a não é apenas preposição, mas também artigo. Gabarito: **A**.

33. (Agente Comercial/Telerj/Cesgranrio) Uma das opções preenche corretamente as lacunas do texto abaixo. Assinale-a:
Para sobreviver, somos obrigados _____ lutar pelo nosso espaço que _____ muito tempo foi invadido pelo egoísmo e pela violência, para, daqui _____ alguns anos, podermos dizer que realmente vivemos _____ vida.
a) a, a, há, a
b) a, a, há, à
c) a, há, a, a
d) à, há, há, a
e) à, a, há, a

1. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
2. Verbo *haver* empregado como indicador de tempo passado.
3. Preposição “a” empregada como indicadora tempo futuro.
4. Não há preposição, pois *vida* é objeto direto do verbo *viver*.

Gabarito: **C**.

34. (Agente Administrativo/Telerj/Cesgranrio) Assinale a opção em que se omitiu o acento indicativo de crase.
a) Comprei o telefone a duras penas.
b) Demos aquele funcionário a mensagem do fax.
c) Face a face, ele despediu o funcionário.
d) Releia a Sua Excelência os fatos ocorridos ontem.
e) O diretor se referiu a ela com elogios.

O pronome *aquele* será acentuado ao se unir à preposição “a” regida pelo verbo *dar*. Gabarito: **B**.

35. (Auxiliar Administrativo/Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais/ Cesgranrio) Ocorre ERRO do acento indicativo de crase na opção:
a) À toda hora, chegavam as estudantes aprovadas.
b) Ficamos à espera do resultado final.

c) Dirigiu-se àquele mestre com respeito.
d) Referiu-se atenciosamente às alunas que a haviam homenageado.
e) Os portões serão fechados pontualmente às sete horas.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes indefinidos. Gabarito: **A**.

36. (Auxiliar Judiciário/TRF/ESAF) Quanto ao uso da crase, a frase errada é:
a) Refiro-me à isenção de imposto.
b) Ao viajar à Europa, cuidado para não ultrapassar a cota.
c) Tenho dúvidas à respeito de franquia.
d) Esta mercadoria é atentatória à ordem pública.
e) Dirigi-me à fiscal de plantão.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de palavras masculinas. Gabarito: **C**.

37. (Técnico Processual/MPU/ESAF) Indique a opção que completa corretamente as lacunas do trecho abaixo:
É comum vincular ____ criatividade ____ originalidade, ____ ruptura de padrões, ao desvio de modelos pré-estabelecidos. Supõe-se que a criatividade repousa sobre as manifestações não sujeitas _____ regras pessoais e próprias de manifestação.
a) a, à, à, a
b) à, a, a, à
c) à, à, à, a
d) a, à, a, à
e) a, a, a, a

1. O termo *criatividade* está exercendo a função de objeto direto do verbo vincular.
2. O verbo *vincular* rege ao objeto indireto, o substantivo feminino *originalidade* a preposição “a”.
3. O verbo *vincular* rege ao objeto indireto, o substantivo feminino *rupturas*, a preposição “a”.
4. A falta de concordância de número evidencia o emprego genérico do termo *regras*.

Gabarito: **A**.

38. (Técnico Processual/MPU/ESAF) Assinale o item em que o uso do sinal indicativo de crase é proibido.
a) Ele não se limitou à consulta, verdadeiramente interessante.
b) À ela não cabe fugir, desaparecer, pois nada fez que a estimagtize.
c) Athenaíde prefere recolher-se à casa, onde pode despegar-se de sua dor.
d) A conversa com o pai trouxe à Laura a lembrança de outra passagem.
e) Pôs-se à porta, como guarda de uma princesa imaginária.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes pessoais retos. Gabarito: **B**.

39. (Técnico do Tesouro Nacional/ESAF) Marque a letra cuja seqüência preenche corretamente, pela ordem de aparecimento, as lacunas do texto abaixo:
    O exame das propostas de reforma fiscal, _____ primeira abordagem, leva _____ conclusão de que _____ carga tributária continuará _____ incidir mais sobre salários e menos sobre lucros e grande fortunas.

    a) à, à, a, a
    b) à, a, à, a
    c) a, a, a, à
    d) a, à, a, a
    e) a, a, à, a

1. Adjunto adverbial cujo núcleo é um substantivo feminino.
2. O verbo levar rege ao substantivo feminino conclusão preposição a.
3. Não há crase, pois a carga tributária exerce função de sujeito do verbo continuar.

Gabarito: **A**.

40. (Técnico Judiciário/TRT/ESAF) Assinale a opção em que o uso da crase está incorreto.
    a) Os processos serão encaminhados à diretoria assim que os pareceres tenham sido submetidos à apreciação do chefe.
    b) Solicito à eminente Diretora a autorização a que tenho direito para participar do congresso.
    c) Exigiremos a presença das testemunhas durante a sessão de julgamento com vistas à garantir a justiça.
    d) Voltaremos a discutir as questões que se referem às conquistas sociais já asseguradas às mulheres trabalhadoras.
    e) O Ministro chegará às dezoito horas, abrirá a sessão e procederá à leitura dos pareceres.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos. Gabarito: **C**.

41. (Atendente Judiciário/TRT/ESAF) Assinale a opção que preenche corretamente, quanto ao emprego do sinal indicativo de crase, o texto a seguir.
    _____ dimensão da aventura acrescentamos _____ tecnologia do nosso século, mas falta _____ muitos de nós o gosto por inventar, falta _____ que inventa _____ ideologia do futuro.

    a) À, a, a, àquele, a
    b) A, à, a, àquele, à

c) À, a, à, àquele, a
d) A, a, à, àquele, a
e) À, a, à, aquele, à

1. *Acrescentar* rege ao objeto indireto, o substantivo feminino *dimensão*, a preposição "a".
2. *A tecnologia* exerce função de objeto direto do verbo *acrescentar*.
3. Não há crase, pois *muitos* não antecede artigo feminino.
4. O pronome *aquele* receberá acento grave ao se unir à preposição "a" regida pelo verbo *faltar*.
5. O verbo *inventar* é transitivo direto, portanto não haverá crase.

42. (Assistente/MPU/ESAF) Assinale o enunciado que apresenta erro no uso da crase.
    a) Os missionários dão origem à uma "cultura local" que se inicia pelo contato.
    b) É à curiosidade de entender a alma humana que devo meu amor aos índios.
    c) Sendo necessária à concepção do discurso, a história é dele inseparável.
    d) Este jogo de formações discursivas remete o texto à sua exterioridade.
    e) Assim podemos demonstrar que à contribuição das línguas indígenas se associa uma visão histórica.

Não se emprega acento indicativo de crase antes de artigos indefinidos. Gabarito: **A**.

43. (Técnico do Tesouro Nacional/ESAF) Preencha as lacunas da frase abaixo e assinale a alternativa correta:
    Comunicamos _____ V.Sª que encaminhamos _____ petição anexa _____ Divisão de Fiscalização que está apta _____ prestar _____ informações solicitadas.

    a) a, a, à, a, as
    b) à, a, à, a, às
    c) a, à, a, à, as
    d) à, à, a, à, às
    e) a, a, à, à, as

1. Determinados pronomes de tratamentos não admitem crase.
2. Trata-se apenas do artigo "a", pois *petição* é objeto direto do verbo *encaminhar*.
3. Haverá crase, pois o termo *anexo* rege preposição "a" e *divisão* é substantivo feminino.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
5. Não há preposição, pois *informações* é objeto direto do verbo *prestar*.

Gabarito: **A**.

44. (Auxiliar/Serviços Gerais/MPU/ESAF) Daqui _____ uma semana, conclui-se _____ fase de correção dos testes, e todos os candidatos terão direito _____ revisão de prova que acontecerá _____ 15 horas.
A opção que completa corretamente as lacunas da frase acima é:
a) à, a, à, às
b) a, à, à, as
c) a, à, a, as
d) a, a, à, às
e) à, a, a, às

1. Preposição "a" empregada como indicadora de tempo futuro.
2. Não haverá crase, pois *a fase de correção de testes* funciona como sujeito da oração.
3. O termo direito rege preposição a e revisão é substantivo feminino.
4. Deve-se empregar acento grave nas indicações de horas determinadas.

Gabarito: **D**.

45. (Analista de Finanças e Controle/ESAF) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas.

Para os desplugados, o Finnegan's Pub, localizado numa badalada esquina da noite paulistana, é um bar como outro qualquer. Luz de penumbra, música aos berros, gente de pé com copos na mão, ele tem uma diferença em relação _____ concorrência: um computador que dá aos seus fregueses acesso _____ Internet. Em torno da máquina aglomeram-se umas cinqüenta pessoas todas as noites. É muita gente para um computador só. Mas isso não impede que o bar, que começou _____ oferecer o serviço _____ nove meses, se apresente como o mais antigo cibercafé do Brasil. Não é o único. Há outros cinco bares espalhados por capitais brasileiras e um na cidade mineira de Juiz de Fora. A idéia de criar bares com terminais de computador ligados _____ Internet foi importada do Primeiro Mundo, onde eles começaram _____ surgir ______ de dois anos.

(Veja, 24/7/96)

a) à, a, a, há, a, a, há cerca
b) a, à, à, há, à, a, acerca
c) à, à, à, à, a, a, a cerca
d) à, à, a, há, à, a, há cerca
e) a, a, à, a, à, a, a cerca

1. A locução prepositiva *em relação a* será craseada ao antepor um substantivo feminino.
2. Haverá crase, pois *acesso* rege preposição "a" e *Internet* é um substantivo feminino.
3. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.

4. Verbo *haver* empregado como indicativo de tempo passado.
5. Há crase, pois o termo ligado rege preposição a e Internet é um substantivo feminino.
6. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
7. Expressão indicativa de tempo decorrido aproximado.

Gabarito: **D**.

46. (Analista de Finanças e Controle/ESAF) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas indicadas com (_____)

De uma forma mais genérica, _____ que substituir _____ imagem centralizada e que tende _____ uniformidade de indivíduo possuidor de alguns direitos e submetido ______ deveres igualmente abstratos, isto é, desligados das circunstâncias sociais e culturais reais, o que reduz a vida social _____ relações do indivíduo e do Estado, pela imagem invertida de uma relação _____ mais direta possível entre a identidade pessoal ou coletiva e o universo aberto da técnica, das redes de comunicações e dos mercados.

(Alain Touraine, Correio Braziliense, 9/8/97)

a) há, a, à, a, às, a
b) à, à, a, à, as, a
c) há, à, a, à, às, a
d) a, à, à, a, às, a
e) a, há, à, a, as, a

1. Verbo haver como auxiliar seguido de infinitivo. Equivale a ter.
2. Trata-se apenas do artigo a, pois substituir é um verbo transitivo direto.
3. Tender rege ao substantivo feminino uniformidade a preposição a.
4. Não se emprega acento indicativo de crase diante de nomes masculinos.
5. Reduzir rege ao substantivo feminino relações a preposição a.
6. Trata-se apenas do artigo que superlativa o advérbio mais.

Gabarito: **A**.

47. (Auditor de Tributos Municipais/Fortaleza-CE/ESAF) O nepotismo, o filhotismo, a lisonja, a corrupção e outros vícios foram sempre inseparáveis _____ critério de nomeação e promoções, em maior ou menor escala, nos diversos países. Quem ler a “Arte de Furtar”, escrita no século XVII, poderá colher impressões melancólicas sobre os costumes administrativos de Portugal, inevitavelmente transmitidos ao Brasil nos tempos coloniais. Em _____ período monárquico, _____ despeito do esforço moralizador de Pedro II e de alguns estadistas da época, os cargos públicos, ainda _____ de natureza estranha _____ política ou _____ imediata confiança dos governantes, era, de modo geral, a paga _____ dedicações partidárias ou pessoais. (Aliomar Baleeiro)

a) do, todo, à, que, à, a, pelas
b) do, todo o, a, quando, à, à, das
c) ao, cada, à, se, à, à, pelas
d) ao, todo o, à, que, à, à, às
e) do, qualquer, à, quando, a, a, a

1. O adjetivo *inseparável* rege preposição "de".
2. *Todo*, seguido de artigo, é um adjetivo que equivale a *inteiro*.
3. *A despeito de* é uma locução formada por palavra masculina.
4. As locuções *ainda que* e *ainda quando* seriam igualmente possíveis, pois ambas indicam valor de concessão.
5. O termo *estranho* rege preposição "a" e *política* é um substantivo feminino.
6. O termo *estranho* rege preposição "a" e *imediata* é um substantivo feminino.
7. O substantivo *paga*, ao se referir a *algo*, rege preposição "de".

Gabarito: **B**.

48. (Auditor Fiscal do Tesouro Nacional/ESAF) Indique a seqüência que preenche corretamente as lacunas.

Desde a Declaração de Direitos da ONU, em 1948, _____ expressão "direitos humanos" compreende pelo menos três tipos de direitos: a) os direitos e liberdades civis; b) direito de participação política por meio da escolha de representantes; e c) direitos econômicos e sociais. Essa última categoria de direitos humanos é _____ mais recente das três citadas e tem como exemplos o direito do trabalho, o direito _____ previdência social, o direito _____ uma renda mínima e o direito _____ educação entre outros.

(Marcus Faro de Castro, com adaptações)

a) à, à, a, a, à
b) a, à, a, à, à
c) a, a, à, à, a
d) a, a, à, à, à
e) a, a, à, a, à

1. Não ocorre crase, pois não se emprega preposições antes de sujeito.
2. Trata-se apenas do artigo que superlativa o advérbio.
3. O termo direito rege preposição a e previdência é um nome feminino.
4. Não há crase antes de artigo indefinido.
5. Direito rege preposição a e educação é um substantivo feminino.

Gabarito: **E**.

49. (Agente Administrativo/TCU/Cespe/Adaptada) Julgue os itens seguintes, com relação ao emprego do sinal indicativo de crase.
    1. Nas grandes cidades brasileiras a começar pelas duas maiores, mata-se praticamente como se tratasse de algo inerente à existência humana.
    2. Desde crianças, vemos mortes violentas às dúzias.
    3. Não somos bichos, somos cidadãos, e se não zelarmos até ferozmente pelos nossos direitos, dentro em breve não teremos mais direito nenhum, nem mesmo à vida.

    (Fragmentos de crônica de João Ubaldo Ribeiro, Manchete, 116/11/96)

    O emprego do sinal indicativo de crase encontra a mesma justificativa em:
    - a) nos itens 1 e 2
    - b) nos itens 2 e 3
    - c) nos itens 1, 2 e 3
    - d) nos itens 1 e 3
    - e) em nenhum dos itens.

A crase, na opção II, ocorreu por se tratar de uma locução de base feminina, ao passo que nos demais casos ocorreu por uma necessidade de regência nominal. Gabarito: **D**.

50. (Analista de Finanças e Controle Externo/Trib. de Contas da União/Cespe) Marque a opção em que o conjunto de palavras preenche adequadamente as lacunas.

Para muitas pessoas não-habituadas _____ lidar com as questões relativas _____ aplicação da lei penal, _____ agravação das penas é vista como uma forma de reduzir as taxas de criminalidade. Supõe-se que os criminosos se determinam _____ prática de atos anti-sociais estimulados pela leniência das sanções criminais. E, mais ainda, convencidos de que o quadro geral e amplo da impunidade servirá de manto protetor _____ suas investidas delituosas.

- a) à, à, à, a, às
- b) a, a, à, à, às
- c) a, a, à, à, as
- d) a, à, a, à, às
- e) à, à, a, à, às

1. Não se emprega acento indicativo de crase antes de verbos.
2. O termo relativas rege preposição a e aplicação é um substantivo feminino.
3. Trata-se apenas do artigo, pois não se emprega preposições antes de sujeito.
4. O verbo determinar rege ao substantivo feminino prática a preposição a.
5. O emprego do acento grave antes de pronomes possessivos é facultativo.

Gabarito: **D**.

51. (Analista de Finanças e Controle Externo/Cespe/TCU) Reconheça o par em que há emprego facultativo de acento indicador de crase.
   a) "Às vezes o afinador não ganha isso durante a viagem." / às claras
   b) "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições, ..." / desobedecer à instrução
   c) "Para atender ao serviço de estradas, à instrução, às eleições, ..." / atender à sua eleição.
   d) "Em frente à Câmara, agravando pelo som a sensação de calor ..." / em relação à votação
   e) Desconheço a resposta correta.

O verbo *atender* pode ser, facultativamente, transitivo direto ou indireto, e o emprego do acento indicativo de crase antes de pronomes possessivos é opcional. Gabarito: **C**.

52. (Nível Técnico/MPU/Cespe) Assinale a opção cujos elementos preenchem corretamente as lacunas do texto seguinte.

Vimos informar _____ V.Sª que durante os trabalhos da Comissão Especial seus integrantes estarão sujeitos _____ mesmas normas que regulamentam as diretrizes das outras e que _____ conclusões devem retornar _____ mesa do conselho no prazo estabelecido para serem analisadas e encaminhadas _____ todas as secretarias com a máxima urgência. O acesso aos resultados é liberado _____ quem possa interessar.

   a) à, às, as, a, a, à
   b) à, às, às, a, à, a
   c) a, as, às, à, à, a
   d) a, às, as, à, a, a
   e) a, às, às, à, a, à

1. Não se emprega acento indicativo de crase antes de certos pronomes de tratamento.
2. O termo *sujeito* rege preposição "a" que se unirá ao artigo feminino de *mesmas*.
3. Não há crase, pois *as conclusões* funciona como sujeito do verbo *retornar*.
4. O verbo *retornar* rege ao substantivo feminino *mesa*, a preposição "a".
5. Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes indefinidos.
6. Não se emprega acento indicativo de crase antes do pronome relativo *quem*.

Gabarito: **D**.

53. (Assistente Administrativo/Câmara dos Deputados) _____ liberdade _____ que _____ muito aspiras, _____ ela tornou-se possível mas _____ que eu desejava não tenho hoje mais aspirações.
    a) A, a, há, a, a
    b) A, a, há, à, a
    c) A, a, há, a, à
    d) A, à, há, a, à
    e) A, à, há, à, a

1. Trata-se apenas do artigo "a", pois não se emprega preposições antes de sujeito.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes do pronome relativo que.
3. Verbo *haver* empregado no sentido de tempo decorrido.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes pessoais.
5. Não se emprega acento indicativo de crase antes do conectivo que.

Gabarito: **C**.

54. (Assistente Administrativo/Câmara dos Deputados) Dada a oração "Apresentei-lhe à namorada",
    a) a crase se justifica pelo objeto indireto
    b) a crase incorre em agramaticalidade porque empregada com objeto direto
    c) a regência do verbo empregado exige a crase
    d) a crase está empregada para afastar ambigüidades semânticas
    e) a relação entre o objeto indireto e o direto é tal que torna compulsória a ocorrência da crase.

Como o pronome *lhe* sempre ocupa a função de objeto indireto, cabe ao termo *namorada* a função de complemento direto, e, portanto, não preposicionado, do verbo *apresentar*. Gabarito: **B**.

55. (Taquígrafo de Debates/Câmara dos Deputados) "Trata-se de alargar sua base filosófica de tal modo que as preocupações teleológicas não constituam obstáculo à fiel transcrição dos fenômenos."

    A crase ocorrida no fragmento acima é justificada:
    a) por exigência regencial e particularização do substantivo "FENÔMENOS", respectivamente.
    b) por exigência regencial e particularização do substantivo "TRANSCRIÇÃO", respectivamente.
    c) exclusivamente por exigência regencial.
    d) exclusivamente por particularização do substantivo "TRANSCRIÇÃO"
    e) pela ocorrência dos adjuntos adnominais "FIEL" e "DOS FENÔMENOS", simultaneamente

A crase se justifica pela união da preposição a regida pelo verbo *constituir* e do emprego de modo não específico, ou seja, precedido do artigo “a”, do termo *transcrição*. Gabarito: **B**.

56. (Taquígrafo de Debates/Câmara dos Deputados) “A matéria _____ que me refiro não é aquela _____ que Vossa Excelência se referiu concernente _____ diretrizes _____ critério das esferas superiores.”
    a) à, à, a, à
    b) a, à, a, à
    c) a, a, a, a
    d) à, a, a, a
    e) à, à, à, a

1. Não se emprega acento indicativo de crase antes do pronome relativo *que*.
2. Não se emprega acento indicativo de crase antes do pronome relativo *que*.
3. A falta de concordância de número evidencia o emprego genérico do termo *diretrizes*.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes de palavras masculina.

Gabarito: **C**.

57. (Taquígrafo de Debates/Câmara dos Deputados) “_____ pessoas mencionadas farei referência, considerando que _____ poucas horas dedicadas _____ discussão do tema impõem essa tarefa _____ nós e _____ irmanados pela consciência do dever.”
    a) As, a, à, a, aqueles
    b) As, há, à, a, aqueles
    c) Às, há, a, a, àqueles
    d) Às, as, à, a, àqueles
    e) As, as, à, a, àqueles

1. O verbo *fazer* rege ao substantivo feminino *pessoas* a preposição “a”.
2. Trata-se apenas do artigo, pois não se emprega preposições antes de sujeito.
3. O termo *dedicadas* rege preposição “a” e *discussão* é um substantivo feminino.
4. Não se emprega acento indicativo de crase antes de pronomes pessoais.
5. O pronome *aquele* será craseado ao se unir com a preposição “a” regida pelo verbo *impor*.

Gabarito: **D**.

58. (Taquígrafo Legislativo/Câmara dos Deputados) Assinale a alternativa INCORRETA.
    a) A arquitetura desta cidade é muito semelhante à que vimos na viagem a Veneza.
    b) Dirijo-me a Vossa Excelência a fim de solicitar-lhe apoio a mais antiga reivindicação desta cidade.

c) Para não sermos obrigados a renunciar a nossa liberdade, resistiremos a qualquer pressão.
d) Não se atribui à Sr.ª Ministra qualquer propensão a doenças cardíacas; apesar disso foi submetida a exercícios e a uma leve dieta.

"Dirijo-me a Vossa Excelência a fim de solicitar-lhe apoio à mais antiga reivindicação desta cidade." A preposição "a" regida pelo termo *apoio* se unirá ao artigo "a" que superlativa o advérbio *mais*. Gabarito: **B**.

59. (Taquígrafo Legislativo/Câmara dos Deputados) _____ beira do leito, assistiu _____ amiga, hora _____ hora, minuto _____ minuto, sempre _____ espera de um milagre.
    a) À, à, à, a, à
    b) A, a, a, a, à
    c) À, a, a, a, à
    d) À, a, à, à, à

1. Emprega-se o acento grave nas locuções formadas por palavras femininas.
2. O verbo *assistir*, quando no sentido de *ajudar*, é transitivo direto.
3. Não se emprega acento indicativo de crase quando entre palavras repetidas.
4. Não se emprega acento indicativo de crase quando entre palavras repetidas.
5. Emprega-se o acento grave nas locuções formadas por palavras femininas.

Gabarito: **C**.

60. (Taquígrafo Judiciário/STJ/Universidade de Brasília) Marque a opção que apresenta o emprego incorreto do acento grave indicativo de crase.
    a) O recurso falhou quanto à instruções contidas no RISTJ.
    b) Não procedeu à demonstração analítica das circunstâncias.
    c) Isto é imprescindível à caracterização do dissídio jurisprudencial.
    d) Não conheço do recurso pela pretendida violação à alínea c.
    e) Nego provimento à apelação.

A falta de concordância de número evidencia o emprego genérico do termo instruções. Gabarito: **A**.

Capítulo 14 – Sintaxe

1 Sintaxe do período simples

Introdução

Algumas comparações

1.1 Frase & Oração / Sintaxe & Semântica

Não há, como vimos, quando ocorre análise sintática, divórcio entre a investigação semântica (ou significativa) e a lógica (ou puramente gramatical), que devem andar de mãos dadas a todo o instante, pois que conducentes, ambas, à depreensão total do significado da unidade que se teve em mente decompor. Naturalmente cada um desses dois ramos da Gramática há de poder delimitar seu "território de ação"; a fronteira que os separa não é, porém, tão clara ou evidente quanto querem muitos – o que amplia a necessidade de minúcia e atenção nos estudos de análise sintática.

Na verdade, entender uma frase é ter-lhe, de uma forma ou de outra (e em geral é esta forma inconsciente), decomposto a urdidura, tornando-a naquela dicotomia a que nos referimos mais de uma vez: 1) o ponto de partida básico da enunciação, ainda que "vagamente concebido" (cf. Mattoso) – mais uma vez, o *sujeito* desta – e 2) a informação nova que se dá acerca daquele ponto de partida – o *predicado*, portanto. Assim, estabelecer-se-á um *nexo* entre esses dois termos, cujo desmembramento mental – que se faz sistemático, repetimos, ainda que inconsciente – permite-nos conhecer a intenção havida por detrás daquelas informações ou raciocínios, que, com efeito, uma vez sem a *síntese* (por parte do falante) e a *análise* (por parte do ouvinte), haveriam de permanecer tão só um como emaranhado de conceitos não concatenados entre si, e, dessa maneira, inúteis de todo.

É muito importante, assim, que não nos atenhamos apenas à análise lógica de um enunciado, na medida em que esse tipo de análise não parece responder senão à necessidade percebida de esmiuçar estruturas comunicativas demasiado complexas – mas sempre com o fito de compreender-lhes o sentido final, a inteligência –, o que nos faria recair em primeira instância sobre a importância da análise semântica.

Quer isso dizer que vêm sendo impingidas formas de ensino de análise sintática como que na contramão de seu real escopo: partir-se da análise lógica em direção à semântica seria algo como tentar "entender", visualizar um quadro ou um grande mosaico através da perquirição exaustiva de suas linhas ou de suas pequenas pedras, que, sem dúvida, a nos terem despertado interesse, – de que é prova sobretudo o estarmos investigando-o, – terá sido isto, antes do mais,

pela beleza que dimana da *distância* com que os enfocamos, assim o quadro como o mosaico – e, naturalmente, a própria frase. O que significa dizer que a complexidade semântica é que nos deverá ter feito partir em busca de subunidades lógico-sintáticas; e não o contrário.

Por fim, consideramos que, de fato, estruturas haverá que, posto que perfeitamente comunicativas, isto é, tendo conseguido exprimir de forma integral um pensamento, hão de continuar inanalisáveis do parâmetro lógico, sem que nos venha isso a causar tamanho incômodo a ponto de termos de, presumivelmente, inventar – como que rípios enchendo a métrica de um verso descompassado – terminologias sobremaneira pirotécnicas, a fim de ajustá-las, aquelas estruturas "ilógicas", a uma "obrigatória" análise lógica, que, repetimos, pode nem sequer haver ou ter havido, quer nos refiramos à sua existência, quer, mais profundamente, à própria necessidade de supostamente existir.

É esse, para darmos um exemplo, o caso das indicações (cf. Brunot), também chamadas de frases indicativas, como os pregões dos vendeiros ("Peixeiro!" *apud* Rocha Lima), as placas com indicação de preços nos supermercados, ou mesmo as ordens do tipo "Fora!", "Rua!", "P(a)ra dentro!" ("Fogo! Parada de ônibus" *apud* Bechara) etc., além de muitas interjeições (ou, expressivamente, *palavras-frase*, *mot-phrase*, *monorrema* etc.), sem falarmos nos anacolutos e nas falsas zeugmas e elipses que se quer, amiúde, como que enfiar frase adentro, matando-as ou adulterando-as, muito como se precisássemos de tantos subterfúgios para compreender a complexidade dessas frases "rebeldes"...

(Quanto à entoação e à pontuação gráfica, q.v. nosso capítulo "Pontuação gráfica: língua falada *versus* língua escrita".)

Assim, não se analisará, por muito que se tente, do ponto de vista lógico, frases que tais:

"Que eu, se tenho nos olhos malferidos,
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos." (Machado de Assis)

"Porque o escrever – tanta perícia,
Tanta requer,
Que ofício tal... nem há notícia
De outro qualquer" (Olavo Bilac, *apud* Gladstone Chaves de Melo)

"Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremer dele Netuno de medroso" (Camões, *Lus*., II, 47, *apud* Epifânio da Silva Dias)

"Para mim, cá da terra, embaixo, eu os verei e os sentirei ainda palpitar para sempre sobre a minh'alma." (Cruz e Sousa)

“Tu, para a teres, como eu sempre a tinha,
num triunfo imortal, quase divino,
de gládio que o valor maior continha;
É necessário um grande ardor leonino (...)” (Cruz e Sousa)

“Mas o Rei vendo a estranha lealdade,
Mais pode em fim, que a ira, a piedade.” (Camões, *Lus*., III, 40)

“Mas o ar tem limites:
Tu, quem te pode limitar?” (Manuel Bandeira)

E a recriar, com engenho, a fala coloquial, distensa, alheia de certo modo à norma culta, registro em que também se nota patente o anacoluto:

“Mas com o Nicolau não havia reza que fizesse ele levantar.” (Dias Gomes)
“Abecê em versos, ficava bonito...” (Dias Gomes)
“O relógio da parede eu estou acostumado com ele (...)” (Rubem Braga)
“O retrato de nossa irmã você fica com ele também (...)” (Rubem Braga)

Além da própria estrutura da frase com reticências, que constituem, estas últimas, pontuação gráfica cujo objetivo é dar entoação ascendente (ou suspensiva), – o que caracteriza as pausas *inconclusas*, – a um complexo comunicativo já *concluso*, quer o tenha sido intencionalmente (como, por exemplo, nos anacolutos, de que temos como exemplos as orações aludidas há pouco), quer acidentalmente (como as interrupções do discurso, ou bem alheias ou bem do próprio falante que necessite parar para refazer os caminhos com que supõe ser melhor a expressão de uma sua ideia) (q.v. nosso capítulo de pontuação gráfica).

“– Atolado;... as esporas;... um laço!...” (S. Lopes Neto)
“A luta!... Horror!... Confusão!...” (Castro Alves)
“Nós dois... e, entre nós dois, implacável e forte,
A arredar-me de ti, cada vez mais, a morte...” (Olavo Bilac *apud* Rocha Lima)

Não se trata aqui, notoriamente, de se proceder a inventário de estruturas anacolúticas ou interrompidas por qualquer razão, sejam elas quais forem. Muito em vez disso, não quisemos senão mostrar, parca e humildemente, o quanto se poderão angariar meios de expressão distantes do que têm alguns gramáticos na conta da mais pura, lógica e escorreita conduta linguística, que se deveria, comportada, conivente e cheia de aquiescência, dobrar diante da possibilidade de análise puramente sintática – o que nem sempre, como queríamos demonstrar, ocorre.

Consideramos, por fim, mas sem qualquer intento de esgotar aí o assunto, que a utilização do "que" como relativo universal, uma vez substituindo pronomes relativos tais como "cujo", "de que", "em que", "em quem" etc., poderá constituir, também, caso de anacoluto. Nesses casos, mais frequentes na linguagem coloquial, porém não desta exclusivos, o pronome relativo deixará de ter função sintática, restando-lhe tão somente (o que lhe é de valor mais nítido) a função *semântica* de retomar o termo antecedente, o qual, uma vez ratificado, deixará fluir a frase.

"A visita na casa que a gente sentava no sofá*." (Oswald de Andrade)
*Assim: "em cujo sofá a gente sentava" = "A gente sentava no sofá da casa".

"Não havemos ser como meninos de teta, que* para a mãi os ensinar a darem alguma cousa, lhes pega dos bracinhos e abre os dedos, nem como maus pagadores, que** sem sacador ou vara de justiça, nada se cobra deles." (Bern. *apud* Said Ali, MEAS, 22)
* Assim: "a quem, para a mãi os (obj. dir. pleon.) ensinar (...)"
** Assim: "de quem, sem sacador ou vara de justiça, nada se cobra."

"Era homem que* ninguém dava nada por ele e não tinha medo de coisa nenhuma." (José Lins do Rego)
*Assim: "por quem ninguém dava nada."

"Uma tristeza que* eu, mudo,
fico nela meditando." (Cruz e Sousa)
*Assim: "em que eu, mudo (...)"

"Calou-se um instante, como a ave que* a asa
fechou no voar já quase que abatida,
caindo exausta junto à moita rasa." (Cruz e Sousa)
*Assim: "a ave cuja asa."

"Já sabia que aquilo ia acabar mal, minha filha está farta de sofrer, o sem vergonha do marido não tem rapariga na rua do Baturité que* ele não gaste com ela (...)" (Raquel de Queirós)
*Assim: "com quem ele não gaste."

Em importante e concisa obra, Fernando Tarallo (*A Pesquisa Sociolinguística*, 6. ed., Ed. Ática, Série Princípios, São Paulo, 1999, p. 55) aponta, em sugestão para teste sociolinguístico de campo, a terminologia "relativas-padrão" (para o emprego correto dos pronomes relativos, isto é, com as devidas preposições exigidas pelos verbos das orações adjetivas), e "relativas não-padrão", subdivididas, estas últimas, em relativas com "pronome-lembrete" e "cortadoras". Por muito relevante que é seu trabalho, o expomos resumidamente

abaixo (lembramos apenas que se trata de âmbito da sociolinguística, não havendo peremptoriedade, portanto, da norma culta sobre a linguagem coloquial, o que atrapalharia sobremodo a detecção científica dos fenômenos puros da linguagem):

Relativas padrão

Eu tenho uma amiga *que é ótima*.
Eu tenho uma amiga *que você conhece.*
Eu tenho uma amiga com quem ele se encontrou no Rio.
Eu tenho uma amiga cujo marido se mudou para o Rio.

Relativas não padrão.

1. Pronome-lembrete

Eu tenho uma amiga que ela é ótima.
Eu tenho uma amiga que você conhece ela.
Eu tenho uma amiga que ele se encontrou com ela no Rio.
Eu tenho uma amiga que o marido dela se mudou para o Rio.

2. Cortadora

Eu tenho uma amiga que ele se encontrou no Rio.
Eu tenho uma amiga que o marido se mudou para o Rio.

Passamos, ainda assim, a um breve estudo das partes mais recorrentes dentro da lógica semântico-funcional de uma frase, a estrutura de comunicação por natureza, que, em última análise, não deixa de ser.

Observação 1:

No entanto, devemos lembrar que mesmo a pesquisa sociolinguística parte da norma culta como parâmetro das mais diferentes investigações a que procede. Assim, por exemplo, ao inferir variantes estigmatizadas ou de prestígio, deverá atentar com a norma culta, em cotejo com outro tipo de norma estabelecido, a fim de promover a distinção necessária a suas conclusões. Repare-se, contudo, que a norma culta não será necessariamente a chancela de prestígio, pois casos haverá, o que foi já de há muito comprovado por tais pesquisas, em que o distanciamento daquela norma, que é, em sua essência, conservadora, revelaria um registro diastrático considerado superior. Foi a conclusão exposta por Labov em seu estudo investigativo na ilha de Martha’s Vineyard (Massachusetts), em que os turistas, trazendo a pronúncia do inglês padrão (que, por ser elemento alóctone, passa a ser considerado como variante inovadora), fomentaram o apego dos nativos da ilha à forma não culta, isto é, fê-los

recorrer à variante distanciada da norma culta (da pronúncia padrão) para que se mantivessem "ilesos" da influência a eles estranha, importada pelos turistas.

Tal observação mostra a importância da manutenção da norma culta, além de sua própria relatividade, fator que, a propósito, ajuda a mantê-la necessária, como dissemos.

Lembramos que a sintaxe do período composto costuma agrupar os termos da seguinte maneira:

Termos essenciais: sujeito e predicado

Termos integrantes: complementos verbais (objetos direto e indireto) e complemento nominal

Termos acessórios: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto

Termo independente: vocativo

A partir de agora, partimos à análise um pouco mais aprofundada de termos cuja relevância é notória:

1.2 Do sujeito

Do ponto de vista da *significação* geral do enunciado, o sujeito é o ser ou a coisa de quem, ou de que, se declara algo – uma ação, estado e/ou qualidade –, podendo tal declaração ser negativa ou afirmativa.

Repare-se em que estamos, ainda, apenas na vertente do *dictum* da frase; o seu *modus*, sobremaneira passível de inúmeros desmembramentos, dependentes até mesmo do modo em que se emprega o verbo, além do próprio lexema de tal verbo – volitivo, optativo, dubitativo, assertivo, hipotético –, não poderia, por isso mesmo, ser aqui vislumbrado. Fizemo-lo em nosso capítulo de verbos.

Do ponto de vista da *morfossintaxe*, podemos afirmar ser o sujeito o termo da oração o qual possui natureza substantiva, isto é, aquele expresso por substantivo ou por um sucedâneo deste (um pronome ou numeral substantivo, por exemplo), incluindo-se aqui os vocábulos originariamente pertencentes a quaisquer outras classes (verbos, advérbios, adjetivos etc.), os quais, por processo de derivação imprópria (conversão), assumem a *função* própria de um substantivo, como é, por exemplo, a do sujeito.

Os núcleos do sujeito, caso seja este *composto* (como o veremos um pouco abaixo), serão, dessa forma, sempre substantivos, geralmente coordenados entre si, ainda que restringidos, especificados, modificados ou especializados por artigos, pronomes, locuções adjetivas, numerais ou simplesmente adjetivos (ou ainda substantivos com função adjetival) juntos a cada um deles. Tais classes poderão vir na função sintática de adjunto adnominal ou de predicativo do sujeito. Neste mesmo enfoque, o da morfossintaxe, podemos dizer, por fim, que o sujeito é o membro da oração eminentemente determinador das concordâncias verbal e nominal (quanto a seus adjuntos adnominais ou ao predicativo do sujeito).

Observação 1:

Poucos são os casos em que a sintaxe admite concordância do verbo da oração com outros termos que não o sujeito. Isto ocorre em frases do tipo 1) *São três horas,* em que, embora sem sujeito, a oração faz o verbo concordar, por atração, com o numeral indicador do predicativo; ou 2) "*Mostrando, enfim, que tudo são mistérios*" (Camões, *O desconcerto do mundo*), em que ocorre a mesma atração do exemplo anterior, embora haja, neste de agora, sujeito ("*tudo*"). Aqui, a atração se explica por ser o termo "três horas" um predicativo, função ocorrida graças ao fato de ser o verbo da oração (cf. "ser") um verbo de ligação, ainda que impessoal. No caso dos outros verbos impessoais, como "haver" (="existir"), "fazer" (indicador de tempo passado) etc., não se justificaria uma concordância atrativa, pois que, neles, há objeto direto, e não predicativo: ora, é com o predicativo que ocorrem as concessões (concordância atrativa) a que aludíamos, não com os objetos. Por isso é um equívoco grande a tentativa de justificarmos frases como *"*Haviam* três horas" ou *"*Fazem* três horas", erradas do parâmetro da norma culta, com base em outras como "*São* três horas", esta última correta, pois predicações verbais distintas acarretam construções distintas, implicando – como não poderia ser de outra forma – análises igualmente distintas.

Por ser a ordem direta o que melhor canaliza a atenção do falante e do ouvinte ao desbarate da sequência mais natural sujeito – predicado (este último: verbo–complementos–acessórios), é comum que se cometa o equívoco de encarar-se um sujeito deslocado como se fosse objeto direto de um possível verbo impessoal e transitivo direto; é este o erro (e sua explicação) em estruturas do tipo:

**Faltou três alunos.*

**Cabe eu aí?*

**Entrou duas pessoas*. –

em que os sujeitos ("três alunos", "eu" e "duas pessoas") são vistos, dada a posição que ocupam na frase, como objetos diretos, não como sujeitos, conquanto o sejam, frise-se, do parâmetro sintático.

Esse equívoco pode-se dizer que seria ainda mais evidenciado, ou ainda mais cometido, se, antes do sujeito invertido, se tivesse posto uma palavra denotativa (de exclusão ou de inclusão), do tipo das seguintes:

**Restou <u>apenas</u> três pessoas* (excl.).

**Falou <u>só</u> duas alunas.* (excl.).

**Ficou <u>inclusive</u> as duas pessoas.* (incl.)

Nelas, parece haver uma atração intuitiva com a palavra que denota inclusão ou exclusão. Ocorre que tais palavras, por poderem servir igualmente a substantivos singulares (cf.: *só uma pessoa*, *apenas uma pessoa* etc.), parece promover espécie de neutralização, na concordância, entre essas duas características em princípio fundamentais à índole do português: o singular e o plural.

Carlos Drummond de Andrade, ao recriar a fala de alguém do povo, alguém humilde e sem instrução gramatical, assim o fez:

"– Areia Branca. Lá é minha terra. Tou querendo voltar, *falta* só 27 cruzeiros..."

Observação 2:

Naturalmente, a silepse exerce frequentemente desvios também quanto à concordância nominal lógica com relação ao sujeito e a esses outros membros de que falamos. Aliás, como há flexibilidade de concordância verbal, sobretudo se vem o verbo anteposto ao sujeito, acaba sendo o sujeito, *em comunhão com o verbo* (sobretudo no que tange à posição deste no corpo da frase), o responsável, também, pela concordância dos adjetivos mesmo em função de predicativo do *objeto* (também em função da posição deste).

Assim:

Verbo posposto:

1. A vila e o campo *estavam* sem ninguém.

CONCORDÂNCIA LÓGICA
(Aqui, a única admissível.)

Verbo anteposto:

1. *Estavam* a vila e o campo sem ninguém.

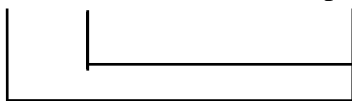
CONCORDÂNCIA LÓGICA

ou

2. *Estava* a vila e o campo sem ninguém.

CONCORDÂNCIA ATRATIVA

Mas também:

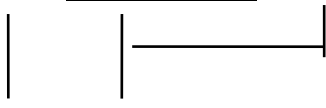
1. *Estavam desertos* a vila e o campo.

CONCORDÂNCIA LÓGICA (*VERBAL E NOMINAL*)

ou

2. *Estava deserta* a vila e o campo.

CONCORDÂNCIA ATRATIVA (*VERBAL E NOMINAL*)

Pred. do objeto posposto:

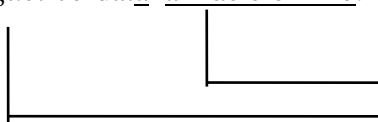
1. *Julguei* a mãe e o filho cordatos.

CONCORDÂNCIA LÓGICA (*NOMINAL*)
(Aqui, a única admissível.)

Pred. do objeto anteposto:

1. *Julguei* cordatos a mãe e o filho.

CONCORDÂNCIA LÓGICA (*NOMINAL*)

ou

2. *Julguei* cordata a mãe e o filho.

CONCORDÂNCIA ATRATIVA (*NOMINAL*)

E assim por diante.

Observação 3:

Ordem direta

Considera-se *ordem direta*, – com efeito, a de mais fluência e naturalidade junto aos falantes, – aquela em que vem o sujeito no rosto (i. é., no princípio) da oração, após o qual seguem o *verbo* (que, quando *significativo* – ou *nocional*, ou, como quer Epifânio da Silva Dias, de *significação definida* –, é o núcleo do sintagma verbal – constituinte do predicado), *complementos* (do verbo ou do nome) e os *adjuntos adverbiais*:

Em esquema:

SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS + ADJUNTOS ADVERBIAIS

Pedro viu dois pássaros brancos ontem de manhã.

A inversão da ordem do sintagma é figura de linguagem denominada hipérbato. Se lidamos com o sintagma nominal, esta inversão é denominada anástrofe. Muitas outras são as figuras calcadas em inversões. Havemos, entretanto, de ter cautela ao analisarmos a própria língua falada, em que poderá ocorrer, também, sobretudo em ditos e provérbios populares (por fossilização), frases e expressões inteiras em ordem inversa: Quem com ferro fere *com ferro será ferido*.

A própria literatura atesta, em personagens distensos, a inversão em caráter oral, coloquial:

"E limpa o sangue, desanuvia a cabeça... Pois *eu muito necessitado ando* de desanuviar a cabeça!..." (Eça de Queirós)

Como bem o sabemos, oferece o português inúmeras possibilidades, estilísticas em geral (mas nem sempre, porquanto pertencentes amiúde ao campo ainda da mera *representação*, sem implicações maiores de *apelo* ou *manifestação psíquica*), de modificação desse mecanismo regular de comportamento sintático, sendo especialmente flexível o adjunto adverbial, que se desloca com extrema fluidez pelo corpo da frase.

"Nasceram – crianças lindas,

Viveram – moças gentis…” (Castro Alves)

Neste trecho de Fernando Sabino, o objeto direto deslocado lhe oferece grande ênfase:

> “*Ar de empregada ela não tinha*: era uma velha mirrada, muito bem arranjadinha, mangas compridas, cabelos em bandó num vago ar de camafeu – e usava mesmo um, fechando-lhe o vestido ao pescoço.”

Sabemos, contudo, da importância, não raro, de se obedecer à ordem direta a fim de que se evidencie a diferença entre sujeito e objeto direto, na medida em que são, ambos, termos cujo núcleo é um substantivo não preposicionado.

Apenas devemos ter em mente que tal ordem direta, como a descrevemos (suj. + verbo etc.), o será para frases na voz ativa ou reflexiva (chegando a constituir, de fato, o morfema de posição, em que se diferencia um sujeito de um objeto direto: q.v. nosso capítulo de objetos diretos, em especial o item dos preposicionais). Na voz passiva sintética, por exemplo, apresenta-se estrutura de ordem direta inteiramente nova:

V(td) + “SE” + SUJEITO
Compraram-se duas casas.
VTD SUJEITO

Dessa forma, não é aquela estrutura apresentada no início a única de que dispõe a língua.
“Viam-se apenas os tetos irregulares das casas.” (Clarice Lispector)

Ainda assim, a própria voz passiva sintética não desconhece de todo a ordem direta por assim dizer preferencial da língua (suj. + verbo etc.), embora não seja esta a de preferência da índole do português no caso específico desta voz. Assim leciona Rocha Lima:

> A índole da língua portuguesa inclina para a posposição desse sujeito ao verbo; aponta-se por menos comum a sua presença antes do verbo, assim como vir ele representado por ser animado.
> Eis documentação literária de um e outro caso, na linguagem modelar de Machado de Assis:
> “Sentei-me, enquanto Cecília, calada, fazia estalar as unhas.
> Seguiram-se alguns minutos de pausa.”
> “Fizeram-se finalmente as partilhas, mas nós estávamos brigados”
> “Não se perdem cinco contos, como se perde um lenço de tabaco. Cinco contos levam-se com trinta mil sentidos.”
> “Há ingratos, mas os ingratos demitem-se, prendem-se, perseguem-se.”
> Nas variadas situações que se apresentam nos exemplos citados, o sujeito é sempre o paciente da ação verbal –, o que caracteriza a voz passiva. (Grifos nossos)

Quanto a haver, junto ao verbo, próclise, ênclise ou mesóclise, é o assunto da alçada também da topologia pronominal, seguindo normalmente suas conclusões. Por isso, terá havido próclise no seguinte trecho, mercê da deslocação do adjunto adverbial:

> "Às vezes *se* encontra cascavel morta junto da pedra, às vezes um preá." (Raquel de Queirós)

1.2.1 Sujeito determinado simples / composto

O sujeito pode ser, em relação à quantidade de substantivos nucleares de que é formado, *simples* (apenas um substantivo nuclear) ou *composto* (mais de um). Assim, em:

Dois homens altos chegaram cedo – temos sujeito simples, cujo núcleo é "homens";

e em:

Dois homens altos e três mulheres elegantes chegaram cedo – temos sujeito composto, de núcleos "homens" e "mulheres", coordenados (aditivamente) entre si.

Pode o sujeito, ainda, ser 1) *determinado* – quando explícita ou implicitamente (elíptico) expresso na oração – ou 2) *indeterminado* – se, por intermédio de certas condutas sintáticas (como as veremos abaixo), não tivermos havido por bem identificá-lo (já se perceba que é um critério de classificação que une a semântica à sintaxe; estaremos nos aprofundando à frente).

1.2.2 Sujeito indeterminado

Trata-se de terminologia ligada primacialmente à *sintaxe*, não se devendo confundir, aqui, questões meramente semânticas, conforme estaremos discutindo. O sujeito *indeterminado* conta, na língua, com, basicamente, *dois* subterfúgios, quais sejam:

→ O emprego do verbo na 3ª pessoa do plural, sem que haja, junto a tal verbo, pronomes ou substantivos naquela pessoa, e *sem que, igualmente, tenha havido, em contiguidade, referência a isso*.

Exemplos:

Viram-me ontem.
Roubaram-nos.
"Ah! por que monstruosíssimo motivo
Prenderam para sempre, nesta rede,
Dentro do ângulo diedro da parede,
A alma do homem polígamo e lascivo?!" (Augusto dos Anjos)

Observação:

Por isso, naturalmente não deverão ser considerados exemplos de sujeito indeterminado em frases que tais:

"Já toda a gente estava indignada. *Queriam ouvir*." (M. Toga)

"O conselho se reuniu, e *decidiram recomeçar a guerra*." (B. Guimarães) –,

pois que se sente nitidamente a silepse de número, sendo os sujeitos determinados e simples ("toda a gente" e "o conselho").

→ O emprego da 3ª pessoa do singular – *sempre* esta – com a partícula *se*, junta a verbos (a) *intransitivos*, (b) *transitivos indiretos* ou (c) *de ligação*:

a) *Foi*-se à casa de João ("ir").
b) *Precisa*-se de pessoas capazes.
c) *Foi*-se feliz naquele tempo ("ser").

Observação:

Como sabemos, o verbo transitivo poderá apresentar emprego intransitivo. Se isso ocorre, deve-se considerar a oração em que está, uma vez que se lhe tenha juntado a partícula "se", como oração com sujeito indeterminado.

Exemplos:

Bebeu-se (durante) a noite toda. (verbo "beber" intransitivo)

"Depois <u>cantou</u>-*se* e <u>tocou</u>-*se* ainda." (Machado de Assis)

"Por mais perto que *se* <u>esteja</u>, tudo aqui é visto de longe." (Clarice Lispector)

"<u>Assistia</u>-*se* a mortes estúpidas e ferozes..." (Ferreira Gullar)

Advertência: sujeitos indefinidos ou semanticamente indeterminados

Na língua coloquial, contudo – mas também na literária, sobretudo em recriações da língua coloquial –, muitos outros são os modos de se *indeterminar* um sujeito, ou de se *indefinir* este, prescindindo-se da sintaxe em prol da semântica, que passa, esta, a abarcar aquela. Tais sujeitos, não sendo exclusivos daquela língua a que aludíamos (a coloquial), encontra nesta, não obstante, sua mais fecunda área de proliferação. Podemos chamar a esse tipo de sujeito de "sujeito indefinido", traçando, com certa eficácia, assim nos parece, uma salutar distinção entre o expediente sintático e o semântico. Outra terminologia adequada seria "sujeito semântico indeterminado".

Bechara (*Lições de Português pela Análise Sintática*, ed. de 1985, p. 28, nota de rodapé) faz menção aos sujeitos "*A gente* vive bem aqui" e "*Alguém* precisa de empregados", e assim se põe:

> Com esses outros indefinidos, não há propriamente sujeito indeterminado, pois que não existe referência à massa humana indiferenciada, traço fundamental à noção de indeterminação do sujeito. (Grifos nossos).

Dessa forma, seriam casos de sujeito indefinido, ou de sujeito semântico indeterminado, pelo parâmetro da língua falada, objeto precursor da gramática normativa, construções do tipo:

1. Vende-se casas (por vendem-se casas)
2. Diz (por Dizem) que ficou dois meses de cama.
3. A gente trabalha uma vida toda para isso...
4. Você / a pessoa / o sujeito trabalha a vida toda e consegue tão pouco...

Observação 1:

A respeito dessas duas construções, trazemos exemplos da literatura:

"Muito bom é *a gente* achar bonito revoltoso, mas muito diferente é ver a soldadesca matar a tiro as vacas do curral, carnear os reprodutores de raça, saquear os paióis, como *diz* que eles faziam por todo lugar onde andavam." (Raquel de Queirós)

"— *Diz* que anda sempre com uma luva na mão direita, não tira nunca a luva dessa mão, nem dentro de casa." (Lygia Fagundes Telles)

"— Na mão direita. *Diz* que tem dúzias de luva, cada qual de uma cor, combinando com o vestido." (Lygia Fagundes Telles)

"— Já amanhece com ela. *Diz* que teve um acidente com essa mão, deve ter ficado algum defeito." (Lygia Fagundes Telles)

Neste passo de Peregrino Júnior (*A cunhatã*, in *Matupã*), ao recriar a fala do Amazonas, assim o faz:

"— É o pássaro mal-assombrado que livra as donzelas das artes do boto.
— E livra mesmo, mulher?
— *Dizque*!"

E, em comentário de Ivan Cavalcanti Proença, lê-se:

O dizque, *os* disse-me-disseram, *o* diz-que-diz, *o* disse-me-disse, *etc.*, *que os modernistas passaram a usar em sua prosa urbana. Aqui, na fala das gentes interioranas.*

Ainda colacionamos, da pena de Stanislaw Ponte Preta:

“ Diz que era uma vez um camarada que abotoou o paletó.”

Observação 2:

Não consideramos que seja este último exemplo (e bem poderemos estender tal comentário ao exemplo imediatamente acima deste) correspondente de construções com pronome indefinido ou locução pronominal indefinida, o que caracterizaria um sujeito determinado. Consideramos, antes, e levados por aquilo a que atribuímos importância – qual seja a semântica da frase –, ser este exemplo correspondente a frases do tipo *Vai-se em pé...*, em que há similaridade com a letra a) do parágrafo acima (*Foi-se à casa de João*), ou, ainda, a frases como *Há quem vá em pé...*, apresentando, assim, proximidade até com uma oração *sem sujeito*, como o foi este último exemplo.

Há em francês o elemento *on*, algo que faz do sujeito igualmente um ser indeterminado: *On y va.* O português antigo possuía a mesma palavra, além de outras com igual função, como *omen* etc., substituídas por outras, como as que apontamos acima, ou como, em certos casos, a expressão *a gente.* O alemão possui *Man*, de igual objetivo significativo – indeterminador.

Assim, muitas são as formas de o falante, criativo que é, destituir sua frase de um sujeito explicitamente determinado, deixando-o indefinido.

Observação 3:

A propósito das orações em que há sujeito expresso por pronome indefinido (ou por locução pronominal indefinida), alguns autores as considerarão orações com sujeito indefinido. Assim se colocam, entre outros, Walmírio Macedo (GLP, Rio de Janeiro, Presença, 1991, 265) e Gladstone Chaves de Melo (NMAS, p. 40). Este último propõe a seguinte doutrina: “O que torna indeterminado o sujeito é a intenção ou a situação do falante, que não sabe ou não quer individuar, precisar, apontar o agente, o autor da ação ou da façanha: ‘Quebraram a compoteira!’ (...) em ‘Alguém falou!’, por exemplo, materialmente ‘alguém’ é um sujeito, cuja expressão nada adianta à ideia (...)”. Em suas *Novas lições de análise sintática*, Adriano da Gama Kury vem a apresentar réplica ao que diz Gladstone a esse respeito: “Autores há que apontam como caso de sujeito indeterminado o que é constituído materialmente por pronomes indefinidos ‘que nada esclarecem quanto à identidade do agente

(ou do paciente, na voz passiva)' (G. C. de Melo, *NMAS*, 42), numa aproximação natural entre os conceitos de 'indeterminado' e 'indefinido', numa análise antes lógica do que sintática" (p. 24).

Estamos mais propenso a endossar o que assinala Gama Kury, entendendo, não obstante, que a primeira análise de uma oração parte, na verdade, do ponto de vista *semântico*, depois do qual, só então, se vai ao *sintático*. O próprio Gama Kury parece abonar esse pensamento ao utilizar a terminologia (com seu conceito inerente) "oração complexa" (que estaremos averiguando na análise das orações do período composto), em que parece querer fazer, ainda que sutilmente, coincidir o conceito de frase com o de oração, ou, em última análise, o de termo com o de oração (por exemplo, em complexos com oração adjetiva no valor de adjunto adnominal, por isso considerada mero adjunto de um sujeito oracional complexo; mostraremos o caso no nosso capítulo do período composto).

Estivemos (no item B acima, e em sua subsequente observação, a de número 3) arrolando alguns outros casos em que o falante deixa impreciso ou indefinido (ou indeterminado) o sujeito, dando, a seu interlocutor, uma noção vaga acerca de quem quer que tenha operado a "façanha", por ser, esta sim, de importância peremptória à completude da mensagem; sabemos ser essa a mola também da voz passiva, tanto da analítica, em que o agente da passiva se faz *desnecessário* (lembramos que na sintética tal termo estará *excluído*), quanto da sintética (tão próxima, com efeito, sobretudo para o falante sem conhecimento da norma, do *sujeito indeterminado*; isto o que explica giros anômalos como: **Vende-se casas*, conforme dissemos um pouco acima, no item 2, subitem B). Leia o interessado o que diz Martinz Aguiar (*apud* Bechara, MGP, p. 255): "A construção reflexiva – di-lo Bechara – teve um destino importante em nossa língua; a evolução do *reflexivo* → *passivo* → *indeterminador* foi traçada pelo filólogo patrício Martinz Aguiar."

De nossa parte, fizemos modesto estudo sobre aquela evolução, num outro ponto desta nossa gramática, bastando, ora, a circunstância de ter havido, como o salientou Bechara, a *evolução* a que havíamos feito referência há pouco, evolução esta que se faz patente ainda, sobrevivendo na operação mental pura do falante não normativo –, que, sempre, e em tantos pontos, nos vem esclarecer.

Observação 4:

A prova sintática, não apenas semântica, da presença de sujeito efetivamente indeterminado (e não apenas indefinido, frisamos) com verbo na 3ª pessoa *do singular* está nas construções com "auxiliar" causativo ou sensitivo, em que o sujeito do verbo infinitivo poderá ser omitido, seja este verbo qual for (VTD, VTI, VI etc.), assim como poderá ser omitida, também, a partícula "se", a qual, em prática, faria ou bem um sujeito indeterminado

(com VTI, VI, VL), ou bem um paciente (com VTD), de voz passiva sintética (q.v., neste mesmo capítulo, tais tipos de construção sintática).

Dessa forma, em uma frase como:

Ouvi baterem à porta. –,

é sabido e consabido que não há uma locução verbal, senão que duas orações:

1. oração (principal): "Ouvi" – suj.: EU.
2. oração (subordinada substantiva objetiva direta, reduz. de inf.): "baterem à porta" – *suj. indeterminado.*

Mas em frase como esta (1. verso, em itálica):

"'*Vou mandar levantar outra parede*...'
– Digo. Ergo-me a tremer. Fecho o ferrolho
E olho o teto. E vejo-o ainda, igual a um olho,
Circularmente sobre a minha rede!"
(Augusto dos Anjos)

o que há é o mesmo sujeito indeterminado, para o infinitivo, da frase anterior, não tendo havido, no verso do poema, flexão do infinitivo ("levantar"), como houve na frase que demos como exemplo ("baterem"). Num e noutro caso, entretanto, há igualmente sujeito indeterminado (sintático), não somente indefinido (semântico). Lembramos que o infinitivo flexionado, idiotismo da língua portuguesa, não diz respeito diretamente à presença ou ausência de sujeito; para este último problema, há a terminologia, respectivamente, "infinitivo pessoal" e "infinitivo impessoal". Ser flexionado ou não, como já tivemos a oportunidade de demonstrar – a propósito com os próprios "auxiliares" causativos e sensitivos – é questão de certa forma mais estilística (nem apenas semântica) do que sintática, mercê da flexibilidade, também neste ponto, da frase portuguesa.

1.2.3 Sujeito inexistente / Oração sem sujeito

Não obstante a importância do *sujeito* para o deslinde do significado da *frase*, poderá vir esta desacompanhada daquele, em casos, principalmente, em que se faça referência "ao processo verbal em si mesmo, sem o atribuirmos a nenhum ser" (Rocha Lima, GN, 235). Nesse caso, dizemos que o verbo é IMPESSOAL, e que o sujeito é INEXISTENTE.

Dentre os inúmeros expedientes de que dispõe a língua portuguesa para tal comportamento, destacamos:

→ Orações com verbos *denotando* fenômenos da natureza, isto é, a eles se referindo em sentido não figurado:

Exemplos:

Anoiteceu.

Chovia muito naquela noite.

Observação 1:

Os principais verbos impessoais denotadores de fenômenos da natureza são: *alvorecer, amanhecer, anoitecer, chover, chuviscar, nevar, orvalhar, relampejar, saraivar, trovejar, ventar* e outros que tais.

Observação 2:

Se usados metaforicamente, esses verbos podem deixar de lado a impessoalidade, e concordar com o sujeito a que se referem:

Exemplos:

Amanhecemos estirados no sofá (suj.: NÓS).

Choveram papéis e mais papéis (suj. PAPÉIS E MAIS PAPÉIS)

"(...) a velha não *amanheceu* na cozinha." (José Lins do Rego)

"Os *oficiais anoiteceram* e não *amanheceram* na propriedade." (José Lins do Rego)

"*Choveram motivos* como gafanhotos." (Oswald de Andrade)

"Da espessa nuvem, *setas e pedradas*
Chovem sobre nós outros sem medida." (Camões)

"Do outro lado da porta *as perguntas* também *chovem.*" (Paulo Mendes Campos)

Observação 3:

Não se deve confundir o uso metafórico dos verbos indicadores de fenômenos da natureza – tal como o vimos há pouco – com o uso que se lhes pode dar junto a um OBJETO DIRETO INTERNO (q.v., abaixo), que se trata de uma forma de pleonasmo enfático em que se aproveitam unidades léxicas pertencentes à família ideológica do verbo (ou mesmo se poderá recorrer a seu radical, usando, dessa sorte, termos cognatos), geralmente a fim de exprimi-los, por qualquer razão, um tanto ou quanto mais bem definidos, ou especificados com adjuntos. Nesses casos, não há concordância do verbo, pois o termo que o segue lhe será, como vimos, um objeto, e não um sujeito:

Exemplo:

Chovia uma chuva de tremer os ossos.

O.D. INTERNO

Não é contraditória à nossa a análise de Epifânio da Silva Dias, em sua Sintaxe Histórica (p. 16):

> Estes verbos [indicadores de fenômenos da natureza] também se empregam pessoalmente em sentido translato: Chovião tormentes nos martyres (Ceita, 194).
> É corrente um emprego de chover com o sujeito água [no original, agoa] (no sentido de chuva).
> Chovia agoa meuda | Por cima da verde folha (Chr. E., 53). Na boca das mulheres o segredo he como a agua, que chove nos telhados; passa de telha em telha ateque finalmente cahindo no chão, por toda a parte se derrama (Blut. Voc. em "segredo").
> Em latim: *saxa pluunt* (Estacio, Theb. S, 417)

"Um sonho presente
um dia *sonhei*." (Manuel Bandeira)
"Nesse lábio mordente e convulsivo
ri, *ri risadas* de expressão violenta" (Cruz e Sousa)

→ O verbo *haver* significando *existir*:
Exemplos:

Houve poucas pessoas ali.
"*Havia* votos que tal bobo se não procurasse." (Alexandre Herculano)
"Todos os homens que *havia*
se puseram de pé. (...)" (Cassiano Ricardo)
"(...) e mesmo supondo que *houvesse* livros encadernados em louça, aquilo não seria um deles." (Rubem Braga)

Este verbo, impessoal, como o dissemos, será, por seu turno, transitivo direto. Em assim sendo, no primeiro exemplo teremos "votos" como objeto direto, e, no segundo, o pronome relativo "que", retomando semanticamente "todos os homens", sujeito, este termo propriamente, da oração principal "Todos os homens [...] se puseram de pé". A oração "que havia" é, naturalmente, adjetiva restritiva.

Na Noite Verde do Sertão
que trancava o chão da América,
havia bichos fabulosos
(Cassiano Ricardo)

Observação 1:

O verbo *existir* não é impessoal, devendo concordar, portanto, com o sujeito:
Exemplos:

Existiram poucas pessoas ali.
"Verdade é que entre os mancebos (...), *tinham existido* suspeitas de que essa indiferença e frieza era mais simulada que verdadeira." (Alexandre Herculano).

Observação 2:

O verbo *haver*, sendo o principal de uma locução, como que transfere sua impessoalidade ao verbo auxiliar (naturalmente), ficando, este último, numa forma finita, porém sempre na 3ª pessoa do singular:

Observação 3:

O verbo "ter" usado como "haver" na acepção de "existir" é sintaxe não normativa. No entanto, a pena de autores modernos, ao recriar a fala coloquial brasileira (sertaneja ou urbana, das mais variadas condições sociais), dele lança mão inúmeras vezes:

"Mas o cabo apanhou o pé de sapato como se fosse o chapim da Borralheira, *foi* na [48] loja do Geraldo e escolheu a sandalinha mais mimosa que tinha lá (...)." (Raquel de Queirós, *Elenco de Cronistas Modernos*, 64)
"Não chorei nenhuma vez em Brasília. Não *tinha* lugar." (Clarice Lispector)
"Daí, lá *tem* bar, um bar dispõe de lataria e garrafas para um ano." (Carlos Drummond de Andrade)

→ Os verbos *fazer, haver, ir* e *ser* indicando tempo em geral, tanto na acepção de clima, quanto na de passagem cronológica:

Exemplos:

Faz três meses que não nos vemos.
Fez frio e calor na cidade.
Havia muitos anos que deixara o vício.
Vai para dois meses que estudo sem parar.
"*Faz* cem anos que já se apagaram seus olhos." (F. Gullar)

[48] Segundo a norma culta, seria esta preposição também inadequada, pois não pertence ao regime do verbo "ir" (quando exigindo este adjunto adverbial de lugar aonde ou para onde). Remetemos o leitor à "Antologia de textos do Modernismo", de Raimundo Barbadinho Neto, em que, com visão profunda e filológica (e de certa forma inédita quanto ao *corpus* analisado), o autor dá muitos parâmetros indispensáveis para que se possa incluir o Modernismo na análise gramatical contemporânea.

"Quando saí de lá, a cidade estava deserta e silenciosa, *fazia* um luar estupendo." (Manuel Bandeira)
"*Era* nas férias de verão, e eu, com quinze anos, corria a lezíria da Azambuja na companhia de um amigo (...)" (José Rodrigues Miguéis)
"E *havia* onze anos que a atulhava com os seus possantes membros (...)" (Eça de Queirós)

Observação 1:

Conforme salientamos um pouco acima (ITEM 1.2, "Do sujeito", OBS. 1), poucas são as vezes em que o verbo pode concordar com outro termo da oração que não o sujeito. Está nesse caso o do verbo *ser* impessoal com predicativo plural, em que com este último haverá de concordar:
Exemplos:
São três quilômetros até ali.
São quinze para o meio-dia.

Observação 2:

Pode-se considerar impessoal o verbo *ser* no emprego das expressões – fossilizadas – *era uma vez dois reis e uma rainha...* e congêneres.

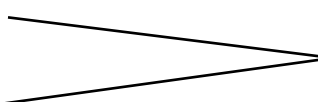
Observação 3:

Em frases como:
"Hoje é segunda-feira"
"Aqui é ótimo para a saúde" (*apud*, Bechara, MGP, 212) –,

o verbo "ser" não deve ser considerado impessoal, já que tem como sujeitos os pronomes "hoje" e "aqui", que, com efeito, podem funcionar, em outras circunstâncias (como em: "*Hoje* / *Aqui* faz frio) como advérbios (adjuntos adverbiais), porém, obviamente, ainda de base pronominal.

"*Aqui* é o lugar onde o espaço mais se parece com o tempo." (Clarice Lispector)

Ainda que consideremos, como o considera Bechara na obra em tela, as palavras "hoje" e "aqui" advérbios originariamente, saberemos que, nos exemplos com "ser" pessoal, trata-se de caso em que "os advérbios de base pronominal podem desempenhar na oração papéis sintáticos próprios de nomes e pronomes" (*ob. cit., id. ib.*).

Rocha Lima (GN, 406), ao tratar da concordância especial do verbo "ser", no seu 6. caso, expõe o assunto da seguinte forma:

> "*Quando* [o verbo "ser"] *é usado* <u>*impessoalmente*</u> [Grifos nossos], *a concordância dá-se com o predicativo.*

Exemplos:

> *'Hoje* são vinte e um do mês, não são*?' (Camilo Castelo Branco)*"

→ "Certos verbos que indicam necessidade, conveniência ou sensação, quando regidos de preposição (...)" (Cunha-Cintra, 432):

Basta de queixas!
Chega de perguntas![49]

1.3 Do predicado

O predicado pode ser definido – em linhas gerais – como aquilo que traz consigo a informação, geralmente nova, a ser dada, seja em relação ao sujeito, seja em relação ao processo verbal em si mesmo, em casos de sujeito inexistente.

O tema da oração é geralmente o sujeito desta. No entanto, poderá vir esse tema desligado sintaticamente do resto da oração em que figura, como é o caso dos anacolutos, de que nos ocupamos perfunctoriamente um pouco acima, em nosso prefácio a esta unidade de nossa gramática.

O predicado pode ser:

1.3.1 Predicado nominal

Se tiver por núcleo um nome (substantivo, adjetivo ou pronome), estabelecendo-se, entre esse nome – que se diz PREDICATIVO – e o sujeito, um *nexo* (cf. Mattoso). Quanto à questão de tal predicado ter por núcleo um advérbio (ou um adjetivo empregado adverbialmente), estaremos pondo tal discussão em jogo um pouco à frente.

A característica do predicado nominal é, portanto, atribuir ao sujeito uma determinada condição, qualidade ou estado, que virão a ele conectados por meio de um tipo especial de verbo,

[49] Essas duas últimas frases poderiam, sem maior empecilho, ser interpretadas como simples interjeições, ou locuções interjectivas. O risco de se abonar tal análise, todavia, é o simplismo que poderia soar por detrás da tentativa de se taxar de interjeição grande número de orações de análise um tanto complexa...

o VERBO DE LIGAÇÃO, aquele que "serve para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal. Não trazem propriamente ideia nova ao sujeito; funcionam apenas como elo entre este e o seu predicativo." (Cunha-Cintra, 130) Exatamente por fornecerem, apenas e tão só, um elo entre o sujeito e o predicativo, poderá, pois, vir elíptico (em elipses, até, de tempo, algo a que apenas o contexto dará guarida):

Eu, um homem tão feliz... (em elipse: "sou", "fui", "era", "serei"?)

No entanto, os principais verbos de ligação, além de estabelecerem, como supradito, o vínculo, elo entre o sujeito e seu anexo predicativo, portam, além disso, um *aspecto* bem definido, no mais das vezes. Assim, analisemos os exemplos abaixo:

→ *Pedro é estudioso* – há uma "relação genérica" (cf. Mattoso), estabelecida pelo verbo de ligação *ser*. Este verbo, dessa forma, costuma estabelecer uma noção semântica aspectual de permanência, estabilidade, manutenção *sine die* de um estado. É o verbo da essência por natureza.

Seremos, na manhã, *duas máscaras calmas*
E felizes, de grandes olhos claros e rasgados...
(Mario Quintana)
"A beleza de Brasília *são* as suas estátuas invisíveis." (Clarice Lispector)

Também podem certos verbos que costumam aparecer como auxiliares acurativos figurar, mediante outro emprego, como simples verbos de ligação que, igualmente, como *ser*, caracterizem estado permanente: tal é o caso do verbo *viver* (*vive estudando* – auxiliar acurativo / *vive cansado* – verbo de ligação). O verbo *permanecer*, além do estado de permanência (imanente a seu próprio radical), pode indicar *aspecto* durativo (q.v. nosso capítulo de categorias verbais: "O aspecto"), figurando ao lado de verbos como *estar, andar, seguir, continuar* etc. (q.v. subitem C, abaixo).

"E capitão Badega *permaneceu* capitão (...)" (Graciliano Ramos)

Observação 1:

O verbo "ser" pode, ao lado do emprego de verbo de ligação, ter um outro intransitivo. Repare, abaixo, no recurso de Manuel Bandeira, em que se aproveita o vocábulo "ser" (em vocativo), aludindo-se concomitantemente ao verbo (ação) e ao substantivo (substância, essência) representados por este significante:

"Em tudo *estás*, nem repousas,
Ó *ser* tão mesmo e diverso!

Ao dizer que aquele "ser" (verbo-substantivo; verso 2) em tudo *está* (verbo que, mesmo usado, como o foi aqui, intransitivamente, indica estado transitório, *instável*), dá-se a essa essência ("ser") a um tempo os estatutos de fonte de *estabilidade* ("tão mesmo"; v. 2) e *mutação* ("e diverso!"; id.). Deu-se aproveitamento do emprego intransitivo de verbos originariamente de ligação ("ser" e "estar"), que, assim, deixam de simplesmente *copular*, passando a *representar*.

→ *João ficou / tornou-se estudioso* – há uma informação aspectual subsidiária de *mudança de estado*. Também servem a esse fim verbos como *fazer-se, virar, transformar-se, passar (a)* etc. Outro caso de verbos originariamente auxiliares acurativos que podem ser simplesmente de ligação – como o ressaltamos no subitem 1 acima (q.v.) – é o de *acabar, terminar, começar* etc. Assim: *Acabou / começou estudando* – aux. acur.; *Acabou / começou estudioso* – de lig.

"Com o correr dos anos, o molecote *virou* moleque e o moleque *virou* homem, passando por todas as fases lírico-vegetativas a que se sujeita uma juventude transcorrida à sombra dos laranjais (...)" (Fernando Sabino)

"Nos primeiros dois dias *fiquei sem fome*." (Clarice Lispector)

Muitas outras são as construções possíveis em que se farão, de inúmeros verbos, mesmo nocionais, verbos de ligação. É assim que ocorre com frases como esta de Manuel Ribeiro:

"Eu não sei como ainda há quem *vá para* padre." – em que *ir para* é sinônimo de *tornar-se.*

Observação:

Consideramos importante dar duas palavras a respeito dessa construção.

Em primeiro lugar, o predicativo do sujeito não é *para padre*, mas sim *padre*, pois a preposição está em *relação fixa* quanto ao verbo *ir*, isto é, se se separa ela daquele verbo, surgirá um significado de base inteiramente distinto deste que vimos perquirindo. Portanto, está a preposição, quanto ao verbo, mais estritamente ligada do que o estaria se numa mera *relação obrigatória*, caso este em que faria parte de seu regime. É este último o caso de a analisarmos quando o verbo *ir* é empregado intransitivamente, com complemento circunstancial de lugar. Resumindo: *Ir para casa* – relação obrigatória; *para casa* – adjunto adverbial de lugar para onde; *Ir para padre* – relação fixa; *padre* – predicativo do sujeito.

O mesmo ocorre com os verbos *passar* ou *chegar* quando em seu emprego de ligação, caso em que figuram com a preposição *a*.

Também foi esse o procedimento de Graciliano Ramos neste seu passo:

"O vigário nunca *chegou a* cônego".

Repare que o complexo significativo *chegar a* é, também, auxiliar acurativo (cf. *Chegou a exercer o cargo*), como complexos tais que *parar de, começar a, tornar a* etc., etc., Com o complexo [*chegar a*] houve coincidência, também, como o tinha havido com [*ir*

para], da regência própria de sua outra predicação, a intransitiva (com adjunto adverbial, ou complemento circunstancial, de lugar): cf.: *Ele chegou* <u>*ao topo do mundo*</u>. Análise igual, pois, se deverá dar a esses dois casos, distintos: “(...) chegou a cônego”: “*cônego*”, predicativo do sujeito; “(...) chegou ao topo do mundo”: “<u>*a*</u>*o topo do mundo*” (repare na inclusão, para este termo, da preposição), adjunto adverbial.

Há, ainda, complexos semânticos maiores, formados mesmo com substantivos, que, assim como o ocorrerá com outras predicações (como veremos), poderão funcionar como verbos de ligação.

Neste seu poema, Cassiano Ricardo explorou o verbo de ligação “virar” (mudança de estado; o próprio título – “Metamorfose”– prenuncia tal uso abundante), em cotejo, numa espécie de súmula do poema, no último verso deste, separado graficamente dos demais, com o complexo significativo sinônimo (e equivalente sintático) “tomar forma *de*” (onde, sem dúvida, a preposição “de” guarda com o complexo [*tomar forma*] relação fixa, como o foi com [*ir para*], [*passar/chegar a*] etc., analisados há pouco):

METAMORFOSE
Meu avô foi buscar prata
mas a prata *virou* índio.
(...)
E o Brasil *tomou forma de* harpa.

→ *Pedro está estudioso* – marca-se, subjacentemente, um aspecto durativo, em que se frisa o estado passageiro da característica atribuída ao sujeito. Podem aparecer, outrossim, verbos como achar-se, *andar* etc.

Observação:

O verbo *andar* requer cuidado quando da análise do tipo de predicado da oração em que aparece. Ocorre que, sendo este verbo originariamente nocional (sinônimo de *caminhar*), pode, muita vez, manter tal característica, sendo seu predicado, assim, se nele figurar um anexo predicativo, VERBO-NOMINAL, em vez de simplesmente nominal. Em princípio só mesmo o contexto nos deixará indenes de dúvidas quanto à predicação desse verbo em frases do tipo:

Pedro andava doente / alegre / cansado –

em que se poderá ver ora um *andar* comutável por *caminhar,* – caso de predicado verbo-nominal, – ora por *estar,* – pelo que caracterizaríamos o predicado nominal.

Há que se proceder a tal operação se se quiser investigar não só o tipo de predicado, mas, acima disso, a integralidade da mensagem proferida – algo muito mais importante, de que a análise ulterior da predicação verbal não passa de fruto, consequência.

> "– Isto é um país sem solução, comentou o vizinho. Não há escola profissional para os meninos, *andam jogados ao deus-dará*, enquanto o governo só faz besteira (...)." (Carlos Drummond de Andrade)

→ *Pedro parece estudioso* – ressalta-se a *dúvida* contida na declaração que se faz do sujeito, matizando o nexo entre este e o predicativo com uma informação implícita de *aparência*, *probabilidade*.

1.3.2 Predicado verbal

Ocorre predicado verbal se seu núcleo é expresso por verbo nocional, isto é, aquele de cujo radical se pode retirar significado mais fortemente relacionado ao "mundo dos objetos" (cf. Cassirer).

O predicado verbal centra-se num verbo que exprima ação; ação esta 1) *praticada* ou 2) *sofrida* pelo sujeito, conforme seja este último 1) *agente* ou 2) *paciente*. Dessa forma, em 1) teríamos: *José quis bem a seu filho*, suj.: *José*; e em 2): *A vitória foi conseguida a muito custo*, suj: *A vitória.*

Como sabemos, dispõe o português de outras formas de apassivar o sujeito de uma oração, as quais não figuram no bojo deste capítulo (cf. *Conseguiu-se a vitória a muito custo*, suj.: *a vitória*).

Assim, conclui-se que o centro do predicado verbal é o próprio *verbo*, onde vem expressa a ação que se declara acerca do sujeito, ou, em caso de não haver sujeito, a ação à qual se faz menção exclusivamente.

O verbo constituinte do predicado verbal pode ter sua predicação *completa* ou *incompleta*, casos em que seria, respectivamente, *intransitivo* ou *transitivo*, e, neste último caso, conforme mantenha relação *obrigatória* ou *não obrigatória* (ou, em certos casos, *livre*, como nos posvérbios), será, respectivamente, *transitivo indireto* ou *transitivo direto.*

Vamos estudar com certa minúcia cada um desses casos (a questão dos regimes, deixamo-la em nosso "Pequeno dicionário de regência verbal e regime de alguns verbos", onde arrolamos alguns casos especiais; quanto à relação da preposição com o verbo, estudamo-lo no capítulo "A preposição").

1.3.2.1 O verbo intransitivo

É o verbo cuja predicação está completa quanto à necessidade de complementos verbais *stricto sensu*, não carecendo, assim, de um objeto direto ou indireto a dar-lhe integralidade de sentido, que tão só se modifica graças à ação de um adjunto adverbial. São verbos como *nascer, morrer, ir, andar* etc.

Embora haja verbos peremptoriamente intransitivos, muitos são os transitivos que admitem emprego intransitivo (mas também vice-versa):

Exemplos:

Ele *lê* muito.

Paulo não *escuta*.

Observação:

Chamamos aqui de complementos *stricto sensu* ao objeto direto e ao indireto, pois que, como bem sabe toda a gente, verbos há, e não poucos, que *exigirão* adjuntos adverbiais a fim de serem totalmente compreensíveis: *vou a Paris, vim de Roma, estou em casa* etc. Dessa forma, os complementos *lato sensu* compreenderiam não apenas os objetos, mas também tais adjuntos adverbiais, já chamados de há muito de *complementos circunstanciais*. Por esse enfoque, deveremos admitir como intransitivo não apenas o verbo que possui sentido completo, mas também aquele que, para ter completo seu sentido, exigirá complemento circunstancial, ou, o que vem a dar no mesmo, adjunto adverbial. Q.v., no próximo item – “Transitivo”–, a obs. nº 2., em que retomamos, ampliando, este assunto.

1.3.2.2 O verbo transitivo

É o verbo cujo emprego necessita de um complemento *stricto sensu* (dito OBJETO) com que se perfaça ou integralize o sentido daquilo que se quer exprimir.

Se houver possibilidade de se dar aquela integração sem preposição, o verbo é chamado TRANSITIVO DIRETO, e seu complemento, OBJETO DIRETO.
Exemplo: Vi *duas moças* na casa.

Se, em vez daquilo, for obrigatório, para que se faça completa a predicação do verbo, o uso de uma preposição, será o verbo TRANSITIVO INDIRETO, e seu complemento será um OBJETO INDIRETO (q.v. item III à frente, 2: OBJETO DIRETO PREPOSICIONAL).
Exemplo: Gostamos *de dinheiro*.

Muitos são os verbos em que há maleabilidade de emprego transitivo direto ou indireto, o que em geral ocorre mediante partícula *se* integrada ao verbo, algo que lhe altera o tipo de transitividade, como, só para darmos poucos exemplos, *lembrar* (transitivo direto), em cotejo com *lembrar-se de* (transitivo indireto); *utilizar* (transitivo direto) e *utilizar-se de* (transitivo indireto) *servir* e *servir-se de, tratar e tratar-se de* etc. Outros casos há em que o verbo apresenta ao falante as duas possibilidades de emprego (sincretismo), sendo, em geral, uma delas a favorita, eleita pela maioria, que, não raro, chegaria a estranhar o outro emprego, até por desusado que pudesse estar, conquanto normativamente lícito; é esse o caso de *precisar de algo* (transitivo

indireto, emprego sobremaneira mais comum) ou *precisar algo* (transitivo indireto, com a mesma acepção do emprego transitivo indireto):

"As relações destes homens convêm-me e *preciso-as*." (Camilo Castelo Branco)

"Não *preciso* vossa mão protetora." (Bocage)

Observação 1:

> "Com este verbo PRECISAR pode dizer-se PRECISA-SE DE OPERÁRIOS ou PRECISAM-SE OPERÁRIOS. É porque PRECISAR, na ativa, pode ter complemento direto ou indireto." (Mário Barreto, *Fatos da língua*).

Muitos outros são os verbos que aceitam mais de uma construção em relação à forma como se ligam a seu complemento – direta ou indiretamente. Para só darmos mais um exemplo, o verbo *crer* ilustra o quanto dizemos:

"Não *criam em* Cristo, porque não *criam a* sua divindade." (Padre Antônio Vieira)

Também aqui, fato frequente na língua, – *usus norma loquendi.*

Com outros verbos, diferentemente do que ocorreu com os dois exemplos até aqui colimados, pode a mudança de construção implicar mudança de significado. É o que ocorre com o verbo *aspirar*, que, se transitivo direto, tem significado de *sorver, inspirar* etc., e, se transitivo indireto, com preposição necessária *a*, significa *querer avidamente* (q.v. nosso capítulo de regência verbal).

Há, por fim, verbos cuja predicação pede, não raro, em vez de apenas um, *dois* complementos, sendo, em geral, um diretamente e outro indiretamente conectado ao verbo – são os verbos TRANSITIVOS DIRETOS E INDIRETOS.

Exemplo:

Dei <u>a notícia</u> <u>à minha irmã</u>.
O. DIRETO O. INDIRETO

São desse tipo, *grosso modo*, os verbos *dandi, dicendi e rogandi*.

Num caso como: *Separei o joio do trigo* –, temos dois complementos: "o joio", objeto direto, e "do trigo", objeto indireto (conhecido, outrora, como complemento relativo). Também em: *Queixei-me ao meu pai dos maus tratos* –, há dois complementos: "ao meu pai" e "dos maus tratos", ambos objetos indiretos (ou o segundo deles complemento relativo).

Verbos como *informar, avisar, certificar* etc. são um tanto ou quanto mais flexíveis quanto à dupla necessidade de complementos, isto é, apresentam mobilidade quanto a qual deles será direto ou indireto, como que se revezando:

Exemplo:

Informei-*lhe* (obj.indir.) *isso / que viria* (obj.dir.)

Informei-*o* (obj. dir.) *disso / de que viria* (obj. indir.)

Em todos esses casos, é bastante falarmos em verbo transitivo seguido de dois complementos, ou em VERBO TRANSITIVO DIRETO E INDIRETO.

Observação 2:

A conversão voz ativa → *voz passiva*: A maior característica do objeto direto é representar o ser sobre o qual recai a ação, seja esta expressa por um sujeito (AGENTE da ação), seja ela concebida em si mesma (no caso dos verbos impessoais). Assim sendo, o objeto direto é, em nível sintático, o PACIENTE da ação, se representada na oração pelo VERBO.

As orações em que ocorre, ao lado de um *agente* (não necessário) – sendo este o SUJEITO, como vimos –, também um *paciente* – o OBJETO DIRETO, repita-se –, poderiam, assim, *transitar* da voz ativa para a voz passiva, em que, nesta última, o que fora objeto direto daquela primeira passaria a ser sujeito (paciente, contudo), ficando o agente desta estrutura colocado em segundo plano – o AGENTE DA PASSIVA (que era o *sujeito* da voz ativa). Justamente, como frisamos há pouco, por poder transitar entre aquelas duas vozes, deu-se a nomenclatura *transitivo*, que era dada com mais propriedade a *orações*, reportando-se ao *verbo* que lhes compunha os predicados apenas por *extensão*, o que, não sendo o paradoxo que parece ser, é um caso de *restrição* de sentido.

Exemplos de conversão:

Assim, quando temos um predicado verbo-nominal (de que estaremos falando no item 3 à frente) de voz ativa com predicativo do objeto direto, será este predicativo do sujeito, na voz passiva:

SUJ. PRED. SUJ. AG. PASS.

O assunto não se encerra aqui, pois muitos são os verbos que, conquanto de emprego usual transitivo indireto, aceitam voz passiva: *obedecer*, *pagar*, *aludir*, *responder*, *perdoar*, *visar* etc.

Observação 3:

A NGB não agasalhou, com o fito expresso de facilitar o aprendizado aos alunos, – e o ensino aos professores, – a terminologia "bitransitivos" (= "transitivo direto e indireto"), tampouco "complemento relativo" ou "complemento circunstancial", abarcando-os todos numa só expressão, qual seja "objeto indireto" (e, naturalmente, em outros casos, "adjunto adverbial"). Perseveram, no entanto, as diferenças conceituais aí contidas, o que, em função da pequenez deste trabalho, não será nele trazido à baila. Os mestres Celso Cunha e Lindley Cintra, mais uma vez guiando os passos do estudioso, remeteram-nos a obra de valor imaterial que versa sobre o objeto indireto e suas nuanças significativas, a qual prudentemente repassamos, aqui, subscrevendo-a, a nossos leitores: André Chervel. *Histoire de la Grammaire scolaire*. Paris, Payot, 1981.

Observação 4:

Remetemos o leitor interessado a nosso capítulo de regência e ao trabalho de Claudio Cezar Henriques "O verbo Avisar e seus aparentados." O mundo português. Rio de Janeiro, 1996. Seção Na Ponta da Língua, 286.

1.3.3 Predicado verbo-nominal ou misto

Em alguns predicados, ocorrem dois núcleos, um deles expresso por verbo (transitivo ou intransitivo) e o outro expresso por um nome predicativo, geralmente anexo. Nesse caso, estarão sendo declarados, em relação ao sujeito, tanto a ação por ele desempenhada, quanto o seu estado ou qualidade quando da feitura daquela ação. A colocação do predicativo junto a objetos é matéria que requer de nós certa minúcia, visto que se trata, frequentemente, de casos em que o verbo como que exige, em sua própria predicação, a presença do predicativo. O assunto será oportunamente abordado.

O predicado verbo-nominal é, portanto – e em síntese –, aquele em que um PREDICATIVO (do sujeito ou do objeto) aparece ao lado de um verbo transitivo (direto e/ou indireto) ou intransitivo.

> "(...) muitos ânimos *titubeavam* indecisos entre o balsão do infante e o pendão da rainha de Portugal." (Alexandre Herculano)

"Ela *dormiu magra e pálida*." (Clarice Lispector)

Aquele predicativo pode ser do sujeito ou do objeto, de acordo com o tipo de predicação do verbo da oração. Muitos são os autores que nomeiam certos verbos de *transobjetivos*, assim os chamando por precisarem de um complemento verbal e, além disso, de um predicativo àquele complemento (complemento de complemento, ou anexo de complemento) –, o *predicativo do objeto* (direto ou indireto). São verbos como *julgar*, *considerar* etc., além de complexos semânticos como *ter na conta de*, *ter por*, *tomar por* (relação fixa da preposição para com o verbo) etc.
Exemplo:

Julgávamos Pedro inteligente.
PREDIC. DO OBJ. DIR.
(= Julgávamo-lo inteligente.)

Também a expressão "eis(-me)" – embora de discutida gênese (cf.: 1. do lat. *ecce*; 2. derivação de *heis*, forma arcaica do verbo "haver") – parece fornecer subsídio à detecção de um predicativo (mais presentemente do *objeto direto*):

"E eis-*me* outra vez cadáver que não morreu de todo, morto ainda entranhado no pesadelo de ter vivido". (Paulo Mendes Campos)

"Avental branco, pincenê vemelho, bigodes azuis, ei-*lo* grave, *aplicando* sobre o peito descoberto duma criancinha um estetoscópio (...)" (Paulo Mendes Campos)

Observação 1:

Os complexos semânticos: primeira instância

Há outros complexos semânticos formados por [verbo + substantivo] que pedirão predicativos do objeto. Tais complexos são, em geral, sinônimos de expressões verbais consagradas, como, no caso abaixo, [*pôr nome*] será identificado com "chamar", "nomear"; não obstante a sinonímia, as predicações serão (ou poderão ser) de todo diversas:

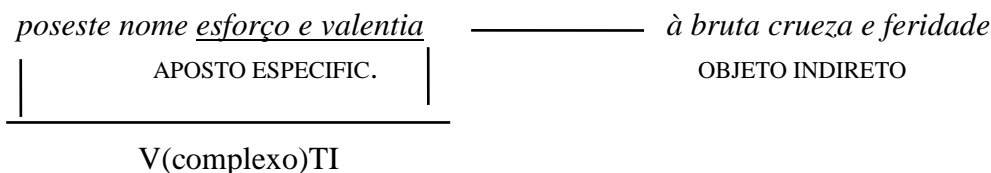
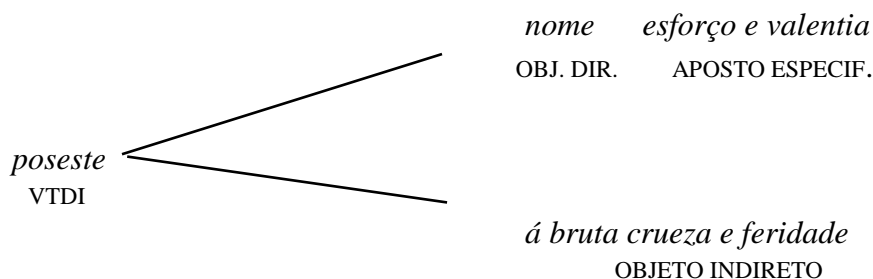
Já que nesta gostosa vaidade
Tanto enlevas a leve phantasia,
Já que á bruta crueza e feridade
Poseste nome esforço e valentia [...] (Camões, *Lus*. IV, 99:1-4)

Observação 2:

Poder-se-ia, igualmente, analisar o complexo semântico como aproximação do verbo "pôr" ao verbo "dar" (cf.: "pôr nome" = "dar nome"). Se assim fizermos, veremos, no complexo analisado, um verbo (complexo) transitivo direto e indireto (obj. dir.: "esforço e valentia"; obj. indir.: "á bruta crueza e feridade").

Não poderíamos renegar esta última análise alegando, para tanto, que, num complexo semântico como este, o papel do objeto direto *stricto sensu* caberia ao substantivo (no caso, “nome”), o que prescindiria de “esforço e valentia” como núcleos, coordenados, desse mesmo objeto direto. Ocorre que, em um complexo semântico, não se decompõem, nem quando sintaticamente vislumbrados, os elementos que o formam, dando-se-lhe aos termos, no caso integrantes, a estes sim, a análise cabível (objetos direto e indireto). Dessa forma, a partir do instante em que se observou – *semanticamente* – a unidade, indivisível, do *complexo*, não se pode retirar a este um de seus membros (o seu substantivo “nome”) a fim de analisá-lo, pois a análise sintática, repita-se, por fim, cabe a todo o complexo, espécie de locução semântica com função sintática de apenas *um* termo (no caso, de apenas *um* verbo). A propósito, seria de tentativas de desmembramento dessa espécie que se abonavam as construções “tenho feitas as compras...”, já que, na locução “tenho feito”, sentir-se-ia o particípio como objeto direto do auxiliar (demos várias outras explicações para o fenômeno alhures).

Para que se abram igualmente os dois campos de análise, deve-se encarar o complexo semântico como um todo indecomponível (mesmo do ponto de vista sintático, segundo defendemos), para que, dele, se parta às análises distintas que quisemos estar expondo. A primeira análise conta a seu favor com a circunstância de poder, em “esforço e valentia”, vir como introdução a preposição “de” (cf.: “Poseste nome <u>de</u> esforço e valentia”). Se decompuséssemos o complexo semântico – tática que, como dissemos, não nos parece acertada – haveríamos de perquirir, em “esforço e valentia” (ou em “*de* esforço e valentia”, que poderia ter assim vindo), um aposto especificativo do substantivo “nome”, ficando, nesta “terceira” análise aberta, a função de objeto indireto a “á bruta crueza e feridade”. Tal análise será válida por ser o complexo, em sua unidade básica (“poseste nome”), repita-se, não passível de sofrer desmembramento; ocorre que, nela, ampliou-se o complexo de “poseste nome” para “poseste nome <u>esforço e valentia</u>”, sendo o aposto, entretanto, um elemento, este sim, subsidiário, podendo, portanto, ser analisado semântica e sintaticamente a par do núcleo básico do complexo de que, sem dúvida, também faz, ainda que secundariamente, parte. É claro que nesta última

análise, por não termos predicativo do objeto, não teremos predicado verbo-nominal, senão que, em vez disso, predicado verbal, já que o verbo complexo será, ora, apenas transitivo indireto:

A última análise – desdobramento óbvio e coerente da penúltima – é vermos, em "nome", o objeto direto, com aposto especificativo ("esforço e valentia"), e, em "à bruta crueza e feridade", objeto indireto:

Apenas para ilustrarmos o quanto vimos dizendo, trazemos, do insigne Eça de Queirós, trecho em que se utiliza o verbo "nomear", transobjetivo, na acepção de "dar determinado título":

"(...) até que um Ministro do Reino, cuja concubina, corista de S. Carlos, ele fascinara, *o nomeou* (para o afastar da Capital) *Governador Civil de Oliveira*."

Observação 3:

A transobjetividade, ou o *emprego* transobjetivo

Muitos verbos transitivos ou intransitivos podem encontrar guarida num emprego transobjetivo. A análise da oração – ou melhor, a do predicado – em que figuram tais verbos requer, portanto, que estejamos atentos àquilo que tanto pode ser mero adjunto adnominal do núcleo do objeto como, em vez disso, um predicativo daquele mesmo núcleo. Numa frase como esta de Graciliano Ramos, instaura-se o quanto vimos debatendo:

"Daí dominávamos a rua, *víamos* os transeuntes mais baixos que nós."

Ocorre que *mais baixos que nós* será adjunto adnominal do objeto direto ("os transeuntes") se o emprego do verbo "ver" tiver sido meramente transitivo direto; em termos práticos – e em outras palavras –, significaria dizer que os transeuntes são, de fato, independentemente do *julgamento* do sujeito ("nós"), ou do juízo particular deste em relação àqueles, de fato, mais baixos. Em contrapartida, se acatarmos o verbo "ver", aí, como portador

de um emprego dito transobjetivo, terá sido a constatação de serem eles (os transeuntes) mais baixos uma forma de julgamento por parte do sujeito, que os considera (ou os vê *como se fossem*) mais baixos que ele, sujeito (no caso, repita-se, “nós”).

No soneto de Vinícius de Morais (“Soneto do maior amor”) cujo trecho exporemos, nota-se como o verbo em questão (“ver”) pode, realmente, alcançar o tal emprego transobjetivo:

1. “Maior amor nem mais estranho existe
2. Que o meu, que não sossega a coisa amada
3. E quando *a sente alegre* fica triste
4. E se *a vê descontente* dá risada.”

No verso 3, “a” é objeto direto de ”sente”, e “alegre” é predicativo deste objeto. No verso 4, “a” é, também, objeto direto, dessa vez de “vê”, que pede, além daquele objeto, um predicativo para este, o adjetivo “descontente”.

O emprego transobjetivo do verbo “ter” pode ser explicação – como demonstramos algures – para prática usada na língua antiga (mas ainda hoje em certos casos) em que, no tempo composto, fazia-se concordar, com o objeto direto, o particípio passado, que é, como se sabe, forma verbal sobremaneira adstrita às funções próprias do *adjetivo* (daí ser ele aproximado sintaticamente de um *predicativo*): cf.: “*Tenho corrigidas as provas*...”.

“Não cos nunca vencidos appetitos
Que a fortuna *tem* sempre tão *mimosos*,
Que não sofre a nenhum, que o passo mude
Pera algua obra heroica de virtude.”

Observação 4:

Predicativos ligados indiretamente aos termos de que são anexos

O predicativo, do sujeito ou do objeto, pode vir acompanhado –

“das preposições *de, em, para, por*, da palavra *como*, ou de locução prepositiva.

Exemplos:

Ele graduou-se *de doutor*.
Davi foi ungido *em rei*.
Todos o consideravam como um aventureiro.
Sempre o tiveram *por sábio* (ou *na conta de sábio*)” (Rocha Lima, GN, 240)

Expomos, também, lista de Mário Barreto (*Novos estudos da língua portuguesa, apud* Bechara, NLAS, 50):

> Adotei-o por filho; Aceitei-o por amigo; Ter alguém por feliz; Considerar uma coisa como justa; Davam-no como incurável; Aclamaram como seu capitão um

estrangeiro; Foi sagrado e ungido em rei; Elegeram Pio em Sumo Pontífice; Uma fortuna que quase nos constitui em potentados; Elegeram-no bispo, por bispo, em bispo; Aquele que escolhestes por esposo ou aquele que escolhestes esposo; Foi alevantado por rei.

Aduzimos os seguintes exemplos:

"É tão triste este meu presente estado,
Que o passado por ledo estou julgando." (Camões, *Soneto*)
"Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem pera vós por dote aparelhado,
Que affeiçoada ao gesto bello e tenro
Deseja de comprar-vos pera genro." (Camões, *Lusíadas*)

"Se tanto vossa vista mais namora
Quanto eu sou menos para merecer-vos,
Que quero eu mais que ter-vos por senhora?" (Camões, *Elegia*)

"E o que eu tomei por vício
me faz grau para a virtude (...)"(Camões, *Sôbolos rios*)

"[...]
1. e em quanto de si fora, doudo esteve,
2. tinha por teima e cria por verdade
3. que eram suas as naus que navegavam,
4. quantas no porto Píreo ancoravam." (Camões, *O desconcerto do mundo*)

Observação 5:

O verso 3 do trecho camoniano acima é inteiro o objeto direto do verso 2. Naquele (v.3), observamos uma oração complexa, formada, na verdade, por um período composto por subordinação, em que "que eram suas as naus" é oração principal da subordinada adjetiva restritiva "que navegavam" (e que ainda se desdobra em outra adjetiva, com função de aposto explicativo, desta vez justaposta, em todo o verso 4). Não obstante, o verso 2 é um período composto por coordenação com orações aditivas, havendo, em ambas, verbos transitivos diretos ("ter" e "crer") com predicativos de objetos diretos (respectivamente "por teima" e "por verdade"), e os dois verbos pedem o mesmo objeto direto, que é, como dissemos, o verso 3 inteiro (desdobrado, como também dissemos, no 4). Portanto, no verso 3 há uma espécie de equipolência inversa: coordenação (por adição) de orações *principais*, ambas, em relação a outra (ou a outras). Repare-se que os casos de orações equipolentes geralmente destacam

orações de mesmo peso sintático (coordenadas) entre si, mas *subordinadas* a uma terceira, caso que, como quisemos demonstrar, foi aqui de todo em todo diverso. Há muitos estudos acerca de termos regidos por verbos (ou nomes) de mesma predicação, mas tais estudos só raramente se estendem ao âmbito do *período composto*, ultrapassando, por conseguinte, a análise sintática do período simples. Nesse período simples, buscamos, ainda em Camões, dessa vez em "Os Lusíadas":

> "Do Olympo dece, em fim, desesperado,
> *Novo remedio* em terra busca e toma (...)"–,

em que "Novo remedio" é objeto direto de "busca e toma", duas orações, portanto, com um só objeto direto.

Em todos esses casos, tratamos de complementos a vários verbos cuja regência (e predicação) é uma só, consulte-se, para isso, "Syntaxe Historica", de A. E. da Silva Dias, par. 468 e, de Bechara, LPAS, "Complementos comuns a mais de um verbo" (p.64); para complementos de verbos de regência distinta, consultem-se Cunha-Cintra, 296 e Bechara, LPAS, "Complementos de termos de regências diferentes" (p. 64).

Quanto à regência distinta com o mesmo complemento, encontramos em Paulo Mendes Campos tal uso:

> "Perdi quem me amava e perdoava, quem me encomendava à compaixão do Criador e me defendia contra o mundo de revólver na mão."

Ocorre que "amar" é transitivo direto, ao passo que "perdoar" é indireto, não podendo ter ambos, por conseguinte, o mesmo complemento – "me" –, que seria, a dois, objeto direto e indireto.

Poderia perguntar o leitor por que entendemos ser aquele "me" extensível ao verbo "perdoar", se está anteposto ao primeiro, apenas, qual seja "amar". Porque, nas palavras de A. Epifânio da Silva Dias (SH, par. 468, b), "os pron. pessoais átonos pertencentes a verbos coordenados, quando pospostos, repetem-se junto de cada verbo; quando antepostos, repetem-se, ou subentendem-se do primeiro verbo para o seguinte ou seguintes" [Grifo nosso].

Para a primeira previsão de A. E. da S. Dias, damos o exemplo seguinte de Machado de Assis:

> "Ela acudiu pálida e trêmula, cuidou que me estivessem matando, *apeou-me, afagou-me*, enquanto o irmão perguntava."

Mas voltemos à análise do trecho de Paulo M. Campos. Quanto ao verbo "perdoar", entendemos perfeitamente, já tendo até comentado o assunto, que, de tal forma se sente este

verbo como transitivo direto, que se dá, a ele, licitamente, possibilidade de possuir voz passiva (q.v., acima, capítulo II, item 2, subitem 2.2, OBS. 1: *A conversão voz ativa → voz passiva*). Dessa forma, em perfeita harmonia com o estilo coloquial da crônica que escreveu, Paulo Mendes Campos aproveitou sabiamente o *emprego* transitivo direto, por assim dizer, coloquial, do verbo "perdoar", o que deu maior leveza e fluidez à frase em questão.

Observação 6:

Posição do predicativo do objeto

Quanto aos predicativos do objeto, é mais comum que os haja próximos aos objetos diretos a que se referem, com preposição ou sem ela anteposta àquele predicativo, como acabamos de ver:

"Ela viu as palavras magoadas,
Que puderam tornar o fogo frio
E dar descanso às almas condenadas." (Camões, *Soneto*)
"O peito diamantino
em cuja branca teta Amor se cria
o gesto peregrino
Cuja presença torna noite dia
a graciosa boca
que Amor a seus Amores mais provoca." (Camões, *Canção XI*)

"O velho xingou de poetisa a cantora de rádio e o romancista novo foi considerado jornalista." (Graciliano Ramos)

Observação 7:

Predicativos do objeto indireto

Posto que, como dizíamos, raro, poderá, sim, haver predicativo do objeto indireto. Quase todos os autores apontam exclusivamente o caso de alguns empregos do verbo *chamar*, que, em dois deles, aceitaria predicativo do objeto indireto.

Exemplo:

Todos lhe *chamam* amigo / de amigo.

Consideramos que o verbo *fazer*, assim como o verbo *chamar*, pode, ao lado de uma predicação transitiva direta ou (*transobjetiva* direta), apresentar outra *indireta*. Assim, tanto se diria corretamente: *Fez-nos bons alunos*, quanto: *Fez de nós bons alunos.* Consideramos o segundo caso um de predicativo do *objeto indireto* (este último, "de nós").

Outros exemplos:

> "Curiosa natureza, pensava a mulher, que fazia um gato *quase humano*, sem fala, e um papagaio *cretino mas parlapatão*)." (Millôr Fernandes)

Um gato e um papagaio: Objetos diretos.
Quase humana e cretino mas parlapatão: Predicativos dos objetos diretos.

> "Aquilo tudo era por culpa do coronel José Paulino, que queria fazer da vila (*uma bagaceira de engenho.*" (José Lins do Rego).

da vila: Objeto indireto.
uma bagaceira de engenho: Predicativo do objeto indireto.

> "Os feridos com grita o ceo ferião,
> Fazendo de seu sangue *bruto lago*,
> Onde outros meios mortos se afogavão
> Quando do ferro as vidas escapavam."
> (Camões, *Lus.*, III, 113: 5-8)

de seu sangue: Objeto indireto.
bruto lago: Predicativo do objeto indireto.

> "Via estar todo o ceo determinado
> De fazer de Lisboa *nova Roma* (...)"
> (Camões, *Lus.*, VI, 7: 1-2)

de Lisboa: Objeto indireto.
nova Roma: Predicativo do objeto indireto.

> "As mãos, unindo os nervos, faziam das duas criaturas *uma só* (...)." (Machado de Assis)

das duas criaturas: Objeto indireto.
uma só: Predicativo do objeto indireto.

A mesma coisa ocorre com "coração"– predicativo do objeto indireto – no conhecido anexim popular: *Fiz das tripas coração*, onde, a propósito, o objeto indireto é "das tripas".

O caso poderia ser avaliado como de objeto direto precedido de preposição (relação livre, isto é, POSVÉRBIO), com acúmulo, aqui, de adjunto adverbial (cujas circunstâncias,

variadíssimas, não deveriam, por isso mesmo, ser analisadas), o que teria a seu favor o argumento de que as mesmas estruturas poderiam ter vindo sem preposição, como ocorre no caso A) acima (de Millôr Fernandes). Consideramos que se trata, na verdade, de predicações distintas, que estariam à escolha do falante, sendo ela ora direta, ora indireta.
Um outro caso seria:

Quiseram fazer Paulo de tolo. –,
em que "de tolo" é predicativo do objeto direto ("Paulo").

Assim:

"o Paiaguá já lhes monta
em algazarra, nas quilhas,
fazendo-as de bois-marinhos." (Cassiano Ricardo)

Também em casos como *Vê em mim um filho*, entendemos haver, em "um filho", predicativo do objeto indireto (este último, "em mim"). Naturalmente, se recorrêssemos a terminologia já não vigente, tudo isso que até então analisamos seria, em vez de predicativos do objeto indireto, *predicativos do complemento relativo*, o que, como frisamos alhures, não está no *corpus* da NGB.

Claudio Cezar Henriques (Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea, Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997, p. 41) dá outro caso: *Não gosto de você pintada*, onde analisa "pintada" como predicativo do objeto indireto, no que estamos de acordo. Em nota de rodapé, conclui: "Encontramos em alguns livros o esclarecimento de que o único caso de predicativo do objeto indireto é o que ocorre com o verbo **chamar** em frases do tipo: 'Chamei-lhe (de) tolo'. Cf. p. 103 da *Gramática do Português Contemporâneo* (Belo Horizonte, Bernardo Álvares, 1970 – 1. ed.), de Celso Cunha, ou p. 27 das *Novas Lições de Análise Sintática* (Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985 – a 1. ed. é de 1961 pela Edit. Fundo de Cultura), de Adriano da Gama Kury."

Recorremos a Otto Jespersen (através da tradução francesa *La Syntaxe Analytique*, capítulo 4, "L'apposition", p. 32), com seu exemplário de várias línguas:

"(C'est ce qui est analysé, entre autres exemples, dans *MEG* II 15.6 comme un "*post-adjoint partiellement prédicatif.*" [grifo nosso])
(...)
Ang. *I like my tea very hot*, "J'aime mon thé très chaud" (...)
Al. *Ich trinke den Kaffee gern warm*, "J'aime boire mon café chaud." (...)"

Observação 8:

Duas considerações sobre os predicativos

1. Poderá o predicativo, quer seja do sujeito, quer seja do objeto, por razões de métrica ou de rima (na versificação), ou simplesmente de ritmo (na prosa), ou, ainda, de ênfase ou realce (em qualquer um dos dois casos há pouco aludidos), vir como que deslocado de sua posição habitual, sobretudo se se trata de um predicativo composto (de mais de um núcleo), em que um destes núcleos, dessa forma, viria fora de um paralelismo lógico esperado. Assim o foi neste verso de Camões:

“Tão *temerosa* vinha e *carregada*” (Lus. V, 35) –,

em que “temerosa” (ou “tão temerosa”) e “carregada” são predicativos do sujeito, estando entre eles o verbo nocional (intransitivo), o que caracteriza, pois, o predicado verbo-nominal.

Também foi essa a disposição neste primeiro terceto do conhecido poema de Machado de Assis *A Carolina*:

“Trago-te flores – restos arrancados
da vida que nos viu passar unidos
e ora *mortos* nos deixa e *separados* (...)”

Tanto “mortos” quanto “separados” são predicativos do objeto direto, representado este, aqui, pelo pronome átono “nos”.

Atenção:

Um caso de condensação sintática (anfilogismo)

Se, como querem muitos gramáticos de envergadura inegável, o “nos” do 2. verso deste terceto acumular função de objeto direto (de “viu”) e sujeito (de “passar”; quanto à possibilidade de o verbo no infinitivo vir com sujeito indeterminado, q.v., acima, capítulo I, parte 2, “Advertência”,OBS. 5), será o predicativo “unidos”, a um tempo, do objeto e do sujeito. Coisas semelhantes, portanto, aconteceriam com os “auxiliares” (a gramática, embora admita não serem eles auxiliares, assim os chama) causativos e sensitivos, como fazer, deixar, mandar, ouvir, ver etc.:

Fez-me / deixou-me / viu-me estudar *cansado*.
PREDICATIVO
(SUJ. & OBJ.)

Tratar-se-ia, aqui, de outro caso de condensação sintática, a que nos referimos inúmeras vezes sob a denominação de anfilogismo (vimos a expressão pela primeira vez na obra de Carlos Góis). Como nos demais casos em que isso ocorre, vemos algumas possibilidades de deslinde da questão, geralmente passando, tais possibilidades, pelo desmembramento da estrutura condensada em tantas quantas sejam as originárias que parecem ter-se fundido (ou superposto), a darem, como resultado, aquela complexa que se

nos defronta no fim. No entanto, julgamos de somenos valor essa operação mental, exatamente porque, se foi do alvedrio do falante condensar em uma só estrutura o que poderia ter sido expresso por várias, não seremos nós, gramáticos, os que deverão desmembrá-la novamente, a menos que queiramos detectar com certa minúcia – às vezes desnecessária – o mecanismo propulsor daquele fenômeno específico; caso contrário, estaríamos, de fato, retrocedendo em relação ao progresso sintático (e, sem trocadilhos, – sintético) já contemplado e conquistado pela língua, voltando, assim, a uma proto-estrutura um tanto mais ramificada, quando o próprio falante já houvera por bem, de há muito, frisemo-lo, simplificá-la e reduzi-la ao mínimo necessário (e, pois, suficiente).

2. Uma das características mais nítidas do predicativo do sujeito das orações mistas é dar ao *verbo* destas uma circunstância modal, o que o assemelha – o predicativo –, no mais das vezes, aos adjuntos adverbiais de modo.

Sabemos que as orações (subordinadas adverbiais) modais são, por natureza, reduzidas de gerúndio (mas também de infinitivo), modificando, dessa maneira, o *verbo* de uma oração principal (cf. *Pedro chegou falando*). Dessa forma, vemos que o predicativo do sujeito, naquele tipo de oração (mista), aproxima-se bastante do emprego do gerúndio em situações similares. Não parece ter sido outra a razão da famosa frase de José de Alencar, aqui parafraseada: “Ele está *dormindinho*”, em que o gerúndio, já sendo forma nominal como é, sendo, por sinal, de natureza inconcussamente *adjetiva*, recebe o sufixo diminutivo *afetivo* com que passaria a *qualificar* um *substantivo* qualquer, funcionando, ali, pois, como *predicativo.* Repare-se em que a própria circunstância de ser o sufixo afetivo – em vez de dimensivo – dá àquele verbo gerundial a chancela, antes, de adjetivo, o que caracteriza sobremodo os predicativos, do que de substantivo, o que caracterizaria mais fortemente a forma nominal estrita daquele verbo – a propósito, é neste último caso que se inserem as palavras oriundas do gerundivo latino: *formando*, *bacharelando* etc. –; ocorre que o predicativo, ainda quando expresso por um substantivo, tem valor adjetivo.

Não é à toa que o verbo *estar*, o mesmo da perífrase durativa do português (cf. *estar estudando / falando* etc.) – perífrase esta em que se junta o verbo *estar* ao *gerúndio*, para formar-se a locução –, se presta, como artifício didático, à detecção de um predicado verbo-nominal:

Pedro chegou cansado –,
isto é: Pedro chegou (e *estava*) cansado.

Aqui, por comutação, veríamos claramente formas como:
Pedro chegou falando / *reclamando* / *estudando* etc.;
i.é.: Chegou | *e estava* falando / reclamando / estudando etc.

Assim é que a elipse do verbo “estar”, neste trecho de Carlos Drummond de Andrade, serviu, a um só tempo, como elipse para a perífrase durativa (com auxiliar “estar”) e para o predicado nominal (com o verbo de ligação “estar”):

“*O sol brilhando, a cidade se refazendo, eles presos ali*, prisão sem grade, à espera de serem lembrados”.

Ao recorrermos àquele artifício didático de apreensão de um anexo predicativo em orações mistas, provamos o quanto queríamos dizer.

Aliás, as orações adjetivas (assim como o é, já vimos, o predicativo) aceitam a forma reduzida de gerúndio, devendo estar, para isso, aquela forma verbal gerundial, ligada ao nome, não ao verbo. Dessa forma, em frases como:

As folhas nascendo são belas – temos: *nascendo = que nascem*, oração adjetiva.

Aqueles casos perquiridos de verbos “auxiliares” causativos ou sensitivos com estrutura gerundial, em vez de infinitiva, são, também, casos de orações adjetivas reduzidas: *Vi os homens falando*, em que se lança mão do chamado *gerúndio progressivo*. Ouçamos, novamente, o mestre inegável que é Rocha Lima (GN, 273):

“‘Vede Jesus / *despejando* os vendilhões do templo...’ (Rui Barbosa)

E, com idêntica interpretação, vejam-se estes exemplos colhidos na prosa de exemplar escritor de nossos dias:

‘... é fácil encontrar defunto / *apodrecendo* pelos caminhos...’”

Conforme já salientamos algures, Manuel Rodrigues Lapa, em sua *Estilística da língua portuguesa*, chama a isso (ao emprego exagerado de gerúndios) “endorreia”.

Ainda quanto à questão de o predicativo, sendo de função *adjetiva*, representar uma circunstância (adverbial) de modo, lembramos ser da índole da língua portuguesa a preferência por *adjetivos* com valor *adverbial*, o de que nos fazem prova os trechos abaixo arrolados:

“Não! pelo contrário. Gostei *imenso*.” (Eça de Queirós)

“E ele ria: ria *contínuo*.” (Alexandre Herculano)

“Amanhã comportar-me-ei *direito*, amarrarei uma gravata ao pescoço (...)” (Graciliano Ramos)

“De repente assaltou-o um desejo besta de rir, riu *baixo* (...).” (Graciliano Ramos)

Para tanto, evocamos, ainda, as palavras de Manuel Pacheco da Silva Júnior (*Grammatica historica da lingua portugueza*, Rio de Janeiro, Hazlett, 1878), a respeito do período moderno da língua (que se principia no séc. XVI):

"(...) a preferência quinhentista pelo emprego adverbial do adjetivo (*pronto*, *raro* ... por *prontamente*, *raramente*) (...)." [Cf. "Bramando duro corre e os olhos cerra / Derriba, fere e mata, e põe por terra." (Camões, *Lusíadas*)]

O mestre Rocha Lima (GN, p. 303), em subitem "Adjetivo com valor adverbial", diz-nos:

"No masculino e no singular, [o adjetivo] aparece também com valor adverbial. Fica, frequentemente, invariável; mas às vezes deixa-se arrastar pelas flexões do substantivo a que se refere." E conclui: "É um caso de *atração sintática*."

Dessa forma, em seu romance *Insônia*, Graciliano Ramos optou ora por um adjetivo em sua forma masculina singular, por assim dizer, neste caso, *neutra*, substituta de um advérbio em -*mente*, ora por um predicativo do sujeito; em ambos os casos, contudo, é igual a circunstância de ter-se dado *ao verbo* um matiz modal, dando-se àquele adjetivo, portanto, estivesse ele no gênero e número em que estivesse, uma marca de adjunto adverbial de modo:

a) D. Aurora entrou na sala de jantar, enxugando as mãos nos cabelos, pisando *macio*, movendo os beiços pálidos."
b) Vestindo-se *lenta* [d. Aurora], esquecendo peças de roupa, temendo qualquer rumor, padecia muito."

Já neste passo de Clarice Lispector, coordena a Autora um advérbio (de modo) com um predicativo (adjetivo):

"Os católicos entravam *devagar e miúdos* na igreja, e ele procurava ouvir as vozes esparsas das crianças espalhadas na praça".

Neste outro passo, desta vez de Orígenes Lessa, ocorre a mesma coordenação havida acima: um advérbio de modo e um adjetivo (predicativo):

"Mas logo a seguir os fiéis mais próximos, *lentamente e silenciosos*, imitaram-lhe o exemplo."

É pela razão mesma de poder indicar circunstância (portando, assim, característica adverbial) que os predicativos do sujeito se inclinam às demais (ou a muitas das) circunstâncias do advérbio, como *tempo*, *comparação* etc. Um pouco à frente, estudá-las-emos, dentro de nossos limites, colocando-as em cotejo inevitável com a natureza do *aposto*.

Observação 9:

Mattoso Câmara, DFG, s.u. COMPLEMENTOS:
"Em português, ao contrário dos complementos objetivos e dos circunstanciais, se exprimem por um *adjetivo*, na função predicativa em vez da função de adjunto*, ou por um substantivo passível de transformação em adjetivo* [grifamos] (*Pedro é um anjo, Pedro é bom ou – Considero-o um homem de bem,* em face de *– considero-o justo*)."

Observação 10:

Rocha Lima, GN, 239:

"1) O predicativo se refere ao sujeito da oração:
O trem chegou *atrasado,*
onde os elementos resultantes da decomposição seriam:
O trem chegou
e
(o trem estava) atrasado."

Observação 11:

A propósito, lembramos que o adjetivo (função que o predicativo poderá desempenhar) está para o nome assim como o advérbio para o verbo, o que os torna, adjetivo e advérbio, muito frequentemente limítrofes.

Assim, Epifânio da Silva Dias (SH, 15), leciona, sempre judicioso:

"*Obs. 2* O n. predicativo pode ser substituído por expressões *qualificativas equivalentes* [grifamos] (...): *mas os que expiraram não ficarão sem vingança* (Herc., *Eur.*, 224)".

A expressão "sem vingança", locução adjetiva, tem função de predicativo do sujeito "os" ("ficar" é, neste caso, verbo de ligação, sinônimo de "permanecer"; q.v., acima, capítulo II, parte 1). Assim, em expressões como: Eles estão / ficaram com medo; ou: Eles estão / ficaram ao deus-dará, temos como predicativos, respectivamente, "com medo" e "ao deus-dará".

Também no exemplo de Herculano trazido por A. Epifânio da Silva Dias, poderá (como discutimos acerca das orações com gerúndio em cotejo com anexos predicativos) haver equivalente de um predicativo com uma oração reduzida, mais uma vez *modal,* sendo, dessa vez, porém, de infinitivo (q.v., acima, letra B):

"(...) *mas os que expiraram não ficarão sem vingança.* (Herculano) >

V.L. PREDICATIVO

"(...) *mas os que expiraram não* *ficarão* *sem se vingar*.

V.I. ADJ. ADV. MODO (ORACIONAL)

Trata-se, como vemos, de estruturas do tipo: *Ela chegou sem fazer barulho* –, em que a segunda oração é subordinada adverbial modal da primeira (poderíamos ter optado por *não fazendo barulho*). Ambas as orações reduzidas, por fim, se neutralizariam, por assim dizer, em face de um predicativo: *Ela chegou silenciosa*.

Repare-se, por desdobramento deste último caso (com predicativo), na fluência oferecida pela língua quanto às possibilidades aí inseridas: *Ela chegou silenciosa* (predicativo do sujeito); *Ela chegou silenciosamente* (adjunto adverbial de modo).

Observação 12:

A propósito, quanto à negação – e sua colocação – na frase, comparando estruturas com *não, sem,* e outras, é interessante o capítulo LXIV, de *Através do dicionário e da gramática*, Rio de Janeiro, Edição da "Organização Simões", 1954, p. 306, de Mário Barreto, sobretudo a extensa nota nº 1.

Lembramos aqui, a propósito, que o "não" pode ter valor de ênfase a uma *afirmação*, o que o faz, como os demais itens lexicais da língua, passível de poder desdobrar-se em duas vertentes: *palavra* ou *lexema* (significado; plano do dicionário) e *vocábulo* (sentido; plano do texto) (Q.v. nosso capítulo de Morfologia). Assim, em frases que tais, se atualiza (vocábulo) o "não" palavra em afirmação:

"E é isso que me preocupa, Ducha. Que fortuna *não* estarão gastando nessas loucuras?" (Lygia Fagundes Telles)

A própria interrogação não segue aqui o modelo (ou o objetivo) normal da entoação interrogativa – *perguntar* algo –, mas, antes de tudo, tem valor de *interrogação retórica* (de que já falamos muitas vezes), isto é, induz o receptor a ser conivente com uma *afirmação* do emissor.

1.4 Dos complementos verbais

1.4.1 Objeto direto

É o termo que complementa um verbo de predicação incompleta – i.é., transitivo –, ligando-se a este sem preposição necessária (ou obrigatória).

Assim, a depreensão do objeto direto depende da prévia constatação de ser o verbo (ou de estar sendo este empregado como) transitivo direto.

Exemplos:

Falei bobagens.

Estudo matemática.

Como já falamos, não há um rigor em relação à predicação de todos os verbos, que, ou bem podem ter variadas predicações, implicando, até, mudança de significado, ou bem podem ter empregos de livre escolha de quem os usa. Desse modo, os dois verbos acima utilizados poderiam ser, ambos, intransitivos, se assim houvéssemos por bem empregá-los:

Falei a noite toda / Falei sobre você;

Estudei muito / Estudei pouco.

Também poderia o primeiro deles ter vindo em forma transitiva indireta:

Falei com você –,

e assim por diante.

Não basta, portanto, que conheçamos a regência mais usual de um verbo a fim de lhe detectarmos o complemento em tela. A propósito, lembramos os verbos factitivos (ou causativos), isto é, aqueles que, de intransitividade originária, passam, contudo, a transitivos diretos (q.v., abaixo, subitem *Objeto direto interno* & *Verbos factitivos*):

Murchei a folha / Andei longas estradas, etc.

1.4.1.1 Objeto direto preposicional (ou preposicionado)

É de emprego muito frequente na língua portuguesa, podendo-se falar de casos em que vem mesmo a ser obrigatório. Analisaremos aqueles casos em que é mais comum, posto que não necessário, o seu uso, e aqueles em que, em vez disso, seu emprego se faz líquido.

1.4.1.1.1 Casos facultativos do objeto direto preposicionado

O objeto direto vem frequentemente seguido da preposição *a*, à moda dos objetos indiretos, sobretudo nos casos abaixo, em que é ainda da escolha do falante o colocá-la ou não.

a) Quando, para evitar-se ambiguidade entre sujeito e objeto direto, preposiciona-se este último.
   Exemplo:
   Matou à fera o caçador.

Há algum tempo, não era rigorosa esta regra no português, que, não raro, deixava ao conhecimento prévio – e necessário – do leitor o deslinde da sintaxe exposta; assim, fez-nos Camões (*apud* Napoleão M. de Almeida, GMLP, 386):

“Quando Augusto o capitão venceu.”
e
“Gente que segue o torpe Mafamede.”

Na mesma obra-prima, *Os Lusíadas*, optou o Poeta, em outras circunstâncias, pela preposição a retirar possibilidades de interpretação dúplice:

“Este he o primeiro Rei que se desterra
Da patria por fazer que o Africano
Conheça polas armas quanto excede
A lei de Christo à lei de Mafamede*”
*Objeto direto preposicionado.

“A segundo a policia Melindana,
Com usadas e ledas pescarias,
Com que a Lageia* Antonio engana,
Este famoso Rei todos os dias
Festeja a companhia lusitana (...)”
(VI, 2: 1-5)
*Objeto direto preposicionado.

b) Quase num desdobramento do subitem anterior, preposicionar-se-á o objeto direto se vier este antes do verbo a que sintaticamente se liga (o que o estaria colocando, pela ordem direta do português, na posição normal, ou mais usual, de um *sujeito*):

Exemplo:

A João ninguém engana.

Neste emprego, é muito comum a presença do objeto direto pleonástico, de que falaremos abaixo:

“Não façais caso disso, que *a relógios do chão* ninguém *os* escuta...” (Francisco Manuel de Melo, *apud* Rocha Lima, GN, 247)

c) Quando, em qualquer posição, for o intento do autor dar realce ao objeto direto, sendo este, então, geralmente constituído por de entes animados (ou assim concebidos) ou de seres humanos (incluindo-se os pronomes de tratamento respeitoso, Vossa Excelência, Vossa Senhoria etc.). Neste emprego, é de notar um traço estilístico muito forte de denotação de respeito ou benquerença à pessoa a quem se refere o objeto direto.

Exemplos:

Ama a teu próximo como a ti mesmo.

"[Gastão] Molhou uma flanela e envolveu o dínamo carinhosamente, como *a* uma criança." (Fernando Sabino)

"Eu já tive a honra de cumprimentar *a* V. Exa...." (Camilo Castelo Branco, *apud* Rocha Lima, GN, 245)

Por essa razão, é costume vir a preposição junto a verbos que, tendo objeto direto expresso por pessoa ou ente animado, denotam (ou conotam) sentimentos, como *amar*, *ver*, *esperar*, *querer* etc.

Observação 1:

Este *a* em nenhuma hipótese pode ser classificado como artigo, mas como preposição, já que tais pronomes de tratamento na segunda pessoa do plural repelem o artigo.

Observação 2:

Posvérbio

O termo *posvérbio* foi usado pela primeira vez por Rodolfo Lenz.

A preposição por natureza adjunta ao objeto direto preposicional é, como falamos acima, a preposição *a*. Outras preposições oferecem explicações distintas quanto ao fenômeno sintático a ser investigado.

Assim, para darmos alguns exemplos: *Esperar em Deus* – emprego transitivo indireto do verbo *esperar*; *Pegar da espada* – a preposição *de* é posvérbio (tem relação livre para com o verbo, assim como o é em *apontar para o alto* etc.); *Comer do pão* – o *do* é *artigo partitivo* (este nome, embora aparentemente descabido, por tratar-se de uma *preposição*, não de um *artigo* – cf. *artigo* partitivo –, é devido a seu largo uso na língua antiga, em que a partitividade da preposição só vinha à tona se se conjugasse esta com o artigo); *Vê em Pedro um filho* – o *em* faz do verbo *ver* transitivo indireto com necessidade de predicativo. A esse propósito, leciona Napoleão Mendes de Almeida (GMLP, 388): "(...) a única preposição que poderá aparecer é a preposição *a*; não se dando isso, quer conserve quer não o mesmo sentido, deixará de ser transitivo direto para ser transitivo indireto."

Também o diz Gama Kury (NLAS, 45): "Quando o objeto direto tem como núcleo certos substantivos ou pronomes substantivos, não raro vem regido da preposição *a*, sobretudo quando se segue a verbos que exprimem sentimentos." Gladstone Chaves de Melo (NMAS, 52): "*Objeto direto preposicionado* é um objeto direto que vem encabeçado pela preposição *a*, não pedida pelo verbo: 'nem ele entende *a nós*, nem nós *a ele*.' (Camões, *Lus.*, V, 28)."

O mestre Rocha Lima (GN, 248) arrola o 1) artigo partitivo e 2) certos casos com presença de posvérbio como exemplos de objeto direto preposicional, dando como exemplos: 1) "Ouvirás *dos* contos, comerás *do* leite e partirás quando quiseres." (Rodrigues Lobo); 2)

"*cumprir o dever,* ou *cumprir* <u>*com*</u> *o dever*" (sublinhamos), "Arrancam *das* espadas de aço fino / Os que por bom tal feito ali apregoam." (Camões). Não deixa – como sempre – de ter razão o mestre, sempre defensável, na medida em que se trata, de fato, de *objeto direto*, vindo este precedido de *preposição*: daí, "objeto direto preposicional". No entanto, como defendemos acima, não compactuamos com ele neste item, pois, como visto, oferecemos opiniões diversas acerca dos fenômenos ali encontrados. O mestre Rocha Lima, é sempre bom salientar, fez um dos melhores e mais completos estudos a respeito do objeto indireto, em *Uma preposição portuguesa,* Rio de Janeiro, 1954, obra de referência a tantos quantos sejam os interessados neste assunto de sintaxe portuguesa.

Em *Lições de português pela análise sintática* (p. 46), Bechara, na esteira de Antenor Nascentes (*in O Problema da regência*), dá-nos utilíssima lista de *posvérbios,* "a preposição que, depois de certos verbos, mais serve para lhes acrescentar um novo matiz de significação do que reger o complemento desses mesmos verbos" (Bechara, ob. cit.)

Arrancar *a espada*
Arrancar *da espada* (o posvérbio acentua a ideia do uso do objeto, a retirada total da bainha ou cinta).

Cumprir *o dever*
Cumprir *com o dever* (o posvérbio acentua a ideia de zelo ou boa vontade para executar algo).

Fiz que ele viesse
Fiz *com que ele viesse* (o posvérbio acentua a ideia do esforço ou interesse no fato).

Olhar a criança
Olhar pela criança
Olhar *a uma vantagem* (o posvérbio acentua a carga afetiva (prep. *por*) ou interesse (prep. *a*).

Perguntar alguma coisa
Perguntar *por alguma coisa* (o posvérbio denota interesse).

É o posvérbio responsável, como esboçou Bechara, por frases sincréticas como *fazer que* (iniciando-se aqui, com esta conjunção integrante, a oração objetiva direta) ao lado de *fazer* <u>*com*</u> *que*, ou *pedir que* (também início de uma oração objetiva direta) ao lado de *pedir* <u>*para*</u> *que* (a esse respeito, queira ver nosso capítulo de regência verbal, V.: PEDIR).

Repare-se, por exemplo, no quão harmônica se evidencia a convivência, em meio à nossa literatura da mais alta estirpe, do tal sincretismo de que há pouco falávamos:

a) *Fazer que*:

"A associação que se havia operado no espírito do romancista novo *fez que* o insulto resmungado se aplicasse indiferentemente ao rapaz zarolho (...)" (Graciliano Ramos)

"(...) a guerra ia mudando o seu caráter de luta civil em luta de independência, e *fazendo que* o espírito de individualidade nacional se desenvolvesse e fortificasse." (Alexandre Herculano)

Esta expressão poderá guardar relação fixa com o "que", à moda de preposição (como o é outrossim na expressão "ter que", hoje fossilizada). Neste caso, "fazer que" terá a acepção de "fingir": *Fulano fez que não me viu*... [= fez, agiu como se não tivesse me visto]

b) *Fazer com que*:

"Os amores adúlteros de D. Tereza com o conde de Trava, Fernando Peres, *fizeram com que* cedo se manifestassem as aspirações do moço Afonso Henriques." (Alexandre Herculano)

Muitos autores consideram este último tipo uma contaminação sintática, assim a encarando:

fizeram com as aspirações que cedo se manifestassem

\+

fizeram que as aspirações cedo se manifestassem

Observação 3:

Epifânio Dias, em sua Sintaxe Histórica, par. 347, obs. 2, diz: "Em lugar de fazer que – também se diz fazer com que", exemplificando: "*E o amor faz com que esta [memoria] se despeje e fique totalmente solitaria de lembranças de creaturas* (Chagas, *194*)".

Arrolamos ainda, para ilustração do assunto de posvérbios:

"(...) o bibelô de estimação que se quebrou porque o menininho – involuntariamente! – bateu *com** a bola nele." (Raquel de Queirós)

*Acúmulo da circunstância de *instrumento.*

"A viúva rompeu a capa de papel que embrulhava o volume, e pôs o livro sobre a mesa da sala; meia hora depois voltou e pegou *no* livro para ler." (Machado de Assis)

"Tio Cosme pegou *em* mim e escanchou-me em cima da besta." (Machado de Assis)

"Cheguei a pegar *em* livros velhos, livros mortos, livros enterrados, e abri-los, a compará-los (...)" (Machado de Assis)

"*Na* face a beija e abraça o collo puro" (Camões)

"[Clarissa] Pega *da* esponja e apaga os rabiscos brancos." (Érico Veríssimo)

“Pego *de* um pau. Esforços faço. Chego
A tocá-lo. Minh’alma se concentra.” (Augusto dos Anjos)
“Você o está vendo assim, meio triste,
mas é ele quem pega *da* viola e quem canta
mais bonito que um pássaro na tarde louca (...)” (Cassiano Ricardo)

“O vice-cônsul tomou *do* bichinho, abriu-lhe o bico e deixou cair uma ou duas gotas de aguardente de bagaceira.” (Manuel Bandeira)

“Usando *de* todos os meus pseudópodos, rastejei até o chuveiro.” (Paulo Mendes Campos)

“Só algumas pessoas escolhidas pela fatalidade do acaso provaram *da* liberdade esquiva e delicada da vida.” (Clarice Lispector)

“Saúdo o artista, que ao talhar a glória,
Pega *da* espada, sem deixar o escopro.” (Castro Alves)

***Advertência*:**

Nem todos os casos de aparente posvérbio o serão. Consideramos, por exemplo, que, assim como ocorre diferença de predicação com os empregos diversos do verbo “falar”, e de muitos outros (q.v. nosso pequeno dicionário de regência verbal), assim também o ocorrerá com os do verbo “saber” (q.v., abaixo, capítulo II, item 3, subitem 3.4, “Predicativos do objeto indireto”, em que discutimos mudança de predicação mediante uso de preposições as mais diversas possíveis):

“*Sei* isto” (VTD; “isto” = OD)

“*Sei d*isto” (VI; “disto” = ADJ. ADV. ASSUNTO)

“Sentira um escurecimento de vista – e aí não *sabia* mais *de nada*.*” (Raquel de Queirós)

* Adjunto adverbial de assunto.

Observação 4:

Artigo partitivo

Um caso específico de posvérbio – denominado, desde há muito, *artigo partitivo* – é o emprego de *do, da, dos, das* “junto a nomes concretos para indicar que os mesmos nomes eram apenas considerados nas suas partes ou uma quantidade ou valor indeterminado, indefinido: ‘Comerás *do* leite, ouvirás *dos* contos e partirás quando quiseres’ (R. Lobo).” (Bechara, MGP, 253)

Considera-se que tal emprego de posvérbio (ou de artigo partitivo, como se queira) tenha-se circunscrito, posto que tirante, modernamente, ao arcaísmo, aos campos dos verbos *comer e beber*. Contribuímos com o seguinte exemplo:

"(...) não bebera eu *do* branco leite que é líquida massa materna?" [50] (Clarice Lispector)

Afora os dois verbos – "comer" e "beber" – de que tratamos, poderá haver outros com "de" partitivo, ainda assim, ligados, por inclusão semântica, àqueles dois verbos:

Deixai-me *dar de* meu vinho.
Deixai-me *dar de* meu pão!
(Mario Quintana)

A partitividade é recurso muito usado na língua com o auxílio da preposição "de". Assim, neste trecho de Raquel de Queirós, o primeiro objeto direto veio precedido da preposição em tela exatamente para fazer emergir o caráter partitivo (evidenciado no segundo pelo pronome indefinido "outras"):

"Todo mundo encara as marmotas como realidades do cotidiano (...). E há *delas* passageiras, como há *outras muito antigas.*"

Observação 5:

O verbo *querer* tem, ao lado do emprego meramente transitivo direto – *querer algo* – um emprego indireto: *querer (bem) ao filho.* Conquanto se pudesse encaixar este último emprego na premissa que abrimos no subitem 2.1.3, a diferença, de suma importância, é que, com o verbo *querer*, por ser ele, na acepção de sentimento, transitivo *indireto,* admite-se o emprego da forma oblíqua *lhe*: cf. *quero-lhe.* A mesma coisa não ocorrerá com verbos que, embora aceitando preposição antes do objeto direto, sejam, todavia, ainda transitivos diretos, que ou bem só aceitarão as formas clíticas átonas *o, a, os, as*, ou bem aceitarão – moderadamente – as formas clíticas tônicas antecedidas de preposição (*a ele, a ela, a mim, a ti* etc.). Q.v. nosso capítulo de regência, verbo "querer".

d) Para dar mais clareza a construções do tipo das abaixo:

Exemplo:

Ele o amava como a um pai.
Ele o temia como a um leão. –,

[50] Este é um excelente exemplo de interrogação retórica, em que: 1) o advérbio de negação ("não") não serve para negar nada, mas, antes, para reforçar uma assertividade, uma certeza proveniente de quem formula o enunciado (litote); 2) a entoação interrogativa é apenas a marca retórica (persuasiva) para fazer que o interlocutor chegue, ele próprio, à conclusão de que ao falante não falta qualquer razão para estar afirmando o que afirma.

em que a falta da preposição poderia sugerir que aqueles qualificativos se referem ao sujeito (nos dois casos, "ele"), em vez de ao objeto (nos dois casos, "o"). Se não houvesse a preposição, poder-se-iam interpretar "um pai" e "um leão" como sujeitos de orações subordinadas adverbiais comparativas.

Ocorrerá que, embora a classificação da oração não se altere, alterar-se-á, entretanto, o sujeito desta: passa a ser "ele", explícito na oração principal ("Ele o amava"). O objeto direto – PREPOSICIONAL – da oração subordinada será, pois, "a um pai". A zeugma do verbo, aqui, se daria da seguinte forma (reproduzimos por didatismo o sujeito):

Ele o amava como [ele amaria] *a um pai.*
Ele o temia como [ele temeria] *a um leão.*

O mesmo artifício se estende às partículas comparativas *que* ou *do que*, formadoras de locuções conjuntivas que iniciam as orações subordinadas adverbiais comparativas (quantitativas):

Ele o amava | *mais do que* [ele amaria] *a um pai*.
SUJ. O.D. SUJ. O.D. PREPOS.

Observação:

Não havendo risco de ambiguidade, é de livre escolha do autor preposicionar ou não o objeto direto:

"(...) e nós habituamo-nos a tê-la em conta de segunda mãe: também ela nos amava *como* filhos." (Alexandre Herculano, *apud* Rocha Lima, GN, 247)
"*Como* amigo as verás, porque eu me obrigo
Que nunca as queiras ver *como* inimigo." (Camões, *Lusíadas*)

No primeiro exemplo (de Alexandre Herculano), a conjunção "como" pode ser analisada como se introduzindo um predicativo do objeto direto do verbo "amar", que é, aqui, o pronome oblíquo átono "nos" (Q.v. nosso cap. II, acima, parte 3 "[Predicado] verbo-nominal ou misto", OBS.: 1).

No segundo (Camões), introduz-se liame sintático-semântico com o *sujeito* do verbo "ver", em ambos os versos aqui colacionados.

Neste segundo caso, é óbvia a oração adverbial comparativa, com verbo (no caso "ver") em zeugma. "Amigo", no 1. verso, e "inimigo", no 2., serão, pois, sujeitos: "como amigo [vê]" / "como inimigo [vê]". É claro o fato de haver repulsa pela preposição "a", já que se trata, como analisamos, de sujeito.

Se ainda seguirmos o raciocínio de análise de termos elípticos (conforme fizemos com a conclusão pela zeugma), podemos reconhecer, em outra análise, uma oração adverbial condensada, com as circunstâncias simultâneas de comparação (cf.: *como*) e condição. Assim

teríamos: "Como [se tu fosses] amigo" / "como [se tu fosses] inimigo". Assim sendo, os termos "amigo" e "inimigo" poderiam ser considerados licitamente predicativos do sujeito "tu". Não consideramos, entretanto, que estejamos, aqui, diante de caso de anfilogismo, pois que são análises que se excluiriam mutuamente, por partirem exatamente de princípios idênticos, isto é, não se está analisando o termo em questão segundo funções mediante orações distintas, mas, ao revés, exatamente se partindo, repita-se, da mesma oração (introduzida pela conjunção "como"), mas com possibilidades de verbos diferentes ("amar" e "ser").

Por fim, note-se que, em que pese ao fato de a elipse complicar, não raro, a análise sintática, conforme já tivemos inúmeras vezes oportunidade de frisar, não deve ser descartada de todo, ao menos se quisermos esgotar as possibilidades sintáticas latentes no trecho em mira (embora a análise puramente semântica não se veja, em geral, combalida por tantas variantes sintáticas; a propósito, os defensores da erradicação completa do artifício da elipse parecem atender apenas e tão só à análise semântica, que, conquanto imprescindível, é distinta, em tantos pontos, da sintática...).

e) Com os pronomes substantivos referentes a pessoas, como os indefinidos, demonstrativos, interrogativos etc.

Exemplo:

Ama a quem te ama.

1.4.1.1.2 Casos obrigatórios do objeto direto preposicionado

a) Com os pronomes oblíquos em suas formas tônicas:

Exemplo:

Ele viu a mim, não a ti.

Observação 1:

O professor não deve ensinar ser o objeto indireto aquele em que se pode pôr a preposição *a* seguida de uma forma tônica, supondo, com isso, estar ajudando seu aluno a "desvendar" a regência do verbo em questão: "Quem *dá* – diria o docente – *dá a alguém*; – e conclui: – logo, "a alguém" = *objeto indireto*"...

Vimos que tal artifício falhará em inúmeros casos, inclusive neste em que se deu como exemplo de objeto indireto um pronome indefinido, que, conforme a regra acima 2.1.5, põe à escolha do falante, *grosso modo*, a presença da preposição, ainda que fosse diante de objeto direto (preposicional).

Assim, em casos como: *Ele seguiu a mim*, *Ele conquistou a ela* etc., não é a preposição que indica a regência do verbo – pois que se trata de verbos transitivos diretos –, mas, em vez disso, vem ela, a preposição, pela circunstância de ter-se optado por um pronome tônico, em vez das formas átonas *seguiu-me*, *viu-a* etc.

Não é, repita-se, a preposição que determina a regência do verbo – o que supostamente determinaria, então, o tipo de complemento existente –; é o conhecimento prévio da regência que determinará se, na preposição, ver-se-á o indício de um objeto indireto (relação obrigatória) ou a marca de um objeto direto preposicional (relação não obrigatória ou mesmo livre).

Observação 2:

Poderá haver coordenação de objetos com zeugma do VTD, vindo um desses objetos na forma de pronome oblíquo átono ou substantivo. Nesses casos, o outro objeto, aquele que virá junto à elipse do verbo, deverá vir obrigatoriamente preposicionado uma vez que se opte pelo pronome (mesmo com substantivo deve-se dar preferência à preposição, q.v., abaixo, subitem 2.2.3):

Exemplos:

Eu o vi e ele *a mim*.

Eu o vi e ele *a Pedro*.

"Com que então eu amava Capitu, e Capitu *a mim*?" (Machado de Assis)

b) Na expressão um ao outro:

Exemplo:

Eles se olharam *um ao outro*.

Observação:

Como nos ensina Bechara (NLAS, 47), "na oração **Eles se conhecem um ao outro**, o **se** funciona como objeto direto do verbo **conhece** e a expressão reforçativa de reciprocidade **uns aos outros** é pleonasmo desse objeto direto."

c) Em frases em que estão coordenados um pronome oblíquo átono e um substantivo ou expressão cujo núcleo seja substantivo:

Exemplos:

Eles viram-*me* e *a* meus dois *irmãos*.

"(...) o reitor o esperava e *aos* seus respeitáveis hóspedes." (Alexandre Herculano)

d) Junto ao pronome relativo *quem*, com antecedente expresso (isto é, junto àquele pronome relativo fora de seu emprego – bastante plausível e corrente – dito *relativo indefinido* ou *condensado*(1)):

Exemplo:

Conheço a mulher *a quem* queres por esposa.
ANTECEDENTE

Observação:

É este emprego relativo (indefinido ou condensado) o pilar da estrutura padrão de muitas orações justapostas. Como exemplo, damos:

Conheço | *quem veio aqui*.

Nestes casos, será facultativo o emprego da preposição antes do objeto direto (de "conheço"), sujeito da oração objetiva direta justaposta ("quem veio aqui").

e) Sempre que vier o objeto direto antecipado:

Exemplo:

A mim ninguém engana.

Observação 1:
Neste caso, poderá haver objeto direto pleonástico, de que falaremos um pouco à frente.

Observação 2:

Arrolamos exemplo extraído de Camões (Écloga VII), em que, apesar de antecipado, o objeto direto não trouxe consigo a preposição:

"Destarte vai seguindo o curso o rio
o monte inabitado e o deserto
sempre com verdes árvores sombrio."

Naturalmente que há, nele, a distinção de estar o objeto direto –"o curso" – (assim como o sujeito – "o rio") depois do verbo (ou da locução, no caso: "vai seguindo"), o que não faz tão necessária a preposição antes do objeto direto, pois a ambiguidade latente como que se atenua devido àquela circunstância. Os demais objetos diretos, presentes no segundo verso aqui mostrado ("o monte inabitado e o deserto"), não carecem, obviamente, da preposição.

f) Junto a numerais substantivos:
Exemplo:
Vi a ambos.

1.4.1.2 Objeto direto interno & verbos factitivos

Objeto direto interno – Diz-se do *complemento* verbal cuja função é qualificar, esclarecer ou especificar a noção expressa pelo verbo. Em geral, é este verbo originariamente *intransitivo*, passando, contudo, a empregar-se de forma factitiva (ou causativa), isto é, passará a pedir objeto direto.

A diferença entre os verbos meramente factitivos e os intransitivos seguidos de objeto direto *interno* está em que estes últimos possuirão, como dissemos alhures, um complemento que lhes pertencerá à família léxica ou à ideológica, ao passo que com aqueles não ocorrerá a mesma coisa.

Exemplo:
Dormir o sono dos justos.
O.D. INTERNO

O que, em termos de estilística, justificou o emprego do objeto direto interno foi a circunstância de ter-se querido especificar o tipo de sono que se dormia: o "dos justos".

"*Ri* tua face *um riso acerbo e doente*,
que fere, ao mesmo tempo que contrista...
Riso de ateu e riso de budista
gelado no Nirvana impenitente." (Cruz e Sousa)

Também:
Respirar ar puro (não um ar qualquer);
Cavalgar um alazão (tipo específico de cavalo).

Às vezes, a definição que se dá ao objeto direto interno é simplesmente o artigo definido, que, embora esvaziado semanticamente de sua estrutura nocional, extralinguística, mantém, no entanto, a característica de ser portador de pressuposto; isto é, deixa nítido o fato de se saber de que *espécie* (expressão) de coisa (conteúdo, *res*) se fala:

Primavera cruza o rio,
Cruza *o sonho que tu sonhas*,
(Mario Quintana)

"Ali me manifesto
por vosso a Deus e ao mundo, ali me inflamo
n*as lágrimas que choro*."
(Camões, *Canção I*)

Poderá vir este objeto direto interno preposicionado (ou com posvérbio, atitudes que muitos gramáticos insistem – em muitos casos não sem razão – em separar):

"(...) *sorria* d um vago *sorrir* exausto (...)" (Eça de Queirós)
POSVÉRBIO O.D. INTERNO

"Outrossim, *ria* largo, se era preciso, *de* um grande *riso* sem vontade (...)" (Machado de Assis)

Também poderá o *radical* do verbo intransitivo (ou vocábulo que lhe pertença à família ideológica) vir, exatamente numa espécie de "aquiescência" a tal intransitividade, no seu adjunto adverbial, que bem poderíamos chamar de "adjunto adverbial pleonástico":

"Gargalha, *ri*, num *riso* de *tormenta*,
como um palhaço, que, desengonçado,
nervoso, *ri*, num *riso* *absurdo*, inflado
de uma ironia e de uma dor violenta." (Cruz e Sousa)

Se o complemento não pertencer à família ideológica do verbo em questão, não deverá (aquele complemento) ser encarado como objeto direto interno, mas como simples objeto direto de verbo factitivo (q.v., abaixo, neste mesmo capítulo, o subitem 3.2, "Verbos factitivos e objeto direto").

"A sucessão de hebdômadas medonhas
Reduzirá *os mundos* que tu sonhas
Ao microcosmos do ovo primitivo..." (Augusto dos Anjos)

Observação 1:

Um tipo de sujeito pleonástico: o "sujeito interno"

Por fim, já que o objeto direto da voz ativa pode passar a sujeito da voz passiva (q.v., neste nosso trabalho, parte II, item 2, subitem 2.2, OBS. 1: A CONVERSÃO VOZ ATIVA→VOZ PASSIVA) poderá o objeto direto, ainda que interno, converter-se em sujeito (paciente) da voz passiva, seja esta analítica, seja esta sintética:

Que dança não se dança?
[...]
Que canto não se canta?
(Mario Quintana)

Repare-se em que o elemento especificador neste caso foi o pronome interrogativo *adjetivo* "que" (cf.: "*Que* dança...", "*Que* trança..."). Nesses casos de pleonasmo, seja-o do objeto direto (interno), do adjunto adverbial ou do sujeito, a justificação estilística é, sempre, a presença de um elemento determinador, à moda de um adjetivo, seja este pronome, seja oração, seja artigo.

Por extensão de sentido, não vemos nenhum inconveniente em chamarmos a esse tipo de sujeito de *sujeito interno*.

Observação 2:

Verbos factitivos e objeto direto

Já em:

O frio murchou <u>*as flores*</u> –,
O.D.

"flores" não pertence à família ideológica de "murchar", daí ser-lhe mero objeto direto, não interno, estando tal verbo em seu emprego factitivo (ou causativo): "murchar" = "fazer que murchem", "fazê-las murchar".

Repare-se em que, nos verbos factitivos, é mostrado "um processo em que o ser objeto é o agente sob a influência dominante do ser sujeito" (Mattoso Câmara, DFG, s.u. CAUSATIVOS). Mattoso destaca, ainda, a característica mórfica que, em português, costuma marcar os verbos factitivos, quais sejam os sufixos:

Nesta sua obra, Mattoso não cogitou da possibilidade de, semanticamente apenas, isto é, sem nenhuma caracterização mórfica exteriorizada, ou formalizada, utilizarmos um verbo como factitivo.

Também em Cunha-Cintra (NGPC, 100), encontra-se lista de sufixos verbais, portadores, segundo palavras dos mestres, de "matizes significativos", dos quais retiramos os três grupos cujo sentido, para os mestres, é *factitivo*:

1. *-ent-* e 2. *-iz-*
1. *afugentar, apascentar, adormentar*; 2. *civilizar, realizar, amenizar*.

Alguns exemplos de verbos causativos sem chancela morfológica: *acordar* (a criança), *correr* (a caça) etc.

Ora, repare-se – mais uma vez – em que os verbos intransitivos, assim que empregados factitivamente, serão similares à expressão com o verbo *fazer* “auxiliar” causativo; dos exemplos acima, extrair-se-ia: *fazer acordar* (a criança), *fazer correr* (a caça) etc., motivo pelo qual, diga-se em tempo, se utiliza a terminologia *factitivo*. Não foi por outra razão que, mesmo junto a um verbo transitivo *direto*, pôs Machado de Assis, neste seu trecho, o reforço expressivo (mas, naturalmente, com acréscimo, distinção semântica) de um “*fazer*” “auxiliar” causativo:

> “– Senhor, não desaprendi as lições recebidas, disse-lhe. Aqui tendes a partitura, escutai-a, emendai-a, *fazei-a executar*, e se a achardes digna das alturas, admiti-me com ela a a vossos pés...”

No entanto, nem sempre os verbos factitivos expressarão “fazer com que”, de acordo com o que já havíamos mostrado, mas poderão ser, de fato, apenas um verbo transitivo direto, pedindo, portanto, objeto direto. Este é o caso, por exemplo (para darmos, entre tantos e tantos, apenas dois), dos verbos “chorar” em “chorar o leite derramado” ou “viver”, que, ao lado do emprego com objeto direto interno (cf.: “*Viver uma vida boa*”), poderá apresentar-se como simples VTD (factitivismo, portanto):

> “*Pessoas* que *vivi*, pessoas que me *viveram*.” (Clarice Lispector)

Por fim, é o mais comum (embora não o exclusivo) que tenhamos verbos intransitivos que exprimam, com emprego factitivo, ora 1) *movimento*, ora 2) *tempo decorrido*.

Assim, em 1): *navegar um rio, descer um vale, andar caminho de casa*; e em 2): *passar a noite, viver a juventude* etc.

> “E *cada coisa* que me ocorra, eu *a vivo* aqui anotando-*a*.” (Clarice Lispector, *Água Viva*)

Ainda mais este, de Fernando Pessoa:

> “Esqueço-me das horas transviadas...
> O outono *mora* mágoas nos outeiros
> E põe um roxo vago nos ribeiros...
> Hóstia de assombro a alma, e toda estradas...”

No verso 2, o verbo *morar*, conquanto seja predizível um seu emprego, hoje desusado, transitivo direto[51], parece ter sido, aqui, empregado factitivamente, sendo-lhe o substantivo *mágoas* um objeto direto. Assim leríamos o verso em questão: "O outono *faz* mágoas *morarem, fá*-las *morar* (= faz que morem) nos outeiros".

Em Raquel de Queirós:

"A moça cevadeira se ocupa em *chegar** mandioca ao caititu e a sua função é das mais difíceis, porque deve regular a pressão da raiz de encontro ao ralo de acordo com o empuxo da roda (...)"

* "Chegar" = "fazer chegar", "fazer que chegue".

Colacionamos um trecho em que Amadis de Gaula, do *Romance de Amadis*, na 4. redação (tentativa de recurso fiel à 1., do século XIII), de Afonso Lopes Vieira (com prefácio de D. Carolina Michaëllis de Vasconcelos), estando na Ilha Firme, expõe, com profusão de verbos factitivos – o que demonstra o gosto por tal emprego já no português antigo –, seus júbilos e percalços:

"– Bons senhores e amigos, depois que de vós me apartei, muitas terras estranhas *andei* e muitas aventuras *corri*. *Passei* grandes perigos e trabalhos, dos quais saí com a ajuda de Deus. Porém aquele em que meu coração foi mais ledo, eu os *passei* levando socorro a donas e donzelas a quem agravo e sem razão se faziam, e a que elas respondiam com lágrimas e suspiros, que são as armas das mulheres".

Da mesma obra, outro trecho:

"Saudoso de Miraflores, desgostoso da corte, e não, como todos cuidavam, por desejo de *andar* terras estranhas e ver várias gentes e leis, foi Amadis *correr* as sete partidas do mundo."

E Camões, n'*Os Lusíadas*, assim se expressa em determinado instante (p. 29, tomo II):

"'Fortissimos consocios, eu desejo
Ha muito já de *andar* terras estranhas,
Por ver mais agoas que as do Douro e Tejo,
Varias gentes e leis e varias manhas.(...)'"

1.4.1.3 Objeto direto pleonástico

É uma forma expressiva de reforço ao objeto direto, através da qual se lhe realça a característica (e a circunstância) de dizer respeito ao objetivo final da ação expressa.

[51] *Por exemplo*: "Doou D. João I, também, as casas *que* o mestre *morava*." (Alexandre Herculano) "Obrigados a povoarem e *morarem* as ditas terras." (Constâncio).

A mim ninguém *me* engana.
OBJ. DIR. OBJ. DIR. PLEON.
(antecipado) (reforço ao objeto direto)
"A mim é que ele *me* denunciou." (Machado de Assis)

O objeto direto pleonástico poderá, naturalmente, sê-lo em relação a um substantivo ou a um grupo de substantivos antecipados, como nos trechos abaixo:

"Árvore, filho e livro, queria-*os* perfeitos*." (Vianna Moog, *apud* Cunha-Cintra, 139)
* "Perfeitos" é predicativo do objeto direto.
"Os sinos, já não há quem *os* toque." (Alexandre Herculano)

"As honras que possuo herdei-*as* de meus avós; os préstimos ganhei-*os* à lança e à espada." (Alexandre Herculano)
"As suas lembranças mais longínquas, ele *as* perdeu do outro lado do mar, numa praia tranquila (...)" (Peregrino Júnior)

1.4.2 Objeto indireto

Termo que, geralmente servindo de complemento a um verbo *transitivo indireto* (por isso, ligando-se-lhe com *preposição obrigatória*), pode ter, e em geral o tem, "valor análogo ao do objeto direto" (Gama Kury, NLAS, 47), pois exprime quase sempre tão só o ser ou a coisa a quem ou a que se remete ora o processo verbal, i. é., a *ação*, ora o próprio objeto direto, não deixando, com isso, de ser, o objeto indireto, alvo daquela ação de que falávamos.

Ao dizer da *analogia* presente, neste caso, entre o objeto direto e o indireto, faz Gama Kury o seguinte rol de comparação:

"Gosto *de* MÚSICA." (Cp.: "Aprecio *música*.");
"Ele recorreu *ao* DICIONÁRIO." (Cp. "Consultou o *dicionário*.");
"Consentimos *n*isso." (Cp. "Admitimos *isso*.")

A preposição que introduz o objeto indireto, assim, não possui valor senão *sintático*, servindo de elo, apenas e tão somente, entre o verbo e o próprio objeto. Esta a diferença entre a preposição que estabelece a existência de um objeto indireto e a que marca, diferentemente, a presença de um adjunto adverbial ou de um posvérbio, em que a preposição, nestes últimos, revelará mais fortemente um matiz semântico específico, facilmente detectável.

Assim, em:

Mostro a você.
Preciso de você.
Confio em você.
Falo com você. –,

as preposições – *a, de, em* e *com* – aparecem apenas como ligações, estabelecidas que têm sido, historicamente (sem dúvida com implicações semânticas servindo previamente de fonte motriz a tal estabelecimento), pelos verbos a que se adjungem, sendo aquilo a que, em palavras de Cunha-Cintra, chamaríamos com propriedade "elos sintáticos" (NGPC, 141).

No entanto, em:

Fui a Roma.
Vim do Caribe.
Estou em casa.
Estudarei com você. –,

pode-se distinguir com mais clareza a relação circunstancial estabelecida: nos três primeiros casos, de lugar (respectivamente *aonde, donde* e *onde*), e, no último, de companhia.

Concordamos – mais uma vez – com Rocha Lima, o Mestre, cujos passos segue, aqui, outro, de igual envergadura, o Mestre Gama Kury, e vemos, assim, característica um tanto mais *formal* do que *lógica* em relação ao objeto indireto. A questão dos complementos relativos não deve mais ser colimada atualmente, servindo o que relatou o Mestre Rocha Lima, após judicioso estudo empreendido, apenas como característica histórica de um dado momento da língua, que não mais deve servir de base a distinções, que, repita-se, ou bem seriam, hoje, inexistentes, ou bem especiosas.

Por isso partimos à análise formal do objeto indireto, já que é esta – a forma – a sua característica preponderante.

1.4.2.1 Características formais do objeto indireto

Assim, diríamos ser o objeto indireto, formalmente:

a) Termo que, assim como o objeto direto (e o próprio sujeito), é representado por substantivo (*Dependo de João*), ou pronome (*Dependo dele*), ou numeral (*Dependo dos dois*), ou palavra ou expressão substantivada (*Dependo dos jovens*), ou, por fim, oração (subordinada) substantiva (objetiva indireta) (*Dependo de que venham aqui*). Naturalmente, a diferença entre o sujeito e o objeto indireto é o fato de aquele não poder ser representado, salvo exceção única – de que falamos algures (a propósito, se junto a "auxiliares" causativos ou sensitivos) –, por pronome oblíquo, cuja função inerente é, sabemo-lo, exprimir de fato um complemento, ao passo que este último (o objeto indireto) o poderá quase sempre. Quanto ao objeto direto, é marca da diferença entre este e o indireto o fato de este último vir cliticizado, amiúde (mas nem sempre), pela forma *lhe,* com sua flexão de número (*lhes*), uma vez que, neste último caso (flexão de número indicando o objeto indireto), não haja fusão com o objeto direto pronominalizado (*o, a, os, as*), que fará prevalecer, sobre o indireto, o gênero e o *número* do direto (exemplos: "Meus pais pediram-me a mesa, e dei-*lha* [feminino / singular]". O.D.: "*a mesa*" – feminino / *singular* –; O.I.: "*meus pais*" – masculino / *plural*);

b) Termo sempre precedido de preposição obrigatória (ou em relação necessária para com o verbo), sendo as mais comuns, mas não exclusivas, as preposições *a* e *para* (as demais – como *em*, *de* e mesmo a própria *a*, em certos casos – eram encaradas no passado como casos de complementos relativos ou complementos circunstanciais, conforme supradito, distinção hoje desaparecida). Não é demais observar que, em que pese à obrigatoriedade das preposições junto ao objeto indireto enquanto termo, tal preposição não será sempre igualmente obrigatória junto ao objeto indireto oracional: *Dependo de sua vinda* / *Dependo* (*de*) *que ele venha*; *Gosto de sua vinda / Gosto* (*de*) *que ele venha*;

c) Termo passível, frequentemente, como dissemos ligeiramente no item acima, de vir representado pelo pronome átono *lhe* (ou por sua flexão *lhes*); isto não ocorre com a mesma frequência, contudo, com preposições que não sejam *a* ou *para* (cf.: *Dou a ela = Dou-lhe / Confio nela*). A cliticização com *lhe* parece, outrossim, seguir o princípio do dativo latino, de que o objeto direto é consequência, em que ocorrerá tal fato se o objeto indireto se refere a pessoa, ou a seres concebidos como tal (q.v., abaixo, item 5.2, "SER ANIMADO?"); de aí não se poder cliticizar com *lhe* frases que tais: *Assisto à missa, aspiro ao emprego, viso ao cargo* etc.

d) Termo não passível, tirante algumas exceções (e mesmo essas explicadas por emprego – ainda que errôneo – do verbo como transitivo direto), de figurar como sujeito de voz passiva;

e) Termo que pode aparecer junto a verbos de *todas* as predicações – mas sempre precedido de preposição –, mesmo junto aos de ligação ou aos intransitivos.

Observação 1:

O objeto direto representa sempre ser animado?

Gladstone Chaves de Melo (NMAS, 52-3) é taxativo em relação ao objeto indireto, assim o definindo:

> *Objeto indireto* é o complemento verbal que indica o ser em favor do qual ou em relação ao qual se realiza a ação expressa pelo verbo; corresponde ao dativo latino: "Da dexteram *misero*", "Pecunia *Dioni* dederunt", "Dixit Iesus *discipulis suis*."

O próprio Rocha Lima vê no objeto indireto peremptoriedade para indicar seres animados, exatamente de tal forma o definindo, com a ressalva de que "quando substantivos referentes a 'coisas' (*lato sensu*) se usam como objeto indireto, devem considerar-se – ensina Hayward Keniston – como se fossem capazes de receber tratamento igual ao de pessoas." (*The syntax of castilian prose: the sixteenth century,* Chicago, University of Chicago, 1937,

p. 8. Antonio Tovar, *Gramática histórica latina: sintaxis*, Madri, Espasa-Calpe, 1946, p. 45. [*Apud* Rocha Lima, GN, 248]).

Como falamos um pouco acima, não consideramos necessária tal distinção – ser animado *versus* ser inanimado – para fazer emergir a presença do objeto indireto. Será este, repetimos, qualquer termo ligado ao verbo por meio de preposição *obrigatória* (eis uma definição de que não poderemos, pois, prescindir) que não exprima apenas *circunstância* (pelo que seria apanágio de adjunto adverbial; é aqui necessária, outrossim, a definição de "circunstância", dada por nós – e exemplificada – alhures).

Observação 2:

Não obstante, ainda muitos são os casos em que é, de fato, a seres *animados* que se refere o objeto indireto, sobretudo nos chamados dativos: de opinião, de interesse, ético etc., que estaremos analisando adiante. Podemos dizer desde já que, a rigor, o objeto indireto não necessariamente se conecta a verbos transitivos indiretos, mas, em vez disso, poderá estar ligado a verbos de quaisquer predicações. É por essa razão que nos diz Rocha Lima ser o objeto indireto, em tais casos, antes um "complemento da oração" (cf. GN, p. 249) do que do verbo propriamente. São os casos dos dativos, a que passamos neste momento.

1.4.2.2 Objetos indiretos dativos

O objeto indireto, ligando-se a verbos de predicações as mais variadas possíveis, poderá, ainda, constituir:

a) *Dativo de interesse*: indica "a pessoa ou coisa em cujo proveito ou prejuízo se pratica a ação" (Bechara, LPAS, 46), concentrando, naturalmente, características de adjuntos adverbiais de fim (ou finalidade) e de favor, numa condensação marcada pelas preposições *para* e *por*.
Exemplos:
Estuda *para si mesmo*.
Venceu *pelos irmãos*.
"Não consigo saber em que reside, *para mim*, a grandeza de sua tarefa (...)" (Rubem Braga)

b) *Dativo de opinião*: é empregado como objeto indireto, aqui, geralmente, mas não de seu uso exclusivo, junto a um verbo de ligação. Tal tipo especial de objeto indireto é "o ser a que faz referência especial o conjunto verbo de ligação + predicativo, verbo transitivo direto + objeto ou verbo intransitivo" (Gama Kury, NLAS, 47). Como quer que venha a ser, o objeto indireto-*dativo de opinião* exprimirá, como não poderia deixar de ser, a própria pessoa a quem pertence a opinião. Assim:
Exemplos:

Você me parece cansado.
Isto lhe é indiferente.
"Pareceu-*lhe* ver em Margarida a figura da sua consciência, a exprobrar-lhe tamanha indignidade." (Machado de Assis)
"Fez o quanto pôde para absorver o espírito e esquecer a esquiva Margarida; era-*lhe* impossível." (Machado de Assis)
"Abro os olhos e vejo uma carinha que não *me* é de todo estranha." (Paulo Mendes Campos)
"Que ele nade bem esses cinquenta ou sessenta metros; isto *me* parece importante (...)" (Rubem Braga)
"Em cismas patológicas insanas,
É-*me* grato adstringir-me, na hierarquia
Das formas vivas, à categoria
Das organizações liliputianas." (Augusto dos Anjos)
"Tudo *me* parecia que ia ser comida de avião." (Clarice Lispector)

c) *Dativo ético*: é a modalidade *expletiva* por natureza do objeto indireto, expressando, na oração, apenas o ser diretamente interessado na ação empenhada, como que afetado pessoal e intimamente por tal ação expressa.
Exemplos:
Não me venha com bobagens!
Ela me entra aqui aos brados...
"– Muito bem, senhor Ayrton Lobo! Sempre contei com a sua presteza, quando o senhor *me* andava a pé. Agora, que se deu ao luxo de um automóvel, gasta-*me* vinte e tantos dias numa simples cobrança e aparece-*me* com essa cara de cachorrinho que *me* quebrou a panela!
Me, me, me, me... tudo para aquele homem se relacionava egoisticamente à sua pessoa..." (Monteiro Lobato, *apud* M.R Lapa, ELP, 152)
"– Que significa isso? – berrava o homem. – Com licença de quem a senhora *me* abre um buraco deste tamanho na minha parede?" (Fernando Sabino)
"As pernas desceram-*me* os três degraus que davam para a chácara, e caminharam para o quintal vizinho." (Machado de Assis)

1.4.2.3 Objeto indireto de posse

Pode aparecer o objeto indireto, ainda, junto a verbos transitivos diretos, exprimindo, então, a pessoa ou coisa a quem ou a que pertence o objeto direto. Neste caso, equivaleria, muito de perto, mas não com exclusividade, a um pronome possessivo, referente àquele objeto direto, sendo-lhe, pois, um *adjunto adnominal* – a propósito, classificação sintática favorita dos

gramáticos de hoje. O discernimento entre ser objeto indireto (de posse) ou adjunto adnominal estará, é claro e cristalino, em vermos o "lhe" como complemento de um *verbo*, ou como acessório (determinativo, embora) de um *nome*.

Roubaram-me a carteira.	≅	*Roubaram a minha carteira.*

Em que se veria adjunto adnominal de "carteira" (NOME).

Mas também:

Roubaram a carteira a mim.

Em que se veria objeto indireto de "roubaram" (VERBO).

Esta segunda hipótese tem sido a eleita por muitos dentre os escritores de melhor pena no idioma, o que, não obstante, não vem a impedir a análise anterior, que fizemos (ou abonamos).

"Zozé, Columi e Ioiô
(filhos de um país criança)
esperam o Vovô Grande
dormir e furtam-*lhe* as botas." (Cassiano Ricardo)

"Egas apertou a mão *ao Lidador* (...)" (Alexandre Herculano)

"um arco-íris coroa os píncaros da serra
como se engrinaldasse a fronte *ao mundo inteiro*" (Cassiano Ricardo)
"Era ele, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o colo nu
Um imenso colar de opala, e uma safira
Tirada *ao corpo de Vichnu*." (Machado de Assis)

"Nem foi só nessa ocasião que minha mãe lhes valeu; um dia chegou a salvar a vida *ao Pádua*." (Machado de Assis)

"Mas se tirarmos a tromba *a um elefante*, nem por isso deixa ele de ser um elefante" (Rubem Braga)

Alguns autores chamam a tal objeto indireto, mercê daquela sua proximidade com o pronome possessivo, de *adjunto adnominal* (como dissemos). Transcrevemos o que leciona Gama Kury a esse respeito (NLAS, p. 55), subscrevendo-o:

> Não nos parece boa doutrina considerar adjunto adnominal o pronome pessoal átono que indica posse ("Beijou-lhe as mãos."), pela sua equivalência (= "Beijou suas mãos.", "Beijou as mãos dela.")
> Em primeiro lugar, essa equivalência de sentido não é perfeita, e nunca se deve analisar um equivalente, mas a forma usada; segundo, o caráter de complemento verbal é mórfica e fonicamente nítido: um pronome pessoal átono, subordinado a um verbo, em próclise, ênclise ou mesóclise; terceiro, é possível usar tanto a preposição a como a preposição de: e há diferença entre "beijar as mãos dela" (adj. adnominal) e "beijar as mãos a ela"(obj. indir.).
> Atente-se a exemplos como este:
> "No corredor beijei a mão a tio Zeca." (M. de Assis) [a tio Zeca equivale a lhe, objeto indireto, e não a dele, adjunto adnominal.]

Embora de fato raro, pode-se como que unir o "lhe" objeto indireto (de posse) a um pronome possessivo com função de adjunto adnominal, como neste passo de Eça de Queirós (*apud* Lapa, ELP, 163 [Lapa explora, com tal passo, outros recursos que não este por nós aqui apontado]), em que, assim nos parece, quis-se dar ênfase bastante apurada aos objetos diretos "conhaque" e "amante", tratados, de fato, como *objetos*, *coisas*, não apenas no sentido sintático mas, sobretudo, no semântico:

"O emigrado e Melchior constituíam a Artur uma pequena corte: gostava de os ver à sua mesa, bebendo-*lhe* o *seu* conhaque, cortejando-*lhe* a *sua* amante."

Entendemos os dois "lhes" do passo acima como espécies de dativos, sendo, portanto, objetos indiretos, já que o adjunto adnominal veio expresso com os possessivos ("seu" e "sua").

Observação 1:

O fato de estar foneticamente ligado ao verbo não lhe dá a chancela inconcussa de ser-lhe (ao verbo) complemento, pois casos há em que, embora aparecendo como satélite de um verbo, será o pronome átono, por exemplo, um COMPLEMENTO NOMINAL (cf.: *Fui-lhe fiel = Fui fiel a ele* – complemento nominal). Mesmo a suposta dependência *fonética* inequívoca de um pronome com um verbo é posta, muita vez, em xeque; haja vista a relativa autonomia daquele em relação a este no português falado e escrito culto do Brasil. Assim, o fenômeno fonético não dá subsídios, neste caso, a que se considere o pronome como complemento inegável de um verbo e não do substantivo (ou expressão substantivada) de que seria adjunto adnominal (q.v. nosso capítulo de colocação pronominal).

No mais, – deixamo-lo bem claro, – foi-nos de grande valor a opinião emitida pelo Mestre Gama Kury, sempre elucidativo em suas anotações.

Observação 2:

Os Complexos semânticos: segunda instância

Se considerarmos todo o complexo semântico, isto é, o conjunto “ser fiel”, será este pronome (“lhe”) um objeto indireto.

Rocha Lima parece preferir esta segunda exegese por nós apresentada, pois:

a) em seu capítulo acerca do objeto indireto (GN, p. 249), arrola como exemplo deste (no subitem 4): *Ter respeito aos mais velhos (Ter-lhes respeito),* e na página seguinte, colocando como um dos “casos incontroversos de objeto indireto”, aquele que, *ipsis literis*, “acompanha certos conglomerados constituídos de *verbo + objeto direto*, dos quais depende o indireto”. E continua Rocha Lima: “Tais conglomerados, que em latim regiam dativo, equivalem muitas vezes a verbos simples: *ter medo a* (= *temer*), *ter amor a* (= *amar*), *fazer guerra a* (= *guerrear*), *pôr freio a* (= *refrear*), etc. (...) *servir + (lhe) + de + predicativo; ser + (lhe) + predicativo; ouvir algo a alguém, merecer algo a alguém*”;

b) em seu capítulo acerca da preposição (GN, p. 354 e ss.), quando analisa a preposição *a* (p.357 e ss.), coloca-a, evidentemente, como iniciadora de certos complementos nominais, pois, em suas palavras, “enceta [a preposição *a*] o complemento de alguns substantivos verbais, que conservam o regime dos verbos correspondentes: *obediência, submissão, adaptação, adesão, alusão, assistência*, etc.” E prossegue: “De ordinário, o substantivo (como objeto direto) forma corpo com o verbo, e o complemento se prende mais propriamente ao conjunto (*fazer guerra a, ter horror a*).” Por fim, conclui o Mestre: “terá sido por aparecerem com frequência em locuções desse tipo que muitos substantivos abstratos, quando empregados isoladamente, se passaram a construir com *a*: ‘Impediam-no o natural acanhamento de provinciano, e o *afeto* entranhado *aos* seus clássicos ...’ (CAMILO) / ‘Eis aqui a razão do *ódio* de Calisto *à* raça do mau português.’ (CAMILO) / ‘(...) Nestas cegas agitações de *ódio a* outros povos...’ (RUI)”.

Por outro lado, o Mestre Bechara, em sua Moderna Gramática Portuguesa (p. 221, observação nº 2), parece-nos aceitar ambas as análises por nós apresentadas como possíveis, assim analisando trecho do Marquês de Maricá, em que estaria em questão o conglomerado “ser curto (para)”:

> Já no exemplo do M. de Maricá: “A vida é sempre curta para quem esperdiça e não aproveita o tempo”, quem é pronome indefinido e funciona como sujeito de esperdiça e não aproveita; a preposição para não pertence à função sintática do quem, que não rege (pois é sujeito dos dois verbos), mas à função sintática desempenhada por toda a oração iniciada pelo quem (objeto indireto de opinião ou complemento nominal de curta, funções ambas que pedem a preposição). [Grifos nossos.]

A propósito, parece-nos constituir conglomerado perfeito do ponto de vista semântico, mas não formal (o que, se desta última forma fosse, faria emergir com mais contundência um objeto indireto, em vez de um complemento nominal), basta que, para provarmos o quanto dizemos, vejamos o próprio exemplo do M. de Maricá aqui trazido a lume, em que, entre o verbo e seu predicativo, se pôde inserir, sem qualquer problema, um outro elemento, no caso, o advérbio "sempre".

"A vida é *sempre* curta (...)"

Concluímos que, do ponto de vista *semântico*, os casos analisados são-no de objeto indireto; se tão só os formos perquirir *morfologicamente* (o que nem sempre é possível...), tratar-se-á de casos de complementos nominais, sendo, como disse Bechara há pouco, "funções ambas que pedem a preposição", o que, sem dúvida, as coloca como passíveis de outro caso de condensação sintática (ou anfilogismo), casos por nós apresentados aqui e ali, em diversas partes desta nossa gramática.

No entanto, como queríamos demonstrar, a discussão não se prende à circunstância de estar um pronome girando ou não foneticamente em torno de um verbo, senão que, isto sim, nasce da incerteza aparente seguinte: em torno de que *elemento*, mórfica ou semanticamente, gira, de fato, no caso, o pronome; fator este que, sem dúvida, determinará a qual classe pertence, enquanto complemento, o tal pronome: a um verbo ou a um nome?

1.4.2.4 Objeto indireto pleonástico

Assim como pode acontecer pleonasmo com o predicativo e com o objeto direto, assim também o poderá com o objeto indireto, caso em que, no mais das vezes, se estará reforçando a pessoa (ou coisa) a quem (ou a quê) se destina o objeto direto da ação.

A ela não lhe* mando mais dinheiro.–,

*O *lhe* é objeto indireto pleonástico.

"*Ao avarento* não lhe peço nada." (Rodrigues Lobo, *apud* Bechara, LPAS, 95)

Em geral, vem o pronome obliquo átono como o termo pleonástico, cabendo ao substantivo ou ao pronome oblíquo tônico (obviamente precedidos de preposição) a função de objetos antecipados. Isso, no entanto, não constitui regra, como bem o comprova o exemplo abaixo:

" – (...) Mas, à cautela, recomenda ao Gago que *me* prepare *para mim** um franguinho assado... (...)" (Eça de Queirós)

* O termo “para mim” é objeto indireto pleonástico, precedido, desta vez, pelo pronome oblíquo átono. Talvez se possa analisar o “me” como dativo ético, e o “para mim”, este, como o objeto indireto propriamente da sentença.

Observação:

Outros pleonasmos

Jesus Belo Galvão elaborou excelente trabalho a respeito dos objetos e do predicativo pleonásticos, além de lidar com outras espécies de pleonasmos possíveis. Trata-se da obra *O pleonasmo e mais dois estudos de língua portuguesa* (Rio de Janeiro, 1949), de que tiramos os exemplos abaixo:

“a primeira noite que passei, na escada de S. Francisco, dormi-*a* inteira.” (Machado de Assis)

“Ao pobre não *lhe* devo. Ao rico não *lhe* peço.” (Rodrigues Lobo)

“– Arquiteto do mosteiro de Santa Maria, já *o* não sou (...).” (Alexandre Herculano)

1.5 Do aposto

1.5.1 Introdução: sintaxe e semântica na investigação do aposto

Aposto é o termo de natureza substantiva – mas não necessariamente desempenhado por um substantivo, isto é, por uma palavra originariamente substantiva – que tem função de explicar, esclarecer ou especificar o termo (cujo núcleo será substantivo ou pronome substantivo) ao qual se liga. Isto é, a condição primacial (mas não exclusiva) do aposto será fazer com que este aluda (*geralmente com acréscimo semântico*) a algo já mencionado.

Tal ligação não será feita, no caso do aposto, em sequência (coordenação), nem tampouco em sintagma (subordinação), mas, em vez disso, em EQUIPARAÇÃO ou EQUIVALÊNCIA. Assim sendo, constitui o aposto um tipo específico de *ligação sintática*, a meio caminho, diríamos, entre a sequência, em que há *independência* sintática entre os termos ligados, e o sintagma, em que haverá *dependência* sintática entre aqueles.

Do ponto de vista semântico, todavia, tanto a sequência quanto o sintagma poderão ter seus termos ligados intimamente, indissociáveis quando de uma análise de sentido, ou mesmo, mais superficialmente, de significado. Haja vista, para comprovarmos o quanto dizemos, a equivalência – não perfeita, com efeito – desfrutada por algumas orações coordenadas em cotejo com outras tantas subordinadas:

Choveu, *mas fui à praia* (coordenada adversativa) ≅ *Embora tenha chovido* (subordinada adverbial concessiva), *fui à praia* (or. princ.);

Ele bebeu em excesso, *porque bateu de carro* (coordenada explicativa) ≅ *Ele bateu de carro* (or. princ.) *porque bebeu em excesso* (subordinada adverbial causal)

Ainda obedientes à semântica, observamos que, em tais cotejos, o que ocorre é uma equivalência *imperfeita* das orações; perfeita, porém, se, deixando este membro de lado (a oração), passarmos à análise de todo o período, ou melhor, de toda a *frase*, que é, como dissemos, "o complexo comunicativo integral (isto é, a faculdade de exprimir uma ideia completa)". Assim, se olhássemos tão somente as orações em si mesmas, veríamos permuta das relações "expectativa-frustração" (1. caso) e "causa-consequência" (2. caso), o que se neutraliza, repetimos, quando da análise da *frase*.

Por isso, ao dizermos que a ligação sintática do aposto se dará por equivalência ou equiparação, teremos, obviamente, partido de um critério *semântico* prévio, que já igualara (ou apusera) os termos em questão, fazendo-os semanticamente *dependentes*. A partir de tal constatação semântica, então, partir-se-á à detecção da *equivalência* sintática, característica do aposto.

Um dos índices de tal equivalência sintática – não apenas semântica – é o fato de que o aposto exercerá sempre a *mesma* função sintática do termo a que se ligara semanticamente. Assim, poderemos ter apostos ligados aos seguintes termos, de que tomarão, por consequência, as funções sintáticas, reproduzindo-as num como espelho linguístico (termo por nós usado em várias acepções e circunstâncias), espelho que há de corroborar o tipo específico de ligação do aposto em prol do qual viremos militar:

a) *Sujeito*:
Exemplo: Pedro, o filho de Antônio, chegou.

b) *Objeto direto*:
Exemplo: Apenas vi Pedro, o filho de Antônio.

c) *Objeto indireto*:
Exemplo: Mostrei a Pedro, *o filho de Antônio*, minha casa.

d) *Predicativo*:
Exemplos:
Aquele homem é Pedro, *o filho de Antônio*.
"(...) a arma era uma só, *uma arapuca de passarinhos*, cuja utilidade se verá mais adiante." (Manuel Bandeira)

e) *Complemento nominal*
Exemplo: Tenho medo de Pedro, *o filho de Antônio*.

f) *Agente da passiva*:
Exemplo: Isso foi feito por Pedro, *o filho de Antônio*.

g) *Adjunto adverbial*:
Exemplo: Fui até Pedro, o filho de Antônio.

h) *Adjunto adnominal*:
Exemplos:
Uma amiga de Pedro, *o filho de Antônio*, chegou.
"Sete anos de pastor Jacó servia
Labão, pai de Raquel *serrana bela* (...)"

i) *Aposto*:
Exemplo:
Aquele rapaz, Pedro, *o filho de Antônio*, é meu amigo.
Naturalmente sendo "Pedro", aqui, um aposto de sujeito ("aquele rapaz"), será ele próprio o sujeito, emprestando a mesma função a seu aposto, "o filho de Antônio".
"Boiavam-lhe no espírito dois esboços de projeto: contar o dinheiro, *coisa* que não podia fazer no corredor (...)" (Graciliano Ramos)

Observação:

Aqui, o aposto (*coisa* [que não podia fazer no corredor]) não se refere a um termo, mas a toda a oração apositiva (enumerativa, que se coordena, diga-se em tempo, com outra, por nós omitida aqui) "contar o dinheiro", de que, pois, toma a função sintática: assim sendo, é aposto de um outro aposto (este último oracional) enumerativo. O termo fundamental, a propósito, encontrado na oração principal, é "dois esboços de projeto", com função de sujeito (na ordem inversa). Logo, "contar o dinheiro", uma oração, como vimos, ligada por aposição, terá função sintática de *sujeito* (q.v. item A, acima), assim ocorrendo também com seu aposto, "coisa" (que, por seu turno, será retomado semântica e sintaticamente pelo pronome relativo "que" da oração adjetiva restritiva "que não podia fazer no corredor", de que será, ora, objeto direto). A classificação de tais apostos como sujeito, ambos, se deu, é bom frisar, em relação à oração principal (que era aquela que continha o termo fundamental), "Boiavam-lhe no espírito dois esboços de projeto". Por fim, ressalte-se que, quanto ao tipo de aposição (q.v. abaixo), a oração subordinada apositiva será um aposto enumerativo (em relação ao fundamental, na oração principal, como vimos), ao passo que "coisa" será aposto de oração desta oração subordinada, que é – mais uma vez – um aposto. Isso vem novamente a provar que "aposto" não é função sintática, pois que, em circunstâncias de aposição tão distintas como as analisadas, houve, entretanto, coincidência de funções sintáticas, pois todos os apostos perscrutados serão, como vimos, desdobramentos semântico-sintáticos do *sujeito* "dois esboços de projeto", sendo ambos, portanto, igualmente sujeitos.

j) *Vocativo*

Exemplos:

Ó Pedro, *filho de Antônio*, escute bem o que lhe digo.

"Não esqueçamos, meus amigos, *como portugueses*, de fazer votos pelo ilustrado monarca." (Eça de Queirós, *apud* Sousa da Silveira, FS)

Na análise do aposto com função "acumulada" de vocativo, pusemos aliunde o exemplo seguinte, que reproduzimos integralmente aqui.

Num caso de *anfilogismo* (acúmulo de funções sintáticas, discrepantes que o sejam), poderá um termo acumular as funções de aposto e vocativo:

"'Vós, *homem bárbaro*, juraste [*sic*] perder o desgraçado (...)'" (Alexandre Herculano. *O Bobo*, Rio de Janeiro, Edições de ouro, s/d, p. 173)

"*Homem bárbaro*" é vocativo e também aposto (este, do vocativo anterior "Vós")

Semelhante coisa parece ter havido nesta cantiga, n. IX, de Pero Meogo (Leodegário A. de Azevedo Filho. *As cantigas de Pero Meogo*, 2. ed., Rio de Janeiro/ Brasília, Edições Tempo brasileiro, 1981, p. 103)

Digades, filha, *mya filha velida*,
porque tardastes na fontana fria.
Os amores ey.
Digades, filha, *mya filha louçana*,
porque tardastes na fria fontana.
Os amores ey.
(...)

Lançando mão do recurso de paralelismo, o eu lírico, aqui uma mãe, chama a filha (vocativo), dando, a este vocativo, uma especificação (aposto) distinta em cada estrofe, embora seja este aposto, ainda, um novo vocativo (*mya filha velida* e *mya filha louçana*).

Quanto a esse comentário feito por nós em outro capítulo – conforme expusemos –, houve, de certa forma, reformulação epistemológica de nossa parte. Ocorre que passamos a ver anfilogismo apenas em casos em que o aposto não o é de um vocativo, mas de outro termo qualquer, cabendo a função de vocativo, em acúmulo com a de aposto (eis o anfilogismo), a um só termo.

É o que acontece neste passo de "Os Lusíadas" (IV, 80: 7,8):

"Porque a maior perigo, mór afronta,
Por vós, *ó Rei*, o esprito e carne he prompta."

O termo fundamental é "vós" (ou "Por vós"); o aposto (explicativo) e o vocativo são desempenhados, simultaneamente, por "ó Rei".

Ou neste outro (id., VI, 68: 5-8):

"E como quem não era já noviço
Em todo trance onde tu, *Marte*, mandes,
Hum Francês mate em campo, que o destino
Lá teve de Torcato e de corvino."

Também no passo seguinte de Cecília Meireles:

"Melhor negócio que Judas
fazes tu, *Joaquim Silvério*!"

Aqui, o termo "Joaquim Silvério" acumula as funções de aposto-sujeito, explicativo de "tu", e vocativo.

Observação:

Primeira conclusão sobre o aposto:

Após esta breve introdução que nos propusemos fazer, pudemos concluir que o aposto não é propriamente uma função sintática, mas, em vez disso, um tipo específico de *ligação*, que se situa, como o dissemos, entre a sequência e o sintagma, oscilando, não raro, ora para uma, ora para a outra. Se o considerarmos estritamente como *função* sintática, – o que não está sendo de todo rechaçado, na medida em que há de haver outros trabalhos de pesquisa que nos auxiliem na investigação iniciada, – estaremos vendo, a torto e a direito, casos de anfilogismo, em que, conforme já salientamos, terá havido *acúmulo* de funções sintáticas. Nem uma nem outra análise nos pareceria de todo absurda, desde que se possa dar a ambas os devidos limites impostos (e outrossim abertos...) pela sintaxe e pela semântica.

Para arrematarmos esta conclusão, trazemos o que o mestre Epifânio da Silva Dias, em sua *Syntaxe Historica*, no par. 45 (Capítulo II, A, "Do substantivo"), diz acerca do aposto:

a) O aposto em sentido estrito liga-se diretamente, isto é, sem estar posto em relação particular com o predicado, a uma palavra nominal [Grifos nossos]:
Vede como concorda S. Paulo com S. João, os dous mayores theologos da escola de Christo (Vieira, *XI, 523*) (...)

O problema da ligação, o discutiremos adiante, já imediatamente na nota n. 3., que se segue (q.v.), além de em inúmeros outros pontos deste nosso capítulo, já que é este problema, assim nos quer parecer, de valor veemente para o início da detecção real do que venha ser, de fato, um aposto.

Observação 2:

Como estaremos demonstrando à frente, em nossa análise pertinente ao aposto circunstancial. É sabido, a propósito, que advérbios de base nominal, por exemplo, podem desempenhar funções próprias a substantivos (estivemos comentando o fato neste nosso mesmo capítulo, no item 3 – *Sujeito Inexistente* / *Oração sem sujeito* –, subitem 3, OBS. 3.; q.v.). Assim, cada vez mais estamos convencido de que a flexibilidade das classes "adjetivo", "substantivo" e "advérbio" é devida ao fato de serem, estas, não *classes* gramaticais, estanques, mas *funções* sintático-morfológicas, variando, portanto, de acordo com o *papel* que desempenharem na frase em que estiverem, sendo muito mais uma *função gramatical* – na acepção mais pura da palavra "gramática" – do que estritamente semântica, ou morfológica, ou sintática.

Observação 3:

Ou, naturalmente, por *aposição*. Isso significa dizer que o aposto se reportará semanticamente sempre à mesma pessoa ou coisa a que estiver ligado sintaticamente, numa dependência que abarcará, portanto, aqueles dois níveis básicos de análise. No *seu Dicionário de Filologia e Gramática* (s.u. APOSTO), Mattoso Câmara aparentemente discordaria da nossa opinião, no que tange a ser o aposto um tipo diferente de ligação (nem sequência, nem sintagma), o que, de acordo com o que exporemos à frente, não ocorreu de fato. Assim diz o Mestre quanto à ligação sintática ocorrida na aposição:

> Na aposição tem-se uma SEQUÊNCIA, e não um SINTAGMA, mas uma sequência centrípeta (que gira em torno de um ser como seu centro), em contraste com as demais sequências, de caráter centrífugo (em que cada membro tem o seu centro de referência: Carlos Gomes, José de Alencar, Pedro Américo são algumas de nossas glórias nacionais).

Na verdade, já deixamos de antemão avisado que, de fato, haverá tipos de aposto que hão de propender para a ligação por *sequência*, ao passo que outros deixarão mais nítida uma ligação por *sintagma*. De uma forma debuxada, já podemos asseverar que, por natureza, é o aposto (ou o são muitos deles) caso de *sintagma*, já que estaremos diante de núcleo (semântico e sintático; q.v. o que dissemos no parágrafo acima) *dependente* de um outro termo, qual seja, este último, o *fundamental*. Assim, se a detecção de um aposto nascerá da perquirição semântica, no mais, será ele igualmente termo em dependência de outro termo, havendo, pois, *subordinação de conteúdo* (semântica) *e de forma* (sintática), o que caracteriza em completude o sintagma, como o sabemos.

No caso do aposto especificativo, com preposição ("de") ou sem ela, por exemplo (estaremos tratando tal caso adiante), será (ou ao menos terá sido) clara a noção de

subordinação. Em construções como "*Colégio Pedro II, Teatro Carlos Gomes, rua Gonçalves Dias, etc*." – guia Rocha Lima (GN, 257) – "que outrora se diziam, vernacularmente, Colégio de Pedro II, Teatro de Carlos Gomes, rua de Gonçalves Dias [Grifo nosso], tendo havido, portanto, mudança de construção, consulte-se especialmente a Mário Barreto, *De Gramática e de Linguagem*, 2 vols., Rio de Janeiro, O Norte, 1922, vol. 2., pp. 180 a 221."

A esse respeito, aduzimos, como ilustração, os seguintes passos de Eça de Queirós (ICR, 18):

> – (...) Se bem me lembro quando você chegou a Coimbra, para os Preparatórios, viveu na casa do Cavaleiro, na rua *de* S. João... (...)"
>
> "(...) Castanheiro (...), depois de recordar as cavaqueiras geniais da rua *da* Misericórdia, de maldizer a falta de intelectualidade de Vila Real *de* Santo Antônio – voltou sofregamente à sua idéia (...)" (id., p.19)

Ainda nesse tipo de aposto (especificativo), ensina-nos o Mestre Bechara (LPAS, 98):

> na nossa língua, corre paralelo às expressões especificativas onde os termos se acham subordinados [Grifo nosso] pela preposição *de*:
> Praça *da República*
> Serra *da Mantiqueira*
> O nome *de pátria*
> A cidade *de Lisboa*.

A tal ponto se sente a *subordinação* nesse caso, que Bechara (*op. cit*.,id. ib.) admite que "alguns autores consideram que há aposição nos dois casos [com preposição ou sem ela] e a preposição *de* é mera *palavra de* ***realce*** ou *expletiva*. Outros preferem classificar a expressão iniciada por *de* como adjunto adnominal. Ambas as análises são perfeitamente aceitáveis."[Grifo nosso]. Lembramos que o adjunto adnominal – análise igualmente aceita por Bechara – é termo *subordinado* ao núcleo substantivo em torno do qual orbitará. A respeito da explicação para a existência da preposição, estaremos dando-a poucos parágrafos à frente.

Discordaremos da análise que veja nos casos em tela, mesmo com a preposição *de*, um adjunto adnominal, pois, como leciona Rocha Lima (GN, 256): "Repare-se em que, na construção 'A cidade de Londres', os dois termos (*cidade* e *Londres*) se identificam, pois que ambos designam o mesmo ser", o que é, realmente, o apanágio do aposto, o qual, uma vez patenteado, tê-lo-á sido, como dissemos, graças à análise semântica prévia.

E acrescentamos ao Mestre Rocha Lima que, a par de se referirem ao mesmo ser, há, com o aposto, em geral, *acréscimo* semântico. Assim, o termo fundamental, "cidade", que poderia ser qualquer uma, é devidamente identificado (ou especificado) com um outro elemento *de natureza adjetival* – conquanto desempenhado por núcleo substantivo – a ele ligado

sintaticamente por equiparação ou aposição, qual seja “(de) Londres” (entendemos que o papel da preposição, conquanto não de somenos valor, é de caráter de mero liame, – embora apresentando, ora, sua relação mais pura de elemento transpositor, – podendo ser ou não analisada como participante do aposto em questão).

Assim sendo, houve, em perfeita harmonia com a doutrina que vimos defendendo, caso de *aposição*, tanto sintática quanto, previamente, semântica. E continua Rocha Lima (op. cit., id. ib.): “Não se confunda, portanto, com estruturas do tipo de ‘A neblina de Londres’, ‘A população de Londres’, etc., em que *Londres* tem valor adjetivo [52], funcionando como adjunto adnominal.

Observação 4:

A preposição

Sabemos que em “Rua Machado de Assis”, o aposto (“Machado de Assis”) é, de fato, resquício do genitivo explicativo latino, o que vem a explicar a necessidade, amiúde, da *preposição,* como em *Constelação de Virgem* (lat.: *sidus Virginus*).

Mesmo em latim, entretanto, poderia vir o aposto declinado exatamente como o termo especificado (o fundamental), à adjetivo. Com isso, sua função sintática coincidiria – e é o que queremos mostrar que acontece com nosso caso hodierno de aposto – com o termo fundamental.

“*En français même*”– diz Vendryès (L, 132) – “*le type le livre de Pierre n’est pas le seul en usage: nous disons aussi le palais royal* (...) *ou la rue Gambetta*.” Repare que, por comutação, constatamos que o Mestre considerou os adjuntos adnominais (“de Pierre” e “royal”) e o aposto (“Gambetta”) como elementos provenientes (ou consequentes) de um mesmo tipo de relação sintática, qual seja, naturalmente, a subordinação, ou o sintagma.

Por fim, trazemos o que leciona Epifânio da Silva Dias em seu comentário à edição de Os Lusíadas (p.146):

> Já tinha vindo Anrique da Conquista
> Da *cidade Hierosolyma* sagrada
> [...]
> (III, 27:1-2)
> Comentário de A.E.S.D.: *cidade Hierosolyma*] como *urbs Roma*; é syntaxe usada antigamente na propria prosa.

[52] Ser desempenhado por núcleo substantivo em nada invalida a natureza adjetival a que nos referimos. Haja vista a locução adjetiva, formada, assim como o aposto especificativo, da seguinte maneira: [PREPOSIÇÃO (geralmente “de”) + SUBSTANTIVO]. Assim, em casos de adjunto adnominal ou de aposto especificativo, o núcleo, não obstante substantivo, é de função adjetival, repita-se: no primeiro caso por dar característica fortuita a outro núcleo substantivo (aqui, o *subordinante* ou *determinado*; cf.: “Neblina de Londres”), no segundo, por dar, a tal núcleo (aqui, o *fundamental*; cf.: “Cidade de Londres”), acréscimo semântico por equivalência.

Como prova de que os arcaísmos são de dificílima classificação enquanto tais (já que se considerariam estes em desuso, ou em uso restrito e parco, o que nem sempre ocorre), trazemos exemplo de autor moderno, em que se deu o adjetivo (nos casos acima não foi adjetivo, senão que substantivo) como substituição ao aposto especificativo:

> "(...) voltamos do cais com a sensação penosa de ter perdido por alguns anos aquele que melhor sabia comentar e interpretar para nós a vida da *cidade carioca*[53] (...)" (Manuel Bandeira)

No caso de apostos circunstanciais exercidos por palavras da classe originária dos adjetivos, será o mecanismo da detecção de uma sequência ou de um sintagma (coordenação ou subordinação) igualmente eficaz para o deslinde da confusão que haverá, naturalmente, entre tal aposto especial e um mero anexo predicativo. O aposto estará se mostrando, mais uma vez – de acordo com o que constataremos – elemento como que propenso à ligação por *sintagma* (ou, aproveitando as palavras de Mattoso – q.v. nota 3, acima – sequência *centrípeta*).

Por fim, não desprezando a circunstância de devermos recorrer à sequência ou ao sintagma para certos tipos de oposição entre aposto e certas funções sintáticas (sobretudo a de predicativo), conforme dissemos, achamos, desde logo, que há, de fato, separação sintática entre as ligações por sequência, por sintagma e por aposição, *inclusive no caso dos apostos especificativos*, que, a propósito, estaremos ilustrando um pouco melhor abaixo.

Observação 5:

De tal asserção não discorda nem sequer um dentre os grandes linguistas e gramáticos da língua. Assim, por exemplo, em Cunha-Cintra (NGPC, 152), afirma-se: "*O APOSTO tem o mesmo valor sintático do termo a que se refere*."

Mattoso Câmara (DFG, s.u. APOSTO) diz:

> APOSTO: Substantivo ou locução substantiva, que, ao lado de outro ou outra, tem a mesma função sintática e se reporta ao mesmo ser. Na análise sintática, tem-se dado especial atenção ao aposto de um sujeito; ex.: "Carlos Gomes, autor da ópera Guarani, é uma das nossas glórias nacionais" (exemplo de Said Ali). [Grifo nosso]

Quanto às sábias palavras de Mattoso Câmara, gostaríamos de prestar os seguintes esclarecimentos, que, entretanto, em nada vêm a derrubar o que ficou estabelecido pelo insigne estudioso:

A judia, FEITICEIRA, matou o poeta.

---

[53] Por "a cidade do Rio (de Janeiro)". Ao substituir "do Rio" por "carioca", sente-se a neutralização entre a locução adjetiva "do Rio" (e.g.: "homem do Rio") e o aposto, idêntico quanto à forma (cf.: "cidade do Rio"), em que, no primeiro caso, poderia ter sido substituída a locução adjetiva pelo simples adjetivo equivalente (cf.: "homem carioca").

> Nesse exemplo, o substantivo *judia*, sujeito da oração, vem acompanhado de outro substantivo que o distingue e lhe explica uma das feições ou qualidades, sem contudo mencionar tal qualidade como característico. Esse substantivo explicativo, quase adjetivo (note a diferença com: *a judia* FEITICEIRA), se chama *aposto*. [sublinhamos]

Por ter, não raro, caráter subsidiário, explicativo em relação ao termo fundamental, não haverá despautério se um desses apostos for exercido por adjetivo (o que ocorrerá sobretudo nos apostos circunstanciais):

Exemplo:

Maria, *muito bonita*, chamou a atenção de todos. (= por ser muito bonita)

Não consideramos o adjetivo (repare que não poderíamos ver em "bonita" um substantivo, até porque está modificado por um advérbio de intensidade, um subjunto, "muito") como predicativo, mas como aposto.

Também na *Syntaxe historica*, A. E. da Silva Dias assim se expressa, no capítulo III, parte B ("Do adjetivo") (par. 45):

> a) O adjetivo, como tal, é:
> ou atributo: *cidade populosa*;
> ou nome predicativo: *esta cidade é populosa*;
> ou aposto (e neste caso designa o modo de ser da pessoa ou coisa no tempo em que se dá a ação do verbo) [a partir de agora, reproduziremos *ipsis literis* a grafia apresentada em nossa edição]:
> *Mal pode ter a vara dyreita quem tem a consciencia torta* (H.P., *l. 178 v.*). *A aurora rompeu meiga e serena* (Herc., *Eur., 113*). *Que o valor, e virtude preeminente | Presente desagrada, ama-se ausente* (*Ulyss., 5, 67*).

Observação 6:

Não haverá necessidade de que o aposto se localize linearmente, isto é, no espaço da frase, ao lado do termo a que se refere. Em vez disso, a aposição deve ser apurada pela referência ao mesmo ser (sendo portanto um critério semântico), ainda que o termo *fundamental* (nomenclatura por nós utilizada) e o *aposto* (ou os apostos) estejam espacialmente afastados um do outro, o que poderá ocorrer, conforme estaremos mostrando.

1.5.2 Tipos de aposto

1.5.2.1 Aposto explicativo ou identificativo ou esclarecedor

Exemplos:

“(...) se eu fosse Deus, *o pai das andorinhas.*” (António Nobre)

“O igarapé – *alcatrão coagulado na sombra da mata virgem* – era um espelho preto, onde as estrelas do céu se debruçavam, com tremuras de medo, nas noites cheias de assombração.” (Peregrino Júnior)

É aquele em que, pelo instrumento sintático de equiparação, é dado ao termo fundamental um determinado atributo ou qualidade, por vezes fortuito, acidental, à moda de adjetivo. Não é por outra razão que tal tipo de aposto, conforme salientamos, estará muito próximo, assim semântica como sintaticamente, dos adjetivos (tendo estes últimos função quer de adjuntos adnominais, quer de predicativos). Assim, muito embora o núcleo do aposto *explicativo* venha a ser desempenhado por substantivo, terá ele, no fundo, função adjetiva.

Para essa nossa afirmação pesam dois argumentos básicos, quais sejam:

→ O fato de que, uma vez transformado em oração (encetada por pronome ou advérbio relativo), o aposto explicativo se torna em *oração adjetiva explicativa*, como bem o sabemos; assim:

“(...) se eu fosse Deus, *o pai das andorinhas.*” >
“(...) se eu fosse Deus, *que é o pai das andorinhas.*”

Apenas a título de lembrança, o outro tipo de oração adjetiva – a restritiva – é a transformação idêntica que ocorrerá, entretanto, com adjuntos adnominais, o que emparelha, mais uma vez, estes (ou, em última análise, os adjetivos) aos apostos. Cf.:

Conheço uma mulher *amável*
Conheço uma mulher *que é amável.*

→ Calcando-nos, agora, nos predicativos, lembramos que, apesar de poderem ser desempenhados por núcleos substantivos, sua *função* será sempre a de adjetivo (com sua natural tendência à função adverbial de modo):

Deus é o pai das andorinhas.
NÚCLEO

Ocorre que, em ambos os casos acima, 1 ou 2, matematicamente teríamos uma só equação:

Deus = pai das andorinhas
(1) (1)

Nos sintagmas em que tal teor explicativo não ocorrer, teremos outra equação, de todo distinta:
Exemplo: “mulher amável”

mulher	+	amável	=	mulher amável
(1)		(2)		(3)

Observação 1:

Este nosso sinal matemático (+) não estará representando adição *sintática*, o que sugeriria ter havido *coordenação* (isto é, sequência), mas, em vez disso, adição *semântica* pura e acidental, o que o faz relacionar sintaticamente – por *subordinação* – os dois termos do sintagma: “mulher” (determinado, subordinante) e “amável” (determinante, subordinado). A soma dessas duas vertentes (1 e 2) resulta, por assim dizer, numa terceira (3), no que tange aos aspectos sintático e semântico – e este ainda mais do que aquele – de análise. Por fim, ressaltamos que o fato de ter-se comportado o adjetivo em questão (“amável”) como termo adjunto não se deu pelo simples fato de ser ele um adjetivo, na medida em que, se ali fosse posto um substantivo, este se comportaria – *se desse informação acidental ao substantivo determinado ou subordinante um caráter acidental* (*e.g.*: “mulher homem”) – igualmente como adjunto adnominal, igualmente passível, portanto, de sofrer alteração por um subjunto, ou termo modificativo (como adjunto adverbial de intensidade: cf.: “Mulher *muito* homem” etc.).

Observação 2:

Em nosso capítulo de pontuação gráfica, já havíamos observado que uma das *categorias* – (cf. Vendryès) talvez categoria prosódica – da língua portuguesa é dar pausa, oral (com tradução gráfica adequada), quando da enunciação de um termo (ou oração) meramente explicativo (ou explicativa) qualquer (em contraste com orações ou termos restritivos). Assim:

(1) Os índios colonizados foram extintos.

(2) Os índios, colonizados, foram extintos.

Em (1), *apenas* tal espécie de índios foi extinta; em (2) *todos* eles o foram, sendo-lhes “colonizados” mero termo apositivo, organizado por equiparação, *ainda que se considere ele um predicativo do sujeito de predicado verbo-nominal*, repetidor (mas com acréscimo semântico) do sujeito “os índios”.

Uma vez transformados em oração, os termos constituem, ora, as adjetivas, respectivamente restritiva e explicativa, marcadas oralmente pela mesma pausa que vimos mostrando:

(1) Os índios que foram colonizados foram extintos.

(2) Os índios, que foram colonizados, foram extintos.

A mesma diferença, *a priori*, ocorrerá com:

(1) O Pedro filho de José chegou

(2) O Pedro, filho de José, chegou.

Em (1), há, como pressuposto, conhecimento de mais de um Pedro; em (2), tal pressuposto inexiste por completo.

Haverá, no entanto, conforme estaremos tratando melhor um pouco abaixo, casos em que tal categoria prosódica parecerá burlada, ou nem tão categórica assim... Já expuséramos o assunto no capítulo de pontuação (q.v.), como dissemos.

1.5.2.2 Aposto enumerativo ou discriminativo

É aquele em que se desenrola quantitativamente, do ponto de vista semântico, em primeiro lugar, o termo fundamental. Neste tipo de aposto, o acréscimo semântico – característica notável de quase todos os apostos – se dá menos no âmbito do acidental, dispensável (o que o igualaria aos apostos explicativos; q.v. letra A, acima), do que no do factual, ou indispensável. Diríamos que este aposto é, este sim, intrinsecamente de natureza (e *função*) substantiva, o que, como mostramos, não acontece em todos os níveis com os apostos explicativos. A prova de que a função substantiva cabe, de fato, a tal tipo de aposto virá, mais uma vez, das orações. Ocorre que, se o traspusermos a uma oração subordinada, será esta, no caso do aposto enumerativo-discriminativo, justamente a oração subordinada *substantiva* apositiva:

Exemplo:

Pedro pediu uma coisa: *o doce*. >
Pedro pediu uma coisa: *que lhe trouxessem o doce*.

Repare-se em que, neste caso, é o aposto de natureza tão substantiva quanto o próprio substantivo que desempenha o papel de termo fundamental, não se tratando, ora, de atributo ou qualidade dadas àquele fundamental. A tal ponto se sentirá a aposição (“uma coisa” = “o doce”), que, mesmo no caso da oração apositiva, a retirada do fundamental não refrearia o sentido geral do enunciado, uma vez que o substantivo aposto fosse expresso, naturalmente na qualidade, dessa vez, de núcleo de um termo:

Exemplos:

Pedro pediu o doce.
OBJ. DIR.

Pedro pediu *que lhe trouxessem o doce*.
OR. SUBORD. SUBST. OBJ. DIR.

O doce foi pedido por Pedro. (VOZ ATIVA)
SUJEITO

Pediu-se *o doce*. (VOZ PASSIVA)
SUJEITO

Pediu-se *que lhe trouxessem o doce*.
OR. SUBORD. SUBST. SUBJETIVA

Pois que, como mostramos, matematicamente:

uma coisa = o doce
(A) (B)

o doce = que lhe trouxessem o doce.
(B) (C)

uma coisa = que lhe trouxessem o doce
(A) (C)

Desse modo, embora tenha havido acréscimo semântico, como ocorrera, também, com o aposto explicativo, no caso dos enumerativos-explicativos tal acréscimo é em nível *sintaticamente* substantivo, circunstância esta que, até aqui, tem-se querido provar, sem eficácia, como pertinente a todo e qualquer tipo de aposto.

> “Mas eu contei a uma criança e nos seus olhos se lia seu pensamento: que a coisa mais bonita do mundo deve ser ouvir um sino de ouro.” (Rubem Braga)
> “(..) *tudo o* que na própria natureza é separado um do outro – *cheiro d’azeite dum lado, homem doutro, terrina dum lado, criado de mesa doutro* – unia-se esquisitamente pela própria natureza (...)” (Clarice Lispector)

Damos outros exemplos:

> “As bordas eram da altura aproximada de um centímetro, e nelas havia reentrâncias curvas – *duas ou três* – na parte superior.” (Rubem Braga)

Observação 1:

Demos também (coincidindo com outros autores) ao lado de "enumerativo", a nomenclatura "discriminativo" por entendermos que nem sempre estará o aposto em questão enumerando algo, o que pressuporia, talvez, que o núcleo (ou mesmo o adjunto) do termo fundamental fosse constituído por um numeral (cardinal). Assim, em orações tais que:

Houve *muito* que fazer: *doces, salgados, bebidas*.

Não sabemos *nada*: *onde, quando, por quê, como*. –

quer-nos parecer que os apostos (sublinhados e em itálica) têm, antes do mais, função de discriminar as expressões indefinidas "muito" e "nada" (pronomes substantivos).

Não nos parece uma tentativa especiosa de distinção, mas, em vez disso, acreditamos que se trata de óbvia diferença, nem tanto conceitual – daí não termos achado necessidade de abrir outro tipo de aposto apenas para o discriminativo, deixando-o junto com o enumerativo – como o é explicitamente lexical: "enumerar" não é a mesma coisa que "discriminar", se bem que, por vezes, numa relação semântica de *inclusão* (na medida em que, por compartilharem campos semânticos, possuirão termos de identificação – cf. Charles Bally –, ou semas em comum), um desses termos *possa* englobar, *ocasionalmente*, o outro, algo que não justificaria a contento a fusão conceitual e terminológica, pois que nos soaria ambígua e simplista.

Para que se evitem, apesar disso, discussões a respeito da distinção ora apontada, estamos, previamente, considerando os apostos "enumerativo" e "discriminativo" como subespécies de uma mesma espécie, podendo, amiúde, neutralizar-se num único conceito, o que será perfeitamente previsível e lícito. Com isso, embora estejamos propenso a entender que mesmo os apostos "explicativos" têm, não raro, o condão de discriminar, não os arrolamos, por questão didática (e certamente fiada no tipo de ligação sintática apontado pela pontuação gráfica), na subespécie dos apostos "enumerativos ou discriminativos", como está sendo este nosso subitem B.

Já esboçamos que a diferença entre os apostos explicativo e enumerativo-discriminativo é o fato de que, com aquele, há esclarecimento único, relativo a apenas um ser ou coisa, como que situações, qualidades ou atributos deste ser ou coisa, enquanto que, com estes últimos, o esclarecimento do aposto se calcará em quantidade de informação, nem tanto de atributos. A propósito, e já no-lo disse José Oiticica, o aposto é um termo "substantivo explicativo, quase adjetivo", exatamente por, como o fazem adjetivos, acrescentar explicações ou especificidades a um núcleo (o fundamental) substantivo. Tal caso, a par de ocorrer freqüentemente com o aposto explicativo, será a distinção final – repita-se – entre este o o enumerativo-distributivo.

Exemplos:

Houve duas pessoas à sua procura: *Pedro e Francisco*.
Grandes coisas foram admiradas: *quadros*, *esculturas*, *tapetes*.
Aposto discriminativo do fundamental: “grandes coisas”.
“Uma lanterna *nos* iluminava com sua luz vacilante: *um velho, uma mulher com uma criança e eu*” (Lygia Fagundes Telles)

Observação 2:

Não é necessário, talvez, que se leve ao aluno principiante a diferença aqui apontada. O rigor com que quisemos encarar o assunto, entretanto, vai ao encontro de nossa opinião no sentido de que se deverá, sempre previamente, delimitar com clareza os objetos e conceitos enfocados; de tal ponto, haveremos de descrevê-los, para, só então, tentar esmiuçá-los com acuidade. Sabedores de que, todavia, tal procedimento poderá pecar por “excesso” de zelo, o que comprometeria, também, a clareza, deixamos aberta a discussão, já tendo exposto, acerca dela, o que supomos nitidamente necessário.

Observação 3:

Tanto o aposto explicativo quanto o enumerativo poderão vir como que introduzidos por expressões de realce como *isto é, por exemplo, a saber, convém a saber* etc. Tais expressões – denotativas de *explicação* – servem para frisar o caráter subsidiário (esclarecedor) dos dois apostos em tela, caráter este que, a propósito, como bem o sabemos, nem sempre é o escopo primacial de um aposto.

1.5.2.3 Aposto especificativo

É aquele em que se junta um substantivo próprio a um substantivo comum, sendo este o termo genérico e aquele o (seu) específico.
Exemplos:

Cidade do Rio, rio Amazonas etc.
“A cidade *de Brasília* fica fora da cidade.” (Clarice Lispector)

“Quinze anos, não havendo vocação, pediam antes o seminário do mundo que o de S. José[54].” (Machado de Assis)

1.5.3 A pontuação gráfica no aposto

[54] Repare-se na coordenação de um adjunto adnominal (“do mundo”) com um aposto especificativo (“de S. José”), ambos com o termo comum “seminário”, determinado (subordinante) de “do mundo” e fundamental de “de S. José”.

Geralmente o aposto que tenha um cunho explicativo ou esclarecedor ou enumerativo-distributivo ou recapitulativo será separado por sinal gráfico, sendo os mais comuns os que passaremos a expor.

1.5.3.1 A vírgula

Exemplos:

“Agora nenhum rei está aqui, mas sim o Mestre de Avis, *vosso antigo capitão*.” (Alexandre Herculano, *apud* Bechara, MGP, 213)

“Aquela complicação, tinir de ferros, máscaras curvadas sobre a mesa, o cheiro do desinfetante, mãos enluvadas e rápidas, as minhas pernas imóveis, um traço na pele escura de iodo, nuvens de algodão*, *tudo* me dança na cabeça.” (Graciliano Ramos)

“Essas linhas e chumbadas, o puçá e a tarrafa, *tudo* fica sendo seu (...)” (Rubem Braga)

Observação 1:

O aposto designativo antonomásico poderá vir, como os demais apostos de cunho explicativo, separado por sinais gráficos:

“Um dos mais esforçados da linhagem, Lourenço, por alcunha *o Cortador*, colaço de Afonso Henriques (...), aparece logo na batalha de Ourique (...)” (Eça de Queirós)

Alguns desses apostos são construídos sem pontuação gráfica, *ainda quando referentes a mera explicação que se queira dar ao termo fundamental.*

Em Aljubarrota, Diogo Ramires *o Trovador* desbarata um troço de besteiros (...)” (Eça de Queirós)

“Álvaro Ramires (...) termina por comandar uma urca de piratas na frota de Murad *o Maltrapilho*” (Eça de Queirós)

“Dizei-lhe que Egas Moniz *o moço* lhe pede uma tumba e uma sepultura honrada para tão nobre e valente cavaleiro.” (Alexandre Herculano)

Em nosso capítulo de pontuação gráfica (q.v., “Vírgula”, parte 3, OBS. 4), fizemos observação em que subscrevíamos o Mestre Adriano da Gama Kury em trecho que, no ensejo, aproveitamos para reiterar

Adriano da Gama Kury fez a mesma observação (*Novas lições de análise sintática.* Rio de Janeiro, Ática, 1997, p. 59), que aproveitamos para reproduzir e subscrever:

“Mestre Gaudêncio curandeiro gingava” (Gr. Ramos [...])

Obs. – A maior parte dos autores não arrolam este caso de aposto, baseados na ausência da pausa entre ele e o nome fundamental, razão simplista demais a nosso ver, pois a justaposição sem pausa se explica seja pela inversão dos termos em aposição (cp. Roma, cidade da Itália; Mediterrâneo, mar euro-africano), seja pelo desejo de uma ligação mais direta com o fundamental.
Autores como Graciliano Ramos, por exemplo, empregam o mesmo aposto ora seguido de pausa, ora simplesmente justaposto:
"Naquela noite de lua cheia, estavam acocorados na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro."
"Seu Libório cantador e o mestre preto Firmino juraram que estavam atentos."

Ainda neste mesmo capítulo (id., ib.), trouxemos à luz outros apostos designativos antonomásicos, desta vez de Clarice Lispector, separados por *hífen*:

"Assim lembrava-se de *Joana-menina* diante do mar: a paz que vinha dos olhos do boi (...)"

"Um dia contara a Otávio histórias de *Joana-menina* do tempo da criada que sabia brincar como ninguém."

E, por fim, o título de famoso poema de Cassiano Ricardo: "*Brasil-menino*".

Observação 2:

Devemos tomar cuidado com a pontuação em certos apostos especificativos do tipo:

"O mestre José Amaro ouvia o bicheiro, como se não ouvisse nada." (José Lins do Rego) –,

em que *José Amaro* é aposto especificativo de *mestre*.

Quanto ao caso de apostos do tipo *o ministro fulano de tal*.

Acontece, aqui, que *fulano de tal* é aposto (especificativo) de *ministro*, não devendo, em princípio, ser separado com vírgula.

Caso distinto ocorre se dissermos:

O Ministro da Fazenda, *Pedro da Silva*, chegou hoje ao Rio de Janeiro.

Onde interpretamos que só haja um ministro da fazenda, daí ser *Pedro da Silva* aposto explicativo, não especificativo. E, se não pusermos a vírgula ali, daremos a entender que há mais de um ministro da fazenda...

Em construções do tipo *O excelentíssimo Senhor Presidente da República Pedro da Silva*, a ausência e vírgulas se explicaria por ter-se sentido "O Excelentíssimo Senhor Presidente da República" como se fosse uma forma de tratamento em relação a "Pedro da Silva". Daí, não se justificaria ausência de vírgula em: *O Presidente da República, Pedro da Silva*.

É claro que também se poderia iniciar pelo nome da pessoa:

Pedro da Silva, (o) Presidente da República (do, da, dos, das)... –,

em que *Presidente da República* é, agora, isto, um aposto explicativo (de *Pedro da Silva*). A condenação a esta forma está, antes de tudo, em que o fato de ter sido "Pedro da Silva" citado haverá de ter sido, em princípio, por ser ele o presidente da república, sendo, portanto, *este* o fato de maior relevância, devendo vir, afinal, como o sujeito (ou o objeto etc.), não como mera explicação subsidiária, como costumam ser os apostos explicativos.

Observação 3:

Muito esporadicamente poderá o aposto vir sem isolamento, como neste passo de Alexandre Herculano:

"Dizei-lhe que Egas Moniz *o moço* lhe pede uma tumba e uma sepultura honrada para tão nobre e valente cavaleiro".

Adriano da Gama Kury fez a mesma observação que fizemos acima (*Novas lições de análise sintática.* Rio de Janeiro, Ática, 1997, p. 59), cujo exemplo de sua obra (citada ao lado) aproveitamos para reproduzir e subscrever:

"Mestre Gaudêncio curandeiro gingava" (Gr. Ramos [...])

Observação 4:

A maior parte dos autores não arrolam este caso de aposto, baseados na ausência da pausa entre ele e o nome fundamental, razão simplista demais a nosso ver, pois a justaposição sem pausa se explica seja pela inversão dos termos em aposição (cp. Roma, cidade da Itália; Mediterrâneo, mar euro-africano), seja pelo desejo de uma ligação mais direta com o fundamental.

Autores como Graciliano Ramos, por exemplo, empregam o mesmo aposto ora seguido de pausa, ora simplesmente justaposto:

"Naquela noite de lua cheia, estavam acocorados na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro."

"Seu Libório cantador e o mestre preto Firmino juraram que estavam atentos."

Clarice Lispector definiu claramente um aposto (diríamos que quase circunstancial) lançando mão do hífen nas seguintes passagens:

"Assim lembrava-se de *Joana-menina* diante do mar: a paz que vinha dos olhos do boi (...)"

"Um dia contara a Otávio histórias de *Joana-menina* do tempo da criada que sabia brincar como ninguém."

1.5.3.2 O travessão

Exemplos:

"(...) ele – *o estrangeiro* – seria o senhor da nobre (...) terra de Portugal" (Alexandre Herculano)

"Vestindo os trajos de vilão – *o arbim e o zorame de burel* – entrara no burgo ao romper da alva (...)" (Alexandre Herculano)

"Antes de mergulhar no pesadelo, segurava-se aos trastes mesquinhos – *o espelho, o relógio, as cadeiras* – e buscava amparar-se em alguém." (Graciliano Ramos)

"No cais, os guindastes – *domesticados dinossauros* –
erguem a carga do dia"
(Mario Quintana)

"Sacou do bolso o macinho de notas miúdas – *dinheiro do sorvete e da volta*–, contou-as uma por uma, e estendeu cinco." (Carlos Drummond de Andrade)

"Tornara-se tão íntima da substância terrestre – a dor – que se fazia difícil para o médico saber o que sentia (...)" (Paulo Mendes Campos)

1.5.3.3 Os dois-pontos

Será usado principalmente nos apostos enumerativos (como o foi no caso abaixo em questão) e nos discriminativos.

Exemplo:

"Tu tens, em abundância, os quatro Elementos: *o ar, a água, a terra e o dinheiro.*" (Eça de Queirós)

1.5.3.4 Os parênteses

Exemplos:

"Seu tio Duarte, irmão de sua mãe (*uma senhora de Guimarães, da Casa das Balsas*) (...)" (Eça de Queirós)

"[....]
todos três,
e todos de uma só vez,
calçaram Botas Sete-Léguas
e entre a voz que chamava (*a magia*)
e outra voz que mandava (*a ambição*)

e uma outra que não discutia (*a obediência*)
[...]
(Cassiano Ricardo)

Observação 1:

Já em cotejo com este último caso analisado (cujo exemplo coletado o foi de Cassiano Ricardo), pudemos ver que o aposto, embora esteja quase sempre em contiguidade com o termo de natureza substantiva a que se refere, poderá, contudo, vir dele (ou ao menos do núcleo, do fundamental) distanciado, o que não prejudicará o entendimento:

"Ainda hoje estão em pé, mas ninguém as habita, *essas choupanas execrandas* (...)" (Camilo Castelo Branco, *apud* Bechara, MGP, 254)

"(...) essa indireta abjuração dos afetos mais puros e santos, *os da família,* é condenada por uns (...)" (Alexandre Herculano)

Observação 2:

Note-se que o artigo definido "os" (que pode ser interpretado como pronome demonstrativo = "aqueles") serve para a repetição do termo (fundamental) "afetos", núcleo do complemento nominal anterior. Assim, estaria à distância o termo fundamental de seu aposto, como queríamos demonstrar.

Num dos exemplos dados por Bechara (MGP, 213), ocorre o distanciamento linear de que vimos tratando:

"Nada impedia seus planos: *tristezas, dores, dificuldades*" –,

em que "tristezas, dores, dificuldades" é aposto do fundamental "nada".

1.6 Do complemento nominal

Termo preposicionado que integra o sentido de substantivo, adjetivo ou advérbio. Tem sentido paciente:

Exemplos:

Foi sempre fiel *ao amor*.
O rapaz tem fidelidade *ao amor*.
O rapaz agiu fielmente *ao amor*.

Observação 1:

Sobre o complemento nominal, devemos ainda saber: tanto eles quanto os objetos indiretos são termos obrigatoriamente seguidos de *preposição*.

A diferença é que os objetos indiretos são um complemento *verbal* e o complemento nominal se refere a um *nome*.

Necessito de amor. — *objeto indireto*

Tenho necessidade de amor. — *complemento nominal*

Observação 2:

Não apenas o objeto indireto tem a capacidade de transformar-se em complemento nominal. Também outros termos ligados a verbos poderão como que converter-se em complementos nominais.

Exemplos:

Redijo a carta. — *objeto direto*

A redação da carta. — *complemento nominal*

Sinto calor. — *objeto direto*

A sensação de calor. — *complemento nominal*

Vou a Paris. — *adjunto adverbial* (lugar)

Minha ida a Paris.— *complemento nominal*

Cheguei de Roma. — *adjunto adverbial* (lugar)

Minha chegada de Roma. — *complemento nominal*

Observação 3:

São **NOMES**: SUBSTANTIVO, ADJETIVO e ADVÉRBIO.

E é justamente a uma dessas três classes que o complemento nominal se liga obrigatoriamente.

Além disso, é fundamental vermos que, quanto aos SUBSTANTIVOS, somente os ABSTRATOS serão passíveis de receber complemento nominal.

Observação 4:

Substantivos abstratos são palavras que vêm ou de VERBO (abstratos de ação) ou de ADJETIVO (abstratos de qualidade), ou ainda são palavras que indicam ESTADO:

Exemplos:

AÇÃO: grito, competição, apego...

QUALIDADE: beleza, lealdade, maciez...
ESTADO: vontade, medo, paixão, amor...

Todas essas classes, se forem seguidas de preposição obrigatória, serão COMPLEMENTOS NOMINAIS (haverá a exceção dos adjuntos adnominais, de que falaremos à frente):
Exemplos:
ADJETIVO: Era um homem FIEL “a seus princípios”.
ADVÉRBIO: Agiu FIELMENTE “a seus princípios”.
SUBSTANTIVO ABSTRATO: Tinha FIDELIDADE “a seus princípios”.

Observação 5:

Devemos fazer outra ressalva: junto a um SUBSTANTIVO (abstrato), pode existir um termo preposicionado que, na verdade, não é complemento nominal, e sim ADJUNTO ADNOMINAL.

Mas isso só vai acontecer se a preposição em jogo for DE. Além disso, existe o recurso de observarmos o seguinte:

1. Se o termo preposicionado tiver sentido PASSIVO, é complemento nominal;
2. Se o termo preposicionado tiver sentido ATIVO, é adjunto adnominal.

Exemplo:

1. Ele tem MEDO “de escuro” – o “escuro” é a “vítima” do medo, não é ele que tem este medo, sendo, portanto, passivo em relação a ele: COMPL. NOM.
2. O MEDO “de José” não tem fundamento – “José” é o agente em relação ao medo, sendo, pois, ativo: ADJ. ADN.

Mas *atenção*:
Observe as frases:
Pedro morreu. / A morte DE PEDRO.
Pedro nasceu. / O nascimento DE PEDRO.
ADJUNTOS ADNOMINAIS

Ocorrem, aqui, ações: ação de morrer e ação de nascer. Portanto, não devemos ver a mera passividade do sujeito, que, aparentemente, não age por conta própria nem para morrer, nem para nascer; devemos, sim, observar o efetivo exercício de uma ação, ainda que de cunho abstrato.

Observação 6:

Devemos tomar o cuidado de observarmos que, não raro, o que era SUBSTANTIVO. ABSTRATO passa a ser concreto, deixando, obviamente, de poder ser seguido de COMPL. NOM.

Exemplo:

A plantação de árvores solucionou o problema das enchentes.

Aqui, de árvores é complemento nominal, pelo fato de que “plantação” é abstrato, porque indica “ATO DE plantar”.

Mas observe:

A plantação de árvores pegou fogo.

Aqui, de árvores não pode ser complemento nominal, porque “plantação” não é substantivo abstrato, já que não significa um ATO, mas um resultado, sendo, portanto, concreto. Como sabemos, o que se segue a um substantivo concreto não pode ser complemento nominal, mas sim ADJUNTO ADNOMINAL.

A mesma coisa ocorre em:

1. A invenção da vacina revolucionou o mundo.
2. A invenção de Sabin revolucionou o mundo.

Em 1, “invenção” significa ATO DE..., sendo, portanto, abstrato; em 2, “invenção” não significa ATO DE..., sendo, portanto, concreto.

Logo: em 1, da vacina é COMPLEMENTO NOMINAL. Em 2, de Sabin é ADJUNTO ADNOMINAL.

1.7 Do agente da passiva

Termo que indica o autor da ação verbal expressa em oração de voz passiva analítica. Exemplo: A casa foi construída *pelo seu próprio dono.*

1.8 Do adjunto adverbial

Termo de natureza acessória que traz para o texto informações subsidiárias. São classificados como (ao lado, damos exemplos de orações em que eles ocorrem):

a) *Causa*: Vive por amor a todos
b) *Tempo*: Chegarei daqui a pouco.
c) *Modo*: Eles falam ansiosamente.
d) *Intensidade*: Todos estavam muito felizes.
e) *Negação*: Não sei o que disseram.
f) *Dúvida*: Talvez façamos o trabalho hoje.

g) *Afirmação*: Irei certamente ao festejo.
h) *Meio*: Sempre viajei de avião.
i) *Instrumento*: Preparou o terreno com a enxada.
j) *Fim* (finalidade): Lutou para a felicidade
k) *Concessão*: Embora descrente, viu tudo.

1.9 Do adjunto adnominal

Termo de natureza acessória que acompanha os núcleos das diversas funções.
Exemplo:

A casa *de pedra* nunca desaba.

1.10 Do vocativo

Termo usado como chamamento.
Exemplo:

João, a que horas começamos o trabalho?

2 Sintaxe do período composto

Período Simples: Como foi visto, é aquele formado por uma única oração. Esta é denominada Oração Absoluta.

Período Composto: É o que possui mais de uma oração. Há dois tipos de período composto: POR COORDENAÇÃO E POR SUBORDINAÇÃO:

Observação:

Preferimos considerar a *justaposição* como uma classificação quanto à *forma* do período, o que faremos abaixo.

2.1 Período composto por coordenação

É aquele em que as diversas orações que o formam não dependem sintaticamente umas das outras.
Exemplo:

Ela chegou e cumprimentou a todos.

Neste período só existem orações coordenadas, que podem ser introduzidas por conjunções ou não.

Denominamos *coordenadas assindéticas* as orações coordenadas introduzidas sem conjunção.

Exemplo:

Ela chegou, *observou a todos.*

Por outro lado, COORDENADAS SINDÉTICAS são aquelas introduzidas por conjunção.

Exemplo:

Ela chegou, observou a todos *e não disse uma palavra*.

a) As orações COORDENADAS (sindéticas ou assindéticas) são classificadas em:
   1. *Aditivas*: *Olhei, gostei, casei.*
   2. *Adversativas*: Chegou cedo, *mas falou com ela.*
   3. *Alternativas*: *Ora chove, ora faz sol.*
   4. *Conclusivas*: Ele apresentou-se *e, por isso, nada de mais grave ocorreu.*
   5. *Explicativas*: Corra, *porque vai começar a chover.*

2.2 Período composto por subordinação

É aquele em que há relação hierárquica entre as orações. Sendo assim, encontraremos dois tipos de orações neste período: a oração principal e a oração subordinada.

Exemplo:

Se não chover, pretendo ir à praia com os amigos.

Há, no período composto por subordinação, dois tipos de orações: principal e subordinada. A oração subordinada pode ser subordinada adjetiva, subordinada substantiva e subordinada adverbial.

2.2.1 Oração subordinada adjetiva

Exerce função de *adjunto adnominal* de um nome da oração anterior. É introduzida por pronomes relativos.

As orações subordinadas adjetivas subdividem-se em:

a) *Restritivas*: As pessoas *que se empenham* alcançam êxito certo. (=empenhadas)

b) *Explicativas*: O rapaz, que sempre visita os amigos, ficou contente com aquilo.

2.2.2 Oração subordinada substantiva

Exerce valores sintáticos relativamente às orações principais, que as classificam como:

a) *Subjetiva*: É verdade *que eles chegaram cedo.*
b) *Objetiva Direta*: Observei *que eles chegaram cedo.*
c) *Objetiva Indireta*: Preciso *de que eles cheguem cedo.*
d) *Completiva Nominal*: Tenho necessidade *de que eles cheguem cedo.*
e) *Predicativa:* A verdade é *que eles chegaram cedo.*
f) *Apositiva*: Sei uma coisa: *que eles chegaram cedo.*

> *Observação*:
>
> A conjunção responsável pela conexão entre a oração principal e uma subordinada substantiva é denominada conjunção subordinativa integrante.

2.2.3 Oração subordinada adverbial

Exerce função de *adjunto adverbial* da oração principal.

a) *Causal*: Por falar baixo, poucos o ouviam.
b) *Comparativa*: Ela dança como um cisne.
c) *Concessiva*: Vou ao terreno, ainda que você não vá.
d) *Condicional*: Se quiser, pode ficar.
e) *Conformativa*: Falou conforme fora instruída.
f) *Consecutiva*: Era tão bravo, que mal podíamos falar com ele.
g) *Final*: Falava bem para ser compreendido.
h) *Proporcional*: Ela aprendia conforme ia lendo.
i) *Temporal*: Assim que chegou, todos se levantaram por respeito.

> *Observação*:
>
> A conjunção que faz a ligação entre oração principal e uma subordinada adverbial denomina-se conjunção subordinativa causal, conjunção subordinativa comparativa e assim por diante.

2.3 Classificação das orações quanto à forma

2.3.1 Desenvolvidas

São aquelas que possuem verbo conjugado e conectivo, claro ou oculto.

No caso das orações subordinadas substantivas, o conectivo se chama *conjunção subordinativa integrante* (*que* e *se*).

No caso das orações adjetivas, o conectivo é o *pronome relativo*.

Nas orações coordenadas, o conectivo é a *conjunção coordenativa* (aditiva, adversativa, explicativa etc.).

Nas orações subordinadas adverbiais, o conectivo é a *conjunção subordinativa adverbial* (condicional, concessiva, temporal, consecutiva etc.).

Exemplo:

Espero *que tudo continue bem*.
João, *cuja irmã acaba de chegar*, é meu amigo.
C*aso chova*, a festa não ocorrerá.

2.3.2 Reduzidas

São aquelas que só possuem verbo numa das 3 formas nominais: *infinitivo*, *gerúndio* ou *particípio*.

Exemplos:

É necessário *irmos a paris*.
Ele chegou *sorrindo*.
Acabada a tarefa, pôde descansar.

2.3.3 Justapostas

São aquelas que têm verbos conjugados (semelhantemente às orações desenvolvidas) ou em formas nominais, mas não têm conectivos próprios das orações desenvolvidas. São introduzidas por outras palavras.

Exemplos:

Quem ama zela.
Já sei *por que ele é tão sábio*.

Apêndice: sinopse das funções sintáticas do período simples

Oração

Quanto à oração, sua característica de maior relevância não é possuir sentido completo, senão que, em vez disso, partir-se, o mais das vezes, em dois termos básicos – quais sejam o *sujeito* e o *predicado*. Diríamos ser essa estrutura de há pouco não a particular ou exclusiva, mas, sem dúvida, a preferida dos falantes, eleita pela maioria deles em seu dia-a-dia, em que põem a língua a serviço próprio, sobretudo no que tange a seu aspecto de comunicação.

Sabemos, ainda, que o complexo comunicativo integral (isto é, a faculdade de exprimir uma ideia completa) reside, antes, na *frase*, que, dessa forma, poderá dividir-se, para efeito de análise, em subunidades.

A Gramática divide os termos componentes da oração em:

Essenciais: sujeito e predicado
Integrantes: complementos verbais (objetos direto e indireto) e complemento nominal
Acessórios: adjunto adnominal, adjunto adverbial e aposto
Termo Independente: vocativo

1. *Sujeito*: termo que expressa o ser ou a coisa de que se declara algo.
   Exemplo: *Ele* sempre vem aqui.

1.1 *Tipos de Sujeito*:

a) *Simples*: sujeito que só tem um núcleo.
   Exemplo: *Um ROSTO sereno sempre traz harmonia.*

b) *Composto*: sujeito que apresenta mais de um núcleo.
   Exemplo: Chegaram cansados o FILHO e a FILHA.

c) *Indeterminado*: sujeito que não pode ser identificado. Somente ocorre nas seguintes hipóteses:
   → Verbos em terceira pessoa do plural, sem pronome ou indicação aos autores da ação verbal.
   Exemplo: Beberam minha água.

   → Verbos transitivos indiretos ou intransitivos, em terceira pessoa do singular e acompanhados do pronome se.
   Exemplo: Assistiu-se aos espetáculos de ontem.

d) *Inexistente* (Oração sem Sujeito): ocorre:

→ Com o verbo *haver* com sentido de *existir*, *ocorrer* ou *acontecer*:
Exemplo: Havia multidões esperando por ele.
→ Com os verbos *ser*, *estar* e *fazer* em expressões indicativas de tempo:
Exemplos: Hoje são dez de junho.
Está cedo.
Faz cinco meses que comecei ler o livro.
→ Com verbos que indicam fenômenos da natureza em sentido denotativo:
Exemplo: Amanheceu mais rápido do que eu supunha.

2. *Predicado*: tudo o que se declara do sujeito, ou seja, tudo o que não é sujeito.
Exemplos: Ele *sempre vem aqui*.

2.1 *Classificação do Predicado*:

a) *Nominal*: formado por verbo de ligação, tem como núcleo o predicativo.
Exemplo: Maria *transformara-se numa excelente aluna*.

b) *Verbal*: formado por verbo de ação, que é o núcleo.
Exemplo: Todos *quiseram um pedaço do bolo.*

c) *Verbo-nominal*: formado por verbo de ação, mas com um predicativo, que se liga por verbo de ligação implícito (elipse).
Exemplo: Pedro *chegou [e estava] entusiasmado*.

3. *Predicativos*: são atributos referidos ora ao sujeito, ora aos complementos verbais.
Exemplos: Ela ficou *feliz* com a novidade.
Eu julgo Pedro *como um grande amigo*.

4. *Objeto direto*: é o complemento da transitividade direta dos verbos transitivos direto e direto e indireto.
Exemplo: Comprei *duas casas* naquele bairro.

4.1 *Objeto Direto Preposicionado*:

Ocorre:

a) *Para evitar-se ambiguidade*:
Exemplo: Ao pai beijou o filho.

b) *Para transmitir-se ideia partitiva*:
Exemplo: Beberam da minha água.

c) Quando representado pelo pronome QUEM:

Exemplos: A quem ele ama?
Esta foi a mulher a quem amei.

4.2 *Objeto Direto Pleonástico*: reforça, semanticamente, objeto direto já existente.
Exemplo: Aquele aluno, nunca o vi em sala.

5. *Objeto Indireto*: é o complemento da transitividade indireta dos verbos transitivos indireto ou direto e indireto.
Exemplo: Ele precisava *da ajuda da menina*.

5.1 *Objeto Indireto Pleonástico*:
Exemplo: A ele, nunca *lhe* deram um emprego.

6. *Complemento Nominal*: termo preposicionado que integra o sentido de substantivo, adjetivo ou advérbio. Tem sentido paciente:
Exemplos: Foi sempre fiel *aos princípios*.
O rapaz tem fidelidade *aos princípios.*
O rapaz agiu fielmente *aos princípios.*

7. *Agente da passiva*: termo que indica o autor da ação verbal expressa em oração de voz passiva analítica.
Exemplo: A casa foi construída *por um grupo de operários*.

8. *Adjunto adverbial*: termo de natureza acessória que traz para o texto informações subsidiárias, tais como:
   I. *Causa*: Viveu por amor a todos
   II. *Tempo*: Chegarei daqui a pouco.
   III. *Modo*: Eles falam ansiosamente.
   IV. *Intensidade*: Todos estavam muito felizes.
   V. *Negação*: Não sei o que disseram.
   VI. *Dúvida*: Talvez façamos o trabalho hoje.
   VII. *Afirmação*: Irei certamente ao festejo.
   VIII. *Meio*: Sempre viajei de avião.
   IX. *Instrumento*: Preparou o terreno com a enxada.
   X. *Fim* (finalidade): Lutou para a felicidade.
   XI. *Concessão*: Embora descrente, viu tudo.

9. *Adjunto Adnominal*: termo de natureza acessória que acompanha os núcleos das diversas funções.
Exemplo: A casa *de pedra* nunca rui.

10. *Aposto*: termo de natureza acessória que explica ou enumera algo.
    Os principais tipos são:
    I. Explicativo: Maria, *sua mãe*, está sempre presente.
    II. Especificativo: Rua *Machado de Assis.*
    III. Enumerativo (discriminativo): Comprei várias coisas: *roupas*, *livros*, *sapatos*.
    IV. Recapitulativo: Comprei roupas, livros, sapatos, *tudo* na mesma loja.

11. *Vocativo*: termo usado como chamamento.
    Exemplo: *Pedro*, a que horas começamos o trabalho?

Questões Comentadas

Para começar, gostaria que você apenas lesse as palavras abaixo e prestasse atenção ao sentimento ou à emoção que elas imediatamente disparam em você. Trocando em miúdos, como você se sente quando vê as palavras "crédito", "débito" e "empréstimo"?

Normalmente, a palavra "crédito" dispara em nós sensações positivas, já as outras nos causam certo desconforto, porque imediatamente associamos crédito a ganhos, e débito e empréstimo a perdas.

De acordo com a psicologia econômica, a dor de perder algo é, em média, duas vezes maior que o prazer proporcionado pelo ganho dessa mesma coisa. Quem já perdeu uma nota de R$ 50,00, por exemplo, e já teve a sorte de achar uma sabe bem do que estou falando.

Historicamente, a palavra "crédito" começou a ser utilizada pelas instituições financeiras nos extratos de conta bancária e sempre associada ao sinal "+", designando depósitos, entradas, ou seja, ganhos.

Já a palavra "débito", seguida do sinal "–", corresponde a saídas, retiradas, pagamentos, enfim, a perdas. Além disso, as expressões "saldo credor" e "saldo devedor" contribuem para que a nossa percepção em relação às palavras "crédito" e "débito" seja afetada positivamente no primeiro caso e negativamente no segundo.

25 Se somarmos a essa associação quase espontânea e imediata outras da mesma natureza, disparadas por termos como "cheque especial", "financiamento", "linha de crédito",
28 "crédito fácil", talvez consigamos explicar por que muitas pessoas *entendem* empréstimo como parte de sua renda.

Se pararmos, por um segundo que seja, e
31 interrompermos essa primeira associação, seremos capazes de entender tomada de crédito, financiamento, utilização de cheque especial como tomadas de empréstimo. Tomar um
34 empréstimo significa contrair, assumir uma dívida. E aí a coisa toda muda de figura.

Quando percebemos a utilização de uma linha de
37 crédito, de uma *parcelinha* que seja do cheque especial, ou de qualquer outra forma de empréstimo, como uma perda, nossa reação é parar para pensar se aquilo é realmente necessário,
40 imprescindível.

Se, mesmo após reflexão, chegarmos à conclusão de que temos de tomar o empréstimo, isto é, de encarar a perda,
43 nosso segundo passo será tentar minimizar essa perda, procurando melhores taxas de juros.

Agora veja que interessante. Quando encaramos a
46 tomada de empréstimo como um ganho, nossa reação é maximizar o nosso ganho e aí podemos até nos empolgar com alguma oferta irresistível e acabar nos endividando além da
49 conta.

Portanto, lembre-se que, ao utilizar linha de crédito, financiamento, parcelamento, cartão de crédito, você, na
52 verdade, contrai uma dívida que deverá ser paga, custe o que custar.

Adriana Spacca Olivares Rodopoulos. Internet: <http://dinheirama.com/blog> (com adaptações).

01. (Analista Executivo/Direito/SEGER-ES/Cespe/2013) Acerca das relações de sentido estabelecidas no texto e de aspectos gramaticais, assinale a opção correta.

a) As relações de sentido e a correção gramatical do texto seriam mantidas, se o trecho "É mesmo comparável" (ℓ.31-32) fosse substituído por: **O mesmo é comparável.**
b) A correção gramatical do texto seria mantida caso o termo "Então" (ℓ.31) fosse substituído por **Agora.**
c) Seria introduzido erro de concordância no texto, se a forma verbal "fazem" (ℓ.34) fosse substituída por **faz**.
d) O trecho "que os outros julgam louca" (ℓ.33) constitui uma oração coordenada.
e) Os pronomes "mesma" (ℓ.3) e "mesmo" (ℓ.7) exercem a mesma função sintática.

O sujeito da oração é "os outros", presente na oração anterior. Assim, não se pode flexionar "os outros" com "faz", mas sim com "fazem". Gabarito: **C**.

02. (Oficial de Defensoria Pública/DPE-SP/FCC/2013) *Atenção*: Para responder às questões de números 5 e 6, considere o segmento transcrito abaixo.

É claro que, à medida que nosso corpo, nosso cérebro e nossas ferramentas evoluíam, evoluiu também nossa habilidade de modificar radicalmente o ambiente. (3º parágrafo)

A noção introduzida pelo segmento grifado é de :

a) consequência.
b) proporcionalidade.
c) finalidade.
d) temporalidade.
e) explicação.

A locução conjuntiva "à medida que" introduz ideia de proporção temporal, como "à proporção que". Gabarito: **B**.

03. (Oficial de Defensoria Pública/DPE-SP/FCC/2013) *...**a pintura** se torna também o registro da mudança cromática da paisagem com o passar das horas.*

O elemento em destaque acima possui a mesma função sintática que o grifado em:

a) Nenhum artista quer fazer o que já fizeram...
b) Nada me alegra mais do que deparar com uma obra de arte...
c) ...o surgimento do novo é inerente à própria criação artística.
d) ...que facilitaram a ida das pessoas ao campo...
e) ...houve momentos em que a necessidade do novo levou a um salto qualitativo.

Tanto "a pintura" como "nenhum artista" exercem função sintática de sujeitos. Gabarito: **A**.

04. (Assistente Técnico/Administrativo/Sergipe Gás S.A./FCC/2013) *...a teledramaturgia transportava uma carga de emoção ...*

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) ... o público-alvo incluía os televizinhos.
b) A energia [...] não estava mais presente.
c) ... certa eletricidade que emanava da interpretação ao vivo.
d) ... apenas uma pessoa [...] era competente ...
e) O público [...] participava de algum modo dela.

"Transportava" é VTD, exigindo objeto direto ("uma carga de emoção"). "Incluía" também é VTD, e seu objeto direto é "os televizinhos". Gabarito: **A**.

05. (Agente de Defensoria/Administrador de Banco de Dados/ DPE-SP/FCC/2013) Donos de uma capacidade de orientação nas brenhas selvagens [...], sabiam os paulistas como...
O segmento em destaque na frase acima exerce a mesma função sintática que o elemento grifado em:
a) Nas expedições breves serviam de balizas ou mostradores para a volta.
b) Às estreitas veredas e atalhos [...], nada acrescentariam aqueles de considerável...
c) Só a um olhar muito exercitado seria perceptível o sinal.
d) Uma sequência de tais galhos, em qualquer floresta, podia significar uma pista.
e) Alguns mapas e textos do século XVII apresentam-nos a vila de São Paulo como centro...

"Os paulistas" constituem o sujeito da oração. Note-se que este sujeito está posposto ao verbo. Gabarito: **D**.

06. (Delegado de Polícia/PC-GO/UEG/2013) A expressão destacada na frase "A liberdade é importante para um indivíduo em sociedade?" (linhas 11-12) exerce a mesma função sintática da expressão destacada em:
a) "Sem saber isto, não teremos certeza (num sentido perfeitamente literal) do que estamos falando." (linhas 24-25).
b) "Aqui temos uma pergunta para a qual se exige tanto uma análise conceitual quanto um juízo de valor" (linhas 12-13).
c) "Não faz parte do nosso objetivo considerar o modo como se devem responder a questões sobre juízos de valor ou sobre fatos." (linhas 18-19).
d) "O progresso é inevitável no século XX?" (linha 14).

"A liberdade" e "o progresso" são sujeitos das orações onde aparecem. Gabarito: **D**.

07. (Escrivão de Polícia Civil/PC-GO/UEG/2013/Adaptada) No trecho "O universo surgiu por causa de um equilíbrio extremamente sutil", o termo em destaque exerce a mesma função sintática do termo destacado em:
a) "Tudo no universo é movimento, nada é estático e feito uma vez por todas"
b) "Importa, então, sabermos o que significa a justa medida"
c) "As sociedades atuais são profundamente destruidoras das condições da paz" (linhas 51-52)
d) "Por isso o movimento de expansão é criativo e generativo"

Ambos os termos grifados são sujeitos das suas respectivas orações. Gabarito: **C**.

08. (Analista Judiciário/Área Judiciária/TRT-9ª/FCC/2013) ...*Glauber Rocha transformaria, com Deus e o Diabo na terra do sol, a história do cinema no Brasil*.

O verbo que exige o mesmo tipo de complemento que o grifado acima está empregado em:

a) ... empresa paulista que faliu em 1957 ...
b) A ponte entre Cinema Novo e Tropicalismo ficaria mais evidente ...
c) O Cinema Novo nasceu na virada da década de 1950 para a de 1960 ...
d) Dois anos depois, o cineasta lançou Terra em transe ...
e) A grande audiência de TV entre nós é um fenômeno novo.

"Transformar" e "lançar" são, nesses contextos, VTDs, exigindo objetos diretos. Gabarito: **D**.

09. (Médico do Trabalho Júnior/Transpetro/Cesgranrio/2012) De acordo com a norma-padrão, há indeterminação do sujeito em:

a) Olharam-se com cumplicidade.
b) Barbearam-se todos antes da festa.
c) Trata-se de resolver questões econômicas.
d) Vendem-se artigos de qualidade naquela loja.
e) Compra-se muita mercadoria em época de festas.

Como em "tratar-se de" temos um verbo transitivo indireto, a partícula SE posta junto a ele tornará o sujeito de sua oração indeterminado (como em "precisa-se de", "confia-se em" etc.). Gabarito: **C**.

10. (Nível Superior/BNDES/Cesgranrio/2013/Adaptada) Na frase "Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis, embora acredite em determinados valores e princípios que me parecem consistentes." podem ser identificados diferentes tipos de orações subordinadas (substantivas, adjetivas e adverbiais), que nela exercem distintas funções.

Uma oração com função de expressar uma noção adjetiva é também encontrada em:

a) "Certamente porque não é fácil compreender certas questões, as pessoas tendem a aceitar algumas afirmações" (ℓ. 1-3)
b) "É natural que isso aconteça, quando mais não seja porque as certezas nos dão segurança e tranquilidade." (ℓ. 5-7)
c) "No passado distante, quando os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas," (ℓ. 13-14)
d) "Os fatos demonstram que tanto pode ser como não." (ℓ. 50)
e) "Uma comunidade cujos princípios e normas mudassem a cada dia seria caótica e, por isso mesmo, inviável." (ℓ. 57-59)

Em “cujos princípios e normas mudassem a cada dia” temos uma oração adjetiva restritiva, com pronome relativo “cujos”. Essa oração, como seu próprio nome indica, exerce função morfossintática de um adjetivo. Gabarito: **E**.

11. (Nível Superior/BNDES/Cesgranrio/2013) A relação lógica estabelecida entre as ideias do período composto, por meio do termo destacado, está explicitada adequadamente em:
    a) “Não necessito dizer que, para mim, não há verdades indiscutíveis, **embora** acredite em determinados valores e princípios” (ℓ. 8-10) – (relação de condição)
    b) “No passado distante, **quando** os valores religiosos se impunham à quase totalidade das pessoas, poucos eram os que questionavam” (L. 13-15) – (relação de causalidade)
    c) “os defensores das mudanças acreditavam-se senhores de novas verdades, mais consistentes **porque** eram fundadas no conhecimento objetivo das leis” (L. 35-38) – (relação de finalidade)
    d) “a mudança é inerente à realidade tanto material quanto espiritual, e que, **portanto**, o conceito de imutabilidade é destituído de fundamento.” (L. 41-44) – (relação de conclusão)
    e) “Ocorre, **porém**, que essa certeza pode induzir a outros erros: o de achar que quem defende determinados valores estabelecidos está indiscutivelmente errado.” (L. 45-48) – (relação de temporalidade)

A conjunção “portanto” introduz uma oração subordinada coordenada conclusiva, com papel semântico exatamente de conclusão, semelhante a “por isso”. Gabarito: **D**.

12. (Psicólogo/TJ-SP/VUNESP/2012) Releia o trecho a seguir para responder à questão abaixo.

    Nas últimas três décadas, as milícias, organizações criminosas lideradas por policiais e ex-policiais, vêm se alastrando no Rio de Janeiro. Elas avançaram sobre os domínios do tráfico, passaram a comandar territórios da cidade e consolidaram seu poder à base do assistencialismo e do medo. Como têm centenas de milhares de pessoas sob seu jugo, essas gangues de farda ganham força em períodos eleitorais, quando são procuradas por candidatos em busca de apoio, arbitram sobre quem faz campanha em seu pedaço e lançam nomes egressos de suas próprias fileiras.

    (*Veja*, 26.09.2012. Adaptado)

    Sabendo que o aposto é empregado para precisar, explicar um termo antecedente, assinale a alternativa contendo passagem do texto com essa função.
    a) …nomes egressos de suas próprias fileiras.
    b) …organizações criminosas lideradas por policiais e ex-policiais…
    c) …centenas de milhares de pessoas sob seu jugo…
    d) …quem faz campanha em seu pedaço…
    e) …quando são procuradas por candidatos em busca de apoio…

O termo “organizações criminosas lideradas por policiais e ex-policiais” é aposto do fundamental “milícias”. Gabarito: **B**.

13. (Analista Técnico/DPE-SC/Fepese/2013) Analise a frase abaixo: “Não se concebe que um ato normativo de qualquer natureza seja redigido de forma obscura, que dificulte ou impossibilite sua compreensão.”
    Assinale a alternativa correta em relação à frase.
    a) A frase constitui-se de um período simples, já que apresenta apenas um sujeito: “ato normativo de qualquer natureza”.
    b) Há a presença de próclise na frase, por exigência do advérbio de negação “não”.
    c) Nas duas vezes em que aparece na frase, a palavra “que” tem a mesma classificação: pronome relativo e sua função é dar sequência à enunciação que o precede.
    d) Passando-se para o plural o sujeito da frase, teríamos “dois atos normativos de quaisquer naturezas” e seu verbo “ser” deveria também estar no plural com a seguinte conjugação: “fossem redigidos”.
    e) Colocado no futuro do subjuntivo os verbos “dificultar” e “impossibilitar” teríamos a seguinte expressão: “que dificultasse e impossibilitasse sua compreensão”.

O advérbio “não”, bem como qualquer palavra que exerça função sintático-semântica de negação, é fator de próclise. Gabarito: **B**.

14. (Soldado da Polícia Militar/Músico/PM-AC/FUNCAB/2012/Adaptada) Releia o trecho a seguir antes de responder às questões 04 e 05.
    “É justo RECONHECER que medidas vêm sendo tomadas no sentido de reverter o quadro atual.” A oração destacada exerce, em relação à primeira, a função de:
    a) sujeito.
    b) objeto direto.
    c) objeto indireto.
    d) aposto.
    e) predicativo.

Trata-se de um sujeito oracional. Temos, aqui, uma oração subordinada substantiva subjetiva, reduzida de infinitivo. Na ordem direta, o período ficaria assim: “RECONHECER (...) é justo”, onde teríamos “ISTO (...) (sujeito) é justo”. Gabarito: **A**.

15. (Soldado da Polícia Militar/Músico/PM-AC/Funcab/2012/Adaptada) Releia o trecho a seguir para responder à questão abaixo.
    “À desigualdade – uma constante da nossa história – VEIO SE JUNTAR a crise da instituição familiar, a quebra generalizada de valores, a busca da 'felicidade imediata',

a qualquer preço, tendo por objeto do desejo os bens de consumo multiplicados – dos tênis de marca numa ponta aos carrões de luxo, na outra."
No trecho apresentado, a forma verbal destacada, no singular, se justifica pela concordância:
a) com o objeto direto.
b) com o núcleo do sujeito mais próximo.
c) com o núcleo do sujeito simples.
d) com o núcleo de objeto mais próximo.
e) com o sujeito composto de pessoas diferentes.

O núcleo do sujeito mais próximo está posposto e é "a crise". Gabarito: **B**.

16. (Soldado da Polícia Militar/Músico/PM-AC/Funcab/2012) Em: "Mas não há automatismo entre o QUE OCORRE NA ÁREA DA ECONOMIA E NA ÁREA DA CRIMINALIDADE", a oração destacada classifica-se como:
a) subordinada substantiva predicativa.
b) coordenada sindética explicativa.
c) subordinada adverbial consecutiva.
d) subordinada substantiva subjetiva.
e) subordinada adjetiva restritiva.

O "QUE" é um pronome relativo. Como não há vírgulas ou sinais gráficos isolando a oração iniciada pelo "que", temos uma oração adjetiva restritiva. Gabarito: **E**.

17. (Soldado da Polícia Militar/Músico/Funcab/PM-AC/2012) Em: "[...] medidas policiais eficazes, preventivas e repressivas, como sabem OS ESPECIALISTAS melhor do que eu.", o termo destacado exerce função sintática de:
a) sujeito.
b) objeto direto.
c) objeto indireto.
d) predicativo.
e) adjunto adnominal.

O sujeito está posposto ao verbo. Na ordem direta seria "os especialistas sabem...". Gabarito: **A**.

18. (Analista Administrativo/MPE-RJ/FUJB/2011) A alternativa em que o termo destacado funciona como agente (e não como paciente) do termo anterior é:
a) "combate AO TRABALHO INFANTIL" – texto 1;
b) "necessidade DE CUMPRIMENTO DAS NORMAS" – texto 1;
c) "Erradicação DO TRABALHO INFANTIL" – texto 2;

d) “responsáveis PELOS SEUS SUSTENTOS” – texto 2;
e) “A Convenção DA OIT” – texto 3.

Repare que poderíamos dizer que a OIT convencionou, o que a torna um agente, e não um paciente da ação verbal. Gabarito: **E**.

19. (Técnico Administrativo/SEAD-PB/Funcab/2012) Assinale a opção que apresenta, correta e respectivamente, a função sintática de cada um dos pronomes destacados em: “Mas a fração QUE LHES cabe está lá, escondidinha como é próprio às minorias.”
a) Sujeito – objeto indireto
b) Objeto direto – objeto indireto
c) Predicativo – objeto direto
d) Adjunto adverbial – sujeito
e) Complemento nominal – sujeito

“QUE” retoma semanticamente “a fração”. Em sua oração, ficaria “QUE (=A FRAÇÃO) cabe”, sendo sujeito. LHES significa A ELAS, e é objeto indireto de “cabe” (“cabe A ELAS”). Gabarito: **A**.

Exercícios Preliminares

01. (Auxiliar Judiciário/TJ-RJ/UFRJ) “O Viva Rio pediu dois minutos de silêncio ao meio-dia da próxima sexta-feira.”
    Que item a seguir indica corretamente a função sintática do termo destacado na frase acima?
    a) dois minutos de silêncio – objeto direto;
    b) ao meio-dia – objeto indireto;
    c) da próxima sexta-feira – adjunto adverbial de tempo;
    d) pediu ... sexta-feira – predicado nominal;
    e) de silêncio – adjunto adverbial de modo.

O verbo “pediu” exige objeto direto, que é “dois minutos de silêncio”. Gabarito: **A**.

02. (Auxiliar Judiciário/TJ-RJ/UFRJ) Em que item a seguir o elemento destacado funciona como complemento e não como adjunto?
    a) “ ... onde ministros das várias religiões e líderes comunitários vão estar reunidos na quadra para ler em conjunto o manifesto <u>do movimento</u> e depois calar.”
    b) “Nas igrejas, que o meio-dia seja um momento <u>de oração silenciosa</u>.”
    c) “A todos se pede o cuidado de evitar barulho. Sem buzinas, sem panelaços, e, mesmo, sem palavras <u>de ordem</u>.”
    d) “Pede ainda que as pessoas ritualizem o ato <u>de parar</u>.”
    e) “A todos se pede o cuidado <u>de evitar barulho</u>.”

“Cuidado” é um substantivo abstrato, e “de evitar barulho” é termo preposicionado (oracional) paciente, sendo complemento nominal (oração subordinada substantiva completiva nominal, reduzida de infinitivo). Gabarito: **E**.

03. (Auxiliar Judiciário/TJ-RJ/UFRJ)“Em silêncio, o povo do Rio de Janeiro demonstra o seu inconformismo diante da violência.”
    Que termo sintático destacado a seguir apresenta classificação inadequada?
    a) o povo do Rio de Janeiro – sujeito;
    b) o seu inconformismo – objeto direto;
    c) do Rio de Janeiro – adjunto adverbial de lugar;
    d) em silêncio – adjunto adverbial de modo;
    e) seu – adjunto adnominal.

O termo é adjunto adnominal (“povo CARIOCA” ou “povo FLUMINENSE”). Gabarito: **C**.

04. (Auxiliar Superior Administrativo/MP/UFRJ) Indique o item em que a classificação sintática do elemento destacado está **incorreta**:

a) "Segundo ele, as Forças Armadas existem como instituições para enfrentar duas situações específicas: **a agressão externa ou a desordem interna**." – aposto.
b) "E acrescenta: para combater uma agressão externa, as verbas, os equipamentos e o pessoal das Forças Armadas são insuficientes. Para combater a desordem, são **demais**.- predicativo.
c) "A sociedade mantém as Forças Armadas **inoperantes** no caso." – adjunto adnominal.
d) "Devem **as Forças Armadas** intervir no processo com seu instrumental capaz de intimidar o crime?" – sujeito.
e) " ... nenhuma autoridade local sentiu-se **ultrajada** pela presença das Forças Armadas ... " – predicativo.

O termo destacado é predicativo do objeto direto: "manter ALGO (O.D.) ASSIM (P.O.D.)". Gabarito: **C**.

05. (AUXILIAR SUPERIOR ADMINISTRATIVO/ MP/UFRJ*)* "Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha dessa opinião, mas eu vou mais além: é preciso rediscutir o papel das Forças Armadas, coisa que não foi feita na Constituição de 1988."

Assinale o comentário **inadequado** sobre o texto dado:

a) o termo ***coisa*** exerce na frase a função sintática de aposto;
b) o termo ***Constituição de 1988*** exerce a função de agente da ação verbal;
c) a forma verbal ***foi feita*** exemplifica a voz passiva analítica ou com auxiliar;
d) o vocábulo ***coisa*** refere-se anaforicamente a um termo anterior;
e) o termo ***de 1988*** exerce a função sintática de adjunto adnominal.

O termo é paciente (adjunto adverbial) da forma verbal de voz passiva "foi feita". Gabarito: **B**.

06. (Auxiliar Superior Administrativo/MP/UFRJ) "A sociedade mantém as Forças Armadas inoperantes no caso. As tentativas de comprometê-***las*** na luta contra o tráfico, ... "

"Acredito que a maior parte dos cariocas compartilha ***dessa opinião***, ... "

Quais as funções sintáticas respectivamente desempenhadas pelos termos destacados nas frases dadas?

a) objeto direto – objeto indireto;
b) objeto indireto – adjunto adnominal;
c) objeto indireto – objeto indireto;
d) objeto direto – objeto direto;
e) objeto indireto – complemento nominal.

"Comprometer" retoma "forças armadas" em forma de pronome (LAS), que é objeto direto, já que o verbo é VTD. "Compartilhar" é, aqui, VTI, e seu objeto indireto é "dessa opinião". Gabarito: **A**.

07. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ)
   (1) " ... o significado **das palavras** é depreciado, ... "
   (2) "Por outro lado, há sentido na paranóia: se fosse **de propósito**, a sabotagem do idioma ... "
   (3) "Por outro lado, há sentido na paranóia: se fosse de propósito, a sabotagem **do idioma** – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."
   (4) "Em algumas áreas, o vocábulo é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o **de outras**."
   (5) "Diversas morrem **de exaustão**."

   Que números a seguir indicam termos sintáticos de mesma função, considerando-se as frases acima?
   a) 2 – 5;
   b) 1 – 3;
   c) 3 – 4;
   d) 1 – 4;
   e) 2 – 3.

"Das palavras" é adjunto adnominal de "significado (repare que pode ser substituído por "lexical"). "De outras é adjunto adnominal de "o trabalho", elíptico. Gabarito: **D**.

08. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ) "Por outro lado, há sentido na paranóia: se fosse de propósito, a **sabotagem do idioma** – que tem seus beneficiários – não seria mais eficiente."
   "É como se fosse uma cabala contra a comunicação: o **significado das palavras** é depreciado, desprezado, trocado, ignorado."

   Assinale a afirmativa correta em relação aos termos sintáticos antecedidos pela preposição **de** nas frases acima.
   a) os dois termos exercem a função de adjunto adnominal;
   b) os dois termos exercem a função de complemento nominal;
   c) os dois termos exercem a função de objeto indireto;
   d) só o primeiro termo é complemento nominal;
   e) só o segundo termo é objeto indireto.

Em “a sabotagem do idioma”, temos um termo passivo ou paciente (“do idioma”), pois poderíamos dizer que “o idioma é sabotado”. Na outra expressão, temos um sentido de agente. Gabarito: **D**.

09. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ) “Em outros campos, desprezam-se palavras que dão o seu recado com eficiente simplicidade ... ”
    Quais os sujeitos das duas orações presentes no trecho acima?
    a) campos / palavras
    b) palavras / que
    c) palavras / palavras
    d) indeterminado / recado
    e) indeterminado / palavras

“Palavras” é sujeito da oração na voz passiva sintética “desprezam-se”. “Que” é sujeito da oração adjetiva que ele inicia como pronome relativo. Gabarito: **B**.

10. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ) “Em algumas áreas, o vocabulário é mínimo, e isso sobrecarrega certas palavras, forçadas a fazer o seu trabalho e o de outras. Diversas morrem de exaustão.”
    Assinale o item cujo comentário sobre a frase destacada acima esteja correto.
    a) o sujeito da oração é “palavras”;
    b) o termo “de exaustão” funciona como adjunto adnominal;
    c) o termo “de exaustão” funciona como predicativo do sujeito;
    d) o verbo “morrer” está empregado como verbo transitivo;
    e) a preposição de tem valor nocional de causa.

“Exaustão” é a causa da morte no sintagma nominal. Gabarito: **E**.

11. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ)“Para quem mora na favela, existem na cidade dois espaços bem diferenciados: “o morro” e a “rua”.”
    Quais os sujeitos das duas orações do período acima?
    a) quem / dois espaços bem diferenciados;
    b) indeterminado / inexistente;
    c) inexistente / dois espaços;
    d) indeterminado / indeterminado;
    e) quem / o morro e a rua.

“Quem” é sujeito de “mora na favela” e “Dois espaços bem diferenciados” é sujeito de “existem”. Gabarito: **A**.

12. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ) Qual a classe e a função do vocábulo alguém em "O primeiro é o seu território, lugar bem conhecido e onde ele é alguém."
    a) pronome substantivo indefinido – sujeito;
    b) pronome adjetivo indefinido – predicativo;
    c) adjetivo – predicativo;
    d) pronome substantivo indefinido – objeto direto;
    e) pronome adjetivo indefinido – sujeito.

A função é de adjetivo, já que qualifica o termo "ele", sujeito. O verbo de ligação "é" torna o termo um predicativo do sujeito. Gabarito: **C**.

13. (Técnico Judiciário Juramentado/TJ-RJ/UFRJ) Que elemento dos fragmentos abaixo, precedido da preposição *de*, exerce função sintática de adjunto adnominal e não de complemento nominal?
    a) "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado de não ser reconhecido como favelado. O tom **de voz** nem sempre é o mesmo usado no "morro", ... "
    b) " ... (quem mora lá no morro já vive pertinho **do céu**.)"
    c) "Há pontos em comum entre as duas versões. A percepção **de uma cidade** cindida em dois é a coincidência mais evidente, ... "
    d) "É o espaço por onde circula, anônimo, e com o cuidado **de não ser reconhecido** como favelado."
    e) " ... as palavras e os gestos são medidos para que traduzam um código distinto **do** que é utilizado na favela."

"De voz" é adjunto adnominal de "tom". Repare que é termo agente, e pode ser substituído pelo adjetivo "vocal". Gabarito: **A**.

14. (Auxiliar Judiciário/Tribunal de Alçada Cível-RJ/FESP) A função sintática do "que" não é sujeito em:
    a) Sabemos perfeitamente o que lhe acontece.
    b) Diga-me a hora em que ele virá para cá.
    c) Dê-me a caixa que está sobre a mesa.
    d) Não há mal que sempre castigue.

Até pelo fato de vir precedido de preposição (EM), o termo não pode ser sujeito. O QUE é, aqui, adjunto adverbial (de tempo). Gabarito: **B**.

15. (Auxiliar Judiciário/Tribunal de Alçada Cível-RJ/FESP) Na oração: "Muitas alegrias e saudades já conheceu esta casa." (M. de Assis), o sujeito é:
    a) alegrias e saudades;
    b) muitas alegrias;
    c) indeterminado;
    d) esta casa.

Na ordem direta teríamos "Esta casa já conheceu muitas alegrias e saudades". Gabarito: **D**.

16. (Auxiliar Judiciário/Tribunal de Alçada Cível-RJ/FESP) A função sintática da palavra sublinhada em: "Parecia muito preso à vida de rei." é a mesma de:
    a) Duvido de sua capacidade profissional;
    b) Apenas nos víamos em festas rurais;
    c) Ficaria encantado com a novidade;
    d) Achava-se apto para o trabalho.

Os dois termos são complementos nominais dos adjetivos anteriores. Gabarito: **D**.

17. (Técnico Judiciário/TJ-RJ) " ... contou-me um amigo uma história exemplar, ... "
    "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho - ... "

    Qual a característica comum às duas orações acima transcritas?
    a) a presença de sujeito posposto;
    b) o emprego de verbos transitivos diretos;
    c) a ausência de adjuntos adverbiais;
    d) o uso de ordem direta;
    e) a construção de orações sem sujeito.

Tanto "um amigo" quanto "uma importante mina de ouro" são sujeitos e estão após os verbos (pospostos). Gabarito: **A**.

18. (Técnico Judiciário/TJ-RJ) Na frase: "Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro – a mina de Morro Velho - ... ", o termo a mina de Morro Velho exerce a função de aposto. Em que frase abaixo o termo destacado representa um outro tipo de aposto?
    a) "Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável."
    b) "Montaram em Nova Lima, com banda de música e foguetes, uma fábrica de xarope contra tosse ... "
    c) "É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, ... "

d) “ ... contou-me um amigo uma história exemplar, que teria ocorrido na cidade mineira de Nova Lima, ... ”
e) “ ... provoca também uma tosse crônica, oca e ressoante, capaz de denunciar – à distância – a moléstia que lhe dá origem.”

O aposto destacado no enunciado é um aposto explicativo. Na letra D temos um aposto apelativo ou discriminativo, em que não é necessário haver sinal de pontuação gráfica a separá-lo do termo antecedente (fundamental). Gabarito: **D**.

19. (Técnico Judiciário/TJ-RJ) Em que frase abaixo a preposição **de** introduz um complemento nominal e não um adjunto adnominal?
    a) “É claro que a criminalidade, enquanto sintoma, tem de ser adequadamente combatida por medidas policiais enérgicas, tanto quanto é imperativo minorar, como remédio apropriado, a sofrida tosse **do silicótico**.”
    b) “Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro - a mina **de Morro Velho** – que, àquela época, vivia o seu fastígio, ... ”
    c) “Existe em Nova Lima uma importante mina de ouro, a mina de Morro Velho – que, àquela época, vivia o seu fastígio, e era propriedade **de uma companhia inglesa**.”
    d) “ ... uma vez que, destruindo sua função alertadora e denunciadora, provoca uma cegueira perigosa, que aprofunda a raiz **do mal**.”
    e) “A fábrica andou de vento em popa, produzindo tonéis e tonéis de xarope, vendido a preço módico, mas não tão modesto que impedisse uma pequena margem de lucro por unidade adquirida. Os ingleses, dessa forma, uniram o útil ao agradável. O abrandamento **da grande trovoada brônquica** foi transformado em fonte de renda – e de sossego – , permitindo ...”

Repare que “da grande trovoada brônquica” é paciente de “abrandamento”, substantivo abstrato. Gabarito: **E**.

20. (Inspetor Fiscal/Prefeitura do Município-SP/FCC) A estrutura sintática da frase “Senti Fidel aliviado” é idêntica à da frase:
    a) Saí da festa desanimado.
    b) Julgo esse menino inteligente.
    c) Dei-lhe o presente contrariado.
    d) Percebi seu equívoco rapidamente.
    e) Acho que você é astuto.

Nos dois casos temos VTD com objeto direto e predicativo do objeto direto. Gabarito: **B**.

21. (Delegado de Polícia Federal/Academia Nacional de Polícia) Com base nos fragmentos de texto abaixo, é correta a função sintática identificada em:

a) "Não é mero erro ocasional; é clara a tendência de recursos ao "onde" para substituir outros advérbios – o "quando" em particular." / predicativo.
b) "Curiosamente, teóricos da pós-modernidade já apontaram para a decadência da categoria moderna do tempo e a ascensão da categoria pós-moderna do espaço." / advérbio de modo.
c) "Agora, na idade pós-moderna, é como se o tempo estivesse, na hipótese mais nobre, sendo abolido ou diminuído, encurralado, desbastado, pulverizado (pelo desenvolvimento de técnicas de locomoção, como no avião; pelo aprimoramento daquelas outras que permitem a superação imaginária das distâncias, ... " / sujeito.
d) " ... estar na rua significa estar num tempo sem começo e sem fim, um tempo que independe do ritmo vital de cada um e que, portanto, é neutro. Tenta-se agarrar o espaço por não mais ser possível viver o tempo, ... " / objeto direto.

O pronome relativo QUE é sujeito da sua oração adjetiva. Gabarito: **C**.

22. (Agente de Administração/SME/Fundação João Goulart) Em: "O jornal é o gráfico dessa vida nervosa complementar, estampando diariamente as oscilações de nossas tristezas universais, nossas pálidas esperanças ecumênicas, nosso medo: somando as parcelas do mundo em nossa mente, **divide** a nossa mal distraída atenção por todos os continentes." o núcleo do sujeito da forma verbal assinalada é:

a) medo
b) gráfico
c) jornal
d) mundo
e) vida

"Jornal" é o substantivo núcleo do sujeito. Gabarito: **C**.

23. (Agente de Administração/SME/Fundação João Goulart)

Em: "Eu quero entrar na rede
Promover um debate
Juntar via Internet
Um grupo de tietes de Connecticut
De Connecticut acessar
O chefe da Macmilícia de Milão

Um hacker mafioso acaba de soltar
Um vírus pra atacar programas no Japão."
(Gilberto Gil)

O sujeito do verbo acessar é:
a) "um hacker"
b) "um grupo"
c) "o chefe da Macmilícia"
d) "eu"
e) "rede"

"Eu", explicitado no início do poema, é sujeito das locuções verbais formadas por "quero + infinitivo" de todo o trecho (= "eu quero acessar"). Gabarito: **D**.

24. (Fiscal de ICMS/Santa Catarina) "O recrutamento de pessoal é um dos momentos mais solenes da administração pública e da vida dos que a elegem para seguir a carreira profissional.
(Do "Manual do Candidato", adaptado)

Numere a coluna da direita de acordo com a da esquerda:

1.Complemento nominal	( )	o recrutamento de pessoal
2. Objeto Direto	( )	de pessoal
3. Verbo de Ligação	( )	é
4. Predicativo	( )	um dos momentos mais solenes
5. Sujeito	( )	a carreira profissional

a) 5, 1, 3, 4, 2;
b) 1, 5, 3, 4, 2;
c) 4, 1, 3, 5, 2;
d) 5, 1, 4, 3, 2;
e) 5, 1, 3, 2, 4;

"O recrutamento de pessoal" é sujeito de "é...". "De pessoal" é complemento nominal de "recrutamento" (observe como poderíamos dizer "o pessoal é recrutado"). "É" é um verbo de ligação. "Um dos momentos mais solenes" é predicativo do sujeito "o recrutamento de pessoal". "A carreira profissional" é objeto direto de "seguir". Gabarito: **A**.

25. (Procurador/Incra/UFRJ) O item em que o elemento sublinhado representa o agente e não o paciente de um termo anterior é:

a) "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras ... ";
b) "O movimento nacionalista liderado nos anos 20 pelo presidente Artur Bernardes, para assumir o controle das riquezas naturais brasileiras, mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, ... "
c) " ... mediante a nacionalização da Itabira Mining, do americano Percival Farquas, transformada por Getúlio Vargas na Companhia Vale do Rio Doce, foi, sem dúvida, uma grande campanha de afirmação nacional."
d) "A insistência em manter a presença do Estado numa atividade que precede a transformação do minério de ferro em produtos siderúrgicos é tanto mais incompreensível ..."
e) "O Brasil, que hoje é um dos maiores exportadores mundiais de produtos siderúrgicos e da metalurgia de não ferrosos, decidiu privatizar sua indústria siderúrgica de aços planos há seis meses."

"Afirmação nacional" não é alvo da campanha, mas agente desta. Gabarito: **C**.

26. (Técnico Judiciário/TRE-MG) A função sintática do termo sublinhado está INCORRETAMENTE indicada nos parênteses em:
a) Cometeu-se uma injustiça naquela ocasião. (sujeito)
b) Provavelmente deveriam existir outros depoimentos. (objeto direto)
c) Para combater o mal, não se dispõe de um meio adequado. (objeto indireto)
d) A vitória deixará os torcedores animadíssimos. (predicativo do objeto)
e) A leitura do texto será importante para o seminário. (complemento nominal)

"Outros depoimentos" é sujeito posposto de "deveriam existir". Gabarito: **B**.

27. (Auxiliar Judiciário/TRE-MG**)** "Através de medida provisória, decidiu-se saber que todos os novos bacharéis no País farão uma prova final, para se saber se estão aptos ao exercício profissional."
No período acima NÃO se encontra:
a) adjunto adverbial
b) adjunto adnominal
c) complemento nominal
d) objeto indireto
e) predicativo do sujeito

Não há verbos transitivos indiretos, o que faz com que não haja objetos indiretos. Gabarito: **D**.

28. (Analista de Finanças Públicas/TCE-ES) Assinale o item em que o elemento destacado apresenta uma função sintática distinta das demais:
    a) "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que ... "
    b) "Quando você cita um inconveniente da televisão, uma boa observação que você pode fazer é que não existe nenhuma aparelho de TV, em cores ou preto e branco, sem um botão para desligar."
    c) "Que a televisão prejudica o movimento da pracinha Jerônimo Monteiro em todos os Cachoeiros de Itapemirim, não há dúvida."
    d) "Que a televisão prejudica a leitura de livros, também não há dúvida."
    e) "Sete horas da noite era hora de uma pessoa acabar de jantar, dar uma volta pela praça para depois pegar a sessão das oito no cinema."

Aqui, temos um complemento nominal. Todos os outros termos são adjuntos adnominais. Gabarito: **D**.

29. (Agente de Procuradoria/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) A dupla de frases em que os termos sublinhados exercem a mesma função sintática é:
    a) "Mas é nelas que **te** vejo pulsando, mundo novo, ainda em estado de soluços e desesperança." / "São todas **elas** coisas perecíveis e eternas, como o teu riso ... "
    b) "São todas elas coisas perecíveis e eternas como o teu riso, a palavra solidária, minha mão aberta, ou este esquecido cheiro de cabelo **que** volta ... " / "Todas as coisas de **que** falo são de carne como o verão e o salário."
    c) "São coisas, todas elas, cotidianas, como bocas e mãos, sonhos, greves, denúncias, acidentes de trabalho e de amor. Coisas, de que falam os **jornais** ... " / "Todas as coisas de que falo estão na **cidade** ... "
    d) "São coisas, todas elas, **cotidianas**, ... " / " ... ou este esquecido cheiro de cabelo que volta e acende sua flama inesperada no coração **de maio**."
    e) "Todas **as** coisas de que falo estão na cidade, entre o céu e a terra." / " ... às vezes tão rudes, às vezes tão escuras que mesmo a poesia **as** ilumina com dificuldade."

Os termos "cotidianas" e "de maio" exercem função sintática de adjuntos adnominais. Gabarito: **D**.

30. (Taquígrafo Legislativo/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) Na frase: "É consenso nacional a necessidade de levar a educação formal e não formal a todos os brasileiros." – o sujeito do verbo sublinhado está posposto; em que caso a seguir também se encontra posposto o sujeito do verbo sublinhado?
    a) "As salas de aulas estão cheias de crianças e jovens que passam boa parte do seu tempo em contacto com mundos diversos ... "

b) “Não <u>há</u> receitas mágicas que respondam e indiquem a fórmula para resolver tais questões.”
c) “No entanto, acumulou-se certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados. Isto é, não <u>deveriam ser tomados</u> por aqueles que têm como ideal um processo educacional que ... ”
d) “No entanto, <u>acumulou-se</u> certa experiência para sabermos quais caminhos não devem ser tomados.”
e) “Os meios de comunicação e as novas tecnologias da informação, sem dúvida, <u>têm</u> um papel a desempenhar aí.”

“Certa experiência” é sujeito posposto na forma de voz passiva sintética com “acumulou-se”. Gabarito: **D**.

31. (Taquígrafo Legislativo/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) “Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém.” (Millor Fernandes)
Indique a circunstância apontada corretamente:
a) devagar – circunstância de modo
b) lá – circunstância de finalidade
c) mais – circunstância de intensidade
d) longe – circunstância de tempo
e) quando – circunstância de lugar

Trata-se do modo como se caminha ou se vai a algum lugar. Gabarito: **A**.

32. (Taquígrafo Legislativo/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) “Devagar se vai ao longe, mas quando se chega lá não se encontra mais ninguém.” (Millor Fernandes)
Há, no texto, três ocorrências do vocábulo ***se***: ***se*** *vai ao longe;* ***se*** *chega lá* e *não* ***se*** *encontra mais ninguém.* Assinale a afirmativa correta sobre as três ocorrências desse vocábulo:
a) nas primeira e terceira ocorrências, os vocábulos desempenham a mesma função sintática;
b) em uma só das ocorrências o vocábulo sublinhado é classificado como pronome reflexivo;
c) só na terceira ocorrência, o vocábulo ***se*** pode ser identificado como pronome apassivador;
d) nas três ocorrências o vocábulo ***se*** apresenta o mesmo valor semântico;
e) só na primeira ocorrência, o vocábulo ***se*** é classificado como índice de indeterminação do sujeito.

Aqui, temos o equivalente a “ninguém mais é encontrado”. Temos uma voz passiva sintética com pronome apassivador. Gabarito: **C**.

33. (Taquígrafo Legislativo/Câmara Municipal-RJ/Fundação João Goulart) “Se é para o bem de todos e a felicidade geral da Nação, diga ao povo que fico!” (D. Pedro I)

    de todos e ***da Nação*** são termos que:
    a) determinam o mesmo nome;
    b) exercem funções sintáticas diferentes;
    c) têm função de complementos nominais;
    d) funcionam como advérbios;
    e) funcionam como adjuntos adnominais.

Repare que os termos podem ser substituídos respectivamente por “geral” e “nacional”, adjetivos com função de adjuntos adnominais, ambos. Gabarito: **E**.

34. (Analista de Processo Previdenciário/Previ-Rio/Fundação João Goulart) A oração que possui sujeito é:
    a) “João era moço. [...] Não tivera uma só falta ou atraso.
    b) “Não havia necessidade de muita roupa.”
    c) “Vivia nos campos, entre as árvores refrescantes, cobria-se com farrapos de um lençol adquirido há muito tempo.
    d) “Não haverá mais férias.”
    e) “Nos lados, havia duas arestas.”

O sujeito é “João”, expresso na oração anterior. Gabarito: **A**.

35. (Engenheiro de Tráfego/Fundação João Goulart) “Já se falava em namoradas”.
    Assinale o item que apresenta a classificação do sujeito da oração:
    a) sujeito simples
    b) sujeito oracional
    c) sujeito indeterminado
    d) oração sem sujeito
    e) sujeito composto

Aqui, “falar” é VTI, o que é comprovado pela preposição “em”. Assim, o SE junto a ele torna o sujeito indeterminado. Gabarito: **C**.

36. (Professor I/Prefeitura do Rio de Janeiro/Fundação João Goulart)

“Invejo o ourives quando escrevo,

Imito o amor
Com que ele, em ouro, o alto-relevo
Faz de uma flor."
(Olavo Bilac)

Assinale a alternativa que dá a função sintática e a significação correta do sintagma ***com que*** do verso 3.

a) objeto indireto / paciente da ação;
b) adjunto adverbial / instrumento;
c) adjunto adverbial / modo;
d) objeto indireto / beneficiário da ação;
d) adjunto adverbial / companhia.

Trata-se de circunstância de modo, pois indica o amor com que ele faz o alto-relevo. Gabarito: **C**.

37. (Professor I/Prefeitura do Rio de Janeiro/Fundação João Goulart) Observe os fragmentos de texto:

1. "O chofer considera todo colega um "barbeiro" e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."
2. "Sai de casa pela manhã, como quem vai para uma briga, mantém para com o colega de bonde, ônibus, ou lotação, uma atitude de "mentalidade antipática", e, para com o motorista ou cobrador, de "beligerância em potencial."
3. "Não cede lugar a nenhuma senhora e defende a tese de que todas as senhoras e senhoritas vão à cidade para apenas comprar um carretel; ... "
4. "O chofer considera todo colega um "barbeiro" e todo pedestre um débil mental com propensão ao suicídio."
5. "Ainda ontem eu vinha para casa num táxi e esse quase se chocou com um carro particular."
6. "O garçom irrita-se porque o freguês tem a veleidade de lhe pedir alguma coisa, ..."

Relacione as colunas, classificando a expressão sublinhada em cada frase, segundo a coluna da esquerda; depois, assinale a sequência correta.

(1)	objeto direto.	(...)	"com propensão **ao suicídio**."
(2)	objeto indireto	(...)	"com o colega **de bonde**
(3)	complemento nominal	(...)	"Não cede lugar **a nenhuma senhora**"
(4)	adjunto adverbial	(...)	considera todo colega um **"barbeiro"**
(5)	adjunto adnominal	(...)	"vinha **para casa** num táxi "
(6)	predicativo	(...)	"o freguês tem **a veleidade**"

A alternativa que apresenta a sequência correta é:

a) 2 – 5 – 3 – 6 – 4 – 1
b) 3 – 5 – 2 – 6 – 4 – 1
c) 3 – 4 – 2 – 6 – 5 – 1
d) 3 – 5 – 1 – 6 – 4 – 2
e) 4 – 3 – 2 – 1 – 5 – 6

“Ao suicídio” é complemento nominal de “propensão”. “De bonde” é adjunto adnominal de “colega”. “A nenhuma senhora” é objeto indireto de “não cede”. “Um barbeiro” é predicativo do objeto direto “todo colega”. “Para casa” é adjunto adverbial de lugar. “A veleidade” é objeto direto de “tem”. Gabarito: **B**.

38. (Professor I/Prefeitura do Rio de Janeiro/Fundação João Goulart) Analise o elenco de orações abaixo listado:
    1. Quase ao mesmo tempo vieram os dois gritos.
    2. O carioca [...] virou grosseiro e irritadiço.
    3. O chofer considera [...] todo pedestre um débil mental.
    4. Não cede lugar a nenhuma senhora.
    5. Não entrei na conversa.
    6. [...] o próximo a quem outrora chamávamos de cavalheiro [...]

    Entre os predicados das frases destacadas, a menor frequência é tipo:
    a) verbo-nominal e verbal;
    b) verbal;
    c) verbo-nominal;
    d) verbo-nominal e nominal;
    e) nominal.

Somente a frase 2 tem predicado nominal. Gabarito: **E**.

39. (Atendente Judiciário/Tribunal de Alçada Cível-RJ/FESP) O pronome pessoal oblíquo **não** funciona como objeto indireto em:
    a) O rapaz comprou-as por uma bagatela.
    b) Hoje devolveu-me aqueles livros raros.
    c) Diga-lhe que o resultado foi bom.
    d) Eu te agradeço pelo lindo bilhete.

O pronome AS só pode ser objeto direto quando segue um VTD. Gabarito: **A**.

40. (Estagiário Bolsista/Detran/FESP)

"Cariocas são bonitos."
"Cariocas não gostam de dias nublados."
(Adriana Calcanhoto)

Os predicados em destaque classificam-se, respectivamente, em:
a) verbal / nominal;
b) nominal / verbal;
c) verbal / verbo-nominal;
d) nominal / verbo-nominal;
e) verbo-nominal / nominal.

O primeiro predicado é nominal porque tem o verbo de ligação "são". O segundo é verbal porque possui o verbo nocional "gostam". Gabarito: **B**.

41. (Estagiário Bolsista/Detran/FESP)

"Cariocas são **modernos**
Cariocas têm **sotaque**
Cariocas não gostam **de sinal fechado**."
(Adriana Calcanhoto)

Os termos em destaque exercem, respectivamente, as funções de:
a) objeto direto, objeto direto e objeto indireto;
b) predicativo do sujeito, objeto direto e objeto indireto;
c) objeto direto, predicativo do objeto e complemento nominal;
d) adjunto adnominal, adjunto adverbial e complemento nominal;
e) predicativo do sujeito, predicativo do objeto e objeto indireto.

O primeiro termo se segue a um verbo de ligação (SÃO) e só pode ser predicativo do sujeito. O segundo complementa o VTD "têm" e é OD. O terceiro complementa o VTI "gostam" e é OI. Gabarito: **B**.

42. (Auxiliar Judiciário/Conselho Federal da Justiça/ESAF) A alternativa em que há erro quanto à função sintática é:
a) O fato foi anotado pelo fiscal. (agente da passiva)
b) São vários os atos legais que regulamentam este assunto. (objeto direto)
c) Esta multa é de natureza fiscal. (adjunto adnominal)
d) Ele gozou da isenção de tributos. (predicado verbal)

e) Este passageiro está nervoso. (predicativo)

O termo destacado é sujeito. Gabarito: **B**.

43. (Atendente Judiciário/Tribunal de Alçada Criminal-RJ/UFRJ) Qual dos itens a seguir apresenta um predicado de tipo distinto dos demais?
    a) Introduzo na poesia / a palavra diarréia;
    b) Não pela palavra fria / mas pelo que ela semeia;
    c) Quem fala em flor não diz tudo;
    d) Quem fala em dor diz demais;
    e) O poeta se torna mudo / sem as palavras reais.

O predicado da letra E é nominal, com verbo de ligação "se torna". Todos os demais são predicados verbais. Gabarito: **E**.

44. (Oficial de Justiça (SP)/Tribunal de Justiça/Empasial) Classifique a função do termo em negrito: Ele **se** impôs essa postura desde criança.
    a) índice de indeterminação do sujeito.
    b) palavra de realce.
    c) pronome apassivador.
    d) objeto direto.
    e) objeto indireto.

"Ele SE impôs essa postura" equivale a "Ele impôs essa postura A ELE". Gabarito: **E**.

45. (Oficial de Justiça/TJ-SP/Empasial) Marque o item em que o termo em destaque é agente da passiva:
    a) O professor era bondoso com os faltosos.
    b) As ruas ficaram cobertas de dejetos.
    c) Depois do acidente, ficou avesso à música.
    d) A mulher estava apaixonada pelo cunhado.
    e) Fiquei ansioso da sua volta.

"Ficaram cobertas" é voz passiva analítica, e "de dejetos" equivale a "por dejetos", que é o agente da passiva, pois, se a frase for convertida para avoz ativa, ele se tornará sujeito: "Dejetos cobriram as ruas". Gabarito: **B**.

46. (Técnico de Controle Interno/Secretaria Municipal de Administração-RJ/Fundação João Goulart) O pronome **que** exerce função sintática de objeto direto em:

a) “De fato, tal idéia traduz, de maneira muito precisa, essa verdadeira dialética entre o que é lembrado com saudade como maravilhoso, formidável ou poético ...”
b) “Nossa biografia se faz precisamente pela alternância de situações que esquecemos com situações que “guardamos”como tesouros ou cicatrizes em nossa cabeça ... ”
c) “ ... como doloroso, trágico e ruim (aquilo que na nossa existência entra como extraordinário, positiva ou negativamente valorizado), ... ”
d) “Há, pois, um tempo lembrado, que vira memória e saudade; ... ”
e) “Pois o homem é o único animal que se constrói pela lembrança, pela recordação e pela saudade, ... ”

O QUE retoma “situações”. Na oração adjetiva é objeto direto de “esquecemos”. Gabarito: **B**.

47. (Contador/Controladoria Geral Do Município-RJ/Fundação João Goulart) “Senão você tem a situação **que** se vê hoje, ... ”
O pronome relativo presente na passagem transcrita exerce a mesma função sintática do termo grifado em
a) O povo já não confia nos políticos.
b) O coração não aguenta mais tanta emoção.
c) Trata-se de uma solução razoável.
d) Tinha necessidade de muita ajuda.
e) Os idosos às vezes usam bengalas.

O pronome relativo QUE da passagem transcrita é sujeito (no caso, de voz passiva sintética). Gabarito: **B**.

48. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Empasial) Analise sintaticamente o termo em destaque: “A marcha **alegre** se espalhou na avenida ... ”
a) predicado
b) agente da passiva
c) objeto direto
d) adjunto adverbial
e) adjunto adnominal

“Alegre” é adjunto adnominal de “marcha”. Gabarito: **E**.

49. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Empasial) Marque onde o termo em destaque não representa a função sintática ao lado:
a) João **acordou doente**. (predicado verbo-nominal)
b) Mataram **os meus dois** gatos. (adjuntos adnominais)

c) Vendem-se **livros**. (sujeito)
d) Eis a encomenda **que** Maria enviou. (adjunto adverbial)
e) A idéia de José foi exposta por mim **a Rosa**. (objeto indireto)

O QUE destacado é objeto direto de "enviou". Gabarito: **D**.

50. (Escrevente Técnico Judiciário/TJ-SP/Empasial) Identifique o termo acessório da oração:
a) adjunto adverbial
b) objeto indireto
c) sujeito
d) predicado
e) agente da passiva

Adjunto adverbial é o único termo acessório. Os demais são essenciais ou integrantes. Gabarito: **A.**

51. (Assistente Social Judiciário/TJ-SP/Empasial) Marque a alternativa onde o destaque não é adjunto adnominal:
a) Voltaremos <u>cedo</u> para casa.
b) Ele é um moço <u>de bom coração</u>.
c) O sol <u>da manhã</u> iluminava a montanha.
d) Cuidado com esse prato <u>de vidro</u>.
e) <u>Algumas</u> pessoas andavam pelas ruas.

"Cedo" é, aqui, adjunto adverbial. Gabarito: **A**.

52. (Magistério Municipal/SME/FUNDAÇÃO JOÃO GOULART) Indique o comentário inadequado sobre o período:
"Primeiro livro da Bíblia, o "Gênesis" é lido, às vezes, como uma sucessão de histórias da Carochinha."
a) Primeiro livro da Bíblia é um aposto antecipado de Gênesis.
b) O verbo do período está na voz passiva.
c) A ação expressa pelo verbo não possui agente expresso.
d) O período é simples pois só contém uma oração.
e) de histórias exerce a função sintática de complemento nominal.

"De histórias" é adjunto adnominal de "sucessão". Gabarito: **E**.

53. (Analista de Finanças e Controle Externo/Tribunal de Contas do Distrito Federal/UNB) Assinale a opção em que os elementos assinalados exercem a mesma função sintática.

a) Amigo leitor, você, que se enquadra na categoria dos consumidores ... ”
   “A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas. Pode estar aguardando você à porta da padaria mais próxima.”
b) “Seguinte: se você consumir, será imediatamente responsável por qualquer aumento de inflação.”
   “Se você comprar muitas passagens de ônibus ou de metrô, isso se refletirá no consumo das passagens e, aumentando o consumo, aumenta a inflação.”
c) Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar. Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada.”
   “Ainda não aprendeu que tem de fazer com o dinheiro que tem valor o mesmo que fazia com o dinheiro que não valia nada. Só que o dinheiro que não valia nada era guardado exatamente por isso, porque não valia nada.”
d) “A inflação é um monstro adormecido à espreita em todas as esquinas.”
   “Claro que a culpa cabe, como sempre, à classe média, que não pode ver um dinheirinho sobrar no fim do mês que quer logo esbanjar.”
e) “Aqui, é claro, tudo tinha de ser ao contrário.”
   “Senão, não tinha graça.”

Se é objeto direto de “enquadra”, e “você” é objeto direto de “aguardando”. Gabarito: **A**.

54. (Técnico Judiciário/STF/UNB) Todas as orações abaixo sublinhadas têm predicado nominal, exceto:
   a) “<u>A violência torna-se um item obrigatório na visão de mundo</u> que nos é transmitida.”
   b) “A violência torna-se um item obrigatório na visão de mundo que nos é <u>transmitida</u>.”
   c) “Em primeiro lugar, é preciso <u>que a violência se torne corriqueira</u> para que a lei deixe de ser concebida como o instrumento de escolha na aplicação da justiça.”
   d) “Nesse vácuo, indivíduos e grupos passam a arbitrar o <u>que é justo ou injusto</u>, segundo decisões privadas, dissociadas de princípios éticos válidos para todos.
   e) “Não se julgam fora da lei ou da moral, pois conduzem-se de acordo com o que estipulam <u>ser o preceito correto</u>.”

“É transmitida” é voz passiva, o que torna “é” um verbo auxiliar, e não um verbo de ligação.

55. (Técnico em Assuntos Educacionais/MED/UNB) Leia os trechos abaixo:
   I. “Ele, o comerciante abastado, talvez comendador, não conhecia o garoto.”
   II. “Possivelmente essa incorrigível falsária, a Memória, a pintou.”
   III. “... a pintou substituindo a verdade nativa, feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul, por alguma caprichosa arquitetura rococó.”

A opção correta, quanto à estrutura morfossintática, é:
a) apenas I contém aposto;
b) I e II contêm apostos;
c) I e III contêm apostos;
d) II e III contêm apostos;
e) todas as opções contêm apostos.

"O comerciante abastado" é aposto de "ele". "Feita de alvorentes azulejos pintalgados de azul" é aposto de "verdade nativa". Gabarito: **B**.

56. (Técnico em Assuntos Educacionais/MED/UNB) Todas as orações contêm predicados nominais, exceto
    a) "Seu nome era Serafim Costa."
    b) Assim, Serafim Costa era apenas um nome."
    c) "A casa era um palacete de dois andares."
    d) " ... e que parecia desabitada."
    e) " ... talvez não o fizesse ser de pronto reconhecido no Paraíso."

"Ser reconhecido" é voz passiva, o que torna "ser" um verbo auxiliar, e não um verbo de ligação. Gabarito: **E**.

Capítulo 15 – Pontuação Gráfica

1 Sinopse

1.1 Sinais de pontuação

I. *A vírgula*

Podem encontrar-se no interior da oração ou do período.

A vírgula no interior da oração

Servirá para:

a) Marcar ordem inversa, com antecipação de adjunto adverbial (caso facultativo):
Exemplo: Em geral, as pessoas se contentam com pouco.

b) Isolar o aposto:
Exemplo: Marco, amigo de Lúcia, veio nos visitar.

c) Isolar o vocativo:
Exemplo: Nunca aja, Paulo, como se nada tivesse acontecido.

d) Separar termos de natureza sintática semelhante (elementos coordenados):
Exemplo: Comemos maçãs, abacates, uvas e tamarindos.

e) Marcar omissão de palavras (elipse/zeugma):
Exemplo: Eu comprara dois cadernos, meu amigo, apenas um.

f) Separar, em datas, o nome do lugar:
Exemplo: Rio de Janeiro, 20 de março de 2000.

g) Isolar palavras que introduzem retificação, esclarecimento, ratificação, conclusão:
Exemplos:

Ele falava de música, ou seja, de algo que conhecia bem.

Afinal, como chegou aqui?

A vírgula no interior do período

Serve a vírgula, aqui, para:

a) Separar orações coordenadas assindéticas:

Exemplo: Veio, falou conosco, pegou suas chaves e saiu.

b) Separar orações coordenadas sindéticas introduzidas pelas conjunções adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas:

Exemplos:

Ou ele vem, ou perderá sua vaga.

Ela quis o prato, mas chegou tarde.

c) Separar orações coordenadas sindéticas introduzidas pela conjunção aditiva e, se os sujeitos das orações forem diferentes.

Exemplo: Maria chegou, e Pedro mal pôde falar com ela.

d) Isolar a oração subordinada adjetiva explicativa:

Exemplo: Os homens, que sempre velam por suas propriedades, acabam concluindo quanto vale o espírito.

e) Separar a oração subordinada adverbial (desenvolvida ou reduzida) quando em ordem inversa à principal:

Exemplos:

Quando chegou à festa, esta tinha acabado há horas.

Se não parasse de chover, não teríamos podido ir à praia.

II. *Ponto e Vírgula*

Serve o ponto-e-vírgula para:

a) Para separar orações de mesma natureza sintática, sobretudo se em pelo menos uma delas já houver vírgula;

Exemplo: Pedro comprou tomate, pimentão e couve; Maria, berinjela, chuchu e batata.

III. *Dois pontos*

Utilizam-se os dois-pontos para:

a) Iniciar-se enumeração anunciada:

Exemplo: Trouxemos duas coisas da viagem: malas e cansaço.

b) Iniciar-se uma citação, provérbio, paráfrase etc:

Exemplo: Disse Martin Luther King: “Se mantivermos essa história de olho por olho, acabaremos num país de cegos”.

c) Iniciar-se uma exposição mais detalhada, ou uma explicação, ou mesmo uma conclusão:
Exemplo: Pude sentir a sua mão carinhosa: ela era uma mulher encantadora de mãos extremamente suaves.

IV. *Aspas*

Utilizam-se as aspas para:

a) Marcar-se a presença de palavras estrangeiras, neologismos, gírias e congêneres:
Exemplo: Esperava um "feedback" maior.

b) Marcar começo e fim de citações, provérbios:
Exemplo: "Mais vale um pássaro nas mãos do que dois voando."

V. *Parênteses*

Utilizam-se os parênteses para:

a) Indicar-se oração intercalada:
Exemplo: Sempre se disse (agora sei muito bem) que devagar se vai ao longe.

b) Isolar termos que se refiram a antecedentes e aos quais se queira dar uma ênfase maior que a vírgula:
Exemplo: Pedro (que era um amigo fidelíssimo) mal conseguia me contar aquilo.

VI. *Travessões*

Os travessões servem para:

a) Dar ênfase maior que a da vírgula, parênteses, dois-pontos:
Exemplos:

Via em José — seu grande amigo e irmão — uma espécie de ídolo.

"(...) Gladliver procurava demonstrar ser injustiça com as flores – encanto e doçura da Terra – ligá-las à morte." (Orígenes Lessa)

Eu não sabia o que dizer — apenas fiquei mudo.

Ele trouxe tomates, chuchus, berinjelas — um pimentão maduro.

b) Indicar, nos diálogos, mudança de interlocutor ou início da fala deste:
Exemplo:

André perguntou:

— Falamos a mesma língua?

2 Pontuação gráfica: a pausa e a sintaxe: os limites da fala e da escrita

2.1 Introdução

É extremamente comum que o professor dê início ao ensino de pontuação gráfica partindo do pressuposto – em princípio correto, com efeito – de que os sinais que a consubstanciam vêm, na verdade, como consequência da demonstração das pausas rítmicas que se deem na fala, ou das curvas de entoação desta, ou, ainda, de outros fatores – atrelados que seriam apenas à fala. Sempre, como se vê – e neste "sempre" habita esperadamente o erro advindo de excessos e generalizações –, ficam os sinais gráficos pautados em meios prosódicos de expressão, confundindo-se, assim, dois planos distintos (embora complementares e limítrofes) da análise linguística: o da fala (ou oral) e o da escrita (ou gráfico).

Ora, assim como naquele há recursos extralinguísticos (locucionais ou não) mais facilmente trazidos a lume, assim também deverá a escrita, meio em que dificilmente a expressividade estará contando com a presença física (corporal ou fônica) de seu idealizador, trazer consigo, exatamente por isso, instrumentos próprios a fim de que se atinjam as metas, quaisquer que sejam, por que se deu início à redação de dado texto.

Pressuposto correto, como afirmamos, não se deve ter tão só em mente a pausa oral quando da pontuação de uma frase, que, por mais curta que seja (o que em tese dispensaria a necessidade da pausa), poderá exigir certo sinal gráfico a desfazer-lhe problemas, como ambiguidade, ou a melhorar-lhe sensivelmente a forma final. Assim, nem sempre será a pausa o fator de preponderância para que esteja devidamente pontuado um trecho, apesar de ser, não é demais a reiteração, fator que não raro anda de mãos dadas com os sintáticos, correndo, com estes, em parelha.

Ao lado das pausas rítmicas – que já nos parecem, a partir daqui, um como rudimento enviesado em que se calcar –, há o que nos parece ser, este sim, fator de maior relevância no desbarate das dúvidas atinentes à pontuação: o conhecimento da sintaxe.

Não é outra parte da gramática a que nos responderá com maior clareza às prováveis dúvidas de pontuação, sendo a ela que deverão estar mais voltados os nossos cuidados neste assunto, pois que o critério da pausa, grandemente subjetivo, será, por essa razão, de tal forma passível de controvérsia e discrepância, que se tornaria o caos aquilo que, por meio da sintaxe, permanece tão suscetível de sistematização como qualquer outra parte da gramática – assim sendo, sistematizável, mas não infalível –: a pontuação gráfica.

O primeiro passo a quem queira escrever de conformidade com a norma culta, em perfeita harmonia com esta, será, por conseguinte, introduzir-se, ao menos, no mínimo do atinente ao estudo da sintaxe. Outra não é a razão por que Mattoso Câmara, em seu *Manual de expressão oral e escrita*, adverte:

A vírgula, na escrita, expressa menos as pausas naturais da correspondente enunciação oral, do que as relações lógicas no interior da frase.

Exemplificamos:

Um dos locais líquidos da vírgula é para separar-se vocativo, *ainda que, na fala, não se dê, com frequência, nenhuma pausa entre este vocativo e o restante da oração.*

Mas, para fazê-lo, é preciso que saiba o aluno, por conseguinte, o que é um vocativo:

Pedro, venha cá.

Não, *senhor*[55], quisemos vir juntos.

É bem verdade que, querendo fazer incidir, sobre a leitura, a ausência de pausa na enunciação (oral), poderá o autor, mormente se reproduz a própria *fala* (discurso direto ou indireto livre) de algum de seus personagens, não pôr vírgulas a separar o vocativo, de acordo com o que prevíamos. É esta uma prática extremamente produtiva no Modernismo, de que aduzimos os trechos abaixo:

"— Sua parede, *não senhor*. Abri um buraco na minha parede." (Fernando Sabino)

"'*Não senhor*, o tuim é meu, foi criado por mim.' Voltou para casa com o tuim no dedo." (Rubem Braga)

"Aí a mulher do marido interrompeu agastada: '*Minha mãe* cale sua boca[56] que o caso é outro (...).'" (Raquel de Queirós)

Em alguns casos, entretanto, vem sendo a norma obedecida na íntegra:

"— Estávamos, *sim*, *senhor*, mas Bentinho ri logo, não agüenta." (Machado de Assis)

"— Trivial, *não*, *senhora*. Só sei fazer comida de pobre." (Clarice Lispector)

Do mesmo modo, ao deslocarmos um adjunto adverbial para o rosto (ou outro local que não o fim) do período, melhor será isolá-lo com vírgula:

No princípio de tudo, era o verbo.

Era, *no princípio de tudo,* o verbo.

E, por mais que seja, de fato, necessário pausa entre este grande (e mal-ajambrado) sujeito (abaixo) e seu predicado, não haverá vírgula, pois não se separa sujeito, um termo essencial, de predicado, outro(1):

---

[55] Quando o pronome de tratamento – originariamente substantivo – se refere a uma pessoa qualquer, não se sente tanto a pausa oral, de aí não se lhe dar, frequentemente, a vírgula na escrita. Quando *senhor* é mais peremptoriamente um substantivo, como dissemos a classe originária a que pertence, aí como sinônimo de "Deus", dar-se-lhe-á usualmente a pausa, o que acarreta a vírgula: "*Sim, Senhor, seja feito assim.*" Ex:

"— Não, retorquiu o Senhor, não quero ouvir nada.

— Mas, *Senhor*...

—Nada! nada!" (Machado de Assis)

[56] Aqui também, por ser início de oração coordenada explicativa, deveria ter havido vírgula. Nova prova, como queríamos demonstrar, de que se quis dar à frase o tom (afoito, exasperado) de alguém que falava sem pausas.

Os alunos que participaram no ano passado do concurso nos Estados Unidos para a pesquisa do comportamento dos animais habitantes da neve que perdura durante mais da metade do ano [*pausa*, porém *sem* vírgula] voltaram há pouco mais de três dias.

Dentro desse sujeito (complexo), que é, como se percebe, uma estrutura periodológica relativamente ampla, poderíamos ter posto, em certos locais, sem prejuízo da integralidade (mesmo semântica) da mensagem proferida, algumas vírgulas, que, a ele, haveriam de ter melhorado notoriamente a forma, além de, em termos de fala, serem sobremaneira úteis quanto às pausas que, por limitações físiológicas, haverão de, – com vírgulas ou sem elas, – existir na enunciação.

Na verdade*, ligar-se-ão os termos integrantes e essenciais da oração, uns com outros, estando na ordem direta, sem vírgula ou qualquer outro sinal gráfico* (à excessão daqueles que vêm como recurso expressivo não raro meramente grafêmico; estão nesse caso o travessão, as reticências e, mesmo em alguns deles, a vírgula)[57].

Além disso, existem casos em que o emprego da vírgula implica sentidos muito distintos.

Assim é, por exemplo, com as orações adjetivas, que, isoladas por vírgula, trazem o sentido de mera explicação, podendo, não raro, ser, toda a oração, substituída por um aposto (mas também por um predicativo); o adjunto adnominal costuma dar à frase teor restritivo, pelo que seria substituído por oração adjetiva restritiva. A propósito, em alguns outros pontos de enunciação – assim o chamemos, talvez na falta de termo mais apropriado –, o caráter explicativo há de ser encarecido pela existência de pausa: é o caso, para darmos apenas um, das orações coordenadas explicativas (é este, aliás, um dos critérios – não infalíveis, todavia – para o cotejo com as adverbiais causais, em que, nestas últimas, não haveria pausa). Se não há isolamento com vírgulas (ou mesmo outros sinais de pausa ou de entoação, como os parênteses, por exemplo), há de adquirir a frase giro perfeitamente novo[58]:

1. O José, que chegou há duas horas, é meu amigo.
2. O José que chegou há duas horas é meu amigo.

1. Só há aquele José, sendo, este, amigo da pessoa que fala; em relação a ele (José), a oração "que chegou há duas horas" é uma mera *explicação.*

---

[57] *E.g.*: "Eu, eu queria tudo." (Clarice Lispector)
"*D. Afonso Henriques*, nascera aquém do Minho." (Alexandre Herculano)

[58] Como dissemos em nosso trabalho sobre o aposto (q.v.), a pausa parece ser categoria prosódica do português na enunciação de expressões explicativas. Assim ocorre com os apostos explicativos, com as orações adjetivas explicativas, com as orações coordenadas explicativas (Mas o velho rumor – não sei se errado, / *Que em tanta antiguidade não ha certeza*", Camões, *Lus.*, III, 29:1-2), com as orações intercaladas ("Já lhe foi – *bem o vistes* – concedido [....] / Tomar ao Mouro forte e guarnecido", Camões, *Lus*. I, 25:1 e 3), com certos predicativos etc.

2. Há mais de um José, e apenas aquele que chegou há duas horas é amigo de quem fala. Aqui, o artigo definido é demasiado limítrofe à sua originária condição de pronome demonstrativo (cf. *este, aquele José*...)

A mesma coisa em:

1. Os índios que se colonizaram foram extintos.
2. Os índios, que se colonizaram, foram extintos.

Parece ter sido cochilo de Aluísio Azevedo não ter separado a oração adjetiva neste seu passo:

"Estavam já todos assustados, menos *a Rita que*, a certa distância, via aqueles dois homens a se baterem por causa dela (...)."

Caso de interpretação dúplice, segundo tenhamos ou não a vírgula, também ocorre, a nosso ver (não sendo tal opinião pacífica em meio a todos os gramáticos), aqui:

1. Maria chegou quando os irmãos saíram.
2. Maria chegou, quando os irmãos saíram(2).

1. Tem-se a ideia de que Maria teria chegado quando os irmãos já não mais estavam lá, ou que as duas coisas se deram muito próximas cronologicamente uma à outra.
2. Tem-se a noção de que, no momento em que chegava, e até um pouco após esse momento, saíram os irmãos. Repare que se poderia colocar o advérbio "então", caracterizando mais o que se interpreta: Maria chegou, quando (,) *então* (,) os irmãos saíram.

Para finalizarmos, estamos perfeitamente conscientes da importância da *pausa* na sintaxe (haja vista a enorme quantidade de fenômenos provenientes da fonética sintática, muitos dos quais advindos de pausas que se percebiam, seja-o muito nítidas, seja-o pouco), como, para apenas darmos um exemplo, nas concordâncias do tipo:

Duzentos reais [pausa] *é* muito pouco.

Sente-se um sujeito sintático "isto", corroborado pela pausa, que parece dar tempo ao falante de esquecer o sujeito real, ou semântico – "duzentos reais"–, substituindo-o por um indefinido – neutro[59], portanto.

---

[59] O neutro em português coincide com: a) o gênero masculino (o que comprova a concordância com o adjetivo "pouco", masculino); b) o número singular (o que comprovam o verbo e o número singulares daquele adjetivo).

2.2 Conclusão

A leitura & as variantes sociolinguísticas

A pontuação gráfica é proveniente (e consequência) de certas relações sintáticas entre membros da frase, sendo a pausa apenas recurso de importância secundária, o mais das vezes, a se proceder a contento à pontuação adequada. Isso ocorre pelo fato de haver situações em que se há de perceber nitidamente um divórcio entre a pausa (oral) e a pontuação (escrita). Deve-se dar primazia, assim, ao plano em que se está atuando; e, no nosso caso, é este o escrito (gráfico).

A pausa será, portanto, fator de importância secundária, sendo, porém, relevante e, por sem dúvida, considerável, não de todo desprezível, tendo partido dela, em muitos casos, certas bases justificativas para determinadas pontuações, e sendo ela, ainda, responsável pela explicação de outras partes da sintaxologia em que se dão giros anômalos segundo um critério que se baseasse apenas numa relação logicamente ordenada.

Dessarte, sem que se despreze a relevância da pausa na pontuação, devem-se, todavia, conhecer os rudimentos da análise sintática, a fim de se começar um curso de pontuação gráfica que venha a ser plenamente eficaz.

Para darmos cabo do assunto, lembramos a necessidade da leitura de grandes autores, que hão de dar as diretrizes necessárias, os primeiros passos a quem quer que se tenha aventurado à arte de escrever, seja ela em que nível (ou em que gênero) for.

As regras dadas à pontuação, como as que dizem respeito às demais partes da gramática, são suscetíveis de modificações e variantes substanciais, tanto numa análise histórica (diacrônica), quanto regional (diatópica) e mesmo pessoal (diafásica), além de variar, obviamente, segundo padrões sociais (diastrática), esta última colocando em cotejo a norma culta com uma linguagem não tão bem cuidada – ou mesmo familiar, distensa.

Exatamente por isso, vem a leitura a brunir a língua, em meio a tantas e a tão variadas situações a que nos expomos diariamente, consequência da prosaica e pragmática necessidade e arte do convívio, que nos podem fazer descuidar da fala e da escrita, não lhes oferecendo qualquer esmero.

Assim, a análise sintática serve para tornar "claras e perceptíveis as relações entre os membros da frase", além do quê, "lhe revelará [à frase] o ponto fraco, a estrutura mal urdida" (Gladstone Chaves de Melo, *Novo manual de análise sintática*. 2. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1959. / Augusto Gotardelo, *O emprego da vírgula*. 2. ed., Juiz de Fora, s/ed., 1960.

Q.v. o trabalho de Mário Barreto: "Classificação das palavras", cap. XVII do Novos estudos da língua portuguesa, 3. ed., Presença, Rio de Janeiro, 1980, p. 283 e ss. Apenas uma nota do Mestre traremos (p. 288):
"Afirmar-se que não temos neutro é apoiarmo-nos num fato aparente, i.é, que não existe forma especial neutra. O neutro existe e tão bem o sentimos em português como no latim; somente já se não distingue do masculino pela forma fônica exterior".

Ambos *apud* Adriano da Gama Kury, *Novas lições de análise sintática*, São Paulo, Ática, 1997, p.13), "permite, ainda, racionalizar a pontuação" (A. da Gama Kury, ob. cit.) (Grifo nosso).

Podemos, por certo enfoque metodológico, separar, daqui por diante, os sinais gráficos em dois grandes grupos:

3 Os sinais de pontuação

I. Sinais que marcam geralmente a pausa:

a) ponto simples (.)
b) vírgula (,)
c) ponto e vírgula (;)

II. Sinais que marcam geralmente entoação, estado emotivo, citação:

a) ponto de interrogação (?)
b) ponto de exclamação (!)
c) dois pontos (:)
d) reticências (...)
e) aspas (" ")
f) travessão (–)
g) parênteses (( ))
h) colchetes ([ ])

Como veremos adiante, embora haja regras que discirnam entre usar-se um ou outro sinal de pontuação, casos haverá em que é do alvedrio do escritor a utilização deste ou daquele, de acordo com razões às vezes subjetivas, de preferência pessoal.

Além disso, tal divisão de que partimos é meramente didática, passível, por isso, de inferências debeladoras, conquanto sempre férteis e úteis.

Seja como for, é na sintaxe, repetimos, que se calca a quase totalidade das regras diretrizes do estudo da pontuação, mormente no que tange ao emprego da vírgula, sinal a que se atribui, erroneamente, a apoteose da pausa e da respiração, e sinal este que, por ora, em primeiro lugar, passamos a perquirir.

3.1 Vírgula

Serve a vírgula de:

1. Separar *termos* ou *orações* com igual função sintática (isto é, coordenados), desde que não haja conjunção (isto é, desde que sejam *assindéticos*):
   A casa, o campo, a cidade, tudo me atrai.

Pedro, José e Maria sairão cedo.
Gosto *de maçã, de pêra e de uva*.

"Ergueu-se de um salto, passou rapidamente um roupão, veio levantar os transparentes da janela... Que linda manhã!" (Eça de Queirós)
"(...) está chovendo, estou com fome, o dia está belo." (Clarice Lispector)
"Deus quer, o homem sonha, a obra nasce." (Fernando Pessoa)

Bem como ocorre com orações, a vírgula poderá separar membros coordenados de frases nominais, isto é, destituídas de verbos:
"Acusações fáceis, provas difíceis." (Jorge Amado)

"Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios que no mundo resplandecem
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes[60]" (Camões, *Lus*., III, 8: 5-8)

Observação 1:

Quanto aos termos, o usual é que não se interponha a vírgula entre eles e o último, se vier, este, precedido de conjunção, geralmente (mas nem sempre) *e*:

A praia, o campo e a cidade me atraem.

Há, naturalmente, sensível diferença estilística (e mesmo semântica, de certa forma) entre termos usado a *copulativa e* (aqui a expressão é válida) ou não: com ela, como que estivemos mostrando que apenas aquilo que enumeramos nos atrai, isto é, delimitamos mais claramente o universo das coisas que nos atingem; sem ela, todavia, deixamos aberta a possibilidade (e a probabilidade) de haver, também, outras coisas, que, se ali não estão, poderiam perfeitamente estar ou ter estado (cf. *a praia, o campo, a cidade me atraem*). Isto não é uma regra, mas simplesmente constatação do mais usual.

No seguinte lanço de José de Alencar, de seu romance *Sonhos d'ouro*:

"Café com leite muito bem feito, três pães, um para cada pessoa, e excelentes bananas-maçãs." –,

o que justifica a vírgula antes de *e excelentes bananas-maçãs* é o isolamento que se deu, por ser termo explicativo (de *três pães*), em *um para cada pessoa.* Assim, se se retirasse

[60] Melhor nos parece analisar este verso como frase nominal do que tê-lo como portador de zeugma do verbo "estar" no verso anterior, análise que, entretanto, também não seria errônea.

tal termo, deixaria de existir, atendendo a um princípio de lógica interna, a vírgula antes de *e excelentes bananas-maçãs.* Mas é um princípio que carece de complementações: q.v. itens 6 e 10, além da observação próxima vindoura.

Observação 2:

Caso haja pausa, poderão os termos, ainda que acompanhados da conjunção, vir separados por vírgula:

> " — Ah! brejeiro! Contanto que não te deixes ficar aí inútil, obscuro, *e* triste." (Machado de Assis, *apud* Bechara. MGP, 337)

Outros exemplos foram por nós aduzidos:

> "Amou, perdeu-se, *e* morreu amando." (Camilo Castelo Branco)

Graciliano Ramos, em sua obra *Infância*, prefere uma pausa ainda maior, dando, àquele último *e*, após um ponto simples, o acúmulo de partícula exclamativa, quase interjectiva, que, com efeito, é o tom que sutilmente adquire o *e* se vindo após pausa; quanto maior a pausa, maior o tom subjetivo:

> "Também achei que Deus não eliminaria por atacado, sem motivo, seu Afro, Carcará, José da Luz, André Laerte, mestre Firmino, seu Acrísio, Resenda, os meninos de Teotoninho Sabiá. *E* padre João Inácio."

Na verdade, este "e" exclamativo, além de vir a fim de criar o cenário para que se desenvolva certo acontecimento (pelo que poderá licitamente ser chamado de palavra denotativa de situação, ou "e" situacional, como nos casos de "*E o vento levou*...", "*E* assim caminha a humanidade...", ou em frases nitidamente interjectivas como "*E pode?!*" ou "*E eu lá sei!*"; q.v. OBS. 3, abaixo), função que às vezes se faz dele exclusiva, terá como objetivo, em outros casos, a manutenção de certa ambiência geral, com agravamento (ou acirramento) desta situação. Assim sendo, se se está, por exemplo, numa atmosfera de surpresa quanto a algo já anteriormente manifestado, servirá este "e" para manter tal surpresa (adversidade), corroborando-a e elevando-a a graus ainda mais perceptíveis. É nesse ponto que o "e" de situação se divorcia do "mas" de situação, pois que este último não denota manutenção da ambiência semântica em que se está, mas, em vez disso, vem para abrir campo a determinada contrariedade.

Também trazemos à luz este exemplo de *A ilustre casa de Ramires*, de Eça de Queirós, em que fala o personagem Titó:

" — (...) Temos uma tainha assada, uma famosa. *E* enorme, que eu comprei esta manhã a uma mulher da Costa a cinco tostões (...)"

Repare-se em que, neste exemplo, há coordenação de adjuntos adnominais, ao passo que no trecho de Graciliano Ramos acima, houve coordenação de objetos diretos.

Também neste outro de Clarice Lispector (coordenação de sujeitos):

"Sobre a toalha branca amontoavam-se espigas de trigo. *E* maçãs vermelhas, enormes cenouras amarelas, redondos tomates de pele quase estalando (...)"

Observação 3:

Ainda que isolado, o *e* do dois trechos acima possui o inegável condão de ligar elementos, sendo, pois, uma copulativa.

No entanto, como vimos, devido a seu isolamento maior, acumulou aquela partícula um tom exclamativo, e, pois, subjetivo.

Poderá o *e*, ademais, não ligar nenhum elemento, sendo usado apenas para demonstrar a surpresa de que tanto falamos. Aqui, poder-se-á colocar o *e* entre as palavras denotativas, no caso – pela semelhança funcional semântica que apresenta com o *mas* denotativo – *de situação.*

Retiramos de *Textos Arcaicos*, de Leite de Vasconcelos (Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1922, p.28), esta famosa poesia do Cancioneiro da Vaticana (n. 171, p. 69) / Cancioneiro de D. Denis (n. XCI, p.75), onde o *e* marca exatamente um tom expressivamente admirado, como que revelando o pasmo e a perplexidade do eu lírico:

Ai flores, ai flores do verde pinho,
Se sabedes novas do meu amigo!
Ai Deus, <u>e</u> u[61] é?

Ai flores, ai f(o)lores do verde ramo,
Se sabedes novas do meu amado!
Ai Deus, <u>e</u> u é? (...)

Observação 4:

Outras conjunções possíveis (de teor aditivo, alternativo etc.) são *nem, ou, ora* etc., além das séries enfáticas e das expressões correlatas do tipo *nem também, nem tampouco, como, como também, não só... mas também, não apenas... como também* etc. Essas conjunções podem vir ou não separadas por vírgulas, sendo certo, apenas, que, se repetidas (o que configura um polissíndeto), costumam vir assim separadas.

[61] Este "u" equivale a "onde", como no francês atual, "oú". Advérbios de lugar eram, no português antigo, não raro indicados por vogal única, como o "i", tornado, mais tarde, em "aí", "ali" (no francês atual, "y").

Observação 5:

As orações coordenadas serão separadas por vírgula, ainda que tenham sido ligadas pelo *e*, se tiverem sujeitos distintos:

Pedro chegou cansado, e sua mãe lhe perguntou se pretendia jantar.

"*A lua cheia* batia de chapa nas muralhas esbranquiçadas, e *as sombras das torres maciças* listravam de alto a baixo as paredes dos paços interiores (...)" (Alexandre Herculano)

Observação 6:

O polissíndeto, figura em que se repete enfaticamente a conjunção, poderá estar com vírgula ou sem ela, de acordo com o tipo de leitura que o autor exija:

A casa e o campo e a cidade, tudo me atrai.

A casa, e o campo, e a cidade, tudo me atrai.

"Ocupados como quem lavra a existência, *e planta, e colhe, e mata, e vive, e morre, e come*." (Clarice Lispector)

Trazemos trecho de Manuel Rodrigues Lapa (*Estilística da língua portuguesa*. São Paulo, Martins Fontes, 1991, p. 196):

> Escreveu o cronista Fernão Lopes a respeito de um traidor à causa portuguesa: "e el foi depois tomado e preso e arrastado, e decepado e enforcado" (Crônica de D. João I, parte I, cap. 148). Só tem uma vírgula, para marcar uma pausa rítmica na linguagem do autor que mete na pressa desvirgulada da frase a sua paixão nacionalista.

Fomos à análise de outro trecho:

E crescer, e saber, e ser, e haver
E perder, e sofrer, e ter horror
De ser e amar, e se sentir maldito... (Vinícius de Morais *apud* Cunha-Cintra, 612)

A regra é, como visto acima na OBS. 1, que não se separe o último termo – quer seja este oração, quer seja nome – se vier antecedido da copulativa *e*, o que, no exemplo colacionado aqui, não ocorreu ("De ser e amar, e se sentir maldito...").

Poder-se-ia interpretar este último verso da seguinte forma: a ausência de vírgula entre "ser" e "e amar" dá a entender, tão logo é lido este trecho do verso, que "amar" seria o último elemento presente, fechando, enfim, a mensagem. Repentinamente, uma vírgula, depois de "amar", como que retoma, provocando, mercê da pausa, certa aspiração (ou *in*spiração) inesperada, retendo-se o fôlego necessário ao eu lírico (e ao leitor) à continuidade (e continuação)

da mensagem, que se supunha, como dissemos, acabada, mas que, mediante esta vírgula, retoma o polissíndeto anterior, prosseguindo em seu afã. O autor lidou habilmente com um preceito para dar a exata ideia de desfalecimento, cansaço, fim (ao deixar um último *e* sem vírgula), e recidiva.

A outra interpretação, que não debela a primeira, é a mais notória: "ser" e "amar" são orações reduzidas (com função de complemento nominal) *equipolentes* da oração principal (em relação a elas) "ter horror".

Não ocorre o mesmo neste trecho de Olavo Bilac (*apud* Rocha Lima, 459), onde a OBS. 1 é rigorosamente obedecida:

"*Sem pressa, sem pesar, sem alegria,*
Sem alma[62], o tecelão, que cabeceia,
Carda, retorce, estira, asseda, fia,
Dobra *e* entrelaça, na infindável teia..."

Observação 7:

Ainda quanto à pontuação no período (isto é, separando orações), não se deve determinar qual a suposta *natureza* de coordenação a merecer vírgula, como fazem alguns autores, com teses, em princípio, defensáveis. Alegam muitos, por exemplo, que a oração adversativa deva estar separada da outra, em relação à qual é coordenada, por sinal gráfico que lhes evidencie a pausa. Não esposamos tal tese, pois, como bem o sabemos, não há rigor extremo quando da determinação de quais sejam as conjunções adversativas (e, portanto, as próprias orações adversativas), que podem abarcar, inclusive, o *e* de que vimos tratando.

Aqui a vírgula ou sua ausência parece obedecer, de feito, a um critério de pausa que se queira dar entre as diversas orações coordenadas, apesar de conspicuamente presente, ainda, a *subjacência* (aqui sim uma mera subjacência) sintática.

Ele estudou mas não passou.
Ele estudou, mas não passou.
"Quis passar ao quintal, mas as pernas, há pouco tão andarilhas, pareciam agora presas ao chão." (Machado de Assis)

Com respeito ao *e* de caráter adversativo (que estudaremos mais minuciosamente no capítulo destinado às conjunções e à análise sintática), ilustra-nos um Salmo bíblico (n. 115):

"Têm boca, *e* não falam;
Têm olhos, *e* não veem;
Têm ouvidos, *e* não ouvem;

[62] Repare que todos aqueles termos iniciados por *sem* têm a mesma função sintática: adjuntos adverbiais (de modo), pelo que são separados uns dos outros por vírgula.

Têm nariz, *e* não cheiram (...)"

Ou neste de Augusto dos Anjos, em que, em dois dos versos dos tercetos finais, usa o mesmo "e" adversativo:

"Tenta chorar *e* os olhos sente enxutos!...
É como o paralítico que, à míngua
Da própria voz e na que ardente o lavra
Febre de em vão falar, com os dedos brutos
Para falar, puxa e repuxa a língua,
E não lhe vem à boca uma palavra!"

Também serve de ilustração a passagem abaixo, de Lygia Fagundes Telles:

"Milhares de olhos *e* não enxergava."

Repare que, neste último exemplo, não ocorreu a vírgula.

Achamos que, em relação a este *e* adversativo, a vírgula, antecedendo-lhe, dar-lhe-á uma leve nuança *concessiva* (e, portanto, *subordinando* as orações), ficando a ausência dela mais direcionada, de fato, a um caráter adversativo que se queira aí imprimir.

A prova, se assim podemos dizer, de que há certa motivação no emprego do *e* adversativo é o fato de, não raro, sem dispensá-lo, utilizarmos, paralelamente, uma conjunção ou locução conjuntiva adversativa, em frases do tipo *têm boca e, contudo, não falam*.

Em seus comentários sobre "As oitavas sobre o desconcerto do mundo", de Camões, no verso 160 assim diz Leodegário de Azevedo Filho (*in Camões, O Desconcerto do Mundo e a Estética da Utopia*, Rio de Janeiro, Tempo brasileiro, 1995, p. 118):

> *LF - agardece a vontade, e a obra não.*
> *Ms. Jur. - aguardece a vontade e obra não*
> [...]
> *Comentário:*
> [...] *Em LS e no Ms. Jur., no último sem o artigo definido feminino antes de ...*obra *..., usa-se a aditiva ...*e *..., com valor adversativo (ver M. Rodrigues Lapa,* Estilística da Língua Portuguesa*, 4. ed., Rio de Janeiro, Acadêmica, 1965, p. 205)*
> [...]

A pausa antes do *e* lhe dará, sempre, caráter emotivo, interjectivo, exclamativo (conforme). Disso é prova o trecho seguinte de Eça de Queirós, em que o adjunto adverbial, além de separado por vírgulas, embora na ordem direta, veio precedido de um *e* exclamativo, num uso sapientíssimo dos recursos prosódico, sintático e morfológico da língua:

"Com efeito! toda a reconstrução Histórica a realizara, *e solidamente*, com um saber destro (...)"

Também de igual recurso (e consequente efeito) lançou mão Rubem Braga, com o auxílio, aí, de um advérbio de intensidade ("muito"), a enfatizar ainda mais o advérbio já frisado pelo "e" e pela pausa que se lhes deu:

"(...) talvez fosse chefe de serviço ou relógio de pulso ou ainda, *e muito provavelmente*, enxaqueca."

Ainda há outro giro possível à conjunção *e*, encontradiça em frases populares do tipo "há alunos *e* alunos", em que, leciona Othon M. Garcia (*in Comunicação em prosa moderna*, 5.ed., Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1977, p.15, rodapé nº 12 da p. 14), "*sente-se, nítida, a distinção entre duas espécies da mesma classe*".

*

* *

A propósito, haverá vírgula antes da conjunção *mas* se se omitir o verbo da oração coordenada em que ela esteja (também podem aparecer *senão, mas sim* e outras fórmulas correspondentes, como algumas das conjunções coordenativas adversativas).

Você não é meu amigo, mas sim[63] *um inimigo*.

"Não se deve julgar o homem por uma só ação, *senão* por muitas." (Carneiro Ribeiro, *apud* Rocha Lima, 462)

"D. Rita, não menos irritada, *mas* irritada como mãe, mandou, por portas travessas, dinheiro ao filho (...)" (Camilo Castelo Branco)

"(...) pleito ridículo, *mas* estrondoso, movido pela recusa que o fidalgo portuense fizera de sua filha ao filho de Sebastião José de Carvalho." (Camilo Castelo Branco)

A oração adversativa, caso muito evidenciada, repisada pelo autor, poderá, como veremos à frente, vir separada por sinal mais contundentemente pausal, como o ponto e vírgula, o ponto simples.

Quanto ao item "mas", que estaremos estudando mais de perto na parte dedicada às orações e na dedicada às conjunções, com inúmeras vertentes significativas, temos dele notícia graças a Gustavo Adolfo Pinheiro da Silva ("Um estudo do item MAS na gramática e no discurso", Caderno Seminal, ano 5, n. 6, 1998, p. 75 e ss.). Escolhemos parte em que o Autor nos define claras diferenças possíveis no item em tela:

> Enquanto conjunção, opera como sinalizador de relações contrastivas. Enquanto operador argumentativo, além das funções de caráter fundamentalmente gramatical, dá uma orientação argumentativa ao discurso. Já como marcador, não atua no nível estrito da articulação sintática, nem sinaliza relações de contraste entre orações. Atua no sequenciamento e na organização do discurso.

[63] Poderia ter vindo este *sim* isolado por vírgulas de todo o resto.

Um exemplo excelente de "mas" que se utiliza com finalidade pura de enfatizar está neste trecho de Clarice Lispector:

"(...) e se [Carlinhos] nunca, *mas*[64] nunca, quisesse gastar o seu dinheiro?"

Semelhante uso do "mas" fez Manuel Bandeira:

"E quando eu estiver mais triste
Mas triste de não ter jeito"

E também nestes de Lygia Fagundes Telles:

"— O seu? Isopor ou acrílico, na história que li o homem achou que tinha tanto sofrimento em redor, *mas* tanto, que não agüentava e substituiu seu coração por um de acrílico (...)"

Observação 8:

É claro que, do ponto de vista semântico, um *e* pode acatar inúmeras outras vertentes significativas. Analise-se o exemplo de Machado de Assis abaixo:

"Bati-lhe *e* ela caiu."

Naturalmente havemos de classificar as orações como coordenadas (entre si) sindéticas *aditivas*, embora do ponto de vista semântico propenda a segunda delas a um caráter antes *conclusivo*, algo que vem tão só como consequência, portanto, do quanto se disse na primeira oração (cp.: Bati-lhe, *por isso* ela caiu). O mesmo que se disse a respeito do *e* adversativo se poderá vislumbrar aqui, onde, não sendo ela, a conjunção aditiva, dispensada, ajuntar-se-lhe-á a locução conclusiva, redundando em: Bati-lhe e (,) por isso (,) ela caiu.

Ou no seguinte passo de Lygia Fagundes Telles:

"Convidaram-me *e* sentei, os joelhos de ambos encostados nos meus (...)"

Também é comum ver em tal conjunção uma ideia embutida de consequência (que se pode incluir no caso das conclusivas ou das explicativas, não raro):

Fez o que devia, e logrou êxito.[65]

---

[64] Este "mas nunca" equivale a "nunca *de fato*", tendo, pois, servido como elemento intensificador, sem causa de contraste por *oposição*, mas simplesmente por realce ou surpresa.

[65] Cf.: Fez o que devia, por isso logrou êxito.
Fez o que devia, porque logrou êxito.

Assim, neste trecho, o “e” pode assumir inúmeras vertentes interpretativas:

”As duas mocinhas de cor-de-rosa e o menino, amarelos e de cabelo penteado, não sabiam bem que atitude tomar *e*[66] ficaram de pé ao lado da mãe, impressionados com seu vestido azul-marinho e com os paetês.” (Clarice Lispector)

Observação 9:

A repetição: estilística e morfossintaxe

Além de separar termos de igual função sintática, poderá a vírgula, também, separar vocábulos idênticos – verbos, adjetivos, advérbios, substantivos –, repetidos para que se enfatize (ou se intensifique ou se redimensione) aquilo de que são designadores*. Sabemos, a propósito, que a repetição de adjetivos ou de advérbios confere-lhes gradação superlativizante:

Choveu muito, muito.

Trazemos as palavras de M. R. Lapa (ELP, 107):

> Também a repetição do nome produz um efeito de intensidade, que a linguagem familiar conhece perfeitamente e a literatura aproveita. Veja-se este passo: “No barranco iam-se acumulando caixotes, sacos e barris, barris, barris, a cachaça era morfina para vida triste do seringueiro.”[...] Suponhamos este enunciado: “A rosa é a flor das flores”. Queremos dizer que “a rosa é a mais bela de todas as flores”. Tivemos arte de exprimir essa idéia de forma muito condensada, repetindo o substantivo [sublinhamos] e pondo-lhe ao meio uma preposição. Este processo também é antigo. Encontra-se muito na Bíblia; e como a Bíblia é uma produção do gênio hebraico, na parte que se chama o Velho Testamento, ficou a chamar-se a essa construção, poética e simplificadora, “superlativo hebraico”. Podem-se tirar curiosos efeitos de estilo desse processo, como neste passo de Aquilino Ribeiro: “A vista repousava, bêbeda de luz, na confiança das confianças.

Também se manifesta sobre o assunto outro grande Mestre, A. E. da Silva Dias (SH, 477, d, Obs.): *Não hão de ver-se pleonasmos em: já, já; logo, logo; marche, marche.*

Advérbio:

“Crisol onde *lento, lento*
purifico o Sentimento” (Cruz e Sousa)

Aqui, está o adjetivo originário (”lento”) sendo usado como advérbio (= lentamente), na medida em que atribui circunstância de modo ao verbo (“purifico”). Assim, toca-se, neste ponto, num ditame morfossintático. Se se quiser entender, entretanto, este vocábulo como

[66] Quando (mais próximo do “e” aditivo); mas (“e” adversativo); por isso (“e” conclusivo); porque (“e” explicativo).

predicativo do sujeito, ver-se-á nele, naturalmente, adjetivo. Quanto à questão "predicativo" *versus* "adjunto adverbial de modo":

"O tinteiro de pai é seu; você escreve mais carta; e até que *escreve* bonito, você sabe que eu li sua carta para Júlia."
(Rubem Braga)
"Havia instantes em que *respirava* pesado como um velho." (Clarice Lispector)
"Ela abriu nos joelhos as mãos ossudas, de unhas onduladas, *cortadas* rente." (Lygia Fagundes Telles)
"Mathews *sorriu* amarelo:
— Será uma epidemia?" (Orígenes Lessa)

Rocha Lima (GN, 347), como já demonstramos em nosso capítulo de morfologia, foi ainda mais contundente, não vendo tanta relevância no fato de estar ou não estar flexionado o adjetivo para que possa este ser usado como advérbio:

Adjetivos, ainda que flexionados, podem ser empregados como advérbios:
"A vida e a morte combatiam surdas
No silêncio e nas trevas do sepulcro." (Fagundes Varela)

Observação 9:

A presença do sufixo *-mente* forma, como sabemos, um advérbio, sendo este, em geral, mas não exclusivamente, de *modo*. Este sufixo necessita prender-se a adjetivos[67], que, em tese, deverão vir flexionados para o gênero feminino[68].

Havendo-os mais de um numa frase (falamos do sufixo *-mente*), é natural que, por mera referencialidade, omitam-se estes dos componentes coordenados, dando apenas ao último deles a chancela morfológica adverbial, que, por retroatividade, estende-se aos anteriores:

Estávamos calma, *tranquilamente*, aguardando a solução do caso.
Falava-me doce, suave, *suavissimamente*. (*Apud* Rocha Lima)
"É um filme de pessoas automáticas que sabem *aguda* e *gravemente* que são automáticas e que não há escapatória." (Clarice Lispector, *Água Viva*, 36)
"Somente sobreviriam, ou melhor, somente subsistiriam *econômica*, *social* e *politicamente*, os povos que impedissem o agravamento dos males pelo nascimento de novas criaturas." (Orígenes Lessa)

[67] São poucos os *substantivos* que gozam de igual flexibilidade, servindo eles próprios de base radical à formação do advérbio em *-mente*: *acintemente*, *irmãmente*.
[68] Apenas uns poucos adjetivos – terminados em *-ês* – manter-se-ão no gênero masculino: *portuguesmente*, *cortesmente*.

Assim, a repetição deste sufixo dará ênfase a todos os componentes coordenados da série de advérbios em -*mente*:

“Que há entre nunca e sempre que os liga tão *indiretamente* e *intimamente*?” (Clarice Lispector, *Água Viva*, 40)

“E se sente que é um dom porque se está experimentando, em fonte direta, a dádiva de repente indubitável de existir *milagrosamente* e *materialmente*.” (Clarice Lispector, *id.*, 105)

“Não quero dizer com isso que é *vagamente* ou *gratuitamente*.” (Clarice Lispector, *id.*, 108)

Substantivo:

“Por toda a parte escrito em fogo eterno:
Inferno! Inferno! Inferno! Inferno! Inferno!” (Cruz e Sousa)

“(...) tudo emaranhado em *barbas e barbas* úmidas de milho, ruivas como junto de uma boca.” (Clarice Lispector)

“*A paciência, a paciência, a paciência*[69], só isso ela encontrava na primavera ao vento.” (Clarice Lispector)

Adjetivo:

“Teus olhos são *negros, negros*
Como as noites sem luar.” (Castro Alves)

“Cecília, és, como o ar,
Diáfana, diáfana.” (Manuel Bandeira)

“*Aflito, aflito*, amargamente *aflito*,
num gesto estranho que parece um grito.” (Cruz e Sousa)

Verbo:

“Bufando, tossindo, rateando, *parando, parando* muito, ameaçando pane definitiva, jamais definitiva.” (Jorge Amado)

---

[69] A repetição de um substantivo abstrato, assim como o seu plural, poderá dar-lhe concretude que, em princípio, lhe seria contrária. Assim também versa José Lemos Monteiro (*A Estilística*, 63):
A própria repetição do vocábulo [abstrato] *consegue imprimir-lhe um caráter concreto. É o que se constata na palavra* cansaço, *conforme agudamente percebeu Linhares Filho* [A “outra coisa” na poesia de Fernando Pessoa. *Fortaleza, edições UFC, 80*], *nos seguintes versos de Fernando Pessoa:*
“O que há em mim é sobretudo cansaço –
Não disto nem daquilo
Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.”

“Aos poucos a própria inocência da menina tornou-se a sua culpa maior: então ela *explorava*, *explorava,* e depois ficava toda satisfeita vendo o filme.(4)” (Clarice Lispector)

“O homem *riu, riu, riu*.” (Clarice Lispector)

“E *ondula* e *ondula*[70] e palpitando vaga,
como profunda, como velha chaga.” (Cruz e Sousa)

Observação 10:

Note-se que nem sempre, como é o que ocorre mais ou menos sistematicamente com os adjetivos, a repetição nos *verbos* tem o fito de dar-lhes um matiz intensivo.

Tal matiz intensivo, a propósito, ocorre no trecho seguinte de *O primo Basílio* (Eça de Queirós):

“Mas tu *falas, falas*! Para me afligir!...”

Pode ter ocorrido, não raro, que se tenha querido dar àquele verbo um *aspecto*, categoria tão pouco estudada, que não lhe seja, de regra, particular. Assim, por exemplo, de Clarice Lispector:

“Apesar da ameaça de chuva iminente e da angústia que o jasmim sufocante já lhe estava dando, *descobria, descobria*.”

Ocorre que o aspecto do verbo é de natureza demasiado *pontual* (como “cair” etc.) e, de certa forma, *permansiva* (como “aprender” etc.). A repetição lhe deu teor DURATIVO, que não lhe é, *a priori*, característico.

Esta é interpretação análoga à que Mattoso fez algures com a canção infantil “cai, cai, balão”, onde a repetição do verbo “cair” (de aspecto pontual) mostra-o como se fora, este, algo que se desenrola lenta e pausadamente.

---

[70] Permitimo-nos análise de fonoestética, que nos foi suscitada pela plástica impecável deste verso, também isto mercê da repetição do verbo apontado.
Há debordamento nas conjunções “e”, que se tornam no arquifonema /I/; com isso, ocorrerá sinalefa entre os dois membros do par “[e ondula]”, em que a conjunção, neutralizada anteriormente em arquifonema, é, ora, reduzida à periferia silábica, isto é, torna-se em semivogal, assim resultando: /yoNdul/. Entre o primeiro e o segundo membros do par [e ondula], além da sinalefa apontada, ocorrerá, também, elisão do “a” final do primeiro para o contato com a conjunção foneticamente neutralizada que principia o segundo, além da mesma elisão entre o segundo e “[e palpitando vaga]”, já que também advinda esta do contato com conjunção “e” neutralizada (mas desta vez para o princípio do restante do verso, como dissemos): /yoNdul’yoNdul’y.../. Dessa forma poderá o verso em questão ser decassílabo, a propósito, sáfico (4., 8. e 10. sílabas métricas tônicas; na verdade o verso apresenta uma intrincada rede de modulação de tonicidade e subtonicidade, que faz haver elevação de duas em duas sílabas, o que dá a impressào de ondulações e palpitações plásticas, flexíveis, homogêneas: / y o N d u l’ y o N *d u* l’ y p a l p i *t a N* d U *v a* g a / sublinhadas: sílabas métricas subtônicas; sublinhadas e em itálica: sílabas métricas tônicas, verso, portanto, sáfico, como disséramos).

É este outro trecho também da notabilíssima Clarice Lispector:

"E *não chovia, não chovia*."

Damos outros exemplos (todos em gerúndio):

"*Viajando, viajando*, esquecia-se o mal e o bem" (Adonias Filho, *apud* Cunha-Cintra, 481)

"Lá fora anda a invernia *assobiando, assobiando...*" (Cassiano Ricardo)

"— (...) Queria aquele bolo, uma migalha que fosse e ficava *mastigando, mastigando* e o bolo ia se espalhar em mim, na mão, no cabelo, não sente o cheiro?" (Lygia Fagundes Telles)

Observação 11:

A repetição de um termo é prática vitanda se se trata de desleixo por parte do autor.

No entanto, não é raro que, em vez de representar inépcia daquele, seja a repetição uma excelente forma de se enfatizar o termo repetido (ou mesmo os que a ele se ajuntam); o que poderia ter sido *obliterado*, do ponto de vista expressivo, por um pronome ou por uma palavra vicária ou por qualquer outro subterfúgio que evitasse a repetição, por exemplo um sujeito composto.

Assim, nosso Graciliano Ramos escreve:

"A casa mexia-se, a escada mexia-se"

E, com isso, deu, graças à repetição da expressão "mexia-se", realce e distinção esplêndida às palavras "casa" e "escada"; é como se estivéssemos vendo primeiramente a casa mexer-se para, em seguida, vermos o mesmo acontecendo à escada. E mais: como o verbo "mexia-se" já havia aparecido antes (em "a casa mexia-se"), ao ser repetido (ou reevocado) em seguida (em "a escada mexia-se"), como que sentimos, após a certeza de ter acontecido uma coisa *depois* da outra, a *fusão*, agora, daquelas duas coisas, mexendo-se, assim, antes do mais, uma de cada vez (graças ao isolamento sintático, i.e, à circunstância de pertencer cada um a uma oração distinta), e, no fim, mexendo-se juntas, mercê da reevocação (e, pois, da apelação à memória imediata) do verbo "mexia-se", que, trazido à baila de novo, como que arrastará – o que promove aquela fusão de que falamos –, junto consigo, o termo anterior a que vinha agregado ("a casa").

Procedimento similar vimos em Machado de Assis (*D. Casmurro*):

"Uso louça *velha* e mobília *velha*."

E em Carlos Drummond de Andrade (*Caminhos de João Brandão*):

"A estrada *tinha acabado*, o telefone *tinha acabado*, a energia *tinha acabado*, e, por azar, não havia rádio de pilha para pegar notícia."

Ou com esta elegante zeugma de Rubem Braga:

"(...) mas me contaram que em Goiás, nessa povoação de poucas almas, *as casas são pobres e os homens pobres,* e muitos são parados e doentes e indolentes, e mesmo a igreja é pequena (...)"

Em sua obra *O estilo e suas técnicas* (edições 70), no capítulo II (*A palavra, símbolo de uma noção*), Marcel Cressot adverte:

> É próprio do pronome, átono ou tónico, evitar a repetição de um termo. Mas apenas no caso de a repetição ser inadequada. Existem repetições expressivas e voluntárias que visam chamar a atenção para a ideia.

E dá exemplos excelentes e ilustrativos, de que escolhemos alguns:

Déjà jusqu'á mon coeur le poison parvenu
Dans ce coeur expirans jette un froid inconnu (Racine)

[Já ao meu coração o veneno subiu
No coração exangue vazando estranho frio]

[...]

Qu'as-*tu fait, infidèle,*
Qu'as-*tu fait du passé?* *(Musset)*

[Que fizeste, infiel,
Que fizeste do passado?]

E termina corroborando o quanto há pouco dissemos: "Encontraremos outras, utilizadas para marcar o aspecto contínuo progressivo e a ênfase".

Tomamos o trecho seguinte, de Oscar Wilde, do primoroso livro *Língua e estilo de Eça de Queirós,* de Ernesto Guerra da Cal (Tempo Brasileiro, p. 149):

"...to live on scanty, *unwholesome* food, to wear ragged, *unwholesome* clothes, to sleep in horrid, *unwholesome* dwellings..."

Observação 12:

Não é raro que, embora se trate de repetição de termos, não venha um separado de outro com vírgula se este termo for um advérbio:

Eles virão *cedo cedo.*

"Vê-se *logo logo* a intenção!..." (M. da Fonseca, *apud* Cunha-Cintra, 539)

"E estive *quase quase* a ir de rastos, beijar os degraus da escada..." (Machado de Assis, *id.*, *ib.*)

No exemplo abaixo, o advérbio de intensidade reiterado serve de aumentar o peso da consequência, consubstanciado na oração consecutiva "que fora um" imediatamente seguida de oração a ela coordenada, assindética (tirante à adversativa), "voltava outro."

Havia andado *tanto tanto*
a pé, pelo Continente
(Cassiano Ricardo)

Poderá o advérbio, ainda (mesmo que apresente – o que é bastante natural à índole da língua portuguesa – sua forma de adjetivo), vir coordenado, em sua repetição, de forma sindética:

"Para conseguir seus fins e se sustentar carecia de ir *manso* e *manso* em sua difícil tarefa." (Garrett, *apud* Carneiro Ribeiro, Serões Grammaticaes, 266)

"Boninas varias vai regando a fonte,
Que convida correndo *manso* e *manso*
O rouxinol que suas maguas cante." (F. A. do Oriente, id. ib.)

Quanto à presença da copulativa, poderá havê-lo com outras expressões indicadoras de quantidade indeterminada conquanto excessiva; os dois exemplos abaixo apontados são de autoria de Cassiano Ricardo:

E agarrar-me aos teus seios matutinos,
nauta que amou *centenas e centenas.*

Em artigo crítico à obra de Camilo Castelo Branco "Amor de perdição" (Revista brasileira de língua e literatura, da Sociedade brasileira de língua e literatura. Ano VII, n. 13, 1985, p. 43), Gladstone Chaves de Melo, a quem pedimos testemunho não apenas do conteúdo, senão que, outrossim, não raro, da própria forma, impecável, em dado instante assim se expressa:

> Noutra cela do mesmo pesado edifício cumpria pena sua cúmplice Ana Plácido, que traíra o marido de há dez anos e se entregara ao tempestuoso amor do tempestuoso Camilo.

Ainda fazemos vir a lume o trecho seguinte do Padre Antônio Vieira (História do Futuro, I, 173), que serviu de epígrafe, fale-se em tempo, à nota da terceira edição do Dicionário do folclore brasileiro de Luís da Câmara Cascudo. Repare-se, aí, nas repetições

do radical “nov-” e das formas livre (ou dependente) e presa, respectivamente, “uma” e “-uma” (esta última no pronome indefinido “nenhuma”):

> “É uma história nova sem nenhuma novidade, e uma perpétua novidade sem nenhuma cousa de novo.”

Num momento de especial fervor e brio, como que apelidando à lide os companheiros do (excessivamente) jovem D. Sebastião (cf. assinala o próprio Antônio José Saraiva em dado momento de sua exegese à obra camoniana), o Poeta se deixa levar, exaltado, assim narrando:

> “(...)
> Dest’arte o peito um calo honroso cria
> desprezador *das honras e dinheiro,*
> *das honras e dinheiro* que a ventura
> forjou, e não virtude justa e dura.” (Lus., VII: 98)

Sabedores de que o assunto não se esgota aí, arrolamos, por isso mesmo, e conquanto igualmente conscientes da paucidade de exemplos que isto representará, trechos do *Romance de Amadis*, de sua quarta redação (“sumário” feito na década de 1920 por Afonso Lopes Vieira à versão anterior, em castelhano, de Montalvo), como certidão do largo uso das repetições enquanto tradição da língua já no português antigo, de que a tradução de que nos valemos pretende ser reconstituição um tanto ou quanto fidedigna:

> “Perion (...) caíra em modorra, e *sonhava. Sonhava* que alguém entrava por uma porta falsa naquela câmara (...).”
>
> “(...) porque era lei que não escapasse à morte, por maior que fosse seu estado e senhorio, mulher que cometesse *culpa.*
> *Culpa*, não a cometera Elisena (...).”
>
> “Bem abraçados se tinham, e do *amor* o *amor* crescia – puro *amor, amor* sem fim!”
>
> “Mas ah! senhores, é outra *a verdade. A verdade* é que Amadis (...) perdeu o comer e o dormir e perto estava da morte.”
>
> “E mostrava-lhe de como Oriana agora partiria para o castelo de Miraflores, *ansiosa* do seu perdão, *ansiosa* do seu amor!”
>
> “E beijando as doces palavras, pensando no que a bem amada *padecera, padecia* Amadis por ela (...).”
>
> “Como é sina e magia de saudosos irem ante si figurando o que adoram, assim via Amadis os olhos *de Oriana,* a boca *de Oriana,* suas mãos, seus cabelos, seus pés mimosos (...).”
>
> “E Amadis liberta e leva para a Ilha Firme – *Oriana, Oriana* a Sem Par!...”

"Mas o *amor* não tem fim, se é belo *amor*; ou, se o tem, tem-no em si mesmo, porque *o amor ama o amor*."

Ainda lembramos dois expedientes poéticos muito encontrados nos cancioneiros medievais: o *dobre* e o *mordobre* (ou *mozdobre*): aquele consiste em se repetirem palavras (não sendo estas, aqui, sinônimo de "verso") em dois ou mais lugares da estrofe (ou estância ou cobra etc.), de preferência – segundo Segismundo Spina – no primeiro e no último versos; este último (*mordobre*) é artifício primoroso em que palavras se repetem em suas formas *cognatas*, sejam elas, portanto, flexionadas, sejam elas derivadas: num e noutro caso com o mesmo radical.

De Gil Peres Conde, um trecho de cantiga de maldizer (de mestria), com o fito de ressaltarmos o *mordobre*, aqui marca da ênfase dada pelo eu lírico à ação de "servir", de que se arroga ator incontroverso, no segundo verso:

"A vossa mia soldada, senhor Rei,
Que eu *servi* e *serv'*e *servirei*,
Com'outro quem quer a que dam bem,
Ei-a d'aver mentr'eu viver, ou pom-
-Mi-os à mia mort'o a que os vou pedir?"

De Dom Dinis, esta sua cantiga de amor (de refrão), atualizada quanto à língua; repare-se como, paralelisticamente, os segundos versos das cobras II e III trazem o *mordobre*, e como no terceiro verso da cobra I ocorre, também, *mordobre*:

"Senhora, tanto eu queria,
se a Deus e a vós aprouvesse,
que onde *estais* sempre *estivesse*,
senhora, então me daria
por tão radiante
que daí em diante
nem por rei ou infante
eu me trocaria.

"Sabendo que vos sorria
que onde *morásseis*, *morasse*,
sempre vos visse e falasse,
senhora, então me daria
por tão radiante
que daí em diante
nem por rei ou infante

eu me trocaria.

"Muito contente andaria,
Se onde *vivêsseis, vivesse*.
Apenas isto entendesse,
com razão eu me daria
por tão radiante
que daí em diante
nem por rei ou infante
eu me trocaria."

Também outro recurso que se utiliza da repetição, não encontrado apenas na lírica medieval, como em toda a tradição literária, é o quiasmo, e que se põe em cotejo ideias que, sintática e em geral semanticamente, como que vêm refletidas, num jogo de espelho de linguagem:

"Estando em terra, chego ao ceo voando,
em u'hora acho mil anos, e de jeito
que em mil anos não posso achar u'hora."

(Camões, *Soneto*)

Ainda da literatura portuguesa, do autor tido como "o último maneirista":

"*O que eu reprovo, elege; e o que eu elejo,*
Ele o reprova, como se tivera
Sortes a seu mandar, em que escolhera,
Contra as quais só por ele em vão pelejo."
(D. Francisco Manuel de Melo)

Tal expediente artístico, a propósito, é de tal forma usado em nosso Cruz e Sousa, que teríamos de perquirir toda a sua obra, quiséssemos mostrá-lo a contento; preferimos, no entanto, apenas e tão só perlustrá-lo, trazendo dele o exemplo:

"*Sono e preguiça, mais preguiça e sono*,
luxúrias de nababo e mais luxúrias,
moles coxins de lânguido abandono
por entre estranhas florações purpúreas."

*

*   *

Nos trechos abaixos (o primeiro dos quais ainda de Clarice Lispector), contudo, ironicamente serve a repetição de evidenciar a *diferença* que existe na palavra cada uma das vezes

que se repete esta. Há, portanto, uma só palavra – "*assim*"–, que, no entanto, ganha, cada vez que é lida, um contorno semântico de todo diferente do intrínseco às demais vezes.

"E se chegasse a entender, certamente diria: são *assim, assim e assim*."

"— Movimento de translação é *assim* ou *assim*?" (Paulo Mendes Campos)

Mostra-nos isso, com mais clareza, que, mesmo em repetições de palavras, não há uma coincidência total de campos semânticos no texto, pois que o leitor há de transformar cada palavra que estiver lendo – mercê principalmente de subsídios advindos do próprio texto – num campo semântico específico, sendo tal campo, muito ou pouco, diferente do orgânico das palavras que ali perto estejam, ainda que nos estejamos referindo à mesma palavra. Diríamos estar ocorrendo, em tais casos, a manifestação da mesma *palavra* (ou, para Herculano de Carvalho, da mesma "palavra semântica"), consubstanciada, embora, em diversos vocábulos (ou, para aquele mesmo autor, em "palavras léxicas") diferentes, vocábulos que, oriundos que sejam da mesma palavra, como vimos, se atualizaram semanticamente de formas distintas. Ou que, muito próximo do que acabamos de dizer, teria ora ocorrido um significado (de base) manifestado em diversos sentidos distintos.

A propósito, como salientamos algures, se, para Zipf (*apud* S. Ullmann, Sêmantica), o número de significados de uma palavra é igual à raiz quadrada de sua frequência, poder-se-ia chegar à conclusão – de certa forma contrária à que havíamos até aqui esposado – de que o enfraquecimento de *sentido* das expressões repetidas é corroborado exatamente pela circunstância de terem sido aquelas palavras repetidas, pois que, pela grande quantidade de significados de que dispõem (de que faz prova o terem sido repetidas, o que lhes aumenta a frequência relativa), quantidade esta que tende a dissipar, assim digamos, a força do sentido, tenta o autor uma espécie de compensação, fazendo crescer em quantidade o que estaria decrescendo em força. É apenas uma teoria, ainda não validada, por causa da falta de dados colhidos que lhe fornecessem, estes, a pujança de uma conclusão científica.

É o que ocorre no caso – trazido à luz sutilmente, a propósito, no próprio *Perto do coração selvagem*[71] – em que crianças repetem exaustivamente um nome, e, à medida que o fazem, este nome parece ir ganhando cores novas, pois, de fato, a cada segundo passado, o mundo se transforma de modo tão lento (porém tão perceptível), sensivelmente, que a chancela abarcada por aquele nome se vai, ela própria, transformando em novos campos semânticos, evocadores de limites e amplitudes evidentemente distintos dos anteriores – e dos futuros, muita vez inesperados ou frustrantes (o que é, para muitos autores, como Jakobson, uma das definições mais férteis de "estilo", um de seus inequívocos apanágios[72]).

[71] Por exemplo quando diz:
"Elza é um nome como um saco vazio."
ou
"– Guria, guria, muria, leria, seria..., cantava o homem voltado para Joana."

[72] Cf.: "Estilo é expectativa frustrada." (Jakobson, *apud* Nilce Sant'Anna Martins, IE, p. 2)
"Estilo é surpresa." (Kibédi Varga, id. ib.)

Q.v. item 1, Obs. 7 (o que diz Othon M. Garcia)

Dessa forma, poderá a repetição, como vimos, servir não como fator para *enfatizar* o termo repetido, mas, ao invés disso, para *enfraquecê-lo* em nível de sentido, fazendo-o perder em concentração semântica, – dispersando-o, por assim dizer, – o quanto ganha (e, segundo Zipf, em proporção sistemática) em quantidade. Ilustra-nos de forma clara – e por fim – o seguinte passo de Clarice Lispector:

> "O chão onde simplesmente por amor – *amor, amor*, não o[73] amor[74] – onde por puro amor nasciam entre os trilhos ervas de um verde leve tão tonto que a fez desviar os olhos em suplício de tentação."

2. Isolar o vocativo:

Pedro, venha cá.

Ainda que em frases nominais:

Aqui, Pedro!

"Não sabes, *criança*? 'Stou louco de amores..." (Castro Alves)

"Temos embargos, *donzela*,
a serdes deste lugar, (...)" (Padre José de Anchieta)

"*Senhor*, os reis são vassalos de Deus, e, se os reis não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus." (Padre Antônio Vieira)

"Não vejas, *Nise amada*,
A tua gentileza
No cristal dessa fonte. (...)" (Claúdio Manuel da Costa)

"— *Ó Meneses*, aquilo que é?" (Camilo Castelo Branco)

Observação 1:

Do vocativo retira-se subsídio que corrobora a importância da pausa rítmica na fala influenciando a vírgula na escrita. Trata-se dos vocativos do tipo *sim, senhor, não, senhor* (q.v. a introdução deste capítulo), em que, dada a ausência de pausa na fala, observa-se igual ausência de vírgula na escrita, mesmo entre os maiores escritores da língua, apesar de ser a vírgula aqui necessária segundo o princípio evocado por este item 2.

---

[73] Cf. Cunha-Cintra, 206: "Não era uma loja qualquer, era a Loja." – C. dos Anjos.
Cf. Napoleão Mendes de Almeida, 126: "Os outros também eram seus filhos, não o negava Jacó; mas o seu filho era José. Vai muito de ser filho a ser o seu filho." – Pe. A. Vieira

[74] Aqui sim, graças a este artigo de notoriedade, deu-se a concentração semântica à palavra "amor", que estava dispersa em função de ter sido repetida.

3. Isolar o aposto (exceto o especificativo. Q.v. Obs. 3. Há outros não isolados por vírgula. Q.v. Obs.: 4. Q.v. nosso capítulo de sintaxe: "Do aposto", onde pormenorizamos este item da análise sintática, também no que tange à pontuação adequada a seus diversos tipos):

   "A Rua Nova, *a aorta de Lisboa*, *rica de seiva*, chamara a redor de si toda a vida da população." (Alexandre Herculano)

   Temos aí dois apostos(4): "*a aorta de Lisboa*" e "*rica de seiva*", ambos circunstanciais: "a aorta de Lisboa"– aposto comparativo; "rica de seiva" – aposto causal (q.v. nota n. 1). Poder-se-á interpretar "rica de seiva" como predicativo do sujeito, mas dificilmente se verá nela um mero aposto explicativo: na pior das hipóteses será, como o foi "a aorta de Lisboa", um aposto *comparativo*.

Observação 1:

Há outras pontuações que, embora menos frequentes, podem isolar o aposto.

Assim é com o travessão:

Seus dois filhos – *Pedro e Maria* – saíram de mãos dadas.

"Antes de mergulhar no pesadelo, segurava-se aos trastes mesquinhos – *o espelho, o relógio, as cadeiras* – e buscava amparar-se em alguém." (Graciliano Ramos)

E também com os parênteses:

Seus dois filhos (Pedro e Maria) saíram de mãos dadas.

"Dessa árvore pedrenta (*o sertanejo*)" (João Cabral de Melo Neto)

Observação 2:

Num caso de *anfilogismo* (acúmulo de funções sintáticas, discrepantes que o sejam), poderá um termo acumular as funções de aposto e vocativo:

"'Vós, *homem bárbaro*, juraste [*sic*] perder o desgraçado. (...)'" (Alexandre Herculano. *O Bobo*, Rio de Janeiro, Edições de Ouro, s/d, p. 173)

"*Homem bárbaro*" é <u>vocativo</u> e também <u>aposto</u> (este, do vocativo anterior "Vós")

Semelhante coisa parece ter havido nesta cantiga, n. IX, de Pero Meogo (Leodegário A. de Azevedo Filho. *As cantigas de Pero Meogo*, 2. ed., Rio de Janeiro/ Brasília, Edições Tempo brasileiro, 1981, p. 103)

– Digades, filha, *mya filha velida*,
porque tardastes na fontana fria.
Os amores ey.

Digades, filha, *mya filha louçana*,
porque tardastes na fria fontana.
Os amores ey.
(...)

Lançando mão do recurso de paralelismo, o eu lírico, aqui uma mãe, chama a filha (*vocativo*), dando, a este vocativo, uma especificação (aposto) distinta em cada estrofe, embora seja este aposto, ainda, um novo vocativo (*mya filha velida* e *mya filha louçana*).

Observação 3:

Devemos tomar cuidado com a pontuação em certos apostos especificativos do tipo:

"O mestre José Amaro ouvia o bicheiro, como se não ouvisse nada." (José Lins do Rego) –,

em que *José Amaro* é aposto especificativo de *mestre*.

\# **Quanto ao caso de apostos do tipo *o ministro fulano de tal***.

Acontece, aqui, que *fulano de tal* é aposto (especificativo) de *ministro*, não devendo, em princípio, ser separado com vírgula.

Caso distinto ocorre se dissermos:

"O Ministro da Fazenda, *Pedro da Silva*, chegou hoje ao Rio de Janeiro."

Onde interpretamos que só haja um ministro da fazenda, daí ser *Pedro da Silva* aposto explicativo, não especificativo. E, se não pusermos a vírgula ali, daremos a entender que há mais de um ministro da fazenda...

Em construções do tipo *O excelentíssimo Senhor Presidente da República Pedro da Silva*, a ausência e vírgulas se explicaria por ter-se sentido "O Excelentíssimo Senhor Presidente da República" como se fosse uma forma de tratamento em relação a "Pedro da Silva". Daí, não se justificaria ausência de vírgula em: *O Presidente da República, Pedro da Silva*.

É claro que também se poderia iniciar pelo nome da pessoa:

Pedro da Silva, (o) *Presidente da República* (do, da, dos, das)... –,

em que *Presidente da República* é, agora, isto, um aposto explicativo (de *Pedro da Silva*). A condenação a esta forma está, antes de tudo, em que o fato de ter sido "Pedro da Silva" citado haverá de ter sido, em princípio, por ser ele o presidente da república, sendo, portanto, *este* o fato de maior relevância, devendo vir, afinal, como o sujeito (ou o objeto etc.), não como mera explicação subsidiária, como soem ser os apostos explicativos (Q.v. nosso capítulo de sintaxe, "Do aposto").

Observação 4:

Muito esporadicamente poderá o aposto vir sem isolamento, como neste passo de Alexandre Herculano:

> "Dizei-lhe que Egas Moniz *o moço* lhe pede uma tumba e uma sepultura honrada para tão nobre e valente cavaleiro."

Adriano da Gama Kury fez a mesma observação (*Novas lições de análise sintática.* Rio de Janeiro, Ática, 1997, p. 59), que aproveitamos para reproduzir e subscrever:

> "Mestre Gaudêncio curandeiro gingava" (Gr. Ramos [...])
> **Obs. –** A maior parte dos autores não arrolam este caso de aposto, baseados na ausência da pausa entre ele e o nome fundamental, razão simplista demais a nosso ver, pois a justaposição sem pausa se explica seja pela inversão dos termos em aposição (cp. Roma, cidade da Itália; Mediterrâneo, mar euro-africano), seja pelo desejo de uma ligação mais direta com o fundamental.
> Autores como Graciliano Ramos, por exemplo, empregam o mesmo aposto ora seguido de pausa, ora simplesmente justaposto:
> "Naquela noite de lua cheia, estavam acocorados na sala pequena de Alexandre: seu Libório, cantador de emboladas, o cego preto Firmino e mestre Gaudêncio curandeiro."
> "Seu Libório cantador e o mestre preto Firmino juraram que estavam atentos."

Clarice Lispector definiu claramente um aposto (diríamos que quase circunstancial) lançando mão do hífen nas seguintes passagens:

> É o mesmo procedimento de Cassiano Ricardo no título de um capítulo de seu "Martim Cererê": *Brasil-menino.*

Entendemos que o mesmo recurso de aposto explicativo (ou, nestes casos, o que José Oiticica chamaria de denominativo antonomásico, cf. MALS, 241) sem vírgula estaria nestes dois passos de Eça de Queirós (*A ilustre casa de Ramires*):

> "Em Aljubarrota, Diogo Ramires *o Trovador* desbarata um troço de besteiros (...)"
> "Álvaro Ramires (...) termina por comandar uma urca de piratas na frota de Murad *o Maltrapilho*."

4. Para marcar a elipse (ou a zeugma, simples ou complexa) de um verbo:

   Um grande amigo, você.
   Minha mãe foi ao cinema, eu, ao teatro.

   Repare-se neste trecho de Guimarães Rosa, sem nenhum verbo – sem que, com isso, deixemos de reconhecê-los todos –, e como promoveu o Autor a substituição das ações (verbos) por vírgulas (e mesmo pontos):

   "Na sala de jantar. A lamparina, no meio da mesa. Nos consolos, os grandes lampeões. O riso de Glória."

Observação 1:

Nesta segunda frase ("Minha mãe foi ao cinema, eu, ao teatro") é muito comum que se separe o segundo sujeito ("eu") do primeiro com ponto e vírgula, ficando a vírgula restrita a indicar a omissão do verbo:

Minha mãe foi ao cinema; eu, ao teatro.

"Os anos são degraus; a vida, a escada." (Fernanda de Castro, *apud* Cunha-Cintra, 118)

Observação 2:

Por outro lado, poder-se-á omitir a vírgula se, sendo clara a presença de um verbo (geralmente graças à zeugma, seja ela simples ou complexa), não quiser o autor estabelecer quebra de um ritmo, que haverá de ser, portanto, mais fluido. Foi o que se deu neste lanço de Casimiro de Abreu:

"Como te enganas! meu amor é chama
Que se alimenta no voraz segredo,
E se te fujo é que te adoro louco...
És bela – *eu moço*; tens amor – *eu medo*!..."

Também foi essa a escolha, neste trecho, de Camilo Castelo Branco:

"O mais velho era Manuel, *o segundo Simão*; das meninas, uma era Maria, *a segunda Ana* e a última tinha o nome de sua mãe, e alguns traços da beleza dela."

Ou de José Lins do Rego:

"Aquela era a sua casa, *aquelas as suas flores*, (...)."

Ou de Gonçalves Dias:

"Nosso céu tem mais estrelas,
Nossas várzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores."

Ou de Machado de Assis:

"A sua fala deve ser um murmúrio de harpa eólia; *o seu amor um desmaio, a sua vida uma contemplação, a sua morte um suspiro*."

5. Para evidenciar a ordem inversa, mormente se se desloca o adjunto adverbial:
   Nos idos da infância, Pedro costumava ser gentil conosco.
   Ao cair da tarde, nos encontraremos.

Observação 1:

Se o adjunto adverbial for pouco extenso, às vezes composto de apenas uma palavra ou breve locução (em geral as compostas por apenas duas palavras, quase sempre a primeira das quais uma preposição), poderá ser dispensada a vírgula, caso assim entenda necessário o autor.

Ontem Pedro saiu cedo.
Às vezes vamos ao cinema.

Observação 2:

Muitos alunos perguntam acerca do objeto direto encetando período (portanto deslocado), querendo saber se, em relação a isso, em havendo possibilidade de ambiguidade para com o sujeito, poderiam, para dissipar a aludida ambiguidade, meter uma vírgula após o objeto direto, assim procedendo:

A onça, matou o caçador.

Ou bem:

A onça, o caçador matou.

Sujeito: o caçador.
Objeto (direto): a onça.

A resposta ideal nos parece ser que, a menos se tenha de fato querido dar ênfase ao objeto direto – daí o tê-lo trazido ao rosto do período –, o melhor a ser feito é não deslocá-lo, pois que, como sabemos, é a posição o melhor morfema de que dispõe o português a fim de diferençar sujeito de objeto direto.

No entanto, tendo havido, como aventado, aquela real intenção estilística (de ênfase), poderá haver, sim, a vírgula, que parece sugerir sub-repticiamente (o que *realmente* não se dá) um como anacoluto, em que o objeto direto soaria sem função sintática, servindo, apenas, de abertura de um campo semântico com que se queira lidar. Aliás, outro não é o papel da prolepse (ou antecipação), que, com efeito, havemos de estudar em capítulo apropriado.

Outra sugestão que costumamos dar aos alunos é que façam do objeto direto um objeto direto preposicional:

À onça matou o caçador.

Lembramos que, despido de preposição e de vírgula, o que seria um objeto direto passa inequivocamente a representar sujeito, ainda que não tenha sido absolutamente esta a intenção do escritor:

A onça matou o caçador.

Sujeito: a onça.
Objeto (direto): o caçador.

A corroborar-se tal exotismo, tolerar-se-ia a permanência de um objeto direto sem preposição e sem vírgula no início de um período, concorrendo, frontal e ostensivamente, com o sujeito deste, indo-se, por fim, totalmente de encontro à índole profunda (porquanto corrente e usual) da língua:

A montanha escala o alpinista –,

onde – e é aí que bate o ponto –, não resta qualquer dúvida, é o sujeito "o alpinista", e o objeto "a montanha" (!?), indo-se, entretanto, contra o morfema principal (o de posição) da língua?

Relembramos que só se deve operar este hipérbato se tiver havido interesse (e necessidade) do autor em promover tal deslocação, caso contrário, optar pela ordem direta é sempre razão a mais de tranquilidade, tanto a ele, autor, quanto ao leitor, que há de *decodificar* (cf. Jakobson) ou *refigurar – lato sensu –* (cf. Ricoeur) com mais facilidade o texto.

Observação 3:

Mesmo em línguas que mantiveram quase intacta a declinação como forma mais explícita de evidenciar a análise sintática, há, ainda assim, certa preocupação em conservar-se a ordem dos termos, assim como já o havia mesmo em línguas em que originariamente se dava o mecanismo da declinação. Assim, por exemplo, em alemão, apesar de as marcas, tanto no artigo como no próprio substantivo, indicarem ser este substantivo um objeto direto ou um sujeito, dir-se-á, mais de acordo com o espírito da língua alemã:

Der Vater hat den Wagen gesehen. –

obedecendo, portanto, a uma *ordem* estabelecida e sistematizável.

O francês dispõe de um mecanismo interessante a fim de solucionar aquela ambiguidade objeto direto/sujeito. Trata-se dos pronomes *que* (palavra átona proclítica, que se funde, pois, à que lhe vem após) e *qui* (palavra tônica): aquela será sempre a marca de ter sido seu antecedente um objeto direto; esta, sempre sujeito:

L'homme qui a parlé.
L'homme qu'elle a aimé.

Desse modo não se criaria dúvida em:
(1) *L'homme qui a tué la bête.*
(2) *L'homme qu'a tué la bête.* –,

pois em (1) o substantivo *homme* é, sem dúvida, o sujeito da ação, ao passo que em (2) é objeto direto desta mesma ação (de que *la bête* é sujeito).

6. Isolar certas expressões explicativas, recapitulativas, enumerativas, retificadoras etc.:
   na verdade, por exemplo, com efeito, aliás, isto é, digo, ou melhor, a saber, ademais, então,outrossim,no fundo, apesar disso etc.

Observação 1:

Outra não é a razão por que algumas conjunções adversativas, conclusivas, explicativas podem vir entre vírgulas, já que servem de instituir definitivamente a ressalva que se consubstanciará:
Ele disse, *contudo*, que não viria.
Ele disse, *portanto*, que não viria.

7. Isolar orações ou termos intercalados:
   Pedro saiu, *amigo de sempre*, para defendê-la.
   Não vamos fazer nada, *disse Pedro*.
   Isso não é bom, *penso eu*.
   "Em cima da caixa emproava-se um tipo de chicote e bigode, um cocheiro, *segundo me disseram*, nome inadequado, *na minha opinião*." (Graciliano Ramos)

Observação 1:

A oração *segundo me disseram* é, também, adverbial conformativa; mas não deixa de, por isso, trazer consigo um caráter meramente subsidiário de oração intercalada.

Observação 2:

A expressão *na minha opinião*, sem ter também perdido com isto a preeminência de termo intercalado, é um dativo de opinião.

Observação 3:

É comum que se use notação indicando maior separação entre a oração intercalada e o período em que se acha.

Dá Camões, no verso abaixo, preferência aos travessões:

"Já lhe foi – *bem o vistes* – concedido
Cum poder tão singelo e tão pequeno
Tomar ao mouro forte e guarnecido
Toda a terra que rega o Tejo ameno: (...)"

Neste passo de Junqueira Freire, optou o autor por vírgula e travessão:

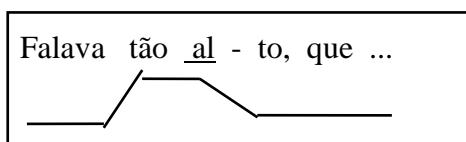
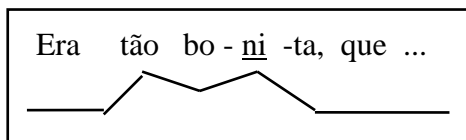
"Presentemente, – *cuido eu*, – nem uma resposta pode dar-se a estas questões, senão uma dúvida."

Observação 4:

Muitos são os tipos de orações intercaladas, valendo ressaltar as que denotam *esclarecimento, desculpa, citação, advertência, desejo, opinião, ressalva, exortação.* Remetemos, a esse propósito, à obra de Evanildo Bechara – *Lições de português pela análise sintática* (15. ed., Rio de Janeiro, Padrão, 1992). A oração intercalada (ou interferente) não é propriamente objeto de análise do período, porquanto se trata, antes do mais, de recurso expressivo, estilístico do autor, muitas vezes uma confissão ou um desabafo inevitável deste.

8. Separar algumas orações subordinadas *adverbiais*, sobretudo (mas não exclusivamente) se vierem antes da principal, o que configura ordem inversa, recaindo, portanto, no item 5 (q.v. nota n. 2):

    Quando cheguei, não havia ninguém ali.
    "*Se eu quisesse delatar o que vos ouvi*, não fora tão louco que vos falasse." (Alexandre Herculano)
    Falava tão alto, *que sua voz nos incomodava*.

Há uma natural ascensão de voz quando da enunciação deste advérbio de intensidade, que pode se estender, inclusive, até o adjetivo que se lhe segue, sobretudo na sua sílaba tônica, após a qual se percebe, então, leve queda expiratória:

Observação 1:

Não é regra que, em orações do tipo desta última (consecutiva), haja peremptoriamente necessidade de vírgula, pois que muitos grandes autores não se utilizam dela em tal situação. Servirá a vírgula, aqui, apenas de evidenciar a ascendência de entoação desse tipo de período, que, de feito, encontra seu ápice no exato local onde se costuma pôr a vírgula.

Observação 2:

Não se separarão algumas das orações substantivas – objetiva direta, objetiva indireta, completiva nominal, predicativa e subjetiva –, que são a representação de termos integrantes (as três primeiras) ou mesmo essenciais (as duas últimas).

É interessante notar que, embora, quando oracional, o sujeito venha *subordinado* a um termo, não é o sujeito nominal jamais termo que de igual forma se apresente, sendo, antes pelo contrário, o termo *subordinante* desse nível de sintagma (é, naturalmente, contudo, termo *condicionado*, ficando o estatuto de *condicionante* a outros, como o adjunto adnominal, o próprio predicado ou o predicativo, muito raramente um adjunto adverbial etc.)

Assim:

1. *Estudar* é bom.

Sujeito: *estudar*.

2. Quero muito *que você venha conosco.*

Objeto direto: *que você venha conosco.*

3. Tenho medo *de que isso não aconteça.*

Complemento nominal: *de que isso não aconteça.*

Mesmo em períodos compostos daqueles do tipo em que a oração subordinada como que se interpõe entre um termo essencial da principal e o seu restante, medeando-os, deve-se levar em conta um "sujeito real" (que, paradoxalmente, teve de vir escrito entre aspas...),

para, assim, constatar-se a impossibilidade de vírgula entre este “sujeito real” e o seu “predicado real”:

O homem que chegou é meu amigo.

Seria a análise tradicional:

Período composto por subordinação, cuja oração principal é “O homem (...) é meu amigo”, e a subordinada adjetiva (restritiva) é “que chegou”.

Esboçando-se um esquema didático, ter-se-á:

O homem | que chegou | é meu amigo.

Sujeito da oração principal: O homem.
Predicado da oração principal: é meu amigo.
Oração subordinada (com função de adjunto adnominal determinativo do sujeito “o homem”): que chegou.

Num nível sintagmático maior (diríamos: menos virtual), tem-se:
Sujeito Complexo: O homem que chegou.
Predicado: é meu amigo.

Daí não se poder separar um do outro (este foi o mesmo caso daquela enorme oração com que tratamos do assunto na introdução: “Os alunos que foram no ano passado aos Estados Unidos(...)”).

Essa discussão parece pedir, sub-repticiamente, a revisão da hierarquia em que se colocam os diversos níveis sintagmáticos (em ordem crescente): lexical, locucional, intra-oracional, oracional e periodológico (ou super-oracional).

A nós, agora, só importarão mais de perto os dois últimos. Não nos parece que, numa análise não apenas lógica como, sobretudo, sintática (portanto gramatical), ou, como dissemos alhures, menos virtual, que, sempre, invariavelmente (*mutatis mutandis*), “os sintagmas oracionais se organizam em seqüências ou sintagmas periodológicos (...)”, como afirma Leodegário A. de Azevedo Filho em sua excelente obra *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa*. No caso das orações subordinadas adjetivas “inseridas” na sua principal, por exemplo, o nível de análise sintagmática oracional (sujeito+ predicado) é, sem dúvida, superior ao nível superoracional (oração principal + oração subordinada). É por não pensarem assim que, freqüentemente, erram nossos alunos na pontuação de orações principais com uma ou mais orações subordinadas adjetivas em seu meio.

Isto é, partindo do sintagma superoracional, chega-se, neste caso, ao sintagma oracional, justificador, este sim, da ausência de vírgulas: não se separam entre si termos essenciais (quais sejam o sujeito e o predicado), mormente se na ordem direta.

Sentir-se-á ainda com maior contundência a necessidade deste tipo de análise nas oração adjetivas que, em vez de se subordinarem a orações, se subordinam a vocativos: "Pai nosso (,) que *estais* (ou *estás*) no céu, (...)". Ou em frases do tipo: Mas logo *eu*, que sempre lhe fui tão fiel... Ou: Contra *mim*, que sempre lhe fui tão fiel?... Há, aqui, um como aposto explicativo que acumula a função de adjunto adverbial, provavelmente causal (caso de anfilogismo, de que já falamos). Nesse tipo de oração, é preciso que "nos esqueçamos" de que lidamos com uma oração adjetiva (subordinada que deveria ser a outra oração), e a analisemos, desse modo, apenas como uma variante sintática de um mero adjunto adnominal ou de outro termo, procedendo, no mais, normalmente à análise do período ou da oração que se proponha.

Não quisemos dizer, com isso, que se deva revogar o tipo de análise visto há pouco, tradicional, mas, sim, que não é ele eficaz para que perceba o aluno o porquê de não ter podido meter, ali, depois de "chegou", uma vírgula (Cf.: O homem que chegou é meu amigo), caso que, como salientado, se fará mais presente em períodos cujo "sujeito" real seja demasiado longo.

É por essa razão que não se separam sujeitos oracionais (em orações que se podem analisar como justapostas ou como portadoras de pronome relativo condensado ou indefinido) do tipo:

Quem tudo quer tudo pode.

Pois que *quem tudo quer*, analisado como oração substantiva subjetiva justaposta ou como a condensação sintática de *aquele que tudo quer*, será, num e noutro caso, indiferentemente, "sujeito real" do "predicado real" *tudo pode*, sendo um disparate separá-los, como faziam, de fato (talvez em obediência maior à pausa do que à sintaxe), os antigos escritores, ainda que de boníssima pena.

Assim igualmente:

Quem espera sempre alcança.
Quem vê cara não vê coração.
Quem dá aos pobres empresta a Deus.
Quem quer faz, | *quem não quer* manda fazer.
Etc.

Em *Novas lições de análise sintática* (São Paulo, Ática, 1997, p.17-18), Adriano da Gama Kury aborda o assunto sob o subtítulo "A oração complexa". Dá o Autor os seguintes exemplos:

1.)”[Quem mais se afoga] é [quem melhor nada].” (L. Mota, Adagiário...), cuja “oração principal” se reduziria a é, uma vez que o sujeito e o predicativo (entre colchetes) têm a forma de orações subordinadas. OU:

2.) “Os [que mais duvidam] são os [que menos sabem].”, em que a “oração principal” seria Os são os, sem qualquer sentido nem estrutura sintática.

É de todo desaconselhável, portanto, essa separação artificial. Em lugar de destacar uma teórica “oração principal”, considera-se o conjunto uma ORAÇÃO COMPLEXA (ou GERAL, ou COMPOSTA), como o faziam Sousa da Silveira e José Oiticica e como fazem lingüistas de língua castelhana (...) Assim se analisam essas orações:

SUJEITO	PREDICADO
Quem mais se afoga	é quem melhor nada.

O sujeito é uma oração subordinada, que por sua vez assim se analisa: SUJEITO: Quem; PREDICADO: mais se afoga.
O predicado é nominal: é, verbo de ligação; o predicativo do sujeito é uma oração subordinada, que assim se analisa: SUJEITO: Quem; PREDICADO: melhor nada.

Não se trata de propugnação pela primazia da análise lógica sobre a sintática (gramatical), mas, sim, que se deveria didaticamente apresentar este artifício aos alunos, sobretudo àqueles que estejam dando os primeiros passos na análise sintática, precisando, pois, ver com mais clareza e *uniformidade* a aplicação dessa análise na pontuação, de que trata este capítulo.

Observação 3:

Costumam os autores advertir que, dada a polissemia conjuncional entre o *que* e o *porque*, que ora podem ser conjunções coordenativas explicativas, ora conjunções subordinativas causais, deve-se, no caso desta última possibilidade, omitir a vírgula, pois que não haveria, na fala, nenhuma pausa a justificá-la na escrita, na medida em que as causais são subordinadas, sendo, pois, *dependentes* (embora parecesse perífrase demasiado longa, o termo ideal é “não independente”, em vez de “dependente”).

Assim, construir-se-ia o seguinte período, cuja segunda oração é subordinada adverbial causal:

Ele não veio *porque não quis*.

No entanto, haveria uma pausa, representada, na escrita, ora por vírgula, ora por ponto e vírgula ou mesmo por ponto simples, se fosse a segunda oração uma coordenada (em relação à primeira, naturalmente) explicativa:

Ele não veio, *porque não vejo seu carro à porta*.

Não é esse, como bem sabem os grandes autores, o *punctum saliens* da distinção entre essas duas orações, muito embora seja critério – posto que falível – satisfatório em certos contextos.

Na página 202 da já citada obra *Estilística da língua portuguesa*, M. Rodrigues Lapa nos dá o seguinte exemplo (não está ele aí tratando do assunto que abordamos).

"Não posso entrar, *porque* a porta está fechada." –,

em que, apesar da pausa, é a segunda oração proeminentemente subordinada causal, representando, a oração principal, em relação àquela, uma mera consequência, ratificando, assim, a relação causa-efeito em que se imiscuem os períodos compostos por subordinação com oração subordinada adverbial causal.

O que justifica a vírgula antes da oração coordenada explicativa é justamente o teor explicativo dessa oração (q.v. itens 6 e 10), que se sente, portanto, como subsidiária.

Não se deve recorrer ao artifício de que apenas as orações subordinadas causais seriam porventura suscetíveis de se verem reduzidas, como comprovam os seguintes versos d'*Os Lusíadas* de Camões:

"Estas palavras Júpiter dizia,
Quando os Deoses por ordem respondendo
Na sentença hum do outro differia
Razões diversas dando e recebendo."

Naturalmente é este último verso revestido da qualidade de algo que vem a esclarecer, explicar os dois versos imediatamente a ele anteriores. Isto é: Os deuses diferiam entre si, porque davam e recebiam razões diversas – o que justifica a afirmação anterior acerca da diferença entre os deuses. Dar e receber razões diversas não é em absoluto a *causa* que venha a fomentar a diferença entre os deuses (no que seria, nesse caso sim, oração causal), mas, sim, é, repetimos, informação subsidiária, de caráter elucidativo, em pé de igualdade, portanto, com aquela oração anterior.

Ater-se a determinar que sejam aquelas orações meras reduzidas modais é, a nosso ver, superficialismo, excessivamente pouco didático.

9. Separar algumas orações reduzidas (gerúndio, particípio e infinitivo), mormente se vierem antes da oração principal (q.v. item 5):
   Dadas as cartas, comecemos o jogo.
   Vindo a noite, saíamos.
   Para serem ouvidos, pegaram o microfone.

Neste período de José de Alencar (*apud* Rocha Lima, 463):

“A brisa, *roçando as grimpas da floresta*, traz um débil sussurro...” –,

a ausência de vírgulas implicaria leve alteração semântica, e profunda alteração sintática.

Estando entre vírgulas, trata-se notoriamente de oração reduzida modal, pois que se modifica diretamente o verbo (“trazer”).

Sem vírgula, teríamos uma oração reduzida adjetiva restritiva, ligada estreitamente ao substantivo brisa, de que é, com efeito, adjunto adnominal.

É claro que, com as vírgulas, podemos ver oração reduzida adjetiva *explicativa*. No entanto, não nos parece esta a análise mais acurada.

O fato é que, sem vírgulas, restringiríamos a brisa; isto é, veremos que apenas a brisa que roçou as grimpas da floresta é que trouxe um débil sussurro.

Com vírgulas, independentemente da análise sintática que se queira dar, a oração ganha tão só um contorno explicativo, seja de advérbio de modo (sobre o verbo “trazer”), seja de adjetivo parentético (explicativo, com cunho de predicativo do sujeito) do substantivo “a brisa”. Lembramos, a propósito, que muito pequenas são, em certas situações, como bem comprovou esta, as diferenças entre o advérbio (sobretudo o de modo) e o adjetivo (principalmente em função de predicativo), pois que aquele está para o verbo, na função de modificá-lo, como este está, igualmente, com a mesma função, para o substantivo ou para outra palavra de igual teor *sintático* (isto é, que possa desempenhar as funções inerentes aos substantivos).

Daí termos dito, no princípio, que a alteração semântica será um pouco menos notável do que a sintática (embora seja importante a diferença atinente à relação explicativa ou restritiva que se afigure).

10. Separar adjetivos (e orações adjetivas) de cunho explicativo:

A irmã de Pedro, inteligente, aprende tudo com facilidade.

A irmã de Pedro, que é inteligente, aprende tudo com facilidade.

Quanto à natureza sintática daqueles adjetivos, autores há que o considerariam tão só um predicativo do sujeito, alegando, para tanto, dentre outras coisas, não poder ser aquilo de forma nenhuma aposto por não ser um substantivo, e sim um.

Achamos que, de fato, não se trata de um aposto propriamente, mas de um *aposto circunstancial*, em que o adjetivo pode como que acumular a função de um adjunto adverbial ao lado da função predicativa. Havendo tal acúmulo, pois, achamos preferível designá-los, aqueles adjetivos, por *aposto circunstancial*, discussão que sobremaneira ultrapassaria os limites do presente trabalho.

Quanto à questão da pontuação, cabe-nos o artifício apontado aqui e ali: se pudermos antepor ao substantivo o adjetivo, terá sido ele explicativo (e, em muitos casos, o que chamamos de aposto circunstancial):

Inteligente, a irmã de Pedro aprende tudo com facilidade.(*por ser inteligente*...)

É caso muito diverso desse aposto explicativo, que não poderia, sem embargo da compreensão, antepor-se ao substantivo a que se refere.

A irmã de Pedro, filha do meio, aprende tudo com facilidade –,

pois que não se diria:

* Filha do meio, a irmã de Pedro aprende tudo com facilidade.

Dessarte, são estas as palavras de José Oiticica, autor, aliás, profundamente analítico quanto às possíveis naturezas sintáticas e semânticas dos apostos, de quem, por isso, fomos beber as informações necessárias à construção do que vimos dizendo (*apud* Rocha Lima, 462-3):

> É indispensável, nesse caso, distinguir se a oração é mesmo parentética ou meramente determinativa. A oração parentética, embora por seus característicos de forma e posição seja adjetiva, tem, no sentido, algo de adverbial, apontando vagamente a causa, a concessão, a condição.
> Exemplos:
> A cabroeira, alucinada, gritava atrozmente (isto é: porque estava alucinada).
> A ele, que é o decano da corporação, nenhum preito lhe renderam (isto é: apesar de ser o decano da corporação...)
> O critério para verificar isto é tentar a inversão. A oração parentética pode ser anteposta ao substantivo a que se prende; a determinativa, nunca. Assim temos:
> – Alucinada, a cabroeira gritava atrozmente.
> – Decano da corporação, nenhum preito lhe renderam.
> (José Oiticica, *Manual de estilo*, 3. ed., Rio de Janeiro, 1936, p.68-9)

José Oiticica fala de artifício de inversão aplicável a caso distinto do que expusemos: para nós, o artifício poderá em certos casos mostrar se o termo é predicativo ou aposto circunstancial, isto é, se respectivamente é explicação *coordenada* ou *subordinada* ao termo a que se refere. Concordamos que este artifício, aplicado ao que queremos mostrar, é apenas em muitos poucos casos válido. O Professor José Oiticica o traz à luz para separar o adjetivo (ou termo) *determinativo* do *parentético* (ou *explicativo*, este último).

Os mais interessados, remetemo-los a outra importante obra de José Oiticica, qual seja, *Manual de análise léxica e sintática*, 3. ed., Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves, 1940, onde se faz grande e relevante lista dos tipos de apostos. Outra obra de igual peso é a do Professor Gladstone Chaves de Melo: *Novo manual de análise sintática*, 2. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959, a partir da página 78.

Aduzimos alguns outros exemplos:

1. "E os autores, *resignados*, mostram as letras e os algarismos, oferecendo-se como as mulheres da Rua da Lama." (Graciliano Ramos)
2. "Uma tristeza que eu, *mudo*,
   Fico nela meditando" (Cruz e Sousa)

3. “Que a razão, *temerosa do que via*,
Fugiu, deixando o campo ao pensamento” (Camões)

Observação 1:

Os casos 1 e 2 podem ser vistos como predicativos dos sujeitos, ao passo que o n. 3 deveria ser melhor enfocado como aposto circunstancial. São todos separados por vírgulas, no entanto, por se constituírem, quer de um modo, quer de outro, expressões explicativas (ou, como quis o Mestre José Oiticica, *parentéticas*).

Observação 2:

Por todo o exposto, entendemos que as expressões, quer sejam adjetivas, quer não o sejam, que tenham a característica subsidiária de explicar, esclarecer ou de demonstrar uma *circunstância* deverão vir isoladas por vírgulas.

Observação 3:

Resta a pergunta: O que são (ou quais são) as aludidas *circunstâncias*? Embora não seja do escopo deste trabalho, uma resposta alinhavada rudemente seria: são basicamente as mesmas das orações subordinadas adverbiais (embora excetuemos daí as modais, muito mais afeitas ao estatuto de predicativo do sujeito, já que um predicativo é invariavelmente um modo da atitude daquele sujeito, face à ação ou face ao objeto do verbo de que é ele, sujeito, agente; basta, para comprovarmos isto, comutar qualquer predicativo por um advérbio de modo, como os terminados em -*mente*)(4). Muitos e muitos são os exemplos literários que vimos acumulando; mas os guardaremos para posterior tese em defesa aos apostos circunstanciais, visto que já em muito houvemos de ter ultrapassado os limites do presente trabalho, cujo objeto toca apenas de soslaio a questão que levantamos.

Observação 4:

A conclusão do estudo de vírgulas dos Mestres Celso Cunha e Lindley Cintra põe termo à discussão que aqui se perfez (p. 632):

> (...) toda oração ou todo termo de oração de valor meramente explicativo pronunciam-se entre pausas; por isso, são isolados por vírgulas, na escrita (...)

11. Separar do resto de uma datação o nome do lugar:

Rio de Janeiro, 22 de março de 1977.

Trazemos a datação dada ao final do prefácio à quinta edição do romance *Amor de perdição*, prefácio este escrito pelo próprio Camilo Castelo Branco:

"São Miguel de Seide, 8 de Fevereiro de 1879."

12. Separar certos adjuntos adnominais, principalmente para dar-lhes ênfase e, mais corriqueiramente, dar-lhes característicos de expressão explicativa:

Este livro, de grande valor literário, comecei a lê-lo ontem.

Se se optasse pela ausência de vírgulas, estar-se-ia, no fundo, dizendo a mesma coisa, com diferença, entretanto, de ênfase: com as vírgulas fica esta mais bem evidenciada.

Observação 1:

O mais comum é que venha o adjunto isolado se se refere a nome de autor de alguma obra, tendo vindo esta antes daquele:

Ao terminar *Les Miserables*, de Victor Hugo, obra das mais apreciáveis do Romantismo francês, comecei a acreditar na solidariedade do homem.

O exemplo aduzido por Bechara na página 68 de sua *Lições de português pela análise sintática* é:

"São eles: *La mare d'Auteil*, de PAULO DE KOCK, para uso dos conhecedores do francês... e a *Ilha Maldita*, de BERNARDO GUIMARÃES, para deleite dos paladares nacionalistas" (Monteiro Lobato)

Observações Finais:

(1) Há algumas circunstâncias em que se separa o sujeito do predicado; no entanto, insistimos, não são guiadas pela pausa que se queira estabelecer, mas são, sim, em vez disso, voltadas para a sintaxe.

Assim, num exemplo como:

Ele, está muito cansado desta vida.

Poder-se-á interpretar como um anacoluto o termo "ele", iniciando-se o período, pois, apenas em "está etc." Igualmente será interpretado "D. Afonso Henriques" no trecho seguinte:

"*D. Afonso Henriques*, nascera aquém do Minho." (Alexandre Herculano)

E no trecho vindouro, será a análise adequada a seguinte:

“*Carta registrada*, não se perde.” (Jorge Amado, *Tieta do Agreste*) –,

a vírgula faz de “carta registrada” um sujeito semântico evidente da oração “não se perde” (isto é, ainda que se considere ele um anacoluto, é *semanticamente* a ele que se recorre a fim de conhecer-se de quem ou de quê se fala) e, simultaneamente, uma como circunstância patente de causa: *por ser carta registrada...*

“De resto, *a inteligência e a poesia*, raramente vão juntas.” (Eça de Queirós)

Idem quanto a “a inteligência e a poesia” (*por serem duas coisas tão distintas: inteligência e poesia...*).

“Curvado o colo, taciturno e frio,
Espectro d’homem, penetrou no bosque.” (Gonçalves Dias)

Vê-se em “Espectro d’homem” uma circunstância de comparação (*como espectro d’homem*), além da função de sujeito semântico da oração subsequente. Como se vê, a função da vírgula transcende de longe a mera pausa.

É por isso que em *Lições de português pela análise sintática* (p. 23), analisa Evanildo Bechara a questão da entoação oracional, com a consequente análise da entoação suspensiva (com representação gráfica por meio de vírgula), em:

Eu, fui ao cinema.

Compara o mestre, em nota de rodapé, ao francês *Moi, je pense que...* Sem dúvida, expressões francesas desse tipo são correspondentes à portuguesa suspensiva *eu, penso que.* A diferença é que, no francês, se abre a frase com um *tonique*, usando-se o pronome reto como sujeito normal (cf. *Lui, il pense que... Nous, nous savons... Toi, tu ne sors pas...* etc.), lanço este de que não podemos dispor no português.

A interpretação dada pelo Mestre quanto àquela frase (Eu, fui ao cinema) é que, ao se lhe ter detido o ritmo, com uma suspensão após o pronome, estar-se-ia como que indagando: quanto a mim? quer saber a meu respeito? etc.

E, na mesma nota de rodapé de que falamos há pouco, endossa o Mestre, rematando:

> Neste caso, a rigor, **eu** não é sujeito do verbo **fui**, mas o é de uma oração de estrutura menor, constituída unicamente do pronome. Noutras ocasiões, entretanto, a vírgula que denota uma pausa de valorização expressiva e significativa é posta unicamente entre o sujeito e seu verbo, como nos seguintes exemplos de linha melódica ascendente:
> “– Ficas aqui? – pergunta Amaral.
> – Fico.
> – Pois eu, vou-me...” (Manuel Campos Pereira, **Almas sem rumo**, 108 **apud** Martinz De Aguiar, **Notas e Estudos de Português,** 108).

Aduzimos os seguintes exemplos:

"E eu, eu disfarçava como podia." (Clarice Lispector)
(...)
"O céu, parece até que era lavado e esfregado de novo" (Mário Palmério, Vila dos Confins, 204 *apud* Antônio Houaiss in Revista do Livro, n. 10, 139)

Neste último exemplo, acirra a necessidade de vírgula a circunstância de ser o substantivo (*o*) *céu* sujeito deslocado (prolepse) da oração *que era lavado e esfregado de novo*, de que a oração *parece até* é principal.

Assim, na ordem direta teremos:

Parece até | que o céu era lavado e esfregado de novo.
OR. PRINC. | SUJ. (o céu) — OR. SUBORD. SUBST. SUBJETIVA (que o céu era lavado e esfregado de novo)

É a mesma interpretação cabível em:

Eles, parece que não quiseram vir.

Oração principal: parece.
Oração subordinada (substantiva subjetiva): que | eles | não quiseram vir.
Sujeito da oração subordinada (antecipado): eles.

Neste trecho de Alexandre Herculano:

As velhas, essas pouco importava que tivessem desaparecido." –,

é "as velhas", de fato, anacoluto, portanto sem qualquer função sintática, retomado *semanticamente*, contudo, pelo demonstrativo anafórico "essas", sujeito deslocado da oração *que tivessem desaparecido*, subordinada, toda ela, à oração *pouco importava.*

Repare que Herculano optou pela ausência de vírgula entre o sujeito verdadeiro (porém deslocado), o demonstrativo "essas", como vimos, e seu predicado, deixando a vírgula tão só à separação do anacoluto, o que embasa o que dissemos acima em relação aos sujeitos separados por vírgulas: sente-se, neles, estilisticamente, um anacoluto, justificando entoação suspensiva (oral) e, portanto, vírgula (escrita).

Outra interpretação possível seria ver-se em "As velhas" um sujeito, repetido, em forma de aposto (*de reforço* ou *pleonástico*, segundo terminologia que abonamos), com o demonstrativo "essas". Seria esta a interpretação de Bechara (LPAS, 95):

> Muitas vezes o sujeito aparece repetido sob forma de aposto, quando nele queremos que recaia a atenção de quem nos ouve ou lê.[....]
>
> “Ora, o meu espírito, esse fica sempre na boêmia, a desvairar no seu livro.” (CAMILO, Boêmia do espírito, 6)

Permitimo-nos um adejo – mero adejo, pois que não serão áreas de interesse direto deste trabalho – em áreas diversas do estudo da língua, tais como a da sintaxe (de concordância) e da própria análise sintática dos pronomes relativos.

Um caso em que também há deslocação de um termo, desta vez com sujeito exercido por pronome relativo, é em frases do tipo:

O homem que eu vi chegar é seu amigo.

Onde “o homem” é sujeito de “chegar” (pois que este verbo se coaduna com o “auxiliar” sensitivo “vi”), representado sintaticamente antes pelo pronome relativo. A vírgula aqui ficará à mercê da circunstância de ser a oração adjetiva restritiva (sem vírgula) ou explicativa (com vírgula).

Uma estrutura um pouco mais complexa é a do tipo:

Os doentes, que foi preciso curar, saíram ilesos do incidente. –,

em que “os doentes” é sujeito de “saíram ilesos do incidente”, e objeto semântico, desta vez representado pelo relativo “que”, de “curar”. Com efeito, esta é a razão que assiste ao fato de “foi preciso” estar no singular, pois não tem como sujeito (o que a proximidade poderia sugerir) “os doentes”, mas, antes, a oração inteira ”curar (os doentes)”. Assim sendo:

(...) foi preciso | curar os doentes (...)

OR. PR. | OBJ. DIR.

OR. SUB. SUBST. SUBJ.
(REDUZ. DE INFIN.)

OR. SUBORD. ADJETIVA (EXPLICATIVA)[75]

Ainda outra modalidade será:

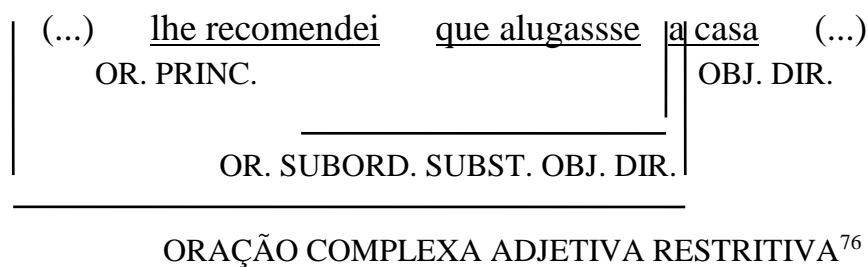
A casa que lhe recomendei que alugasse é esta.

Aqui, como no caso acima, o objeto direto de “alugasse” é “a casa”. Dessa forma, “lhe recomendei” é oração principal em relação a “que alugasse (a casa)”, e “a casa (...) é esta” é a

[75] A oração principal em relação a esta subordinada adjetiva será, por fim, “Os doentes (...) saíram ilesos do acidente”.

oração principal de todo o período, sendo-lhe a subordinada adjetiva (complexa) restritiva (relembramos que não se trata de tão só uma oração, mas, na verdade, de um período, por isso a terminologia "complexa") "que lhe recomendei que alugasse".

O "sujeito real" (complexo) é, contudo – daí não podermos separá-lo de seu "predicado real" – "A casa que lhe recomendei que alugasse", o que, em nível de estudo de pontuação, basta a que entendamos perfeitamente, como dizíamos, o porquê de não ter podido haver vírgula entre ele e "é esta", haja aí a pausa – oral – que houver.

Assim, pelo rigor da decomposição sintática:

Ora, passamos à simplicidade didática do par sujeito complexo-predicado:

A casa que lhe recomendei que alugasse é esta.
SUJEITO COMPLEXO PREDICADO

São esses assuntos todos relacionados à análise sintática, reiteramos, ratificando que, por isso mesmo, devem ser levados de certa forma ao conhecimento do aluno.

Num trecho de *Perto do coração selvagem* (especificamente o primeiro parágrafo do capítulo *As alegrias de Joana*), Clarice Lispector assim faz:

> "A liberdade que às vezes sentia. Não vinha de reflexões nítidas, mas de um estado como feito por percepções por demais orgânicas para serem formuladas em pensamento."

Parece-nos haver, numa análise lógica, tão somente um período, cuja oração principal será "A liberdade | que às vezes sentia | não vinha de reflexões nítidas (...)". Retiremos a oração – com efeito, passível de inumeráveis interpretações semânticas e mesmo sintáticas – "para serem formuladas em pensamento".

Desse ponto, "que às vezes sentia" será apenas uma oração subordinada adjetiva (restritiva), servindo de adjunto adnominal de "A liberdade", sujeito, como vimos, da oração

[76] Em relação à principal "A casa (...) é esta".

principal do “período” (que só não o é pelo ponto simples que atravanca – intencionalmente – em nível de leitura a sua fluidez).

A separação com o ponto simples (entre “sentia” e “Não vinha(...)”) tem a mesma função da vírgula que separa “eu, vou ao mercado”: ao trazer o sujeito para o início do trecho, quebra-se a expectativa a respeito de *quem* ou o *quê* terá feito a ação, quebra esta que permite, assim, que haja uma pausa, para, agora, repita-se, uma vez isento de expectativas, poder o autor (ou o falante) formular melhor seu pensamento, e, portanto, sua frase.

Podemos falar que houve, neste trecho de Clarice Lispector, não mais o que muitos gramáticos (dentre os quais nos situamos) chamam de “oração complexa”, pois estivemos, ora, lidando com um sinal de pontuação cuja pausa representa separação de *períodos*, mas uma espécie de *frase complexa*, isto é, haja quantos períodos ou orações houver, a frase – o *ambitus verborum*, como o quis Cícero –, que é a completude da mensagem, não se limita ao ponto final: vai perfazer-se, quanto ao significado, apenas mais à frente, haja as pausas que houver.

É essa técnica, sabidamente, a eleita em grande parte dos autores do Modernismo.

(2) A maioria dos autores parecem não sentir tal diferença, quer sejam os gramáticos, quer os próprios escritores. É ilustrativo o que diz o Mestre inegável que é Rocha Lima (p. 462):

> Para separar as orações subordinadas adverbiais (iniciadas pelas conjunções subordinativas não-integrantes) quer antepostas, quer pospostas à principal. (sublinhamos).
> “Juro que ela sentiu certo alívio, quando os nossos olhos se encontraram...” (Machado de Assis).

Trazemos, de nosso lado, este outro exemplo, em que, agora sim, parece haver sensibilidade quanto à vírgula enquanto, em tal circunstância, indicadora de sucessão temporal:

“Repicaram os sinos da terra, quando a comitiva assomou à Senhora de Almudena.” (Camilo Castelo Branco)

Por fim, trazemos este de Peregrino Júnior:

“Tinha vinte anos, quando fugiu da fazenda.”

Nele, a *sucessão* cronológica dos acontecimentos (fugir da fazenda *após* já ter vinte anos; i. é., tinha vinte anos, e, então, foge da fazenda) como que se superpõe à *concomitância* daqueles (tinha vinte anos *e*, em tal época, foge da fazenda) sendo as duas vertentes plausíveis à interpretação do trecho:

Q.v. também o item 8.

(3) O plural de “aposto” tem timbre aberto, devendo-se ler “apóstos”. Já fizemos tal observação em nosso capítulo consagrado à sintaxe.

(4) E já nos dizia Adolfo Coelho, em 1868, com seu volume *A língua portuguesa: fonologia, etimologia, morfologia e sintaxe*, a respeito do primeiro período da língua portuguesa (o do sincretismo, ao qual se seguiu o da disciplina gramatical), período este (o do sincretismo) que desnorteava escritores nos níveis léxico e sintático, tratando, Adolfo Coelho, não só de casos patentes de vocábulos alótropos (divergentes) convivendo pacificamente no senso-comum, como, também, de giros fraseológicos mais tarde desaparecidos, dando exemplo precisamente de um meneio que tem em vista a ideia concessiva: *Em que seja* [apesar de eu ser] *lavradora / Bem vos hei de responder* (Gil Vicente). Adolfo Coelho diz, em sua primeira edição (vinda à luz, como vimos, em 1868), confirmando-o na edição melhorada de 1881, que esse período de sincretismo vai até o final do século XVI.

Esta nota foi apenas para ilustrarmos o quão difícil pode ser o estabelecimento de inequívocas correspondências entre conjunturas ou circunstâncias tais e processos sintáticos que se lhes ajustem sempre em qualquer situação ou contexto (incluindo-se aí as variantes físicas de espaço e tempo). Já desde Antônio das Neves Pereira, possivelmente o primeiro a tentar efetiva periodização histórica das fases da língua portuguesa, aprendemos que a pedra de toque de um período (ou época) não é o discurso de per si que nele se alastre, mas, sim, dentre outros elementos, o léxico, naturalmente, mas, também, os giros das frases e suas relações para com os tipos de circunstâncias apontadas.

Lembramos que o nosso conhecido *porém*, adversativo hoje, teve sua gênese em algo que impunha a ideia de um conclusivo/causal *por isso*. De *Lições de português*, do erudito professor Sousa da Silveira, retira-se (repare em como os outros dois itens trazidos – “ca” e “(h)ei” – também sofreram substanciais mudanças de sua época até hoje):

“E *porém* (24) teus comeres guarda-os pera ti, ca (25) eu me contento do que ei (26).”

Observando o mestre.:

(24) *porém = por isso.* || (25) ca = porque. || (26) ei (hei) = tenho, possuo.

Para darmos cabo do assunto, o esclarecimento (25) de Sousa da Silveira fora já arrolado por Antônio das Neves Pereira como característico da segunda época (de el-rei D. João II a D. Sebastião), dando Neves Pereira, como possível origem a ela, a francesa *car*, vinda, por seu turno, do latim *quare*. Outro caso de mudança, embora desta vez não tenha sobrevivido explicitamente aquela conjunção arcaica, a ilustrar-nos a tese do quão difícil é partir para o sentido em função da conjunção, em vez de, o que quisemos mostrar ser mais coerente, partir do giro e do sentido em busca da reverberação semântica que, aí sim, há de recair sobre as conjunções (e mesmo outras classes de palavras, que, em grande escala, sofrem influxo de contextos e mesmo *sentidos – o significado no contexto* – distintos).

(5) O que justifica a vírgula antes desse último *e* é a circunstância de ser ele o que Rodrigues Lapa, com aquiescência dos grandes autores, qualifica como *e* de remate; há também o chamado *e* de movimento, que é designação dada àquele repetitivo dos polissíndetos.

(6) Por isso mesmo, a propósito, a nós nos parece conveniente um critério para separar o aposto circunstancial do mero predicativo calcado na questão do ser aquele adjetivo *subordinado* ou não ao substantivo a que se refere; se for subordinado, é aposto circunstancial, se não for, é mero predicativo:

1. Maria, *rica*, não gosta de coisas caras (*apesar* de ser rica)
2. Maria, *simpática*, é uma grande digitadora. (é digitadora e é simpática)

Não é por outra razão que vêm, amiúde, encetados por preposições ou por conjunções os adjetivos "subordinados" (apostos circunstanciais). Seria o caso de termos falado:

> Maria, *apesar* de rica, não gosta de coisas caras.
> "O homem prudente se humilha pela experiência, como as espigas se curvam *por* maduras." (Marquês de Maricá, *apud* Bechara, 230)

Conduta semelhante seria impossível na frase n. 2.

No entanto, ambas poderão transformar-se em oração adjetiva, que, por ser *explicativa* (e concluímos que as adjetivas explicativas açambarcam ora o estatuto de predicativo, ora o de aposto circunstancial), virão entre vírgulas

1. Maria, que é rica, não gosta de coisas caras.
2. Maria, que é simpática, é uma grande digitadora.

Poderíamos falar naquele tipo de oração *Padre que seja*... Mas isso é outra (longa) história... que deixamos para ser aberta adiante.

3.2 Ponto e vírgula

Usar-se-á o ponto e vírgula para:

1. Separar as diversas partes de um período, atendendo a que se tenham mantido tais partes num igual nível de importância ou valor.

Exemplo: Cabe ao aluno levantar dúvidas e saná-las junto ao professor; cabe a este interessar-se pelas dúvidas daquele e procurar saná-las da maneira mais profunda e explícita.

Como se percebe, será o fator de preferência entre a vírgula e o ponto e vírgula, neste caso, a pausa respectivamente menor ou maior que se queira imprimir ao período.

Não é muito usual, destarte, que se lance mão do ponto e vírgula para se separarem orações ou muito curtas, ou que não tenham sido (ao menos uma delas) já separadas pela pausa menor (que é a vírgula), pois que servirá o ponto e vírgula, no caso de separar orações em que já haja vírgula (ou vírgulas), exatamente de promover uma distinção entre esses dois níveis de pausa, marcando acuradamente uma pausa mais de uma outra menos longa.

Também é usado o ponto e vírgula para estabelecer uma pronta ruptura entre dois membros de um período, dando-lhes, a cada um, uma como autonomia tal, que poderiam, em última instância, mesmo estar separados por ponto simples.

Assim, neste trecho de Machado de Assis:

"— Capitu!
— Mamãe!
— Deixa de estar esburacando o muro; vem cá."

Não é a intenção do ponto e vírgula, ali, primordialmente marcar pausa mais longa, senão que, em lugar disso, estabelecer mais visivelmente a existência de dois elementos de igual valor: duas ordens distintas e equivalentes no que concerne, repetimos, ao peso de que gozam. É como se, após o ponto e vírgula, a mãe de Capitu esboçasse novo semblante, reunindo a força necessária a dar ordem diferente daquela que primeiro dera.

Desse modo, não teve a ver o ponto e vírgula, absolutamente, com a extensão do período, nem, numa análise mais profunda, tampouco com uma maior pausa imprimida: teve a ver estreitamente com um juízo de valor dado às partes da frase: tratou-se, pois, de intenção *qualitativa*, em vez de *quantitativa* (referente a tempo simplesmente).

2. Separar, como esboçado anteriormente, as partes de um período, desde que já separadas, estas partes (ou uma delas), anteriormente por vírgulas.

Exemplo: O filho, preocupado com o tempo, correu ao quintal para tirar as gaiolas; a mãe permaneceu muda no canto.

"O vento é nordeste, e vai tangendo, aqui e ali, no belo azul das águas, pequenas espumas que marcham alguns segundos e morrem, como bichos alegres e humildes; perto da terra a onda é verde." (Rubem Braga)

"A lua escondera-se; mudara o tempo; o céu, de limpo que estava, fizera-se cor de lousa; sentia-se um vento úmido de chuva." (Aluísio Azevedo)

"Um cometa passava... Em luz, na penedia,
Na erva, no inseto, em tudo uma alma rebrilhava;
Entregava-se ao sol a terra, como escrava;
Ferviam sangue e seiva. E o cometa fugia..." (Olavo Bilac)

> "Juliana, bem alojada, bem alimentada, com roupa fina sobre a pele, colchões macios, saboreava a vida; o seu temperamento adoçara-se naquelas abundâncias; depois, bem aconselhada pela tia Vitória, fazia seu serviço com um zelo minucioso e hábil." (Eça de Queirós)

Neste longo trecho de *Céus e terras do Brasil* (de Visconde de Taunay), cabe tão somente ao ponto e vírgula estabelecer as pausas maiores e as rupturas mais contundentes, isto é, os campos semânticos divididos, aqui, quase que sistematicamente em torno de núcleos temáticos ligados às espécies distintas de animais descritos, já que, como se observa, não há outra pontuação, além da vírgula – que seria demasiado breve aqui –, a cortar membros, dando-lhes certa *independência* semântica.

> A essa hora, também, é que zumbem em torno das plantas e flores milhares de abelhas, azafamadas e diligentes, aproveitando a fresca para a faina mais fadigosa, vencidas todas no esmero do trabalho pela jati, a mandori e a cacheta; voltam as pombas-trocazes com o mesmo dar de asas apressado e misterioso de quando haviam partido; renovam os quero-queros a grita nas margens dos rios e alagadiços, para os quais acodem abandados os grandes e brancos tabuiaiás, os róseos colhereiros e as alvas e puras garças cujas cores mais se aprimoram à luz do sol cadente; piam nos chapadões perdizes sem conta, e nos bosques principiam os jaós os vespertinos chamados."

3. Iniciar orações coordenadas adversativas e conclusivas, aumentando-lhes os respectivos teores.

Neste ponto, como em outros, concorre a vírgula com o ponto e vírgula, vencendo, por sem dúvida, aquela pontuação que melhor aprouver ao escritor: fica ao ponto e vírgula, como dito acima, a faculdade de acentuar os sentidos, quer o seja adversativo, quer o seja conclusivo. Exemplo:

1. O dia começou intensamente ensolarado, *mas* o cair da tarde esboçou a chuva que cairia à noite.
2. O dia começou intensamente ensolarado; *mas* o cair da tarde esboçou a chuva que cairia à noite.

Observação 1:

Se se usam algumas das outras conjunções ou locuções conjuntivas (*contudo, todavia, no entanto, não obstante, apesar disso*) poder-se-á pontuar o período de duas formas basicamente, quais sejam:

1. O dia começou intensamente ensolarado; *porém* o cair da tarde esboçou a chuva que cairia à noite.
2. O dia começou intensamente ensolarado; o cair da tarde, *porém*, esboçou a chuva que cairia à noite.

Foi precisamente esta segunda a modalidade eleita por Camilo Castelo Branco em:

> "O povoléu intacto fugira espavorido, que ninguém se atrevia ao filho do corregedor; os feridos, *porém*, incorporaram-se e foram chamar justiça à porta do magistrado."

Num outro momento do mesmo *Amor de perdição*, Camilo elege o outro giro:

"Sabíamos que ela era dama da Sra. D. Maria I; *porém*, da soberba com que nos tratou ficamos pensando que seria ela a própria rainha."

Obviamente no segundo caso, ao jogar a conjunção subordinativa para o rosto da oração, é muito mais abrupta a quebra que se estabelece mercê do caráter adversativo, pois que, a partir do *porém*, e sobretudo graças à pausa que se lhe segue imediatamente, fica o leitor consciente de que as coisas tomaram um rumo inesperado (a *peripécia* aristotélica), sendo obrigado a permanecer por um tempo suspenso, por causa, já o vimos, da pausa. Naquela primeira modalidade de pontuação é o processo de *peripécia* um tanto mais suave e fluido, preparando o leitor com menos incisividade.

Vai do gosto do escritor, assim, a condução que se dará ao leitor.

4. Separar os diversos itens e considerandos em leis, decretos, portarias, estatutos, regulamentos etc.

Questões Comentadas

01. (Cescem) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
    a) ( ) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e derradeira surpresa da natureza humana.
    b) ( ) A velhice ridícula é porventura a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
    c) ( ) A velhice ridícula é, porventura a mais triste, e derradeira surpresa da natureza humana.
    d) ( ) A velhice ridícula é porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.
    e) ( ) A velhice ridícula é, porventura, a mais triste e, derradeira surpresa da natureza humana.

O termo "porventura" deve ser isolado por vírgulas. Gabarito: **A**.

Questões de 2 a 5

Cada um dos períodos seguintes foi pontuado de cinco formas diferentes. Leia os todos e selecione a letra que corresponde ao período de pontuação correta:

02. (Fund. Carlos Chagas)
    a) ( ) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa, de lado!
    b) ( ) Prezados colegas deixemos agora, a boa conversa de lado!
    c) ( ) Prezados, colegas, deixemos agora, a boa conversa de lado!
    d) ( ) Prezados colegas deixemos agora a boa conversa de lado!
    e) ( ) Prezados colegas, deixemos agora a boa conversa de lado!

Separa-se o vocativo (prezados colegas). Gabarito: **E**.

03. (Fund. Carlos Chagas)
    a) ( ) E, palavra, no caso desta última, senti profundamente o que aconteceu.
    b) ( ) E palavra, no caso, desta última senti, profundamente o que aconteceu.
    c) ( ) E palavra no caso desta última: senti profundamente, o que aconteceu.
    d) ( ) E, palavra, no caso desta última senti profundamente o que, aconteceu.
    e) ( ) E palavra: no caso desta última senti, profundamente o que aconteceu.

"Palavra" equivale a uma expressão intercalada, que deve vir isolada por vírgula. "No caso desta última" é um adjunto adverbial antecipado, o que justifica ser separado por vírgula. Gabarito: **A**.

04. (Fund. Carlos Chagas)
    a) ( ) Apesar de toda a atenção o fato passou despercebido a todos.
    b) ( ) Apesar de, toda a atenção, o fato, passou despercebido a todos.
    c) ( ) Apesar de, toda a atenção o fato passou, despercebido a todos.
    d) ( ) Apesar de toda a atenção o fato, passou despercebido, a todos.

e) ( ) Apesar de toda a atenção, o fato passou despercebido a todos.

"Apesar de toda a atenção" é um adjunto adverbial antecipado, o que justifica ser separado por vírgula. Gabarito: **E**.

05. (Fund. Carlos Chagas)
    a) ( ) Tantos fatos agradáveis, guardo os a todos na memória.
    b) ( ) Tantos fatos agradáveis guardo os a todos na memória.
    c) ( ) Tantos fatos agradáveis, guardo os, a todos na memória.
    d) ( ) Tantos fatos agradáveis guardo os a, todos, na memória.
    e) ( ) Tantos fatos, agradáveis guardo os, a todos na memória.

O objeto direto antecipado requer a vírgula ("tantos fatos agradáveis"). Gabarito: **A**.

06. (AMAN) "Justiça falível, és balança de dois pesos que só não pesam nas consciências!" (José Américo de Almeida)

    A vírgula (após falível) tem a seguinte justificativa:
    a) ( ) separa o aposto.
    b) ( ) separa o vocativo.
    c) ( ) separa os termos da mesma função, assindéticos.
    d) ( ) marca a inversão da ora oração.
    e) ( ) separa adjunto adverbial deslocado de seu lugar normal.

O enunciador dirige-se à justiça como se fosse uma pessoa. Gabarito: **B**.

07. (AMAN) Nas frases seguintes:
    1. Eles os homens que indico para este trabalho.
    2. Colocarei aqui mais um exemplo ou seja mais uma prova.
    3. Naquele dia porém as forças do rei não foram suficientes.
    4. Alguém talvez queira ir contigo.

    O emprego da(s) vírgula(s) suprimida(s) teria, respectivamente, as seguintes justificativas:
    a) ( ) elipse do verbo - separar expressões explicativas separar a conjunção adversativa - dar ênfase ao adjunto adverbial.
    b) ( ) separar oração explicativa - dar ênfase ao sujeito - separar orações - não se deve usar a vírgula nesta frase.
    c) ( ) elipse do verbo "ser" - separar adjunto adverbial separar adjunto adverbial - não se deve usar a vírgula nesta frase.

d) ( ) elipse do verbo - elipse do verbo - não se deve usar vírgula - separar verbo do restante da frase.
e) ( ) elipse do verbo - nas três frases restantes não se aceita o emprego da vírgula.

1 – Elipse de “são”. 2 – Expressão explicativa “ou seja”. 3 – conjunção adversativa “porém”. 4 – Advérbio “talvez”. Gabarito: **A**.

Uso da vírgula entre as orações do período

08. (Fund. Carlos Chagas)
a) ( ) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo a perder.
b) ( ) Justamente no momento em que as coisas iam melhorar, ele pôs tudo, a perder.
c) ( ) Justamente, no momento, em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo a perder
d) ( ) Justamente no momento, em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.
e) ( ) Justamente, no momento em que as coisas iam melhorar ele pôs tudo, a perder.

“Justamente no momento em que as coisas iam melhorar” equivale a adjunto adverbial (oracional) antecipado. Gabarito: **A**.

09. (FECAP) “(...) virou para o Pércio, que era caixeiro nesse tempo, e perguntou (...)”
O emprego das vírgulas justifica se porque:
a) ( ) a oração “que era caixeiro nesse tempo” é adjetiva restritiva.
b) ( ) a oração “que era caixeiro nesse tempo” é subordinada adverbial causal.
c) ( ) a oração “que era caixeiro nesse tempo” é subordinada adjetiva explicativa.
d) ( ) a oração “que era caixeiro nesse tempo” é coordenada sindética explicativa.
e) ( ) o emprego das vírgulas, neste caso, é optativo.

As adjetivas explicativas são em geral isoladas por vírgulas, parênteses ou travessão duplo. Gabarito: **C**.

10. (Fund. Carlos Chagas)
a) ( ) Como estavam, atarefados não puderam vir ontem.
b) ( ) Como estavam atarefados não puderam vir, ontem.
c) ( ) Como estavam atarefados, não puderam, vir ontem.
d) ( ) Como estavam atarefados não puderam, vir, ontem.
e) ( ) Como estavam atarefados, não puderam vir ontem.

“Como estavam atarefados” equivale a adjunto adverbial (oracional) antecipado. Gabarito: **E**.

11. (Fuvest) Assinale o período que está pontuado corretamente:
    a) ( ) Solicitamos aos candidatos que respondam às perguntas a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
    b) ( ) Solicitamos aos candidatos, que respondam, às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas aos vestibulares.
    c) ( ) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
    d) ( ) Solicitamos, aos candidatos que respondam às perguntas a seguir importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.
    e) ( ) Solicitamos aos candidatos, que respondam às perguntas, a seguir, importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares.

"importantes para efeito de pesquisas relativas aos vestibulares" é um aposto. Gabarito: **A**.

12. (Fuvest) Assinale a alternativa em que o texto esteja corretamente pontuado:
    a) ( ) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
    b) ( ) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito, baixo, sem chapéu, trazendo pela mão, uma menina de quatro anos.
    c) ( ) Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo, sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
    d) ( ) Enquanto eu, fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja um sujeito baixo sem chapéu, trazendo pela mão uma menina de quatro anos.
    e) ( ) Enquanto eu fazia comigo mesmo, aquela reflexão, entrou na loja, um sujeito baixo, sem chapéu trazendo, pela mão, uma menina, de quatro anos.

"Enquanto eu fazia comigo mesmo aquela reflexão" equivale a adjunto adverbial (oracional) antecipado. "sem chapéu" é uma locução adjetiva com função de adjunto adnominal explicativo, por isso é isolada por vírgulas. Gabarito: **C**.

13. (Santa Casa) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
    a) ( ) Precisando de um pequeno empréstimo procurou Carlão seu velho amigo.
    b) ( ) Precisando, de um pequeno empréstimo, procurou, Carlão, seu velho amigo.
    c) ( ) Precisando de um pequeno empréstimo procurou, Carlão, seu velho amigo.
    d) ( ) Precisando de um pequeno empréstimo, procurou Carlão, seu velho amigo.
    e) ( ) Precisando, de um pequeno empréstimo procurou, Carlão seu velho, amigo.

“Precisando de um pequeno empréstimo” equivale a adjunto adverbial (oracional) antecipado. “Seu velho amigo” é aposto de “Carlão”. Gabarito: **D**.

14. (PUC/Campinas) Observe as frases:
    I. Ele foi, logo eu não fui.
    II. O menino, disse ele, não vai.
    III. Deus, que é Pai, não nos abandona.
    IV. Saindo ele e os demais, os meninos ficarão sós.

    Assinale a afirmativa correta:
    a) ( ) em I há erro de pontuação.
    b) ( ) em II e III as vírgulas podem ser retiradas sem que haja erro.
    c) ( ) na I, se se mudar a vírgula de posição, muda se o sentido da frase.
    d) ( ) na II, faltam dois pontos depois de disse.

Todas as frases estão pontuadas corretamente. Na I, se pusermos a vírgula depois de “logo”, este passa a ser um advérbio de tempo, e isso muda o sentido da frase. Gabarito: **C**.

15. (Fund.Carlos Chagas) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
    a) ( ) Quase todos procediam da Prússia Oriental, da Pomerânia; havia porém, alguns, que vinham das bandas do Reno.
    b) ( ) Quase todos, procediam da Prússia Oriental da Pomerânia; havia porém alguns que vinham das bandas do Reno.
    c) ( ) Quase todos, procediam da Prússia Oriental da Pomerânia, havia porém, alguns que vinham das bandas do Reno.
    d) ( ) Quase todos procediam da Prússia Oriental, da Pomerânia; havia, porém, alguns que vinham das bandas do Reno.
    e) ( ) Quase todos procediam da Prússia Oriental; da Pomerânia havia, porém, alguns, que vinham das bandas do Reno.

O ponto e vírgula se justifica por separar dois segmentos em que havia, em pelo menos um deles, vírgulas. Gabarito: **A**.

16. (F. E. Bauru) Assinale a alternativa em que há erro de pontuação:
    a) ( ) Era do conhecimento de todos, a hora da prova, alguns se atrasaram.
    b) ( ) A hora da prova era do conhecimento de todos; alguns se atrasaram, porém.
    c) ( ) Todos conhecem a hora da prova; não se atrasem, pois.
    d) ( ) Todos conhecem a hora da prova, portanto não se atrasem.
    e) ( ) n.d.a.

O sujeito “a hora da prova” não deve estar separado de seu predicado. Gabarito: **A**.

17. (Fund. Carlos Chagas) Assinale a letra que corresponde ao período de pontuação correta:
    a) ( ) O assunto do romance: é o naufrágio, do navio no mar encapelado, o tema a força, trágica, do destino.
    b) ( ) O assunto do romance é o naufrágio do navio no mar encapelado; o tema, a força trágica do destino.
    c) ( ) O assunto do romance é, o naufrágio do navio, no mar encapelado; o tema, a força trágica, do destino.
    d) ( ) O assunto do romance é o naufrágio do navio no mar encapelado: o tema a força, trágica do destino.
    e) ( ) O assunto do romance é, o naufrágio do navio, no mar encapelado, o tema a força trágica do destino.

O ponto e vírgula se justifica por separar dois segmentos em que havia, em pelo menos um deles, vírgulas. A vírgula no segundo segmento marca a elipse de um verbo. Gabarito: **B**.

18. (Unimep) “Assim eu quereria a minha última crônica: que fosse pura como esse sorriso.” Assinale a alternativa correta:
    a) ( ) Os dois pontos anunciam e introduzem um esclarecimento.
    b) ( ) Os dois pontos anunciam e introduzem uma citação.
    c) ( ) Os dois pontos foram empregados para encurtar a frase.
    d) ( ) Os dois pontos denotam sempre uma separação mais ampla que a da vírgula.
    e) ( ) Os dois pontos antecipam um desejo do autor.

Esse esclarecimento é uma forma de aposto. Gabarito: **A**.

19. (Fund. Carlos Chagas) Os períodos abaixo apresentam diferenças de pontuação. Assinale a letra correspondente ao período de pontuação correta:
    a) ( ) Hoje, eu daria o mesmo conselho, menos doutrina e, mais análise.
    b) ( ) Hoje eu daria o mesmo conselho: menos doutrina e mais análise.
    c) ( ) Hoje, eu, daria o mesmo conselho, menos doutrina e mais, análise.
    d) ( ) Hoje eu daria o mesmo conselho menos doutrina e mais análise.
    e) ( ) Hoje eu, daria o mesmo conselho: menos doutrina, e, mais análise.

Os dois pontos servem como esclarecimento a “mesmo conselho”, sendo-lhe o introdutor de um aposto. Gabarito: **B**.

20. (Cesgranrio) Assinale a opção em que está corretamente indicada a ordem dos sinais de pontuação que devem preencher as lacunas da frase abaixo:
Quando se trata de trabalho científico ____ duas coisas devem ser consideradas ____ uma é a contribuição teórica que o trabalho oferece ____ a outra é o valor prático que possa ter.

a) ( ) dois pontos, ponto e vírgula, ponto e vírgula,
b) ( ) dois pontos, vírgula, ponto e vírgula,
c) ( ) vírgula, dois pontos, ponto e vírgula.
d) ( ) ponto e vírgula, dois pontos, ponto-e-vírgula.
e) ( ) ponto e vírgula, vírgula, vírgula.

A vírgula é para marcar o adjunto adverbial oracional antecipado. Os dois pontos, para marcarem um aposto. O ponto e vírgula para separar segmentos em que já haja vírgula em pelo menos um deles. Gabarito: **C**.

21. (FAU/Santos) Terminada a aula, o professor Jacinto, dirigindo se à classe, disse: "Todos deverão trazer dicionário na próxima aula."
No texto, as aspas foram colocadas:
a) ( ) para enfatizar a necessidade do dicionário.
b) ( ) porque a oração entre aspas vem depois dos dois pontos.
c) ( ) porque os componentes da frase estão em ordem inversa.
d) ( ) para sugerir que a falta do dicionário será prejudicial aos alunos.
e) ( ) para indicar uma citação.

Como se trata de discurso direto do professor, deve-se marcar isso com aspas. Trata-se de uma citação. Gabarito: **E**.

22. (Fuvest) Escolha a alternativa em que o texto é apresentado com a pontuação mais adequada:
a) ( ) Depois que há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido, em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto ... o número de ratos.
b) ( ) Depois que há algumas gerações o arsênico, deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou: e quanto! o número de ratos.
c) ( ) Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou - e quanto! - o número de ratos.

d) ( ) Depois que há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias - não diminuíram os casos de suicídio, ou envenenamento criminoso, mas aumentou, e quanto - o número de ratos.
e) ( ) Depois que, há algumas gerações o arsênico deixou de ser vendido em farmácias, não diminuíram os casos de suicídio ou envenenamento criminoso, mas aumentou; e quanto, o número de ratos!

"Há algumas gerações" é adjunto adverbial antecipado. "Depois que, há algumas gerações, o arsênico deixou de ser vendido em farmácias" é adjunto adverbial oracional antecipado. "e quanto" é expressão intercalada. A vírgula antes do "mas" separa orações coordenadas adversativas. Gabarito: **C**.

23. Observe o modelo e pontue corretamente as frases seguintes:

A tecnologia é fundamental para satisfazer às necessidades básicas do homem: trabalho, alimentação, saúde e moradia.

a) Um texto dissertativo se estrutura em três partes: introdução desenvolvimento e conclusão.
b) Todo homem tem três caracteres o que ele exibe o que ele tem e o que ele pensa que tem.
c) Há várias maneiras de concluir um texto dissertativo fazendo uma síntese das idéias expostas explicitando um posicionamento assumido demonstrando uma conseqüência dos argumentos apresentados ou levantando uma hipótese ou uma sugestão coerentes com as afirmações feitas no texto.
d) Discutiram-se assuntos importantes na reunião política educação saúde e custo de vida.
e) Alguns jogos movimentam as atenções de grande parte da população brasileira a loteria esportiva a loto e as loterias federais e estaduais.
f) O suspense o mistério a emoção a ironia e o humor perderam seu maior representante no cinema Alfred Hitchcock.

a) Um texto dissertativo se estrutura em três partes: introdução, desenvolvimento e conclusão.
b) Todo homem tem três caracteres: o que ele exibe, o que ele tem e o que ele pensa que tem.
c) Há várias maneiras de concluir um texto dissertativo: fazendo uma síntese das ideias expostas, explicitando um posicionamento assumido, demonstrando uma consequência dos argumentos apresentados ou levantando uma hipótese ou uma sugestão coerentes com as afirmações feitas no texto.
d) Discutiram-se assuntos importantes na reunião: política, educação, saúde e custo de vida.
e) Alguns jogos movimentam as atenções de grande parte da população brasileira: a loteria esportiva, a loto e as loterias federais e estaduais.
f) O suspense, o mistério, a emoção, a ironia e o humor perderam seu maior representante no cinema: Alfred Hitchcock.

24. Continue:

As janelas da casa, por exemplo, precisavam ser substituídas.

a) Vou falar com o diretor ou melhor vou escrever-lhe uma carta.
b) Vinte alunos foram advertidos isto é metade da classe.
c) Pode-se apontar além disso outro mal-entendido a respeito da greve em serviços essenciais.
d) Observe por exemplo o problema da poluição ambiental.
e) As ciências exatas a saber física química matemática e biologia não são tão exatas assim...
f) Assumimos ou melhor assumi o controle da situação.
g) A educação deve ser sem dúvida uma das metas prioritárias de qualquer governo.
h) Ninguém se responsabilizou pelo atentado; isto aliás já se tornou comum naquele país.
i) Observe além disso a paisagem, a salubridade do clima, a alegria do povo.
j) Kennedy foi como todos sabem o único presidente católico dos Estados Unidos da América.
l) Os planos econômicos de combate à inflação atingem na maioria das vezes a classe média brasileira.
m) Podemos observar que os jovens em sua grande maioria não se preocupam com os problemas sócio-político-econômicos do país.

a) Vou falar com o diretor, ou melhor, vou escrever-lhe uma carta.
b) Vinte alunos foram advertidos, isto é, metade da classe.
c) Pode-se apontar, além disso, outro mal-entendido a respeito da greve em serviços essenciais.
d) Observe, por exemplo, o problema da poluição ambiental.
e) As ciências exatas, a saber, física, química, matemática e biologia, não são tão exatas assim...
f) Assumimos, ou melhor assumi, o controle da situação.
g) A educação deve ser, sem dúvida, uma das metas prioritárias de qualquer governo.
h) Ninguém se responsabilizou pelo atentado; isto, aliás, já se tornou comum naquele país.
i) Observe, além disso, a paisagem, a salubridade do clima, a alegria do povo.
j) Kennedy foi, como todos sabem, o único presidente católico dos Estados Unidos da América.
l) Os planos econômicos de combate à inflação atingem, na maioria das vezes, a classe média brasileira.
m) Podemos observar que os jovens, em sua grande maioria, não se preocupam com os problemas sócio-político-econômicos do país.

25. Continue:

Será que a universidade brasileira, centro de pesquisa e formação, tem cumprido a sua função?

a) Franco militar espanhol governou a Espanha durante quarenta anos.

b) O Gol um dos carros mais vendidos no Brasil sofreu muitas modificações desde o lançamento.
c) “O Primo Basílio” uma das melhores obras de Eça de Queirós tem por tema o adultério feminino.
d) José Bonifácio o “Patriarca da Independência” orientou a educação do jovem príncipe herdeiro.
e) Alberto Santos Dumont o “Pai da aviação” suicidou-se em 1932.

a) Franco, militar espanhol, governou a Espanha durante quarenta anos.
b) O Gol, um dos carros mais vendidos no Brasil, sofreu muitas modificações desde o lançamento.
c) “O Primo Basílio”, uma das melhores obras de Eça de Queirós, tem por tema o adultério feminino.
d) José Bonifácio, o “Patriarca da Independência”, orientou a educação do jovem príncipe herdeiro.
e) Alberto Santos Dumont, o “Pai da aviação”, suicidou-se em 1932.

26. Continue:
A viagem agradou; o percurso, porém, foi muito cansativo.
A viagem agradou, porém o percurso foi muito cansativo.

a) Ninguém compareceu ao teatro podemos portanto cancelar o espetáculo.
b) Você elaborou as questões não será difícil portanto reestruturá-las.
c) O concerto foi bom a platéia contudo não se comportou à altura.
d) Você está muito cansado deve por conseguinte repousar um pouco.
e) Você fez o que devia não fique portanto preocupado.
f) Vocês são inteligentes compreenderão portanto a situação.
g) As redações melhoraram muito apresentam todavia algumas pequenas falhas.

a) Ninguém compareceu ao teatro; podemos, portanto, cancelar o espetáculo.
b) Você elaborou as questões; não será difícil, portanto, reestruturá-las.
c) O concerto foi bom; a plateia, contudo, não se comportou à altura.
d) Você está muito cansado; deve, por conseguinte, repousar um pouco.
e) Você fez o que devia; não fique, portanto, preocupado.
f) Vocês são inteligentes; compreenderão, portanto, a situação.
g) As redações melhoraram muito; apresentam, todavia, algumas pequenas falhas.

27. Observe o modelo e continue:
No salão, tinha cadeiras para todos os convidados.
No salão, havia cadeiras para todos os convidados.

a) Tem muita gente que não acredita no êxito das medidas adotadas pelo governo no combate à inflação.
b) Tem muitos menores abandonados nas ruas de Vitória.
c) Nós não tínhamos pensado nisso antes.
d) Será que tem outros planetas habitados no universo?
e) Num passado recente, tinha muitas escolas públicas que ofereciam ensino de boa qualidade.

a) HÁ/EXISTE muita gente que não acredita no êxito das medidas adotadas pelo governo no combate à inflação.
b) HÁ/EXISTEM muitos menores abandonados nas ruas de Vitória.
c) Nós não tínhamos (ou havíamos) pensado nisso antes.
d) Será que HÁ/EXISTEM outros planetas habitados no universo?
e) Num passado recente, HAVIA/EXISTIAM muitas escolas públicas que ofereciam ensino de boa qualidade.

28. Siga o modelo:
O governo, a todo instante, tomava medidas contraditórias.
O governo - a todo instante - tomava medidas contraditórias.

a) Os estudantes durante a reunião explicaram os motivos do protesto.
b) Observa-se particularmente em certas regiões a marca da presença do imigrante.
c) Conseguiremos com afeto e paciência resolver o problema do menor abandonado.
d) Dizem que naquele ano ele ganhou mais de um milhão de dólares.
e) Ele conseguiu depois de muito trabalho descobrir a causa de perda de energia.
f) Paula com bastante cuidado aproximou-se da colega cumprimentou-a e pouco a pouco conseguiu conquistar sua confiança.
g) Ele ficou satisfeito quando após muitos dias de chuva viu o sol brilhar novamente.
h) Lia o texto com atenção e com muito interesse e esforço tentava responder às questões.
i) Nada mais depois disso temos a dizer.
j) Dizem que naquela época as pessoas tinham mais tempo para dialogar.

a) Os estudantes, durante a reunião, explicaram os motivos do protesto.
b) Observa-se, particularmente em certas regiões, a marca da presença do imigrante.
c) Conseguiremos, com afeto e paciência, resolver o problema do menor abandonado.

d) Dizem que, naquele ano, ele ganhou mais de um milhão de dólares.
e) Ele conseguiu, depois de muito trabalho, descobrir a causa de perda de energia.
f) Paula, com bastante cuidado, aproximou-se da colega cumprimentou-a e pouco a pouco conseguiu conquistar sua confiança.
g) Ele ficou satisfeito quando, após muitos dias de chuva, viu o sol brilhar novamente.
h) Lia o texto com atenção e, com muito interesse e esforço, tentava responder às questões.
i) Nada mais, depois disso, temos a dizer.
j) Dizem que, naquela época, as pessoas tinham mais tempo para dialogar.

a) Os estudantes − durante a reunião explicaram − os motivos do protesto.
b) Observa-se − particularmente em certas regiões − a marca da presença do imigrante.
c) Conseguiremos − com afeto e paciência − resolver o problema do menor abandonado.
d) Dizem que − naquele ano − ele ganhou mais de um milhão de dólares.
e) Ele conseguiu − depois de muito trabalho − descobrir a causa de perda de energia.
f) Paula − com bastante cuidado − aproximou-se da colega cumprimentou-a e pouco a pouco conseguiu conquistar sua confiança.
g) Ele ficou satisfeito quando − após muitos dias de chuva − viu o sol brilhar novamente.
h) Lia o texto com atenção e − com muito interesse e esforço − tentava responder às questões.
i) Nada mais − depois disso − temos a dizer.
j) Dizem que − naquela época − as pessoas tinham mais tempo para dialogar.

29. Pontue corretamente os trechos a seguir:
a) Na maioria dos países ocidentais as crianças passam muito tempo diante da televisão que geralmente fica na sala de estar numa sala especial de recreação ou em seu próprio quarto de dormir.
b) Reflexos de ondas de luz as cores têm forte influência sobre as pessoas. Animam relaxam provocam emoções boas e más. Mas nesse jogo a personalidade de cada um e os costumes da época também desempenham papel importante.
c) De um tecido rústico para cobrir barracas surgiu a roupa mais universal já inventada pelo homem. Adotadas pela juventude as calças jeans tornaram-se símbolo de uma nova maneira de viver.
d) As missões espaciais programadas para os próximos anos já estão tendo de levar em conta um perigo criado pelo homem os pedaços de satélites destroços de objetos de vários tamanhos enfim o lixo que se acumula em volta da Terra.
e) Na comunicação escrita é importante que os aspectos de apresentação gráfica do texto sejam claros agradáveis. Eles estabelecem uma relação de simpatia entre o leitor e o texto. Nenhum de nós se sente motivado a ler um texto mal-apresentado sujo cheio de rasuras.
f) Ciência e técnica se têm revelado na sociedade atual inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda utilizados como estão têm

conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais cientistas e jovens nos últimos vinte anos têm sido porta-voz da frustração do medo do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

g) De fato pouco a pouco as coisas se movem evoluem se transformam. A escola como a fábrica como a família como o hospital como a sociedade toda não existe como uma coisa fixa parada imutável.

h) A forma que a escola assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação que é continuamente impulsionado por tensões conflitos esperanças e tentativas alternativas. A escola muda portanto em função das pressões dos grupos sociais das inovações científicas ou das próprias necessidades da economia. A escola muda adaptando-se sempre aos novos tempos logo ela não é estática nem intocável.
(Harper, Babette et alii Cuidado, escola! São Paulo, Brasiliense, 1980)

i) A cultura para Paulo Freire tem com efeito um sentido muito diferente e muitíssimo mais rico do que no uso ordinário. A cultura por oposição à natureza que não é criação do homem é a contribuição que o homem faz ao dado à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana do esforço criador e recriador do homem de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens.

a) Na maioria dos países ocidentais, as crianças passam muito tempo diante da televisão, que geralmente fica na sala de estar, numa sala especial de recreação ou em seu próprio quarto de dormir.

b) Reflexos de ondas de luz, as cores têm forte influência sobre as pessoas. Animam, relaxam, provocam emoções boas e más. Mas, nesse jogo, a personalidade de cada um e os costumes da época também desempenham papel importante.

c) De um tecido rústico para cobrir barracas, surgiu a roupa mais universal já inventada pelo homem. Adotadas pela juventude, as calças jeans tornaram-se símbolo de uma nova maneira de viver.

d) As missões espaciais programadas para os próximos anos já estão tendo de levar em conta um perigo criado pelo homem: os pedaços de satélites, destroços de objetos de vários tamanhos; enfim, o lixo que se acumula em volta da Terra.

e) Na comunicação escrita, é importante que os aspectos de apresentação gráfica do texto sejam claros, agradáveis. Eles estabelecem uma relação de simpatia entre o leitor e o texto. Nenhum de nós se sente motivado a ler um texto mal-apresentado, sujo, cheio de rasuras.

f) Ciência e técnica se têm revelado na sociedade atual inadequadas a proporcionar ao homem meios para a sua autêntica realização. Mais ainda, utilizados como estão, têm conspirado contra a felicidade humana. E a nova geração de intelectuais cientistas e jovens nos últimos vinte anos têm sido porta-voz da frustração, do medo, do protesto contra a invasão da ciência e da técnica.

g) De fato, pouco a pouco as coisas se movem, evoluem, se transformam. A escola, como a fábrica, como a família, como o hospital, como a sociedade toda, não existe como uma coisa fixa parada imutável.
h) A forma que a escola assume em cada momento é sempre o resultado precário e provisório de um movimento permanente de transformação que é continuamente impulsionado por tensões, conflitos, esperanças e tentativas alternativas. A escola muda, portanto, em função das pressões dos grupos sociais, das inovações científicas ou das próprias necessidades da economia. A escola muda adaptando-se sempre aos novos tempos; logo, ela não é estática nem intocável.
(Harper, Babette et al ii Cuidado, escola! São Paulo, Brasiliense, 1980)
i) A cultura, para Paulo Freire, tem, com efeito, um sentido muito diferente e muitíssimo mais rico do que no uso ordinário. A cultura, por oposição à natureza, que não é criação do homem, é a contribuição que o homem faz ao dado à natureza. Cultura é todo o resultado da atividade humana do esforço criador e recriador do homem de seu trabalho por transformar e estabelecer relações de diálogo com outros homens.

Capítulo 16 – Estilística

Fazemos, neste capítulo, doxografia, com acréscimos críticos, à obra *A Estilística*, de José Lemos Monteiro, cujos passos seguimos nas subdivisões ora apresentadas:

1 Conceitos de estilo

A diversidade das acepções encerradas pelo termo *estilo* é sério obstáculo aos estudos da estilística, algo que é consenso entre os estudiosos dessa disciplina textual.

Segundo Middleton Murry (*apud* José Lemos Monteiro), as seguintes definições norteariam o problema:

a) traços indicadores da personalidade do escritor (*idiossincrasia*);
b) traços que tornam reconhecível o que alguém escreve (*exposição*);
c) "realização plena de uma significação universal em uma expressão pessoal e particular (estilo como *realização literária*)".

É nítido que em tal tricotomia não se apontam senão os traços de estilo pertinentes à realização *individual* e *literária*. "[Estilo é a] *qualidade de linguagem peculiar ao escritor, que comunica emoções ou pensamentos*."

Como os traços do *meio, época e estrutura linguística* são sobremodo fortes sobre o escritor, restarão poucos traços de fato particulares quando da análise estilística.

Baseado nisso, Paul Imbs define estilo como encaixe hierárquico, desde áreas amplas até áreas de percepção imediata. No cume de tal hierarquia estarão as famílias de línguas. Os demais níveis seriam:

a) uma língua particular;
b) uma época;
c) um gênero literário;
d) uma escola ou movimento literário;
e) um escritor;
f) uma fase da vida do escritor;
g) um capítulo, parte ou parágrafo;
h) uma frase ou enunciado.

Para Stephen Ullmann, há, portanto, dois tipos básicos de estudo estilístico:o que enfatiza o estilo de uma língua (*langue*) e o que se fia na expressividade de um escritor (*parole*).

Para Guiraud, seriam essas correntes respectivamente a *estilística da expressão* e a *estilística do indivíduo.* Esta última foi adotada por Vossler e Spitzer, preocupando-se com as *causas*

do fenômeno da expressividade, sendo, pois, *genética*. Aquela primeira foi desenvolvida por Charles Bally e considera estruturas e seus funcionamentos no sistema linguístico, sendo *descritiva.*

São os princípios formais que fazem haver distinção entre os gêneros literários.

Em relação ao estilo de uma obra, haverá diferenças entre o que o escritor escreve no princípio, meio e fim de sua vida. Por isso se pode falar em estilo não do escritor, mas da obra que se analisa.

Seria estilo, então, "uma forma peculiar de encarar a linguagem com uma finalidade expressiva".

Para Martinet, estilo é um conjunto de escolhas, ou um afastamento em relação à norma.

Nilce Sant'Anna Martins dá-nos excelentes parâmetros para a definição de estilo, antes com o aval de Georges Mounin – que divide o conceito em três partes – ou Nils Erik Enkvist – este em cinco partes –, e, após os dois, com inúmeros outros autores de igual suporte técnico. Assim perfilaríamos o quanto dissemos:

Segundo G. Mounin, estilo seria encarado por três ópticas distintas:

a) a daqueles que o veem como *desvio da norma*;
b) a daqueles que o veem como *elaboração*;
c) a daqueles que o veem como *conotação*.

Para N. E. Enkvist, estilo é:

a) adição, "envoltório do pensamento";
b) escolha;
c) conjunto de caracteres individuais;
d) desvio da norma;
e) caracteres coletivos (estilo de época);
f) "resultado de relações entre entidades linguísticas formuláveis em termos de textos mais extensos que o período."

Ainda dos dois autores supracitados, e principalmente dos livros de Guiraud, N. S. Martins colhe as seguintes definições, assaz elucidativas:

"Estilo é o homem." (Buffon)

"O estilo é o pensamento." (Rémy de Gourmont)

"O estilo é a obra." (R. A. Sayce)

"Estilo é a expressão inevitável e orgânica de um modo individual de experiência." (Middleton Murray)

"Estilo é o que é peculiar e diferencial numa fala." (Dámaso Alonso)

"Estilo é a qualidade do enunciado, resultante de uma escolha que faz, entre os elementos constitutivos de uma dada língua, aquele que a emprega em uma circunstância determinada." (Marouzeau)

“O estilo é compreendido como uma ênfase (expressiva, afetiva ou estética) acrescentada à informação veiculada pela estrutura linguística sem alteração de sentido. O que quer dizer que a língua exprime e o estilo realça.” (Riffaterre)
“O estilo de um texto é o conjunto de probabilidades contextuais dos seus itens linguísticos.” (Archibald Hill)
“Estilo é surpresa.” (Kibédi Varga)
“Estilo é expectativa frustrada.” (Jakobson)
“Estilo é o que está presente nas mensagens em que há elaboração da mensagem por si mesma”. (*Idem*)
“Estilo é o aspecto do enunciado que resulta de uma escolha dos meios de expressão, determinada pela natureza e pelas intenções do indivíduo que fala ou escreve.” (Guiraud)
“Estilo é o conjunto objetivo de características formais oferecidas por um texto como resultado da adaptação do instrumento lingüístico às finalidades do ato específico em que fio produzido.” (Herculano de Carvalho)
“Estilo é a linguagem que transcende do plano intelectivo para carrear a emoção e a vontade.” (Mattoso Câmara)

1.1 Normas e desvios

“Constituem norma aqueles hábitos, construções ou usos da maioria da população, ao passo que os desvios são as alterações ou variações havidas por desconhecimento da norma ou por intuito expressivo.” (José Lemos Monteiro, *A Estilística).*

É importante ressaltarmos que não existirá apenas uma norma dentro da mesma comunidade linguística, porquanto nesta comunidade serão sentidas variações de cunho diastrático, diacrônico, diatópico, diafásico etc. É muito conhecido o esquema de Coseriu, resumo das diversas normas a que está sujeita uma comunidade linguística:

a) linguagem familiar;
b) linguagem popular;
c) linguagem literária;
d) linguagem elevada;
e) linguagem vulgar etc.

E, dentro de cada uma dessas normas, há por assim dizer subvariações, os chamados *registros*: tenso, distenso etc. Eles são como matizes, variações cromáticas de dadas normas.

Bakhtin também traça importantes distinções sobre discurso e estilo quando os cataloga dentro dos gêneros, a que ele antes de tudo parte em gêneros primários e secundários. Com isso, o autor analisa inclusive modalidades textuais inteiramente rígidas, como as ordens militares e os cabeçalhos e fechos oficiais de correspondências etc., em que não pode haver qualquer espontaneidade.

Ainda em relação às normas, muitas outras seriam as que poderíamos catalogar. De nossa parte, com o fito de ilustrar nosso trabalho, trazemos outra *linguagem hierárquica*, não a dos jargões (aquela mais bem encarada por Bakhtin), mas a *universalmente hierárquica*, se assim a pudermos rotular, segundo a qual as relações humanas de subordinação, em qualquer nível – profissional, familiar, estudantil –, fazem-se patentes. Assim sendo, é um desvio a essa norma quando, por exemplo, a mãe se dirige à filha chamando a esta última de "senhora". Com essa atitude linguística, não premeditada quanto à causa, mas sim quanto à consequência, a mãe estará subvertendo a ordem hierárquica que as situa uma em relação à outra, operando, assim, imediato afastamento – eis o desvio – entre elas: naturalmente que aquela atitude deve conotar insatisfação por parte da mãe (ou ironia, ou qualquer outro sentimento contrário à normalidade, ao grau zero, à denotação, no caso uma *denotação situacional*, portanto).

Tal constatação se prenderia, em princípio, mais à Sociolinguística do que à Estilística, por estar esta última peremptoriamente situada no âmbito da literatura, ao passo que aquela primeira se preocupa antes com os fatos da língua falada (ou, ao menos, da língua sem preocupação *estética*). Estamos de acordo com tal análise. Apesar disso, muitos são os estudiosos modernos que tendem a fazer as duas ciências convergirem. Podemos citar, para não nos estendermos sobremaneira, Dino Pretti, com sua obra *A Sociolinguística*, em que tece muito acuradamente a malha da literatura no quadro sociocultural brasileiro, e Fernando Tarallo, com sua obra introdutória *A Pesquisa Sociolinguística*, além do próprio Manuel Rodrigues Lapa, sempre cotejando, em *Estilística da Língua Portuguesa*, as literaturas de Portugal e do Brasil com a fala popular. Endossamos nossa ciência, entretanto, a respeito da supremacia, aqui, da Sociolinguística, ao termos usado, por exemplo, a nomenclatura "denotação *situacional*", opondo *situação* a *contexto* (este último ligado ao texto, obviamente, sendo aquele a descrição de confrontos de vida reais), como sempre fez, por exemplo, Mattoso Câmara.

Portanto, ao procedermos ao inventário de um *desvio*, devemos, antes, descrever, ou constatar, no âmbito de qual das normas estaremos agindo, isto é, qual daquelas *normas* estará servindo de parâmetro para a detecção, agora sim, de um desvio específico. O ideal, pois, não é se falar em desvio à norma, mas sim em *um* desvio (ou vários destes) a *uma* norma.

Dentre os equivalentes para os termos desvio ou afastamento, temos, segundo Dubois: *abuso* (*abus*, Valèry); *violação* (*viol*, J. Cohen); *escândalo* (*scandale*, R. Barthes); anomalia (*anomalie*, T. Todorov); *loucura* (*folie*, Aragon); *variação* (*deviation*, L. Spitzer); *subversão* (*subversion*, J. Peytard); *infração* (*infraction*, M. Thiry).

É comum opor-se Gramática a Estilística pelos conceitos de norma e desvio: enquanto esta estaria preocupada com o que for afastamento (portanto imprevisível e dificilmente sistematizável), aquela se manteria no estudo da própria norma, patrimônio comum de uma comunidade e, portanto, passível de descrição factual e previsão. Só será *estilo*, todavia, o desvio utilizado com fins expressivos; se assim não for, é apenas um desvio, como pudemos mostrar.

O conceito de desvio deverá levar em conta determinado registro linguístico, que passa a ser, assim, a norma através da qual se principiará o estudo estilístico. Será desvio, portanto, por exemplo, numa literatura de cordel, uma palavra erudita, que se terá afastado do registro vigente naquela literatura aludida.

Por isso, somente o contexto – ou a situação, como mostramos – determinará quando algo é ou não é desvio.

Não há correspondência inequívoca e infalível entre norma/desvio e gramática/estilística: há desvios sem expressividade (e que, pois, não interessam à estilística), há outros que assim se consideram apenas em relação a determinada norma, que não a culta (portanto não são infrações obrigatoriamente à gramática normativa, preocupada sobretudo com esta norma específica). Há, por fim, elementos estilísticos que se calcam tão só na gramática, pois que se utilizam desta, em suas inúmeras possibilidades sistêmicas oferecidas, a fim da construção do texto.

O desvio expressivo deve ser entendido antes do mais como *criatividade*, ou como *recriação* em todos os níveis da língua, sem que, para isso, seja necessário ferir-se o código. Daqui, Lefébvre aponta duas espécies de desvio literário: 1) desestruturação (ou violação) da norma e 2) "estruturação de novas formas de expressão não conflitantes com as regras usuais".

1.2 Emotividade e expressividade

O estudo estilístico se relaciona aos elementos capazes de despertar conteúdos emotivos.

Para Mattoso Câmara, só é fato de estilo a peculiaridade do escritor que é utilizada para fins de exteriorização psíquica.

Bally considera a estilística como o estudo dos fatos expressivos da linguagem sob o parâmetro do conteúdo afetivo. Para ele, há três zonas de aplicação da estilística:

a) a linguagem em geral (universais estilísticos);
b) uma certa língua (estilística da *langue*);
c) o sistema expressivo de um indivíduo (estilística da *parole*).

Nem sempre haverá distinção nítida entre o emotivo e o expressivo. Para Bally, é expressivo todo fato linguístico associado à emoção, isto é, à força de persuadir.

Para Riffaterre, as palavras não são constantemente poéticas. Por isso, prefere falar em *poetização*, processo através do qual se impõe à atenção do leitor, em dado contexto, certa palavra, tornando-se, aí, poética.

Dessa forma, o método estilístico deve recorrer constantemente à noção de contexto.

1.3 Denotação e conotação

O método estilístico também deve levar em conta o contraste existente entre os aspectos conotativo e denotativo da linguagem, este último o que se convencionou chamar de "grau zero".

Os componentes afetivos instauram a atmosfera conotativa. A denotação, por outro lado, se calca nos aspectos conceituais.

Segundo Herculano de Carvalho, a denotação se liga ao núcleo intelectual ou conceptual do significado, ao passo que à conotação caberá a margem volitivo-emotiva que o envolve.

Como nem sempre as conotações de uma palavra se restringem a um indivíduo, mas à massa coletiva em que este está inserto, cumpre falar em duas conotações:

a) mito individual;
b) mito coletivo

Para "mito coletivo", Jung empregou o termo "arquétipo" baseado, também, na dicotomia a que se alude acima: individual *vs*. coletivo. Junito de Sousa Brandão, em sua obra prima "Mitologia Grega" (I volume, p 37) diz:

> Nos mitos, esses conteúdos remontam a uma tradição, cuja idade é impossível determinar. Pertencem a um mundo do passado, primitivo, cujas exigências espirituais são semelhantes às que se observam entre culturas primitivas ainda existentes. Normalmente, ou didaticamente, se distinguem dois tipos de imagens:
> a) imagens (incluídos os sonhos) de caráter pessoal, que remontam a experiências pessoais esquecidas ou reprimidas, que podem ser explicadas pela anamnese individual;
> b) imagens (incluídos os sonhos) de caráter impessoal, que não podem ser incorporados à história individual. Correspondem a certos elementos coletivos: são hereditários.

Também é estritamente relacionado ao conceito de conotação o de metaforização e/ou analogia. Geralmente uma palavra se associará com outra que:

a) possa substituí-la em certo contexto;
b) reevoque alguma identidade fônica ou grafêmica;
c) possua estrutura semântica total ou parcialmente idêntica;
d) possa combinar-se com ela.

2 Os desvios estilísticos

Só deverá ser classificada como desvio estilístico a figura que encerrar traços expressivos. A figura não visa à informação, mas à apreensão de uma realidade particular da coisa, o que se denomina de *presentificação.*

2.1 Figuras ou metáboles

Dubois, partindo da antiga retórica (presente, por exemplo, em Aristóteles e Cícero), levou em conta os planos da expressão e do conteúdo, distinguindo, para tanto, no plano da expressão, os

metaplasmos (nível da morfologia) das *metataxes* (nível da sintaxe), e, no do conteúdo, os *metassememas* (nível da semântica e/ou da palavra) dos *metalogismos* (nível da lógica).

2.1.1 Metaplasmos

Desvios ocorridos na forma das palavras, isto é, em sua constituição sonora. São, basicamente:

a) aférese: supressão de fonema ou sílaba no início da palavra;
b) síncope: supressão de fonemas no meio da palavra;
c) apócope: supressão de fonemas no fim da palavra;
d) prótese: acréscimo de fonema no início da palavra;
e) epêntese: acréscimo de fonema no meio da palavra;
f) paragoge: acréscimo de fonema no fim da palavra.

Excelentes trabalhos sobre metaplasmos há na *Gramática Histórica*, de Ismael de Lima Coutinho e no *Dicionário de Filologia e Gramática*, de Mattoso Câmara Jr.

Trazemos, de nossa parte, exemplos, quer sejam estes do âmbito sincrônico, quer o sejam do diacrônico, quer o sejam, por fim, do campo da versificação:

a) aférese: ‘strela
b) síncope: espr’rança
c) apócope: (sermone- >) sermon (donde: *sermão*; daí o pl. em -ões, cf. term. -one-)
d) prótese: aleijão
e) epêntese: (cranguejo >) caranguejo
f) paragoge: clube

Quanto a estrangeirismos, poderá ocorrer, simultaneamente, prótese e paragoge: *e*stress*e*, *e*snob*e*.

Tais modificações são as mesmas que ocorrem na análise da evolução da língua, isto é, em sua análise diacrônica.

Observação:

Há também infrações às regras ortográficas; tais infrações constituem os *metágrafos*, comuníssimos nos oniônimos, como *Kibon*.

2.1.2 Metataxes

Desvios que afetam a estrutura sintática. Por requererem extrema habilidade do autor (e do estilicista), as infrações à sintaxe podem ser encaradas como tendo partido de recurso

estilístico, quando teriam sido, muita vez, mero descuido ou desconhecimento por parte de quem dela lançou mão.

2.1.3 Metassememas

Para Dubois, é a figura através da qual se substitui um semema por outro, modificando-se, assim, o conjunto de semas do grau zero.

2.1.4 Metalogismos

São aquelas figuras que rompem o aspecto lógico do discurso. São também chamados de "figuras de pensamento". Para Dubois, todo metalogismo estabelecerá uma referência a um dado extralinguístico. Os paradoxos são excelentes exemplos:

2.2 Clichês

A característica mais forte do discurso literário não é o conteúdo, mas a forma. Assim , conforme disse Bally, nada se gasta tanto quanto o próprio uso expressivo, que, aos poucos, tende a se tornar, por repisado que estaria, ainda menos expressivo e comum do que o que outrora assim era considerado.

Para Riffaterre, não se deve confundir desgaste com banalidade. Por isso, o clichê, sendo banal, poderá não perder sua eficácia, funcionando como agente de expressividade.

3 A escolha estilística

3.1 Seleção e combinação

Conhecendo a dicotomia saussuriana *paradigma-sintagma*, chegamos aos dois níveis de que se estrutura a escolha estilística: de um lado, o plano da seleção (paradigmático); do outro, o da combinação linear (sintagmático). Isto é, para que se processe um enunciado, encontrando este efetivamente sua *realização* (plano expressivo, cf. Guiraud), terá sido necessário, antes, ter havido um outro processo, mais ou menos inconsciente, de *seleção* (plano impressivo). Tudo isso, é bom frisarmos, constituirá a escolha estilística.

É conhecida a noção de Chomsky segundo a qual, de um inventário finito, constrói-se um número infinito de frases. Se levarmos tal constatação ao âmbito do sistema da língua, veremos que não se poderá fazer apenas um número infinito de *frases*, senão que, outrossim, de *sílabas* (provenientes dos fonemas), de *palavras* (provenientes das sílabas e de novos ou já consolidados morfemas), de *grafemas* (provenientes das letras) e assim por diante. (Num

processo diacrônico mais intensamente analisado, poder-se-ão observar, também, alterações de fonemas, provenientes, por fim, dos fones.) Como sabemos, é o sistema responsável por inúmeros inventários de uma língua: fonemas, morfemas, ordens (sintaxe) etc. Ele é, enquanto sistema, eixo paradigmático, porque é apenas latência, possibilidade. A norma é, esta sim, a efetivação daquele sistema, sendo, em relação a ele, eixo sintagmático. A mesma norma não o será, contudo, em relação à fala (ou falar concreto): quanto a esta, a norma constitui, também ela, eixo paradigmático, sendo a fala, sim, o sintagmático.

Como vemos, a norma é *langue* do sistema e *parole* da fala. A estilística estuda apenas o plano do falar concreto, devendo conhecer, para isso, os dois planos paradigmáticos existentes em relação a este falar: o sistema e a norma da língua. Como são muitas as normas, constata-se quão acurado há de ser o trabalho de um estilicista e de um estilólogo que visem à empresa definitiva de um levantamento e descrição estilística. O trabalho que ora levamos a termo terá como escopo, contudo, apenas o plano da *frase*, ficando, assim, na sintaxologia.

3.2 Parataxe (coordenação) e hipotaxe (subordinação)

Na coordenação – relacionamento sintagmático em que as naturezas sintáticas dos termos ou orações se equivalem –, há supremacia, por assim dizer, do caráter afetivo, ao passo que, na subordinação – em que funcionalmente as unidades são desiguais, dependentes, portanto, umas de outras –, a rigidez, *grosso modo*, de um raciocínio lógico impõe supremacia de linguagens técnico-científicas, especializadas ou congêneres). Dessa maneira, a coordenação (parataxe) estaria ligada à espontaneidade, à velocidade e fluidez. A subordinação (hipotaxe), devido à necessidade de concatenação hierárquica, ligar-se-ia à construção lógica premeditada.

Modernamente, contudo, nota-se tendência à escolha de frases e disposições por meio quase que exclusivo da parataxe.

Observação:

Nos fluxos de consciência, entretanto, essa mesma hipotaxe há de servir, antes, como dimensionadora do estado afetivo. Assim ocorre, por exemplo, com M. Proust, J. Joyce, V. Woolf, A. Herculano e outros.

4 O simbolismo fonético

4.1 Definição do problema

Há, entre as palavras e os objetos, ligação necessária? Ou, ao invés disso, os nomes são resultados da arbitrariedade e imotivação integralmente?

Se, por um lado, os objetos podem realmente ser definidos por qualquer palavra, por outro haverá uma como evocação, fomentada, sobretudo, pela constituição fonológica da palavra, espécie, pois, de vinculação entre som e sentido.

4.2 Arbitrariedade versus motivação

Saussure divisou no signo duas faces indissociáveis:

a) significante: aspecto sensorial (arbitrário, segundo ele);
b) significado: conceito que se atribui ao objeto.

As interjeições e as onomatopeias não constituiriam provas em contrário à arbitrariedade do signo (mais proximamente do significante), uma vez que seriam também convencionadas, o de que faz prova o serem diferentes de língua para língua.

No *Crátilo* de Platão se acham as concepções básicas acerca das relações entre as palavras e as coisas. A distinção se calca sobre os conceitos de *Physei* (natureza, anomalia) e *Thései* (convenção, analogia).

Para Demócrito, que será aqui rechaçado por Platão, a linguagem teria sua origem calcada na arbitrariedade. Crátilo defende a *Physei*, contrariamente a Hermógenes, defensor, portanto, da *Thései*. Segundo os partidários da "Natureza", as palavras continham em si mesmas a verdade do objeto nomeado (daí que "etimologia" = "estudo da verdade, do étimo"), e apenas por *anomalia* um nome poderia afastar-se de sua natureza imanente – que é o objeto. Viam, pois, ligação imediata e indivisível entre o significante e o significado, sendo ambos *motivados*. Haja vista que apenas os verdadeiros conhecedores da natureza intrínseca de um objeto, como os deuses do panteão olímpico, poderiam dar-lhe nome.

Assim, conclui-se que Platão – <u>anomalista</u> – fia sua imagem de língua sobre o conceito da mímese, ou imitação ideal de um objeto.

Na Idade Média, a língua era entendida como espelho (lat. *speculum*). Para os gramáticos de tal época (os especulativos ou <u>analogistas</u>), o vocábulo não refletia de modo direto a natureza das coisas.

Porém "os estoicos defendiam a *anomalia* pela dialética, argumentação de caráter teológico, visando à criação de uma ciência da verdade" (Horácio R. de Freitas, ob. cit., 87).

No séc. XIX, com os naturalistas, voltou-se à concepção aristotélica da linguagem – a analogia (Aristóteles aplicou tal método na Zoologia) –, vendo-se nas ciências naturais a explicação da linguagem (daí, a propósito, o fato de tantos vocábulos ligados à Linguística homônimos – porque daí provenientes – da natureza: raiz, família, tronco, núcleo etc.).

Hoje em dia, pode-se falar em três tipos de motivação: *fonética, morfológica e semântica.*

Para Georges Mounim (citando Gramont), o valor atribuído aos fonemas é apenas potencial.

Segundo Lévi-Strauss, o signo linguístico é arbitrário *a priori* e motivado *a posteriori*.

Os trabalhos de Boas e Benveniste, seguindo o predecessor de Jakobson, aprofundaram os de Saussure. Seus exemplos básicos foram:

a) certos vocábulos tendem a se agrupar foneticamente segundo o sentido mais ou menos próximo que indicam (*pater, mater, frater*);
b) palavras derivadas possuem relacionamento paradigmático, evidenciando, portanto, uma motivação intralinguística;
c) a proximidade entre dois ou mais significados tende a apresentar proximidade entre os significantes;
d) nas línguas indo-europeias, o grau dos adjetivos apresenta acréscimo de fonemas;
e) o plural é mais extenso que o singular.

Para Alfredo Bosi, a motivação que age no signo atuará nos sons, nas formas gramaticais, no vocabulário e nas relações sintáticas.

Os estudiosos da *Gestalt* procuram achar relações profundas entre e sentido das coisas (incluindo-se as formas que têm estas) e o som das palavras que as nomeiam.

Não se deve negar que certos fonemas possuem características sinestésicas (propriedades *fisiognômicas*).

Assim, embora a tendência moderna seja no sentido da arbitrariedade do signo, não se deve deixar de ver a intenção imitativa que, não raro, medeia o som e o próprio sentido.

4.3 Valores do significado

"Valores" em estilística têm a acepção de afetividade, o que ultrapassa, pois, o âmbito do referencial.

Para Wittgenstein, só há significado no uso. Como vimos tanto os anomalistas quanto os analogistas imputavam igualmente ao uso a razão das mudanças de sentido no vocábulo.

Segundo Heidegger, "a linguagem é a casa do ser".

Os valores afetivos conhecem as seguintes variações, de acordo com José L. Monteiro:

a) temporais;
b) regionais;
c) sociais;

d) individuais;
e) situacionais.

Para Kurt Baldinger (*apud* Horácio R. de Freitas), a *expressão* depende dos seguintes fatores:
a) diferenciação social;
b) diferenciação profissional;
c) diferenciação de sexo;
d) diferenciação de idade;
e) diferenciação de arcaísmos e modernismos;
f) diferenciação de cultismos e popularismos.

4.4 Potencialidade expressiva dos fonemas

Os efeitos expressivos suscitados pela escolha dos fonemas se dividem em:
a) vocálicos: intensificam as sensações visuais;
b) consonantais: relacionam-se às demais espécies (auditivas, cinéticas, tácteis etc.).

Para que se exemplifique, a repetição de vogais abertas marcará indício de formas claras e amplas. As vogais fechadas, ao contrário, hão de evidenciar ambientes soturnos.

Pode-se atribuir a cada vogal certos valores potenciais:
A: amplitude, iluminação;
I: estreitamento, pequenez, agudeza;
O: formas arredondadas;
U: fechamento, escuridão

Observação:

De acordo com levantamentos léxicos em língua portuguesa, a sua vogal mais recorrente é o *E*, pelo que seria de certa forma desprovida, pelo menos em caráter tão nítido quanto o há nas demais vogais, de caráter sugestivo-evocador.

4.5 Fenômenos de motivação sonora

Para Walter Porzig, há três modalidades de motivação sonora: *imitação sonora, correspondência articulatória e transferência sonora*.

Tristan Todorov, utilizando os mesmos conceitos, adota, contudo, terminologia distinta: *imitação sonora, ilustração sonora e simbolismo sonoro*.

a) A imitação sonora é a correspondência entre os sons físicos e os sons linguísticos. Aí estão as onomatopeias. Tal imitação resulta, no discurso literário, da seleção e combinação dos vocábulos, ou o que se pode chamar de "harmonia imitativa".
b) A ilustração sonora se dá nos casos em que não há intenção imitativa, pela própria natureza do objeto designado, que seria, pois, infenso à imitação descritiva, por incapazes que seriam de produzir sons por si sós.
c) O simbolismo sonoro está relacionado aos estados de alma. É um procedimento muito subjetivo e, por isso mesmo, de dificílima análise.

4.6 Sugestões rítmicas

A motivação sonora agirá sempre em função do ritmo. Os sons das palavras isoladamente são inexpressivos, pois necessitam do suporte rítmico.

Há três espécies de motivação provocada pelo ritmo: imitação, ilustração e simbolismo.

No nível da frase, há geralmente dois segmentos:

a) prótase (ascensão);
b) apódose (descensão).

Referências bibliográficas

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990.

AGUIAR, Marcus A. M. de. *Tópicos de Mecânica Clássica* http://www.ifi.unicamp.br/~aguiar/top-mec-clas.pdf <Acesso em 5 de abril de 2012>.

ALI, M. Said. *Grammatica histórica da língua portugueza*. 2ª edição. São Paulo, Melhoramentos: 1931.

________. [1921] *Gramática histórica da língua portuguesa*. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964.

________. *Gramática secundária da língua portuguesa*. Ed. Ver. E coment. Por Evanildo Bechara. São Paulo: Melhoramentos, 1964 [1927].

ALMEIDA, Napoleão M. *Gramática Metódica da Língua Portuguesa*. São Paulo: Saraiva, 1952.

ALVES, Rubem. *Filosofia da ciência. Introdução ao jogo e a suas regras*. 9. ed. São Paulo, Edições Loyola, 2000.

ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. Tradução de Denise Botmann. São Paulo: Companhia das letras, 2013.

ANDRADE, Carlos Drummond. *Antologia poética*. R. de Janeiro: Editora do Autor, 1962.

ANTUNES, Irandé. "Repensando o objeto de ensino de uma aula de português". In *Aula de Português: encontro e interação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

ARISTÓTELES.. De interpretatione. 16a3. <http://www.ifcs.ufrj.br/~fsantoro/ousia/traducao_deinterpretatione.htm>. Acesso em 20 de outubro de 2013.

________. *Éthique à Nicomaque*. Paris: Le Livre de Poche, 1991a.

________. *Retórica*. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1991b.

________. *Retórica*. Introdução de Manuel Alexandre JÚNIOR. Tradução do grego e notas de Manuel Alexandre JÚNIOR, Paulo Farmhouse ALBERTO e Abel do Nascimento PENA. Lisboa: INCM, 1998.

ARNAULD, Antoine; LANCELOT, Claude. *Gramática de Port Royal. Trad*. Bruno Fregni Bassetto e Henrique Graciano Murachco. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

AUSTIN, J.L. *How to do things with words*. New York, Oxford, University Press, 1965.

AUROUX, Sylvain. A revolução tecnológica da gramatização. Tradução de Eni Puccinelli Orlandi. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2009 [1992].

AZEREDO, José Carlos de. *Dicionário Houaiss de conjugação de verbos*. São Paulo: Publifolha, 2012.

________. *Ensino de português: fundamentos e objetos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2008.

________. *Gramática Houaiss da Língua Portuguesa*. São Paulo: Publifolha, 2010.

________. *Idioma, 21*. Rio de Janeiro: Centro Filológico Clóvis Monteiro – UERJ, 2001, p. 6-13. Disponível em: <http://www.institutodeletras.uerj.br/revidioma/21/idioma21_a01.pdf>. Acessado em 10 de setembro de 2013.

________. *Iniciação à sintaxe do português*. 9. edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

AZEVEDO FILHO, Leodegário Amarante de. *Para uma gramática estrutural da língua portuguesa.* Rio de Janeiro: Edições Gernasa, 1971.

BAKHTIN, Mikhail. *Dialogismo e construção de sentido*. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

________. *Estética de la creación verbal*, trad. Tatiana Bubnova, Ciudad del México, Siglo Veintiuno, 1982.

________. "Os gêneros do discurso". In. Estética da criação verbal. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. São Paulo: Martins Fontes, 2000, p. 236-277.

________. VOLOSHINOV. *Freudismo: um esboço crítico*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo, Perspectiva, 2001.

BALLY, Charles. *L'arbitraire du signe. Valeur et signification*. Paris, Albin Michel, 1940.

________. *Le langage e la vie, 1913. Traité de stylistique française*. Paris. PUF, 1909.

BANDEIRA, Manuel. *Os melhores poemas de Manuel Bandeira*. São Paulo: Global Editora, 2003.

BARBOSA, Jeronymo Soares. *Grammatica Philosophica da Lingua Portugueza*. 6. ed. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1875 [1822].

BARRETO, Therezinha M. M. *Gramaticalização das conjunções na história do português*. Tese de doutorado, UFBA, Salvador (Bahia), 1999.

BARROS, Diana Luz Pessoa de. "Dialogismo, Polifonia e enunciação". In: BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. São Paulo: EdUSP, 2003.

BARROS, João de. *Gramática da Língua Portuguesa*. Olisippone, Ludonicum Rotovigiu Typographum, s/d [1540].

________. *Gramática da língua portuguesa*. Ed. Maria Leonor Carvalhão Buescu, Lisboa, Universidade de Lisboa, 1971.

BARTHES, Roland. *O grau zero da escrita*. São Paulo, Martins Fontes, 2004.

BECHARA, Evanildo. *As fases históricas da língua portuguesa: tentativa de proposta de nova periodização*. Tese de concurso para professor titular de Língua Portuguesa da Universidade Federal Fluminense, 1985.

________. *Gramática Escolar da Língua Portuguesa*. 1. edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

________. "Gramática funcional: natureza, funções e tarefas". In: MOURA NEVES, M. H. (org.). *Descrição do Português II*. Publicação do curso de Pós-Graduação em Língua Portuguesa, Ano V, n. 1, UNESP – Campus de Araraquara, 1991.

________. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral*. Volume I. São Paulo: Companhia Editora Nacional, Editora da USP, 1976.

________. *Problemas de linguística geral*. Volume II. São Paulo: Pontes, 2006.

BLOOMFIELD, Leonard. *Language*. Delhi, Motilal Banarsidas Publishers Private, 2005.

BOMFIM, Eneida. do R. M. *Advérbios*. São Paulo: Ática, 1988.

________. "Advérbios, preposições ou conjunções? Fronteiras entre classes de palavras". In: VALENTE, André (org.) Aulas de Português: Perspectivas inovadoras. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999a.

________. "Conectores no português arcaico". In: DUARTE, L.P. (coord.). *Para sempre em mim. Homenagem à Profa. Ângela Vaz Leão*. BH: CESPUC, 1999b.

________. "Considerações sobre a história dos tempos compostos em português". In: Mateus. M.H & CORREIA, C. N. *Saberes no tempo. Homenagem a Henriqueta Costa Campos*. Lisboa, Colibri: 2002. pp. 111-128.

BORBA, Francisco S. (coord.). *Dicionário gramatical de verbos do português contemporâneo do Brasil*. São Paulo: Editora da UNESP, 1990.

________. *Organização de dicionários. Uma introdução à lexicografia.* São Paulo: Editora UNESP, 2003.

BORGES, Jorge Luís. "Sobre o Rigor na Ciência". In: *História Universal da Infâmia*. trad. de José Bento, Assírio e Alvim, 1982.

BOURDIEU, P. ([1972]). *Esboço de uma teoria da prática*. In: ORTIZ, R. (org.) e FERNANDES, F. (coord.) Pierre Bourdieu – Sociologia. São Paulo: Ática. PP. 46-81 [Esquisse d´une théorie de La pratique. Genebra: Lib. Droz], 1983.

BRAGA, Maria Luiza & MOLLICA, Maria Cecilia. *Introdução à Sociolinguística. O tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2010.

BRANDÃO, Junito de Sousa. *Mitologia Grega* (3 volumes). 12a ed., Petrópolis: Vozes, 1998.

BRANDÃO, Helena Nagamine. *Introdução à análise do discurso*. 7. ed., Campinas, SP: Unicamp, 1998.

BRAIT, Beth. “Análise do discurso e argumentação: o exemplo da ironia”. In: MARI, H et al. (Orgs.) *Fundamentos e dimensões da análise do discurso*. Belo Horizonte, Carol Borges-Núcleo de Análise do Discurso. FALE-UFMEG, 1999.

________. *Ironia em perspectiva polifônica*. 2. ed. Campinas, SP.: Editora UNICAMP, 2008.

BRÉAL. Michel. *Essai de sémantique. Science des significations*. Paris, 1897 [1987].

________. *Ensaio de Semântica. Ciência das significações*. São Paulo: EDUC/PONTES, 1992.

BRETON, Philippe. *A manipulação da palavra*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BREUILLY, John. “Abordagens do nacionalismo”. In: BALAKRISHNAM, Gopal (org.). *Um mapa da questão nacional*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000, pp. 155-184.

BROCARDO, Maria Teresa (ed.) Crónica do Conde D. Pedro de Meneses, Dissertação de Doutoramento, Lisboa, 1994. F.C.S.H., pp. 333-693. Fonte: http://cipm.fcsh.unl.pt Acesso em: 10 de janeiro de 2011.

BRONCKART, Jean-Paul. *O agir nos Discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores*. Mercado de Letras: Campinas, São Paulo: 2008.

BRONDAL, Vigo. *Le français, langue abstraite*. Levin & Munksgaard: Copenhaguem, 1936.

BUARQUE, Chico. “Gota d´água”. In: http://www.letras.com.br/chico-buarque/gota-dagua acessado em 15 de novembro de 2010.

BUCHANAN, David & HUCZYNSKY, Andrzej. *Organizational Behaviour: an Introductory Text [Paperback]*. Edinburgh: Pearson, 2004.

BÜHLER, Karl. *Sprachtheorie. Die Darstellungsfunktion der Sprache*. Iena, 1934.

BURRIDGE, K. “Approaches to grammaticalization”. Review article. Journal of Linguistics, v. 29, n. 1, pp. 167-173, 1993.

CAETANO, Marcelo Moraes. *Caminhos do texto. Produção e interpretação textual*. 1ª. Ed., Rio de Janeiro, Editora Ferreira, 2010.

________. *Desafios da redação*. Rio de Janeiro, Editora Ferreira, 2012a.

________. *Gramaticalização – de Meillet aos dias contemporâneos: parâmetros para uma pesquisa sob perspectiva pancrônica*. Dissertação de mestrado (orientadora: Eneida do Rego Monteiro Bomfim). Rio de Janeiro: Maxwell-Lambda-PUC-Rio, 2011.

________. *Gramática Reflexiva da Língua Portuguesa*. 2ª. Ed., Rio de Janeiro, Editora Ferreira, 2009.

________. *Instâncias do sentido – o Dicionário e a Gramática: múltiplas interconexões semiológicas*. Rio de Janeiro, Academia Brasileira de Filologia, 2012b, disponível em <http://www.filologia.org.br/instanciasdosentido.pdf>.

________. *Teoria geral da gramaticalização: introdução ao jogo e a suas regras*. Tese de Doutorado em Língua Portuguesa, aprovada em 31 de março de 2014. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Biblioteca digital da UERJ, 2014.

________. & CHINI, Alexandre. Argumentação jurídica. Indo além das palavras. Brasília: OAB, 2020.

CALLOU, Dinah & LEITE, Yonne. *Iniciação à fonética e à fonologia*. Rio de Janeiro: Zahar, 1990.

CALVET, Louis-Jean. *Sociolinguística: uma introdução crítica*. Tradução de Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola, 2002.

CÂMARA JR. Joaquim Matoso. *Dicionário de Filologia e Linguística*. Rio de Janeiro. J. Ozon, 1957.

________. *Dicionário de Filologia e Gramática*. Rio de Janeiro: J. Ozon Editor, 1965.

________. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 33. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

________. Para o estudo da fonêmica portuguesa. Rio de Janeiro, Padrão, 1977.

________. Princípios de linguística geral, 3. ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

________. Problemas de linguística descritiva. Petrópolis: Vozes, 1969.

CAMÕES, L. de. *Os Lusíadas*. Edição crítica de Francisco da Silveira Bueno. São Paulo: Ediouro.

CAPELLA, Joseph N. “An evolutionary psychology of Gricean cooperation”. Journal of Language and Social Psychology 14, 1995, p. 167–181.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da física*. Tradução de José Fernandes Dias. São Paulo: Cultrix, 1983.

CGE. Crônica Geral de Espanha. Lisboa, Casa da Moeda, 1955.

CARONE, Flávia de Barros. Morfossintaxe, 7. ed. São Paulo, Editora Ática, 1998.

________. *Subordinação e coordenação, confrontos e contrastes*. 5. ed., São Paulo, Editora Ática, 1999.

CARROLL, John B. *Language, Thought and reality* – selected writings of Benjamin Lee Whorf. Massachussetts, The MIT press, 1998.

CARVALHO, José Herculano de. *Teoria da linguagem*. *Natureza do fenômeno linguístico e a análise das línguas*. Tomos I e II. Coimbra: Atlântida Editora, 1974.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. 4. ed. Trad. J. Guinsburg, Mirian Scahnaiderman. São Paulo: Perspectiva, 2009.

CASTILHO, Ataliba de. *A gramaticalização. Cadernos de estudos linguísticos e literários*. Salvador: UFBA, 1997.

________. "Língua falada e gramaticalização". In: *Filologia e Linguística* Portuguesa, n. 1, p. 107-120, 1997.

CASTRO, Ivo et al (eds.) *Vidas de Santos de um Manuscrito Alcobacense* (Cod. Alc. cclxvi / antt 2274), Lisboa, 1985, i.n.i.c., pp. 16-52; 59-83. Fonte: http://cipm.fcsh.unl.pt acessado em 21 de dezembro de 2012.

CHARAUDEAU, Patrick & MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. São Paulo: Editora Contexto, 2012.

CHAVES DE MELO, Gladstone. *Iniciação à filologia e à linguística portuguesa*. 5. Ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1975.

CHOMSKY, Noam. *Estruturas sintáticas*. Lisboa: Edições 70, 1980 [1957].

________. *Structures syntaxiques*. Tradução de Michel Braudeau. L´ordre philosophique. Coleção dirigida por Paul Ricoeur e François Wahl, Paris, Éditions du Seuil, 1969 [1957].

CINTRA, L. F. L. *Crónica Geral de Espanha de 1344*. Edição crítica do texto português. Lisboa: Academia Portuguesa da História, 1954. vols. II e III. Fonte: http://cipm.fcsh.unl.pt.

COSERIU, Eugenio. *Sincronia, diacronia e história. O problema da mudança linguística*. Tradução de Carlos Alberto da Fonseca e Mário Ferreira. Rio de Janeiro: Presença, Editora da Universidade de São Paulo, 1979a.

________. *Teoria da linguagem e linguística geral*. Tradução de Agostinho Dias Carneiro. Rio de Janeiro: Presença, Editora da Universidade de São Paulo, 1979b.

________. *Teoria del lenguage y lingüística general*. Madri: Gredos, 1967.

COURTENAY, Baudouin de. *Versuch einer Theorie der phonetischen Alternationen. Strassburg*. 1895.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Gramática Histórica.* Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1972.

CRAIG, C. Ways to go in Rama: "A case study in Polygrammaticalization". In: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). Approaches to grammaticalization, v.2, Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins, 1991, pp. 455-492.

CUENCA, Maria Josep & HILFERTY, Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Ariel, 1999.

CULIOLI. A. "La formalisation em linguistique", In: *Cahiers pour l´analyse*. n. 9, 1968.

CUNHA, Antônio G. da. [1982] Dicionário *etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1997.

CUNHA, Celso & CINTRA, L. F. L. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

CUTER, Maria Elena, LERNER, Delia e TORRES, Mirta. "A tematização da prática na sala de aula". In: LERNER, Delia, NOGUEIRA, Neide PEREZ, Tereza. *Ensinar: Tarefa para profissionais*. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2007.

DASCAL, Marcelo. Fundamentos Metodológicos da linguística. Vol. I. M. Dascal. L. Bloomfield. N. Chomsky. G. Lakoff. M. Halliday, São Paulo, Global, 1978.

DAUZAT, Albert. Tableau de la langue française, Paris, Payot, 1953.

D. DINIS. C.V. n. 192. In: Nunes, JJ. Crestomatia Arcaica. 5ª ed. Lisboa, Clássica.s.d., p. 380, In: Mateus. M.H. e Correia.C.N.. Saberes no tempo. Homenagem a Maria Henriqueta COSTA Campos. Lisboa, Colibri, 2002. pp. 111-128.

DELEUZE, Gilles. L´Île deserte et autres textes: textes et entretiens 1953-1974, Paris, Minuit, 2002.

DIAS, Augusto Epifânio da Silva. Sintaxe Histórica Portuguesa, 3. ed., Livraria Clássica Editora, s/d.

DIK, Simon. The Theory of functional Grammar. Deordrecht-Holland/Providence RI-USA: Foris Publication, 1989.

DUBOIS, J. W. "Beyond definiteness: the trace of identity in discourse. In W. CHAFE (ed.) The pear stories. Norwood: Ablex, pp. 203-274, 1980.

________. "Competing motivations". In: J. HAIMAN (ed.). Iconicity in syntax. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, pp. 343-365, 1985.

DUCROT. Oswald. Le Dire et le Dit. Paris: Minuit, 1980.

________. Logique, structure, énonciation. Lectures sur le langage. Paris: Minuit, 1989.

FABRI, Kátia. *Da diferenciação das conjunções adversativas em diferentes tipos de textos escritos*. Dissertação de mestrado. UFU, Uberlândia (MG), 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. "Critical and descriptive goals in discourse analysis". Journal of Pragmatics 9, 1985, p. 739–793.

FÁVERO, Leonor Lopes. Coesão e Coerência Textuais. São Paulo: Ática, 1991.

FERRAZ, Maria José. *Ensino de língua materna*. O essencial sobre Língua Portuguesa. Lisboa: Caminho, 2007.

FIORIN, J. L. "A semiótica discursiva". In: LARA, Gláucia Muniz Proença; MACHADO, Ida Lúcia; EMEDIATO, Wander (orgs.). Análises do discurso hoje, vol.1. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

________. *Em busca do sentido: estudos discursivos*. São Paulo: Contexto, 2008.

________. Elementos de análise do discurso. São Paulo: Contexto; EDUSP, 2005.

________. “Intertextualidade e interdiscursividade”. In BRAIT, Beth. Bakhtin: outros conceitos-chave. São Paulo: Contexto, 2006.

________. Introdução à Linguística I: Objetos Teóricos e Introdução à Linguística II: Princípios de Análise. São Paulo: Contexto. 2002.

________. Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2006.

________. “Polifonia textual e discursiva”. In BARROS, Diana Luz Pessoa de & FIORIN, José Luiz (orgs.). Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade. São Paulo: EdUSP, 2003.

FOCAS, Júnia Diniz. “Dialética e argumentação: as categorias aristotélicas e o discurso”. In Análise do Discurso: gêneros, comunicação e sociedade. Emediato, Vander; MACHADO, Ida Lúcia; NONEGE, William (Orgs.). Belo Horizonte: NAD/POSLIN/FALE-UFMG, 2006.

FONTANILLE, J. Semiótica do discurso. São Paulo: Contexto, 2007.

FOUCAULT, Michel. A ordem do discurso. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FREITAS, Horácio Rolim de. Princípios de morfologia, 4. ed., Rio de Janeiro, Oficina do Autor, 1997.

GARCIA, Othon M. [1967] Comunicação em prosa moderna. 15. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1992.

GARDINER, Alan. The theory of Speech and Language. 2. ed. Oxford, 1951.

GAZDAR, Gerald. Pragmatics: Implicature, Presupposition and Logical Form. Academic Press, 1979.

GENOUVRIER, E. & PEYTARD, J. Linguística e ensino do português. Coimbra: Livraria Almedina, 1974.

GILBERTO GIL. “Estrela”. http://letras.terra.com.br/gilberto-gil/46205/ Acessado em 22 de novembro de 2010.

GILES, Howard. Accent mobility: a model and some data. Anthropological Linguistics. 15, 1973.

________. & OGAY, Tania. “Communication accommodation theory”. In: WHALEY, Bryan B., Communication. Contemporary Theories and Exemplars. Erlbaum, Mahwah, NJ, 2007, pp. 293–310.

________. MULAC, Anthony, BRADAC, James J., Johnson, Patricia,. Speech accommodation, Linguistics 30, 1987.

GIVÓN, T. Syntax I. Nova York: Academic Press, 1979.

GOFFMAN, Erving. The Presentation of Self in Everyday Life. Penguin, Harmondsworth. 1971.

GÓIS, Carlos. Sintaxologia (3 volumes), 10 ed., Edição e propriedade do autor, 1951.

GRAMMONT, Maurice. Traité de phonétique, 2. ed., Paris, Delagrave, 1939.

GRICE, Herbert Paul. “Further notes on logic and conversation”. In: COLE, Peter (Ed.). Syntax and Semantics, vol. 9. Academic Press, New York. 1978.

________. Logic and conversation. In: Cole, Peter, Morgan, Jerry L. (Eds.), Syntax and Semantics, vol. 3. Academic Press, New York, 1975.

________. “Lógica e conversação”. “Logic and Conversation”, parte das William James Lectures (1967), de H.P. Grice. A tradução deste artigo foi feita por João Vanderley Geraldi. Foi publicada no volume IV, intitulado Pragmática –Problemas, Criticas, na coleção Fundamentos Metodológicos da Linguística, organizada por Marcelo Dascal, em 1982, no Instituto de Estudos da Linguagem da UNICAMP. 1982.

________. “Presupposition and conversational implicature”. In: COLE, Peter (Ed.). Radical Pragmatics. Academic Press, New York, 1981.

________. Studies in the Way of Words. Harvard University Press, 1989.

GUARDA, Estevão da. Cantiga de Escárnio e Maldizer, 437. Fonte: http://cipm.fcsh.unl.pt acessado em 10 de janeiro de 2011.

GUIRAUD, Pierre. Semântica. Tradução e adaptação de Maria Elisa Mascarenhas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

GUMPERZ, John. Discourse Strategies. Cambridge University Press, Cambridge, 1982.

HALLIDAY, M.A.K. “Estrutura e função da linguagem”. In: LYONS, John. Novos horizontes em linguística. São Paulo: Cultrix, pp. 134-160, 1976.

HALLIDAY, M.K & HASAN, R. Cohesion in English. London: Longman, 1976.

HAUY, Amini Boainain. Vozes verbais. Sistematização e exemplário. São Paulo: Editora Ática, 1992.

HAWKING, Stephen. Breve história do tempo. Do Big Bang aos buracos negros. Tradução de Ribeiro da Fonseca. Prefácio de Carl Sagan. 3. ed. Lisboa: Gradiva, 1994.

HEGEL. Phänomenologie des Geistes, Berlin, Guttenberg Spiegel, 1807.

HEINE, B. et al. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago Press, 1991.

HEINE, B., CLAUDI, U. & HÜNNEMEYER, F. Grammaticalization: a conceptual framework. Chicago: The University of Chicago, 1991a.

________. “From cognition to Grammar. Evidences from African languages”. In: TRAUGOTT, E.C. & HEINE, B (orgs.) Approaches to grammaticalization. Amsterdam: John Benjamin, PP. 149-188, 1991b.

HEINE, B.; REH, M. Patterns of grammaticalization in African Languages. AKUP-47, Cologne: Universitätzu Köln, Institut für SAPRACHWISSENSCHAFT, 1984.

HEINE, Bernd & KUTEVA, Tania. World lexicon of grammaticalization. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

HEMAIS, B. & BIASI-RODRIGUES, B. “A proposta sócio-retórica de John Swales para o estudo de gêneros textuais”. In MEURER, J.L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. (Orgs.). Gêneros: teorias, métodos e debates. São Paulo: Parábola Editorial, 2005, p. 108-129.

HÉNAULT, Anne. História concisa da Semiótica. São Paulo, Parábola Editorial, 2006.

HENRIQUES, Claudio Cezar. “A Nomenclatura Gramatical Brasileira – quantos anos ela tem?” Rio de Janeiro, Inst. de Letras/UERJ – Texto mimeografado para distribuição interna, 2005.

________. *A nova ortografia*. 1. edição. Rio de Janeiro: Campus-Elsevier, 2008.

________. *Léxico e semântica*: *estudos produtivos sobre palavra e significação*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

________. *Sintaxe portuguesa para a linguagem culta contemporânea*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 1997.

________. “Três gramáticas de referência para os estudos do português”. Revista da Academia Brasileira de Filologia, 2. semestre, 2011 (p. 41-47).

________. & PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves (orgs). Língua e transdisciplinaridade. Editora Contexto: São Paulo, 2002.

HERCULANO, Alexandre. O bobo. Rio de Janeiro: Ediouro, 1990.

HJELMSLEV, L. Prolegomena to a theory of language. Madison: The University of Wisconsin Press, [1943], 1963.

________. Prolégomènes à une théorie du langage. Traduite du danois par Uma Canger, avec la collaboration d´Annick Wewer. Paris: Les éditions de minuit, 1966.

HOPPER, P. On some principles of grammaticalization. Amsterdam/Filadéffia: John Benjamins, 1991.

________. & TRAUGOTT, E. [1993] Grammaticalization. 2. ed. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, Antônio. Dicionário Eletrônico Houaiss. houaiss.uol.com.br.

________. Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006.

HUSSERL, Edmund. Investigações lógicas (Elementos de uma elucidação fenomenológica do conhecimento). Tradução Zeljiko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo, Nova Cultural, 1988.

ILARI, Rodolfo. “O estruturalismo linguístico: alguns caminhos”. In MUSSALIM, Fernanda & BENTES, Anna Christina (orgs.). Introdução à linguística. Fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, 2004.

ILARI, Rodolfo & GERALDI, João W. Semântica. São Paulo: Ática (Série Princípios), 1992.

JAKOBSON, Roman. Essais de linguistique Générale. Paris: Editions de Minuit, 1963.

________. Linguística e comunicação. Trad. De Izidoro Blikstein e José Paulo Paes. 22. ed. São Paulo, Cultrix, 2010.

________. Relações entre a ciência da linguagem e as outras ciências. Lisboa: Bertrand, 1973.

JESPERSEN, Otto. *La syntaxe analytique* (tradução de Anne-Marie Léonard), Paris, Les éditions de minuit, 1971.

________. *The philosophy of grammar*, London, 1929.

JOSEPH, Miriam. The Trivium: The Liberal Arts of Logic, Grammar, and Rhetoric. Paul Dry Books, 2002.

JUNG, Carl Gustav. *O Homem e seus Símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1977.

KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura* [Kritik der reinen Vernunft]. São Paulo: Martin Claret, 2009.

KEHDI, Valter. *Formação de palavras em português*. 2. ed., São Paulo: Ática, 1997.

KENEDY, Eduardo. "Gerativismo". In: Mario Eduardo Toscano Martelotta (Org.) Manual de linguística. São Paulo: Contexto, 2008, pp. 127-148.

KOCH, Ingedore. [1993] *A inter-ação pela linguagem*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2001a.

________. [1997] O texto e a construção dos sentidos. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001b.

________. *A coesão textual*. 10. ed. São Paulo: Contexto, 1998.

KORZYBSKI, A. Science and sanity, Lakeville, Conn.: The International Non-Aristotelian Library, 1958.

KUHN, Thomas S. "The structure of scientific revolutions" in Neurath, Otto et al. Foudations of the unity of science. Chicago, The University of Chicago Press, 1970.

KURY, Adriano da Gama. *Novas lições de análise sintática*. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

________. Para a explicação da Nova Nomenclatura Gramatical. 4. ed. Rio de Janeiro, AGIR, 1959.

KURYLOWICZ, J "The evolution of grammatical categories". In: Esquisses linguistiques II. Munique: Fink, pp. 38-54, [1965] 1975.

KRISTEVA, Julia. "A expansão da semiótica", in KRISTEVA, Julia, REY-DEBOVE, Josette, UMIKER, Donna J. Umiker. Ensaios de semiologia, volume I, Problemas Gerais, Linguística, Cinésica.

________. Introdução à semanálise. São Paulo, Editora Perspectiva, 1974.

________. La révolution du langage poétique. Seuil, 1974.

________. Polylogue. Paris, Seuil, 1977.

LACAN. J. "Lituraterra". In. Outros escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

LAKOKK, R. "If´s, And´s and But´s about conjunction". In: FILLMORE, C. LANGENDOEN, D. (eds.). Studies in linguistique semantics. New York: Holt, Rinehart and Winston, 1971.

________. & JONHSON, M. [1980] Metáforas da vida cotidiana. (Coords). trad. de Maria Sophia Zanotto. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

LAPA, Manuel Rodrigues. Estilística da língua portuguesa, 3. ed. São Paulo, Martins Fontes, 1991.

LEECH, Geoffrey, THOMAS, Jenny. Pragmatics. The state of the art. Lancaster Paper in Linguistics 48. University of Lancaster, 1988.

LEHMANN, C. "Grammaticalization and related changes in contemporary german." In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (eds.). Approaches to Grammaticalization, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, pp. 37-80, 1991.

________. Grammaticalization: Synchronic Variation and Dyachronic Change. Lingua e Stile, v. 20, n. 3, 1985, pp. 303-318.

________. Thougts on grammaticalization. A programmatic sketch. Colônia: Arbeiten des Köllner Universalien – Projekts 48, 1982.

LEITÃO, Luiz Ricardo. “Nomenclatura gramatical brasileira – 50 anos: um desafio das letras em uma experiência periférica de (pós-)modernidade”. In: Língua Portuguesa: descrição e ensino. PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves & VALENTE, André Crim. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

LEONI & KERLAKHIAN. “Só pro meu prazer”. Disponível em: <http://letras.terra.com.br/leoni/101923/> Acesso em: 8 de novembro de 2011.

LEVINSON, Stephen C. Pragmática. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LICHTENBERK, F. “On the gradualness of grammaticalization. In: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.). Approaches to grammaticalization, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamin Publishing Company, pp. 37-80, 1991.

LOBATO, Lúcia Maria Pinheiro. Sintaxe gerativa do português: da teoria padrão à teoria da regência e ligação. Belo Horizonte, Ed. Vigília Ltda., 1986.

LONGHIN, Sanderléia R. *A gramaticalização da perífrase conjuncional só que*. Tese de doutorado. UNICAMP, Campinas, 2003.

LUCCHESI, Dante. *Sistema, mudança e linguagem: um percurso na história da linguística moderna*. São Paulo. Parábola Editorial: 2004.

LUFT, Celso Pedro. *Gramática resumida: explicação da Nomenclatura Gramatical Brasileira*. 8. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

________. Moderna gramática brasileira: edição revista e atualizada. São Paulo: Globo, 2002.

LYONS, John. As ideias de Chomsky. Trad. de Octanny Silveira da Mota e Leonidas Hegenberg, São Paulo: Editora Cultrix, 1970, pp. 28-82.

________. *Linguistique générale. Introduction à la linguistique théorique*. Traduction de F. Dubois-Charlier et D. Robinson. Paris: Librairie Larousse, 1970.

MACEDO, Joaquim Manuel de. *A moreninha*. <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/Livros_eletronicos/a_moreninha.pdf>. Acesso em novembro de 2013.

MACHADO DE ASSIS, J. M. *Quincas Borba*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1973.

MACIEL, Maximino. [1894] *Grammatica descriptiva*. 12. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Francisco Alves, 1931.

MAGNE, A. *A Demanda do Santo Graal*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, 1970, vol. II (Edição fac-similar).

MAINGUENEAU, Dominique. *Cenas da enunciação*. Curitiba: Criar, 2006.

________. “Problemas de ethos”. In *Cenas da enunciação*. Tradução Sírio Possenti. Curitiba: Criar, 2006, p. 52-71.

MARCONDES, Danilo. A pragmática na filosofia contemporânea. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARCUSCHI, L.A. *Da fala para a escrita. Atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

________. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade” In DIONÍSIO, A.P.; MACHADO, A.R.; BEZERRA, M.A. Gêneros textuais e ensino. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

MARCUSE, Herbert. Cultura e psicanálise. Tradução Wolfgang Leo Maar, Robespierre de Oliveira e Isabel Loureiro. 3. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

MARQUES, Maria Helena Duarte. Iniciação à semântica. Rio de Janeiro: Zahar, 1989.

MARTELOTTA, Mário E. et al. “Gramaticalização e discursivização de assim”. In: MARTELOTTA, Mário E. et al. Gramaticalização no português do Brasil: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro: UFRJ, Departamento de Linguística e Filologia, 1996.

MARTINET, André. Elementos de linguística geral. Tradução de Jorge de Morais Barbosa. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1985 [1970].

________. Estudios de sintaxis funcional. Madrid: Gredos, 1978.

MARX. K. *Para a crítica da economia política*. São Paulo, Abril Cultural: 1982.

MATOS, Gregório de. Obra Poética, de Gregório de Matos, 3ª edição,. Editora Record, Rio de Janeiro, 1992.

MATOS, Lucia Helena Lopes de. A metáfora e a intertextualidade: uma realização multicultural na Língua Portuguesa. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2006.

MATTOS e SILVA, Rosa Virgínia [1991] *O português arcaico: fonologia*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

________. [1994] *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MAURER Jr., Theodore. *Gramática do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1959.

________. *O problema do latim vulgar*. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1962.

MEILLET, A. "L´Evolution des Formes Grammaticales". In: *Linguistique Historique et Linguistique Générale*. Paris: Librarie Honoré Champion, 1948 [1912].

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*, Rio de Janeiro, Padrão, 1976.

________. *Gramática fundamental da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1970.

________. *Iniciação à filologia portuguesa*, 2. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1957.

________. *Novo Manual de análise sintática*, 2. ed., Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1959.

MEILLET, A. & VENDRYÈS, J. *Traité de grammaire comparée des langues classiques*. Paris: Librarie Honoré Champion, 1940.

MEY, Jacob L. Poet and peasant. A pragmatic comedy in five acts. Journal of Pragmatics 11, 281–297, 1987.

________. Pragmatics. An Introduction, 2nd ed. Blackwell, Oxford, 2001.

________. Whose Language? A Study of Linguistic Pragmatics. John Benjamins, Amsterdam & Philadelphia.

MIGUEL WISNICK, José. "Mais simples". In: http://www2.uol.com.br/zizipossi/discografia/disc_mais2.htm acessado em 18 de novembro de 2010.

MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística: manual de análise e criação do estilo literário*. Petrópolis: Vozes, 2005.

________. Fundamentos da Estilística. Fortaleza, Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

________. Morfologia portuguesa. Fortaleza, Universidade Federal do Ceará, 1987.

NEBRIJA. Antonio de. Gramática de la lengua castellana. Madrid: Editora Nacional, 1980.

NEVES, Maria Helena de Moura. *Gramática funcional*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

________. *A gramática: história, teoria e análise, ensino*. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

________. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

________. “O coordenador interfrasal mas – invariância e Variantes”. In: Revista ALFA 28: 21-42. São Paulo, 1984.

________. “Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos”. In: CHRISTIANO, Maria Elizabeth, GONÇALVES, Sebastião, LIMA-HERNANDES, Maria Célia, CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina, CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite, LIMA-HERNANDES, Maria Célia, CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina (orgs). Introdução à Gramaticalização. Em homenagem a Maria Luiza Braga. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

NEWMEYER, F. J. “Deconstruction grammaticalization”. Language Sciences, v. 23, pp. 187-229, 2001.

NICHOLS, J. “Functional Theories of Grammar”. Annual review of anthropology, v. 43, pp. 97-117, 1984.

NICHOLS, J. & TIMBERLAKE, A. “Grammaticalization as retextualization” In. E. TRAUGOTT & B. HEINE. Approaches to grammaticalization, v. 1. Amsterdam/Filadélfia: John Benjamin Publishing Company, pp. 129-146, 1991.

NIETZSCHE, F. Die Geburt der Tragödie – Aus dem Geist des Musik. Cambridge, Cambridge literary (german edition), 2008.

OITICICA, José. Manual de análise. 5.ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1940.

OLIVEIRA, Fernão de. A “Grammatica” de Fernão d’Oliveira. Apreciação, texto reproduzido da 1. edição (1536) de Olmar Guterrez da Siveira, Rio de Janeiro, 1954.

PARINI, Jay. A arte de ensinar. Tradução de Luiz Antonio Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2007.

PAUL, H. Princípios fundamentais da história da língua. Trad.: M.L. Schemann. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1966 [1886].

PEIRCE, Charles Sanders: Collected papers of C. S. Peirce, Harvard University Press, 1932-1963.

PEREIRA, Eduardo Carlos. Gramática Expositiva. Curso Superior. 100. edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956.

PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. “A apropriação da realidade sob a ótica da Língua Portuguesa” – In HENRIQUES, Claudio Cezar e PEREIRA, Maria Teresa Gonçalves. Língua e Transdisciplinaridade: rumos, conexões, sentidos. São Paulo: Contexto, 2002.

________. “A Língua Portuguesa e a leitura: convergências no ensino e na vida”. In OLIVEIRA, Ieda. O que é qualidade em literatura infantil e juvenil – com a palavra o educador. Rio de Janeiro: Difusão Cultural do Livro, 2011.

________. “A propriedade de expressão em Monteiro Lobato: vida e palavra”. In HENRIQUES, Claudio Cezar & SIMÕES, Darcilia (orgs.). *Língua Portuguesa, educação & mudança*. Rio de Janeiro: Europa, 2008.

PERELMAN, Chaïm. “Argumentação”, In Enciclopédia Einaudi, Volume 11. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 1987, pp. 234-265.

PERINI, Mário. *Para uma nova gramática do português*. São Paulo: Ática, 1989.

PIETROFORTE, Antonio Vicente. “A língua como objeto da Linguística.” In. FIORIN, José Luiz (org.) *Introdução à Linguística: I. Objetos teóricos*. São Paulo: Contexto, 2002.

PLATÃO. *O sofista*. Porto: Sousa e Almeida, s/d.

PONTES, Eunice. *Estrutura do verbo no português coloquial*. 2ª edição. Petrópolis. Editora Vozes LTDA. 1973a.

________. *Verbos auxiliares em português*. Petrópolis, Editora Vozes, 1973b.

POPPER, Karl. *The logic of scientific discovery*. Nova York, Harper & Row, 1968.

POTTIER, Bernard. "Problema relativo a los adverbios em –mente". In *Linguística moderna y fililogía hispânica*. Madrid: Gredos, 1968.

________. *Gramática del español*. Trad. Antonio Quillis. Madrid: Alcalá, 1970.

PRETI, Dino. *Sociolinguística*. Os níveis da fala. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1987.

RAMAT, A.G. & HOPPER, P. The limits of grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1998.

RAMOS, Graciliano. Insônia. Rio de Janeiro: São Paulo, Record, 1997.

RIBEIRO, Julio. Grammatica Portugueza. 2. ed. Rio de Janeiro: Teixeira e Irmão, 1885 [1881].

RIMBAUD, Arthur. Une saison en enfer. Bruxelles: Alliance Typographique, 1873 [1873].

ROCHA, Ana Paula. "A gramaticalização de 'todavia' em português". In: Memórias do XIV Congresso Internacional ALFAL, vol. I. Monterrey, México, 2005.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique. Gramática Normativa da Língua Portuguesa, 33. ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1996.

________. Teoria da análise sintática, 3. ed., Rio de Janeiro, 1956.

ROSA. Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

ROUDINESCO, Elisabeth. Filósofos na tormenta. Canguilhem, Sartre, Foucault, Althusser, Deleuze e Derrida. Rio de Janeiro, Zahar, 2005.

SADOYAMA, Adriana dos Santos Prado. "Gêneros textuais e ensino de língua portuguesa". Iconeletras, volume 4. Disponível em http://www.slmb.ueg.br/iconeletras/artigos/volume4/adriana_santos.pdf Acessado em 9 de outubro de 2013.

SALOMÃO, Maria Margarida M. O Papel da Gramática na Construção do Sentido. In: VALENTE, André C. (org.). Língua, Linguística e Literatura. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

SANT'ANNA, Nilce. Introdução à estilística. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. ["Coleção primeiros passos"] São Paulo: Brasiliense, 2006.

SANTOS, Marielle Sandalovski. "Papa João Paulo II clama por socorro: a semiótica plástica em capas da Veja" In: Revista PJ:Br – ECA-USP, São Paulo, 2006, número 7 <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/monografia7_a.htm > Acessado em 26 de julho de 2012.

SAPIR, E. *A linguagem. Introdução ao estudo da fala*. Tradução e apêndice de J. Mattoso Câmara Jr. São Paulo, Editora Perspectiva, 1980.

SARANGI, Srikant, SLEMBROUCK, Stef. Non-cooperation in communication: a reassessment of Gricean cooperation. Journal of Pragmatics 17, 1992, p. 117–154.

SARTRE, Jean Paul. L´être et le néant. Paris, Gallimard, 1943.

SAUSSURE. Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 9ª edição. São Paulo. Cultrix. 1984.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. "Reflexões sobre a pesquisa em mudança linguística". In: D.E.L.T.A., vol. 10, nº Especial, 1994, pp. 223-246.

SEARLE, J. R. Speech Acts. Cambridge. Cambridge University Press, 1969.

SILVA, Camilo Rosa, HORA, Demerval da (orgs.). *Funcionalismo e Gramaticalização: teoria, análise, ensino.* João Pessoa: Ideia, 2004.

SILVA DIAS, Augusto *Epiphanio da. Syntaxe Histótica Portuguesa*. 3a edição. Lisboa. Livraria Clássica Editora, 1938.

SJOESTEDT, Marie-Louise. *L´aspect verbal et les formations à afixe nasal en celtique*. Paris, Librarie Honoré Champion, 1926.

SILVEIRA, Sousa da. *Fonética sintática*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1971.

SPINOZA, Baruch. Ethica Ordine Geometrico Demonstrata. Heidelberg. ed. Carl Gebhardt, Heidelberg, 1925.

SWALES, John M. *Genre analysis: English in academic and research settings*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

SWEETSER, Eve. “Grammaticalization and Semantic Bleaching”. In: *Proceedings of the Fourteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society*. Eds. Axmaker, S., Jaisser, A., Singmaster, H, 1988.

________. [1991] From etymology to pragmatics. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

SZCZESNIAK, Konrad. “Linguística: novos estudos reacendem polêmica entre pensamento e linguagem. O retorno da hipótese de Sapir-Worf”. In: Ciência hoje. Edição de abril de 2005. Disponível em <http://ultra.cto.us.edu.pl/~kport/sapir-ch.pdf>. Acessado em 27 de julho de 2012.

TAMALANCOS, Fernão Paes. *Cantiga de Escárnio e Maldizer*, 007. Fonte: http://cipm.fcsh.unl.pt. Acessado em 17 de agosto de 2010.

TARALLO, Fernando. *A pesquisa sociolinguística*. 6ª edição. São Paulo, Editora Ática, 1999.

________. *Tempos linguísticos*. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1994.

TEIXEIRA, Lúcia. “A práxis enunciativa num auto-retrato de Tarsila do Amaral”. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de (Org.). *Semiótica plástica*. São Paulo: Hacker, 2004.

TESNIÈRE, Lucien. Éléments de syntaxe structurale. 2. ed. Paris: Klincksieck, 1969.

THOMAS, Jenny. “Conversational maxims”. In: MEY, Jacob (Ed.). Concise Encyclopedia of Pragmatics. Elsevier, Amsterdam, 1998a, pp. 171–175.

________. Cooperative principle. In: Mey, Jacob (Ed.), Concise Encyclopedia of Pragmatics. Elsevier, Amsterdam, 1998b, pp. 176–179.

________. Meaning in Interaction: An Introduction to Pragmatics. Longman, London, 1995.

TODOROV, Tzvetan. Estruturalismo e poética, 2. Ed. Tradução de José Paulo Paes, São Paulo, Editora Cultrix, 1971.

TORRENT, Tiago T. “O Homem vai botar uma casa para mim morar” – Uma abordagem sociocognitivista e diacrônica da construção de dativo com infinitivo. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.

TOSI, Renzo. *Dicionário de sentenças latinas e gregas*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. *Gramática. Ensino Plural*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

________. *Gramática e Interação*. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2002.

________. *Um estudo textual discursivo do verbo no Português do Brasil*. Tese de doutorado. IEL/UNICAMP, 1991.

TRAUGOTT, E. “From propositional to textual and expressive meanings: some semantic-pragmatic aspects of grammaticalization”. In: LEHMMAN, C. & MALKIEL (orgs) Amsterdan studies in the theory and history of linguistic science, n. 24, 1982, pp. 245-271.

________. & KÖNIG. “The semantic-pragmatics of grammaticalization revisited”. In: TRAUGOTT, E. & HEINE, B. (orgs.) Approaches to gramaticalization, vol. 1. Johm Benjamins Publishing Company, 1991.

ULMANN, Stephen. *Semântica. Uma introdução à ciência do significado*. Tradução de J. A. Osório Mateus. 3. edição. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.

VALENTE, André C. (org.). *Língua, Linguística e Literatura*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

________. Neologia na mídia e na literatura: percursos linguístico-discursivos. Rio de Janeiro: Quartet, 2012.

VAN DIJK, Teun. *Studies in the pragmatics of discourse*. Berlin/New York: Mouton, 1981.

VAXELAIRE, Jean-Louis. *Les noms propres. Une analyse lexicologique et historique*. Paris: Honoré Champion, 2005.

VEJA. São Paulo: Ed. Abril, ano 38, n. 14, 06 abr. 2005.

VENDRYÈS, J. *Le langage. Introduction linguistique à l´histoire*. Paris, Éditions Albin Michel, 1950.

VOLOSHINOV, V.N. *Il linguaggio come pratica sociale*. Saggi 1926-30. Bari, Dedalo, 1980.

________. “Que é linguagem”, em A. Ponzio. La revolución bajtiana: el pensamiento de Bajtin y la ideología contemporánea. Madrid, Cátedra, 1998.

VOGT, C & DUCROT, O. De magis a mas: uma hipótese semântica. In: VOGT, C. Linguagem, Pragmática e Ideologia. 2. ed. aum. São Paulo: Hucitec, 1989.

WARBURTON, Nigel. *Uma breve história da filosofia*. Tradução de Rogério Bettoni. Porto Alegre: L&PM, 2013.

WEEDWOOD, Barbara. *História concisa da linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola editorial, 2002.

WEINRICH, V, LABOV, W & HERZOG, M. “Empirical foundations for a Theory of language”. In: LEHMAN, W.P & MALKIEL Y. (eds.). Directions for historical linguistics. Austin & London: University of Texas Press. 1968.

WILLIANSON, Jon. “Abduction and its Distinctions”. Abduction, reason, and science: processes of discovery and explanation. Review of Lorenzo Magnani, Kluwer Academic / Plenum Publishers: British Journal for the Philosophy of Science, pp. 1-7, 2001.
Disponível em http://www.kent.ac.uk/secl/philosophy/jw/2001/magnani_review.pdf. Acessado em 18 de novembro de 2010.

WITTGENSTEIN, Ludwig. Philosophische Bemerkungen. Frankfurt. Suhrkamp, 1984a.

________. Investigações Filosóficas. São Paulo, Editora Nova Cultural, 1999.

________. Philosophische Grammatik. Frankfurt, Suhrkamp, 1984b.

________. Zettel. Frankfurt, Suhrkamp, 1984c.

ZURARA, E. Crônica do Conde D. Pedro de Meneses. Edição de Maria Teresa Brocardo. Braga: Fundação Calouste Gulbenkian, Junta Nacional de Investigação Científica e Tecnológica, 1997.